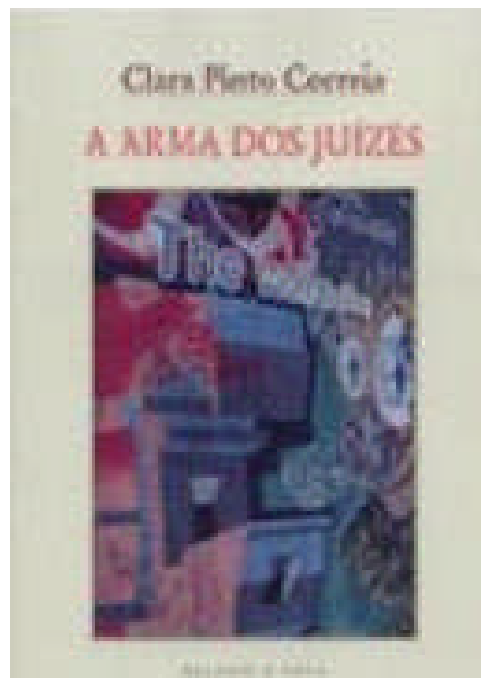


Clara Pinto Correia

A arma dos Juízes





Título:

A Arma dos Juízes

Autor:

Clara Pinto Correia

Uma edição da “Visão”, sob licença
de Relógio D'água Editores

Data de Impressão:

Março de 2002

Para

(por ordem de entrada em cena)

o António Pereira Coelho

o Joshua Ruah

o Rui Guimarães

o Filipe Arriaga

e o João Laranjeira

Os cinco médicos que uniram os seus esforços para me salvarem a vida

«GOD

*give me the serenity to accept the things I can't change
the courage to change the things I can and the wisdom
to know the difference»*

«The serenity prayer»

Alcoólicos Anónimos e Narcóticos Anónimos

ÍNDICE

Prefácio

«O crime e a prova»

Toxina

«E depois queixam-se»

Vasopressina

«Até o traje académico é cor-de-rosa»

Endorfina

«Uma história horrível»

Encefalina

«E começa a chorar»

Benzodiazepina

«Antes não tivesse acordado»

Somatotrofina

«Coisas que não deixam marcas»

Morfina

«Isto é tão sinistro»

Gonadotrofina B

«Mas não achas deprimente?»

Acetilcolina

«vamos morrer todos

Anfetamina

«Por que é que me tratas tão bem?

Vitamina

«Deixou de haver espaço

Oxitocina

«Aligeirar. Aligeirar»

Serotonina

«O sítio onde estão os tubarões»

Lidocaína

«As acções têm imensas vantagens»

Adrenalina

«Agora é que estamos prontos»

Albumina

«Boa sorte para a noite»

Gonadotrofina

«Até era um favor»
Corticotrofina
«O gajo é psiquiatra»
Histamina
«O que é que tu disseste?»
Melatonina
«Eu não sei qual é a sua dor»
Colina
«Nunca conseguiu fazer o luto»
Sibernina
«Uma espécie de sétima esfera»
Antivitamina
«Mas as cinzas não voaram!»
Anatoxina
«A realidade é paradoxal»
Somatostatina
«Nem sequer existe»
Cocaína
«O professor é comunista?»
Dopamina
«Uma casa no campo»
Catecolamina
«Sou o Robin dos Bosques»
Caseína
«Existem sempre alternativas»
Cartilagem hialina
«Partir de trombas para a revolução»
Cafeína
«Amanhã acordas rico»
Vírus-vacina
«Guerra é guerra»
Benzidina
«É a tua palavra contra a minha»
Bacteriolisina
«E Foste tu quem ficou a arder»
A Tropina
«Dá-me vontade de ser fiel»
Bilburrina

Prefácio

Seja numa bica, num chá, ou numa bebida gelada, mesmo nas bebidas aparentemente já tão distanciadas do conceito original como a Coca-Cola, a cafeína move-se com facilidade a partir do estômago e dos intestinos para o fluxo sanguíneo, e daí segue para os órgãos, e em pouco tempo já se instalou em praticamente todas as células do organismo. É por isso que este alcalóide psicoactivo é um estimulante tão perfeito. A maioria das substâncias não conseguem atravessar a barreira sangue-cérebro, que é um mecanismo de defesa do corpo destinado a evitar a entrada no sistema nervoso central de vírus ou de toxinas. Mas a cafeína atravessa esta barreira com muita facilidade. Ao fim de cerca de uma hora, atingiu o máximo da sua concentração no cérebro, e, uma vez aqui instalada, faz um grande número de coisas - acima de tudo, bloqueia a acção da adenosina, o neuromodulador que nos faz sentir-nos ensonados, que faz descer a nossa tensão arterial, e que modera os nossos batimentos cardíacos. Depois, tão depressa como se acumulou no cérebro e nos tecidos, a cafeína desaparece - e é por isso que é uma droga tão segura. Nunca se demonstrou conclusivamente que nenhuma doença séria esteja ligada ao consumo de cafeína.

Com estes poderes mágicos, a cafeína teve a capacidade de infiltrar todos os aspectos da nossa vida, influenciando directamente a nossa cultura. Mais ainda, conseguiu criar novas culturas. O melhor exemplo será certamente a reputação do café como a «bebida dos pensadores». Esta conotação data da Europa do século XVIII, onde os cafés desempenharam um papel de primeira linha no espírito igualitário e integra-cionista que tinha então começado a varrer o continente. Estes cafés espalharam-se primeiro por Londres, alarmando de tal maneira o rei Carlos 11 que tentou bani-los. Em vão. Por volta de 1700, já existiam centenas de cafés em Londres, inundando a cidade de um novo espírito subversivo.

A seguir o movimento alastrou até Paris, onde, no fim do século XVII os cafés se contavam às centenas - incluindo os famosos Café de la Régence e o seu vizinho Café Royal, que contavam entre os seus clientes Robespierre, Napoleão, Voltaire, Victor Hugo, Théophile Gautier, Rousseau, e o duque de Richelieu.

Anteriormente, quando os homens se juntavam para falar em lugares públicos, faziam-no em bares, que serviam nichos sócio-económicos específicos e que, devido ao álcool que serviam, criavam uma forma de discurso específica. Os novos cafés, pelo contrário, atraíam muitas classes e profissões diferentes, e

funcionavam como estimulantes, e não como depressantes. Daqui resultou muito provavelmente um grande estímulo para a arte da conversa se tornar uma fonte de inspiração literária, e para o despontar de uma nova geração das letras.

Note-se, de caminho, que nos cafés originais toda a gente fumava, e que a nicotina também tem o seu efeito fisiológico preciso. Modera o temperamento, e expande a atenção. E, ainda mais importante, duplica a taxa de metabolização da cafeína. Ou seja, permite-nos beber duas vezes mais café do que o que beberíamos sem fumar. Por outras palavras, o café original era um sítio onde homens de todas as espécies podiam sentar-se o dia inteiro; o tabaco que fumavam permitia-lhes tomar café todo o dia; e o café que bebiam permitia-lhes falar e pensar todo o dia. Foi desta conjugação espantosa de droga e de lugar que nasceu o Iluminismo.

Depois o café expandiu-se destes santuários precisos para a casa de cada um, quando o café do Brasil começou a inundar o Ocidente a partir de 1820. Este dilúvio de cafeína deve ter sido instrumental no desencadear da Revolução Industrial: foi o café que permitiu que números impressionantes de pessoas passassem a poder coordenar os seus horários de trabalho por forma a estarem despertos e cheios de energia à hora marcada para iniciarem os seus turnos laborais, e para depois os continuarem enquanto fosse preciso. Não devemos esquecer que, até ao século XVIII a maioria dos ocidentais bebia cerveja quase continuamente, e era com sopas de cavalo cansado que as pessoas começavam o dia. Cito apenas, a título de exemplo, uma receita de pequeno-almoço vinda da Alemanha:

«Aquecer a cerveja num pote. Numa tigela separada bater dois ovos. Juntar um bocado de manteiga à cerveja quente. Juntar alguma cerveja fria e mexer bem para arrefecer, e depois juntar os ovos. Juntar uma pitada de sal, e bater bem para não talhar.»

A partir do século XVIII, estas receitas foram substituídas por uma boa almoçadeira cheia de café. De certa forma, podemos explicar a Revolução Industrial enquanto consequência inevitável da transição súbita de um mundo onde de repente as pessoas, ao acordar, preferiam estar alerta a estar embriagadas.

Até esta altura, o trabalho intelectual tinha estado sempre associado ao lazer. Esta tradição persistiu pelo menos desde que Arquimedes descobriu o princípio da alavanca enquanto estava a tomar banho. Com o café, o génio intelectual passou a ser antes definido por aquela frase famosa que tanto é atribuída a Edison como a Einstein, e que provavelmente é mesmo apócrifa, «um por cento de inspiração e noventa e nove por cento de transpiração». No

mundo industrializado, o trabalho da mente passou a ser tão árduo como o trabalho manual.

Durante o século XX as profissões também se alteraram em consequência, como fica bem exemplificado na medicina, que aproveitou o café introduzir na cena os ordálios sucessivos das 24 horas de banco. O heroísmo intelectual passou a ser uma questão de resistência. Outro bom exemplo: a vida do físico Richard Feynman, tal como descrita na biografia “Genius” de James Gleick.

«O dia de Feynman começava às 8 e 30 e acabava quinze horas depois. Por vezes ele não podia sair do centro de computadores de todo. Uma vez trabalhou 31 horas seguidas, e no dia seguinte descobriu que um erro cometido poucos minutos depois de se ter ido deitar tinha empatado a equipa inteira. A rotina não permitia mais que umas escassas e curtas pausas.»

Agora, estas performances sobre-humanas de Feynman revelam um talento natural maior que o de qualquer um dos seus predecessores? Ou será simplesmente devido ao facto de Feynman poder beber muito mais café? No livro *The Man who Loved Only Numbers*, Paul Hoffman descreve o lendário matemático Paul Erdos que «trabalhava turnos de dezanove horas, mantendo-se fortificado com de 10 a 20 mg de benzedrina ou ritalina, bicas curtas, e comprimidos de cafeína, defendendo com carinho e insistência que um matemático é uma máquina de converter café em teoremas». Uma vez, um amigo apostou quinhentos dólares com Erdos que ele não conseguiria passar um mês sem anfetaminas. Erdos aceitou a aposta e ganhou. Mas, durante o seu período de abstinência, sentiu-se incapaz de fazer qualquer trabalho sério. «Fizeste a matemática retroceder um mês», disse ele ao amigo quando recebeu os quinhentos dólares.

Erdos conhecia muito melhor a sua consciência alterada do que a sua consciência natural, e este tipo de síndrome pode aplicar-se mais ou menos a toda a sociedade em geral. Uma parte do que significa ser humano na idade moderna implica que temos que construir os nossos estados mentais e cognitivos não apenas de dentro para fora, com pensamentos e intenções, mas também de fora para dentro, com aditivos químicos.

Neste sentido, a personalidade moderna é uma criação sintética: é cuidadosamente regulada, e modulada, e doseada, com cafeína, para que possamos estar sempre acordados e alerta, e concentrados no nosso foco preciso de cada momento. Quase de certeza que qualquer um de nós, para ganhar uma aposta, conseguiria estar um mês sem ingerir cafeína. Mas o que é que adiantaríamos com isso? Os advogados não conseguiriam exercer durante todas as suas horas de expediente. Os jovens médicos demorariam muito mais tempo a treinar-se. Os físicos, provavelmente, ainda estavam a tentar inventar a bomba

atómica no deserto do Novo México. O mundo inteiro andaria um mês para trás.

Claro que é um bocado inquietante pensarmos assim, a frio, que a personalidade moderna é de característica sintética. Quando pensamos em construir novas identidades a partir de meios químicos, pensamos nas drogas duras, e não na cafeína. Timothy Leary costumava usar o mesmo tipo de discurso a propósito do LSD, e provavelmente a razão pela qual a sua revolução nunca chegou a ir a lado nenhum foi a maioria dos mortais ter achado aquela ideia do «*tune in, turn on, drop out*» um bocado desagradável. Ora aqui estava um verdadeiro *shaman*, um verdadeiro visionário - e no entanto, se a sua consciência era assim tão fabulosa, por que é que o homem parecia tão determinado a alterá-la? E, mais importante ainda, o que é que se esperava que a gente encontrasse quando fizesse o tal «*tune in*»? Davam-nos algumas pistas, como cores psicadélicas e leituras profundas do «*Lucy in the Sky with Diamonds*», mas há que admitir que isto era um bocado vago. Se era suposto a gente recriar-se, era bom que nos dissessem em que é que íamos transformar-nos.

A cafeína é a droga que funciona melhor e se mostra mais útil para responder exactamente a esta pergunta, em qualquer uma das formas em que se nos ofereça. É um estimulante que bloqueia a acção da adenosina, e aparece numa grande variedade de formas, cada uma delas com a sua lenda precisa associada, uma História feita de fragmentos históricos e imaginários recentes, que transforma cada acto diário de bloquear a adenosina numa declaração de intenções com sentido e propósito. Ponham a cafeína dentro de uma lata encarnada, e é um divertimento refrescante. Ponham-na a abrir lentamente dentro de um bule de chá, e é um convite ao romance e ao decoro. Extraíam-na directamente de uns grãos escuros, e é uma fonte mágica de potência e energia. E fixem bem esta passagem, do livro «*The World of Caffeine*», de Bealer e Weinberg:

«*Havia um emigrantezinho russo, Trotsky de seu nome, que durante a Primeira Guerra Mundial tinha o hábito de ir jogar xadrez todas as noites para o Café Central de Viena. Era um refugiado russo típico, que falava demais mas parecia absolutamente inofensivo, até certo ponto uma figura patética aos olhos dos vienenses. Um dia em 1917 um oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Áustria entrou a correr no gabinete do ministro, arfante e excitado, e disse ao seu chefe: "Excelência... Excelência... A Revolução rebentou na Rússia!" O ministro, menos excitado e menos crédulo que o seu subordinado, rejeitou esta pretensão tão disparatada e respondeu calmamente: "Vá-se embora... A Rússia não é um sítio onde rebentem revoluções. Aliás, pelo amor de Deus, quem é que seria capaz de fazer uma revolução na Rússia? O Herr Trotsky, do Café Central?"*»

Há coisas que às vezes os ministros não sabem. Por exemplo, que, se derem a um homem suficiente cafeína, ele é capaz de tudo.

Prof. Frederico Guilherme de Castro

in «*Consciousness: Biology of Mystery?*»,

Canberra University Press, Canberra, Austrália, in prep.

A arma dos Juízes

«O crime e a prova»

A cruz verde apareceu ao fundo da Rua Comandante Aniceto do Rosário assim que Joaquim Peixoto virou a esquina.

Como já lhe acontecia desde há uns tempos sempre que via um sinal de farmácia, estremeceu-lhe ligeiramente o coração no peito, e as mãos crispam-se-lhe dentro dos bolsos.

Reteve a respiração por uma fracção de segundo, à espera que lhe passasse o prenúncio de tontura que costumava visitá-lo com frequência quando aparecia no seu campo de visão uma cruz verde com uma serpente ao centro, recortada contra um círculo branco.

As farmácias eram o sítio dentro do qual existia Paxilfar.

Quando foi inicialmente lançado no mercado, o Paxilfar era considerado um simples analgésico para crises agudas. Até se comprava sem receita. Joaquim Peixoto ainda se lembrava de entrar sem qualquer sobressalto na Farmácia Corvelo da Rebelva e pedir em voz alta, diante de toda a gente, “uma caixa de Migraleve e três caixas de Paxilfar”. O senhor Ambrósio sorria, alinhava os medicamentos solicitados em cima do balcão, ia conversando com ele disto e daquilo, metia tudo num saquinho, e no fim entregava-lhe a factura e o troco.

De vez em quando perguntava se o doutor Quim não preferia arranjar uma receita e depois ir lá entregá-la mais tarde, mas era só para o simpático jornalista de olhos tristes poder meter ao bolso o dinheiro da participação.

Chevava a ir comprar Paxilfar com a Catarina Eufémia ao seu lado, resguardada pelos headphones. Uma adolescente promissora, com doze anos e cinco argolas no lóbulo da orelha. Uma visão que despertava nas senhoras reformadas, sentadas à espera de vez nas cadeiras pintadas de branco alinhadas ao lado da balança e da máquina de medir a tensão arterial, umas manifestações mais ou menos discretas de um qualquer misto de excitação com reprovação.

Uma barriga tão lisinha. Um olhar tão ausente. Um tempo tão mudado, mas tão mudado, tão imensamente e assustadoramente outro.

Vens comigo sim senhor.

Porque eu sou o teu pai e estou-te a dizer para vires comigo.

Catarina Eufémia estava quase a fazer treze anos, e agora evitava declaradamente olhar sequer para o pai, quando o senhor Ambrósio pôs à

mesma o Paxilfar em cima do balcão. Mas, de repente, estava muito sério. E esperou que não estivesse reformada nenhuma à espera de vez nas cadeiras brancas para baixar a voz, e pedir a Joaquim Peixoto que tivesse cuidado.

É expressamente proibido vender isto sem receita, doutor Quim. Eu por mim ainda posso aviar-lhe umas assim à balda de vez em quando, mas não podem ser tantas de cada vez. Nem pode ser à frente das outras pessoas.

Mas isto nunca teve problema nenhum.

Pois não. Mas agora tem.

Joaquim Peixoto percebeu imediatamente que, naquele preciso instante, a sua vida acabava de tornar-se muito mais complicada.

Por essa altura, já nem conseguia lembrar-se de quando fora o último dia em que não tomara Paxilfar. Qualquer médico a que tentasse recorrer perceberia em pouco tempo que ele não sofria de dores crónicas nenhuma que justificassem o abuso do narcótico. E, desta vez, dava para pressentir que ia ser mesmo muito difícil convencer Bárbara Emília a pedir receitas daquilo ao tal de Frederico Guilherme, mesmo tendo em conta a solicitude dela nesta frente específica. Aliás, o verdadeiro problema nem seria ela pedir-lhas. O mais provável, por muito que ela pedisse, era que ele não as passasse.

Pior um pouco, provavelmente até explicava porquê.

Estou feito.

A idade da inocência dos primeiros tempos de venda ao público acabou quando o medicamento começou a ser muito procurado no mercado negro, à medida que foi ganhando a sua justa fama de ser dos raríssimos fármacos que permitem aos heroinómanos não sentirem de forma tão insuportável as dores das síndromas de privação. Porque, dizia-se nos meios, aquilo é pura e simplesmente um derivado sintético da morfina. Bom, ou qualquer coisa assim. Para os consumidores compulsivos, a composição química era de somenos importância. O que interessava era o resultado.

Enquanto durava o seu efeito, o Paxilfar deixava Joaquim Peixoto protegido dentro de uma bolha invisível, que suavizava o impacto entre ele e o mundo. Fazia tudo parecer mais simples e mais doce. Era como uma almofadinha de ar a amortecer todos os choques vindos do exterior e do interior, uma invasão gradual de paz que aos poucos lhe amortecia os sentidos e lhe isolava o cérebro do excesso de ruído do mundo.

Era bom.

Para Joaquim Peixoto, já há mais de três anos que era mesmo a única coisa que o mantinha funcional.

Com o seu longo treino na matéria, conhecia bastantes truques para sacar receitas médicas sem ter que dar a cara. Mas, desde que aqueles comprimidos

adquiriram conotações tão sinistras que algumas farmácias preferiam nem sequer tê-los para venda ao público, arranjar receitas de Paxilfar passou a ser uma tarefa cada vez mais espinhosa.

Às vezes, Joaquim Peixoto não conseguia apanhar a mãe ao telefone durante vários dias, porque ela passava cada vez mais tempo nas assembleias da Igreja Universal do Reino de Deus da Zona de Queluz e Belas. Às vezes, o médico do Pólo do Bombarral da Universidade Livre Agostinho da Silva, que só lá aparecia para passar receitas e nunca perdia tempo a fazer perguntas, dava-se ao luxo de estar meses seguidos sem dar sinais de vida. Às vezes, os dois ou três médicos porreiros, descobertos através dos antigos contactos da Rádio Liberdade, aqueles que costumavam encolher os ombros e dar-lhe o que ele queria com um olhar de reprovação, ou estavam de férias ou estavam em congressos na Austrália, ou então pura e simplesmente tinham mais que fazer que atender os telemóveis, ou responder aos recados cada vez mais ansiosos que ele ia deixando às secretárias dos consultórios. Às vezes, já há demasiados meses que não tinha a sorte de passar por uma farmácia tranquila de província, num sítio suficientemente remoto para ainda não ter lá chegado a notícia do mau nome do Paxilfar. Essas farmácias, aliás, eram cada vez mais raras.

Na manhã em que começou a descer a Rua Comandante Aniceto do Rosário, já todos os dias de Joaquim Peixoto tinham obrigatoriamente que ser preenchidos por considerações, diligências, e cuidados, destinados a manter assegurada a sua ração de narcótico. Certificar-se de que tinha pelo menos uma caixa em casa, e outra na gaveta de cima da secretária que partilhava com os três colegas do curso de Comunicação Social do Pólo do Bombarral da Universidade Livre Agostinho da Silva. Pensar quem seria o médico novo, ou distraído ou benevolente, a quem poderia pedir a próxima receita. Pedir mais à mãe. Pedir mais, só mais uma caixa de cada vez, à estudante obesa de psiquiatria que morava no andar de baixo, e que em troca ele tinha que aturar até altas horas da noite a desabafar as suas mágoas sobre o caso do professor velhinho que era muito querido e lhe oferecia muita protecção, mas que em troca exigia fidelidade absoluta e já não dava duas para a caixa há muitos anos. Ir regularmente a um osteopata francês que exercia em Matarraque, para que ele o fizesse gritar de dor a puxar-lhe os ossos e os tendões para um lado e para o outro, e em compensação no fim lhe desse uma carteira com duas ou três sobras, só para esse dia. Às vezes apetecia-lhe ser atropelado por um autocarro, só para o encharcarem em morfina sem ele precisar de pedir nada.

E, mesmo assim, havia momentos de pânico em que todos estes expedientes não chegavam para o abastecimento.

Nessa manhã, por exemplo, estava sem um único Paxilfar no bolso.

Ainda por cima, já sentia claramente nos pés, nas pernas, no pescoço, o desconforto muscular que a falta do medicamento lhe trazia. Uma espécie de calor exasperante nos ossos. Como uma prensa a esmagar-lhe as articulações.

E tinha razões de sobra para acreditar que, mesmo com o socorro de bastante Paxilfar, aquela manhã ia ser dura.

Tinha que ir a Algés encontrar-se com Sebastião Curto, por causa de um telefonema misterioso recebido na véspera. Qualquer coisa relacionada com um crime horrível onde três pessoas tinham sido baleadas dentro da sua vivenda em Mafra, e com umas fotos exclusivas sacadas à pressa pelo homem batido que tinha sempre a sua câmara chamada Sónia Maria a postos, pronto a assestá-la às surpresas do dia para depois imortalizar visões estranhas nas revistas.

Joaquim Peixoto não via o antigo camarada da revista *Actualidades* há vários anos. Por junto, sabia que o fotógrafo às tantas se estabeleceu antes por conta própria, inaugurando na net um site que não era bem pornográfico mas era qualquer coisa desse género, e que se chamava *www.gajasnuas.pt*. Segundo Sebastião Curto, esta mudança de agulha devia-se à bandalheira crescente que campeava na Comunicação Social, que estava toda tão comprada e tão vendida que já não dava gozo pertencer aos seus contingentes.

Os jornalistas até já deixaram de ser jornalistas, Quim.

Agora há imensos putos que saem dos cursos e vão mas é trabalhar como produtores de conteúdos.

Produtores de conteúdos, estás a ver?

Quer dizer que não têm código deontológico, não têm ética, não precisam de observar quaisquer princípios, não possuem carteira profissional e portanto não têm as obrigações cívicas ditadas pelo sindicato, e pura e simplesmente escrevem o que o patrão manda escrever. E, se não escreverem, vão para a rua, porque há sempre mais putos à espera de vez. E, ao menos, nesses casos o jogo é mais ou menos limpo. Mas e o que vai para aí de publicidade subliminar em publicações supostamente sérias? Não, desculpa, isto não é para mim. Caraças, Quim, é mil vezes mais limpo oferecer gajas nuas ao povo. Aliás, também não é a *Actualidades* que, agora, semana sim semana não, tem gajas nuas na capa, a pretexto de uns considerandos sociais sem vergonha? Então olha, pronto, ao menos no departamento dos nus por conta própria ganho que chegue para poder fazer o que me apetece. E sempre faço arte. Pelo menos, tento.

Fez uma pausa dramática.

Mas agora, meu menino, se quiseres juntar aos meus os teus esforços, ainda por cima posso fazer uma data de massa.

Veio de lá outra pausa.

E tu também.

Seguiu-se uma fracção de segundo para acender um cigarro.

Ouve-me só isto.

A história começou com um suspiro de homem cansado.

Ontem à noite houve um gajo muito importante, estás a ver, desses mesmo do *establishment*, respeitadíssimo, finérrimo, com bons contactos em tudo com que é sítio, bem, topas a pinta do animal. Pois esse mesmo senhor ontem deu um tiro na mulher, deu um tiro no filho, e depois deu um tiro em si próprio. E já estão a querer limpar-lhe o nome, ouviste. Bem, longa história, meu querubim. É assim. Eu tenho fotos. Tu já foste jornalista, e ainda podes voltar a ser. Temos que ser muito rápidos, e sobretudo muito discretos. Daqui a uma semana, isto já não é notícia. Alinhas?

Joaquim Peixoto não fazia ideia de que história era aquela, tal como não fazia ideia do que devia esperar encontrar em Algés quando voltasse a ver a cara do fotógrafo que, dezassete anos antes, tinha ido com ele a Beja fazer uma reportagem sobre um crime de somenos importância.

Ainda por cima, ouviu aquele discurso todo do Sebastião com a consciência já substancialmente toldada por vários Lexotans e muito álcool.

Tinha-se visto e desejado para sair da cama de manhã.

Era sábado, portanto não era preciso apanhar a camioneta para ir tentar dar aulas de Comunicação Social aos seus alunos desinteressados. Na noite anterior, o plano do professor era ficar a beber e a fazer *zapping* até adormecer no sofá. E tudo isto no mais absoluto dos silêncios.

Sebastião Curto ligara-lhe tarde, e, ainda por cima, agora tinha-o obrigado a levantar-se cedo.

Já ia a descer a Rua Comandante Aniceto do Rosário, e ainda não sabia bem de que terra era.

Mas sabia que não ia aguentar a manhã sem Paxilfar.

Tinha uma certa fezada naquela farmácia, para onde estava a dirigir-se de propósito antes de ir para Algés ouvir a história do crime em Mafra.

Chamava-se D. Pedro I, e alguém daí dos meios tinha dito na véspera que era, de facto, uma farmácia muito liberal.

Parou um segundo a olhar para o cartaz da loja de electrodomésticos ao lado da porta de vidro, onde uma mulher com ar de Lara Croft num dia mau arreganhava os dentes e dizia *Eu quero! Os primeiros dez meses sem juro na compra da marca em promoção!* Olhou para o relógio. Tinha que despachar-se. Já ia precisar de táxi para chegar a Algés. Custasse o que custasse, era preciso entrar na Farmácia D. Pedro I e tentar a sorte.

Empurrou a porta de vidro, e ficou à espera de vez. Tentou interessar-se imenso pelos produtos de higiene e cosmética masculina expostos nas

prateleiras por baixo do balcão. Reflectido no espelho do fundo, entrevia-se o anúncio de mais um crédito à habitação, este a oferecer os primeiros vinte mil contos da escritura, encavalitado noutra cartaz já mais desbotado onde ainda se distinguiam as palavras porque você merece tudo o que quer. Ao lado da balança antiga que servia de adorno nas prateleiras da entrada, um cartaz de anúncio a uma marca nova de multivitaminas mostrava um homem de cerca de cinquenta anos, bronzeado, e despenteado, e sorridente, em cima de uma prancha de surf que deslizava sobre uma onda gigantesca, com a legenda *O Mundo a Seus Pés - Em Duas Semanas*.

Só estava um rapaz novo de serviço.

Quando finalmente o rapaz lhe perguntou o que era, não havia mais nenhum cliente na bicha.

A coisa, até ver, ia bem encaminhada.

Era uma embalagem de Proctolog, uma caixa de Agiolax das grandes, e uma caixa de Paxilfar, se faz favor.

Era um truque que usava sempre. Pedia primeiro duas ou três coisas inúteis, e só pedia o Paxilfar no fim, imediatamente antes do se faz favor, para que tudo aquilo parecesse normal.

O rapaz foi buscar o Proctolog e o Agiolax.

Tem receita para o Paxilfar?

Não. É preciso?

Claro que é.

Não sabia. Tenho comprado sempre sem receita. É a única coisa que me alivia as dores nas costas. Também não posso tomar Brufenos nem Buscopans nem coisas dessas, porque tenho gastrite crónica. É uma chatice, esta coisa da idade. Dantes podia estar a escrever o dia inteiro que não me acontecia nada. Agora, há noites em que chego a casa tão partido que nem consigo agarrar nos meus dois miúdos ao colo.

Também era o seu discurso do costume. Ele não tinha miúdos em casa. Aliás, o que tinha dificilmente podia considerar-se uma casa. Era um T 0 minúsculo na Rebelva, por cima do Pingo Doce, com descampados e obras por trás, que há muitos meses que não recebia a visita de uma mulher-a-dias, e onde não existia qualquer razão para se manterem as coisas arrumadas.

O rapaz fechou a cara, e foi ao fundo da farmácia buscar o Paxilfar a uma série de gavetas fechadas à chave, onde só se chegava subindo a um escadote.

Da próxima vez, traga a receita.

Está bem. Com certeza. Desculpe. Não sabia, mesmo. Pode dar-me uma factura, por favor?

O rapaz olhou para ele como se não quisesse acreditar no que ouvia.

O quê? Factura? Então você quer cometer o crime e ainda deixar registada a prova? Oiça lá, tenha juízo. Eu só lhe vendo isto sem receita porque é para si, e o senhor é professor da minha filha. Vi-o lá a coordenar a série de leituras de crónicas quando foi o dia da Universidade Aberta no Bombarral. Se não o conhecesse, e não lhe devesse respeito por causa da miúda, nem pense que fazia o que fiz.

Mas eu não estou a perceber.

Olhe. Eu vou dizer-lhe só uma coisa. Todos os dias chegam aqui várias receitas das Taipas para nós aviarmos. Temos um contrato com eles. OK? Agora, essas receitas pedem muitas coisas diferentes. Mas todas, todas, todas, pedem quantidades astronómicas de Paxilfar. Tenha cuidado consigo.

Joaquim Peixoto pagou e recolheu o troco a correr, já com um nó na garganta, com um vago tremor nas mãos, e com uma certa sensação de fogo no estômago.

As reprimendas dos farmacêuticos eram ainda piores que os olhares dos médicos.

Olhe, disse o rapaz quando ele já ia a passar na porta.

Diga, respondeu Joaquim Peixoto, ainda a tentar manter a dignidade.

Veja lá e dê melhores notas à minha filha. Ela esforça-se, ouviu?

Como é que ela se chama?

Carla. Carla Moreira.

Ok.

Ok.

Toxina

- 1) *Substância simultaneamente tóxica e antigénica elaborada por certas bactérias.*
- 2) *Qualquer veneno de origem biológica.*

A qualidade de vida não existe.

Nem que mais não seja, porque o organismo humano está fisiologicamente pouco equipado para garantir um estado minimamente contínuo de bem-estar.

Isto, provavelmente, acontece porque o nosso corpo funciona todo ele na dependência dos caprichos de um cérebro que é um jovem aprendiz de feiticeiro, e que, em consequência, não faz a menor ideia de como usar com sensatez os recursos enormes que tem à sua disposição.

As nossas doenças devem ser o preço que temos que pagar pela nossa inteligência.

Bárbara Emília começou a ouvir o Prof. Frederico Guilherme de Castro dizer-lhe coisas destas desde o primeiro dia em que entrou no consultório da Barata Salgueiro, ainda com a Catarina Eufémia na barriga. Apenas um dia depois do encontro mágico na bomba da Repsol. Ele há coisas.

Tinha acabado de fazer a ecografia dos nove meses. As fotografias revelavam uma mulher robusta, cheia de almofadinhas de gordura, pronta a rebentar no mundo numa apoteose de *Purple Rain*. Munida destes documentos preciosos, Bárbara vinha agora iniciar as romarias ao consultório de uma pediatra supostamente melhor do que todas as outras. Claro que era um tudo-nada absurdo vir procurar cuidados pediátricos tão longe, com tanta oferta mesmo ao virar da esquina. Mas a Rosa Maria convenceu-a a visitar mesmo esta senhora em Lisboa, com aquele argumento recorrente de que não há nada que fique fora de mão quando se trata de dar o melhor aos nossos filhos. Se a futura mãe ainda acalentava algumas dúvidas quanto à sensatez deste pressuposto, essas dúvidas dissolveram-se todas quando chegou à porta do prédio e começou a ler os nomes e especialidades afixados nas placas de metal.

Não demorou mais de quatro minutos a descobrir, não sem uma pontada valente de júbilo, e até com a convicção acrescida de que Deus existe, que o consultório da tal pediatra excelentíssima ficava mesmo ao lado do consultório do psiquiatra da bomba nove.

Credo. Ainda ontem nos conhecemos e eu vou aparecer-lhe já à frente, assim como quem não quer a coisa?

Mas isto foi por acaso, não foi?

Oh. E ele vai acreditar?

E então? Menina. Que é isto? Estás com vergonha?

Não és mulher nem és nada, Bárbara Emília Frutuoso. Não passas de hoje sem ires olhar bem para o homem, ouviste?

«E depois queixam-se»

Mude de carro - Mude de vida... e ganhe ainda quinhentos contos, prometia o anúncio da campanha de troca de um carro usado por um novo, mesmo ao lado do anúncio de um banco que perguntava *Quem disse que você não pode ter tudo o que quer?* Estavam a descarregar grades de Sumol de uma camioneta parada mesmo em cima da curva, por isso Joaquim Peixoto achou melhor sair ali mesmo do táxi e fazer o resto do caminho a pé. Já que assim como assim estava na hora do almoço, o motorista rosnou dois ou três impropérios contra a balda colossal de Lisboa, toda a gente quer andar de cu tremido e depois queixavam-se, e acabou por empilhar o carro em cima do passeio, a cavalo entre um buraco na calçada e o rebordo de um canteiro onde estava plantada uma árvore raquítica amarrada a um poste.

Aquele simulacro escalavrado de espaço vago, disputado a grande custo ao afogamento da cidade, ficava mesmo em cima de uma paragem de autocarro. Muito provavelmente, os seus utentes preferiam antagonizar um homem qualquer de aspecto insignificante a antagonizar um motorista de táxi de aspecto bisonho. Por isso, quando Joaquim Peixoto ia a sair, ainda a guardar o troco e o recibo na carteira, recebeu uma valente saraivada de olhares reprovadores.

Mas nesses olhares ele não reparou.

Reparou antes no cartaz colorido dentro da casinha plastificada da paragem, onde uma rapariga morena dormia com um sorriso feliz nos lábios em cima de uma almofada de pétalas, e uma agência de viagens com pacotes especiais para a Tailândia e as Maldivas sugeria *Faça férias agora - Pague só para o ano*, sob os dizeres sugestivos há muita coisa que pode acontecer.

Esse *muita coisa* tanto podia referir-se a aventuras românticas nas Maldivas no momento em que a rapariga serena menos esperasse, como à possibilidade espantosa de se ir para um sítio daqueles agora e só pagar seis meses depois. Mas ele pensou sobretudo na hipótese de, nesses seis meses antes do pagamento, de repente acontecer algum milagre que, sem mais qualquer esforço ou agonia, tornasse o pagamento possível. Apeteceu-lhe estar naquele preciso instante a respirar de alívio profundo, porque o voo de dezoito horas com escala no sultanato do Omã tinha chegado ao fim, e da portinhola do avião já se entreviam, a perder de vista, as águas transparentes e cor de esmeralda do oceano Índico que banha os recifes de coral.

Vasopressina

Hormona de natureza polipeptídica, armazenada no lobo posterior da hipófise, proveniente do hipotálamo. No humano, estimula a reabsorção da água pelo rim, e a contracção da musculatura lisa, o que pode levar a casos de vasoconstrição arterial e arteriolar que têm por consequência a hipertensão. Pode também causar diabetes, em caso de insuficiência de secreção.

O Prof. Frederico Guilherme de Castro fez um sorriso rasgado quando viu entrar a futura mãe, e quase esmigalhou o bebé dentro da barriga dela com o entusiasmo do seu abraço de boas-vindas.

Então, querida alentejana histérica? Pensei que tivesses desaparecido da minha vida para todo o sempre.

Estou a ver que faz os seus julgamentos muito depressa, seu beto do Restelo. Ainda não tenho bebé, mas já tenho fotografias. Não te disse que vinha cá mostrar-te a rapariga assim que pudesse?

Sabia lá se eras mulher para cumprires as tuas promessas.

Oh. Fia-te na Virgem e não corras. Se me pediste que promettesse vir cá visitar-te sempre que precisasse a contar com eu não ser de cumprir promessas, então estás completamente lixado comigo, doutor.

Professor.

Como queiras. Correu-me muito bem, a tal reunião para onde eu ia ontem, quando tu me obrigaste a beber Água das Pedras, sabias? Tenho a impressão de que ainda vou aturar muitas caganças dessas tuas só pela gratidão que te devo por aquele comprimido que me deste.

Ele fez um sorriso mauzinho.

Era só um placebo, camponesa.

Ela não se mostrou nada impressionada.

Quero lá saber o que era. O importante é que funcionou mesmo. Agora vou ficar muito rica, e depois vou ser a tua amiga nova-rica da Margem Sul, queres?

Parece-me aliciante.

Ouve lá, e tu?

Eu quê?

Então, preciso de saber que género de meu amigo do Restelo é que vais ser. Diz lá, és rico mesmo? Ou és só novo-rico?

Sou um híbrido. Género filho de pai estalinista e mãe aristocrata.

Ai que fino. Eu não, sou só filha das ervas. Olha, e a propósito, já viste bem estas imagens espantosas? Por acaso já me disseste que a minha filha vai ser linda?

A tua filha vai ser linda.

Ela ia dar as hostilidades por terminadas e voltar a sair para não empatar mais o senhor professor, que tinha a sala de espera cheia de doentes. Mas ele puxou-a carinhosamente pelo braço para fazê-la sentar-se no cadeirão das visitas, ofereceu-lhe uma Água das Pedras com uma piscadela de olho toda cúmplice, agarrou nas fotos da menina, apontou com os dedos de pianista para a zona da caixa craniana, e começou a descrever as sinapses que estavam agora em organização, e depois por onde passariam as que iriam começar a formar-se e consolidar-se no cérebro da Catarina Eufémia à medida que a mãe lhe fosse ensinando as primeiras coisas que se ensinam às crianças.

Ela deixou-se ficar a ouvi-lo.

E depois voltou lá várias vezes para ouvir mais.

Nos primeiros dois anos, levava sempre a Catarina.

Os outros animais não têm nem metade das doenças que nós temos, Bárbara. E as doenças mais frequentes e recorrentes são todas elas mandadas cá para baixo direitinhas pelo cérebro: as gastrites, as enxaquecas, as insónias, as dores nas costas, as crispações intoleráveis nos maxilares, as obstipações, as diarreias, os vômitos, as quebras de tensão, as hipertensões, são tudo facturas impostas pela consciência.

Quer dizer, explicava Frederico Guilherme com os olhos de Bárbara Emília presos nos dele. Nós não somos muito mais que uns macacos com consciência. Em termos evolutivos, este salto aconteceu numa piscadela de olhos. O nosso cérebro não teve nem um segundo para aprender o que devia fazer com o quarto de brinquedos gigantesco que de repente lhe caiu em cima. Tu já imaginaste o que é ter que organizar uma rede de centenas de milhões de neurónios, com triliões de axónios e dendrites, todos a trocarem quadrilhões de mensagens a uma velocidade superior à do som através de pelo menos cinquenta transmissores químicos? Pobre cérebro. Nem sequer consegue dar qualquer espécie de uso a uns bons milhões e milhões de neurónios que tem ao seu dispor, e que ainda ninguém percebeu para que é que servem.

Isso não é verdade, protestava a filha de camponeses alentejanos, cada vez mais hábil na arte de responder à letra ao professor de psiquiatria. Então. Esses são aqueles milhões de neurónios que as Testemunhas de Jeová nos explicam com muita paciência, encostadas à nossa porta de panfletos na mão, que são para vivermos em estado de inteligência infinita quando chegar a Vida Eterna.

Frederico Guilherme disfarçava um sorriso, e insistia que temos um organismo feito para sofrer.

Em última análise, poderia dizer-se que a qualidade de vida foi uma ficção inventada na euforia ocidental que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, com o objectivo específico de permitir vender mais drogas e assim ganhar mais dinheiro.

Tu estás a perceber onde é que eu quero chegar, Bárbara Emília Frutuoso? As multinacionais são entidades fantásticas.

Para ti devem ser, professor. O povo ouve imensas histórias sobre as massas astronómicas que ganham os médicos que estão feitos com a indústria farmacêutica.

Eh pá. Não vale. A ideia era estas conversas não meterem golpes baixos.

Ai, desculpa. Pensei que estava só a dizer lugares-comuns, como compete ao povo.

Olha que eu amuo.

Vês como não és filho do povo! Os verdadeiros filhos do povo, como eu, cresceram todos com os pais a dizerem-lhes *não há cenas, não há trombas*. A vida era dura e difícil, muitas vezes a comida não chegava para matar a fome, passava-se muito frio no Inverno, estava imenso pessoal na prisão, estava outro tanto aos tiros em África, e as crianças ou se enxergavam ou apanhavam nas orelhas. Os crescidos tinham mais que fazer que aturar as birras dos meninos. Eu cheguei a esta idade, e gramei muita seca, sem ter feito uma única birra na vida. E tu, professor? Ia uma empregada de touca e avental levar-te o pequeno-almoço à cama? Se calhar era minha prima, que vieram muitas servir para Lisboa e apanhar apalpões dos meninos do Restelo.

Ouve lá, e se parasses do puxar pelos galões? Já te disse que o meu pai, quando era novo, também era do povo. E eu voto sempre no Partido Comunista, e quando os meus filhos começarem a votar vou mandá-los votar no Bloco de Esquerda, senão ponho-os fora de casa.

Ela punha-se a olhar de alto a baixo para os seus conjuntos sempre impecáveis de fato e gravata e camisa de risquinhas, e sorria sem dizer nada.

Ele protestava que andar sempre assim vestido era uma maneira de não ter qualquer espécie de trabalho a pensar no que é que havia de vestir.

Ela dizia está bem, abelha.

Ele retomava o fio à meada.

Pensa só nisto: a história começa com os hipertensos. Pois, os remédios para a tensão alta. Melhoram a qualidade de vida dos hipertensos, certo? Como há muitos hipertensos, a ideia de que é possível conquistar o bem-estar em cápsulas começa a fazer o seu caminho. Logo a seguir, aparecem os

antidepressivos. Isto foi há vinte ou trinta anos, não mais. Os da primeira geração tinham efeitos colaterais muito pronunciados. Em não mais de vinte anos, já apareceram três ou quatro gerações novas. São igualmente eficazes. Mas muito mais cómodos. Mais fáceis de tomar. E, sobretudo, já não dão cabo das pessoas. Aumentam-lhes a qualidade de vida, não é verdade? Como a nossa estimativa é que uma em cada cinco ocidentais sofre de depressão, agora imagina a quantidade de gente que começa a agarrar-se cada vez mais à ideia do bem-estar em comprimidos. As multinacionais estão atentas a tudo isto, e exploram o filão através do sonho da qualidade de vida. Hoje em dia já não há remédio nenhum destes que chegue ao mercado sem um rótulo imediatamente associado à qualidade de vida. E mais: com promessa de benefício económico em relação à oferta anterior. Tu entendes o que é que isto quer dizer? Quer dizer que as multinacionais já não estão só a dizer ao doente que não é preciso fazer sacrifícios. Estão a dizer à comunidade inteira, a todos nós que os impostos que viabilizam o sistema nacional de saúde, que não é preciso fazer sacrifícios.

Credo, suspirava Bárbara Emília, a fazer festinhas doces no rosto adormecido de Catarina Eufémia. A ouvir-te falar, dá ideia que a qualidade de vida se transformou de tal forma num direito que já começa a pesar-nos nos ombros como um dever.

Tem toda a razão, entusiasmava-se Frederico Guilherme. Repara só nesta mudança espantosa de atitude, minha filha. Os nossos pais cresceram dentro de um espírito muito sóbrio de preparação para a infelicidade. Nós crescemos dentro de um espírito quase neurótico de obsessão com a felicidade. Estamos mesmo convencidos de que os remédios que vamos buscar à farmácia, com assinatura do médico e vinhetas e carimbo, e com a participação do Estado devidamente assegurada, é que vão melhorar a nossa qualidade de vida. E, em consequência, vivemos numa fixação sem descanso de nos sentirmos medicamente em forma.

Tu achas? Eu, cá por mim, penso muito pouco nisso.

Se calhar tens mais em que pensar. E, se calhar, a maior parte dos portugueses não tem.

Sou eu que sou anormal, ou são os outros?

Em plena consciência profissional, não posso considerar-me devidamente qualificado para responder a essa pergunta antes de te ter examinado com a devida minúcia.

Então vá. Examina-me.

Porreiro. Despe-te toda e deita-te aí na marquesa.

Qual marquesa?

Era uma figura de estilo. Deita-te onde te der jeito.

Estás mas é maluco. Ainda nem faz três meses que tive a minha Catarina, e olha que esta mulheraça veio ao mundo com quatro quilos e seiscentas, ouviste? Peço imensa desculpa, mas tão cedo não me dispo à frente de ninguém.

Mas eu sou médico.

E que fosses o Dalai Lama. Explica-me mas é essa história de as pessoas terem a fixação sem descanso de se sentirem medicamente em forma.

Então, é assim. Baseado na minha experiência pessoal, e na de todos os meus colegas. Quando uma pessoa consegue melhorar do ponto de vista dos sintomas clínicos, acha sinceramente que está bem, mesmo que o resto da sua vida seja um descalabro total. Percebeste o paradoxo, minha querida alentejana?

Acho que sim. Adoro paradoxos. Dá-me um exemplo. Mas pára de esbracejar dessa maneira, que ainda me acordas a minha menina.

Olha, por exemplo. Alguns dos antigos fármacos deprimiam seriamente a libido, mas quando as pessoas iam ver o médico que lhos tinha receitado nunca falavam nisso. Quando falavam, era sempre para garantirem que esse pequeno pormenor colateral não tinha importância. Acreditas? É verdade. Dizem-me que o efeito colateral não tem importância mesmo quando esse efeito colateral é grosseiro, enorme, a berrar necessidade de correcção. Não tem importância. Os outros sintomas melhoraram. O sexo é a menor das prioridades. Não é exactamente um telemóvel, e muito menos um sistema de aspiração central.

Pois, quer dizer. Não dá de comer a ninguém.

Frederico Guilherme voltava a entusiasmar-se e a pôr-se em pé para esbracejar melhor, e ela voltava a ordenar-lhe que não acordasse a Catarina.

Mas é que tu resumiste lapidarmente o que eu estou a tentar dizer por imensas palavras, mulher.

Eu sei, suspirava ela com um sorriso misterioso. E, às vezes, sinto-me perplexa.

Eu também.

Achas que somos só nós os dois?

Seria uma ideia muito estimulante, mas infelizmente quer-me parecer que o mal é geral. É frequente os psiquiatras perceberem que a melhor coisa que podem fazer para ajudar os seus doentes é baixarem-lhes as expectativas à partida. Na geração dos nossos pais, ainda isto se chamava resignação. E era-nos ensinado em casa. Os médicos não precisavam de elucidar-nos sobre o assunto. Agora repara na atrapalhação que resulta do estado de coisas moderno. Nós a irmos aos médicos e a pedir-lhes que nos ponham felizes. Eles

a tentarem baixar-nos as expectativas. E todas as multinacionais a empurrarem-nos no sentido contrário.

Eh pá, vou-me embora que já estou a ficar deprimida.

Então volta cá amanhã, para eu te tratar da depressão.

Com o tempo, acabaram por decidir que o melhor era Bárbara Emília só passar pela Barata Salgueiro mesmo no fim das consultas, para poderem conversar tudo o que quisessem sem terem sempre aquela preocupação de ainda estar lá fora muita gente à espera dos remédios mágicos do professor. O fim das consultas já não correspondia minimamente ao horário de levar a Catarina à pediatria, mas entretanto a menina estava em idade de entrar para a pré-primária e passou a ser acompanhada por uma médica convenientemente localizada na Margem Sul.

Durante muitos anos, Bárbara Emília e Frederico Guilherme tiveram longas conversas destas completamente sozinhos no consultório já meio às escuras. Havia dias em que até a Marta da recepção se ia embora antes de um deles se lembrar de olhar para o relógio, desatar a gritar que era um pai ou uma mãe desnaturado, e saírem os dois a correr para irem juntar-se às respectivas famílias.

Isso vai dar merda, comentava a Vi.

Mas então já não há mesmo ninguém que acredite na amizade?, suspirava Bárbara Emília com um sorriso feliz.

«Até o traje académico é cor-de-rosa»

O rio estava todo cintilante diante de Algés. As sombras circulares dos toldos projectavam-se sobre as mesas verdes das esplanadas, cheias de crianças e de casais tranquilos. O quadro completo, retocado com arbustos de loureiros-rosa por trás e melros a assobiarem enquanto saltavam sobre a relva, dava a quem passasse por ali uma vontade enorme de ser muito feliz.

Então, rapaz?, perguntou-lhe Sebastião Curto ao mesmo tempo que lhe desferia uma valente palmada no joelho. Estás porreiro?

Joaquim Peixoto encolheu os ombros.

Sebastião Curto dobrou o Expresso, separou as partes que lhe interessavam dos panfletos publicitários e do Cartaz da Semana que voltaram para dentro do saco para depois irem para o lixo, e começou a falar com o antigo colega enquanto bafejava e limpava os óculos escuros.

Já tinha saudades da tua infelicidade, gargalhou ele com um esgar de ironia. Parece que os anos nem passam por ti, meu filho. Sempre pendurado e chupadinho, sempre tudo a correr mal, um gajo vê essas tuas trombas e sente-se logo o homem com mais sorte do mundo. Conta lá, que eu estou muito precisado da desgraça dos outros para ver se subo o meu astral. O que é que fazes, por estes dias?

Joaquim Peixoto olhou discretamente para o relógio. Reparou, com alívio, que aquilo já era só mais ou menos dez minutos até o Paxilfar começar a fazer efeito. Depois tudo havia de parecer-lhe muito mais indiferente.

Sou professor universitário, respondeu ele ao mesmo tempo que tentava pendurar a mochila das costas da cadeira.

Professor universitário?, repetiu Sebastião Curto com um ar profundamente desapontado. Mas então, o que é que aconteceu, porra? Corre-te bem a vida, agora, é?

Joaquim Peixoto não conseguiu deixar de rir, e aproveitou para acenar ao empregado a pedir uma bica.

Está descansado, Sebastião, respondeu ele a puxar pelo SG Ventil. A vida não podia correr-me pior. Sou professor associado de Comunicação Social no Pólo do Bombarral da Universidade Livre Agostinho da Silva, que é uma coisa que tem como lema Porque os Conhecimentos Não Podem Ter Regulamentos e se orgulha de não oferecer uma única licenciatura aprovada pelo Ministério da

Educação, OK? Os donos daquilo são o senhor Graciano Roxo, que fez uma grande fortuna a vender automóveis na Margem Sul mas nasceu no Bombarral e quer muito promover a sua terra, e o senhor Hermínio Carinhas, que é o gerente da Caixa Geral de Depósitos lá do sítio. Estes dois gajos, por junto, compraram um descampado sem saneamento básico e espetaram lá com cinco caixotes enormes prefabricados, todos pintados de cor-de-rosa. Aliás, até o nosso traje académico é cor-de-rosa. E tudo isto porque a Reitora é a Maruja Montenegro, topas, aquela do Monte Estoril que faz o Tarot para tudo quanto é gente fina, e que agora dirige lá uma pós-graduação em Parapsicologia Científica. Quando eles começaram a construir os caixotes, ela explicou a toda a gente que o cor-de-rosa é muito importante para dar aos alunos o que os pais deviam dar aos filhos mas já não dão, que é asas e raízes, e...

Espera aí, espera aí, que eu estou a ficar perdido, e, desculpa, duma bandalheira dessas o Sebastião não quer perder nada. Disseste asas e raízes?

Pois. *Asas para terem sempre como voar, e raízes para terem sempre onde voltar.*

Credo. E tu o que é que fizeste, para ganhares o direito a ser professor associado nesse interessante símbolo da degradação nacional?

Então, eles convidaram-me e eu não tinha onde cair morto.

Mas associado?

Ah, isso? Eh pá, nos bons velhos tempos do PREC, quando eu ainda militava na União dos Estudantes Comunistas, houve um ano, antes de entrar para Direito, em que me mandaram três meses para Cuba para trabalhar na cana-de-açúcar e frequentar um curso que era Oratória ao Serviço do Povo.

Lá estive eu três meses em Havana, e no fim deram-me um diploma. O Roxo e o Carinhas olharam para aquilo e acharam que era equivalente a um Mestrado, e portanto eu já tinha grau de mestre, e portanto como o Pólo não tinha doutorados eu estava perfeita e legitimamente qualificado para ser associado.

E pagam-te bem, ao menos?

Ouve lá, eu sou pago à hora, como toda a gente que lá trabalha, tirando os seguranças, o pessoal da secretaria e da tesouraria, a miúda que distribui o correio e as senhoras da limpeza. Pagam-se cinco contos por hora como associado a tempo integral, de maneira que dou muitas horas de aulas, o que é que tu queres? O que vale é que os alunos se baldam o tempo todo.

Cum caracas. Trabalhas numa Universidade onde os alunos nem se dão ao trabalho de pôr os pés?

Não, pá, eles vão para lá. Têm um caixote inteiro para eles, o único caixote onde há autorização para fazer grafitis por cima da pintura cor-de-rosa, que é a Associação de Estudantes, e eles para esse caixote gostam muito de ir. Há lá

mesas de bilhar, e matraquilhos, e máquinas, e computadores, e vídeos, ouve, é o único caixote, além do da Administração e Reitoria, que está bem acabado, bem iluminado, bem arejado e bem arranjado. Ouve lá, pelo menos têm que dar assim um certo ar de que vão à escola, porque foi para isso mesmo que os pais os puseram lá.

Desculpa?

Eh pá, Sebastião. Olha-me este gajo que julga que sabe sempre tudo o que é mau. Este esquema até já tem o seu pressuposto moral de suporte, ouviste?

Os gajos da massa fazem uns grandes discursos sobre a ambivalência do nosso governo, que torna impossível o livre exercício da livre concorrência, que é a única forma de o nosso país poder apanhar o comboio do futuro. Ouve lá, assim à primeira, quando ouves, não faz sentido? Não sentes logo uma grande simpatia? Olha, eu sinto. O Ensino Superior público é das maiores vergonhas, das maiores hipocrisias, que este governo socialista que nós elegemos vai deixar registadas na História. A sério. E os filhos e os pais do Bombarral sabem isso muito bem. De maneira que a malta ouve estes arroubos populistas dos meus patos-bravos e bate palmas, não achas normal? Toda a gente gosta de trocar as voltas ao governo. Vai daí, os patos-bravos abrem uma escola experimental alternativa em sítios onde não há grande oferta legítima por perto, cobram verdadeiras fortunas em propinas, e os pais, que andam desesperados porque têm filhos que não fazem nenhum e passam o tempo nas noites e depois dormem até às três da tarde, vão lá matriculá-los e pagar tudo o que lhes peçam. Sabes porquê? Porque, ao menos enquanto os filhos estão na escola, os pais sabem onde é que eles estão. Partem do princípio de que estão entretidos com coisas um bocado mais construtivas que o zapping. E acreditam, como eu acreditava se fosse pai destas crianças, que é melhor estar na Universidade Livre Agostinho da Silva do que estar num beco a consumir drogas. Ali ao menos só se consome aquele folclore das anfetaminas para estudar, tipo Dinintel e Lipoperdur, e assim.

Estava a sentir-se tão bem que tratou de mandar vir uma Água das Pedras, e de engolir discretamente outro Paxilfar assim que ela chegou, para ter a certeza de que o efeito não se desvanecia de repente.

OK, suspirou Sebastião. Mas ouve lá, então e drogas sem ser dessas que o pessoal compra nas farmácias, drogas das outras, daquelas mesmo ilícitas, não há ninguém que as transe lá nesses caixotes cor-de-rosa?

Não, isso acho que não. Também a clientela não é assim tão grande que justifique o esforço. Mas há versões aproximativas, descansa. Cerveja, pelo menos, há para dar e vender. Aquilo não tinha café, ainda não tem cantina, um gajo ao princípio chegava lá todo partido da viagem e por junto antes de ir dar

aulas tinha uma daquelas máquinas que despejam um café muito manhoso para dentro de um copo de plástico, e mesmo essa máquina estava avariada semana sim semana não, mas ouve. O genro do Carinhas é dono de uma distribuidora de cervejas e refrigerantes, de maneira que a tenda onde eles aviam as imperiais, e as coca-colas, e os pacotes de Matutazzos e de Cheetos e dessas porcarias assim, oh pá. Isso aí parece um palácio. Com mesas e cadeiras de ferro forjado e tudo. Só depois é que acharam que dava mau aspecto ter lá mesmo no meio do campus uma cervejaria que era declaradamente uma cervejaria, e então transformaram-na em café, com bolos, e sandes, e isso. Mas não tiraram de lá o resto. Até instalaram serviço de cocktails a partir das seis da tarde. E aproveitaram para acrescentar máquinas de jogos, e mais duas máquinas de cigarros, que, tanto quanto eu percebo, também são distribuídas pelo genro do Carinhas.

Então e o Roxo? Esse também não vai lá ganhar o dele?

O Roxo já nem sabe o que fazer ao dinheiro todo que tem.

Então não abandalha a nossa Lisboa com uma pérola dessas porquê.

Estás parvo. Isto é uma escola experimental alternativa, lembras-te? Por definição, precisa de estar num sítio isolado, de preferência onde o pessoal ande ressentido por todos os esforços e investimentos se centrarem nas grandes cidades do litoral. A Universidade Livre Agostinho da Silva, em si mesma, não existe. Não existe um centro. Só existem os Pólos. Que eu saiba, há o Pólo do Bombarral, o Pólo de Aguiar da Beira, e o Pólo de São Bartolomeu de Messines. São todos de familiares ou amigos do Carinhas ou do Roxo, e todos eles são homens e mulheres de negócios que estão muito bem na vida, mas muito bem mesmo, não sei se estás a perceber.

Porra.

A quem o dizes.

Endorfina

Polipéptido isolado do cérebro dos mamíferos, dotado de actividade analgésica análoga à da morfina. Estes péptidos fixam-se aos receptores de certos neurónios por um mecanismo semelhante ao dos opiáceos. A quantidade de endorfinas aumenta no cérebro em numerosas circunstâncias, fisiológicas e psicológicas.

As amigas sensatas de Bárbara Emília, como a Vi, a Rosa Maria, a Conceição, ou a Marieta, já tinham resolvido alcunhar aquele psiquiatra que ela descrevia como tão charmoso e tão bem vestido de Fred Lacoste.

E passavam o tempo a avisá-la de que não podemos estar sempre a correr atrás dos nossos sonhos.

Bárbara, diziam elas.

Se formos atrás dos nossos sonhos estamos lixados.

Por acaso, neste departamento o Prof. Frederico Guilherme de Castro dizia exactamente a mesma coisa.

Até lhe contou a história de um colega mais velho que, com o tempo, se transformou num verdadeiro psiquiatra de sucesso. Tinha uma mulher mediana e da mesma idade que ele, o tipo de pessoa que não emitia uma única cintilação de cada vez que saíam à rua ou que jantavam juntos. Sentiu necessidade de uma mulher melhor. Ou seja, mais adequada ao seu estatuto e ao seu nível.

Não teve grande dificuldade em encontrá-la. Loura e tudo. Fresca, viva, espertíssima.

Mas o que foi sonhado como uma mudança para melhor acabou por ser um grande desastre.

O psiquiatra de sucesso teve que abandonar o casarão de Santa Catarina e alugar um andar em Miraflores para poder viver com a mulher que estava à sua altura. E a mulher que estava à sua altura não o esperava com as pantufas, e o jantar pronto a fumegar sobre uma toalha de renda branca, quando ele chegava às onze e tal da noite depois de mais uma daquelas maratonas estafantes no consultório. Que, agora, eram cada vez mais frequentes. Porque, como se compreende com bastante facilidade, é preciso mais dinheiro para sustentar duas mulheres, e duas casas, do que para ter só uma de cada.

A mulher que estava à sua altura, quando ele chegava tarde, ou se tinha instalado no escritório completamente agarrada ao estirador e muito pouco

interessada em distrações tardias, ou tinha ido sair com os amigos. Ou dormia no sono profundo induzido pelos comprimidos que o psiquiatra de sucesso andasse a receitar-lhe por essa altura.

Não aguentou mais de um ano, o pobre homem.

Mais outro infeliz que caiu do logro da campanha de troca do carro usado por um carro novo e ganhe ainda quinhentos contos.

A mulher mediana recebeu-o bem no regresso, e quase não lhe fez perguntas. A paz aparente reinstalou-se em duas semanas. Mas o orgulho do triunfador tinha levado uma lambada de todo o tamanho. Bárbara, Bárbara.

Quantas vezes ouves as pessoas falarem de outras que deram cabo da vida, deram cabo da vida, é assim que toda a gente diz - porque foram atrás de expectativas que não são capazes de cumprir?

Isso não acontece quando as pessoas vão atrás dos seus sonhos, respondia Bárbara Emília já de queixo levantado, toda não há cenas não há trombas. Acontece é quando as pessoas vão atrás de idealizações que não correspondem à realidade.

Oh Bárbara, observava Frederico Guilherme com tanta maldade quanta gentileza. E não foi atrás de uma idealização que tu, mulher da Cuba, vieste há dois anos para Lisboa, bater à porta de um pobre diabo sem futuro profissional, sem carro, sem carta, sem piada, e por junto com um T 1 alugado em Porto Salvo?

Ai, Frederico. Mas tu não vês que o amor, e o sexo, e todas essas coisas boas e bonitas que deviam ser de graça, estão a ser completamente esmagadas pelas exigências da economia de mercado, e que nós precisamos de resistir? A sério?

Não me lixes. Não há resistência possível.

Tu queres deixar aos teus filhos o mundo tal como ele está agora?

Tu ficas linda quando te entusiasmas com as tuas próprias baboseiras, minha camponesa do meu coração. E eu acho um desperdício ver-te gastares tanta energia inútil a investir contra os moinhos de vento. A sério. Eu só quero ajudar-te a seres feliz, mulher.

Se é para isso então prefiro pagar-te a consulta e andar anestesiada com os teus comprimidos, como o resto do pessoal que aqui vem. E olha que só não vem mais gente porque não tem dinheiro para vir.

Vai passear, minha grande simplória. Eu não discrimino. Onde é que tujulgas que eu passo todas as manhãs? Não é na consulta do Hospital a anestesiarem os pobres, e na Faculdade a ensinar aos mais novos a arte da anestesia?

Que horror. És um monstro.

Whatever.

Por acaso, dessa vez Bárbara Emília tinha uma razão de algum peso para estar tão enfática quanto à importância da vida sexual. Foi lá à Barata Salgueiro já pela entrada da noite, à hora em que costuma estar a sair o último doente, só para pedir umas receitas para o marido e voltar a sair sem dar nem um bocadinho de trela ao Frederico Guilherme. Estava atrasadíssima, e furiosa consigo própria.

Ainda a Catarina Eufémia não tinha nascido, mas já tinha conseguido virar-se de cabeça para baixo.

A pedido insistente da Vi, que andava com vergonha de lá ir em pessoa, acabava de perder tempos infindos na clínica de luxo de um brasileiro que estreara o sítio com imensa projecção nas revistas do mês anterior. Ia-se lá, levava-se um objecto íntimo da pessoa a precisar de cura, pagavam-se trinta e sete contos em dinheiro, não se falava sequer em recibos. E o homem, depois de uma grande conversa numa sala exótica muito húmida e muito aquecida, onde se ouviam ritmos de tambores da selva combinados com entoações tântricas de efeitos erectofálicos, e em conjunto subiam pelo ar chamas de velas com aromas de ervas raras, passava uma semana inteira a mandar energia para a pessoa em causa. A energia sexual que circula no plasma do cosmos e assegura os ciclos da vida na Terra, mas que pode ser canalizada directamente para órgãos sexuais humanos que andem desvitalizados. A sociedade de consumo e desperdício é um aspirador implacável da nossa energia sexual intrínseca, explicava o brasileiro, que falava muito devagar e fazia longas pausas a olhar fixamente nos olhos as mulheres que lá iam largar trinta e sete contos em desespero de causa. Só podemos fazer frente a esse aspirador se lhe fecharmos o nosso corpo. E podemos lutar contra ele de igual para igual enviando ondas de plasma para dentro do corpo dos que não conseguem vir pedir ajuda por si próprios. Vá, beba isto. Foi destilado na festa branca de Iemanjá e benzido nos orixás pela Mãe de Santo de Ogum e Shangô. Sente o calor? Muito bem. A energia entrou em si. Agora dispa-se. Deite-se. Afaste as pernas. Ponha o objecto do homem em cima da barriga. Respire fundo. Não resista. Eu vou concentrar-me. Concentre-se. Concentre-se na sua melhor fantasia até estar quase a atingir um orgasmo espiritual. Nessa altura, eu entro em transe. E o plasma começa a fluir sobre o homem desvitalizado.

A Vi queria desesperadamente revitalizar o seu Zé Carlos, que vivia há muitos anos em estado de desvitalização crónica. Tinha em seu poder o comando da televisão, que lhe parecia ser o objecto mais íntimo que o seu marido possuía. Também tinha trinta e sete contos em notas dentro de um envelope.

Mas achava que estava gorda demais para conseguir despir-se e procurar orgasmos espirituais diante de um homem que não conhecia de lado nenhum.

Lá foi a Bárbara fazer o número por ela.

Entrou na clínica do brasileiro cheia de mau feitio, cheia de pressa, cheia de trabalho, e cheia de medo de já não ter tempo para ainda ir ver o Frederico Guilherme, que podia não lhe proporcionar qualquer orgasmo espiritual mas ao menos conseguia sempre fazê-la rir. Marcou a consulta para as sete menos um quarto, e conseguiu chegar lá às seis e trinta e cinco, na esperança de se despachar mais depressa. Mas, afinal, ainda estava uma mulher de madeixas louras e jeans apertadas sentada na sala de espera.

Bárbara resignou-se, e começou a folhear a Caras de há quinze dias.

A outra mulher era daquelas que têm cinquenta e tais mas ninguém lhos dá, com uma pose e uma voz de tia de Cascais demasiado boas para serem completamente verdade. Quando Bárbara se deu conta de que não ia conseguir ler nem uma página da Caras, já ela lhe tinha perguntado se conhecia pessoalmente o Mestre Verney Guarajá, o que é que achava mesmo de todos os milagres que ultimamente lhe eram atribuídos, e se ele seria mesmo capaz de ajudar uma pessoa completamente perdida.

Eu estou mesmo perdida, sabe... como é que é o seu nome?

Bárbara.

Eu sou a Pepa. Estou completamente perdida, Bárbara.

A Pepa não tinha sangue azul, mas tinha uma família solidamente bem na vida e uma formação universitária igualmente sólida, em História. Nunca exerceu porque começou a namorar o Rui Manuel logo no fim do primeiro ano da Faculdade, e saiu da última oral directamente para a Igreja de São Roque. O Rui Manuel andava do outro lado do relvado, em Direito, e herdou do pai uma boa sociedade na firma. Tinha muito dinheiro. Muito, muito, Bárbara. E além disso tinha imensa imaginação na cama. Mas é que nem lhe passa pela cabeça, Bárbara.

Mas, tal como a Pepa, o Rui Manuel não tinha sangue azul.

De maneira que comprámos a casa grande em Cascais, e os pequenos andavam nos Salesianos, e íamos a imensas festas, recebíamos imenso, estávamos sempre a viajar, eu todos os dias ia ao ginásio e ainda hoje ninguém me dá a idade que tenho, ele adorava que eu tratasse de mim e pagava tudo o que fosse preciso, e aquilo parecia mesmo uma vida de sonho, mas eu nunca consegui deixar de sentir que me faltava qualquer coisa.

Faltava-lhe o sangue azul.

O ano passado, Bárbara, os filhos já têm a vida deles, deixei mesmo o Rui Manuel para ir viver com o Bernardo. Dos Telles Asseca, está a ver? Andava

perdida por ele há que tempos, eram os gestos, era a maneira de falar, e as gravatas, e como mexia os dedos quando estava a distribuir as cartas, sei lá. Era tão fino, Bárbara, tão fino, a Bárbara desculpe, eu sei que isto é ridículo mas eu apaixonei-me por ele porque ele era superfino.

E sabe como é que passou a ser a minha vida?

O Bernardo é impotente.

E, além de ser superfino, é superteso.

Com o Rui Manuel eu ia de avião passar fins-de-semana lindos a Veneza e fazíamos amor como dois miúdos, o tempo todo, tínhamos imenso prazer, percebe? Com o Bernardo vamos de carro jantar a Cáceres e dormimos por ali num motel que seja barato, e há anos que ele não sabe o que é ter sexo, e eu não consigo deslargar-me. Eu sei que é uma parvoíce, Bárbara, eu até tenho vergonha, mas o que é que quer.

Sei muito bem que o Rui Manuel ainda está à espera que isto me passe e que eu volte para casa, era só eu querer, mas eu não consigo largar o Bernardo. Não consigo, pronto, não consigo. Sou completamente burra, mas continuo apaixonada pela aristocracia dele.

Acha normal?

Pois é.

Sinto-me tão perplexa.

Bárbara tinha estado a ouvir a história da Pepa com um sorriso muito sereno, vagamente embalada pelos fumos de incenso, e pela música de fundo, dolente e promissora, que banhava a meia luz da sala de espera. Só nessa altura é que se lembrou de que o precioso comando do Zé Carlos, discretamente sonegado pela Vi depois de muito esforço, ficara esquecido dentro do Panda. Que estava a mais de cinco quarteirões de distância, encavalitado no passeio num sítio de onde ela nem sabia se conseguiria voltar a tirá-lo. E chovia a cântaros. Aquilo tudo somado; e rematado por um pontapé imperativo da Catarina Eufémia, deu-lhe de repente um ímpeto violento de indignação, que a fez levantar-se, enfiar a gabardina, pôr o saco ao ombro, e a seguir ajoelhar-se diante da Pepa e agarrar-lhe na mão sem qualquer espécie de cerimónia.

OK, Pepa. Quer saber mesmo o que é que eu acho? Acho que este Mestre Verney é um aldrabão sem escrúpulos que gosta de ver mulheres nuas e arranjou um belo cambalacho para ganhar dinheiro com isso. Eu, por mim, vou-me já embora, e a Pepa também devia ir. Se quer realmente a minha opinião, os seus problemas são seus. Não são nem do burguês potente nem do aristocrata impotente, portanto não precisa de estar aqui para tratar desses homens. Trate mas é de si. Tome lá. É o cartão de um grande amigo meu que é psiquiatra, e que ainda por cima é um borracho que só de olhar para ele qualquer mulher se

sente renascer para a vida. Saia daqui. Vá falar com o Frederico. Diga-lhe que é amiga da Bárbara. Diga-lhe não há cenas, não há trombas, que ele trata bem de si de certeza. Boa sorte, Pepa. A sério. Boa sorte.

A outra desatou a chorar e abraçou-a com toda a força.

Bárbara encheu-a de beijos.

Apareceu uma enfermeira escultural, de cabelos ondulados flutuando até à cintura sobre a pele morena, a chamar pela Pepa.

Bárbara puxou a Pepa pela mão e saíram as duas dali a correr.

Bárbara aproveitou o escuro, a chuva, a confusão, e o grito súbito da Pepa que se tinha esquecido do vison lá em cima, para correr como uma desesperada pelos cinco quarteirões que a separavam do Panda, com a barriga enorme a afastar tudo à sua frente. Arrancou sem mais demora rumo à Barata Salgueiro.

Não sem aplicar um risco de todo o tamanho na pintura da porta esquerda.

«Uma história horrível»

Joaquim Peixoto estava a gostar da sensação de parecer ainda mais batido do que o fotógrafo que já viu tudo na vida.

Achas mal os pais perceberem que isto da escola experimental alternativa dos meus patrões é um esquema pouco escrupuloso para lhes esvaziar os bolsos e mesmo assim alinharem? Então, os pais, agora, querem todos que os filhos sejam doutores. É a panca deles, qual é o problema?

Bem, eu realmente não sou pai. Mas, mesmo assim, quer-me parecer que a maioria de nós tem assim umas pancas mais normalzinhas. Como, por exemplo, os rabinhos das meninas de catorze anos.

Vê lá o que é que dizes, Sebastião, que a minha filha tem catorze anos.

Pois tem, e tem um rabinho de fazer um velho lúbrico e imoral como eu perder a cabeça e ficar cheio de vontade de desviar menores. Mas, como me fizeste o favor de vires ter comigo sem trazeres a tua Catarina Eufémia, embora eu tenha mandado umas bocas completamente explícitas a esse respeito quando te telefonei...

Eh pá, Sebastião, tu não te chega acordares um desgraçado que nunca teve um carro na vida e mora num T 0 da Rebelva às sete da manhã? Ainda por cima, queres que o pobre desgraçado, entre as sete e o meio dia, consiga ir de camioneta a Lisboa, tocar à campainha do número catorze quarto esquerdo, acordar a rainha do Sabá que lá mora dentro e protege a cria com unhas e dentes, e convencer a mulher a deixar o desgraçado levar-lhe a filha lá de casa para vir mostrá-la a um desgraçado de um fotógrafo meio careca? Tu ainda não percebeste que a Bárbara Emília Frutuoso se transformou à nossa revelia numa verdadeira senhora, e tudo o que os pobres desgraçados como eu e como tu podem fazer é deitarem-se ao comprido para ela nos passar por cima com os saltos altos? E não te entra nesses cornos que esta senhora está firmemente determinada a transformar a filha numa rainha como ela, de tal maneira que, já que a rapariga não quer estudar, ela em vez de lhe espetar um bom par de estalos que é o que aquela adolescente que mal se digna a falar com o pai está mesmo a pedir, não, em vez disso a mãe dá-lhe mas é imenso apoio àquelas ideias New Age, e anda a pagar-lhe cursos de Shiatsu no que há de melhor e mais fino no mundo, e até vai mandá-la este ano no Verão para uma academia de luxo que faz cursos especiais de massagens orientais em Santa Fé, que é para

a miúda depois pôr o diploma na parede da clínica de Shiatsu que há-de ter, e que a mãe não descansa enquanto não lhe arranjar? Tu não percebes? A Bárbara só deixa a Catarina estar comigo aos fins-de-semana quando não tem outro remédio. Achas normal? Diz lá, tu achas normal? Achas?

Oh meu filho. Então e a antiga sede da PIDE na António Maria Cardoso, onde tanta gente foi barbaramente torturada nos tempos do fascismo, incluindo aqui este teu modesto amigo que nem sequer entra nas listas dos antifascistas importantes? Não foi transformada, em pleno mandato de um governo socialista, num condomínio de luxo? Daqui para a frente, já acho tudo normal. Aliás, eu sempre achei tudo normal.

Ah é? Quer dizer, se a tua ex-mulher te jurasse que continua a ser muito tua amiga e ao mesmo tempo estivesse sempre a enrabar-te, tu achavas normal? Era? Era?

Achava muito excitante. Eu, um pobre fotógrafo retirado da ribalta, ter o direito a ser enrabado pela Bárbara Emília Frutuoso? Eh pá.

Não tem graça, porra.

Tem sim senhor. Só não percebo é como é que a tua ex-mulher consegue enrabar-te, mas isso é de somenos importância.

Já te disse que não tem graça, Sebastião. A Bárbara goza comigo e eu não posso fazer nada, entendes? Passa o tempo a mandar a Catarina ir aprender a andar a cavalo para aqui, e a mandá-la ir aprender ténis para ali, e a mandá-la estudar inglês e francês para um instituto qualquer muito especial em Salzburgo como se não existissem montes de tretas dessas em toda a Área Metropolitana de Lisboa, e a mandá-la fazer ski para a Suíça, e a mandá-la para a vela com umas amigas que têm uma escola disso dos barcos em Ibiza, e ouve, eu sei lá o que mais é que ela anda a ensinar à miúda, sei é que em todos os fins-de-semana, e férias, e feriados, em que ela devia poder ficar comigo, a Bárbara me vem sempre com a conversa de que a miúda está inscrita nisto ou naquilo que é muito importante para a formação dela. E eu fico mal com a minha consciência porque é evidente que, por mim, nunca poderei pagar à Catarina nada que seja importante para a formação dela. E, por isso, acabo por quase nunca lhe pôr a vista em cima. E queres que eu não esteja convencido de que a Bárbara faz isto de propósito para não deixar que um desgraçado como o seu ex-marido exponha a sua preciosa Catarina Eufémia à baixaria moral e material em que vive?

Ocorreu-lhe tomar outro Paxilfar, para ver se conseguia acalmar-se. Depois lembrou-se de que só tinha uma caixa para todo o fim-de-semana, ainda era sábado de manhã, não sabia a que horas é que conseguiria falar na segunda-feira com o médico da Agostinho da Silva, e decidiu esperar mais um

bocadinho. Espiou as suas próprias sensações, e verificou que ainda estava razoavelmente envolvido por aquela espécie de bolha isoladora que lhe era tão querida.

Vá lá, Quim, disse-lhe o Sebastião com uma palmada amigável nas costas. Respira fundo. Agora eu vou oferecer-te mais um café, e mais uma Aguinha das Pedras que é uma coisa que faz sempre bem às pessoas irritadas, e tu vais ficar muito quietinho a fumar um cigarrinho e a ouvir a proposta que o velho Sebastião vai fazer-te.

OK. Fixe. Até que enfim. Já estava a ver que me tinhas acordado de madrugada para me submeteres a um interrogatório clínico sobre a puta da minha vida.

Primeiro fazemos a cobertura desta história que eu vou contar-te. É que, dessa, só eu é que tenho fotos. E, por isso, aposto contigo que nesta mais ninguém pega. Porque, nos tempos que correm, a Imprensa não publica seja o que for, por muito importante e urgente que seja, se não tiver umas fotos altamente explícitas. OK? Eu desta história tenho fotos de pessoas mortas, cobertas de sangue, que são do mais explícito que há.

Porreiro. Então conta-me lá a tua história horrível.

O fotógrafo deu um grande suspiro, encostou-se para trás na cadeira, fez estalar os nós dos dedos uns contra os outros, e começou a contar ao professor associado uma história horrível.

Encefalina

Pentapéptido isolado no cérebro dos mamíferos, dotado de actividade analgésica semelhante à da morfina. Estes péptidos fixam-se nos receptores de certas células nervosas e induzem, no humano, estados de bem-estar que podem causar sonolência.

A história de amor entre Joaquim Peixoto e os comprimidos teve um princípio assaz inespecífico, como frequentemente se diz que acontece em casos destes. Por volta da altura em que conheceu Bárbara Emília no Centro de Saúde da Cuba, andava ele pelos vinte e poucos anos, já tinha de vez em quando uns sintomas vagos de doenzazinhas sem nome, que ia paulatinamente medicando conforme as sugestões que recebia.

As insónias foram o primeiro acidente de percurso.

Aliás, começaram a assaltá-lo em 1985, exactamente na altura em que estava hospedado numa residencial de Beja com Sebastião Curto, a tentar deslindar o caso do mecânico alemão assassinado.

Ter que passar vários dias consecutivos a falar cara a cara com gente que lhe era estranha, e que lhe revelava sistematicamente visões de mundos que lhe eram desconhecidos, deu-lhe completamente cabo dos nervos. E depois o nervosismo foi subindo à medida que os seus sentimentos por Bárbara Emília - mulher casada, e muito boa moça - se foram tornando mais e mais inequívocos.

Quando voltou para Lisboa já passava mais de uma hora às voltas na cama antes de conseguir adormecer. A coisa piorou durante os dias em que andou a braços com a reportagem que tinha que entregar no fim da semana seguinte, já a perceber que ia apresentar um trabalho péssimo, e que o seu estágio de candidato a jornalista na Actualidades não teria grande futuro.

Começou por beber cada vez mais destemperadamente à noite para adormecer de puro estupor alcoólico, mas o expediente deixava-o sistematicamente nauseado e ressacado no dia seguinte.

Durante o mês de incerteza em que esteve desempregado, deitado de costas na cama do quarto, de mãos cruzadas atrás da cabeça, a olhar para o tecto e a ouvir música e a pensar na vida, as náuseas e as ressacas até lhe pareceram adequadamente românticas. A combinação da falta de sono com o excesso de álcool começou por criar-lhe uma certa dificuldade em acordar, que depois subiu ao nível de verdadeira dificuldade em levantar-se, e daqui transbordou para uma sensação matinal repetida de sonolência, de neura, uma

dificuldade enorme em começar o dia. Tudo isto lhe parecia correcto para um jovem sem grande préstimo que está completamente sozinho num subúrbio feio, sem fazer ideia do rumo a tomar com o mar de ruínas à sua volta.

Mas depois, a partir do dia em que Bárbara Emília lhe bateu à porta, deu-lhe uma grande vontade de andar sempre muito limpinho por dentro, e de acordar instantaneamente bem disposto. Como se espera dos namorados felizes, e dos jovens inspirados pela bênção inesperada de terem ao seu lado uma mulher excepcional, disposta a fazer tudo por eles.

Apeteceu-lhe ser um amante arrebatado pela noite fora, e a seguir acordar de uma só vez, cheio de graça e leveza.

Não era fácil.

E começa a chorar

A história horrível de Sebastião Curto, contada na primeira pessoa para surtir sem grande esforço o efeito que se destinava a surtir junto do público, era mais ou menos a seguinte:

São para aí oito e meia. Eu acabei de instalar no meu site duas fotos lindas de uma miúda cigana absolutamente escultural enroscada naqueles moinhos de água abandonados que estão ali ao pé do Montijo, sabes, uma coisa muito David Hamilton, com o enquadramento desfocado e tudo, mas depois toda montada com figurinhas assustadoras daquelas dos quadros do Bosh. Mas isso ainda vai dar-me muito trabalho. Então resolvo sair do estúdio, ir dar uma volta pelo Bairro Alto, parar no Majong para beber qualquer coisa e comer umas batatas fritas, e já estou a enfiar o blusão quando me batem à porta.

Bem.

Eu primeiro penso que estou a ter uma alucinação derivado às horas de trabalho árduo e ininterrupto que acabo de despejar para dentro do meu site.

Parada na porta, a olhar para mim como se eu fosse a única coisa que lhe interessa na vida, está uma gaja muita boa toda a tremer.

Mas, reparo eu passado o primeiro efeito da surpresa - olá. Temos festa.

Esta não é uma gaja muita boa qualquer.

É a mulher do chefe Valentim Pinto.

O chefe Valentim Pinto agora faz assessoria aos ministros, mas exerceu durante muitos anos ali ao Cais do Sodré, na esquadra da Rua de São Paulo. Somos amigos desde o liceu.

Nos bons velhos tempos, quando eu passava a noite na farra e ia trabalhar pela fresquinha como se não fosse nada comigo, ainda o Valentim Pinto era subchefe, um dia telefona-me depois de uma data de tempo sem nos vermos, e combinamos encontrar-nos num café que havia nessa altura no Largo de Santo Antoninho, porque ele tem uma coisa muito importante para me contar. Chego lá atrasado. Mas o Valentim Pinto acho que nem dá por nada, porque eu mal entro no café vejo-o todo debruçado por cima da mesa, a fazer festinhas na mão de uma miúda que está sentada do outro lado, e bem. Que gaja boa. Mas que gaja tão boa, tão boa, tão boa. Género, ela será a gaja do Valentim Pinto, mas eu enquanto puder vou mordê-la de cima a baixo, que os olhos também comem. E

eu lá por estar em dieta não vou deixar de consultar o menu. Linda, pá. Espantosa. Muito novinha. Muito redondinha.

Cheia de curvinhas. Pequeninha. De bolso. Carinha de boneca. Narizinho arrebitado, olhinho azul, e tudo. Uma verdadeira festa para os sentidos. E perdidinha pelo Valentim Pinto, isso está na cara. Eu a olhar para aquilo e a pensar, cabrão. Sacas sempre o melhor da festa.

É nesta altura que o Valentim Pinto levanta a cabeça e repara que eu já cheguei.

Sebastião, diz-me o gajo com a cara do homem mais feliz do mundo. Sebastião, meu velho, queria que fosses o primeiro homem de Lisboa a conhecer a minha mulher.

Levantam-se os dois para a parte dos beijinhos e dos abraços, e eu ainda meio tonto. Caraças, o Valentim Pinto, o duro, o homem que nunca levanta a voz, o homem que não se emociona, caraças. O Valentim Pinto casou-se. Está-se tudo a passar. E então ele explica-me que é a Leninha, a namoradinha de infância lá da aldeia, ele é de um sítio qualquer lá para os esconsos mais esconsos que há em Trás-os-Montes. Nunca se chibou sobre a miúda porque aquilo era a sua vida privada, mas agora achou que já estava na altura, já tinha a casinha toda montada ali na Rua da Rosa, já tinha comprado um carro decente, já constava que ia ser promovido, não era preciso esperar mais. Foi à terrinha na Páscoa e casou lá com a sua boneca.

Há poucas coisas que mexam comigo, mas por acaso a memória desse dia comove-me.

Já passaram quase vinte anos desde esse dia no café do Largo de Santo Antoninho, que já nem sequer existe.

Desde essa altura, eu passei a ser o guarda da Leninha. O Valentim Pinto estava farto de receber ameaças de morte e não lhes ligava nenhuma, mas quando constou nos meios que ele estava casado com a boneca mais linda começou a receber antes ameaças sobre o que podia acontecer à Leninha se ele não baixasse a bola. Então, sempre que precisava de passar uma noite que fosse fora de casa, vinha deixar a mulher comigo. Dizia que eu era o único gajo do mundo em que ele tinha confiança. E que eu andava sempre com tanta gente à volta, e então tudo jornalistas, que os bandidos comigo não vinham meter-se. Ai caraças, era cada noite. Eu perdido de tesão para a miúda, o pessoal à minha volta todo a babar-se, e tudo numa de respeitinho é muito bonito, que o nosso papel era tomar conta da mulher do Valentim Pinto. Houve aí muito gajo a escrever poemas à Leninha. Estava-se bem.

Depois saí da Actualidades, com a indemnização mudei-me do andar em Oeiras para um armazém de bananas no Bairro Alto, que era para poder montar

o estúdio do gajasnuas.pt de maneira a viver e trabalhar no mesmo sítio e estar sempre no centro dos acontecimentos. Os telefones fixos ficaram todos para o site e eu passei a governar-me só com telemóveis. E devo confessar que, nos últimos dois anos, nunca mais me lembrei sequer nem do Valentim Pinto nem da sua Leninha.

Agora a Leninha está aqui a tremer à minha porta, e ao fim de vinte anos está ainda mais lindinha e, por impossível que pareça, muitíssimo mais boazona. Não é só da maturidade. Eu seja cão se ela não meteu qualquer coisa nas mamas.

Eu não sei por que é que a Leninha está a tremer, mas vejo-a com um ar tão estarrecido que deduzo que só pode. O marido apanhou-a com outro e pô-la fora de casa. E ela não tinha para onde ir e resolveu vir chorar-me no ombro. Ainda mal lhe dei a mão para a ajudar a entrar, e já estou a pensar onde é que vou levá-la a jantar, e a dar graças a Deus por ser sexta-feira, que é um dos dias em que a Dona Felisberta vem limpar-me a casa e fazer-me a cama de lavado.

Ela assim que eu fecho a porta abraça-se toda a mim.

Eu também me abraço a ela, o que é que um gajo há-de fazer.

Ela aperta-me com toda a força e começa a chorar, a chorar, a chorar.

Eu faço-lhe muitas festinhas no cabelo, e vou-lhe dando muitos beijinhos, enquanto espero que ela me confesse os seus pecados para depois podermos começar os dois a pecar como deve ser.

Ela pelo meio dos soluços consegue dizer-me que há um ano que se separou do Valentim Pinto e agora vive sozinha na Malveira.

Eu penso que a história afinal não é bem o que eu imaginei, mas que, de qualquer maneira, a coisa tem todo o ar de estar muito bem encaminhada. Vá de dar-lhe mais beijinhos e fazer-lhe mais festinhas, e de mais ainda fazer tudo o que posso para conseguir consolá-la, mas atenção. As mulheres não gostam que um gajo dê sinais de já estar a pensar na parte que se segue enquanto elas ainda estão na parte de chorar. Portanto, tudo o que eu faço é ainda muito discreto.

Ela finalmente consegue dizer uma frase toda de seguida.

E é aqui que me cai o queixo.

Ela pede-me, assim de chofre e sem mais quaisquer explicações, que por favor que venha já com ela para Mafra porque tem quase a certeza que um filho da mãe da pior espécie matou a sua melhor amiga.

Eu sugiro que ela me conte melhor a história.

Ela agarra-me no pulso e desata a dizer que não podemos esperar, não podemos esperar, se formos já talvez ainda consigamos salvar-lhe a melhor amiga, e mais que eu sou o único homem além do ex em quem ela ainda confia,

mas o ex agora é um tipo muito importante e anda sempre por fora a escoltar ministros, eu realmente lembro-me de há cerca de um ano ter ouvido nas notícias que o ex foi condecorado no 10 de Junho, ela vai-me puxando para fora de casa, diz que tem medo de ir sozinha, diz que está cheia de medo, diz que por favor que eu vá com ela a Mafra, eu lá enfio os cigarros e o isqueiro no bolso do blusão, lá deito as unhas à Sónia Maria não vá esta história ser tão boa como parece assim contada pela Leninha, lá saímos para a rua, e a mulher estava mesmo a falar a sério, pelo menos nesta parte da pressa. Nem arrumou o jipe. Deixou-o no meio da rua com os piscas ligados, e já está uma grande bicha atrás dele, tudo a mandar faroladas, a berrar impropérios, e os lá mais do fundo a carregar na buzina como se tudo isto se passasse em plena luz do dia.

A Leninha enfia a chave na ignição e desata a guiar como uma doida.

Eu nem sabia que ela guiava.

Depois acende um Português Suave sem tirar os olhos da estrada.

Nunca a tinha visto fumar.

Foi o Valentim que me pôs os cornos, explica-me ela assim à laia de introdução.

Deve ter sido um momento de fraqueza, experimento eu dizer.

Ela desata a rir.

Não foi nada. Mas desculpa, isso depois eu conto-te noutra altura, agora deixa-me explicar-te a situação.

Eu já estou por tudo, e tenho a certeza absoluta de que a gente não vai a Mafra fazer turismo sexual, de maneira que encosto-me no banco, dou um golo numa garrafa de água que anda a rolar por ali, e fico à espera.

A Leninha conta-me que há cerca de dois anos, exactamente quando eu lhes perdi o rasto, acabou o curso de Psicologia e, como aquilo era o mais prático e o que estava mais à mão, foi estagiar ali mesmo para a esquadra de São Paulo.

Eu também não fazia a mais pequena ideia de que ela andava a estudar Psicologia.

Nessa mesma esquadra de São Paulo veio instalar-se pouco tempo depois uma senhora bastante mais velha do que ela, vestida de senhora e com o cabelo cortado à senhora, assim para o gorducho e sem maquilhagem, que era adjunta do ministro da Segurança Interna e andava a fazer um estudo complicado e delicado sobre a vida emocional dos polícias. Essa senhora chamava-se Maria Manuela Lemos de Almeida, era também ela psicóloga, pelos vistos possuía um coração de ouro que se encheu logo de amores maternos pela Leninha. Nos últimos dois anos, tinham trabalhado juntas todos os dias. Quando a Leninha sentiu que o Valentim Pinto andava a fugir-lhe e resolveu meter os implantes

de silicone para espetar melhor as maminhas, a Manuela fez os contactos e foi sempre com ela às consultas e à clínica. Quando a Leninha passou pelas agruras do divórcio, a Manuela foi o seu pilar de estabilidade emocional. Foram várias vezes ao cinema juntas. E, quando a Leninha se resignou à nova situação e arranjou a casa na Malveira, a Manuela ajudou-a a fazer as mudanças. E mais. Ofereceu-lhe uma data de coisas, daquelas mesmo imprescindíveis para uma casa ser mesmo uma casa, nomeadamente o trem de cozinha, o faqueiro, a televisão grande da sala, e por fim até os sofás.

A Manuela não tinha, de certeza, quaisquer problemas de dinheiro.

Mas tinha, de certeza, problemas de outra ordem sobre os quais nunca falava.

Era assim. A Manuela era sempre a primeira a chegar à esquadra, e enquanto lá estava brincava com toda a gente, tratava todos os polícias por *meu filho e meu querido*, quando argumentava com o seu ministro pelo telefone até dizia coisas como mas oh meu tesouro ou ouve lá meu doce, nunca se esquecia dos anos de ninguém, trazia muitas vezes bolinhos e chocalatinhos, punha músicas suaves a tocar para animar a tristeza impossível daquele ambiente de trabalho, tinha sempre um conselho sábio para dar a quem precisasse, e não havia quem não se sentisse melhor ao pé dela. Mas, quando o relógio se aproximava das cinco, mudava de cara. Às cinco em ponto já era uma mulher tão séria e tão tensa que ninguém que não a conhecesse teria vontade de aproximar-se dela. Saía pontualmente para se enfiar no metro e ir apanhar a camioneta a Entrecampos, e nem sequer dizia adeus. A Leninha notou mais que uma vez que ela nessas alturas amarfanhava a pega toda da mala com a pressão dos dedos.

Outra coisa curiosa era que a Manuela nunca estava disponível aos fins-de-semana.

Nem sequer para alinhar naquelas excursões que a polícia faz de vez em quando, e que certamente seriam muito proveitosas para os seus estudos psicológicos, porque não há altura em que os agentes do Cais do Sodré estejam mais disponíveis para abrirem o coração a quem quiser ouvi-los.

E preocupou-se tanto com o divórcio da Leninha, deu-lhe tantas boleias às horas de serviço para irem aos cortinados ou irem fiscalizar os homens das obras, mas aos fins-de-semana, que é quando as pessoas têm geralmente mais tempo para estas coisas, nunca se ofereceu sequer para aparecer.

Além disso, nunca justificou estas ausências com qualquer espécie de desculpa que fizesse sentido, quando lhe seria certamente muito fácil inventar uma data delas, de ter a mãezinha doente a ter o cão velho com diabetes. Nada.

Dizia só não posso, não posso, dizia isto em voz baixa, e ninguém lhe arrancava nem mais uma palavra.

A Manuela usava aliança. Era nitidamente uma pessoa que gostava de criar ambientes familiares para onde quer que fosse. Mas não tinha fotografias nem de marido nem de filhos nem na secretária, nem na carteira, nem dentro da agenda, nem em qualquer outro desses sítios onde as pessoas normalmente carregam a sua família para dentro do seu trabalho. E nunca falava nessa parte da sua vida. Nunca.

Quando lhe perguntavam, por muito bem urdida que estivesse a pergunta, ela inventava imediatamente uma mudança de assunto que deixava os interlocutores descalços.

Constava nos meios que o marido dela era juiz, daqueles muito bem colocados e muitíssimo respeitados no país inteiro. Um desses tipos que, se quisesse, podia concorrer à Presidência da República.

A Manuela, que nunca dizia uma palavra sobre esse tal juiz, chegou a oferecer-se para pagar uma semana à Leninha na York House quando ela soube da cena do Valentim e ficou à toa. Mas nunca se ofereceu para alojá-la em sua casa.

Aliás, nunca convidou ninguém lá para casa.

Houve uma altura, quando constou que o Valentim ia subir na vida e por conseguinte o seu lugar na esquadra de São Paulo ia ficar à disposição, em que as esposas de vários graduados fizeram entre si uma espécie de concurso a ver quem preparava os melhores jantares e recebia melhor lá em casa. A Manuela não foi a jantar nenhum, e nunca mencionou sequer a hipótese de receber fosse quem fosse lá em casa.

O mistério desvendou-se há cerca de três meses, numa segunda-feira em que a Manuela apareceu na esquadra com um olho negro. A Leninha chegou quase logo a seguir, e, antes de fazer perguntas, tratou de puxar da malinha da maquilhagem e começar a disfarçar aquele horror. A Manuela comentou com um suspiro que graças a Deus o encontrão na porta era de sexta-feira à noite, portanto ao menos já não estava muito inchado.

A Leninha limitou-se a dizer que, quando a Manuela quisesse falar-lhe desse tal encontrão na porta, ela estaria pronta a ouvir.

Benzodiazepina

Grupo de drogas de síntese química que dão ao princípio a sensação agradável de aliviar as sintomatologias de origem ansiosa (e estas são quase todas), por inibição do disparo do neurónio pós-sináptico. Algumas são aconselhadas no tratamento da epilepsia, porque são excelentes anticonvulsivos.

Ao fim de duas semanas em Lisboa, Bárbara Emília já tinha lavado, escovado, engomado, encerado e aspirado o T 1 de Porto Salvo de alto a baixo.

A mulher casada originária da Cuba não conhecia ninguém naqueles subúrbios. Mas não há trombas, não há cenas. E, em consequência, não há crise. Em vez de se intimidar com a solidão de Porto Salvo, agarrou-se sem demora aos seus conhecimentos nada desprezíveis na matéria de famílias alentejanas residentes na Margem Sul.

No sentido de se orientar melhor, e de explorar devidamente o território sem incomodar o Quim, foi passar três dias a casa da sua sobrinha Vi. Que além de sobrinha era melhor amiga, já que ambas tinham a mesma idade. Esta Vi de que estamos a falar é mesmo a irmã mais velha da miúda que matou o alemão em 1985. Uma mulher casada originária de Baleizão e há já vinte anos sediada em Almada, que tinha, a toda a volta de Beja, a fama consensual de ser tão bonita e elegante quanto a mais nova era escanzelada e desajeitada.

Era uma calista como há poucas, mas detestava as donas dos cabeleireiros da zona e andava mortinha por mudar de vida.

Foram as duas, numa grande animação, vasculhar o melhor e mais barato de vários saldos locais. Bárbara Emília estava firmemente determinada a transformar a casa do seu Quim num sítio mais agradável, e ainda mais firmemente determinada estava a arranjar um guarda-roupa à altura de um grande amor. Foram enchendo sacos de plástico atrás de sacos de plástico, até a situação exigir a compra de um cabaz gigantesco onde pudesse carregar-se grande parte da tralha de uma só vez. Bárbara tinha a seu favor a herança ainda intacta das origens camponesas, e portanto sabia carregar cabazes desmesurados à cabeça, e correr com eles para o autocarro, com a compostura impecável de que só as verdadeiras mulheres do povo, quando o povo ainda era mesmo povo, conhecem o segredo. A cena causou bastante furor nas ruas de Almada.

E depois, concluída a sessão de caça de tesouro, presentearam-se tranquilamente com o devido repouso das guerreiras.

Foi nessa altura, porque estavam a lanchar numa pastelaria armada ao fino que na realidade servia bolos da véspera e café com borras, e de cujas casas de banho quanto menos se falar melhor, que começaram a desenvolver um plano interessante. Uma ideia que deixou rapidamente de ser vaga para, no fim desta primeira conversa, até já ter sede em perspectiva, num estabelecimento que estava há que tempos para trespassar algures nas imediações do Seixal. Pois havia de ser exactamente nesse sítio, uma espelunca por quem ninguém dava nada enfiada num beco que não interessava nem ao menino Jesus, que iam abrir a um pronto-a-comer com serviço de take-away, especializado exclusivamente em petiscos alentejanos de alta qualidade, em cuja confecção ambas eram exímias.

Os olhos de Bárbara Emília pareciam dois tições quando chegou a casa.

Só de porco preto de montado para cima, estás a ouvir, Quim?

Tu vais ver.

É o que está a dar. Porque o povo anda farto. Quem é que disse que os pobres só gostam de trampa? É mentira. Nós vamos dar-lhes do bom e do melhor, vamos enchê-los de mimos, e vai ser um sucesso. Não acreditas?

Eu acredito em tudo o que venha de ti, meu amor, respondeu Joaquim Peixoto.

Que, obviamente, não acreditava minimamente naquele disparate dos porcos pretos de montado. Aliás, nem fazia a menor ideia do que é que distinguia os porcos pretos de montado de qualquer outro porco.

Bárbara Emília deitou mãos à obra, e passou a ir fazer planos com a Vi todos os dias. Armaram o escritório no quarto das crianças, que era onde incomodavam menos o Zé Carlos. A Vi passou a só arranjar calos em casa, com a Bárbara a tratar das marcações, para conseguirem fazer tudo ao mesmo tempo sem perderem nem um segundo nem um tostão. No mês que se seguiu, devem ter estabelecido protocolos de permutas e colaborações com o Baixo Alentejo inteiro.

Mas só com a parte verdadeira do Baixo Alentejo.

Faziam questão.

De caminho, Bárbara entrou ao acaso numa loja de discos, a pensar na possibilidade de também ter permutas de cantares alentejanos para a música de fundo. Foi assim que se encontrou de repente envolvida numa espécie de minicomício, e descobriu na Margem Sul um grupo muito estimulante, de gente mesmo gira, com tudo montado para a inauguração de uma estação de rádio só com música portuguesa e espaços de ensaio, poesia, ficção, e debate.

Ia chamar-se a *Rádio Liberdade*, e ter como slogan *Não se Dá, Só se Conquista*. Isto porque viveria exclusivamente de contribuições voluntárias dos ouvintes.

Esta política ambiciosa, difundida também ela a partir do Seixal, baseava-se na noção de que os cidadãos conscientes e activos recebem aquilo que merecem.

Bom.

Para começar, era preciso fazer muitos inquéritos, tanto nos hipermercados como no porta a porta, para aferir devidamente o que é que achavam que mereciam os cidadãos dispostos a *sacudir a sonolência crónica deste nosso país na voz passiva*. A expressão, usada nos textos de divulgação com grande frequência, era do director, um tal de Ricardo Martim Farto, doutorado em Comunicação Social numa universidade dinamarquesa ao abrigo do programa ERASMUS.

A enfermeira vinda da Cuba, e já a fazer-se empresária no Seixal, achou que a Rádio Liberdade, mesmo que não desse nenhum dinheiro a ganhar, seria uma bela terapia ocupacional para o jornalista sem sorte de Lisboa, e ainda dado à costa em Porto Salvo.

Uma semana depois de Bárbara Emília ter tomado a sua primeira bica com Martim Farto, Joaquim Peixoto já estava integrado na equipa de lançamento da Rádio Liberdade.

Esta promessa de novo arranque profissional deu-lhe a coragem de que precisava para voltar por fim à redacção da Actualidades, onde tinha deixado diversos pertences amontoados por cima da secretária. Era ainda a mesma secretária minúscula, de tampo rabiscado, francamente desengonçada, que nos primeiros dias de estagiário chegou a partilhar com Ana Mafalda.

Ana Mafalda.

Uma loira sem piedade, que primeiro fez de Joaquim Peixoto seu criado, depois copiou tudo por ele nos exames, e a seguir arrancou o pobre rapaz do curso de Direito, apenas porque queria ir tentar a sorte no jornalismo durante o Verão, mas não lhe apetecia ir sozinha. E que era agora uma muito famosa vedeta da televisão. daquelas que vêm semana sim semana não nas capas das revistas da especialidade, em poses provocantes a ilustrarem declarações surpreendentes.

Agora Ana Mafalda era tão famosa que já quase nunca ia à Actualidades.

Embora recebesse o salário por inteiro, porque o seu nome ficava lá bem.

OK, e porque assinava pontualmente o social muito snob das duas últimas páginas.

Nesse dia não pôs lá os pés de certeza, porque não se sentia, em nenhum canto de nenhum corredor, o rasto do perfume inconfundível dela. Mas sempre deu para Joaquim Peixoto trocar duas ou três reminiscências com a telefonista, que era uma grande fã da nova rapariga de sucesso. Ela parece que faz amor com as câmaras, Quim. Às vezes até fico toda arrepiadinha.

Joaquim Peixoto estava com uma certa pressa de abandonar o tema palpitante da Ana Mafalda, porque ainda agora, mas é que mesmo agora, com o esplendor moreno de Bárbara Emília a dormir tranquilo e majestoso ao seu lado, sentia umas picadinhas no coração quando via as ditas capas de revista. E é que até a parva da amante, às vezes se punha lá no T 1 de Porto Salvo a falar da Ana Mafalda como se as duas fossem grandes amigas. Tem mesmo tomates, aquela mulher, Quim. Tem mesmo. Tem uma ganda pinta.

De maneira que resolveu confessar antes à telefonista que não conseguia dormir. Era da forma que ficava mais um bocado sentado na recepção, porque assim talvez passassem por ele alguns dos antigos colegas. E, se passassem, e se ao passarem o vissem descontraidamente de prosa com a Queridinha Maria, haviam de reparar que ele estava mudado.

E depois haviam de querer saber coisas.

E então haviam de descobrir que o antigo vencido da vida agora estava a lançar-se numa carreira promissora como repórter principal de uma rádio alternativa cheia de garra e supercool. E que, ainda por cima, vivia em estado de pecado com uma mulher casada que tinha abandonado o marido por ele, e que era linda de morrer, toda morena, sempre a sorrir um sorriso muito polposo e a levar tudo à sua frente como um carro de assalto. E, se soubessem de tudo isto, talvez, talvez, sim, talvez, por que não - talvez os colegas agora o convidassem finalmente para ir com eles para os copos à noite, sinal inequívoco de que o tinham deixado finalmente entrar para o clube dos duros.

Queridinha Maria, disse Joaquim Peixoto à telefonista, depois de devidamente consideradas todas estas possibilidades.

Ouve lá, Queridinha Maria, tu queres saber o que é eu acho mesmo estúpido? Vê-me bem. Sou novo. Tenho a vida toda à minha frente. Comecei agora a trabalhar como repórter principal e chefe de redacção numa rádio superfixe. Tenho uma mulher linda que me estraga com mimos. Então e tu queres acreditar que eu, eu que tenho tudo isto, eu que tenho muito mais do que a maioria das pessoas tem - tu queres acreditar, Queridinha Maria, tu queres acreditar que eu tenho isto tudo e depois à noite não consigo dormir? - Não dormir à noite também devia torná-lo mais parecido com os jornalistas batidos da Actualidades.

Lembrava-se de ter ouvido na sala principal da redacção várias conversas sobre insónias, que contadas por eles pareciam sempre gloriosas.

Joaquim Peixoto sabia que existiam comprimidos para dormir, mas não estava muito certo de como é que se chamavam - e menos certo estava ainda da possibilidade de poder entrar tranquilamente numa farmácia, pedir aquilo sem apresentar receita, e não passar logo ali por um grande embaraço público.

A telefonista nutria ainda um certo carinho maternal por aquele rapaz. Tinha um amor tão óbvio pela Ana Mafalda que nos bons velhos tempos até lhe chamavam o cão dela. E era tão frágil. E tão destituído de atributos. De maneira que lhe aconselhou o que é muitas vezes aconselhado pelo senso comum, embora seja um disparate de todo o tamanho.

Oh filho.

Deixa-te de coisas e toma mas é um Lexotan de 1,5 miligramas antes de te ires deitar, como toda a gente.

O disparate, neste caso, é que as pessoas com dificuldade em adormecer devem tomar benzodiazepinas que funcionem como um tratamento específico para a insónia, como o Morfex, mas não propriamente benzodiazepinas destinadas a surtir resultados anseolíticos, como o Lexotan. Ainda por cima, estas drogas têm uma certa quebra de efeito sensivelmente ao fim do primeiro mês, o que deixa os consumidores desinformados ainda mais ansiosos em relação à sua capacidade de executarem a tarefa que se espera delas, mas para a qual elas não foram concebidas.

Desde que dormia ao lado de Bárbara Emília, e cada vez mais em cada noite que passava, Joaquim Peixoto tinha medo de ficar acordado. Tinha medo das ruminações ansiosas que lhe vinham com a vigília. Tinha medo de ir para a cama. E ainda mais medo tinha de apagar a luz.

Tinha um medo horrível de murmurar ternamente boa noite, meu amor, e a seguir não conseguir pregar no olho.

Se ela acordasse a meio da noite, mandavam as leis do encantamento amoroso que o visse a dormir ao seu lado de barriga para baixo com o abandono inconsciente das crianças, para que se lhe toldassem de emoção o coração e os olhos.

Não queria que ela visse antes um gafanhoto ossudo cheio de soluços.

Não queria mexer-se enquanto ela ainda estava a adormecer.

Quanto mais tentava parecer adormecido e descontraído, mais a inquietação o roía por dentro.

Ao fim de quinze dias, já tinha subido a dose do Lexotan para três miligramas.

E tomava seis de cada vez que sentia uma necessidade compulsiva de adormecer imediatamente.

O que acontecia bastantes vezes.

As benzodiazepinas são mesmo ótimos relaxantes, porque impõem ao cérebro um efeito amaciador, como se descontraíssem a tensão do dedo quando está quase a premir o gatilho. Mas isso não quer dizer que façam

necessariamente uma pessoa dormir tranquilamente, naquele sono profundo a que todos gostaríamos tanto de aceder naturalmente.

Esta limitação mantém-se mesmo que, como fazia Joaquim Peixoto, a pessoa recorra ao álcool para potenciar a actividade do anseolítico.

Um anseolítico não é um medicamento concebido para induzir o sono.

Na escalada de dose para tentar dormir, Joaquim Peixoto começou a dormir cada vez pior.

E foi tendo, também, cada vez mais dificuldade em acordar.

«Antes não tivesse acordado»

A Manuela só falou quando apareceu com o lábio inferior cortado na segunda-feira seguinte.

Agarrou na Leninha pela mão e disse-lhe dá-me só cinco minutos.

Pendurou na porta o dístico a dizer REUNIÃO URGENTE - NÃO INTERROMPER, que costumava usar quando um dos polícias se ia mesmo abaixo durante as conversas com ela, e que toda a gente na esquadra sabia que queria dizer AGORA NÃO CHATEIEM UE ESTÁ AQUI UM GAJO MUNTA DURO A CHORAR COMO UMA CRIANÇA E É CHATO. Fechou-se com a amiga no gabinete. Arrancou o telefone da ficha. Desligou o telemóvel. Pediu à Leninha que fizesse o mesmo. Ligou a máquina do café. Tirou uma garrafa de água do frigorífico portátil. Engoliu dois Lexotans. Pediu um cigarro à Leninha, embora não fumasse.

Durante a hora que se seguiu, fumou o maço todo.

E então, meu caro Joaquim. Tal como a Leninha me contou a mim ontem à noite, e eu estou a contar-te esta manhã depois de já ter visto coisas que pensei que nem o velho Sebastião chegaria a ver. A história da Manuela é a seguinte.

Aqui está uma daquelas meninas a quem já se sabe à partida que tudo vai correr bem. Não é bonita nem feia, nem esperta nem estúpida, nem talentosa nem incapaz, nem engraçada nem chata, nada a distingue da média. A família tem dinheiro. Vivem em Entrecampos. Ela tem notas que não são nem acima nem abaixo da média. Durante o curso de Psicologia começa a namorar um rapaz do curso de Direito de uma família perfeitamente decente, originária de Viseu e chegada há pouco tempo de África. Alto, moreno, sério, aplicado, bem vestido, e com uma voz de rádio absolutamente fascinante. Cortejam-se sem sobressaltos. Apresentam-se às respectivas famílias. Depois as famílias apresentam-se uma à outra.

Depois casam-se.

E, ao princípio, vivem ainda uns tempos na casa de férias de uma das famílias, na Costa da Caparica.

Isto não demora mais que dois anos, porque entretanto o rapaz já começou a construir uma casa à altura do estatuto que sabe que virá a ter, nuns terrenos da família onde por enquanto ainda tudo à volta são pinhais e passarinhos e aldeias tranquilas.

Já foi há muito tempo, Joaquim. Ainda praticamente não existiam subúrbios. Este casal queria ir viver para o campo.

O esposo acaba com notas espantosas a Escola dos Juízes, e é imediatamente colocado num posto daqueles que existem para os meninos de ouro começarem a subir. E sobe, sobe, sobe. Até ontem, era um dos juízes mais importantes e poderosos do país. E corriam, de facto, alguns rumores sobre a hipótese da sua candidatura à Presidência da República nas próximas eleições. Já se ouvia dizer que o país precisava absolutamente de um homem assim, de costas direitas, juízo recto, mão de ferro e voz de rádio.

A esposa demora bastante mais tempo a especializar-se, por causa dos anos sacrificados à carreira para dar atenção aos primeiros tempos de vida das crianças, que são duas, com bastantes anos de intervalo a separá-las.

Mas, com persistência e dedicação, lá faz um mestrado em Terapias de Alto Stress. E vai trabalhar para a polícia.

E pronto, assim vive este casal numa bruta vivenda com piscina e court de ténis para os lados de Mafra. Têm uma filha, que aliás agora também é juíza. Mas, sobretudo, têm um filho mais novo. Que é bonito, brilhante, enérgico, tremendamente promissor em termos de carreira e de fortuna. E equipado em toda a linha para, quando quiser, se casar com o melhor que o mercado tiver para oferecer. E que, logicamente, por ser o varão e o tal juiz ser um homem à moda antiga, como aliás fica bem a qualquer alto magistrado passível de concorrer à Presidência da República, é o grande encanto do pai e o seu maior investimento em termos de legado.

Este rapaz faz um dia dezoito anos, e de prenda de anos pede à mãe uma moto.

A mãe, extremosa e cheia de orgulho, acha que o seu filho merece o melhor e oferece-lhe uma máquina deslumbrante de motor belicoso.

Três semanas mais tarde, o rapaz estampa-se em toda a linha quando vai a cavalgar a dita moto como um danado pela rampa da auto-estrada abaixo, ali à entrada do viaduto Duarte Pacheco. Derrapa ligeiramente, bate no passeio, e sai disparado para cima de uma árvore com a máquina aos trambolhões por cima dele. Racha a cabeça e desmaia. Quando acorda, antes não tivesse acordado. Está paraplégico, e com o cérebro aparentemente danificado. Esta parte não fica logo ali bem esclarecida, mas a verdade é que o varão brilhante do grande magistrado passa a ter comportamentos de atrasado mental.

Como se está mesmo a ver, segue-se uma grande estafadeira, daquelas compostas com grandes pilhas de nervos, enquanto os pais aflitos andam com o seu menino de hospital para hospital, de grande especialista para grande especialista, de Londres para a Suécia, de Los Angeles para Chicago, e vai

sendo cada vez mais dolorosamente óbvio que os médicos das urgências do São Francisco Xavier tinham toda a razão. Não há nada a fazer. Assim como o varão ficou a seguir ao acidente, assim ficará para o resto da vida.

O casal recolhe a Mafra. O rapaz instala-se no quarto sentado na cadeira de rodas, e passa a exigir que o lavem, o vistam, o alimentem na boca às colherzinhas, e lhe prestem atenção sempre que ele acha que precisa. Entram e saem de cena várias enfermeiras especializadas em casos destes, e nenhuma se aguenta lá por muito tempo. A empregada de há muitos anos, intimidada pela tensão de cortar à faca que agora anda lá dentro no ar que se respira, inventa uma desculpa familiar e vai-se embora. Cada vez mais, quem trata da casa, e ao mesmo tempo trata do filho que se multiplica em exigências impostas com gritos cada vez mais animalescos, é apenas a Manuela. O alto magistrado, quando está presente, está fechado no escritório e não quer ver ninguém.

Desce então sobre a vivenda de Mafra um silêncio tenebroso.

E é nesta altura que começa o ordálio infernal da Manuela.

Somatotrofina

Hormona segregada pelo lobo anterior da hipófise, que estimula o crescimento dos tecidos e activa a assimilação de proteínas. Também conhecida por hormona de crescimento.

A certa altura, logo na semana que se seguiu à festa em que quase ninguém apareceu, e aos primeiros dias de emissão em que quase ninguém reparou, Joaquim Peixoto ofereceu-se aos colegas da Rádio Liberdade para ir fazer a cobertura do *XIX Encontro dos Laboratórios Nacionais de Indústria Farmacêutica*, que teria lugar no fim-de-semana seguinte no Hotel Orion, ali na estrada para Sesimbra, próximo do cruzamento para a Lagoa de Albufeira.

Explicou aos colegas que estava a planear encaminhar sabiamente as suas perguntas para o domínio dos psicofármacos. O que aliás, tal como muito bem explicado por ele, era um plano perfeitamente sensato. E que, como ele antecipara, caiu imediatamente no agrado da malta.

É que, por esses dias, os jornais andavam cheios de estatísticas, com números um bocado assustadores independentemente da maneira como fossem lidos, sobre a quantidade de calmantes, comprimidos para dormir, e antidepressivos, que os portugueses andavam a tomar.

O director Martim Farto prometeu-lhe três blocos de meia hora, embelezados com a possibilidade criativa de escolher algumas canções portuguesas de letras mais ou menos alusivas ao fenómeno, estás a ver aquela do Paulo Gonzo em que manhã rima com Guronzan?

Isso assim.

Fazias uma pesquisa.

Depois de muitas sugestões e reflexões deste jaez mediano, interceptadas por rompantes ocasionais de gargalhadas, concordou-se que o slogan da série de Joaquim Peixoto seria *Um país speedado... drunfado... à beira de um ataque de nervos* - devidamente debitado pela voz de baixo profundo com sotaque de Campo Maior em que o Próspero Barriga, um matulão muito escuro que fora das horas de serviço fazia segurança nos bares de Cacilhas, era genuinamente exímio.

Joaquim Peixoto ouvia-os entusiasmarem-se com os seus próprios planos, e sentia vontade de sorrir baixinho, qualquer coisa entre o triunfo e a maldade.

Quase como os sorrisos dos adultos quando estão a ouvir as conversas das crianças.

Eles não podiam saber, nem precisavam.

Mas ele estava a enganá-los a todos.

Só queria ir ao XIX Encontro e orientar as conversas para os psicofármacos para ver se se informava melhor sobre verdadeiros comprimidos para dormir.

Talvez até lhe dessem umas amostras.

Mesmo assim, ainda se deu ao trabalho de passar os olhospelos recortes com os tais números assustadores que vinham nos jornais, uma pilha muito bem arrumada, e até já com algumas anotações e sugestões, que a Laurinda Rebordão veio entregar-lhe à secretária. Era a boazona do Fogueteiro que exercia as funções duplas de recepcionista e secretária de redacção. E que a ambas se dedicava com igual intensidade metodológica, porque andava a estudar Psicologia à noite no Instituto Júlio Roberto de Novas Direcções, e tudo para ela eram importantes experiências humanas.

Joaquim Peixoto tinha deixado de dedicar longas horas árduas ao trabalho de casa desde que a rádio lhe permitia não ter que escrever. Regra geral, agora preferia apontar o microfone para as bocas das pessoas e deixá-las despejar o saco ou observar o silêncio a que tinham direito, conforme lhes apetecesse. Ele nem precisava de ouvir assim com muita atenção. Apenas o suficiente para ir plantando na conversa aqueles *como, porquê, ou explique-me isso melhor*, que geralmente garantem que o interlocutor continua a falar sozinho, como se lhe tivessem simplesmente metido mais uma moeda. Depois punha aquilo tudo assim no ar, tal e qual, com uma música portuguesa aqui e outra ali só para fazer tempo, se bem que toda a gente acreditasse que era para criar ambiente.

Aliás, toda a gente acreditava que aquilo era um estilo.

O director chamava-lhe *aquele teu estilo depurado*.

Deduzia-se lá na Rádio Liberdade que aquilo era um estilo vanguardista, aprendido nos tempos em que o namorado da Bárbara fazia jornalismo para a Actualidades, a partir das novas instalações com ar condicionado sitas à Quinta do Lambert. E essa posição de sonho Joaquim Peixoto só tinha largado por amor, tal como por amor Bárbara Emília tinha largado o seu delegado de propaganda médica na Cuba. Era mais ou menos esta a versão heróica dos acontecimentos que Bárbara Emília teve o cuidado de pôr a circular nas suas primeiras bicas com Martim Farto, ainda antes de empurrar discretamente Joaquim Peixoto para dentro da Rádio Liberdade.

Talvez por se sentir vagamente culpado por não dar qualquer espécie de importância ao trabalho todo que Laurinda Rebordão lhe preparara com tanto esmero, Joaquim Peixoto sentiu-se na obrigação de mostrar-se profundamente

agradecido. Disse-lhe que o dossier estava ótimo, e que já era meio caminho andado, e mais que dava mostra de uma forte preparação anterior na matéria, já que ela, sendo de Psicologia, tinha certamente estudado imenso os psicofármacos. E devia achar um grande disparate as pessoas tomarem-nos em quantidades tão obsessivas.

Deves estar a brincar comigo, Quim.

Não percebeu se o sorriso dela era de ironia ou de cumplicidade. Depois viu uma lágrima a brilhar-lhe ao canto do olho.

Mediu discretamente a distância da sua secretária até à porta, mas não havia nenhuma maneira de ir de um sítio até outro sem desviar Laurinda Rebordão do caminho. Ela já se tinha inclinado para a frente.

Vai fazer-me confidências.

Ela agora tinha mesmo dois fiozinhos de lágrimas a correrem-lhe pela cara.

Eu, Quim sabes eu... Eu tenho uma vida tão horrível... tão horrível... tenho uma vida tão horrível que a única coisa que me aguenta viva durante o dia é saber que há uma hora em que o marido e os filhos hão todos de estar na cama. E então eu hei-de respirar fundo, e ir ao armário da casa de banho buscar o meu comprimido para dormir. E pronto, daí a dez minutos vou estar livre disto. Vou estar livre disto durante uma data de horas.

«Coisas que não deixam marcas»

Sebastião Curto encostou os dois braços ao estômago quando começou a contar a Joaquim Peixoto o ordálio da Manuela, tal como ele lhe fora contado na véspera pela Leninha.

No julgamento do alto magistrado, a culpa da destruição imperdoável do seu precioso filho varão tão cheio de promessas é toda, indiscutivelmente, da esposa. Se a insensata da mãe não tivesse oferecido a assassina da moto ao ingênuo do menino na alvorada da maioridade, ainda hoje o rapaz andaria são e escoreito, a somar de dia para dia cada vez mais trunfos para vir a ter um futuro magnífico. A sua raiva, a sua frustração, e sobretudo a sua impotência para conseguir fazer reverter o tempo ao dia em que o rapaz fazia dezoito anos para ser um adulto feliz e poderoso, viram-se todas contra o único alvo que resta, a entidade criminosa que pôs nas mãos de um inocente um brinquedo perverso destinado a trucidar sonhos.

Por outro lado, já ninguém sabe o que é que o rapaz pensa, mas o que o rapaz faz é incontornável. O rapaz, da sua cadeira de rodas, grita pela mãe o dia inteiro. Quando não tem resposta imediata, grita ainda mais alto insultos e ameaças, ou apenas uivos incongruentes que atormentam a vizinhança.

O alto magistrado começa a opinar com cada vez mais insistência que a obrigação da Manuela é deixar de trabalhar para poder tomar conta do filho. E, quando não recebe resposta da esposa às suas opiniões, transforma-se num monstro.

Mostra-lhe pistolas. Deixa-lhe rolos de corda aos pés da cama. Fala-lhe de homens que mataram as suas mulheres. Quando a Manuela começa a ter medo e a trancar a porta do quarto à noite, diverte-se a passar horas num trabalho silencioso e meticuloso de espatifar a fechadura e voltar a partir sem dizer nada, só para ela saber que, por muito que se tranque, nunca estará livre da justiça do juiz. Quando a Manuela começa a encostar móveis à porta durante a noite, diverte-se a vir carregar armas para o corredor mesmo diante do quarto, ou então a afiar facas na pedra da soleira. Vai ganhando o hábito de, enquanto faz isto, sussurrar insultos e impropérios. Depois começa a sussurrar ameaças. Depois sussurra descrições variadas de como vai matá-la quando achar que chegou a hora.

E, durante o dia, vai tranquilamente ser juiz e potencial candidato de respeito à Presidência da República.

Mas, quando volta para casa, ainda antes do início das actividades nocturnas, às vezes há qualquer coisa que não está absolutamente ao seu agrado, e a raiva do rei sem varão rebenta à superfície em agressões físicas que já nem incluem palavras. Pode ser um murro no olho, pode ser uma bofetada na boca, podem ser muitas outras coisas que não deixam marcas.

Aos fins-de-semana, é sempre pior.

Morfina

Alcalóide extraído do ópio, passível de induzir estados descritos pelos consumidores como de sonho acordado, ou mesmo de transe. É um narcótico e analgésico muito potente, devendo reservar-se para os casos graves, por ser estupefaciente.

No dia seguinte, às nove da manhã, Joaquim Peixoto entrou de crachá ao peito da Tropical Lounge no Hotel Orion, pronto para passar o dia à conversa com representantes de produtos farmacêuticos. Havia de voltar para casa cheio de catálogos, de caixas, de prospectos, uma erudição na matéria novinha em folha e estritamente de ordem prática. E três blocos de reportagem, nada mau num sítio onde era tudo pago à peça. E mesmo assim só ao fim de dois meses. E mesmo assim só depois de chatear muitas vezes o Pedro Florindo da contabilidade. E mesmo assim só aquelas fracçõezinhas de lucro que sobravam depois de pagas as contas e feitas as distribuições, a partir das contribuições sempre magras dos ouvintes e beneméritos.

Bom. Digamos que o fim-de-semana não decorreu exactamente como estava previsto.

Os relações públicas que lhe apareciam nos stands dispostos a começar a falar para o gravador gostavam sobretudo de falar de como as suas empresas tinham, acima de tudo, o interesse aferido para o bem-estar do público, e não para a acumulação de lucros. Também gostavam muito de referir a quantidade obscena de dinheiro que o Estado lhes devia só em participações atrasadas, e como é que querem que a gente trabalhe assim. E todos pareciam fazer muita questão de jurar a pés juntos que nunca tinham oferecido a nenhum médico nem um único telemóvel, nem um único carro, nem sequer uma única viagem a paradiços tropicais para toda a família.

E depois todos acrescentavam que sim senhor, era verdade, era verdade mesmo que alguns laboratórios até faziam isso e muito mais, e eles se quisessem até podiam desatar a dar nomes. Mas eles, o laboratório deles, não, isso nunca. O laboratório deles não comprava os favores dos médicos. Se alguém disse ao senhor jornalista que a nossa empresa é que foi aquela tal que ofereceu *Lancias* aos médicos, isso é um mal-entendido grosseiro e certamente mal-intencionado. O que nós oferecemos foram ambulâncias para os hospitais. Mas já se sabe como é. Os jornalistas querem sempre transformar tudo num

escândalo. E depois ninguém lê o desmentido que vem no jornal da semana seguinte.

Psicofármacos era um assunto que todos afastavam habilmente da conversa, ao mesmo tempo que faziam de conta que estavam a responder à pergunta. Perante gente tão bem treinada, Joaquim Peixoto sentia uma grande falta de munições.

Acabou por ir sentar-se na sala onde estava a decorrer uma sessão sob o tema Terapias do Sono na esperança de aprender aí alguma coisa.

Mas os palestrantes usavam os nomes dos compostos químicos, em vez de se descoserem sobre o nome normal dos comprimidos. E havia tantas menções a vias metabólicas que ele desconhecia em absoluto, e tantas alusões a resultados no ratinho que pareciam impressionar deveras a audiência mas que para ele eram indescodificáveis, que o pobre repórter às aranhas ainda chegou a passar pelas brasas. Acordou sobressaltado a ouvir um catedrático de neurologia, de fato e gravata e óculos severos, a dizer que isto de as pessoas terem que dormir oito horas era um mito. Para muita gente, a necessidade real de sono é muito menor. E, portanto, anda muita gente a enfrascar-se em hipnóticos inúteis para dormir horas desnecessárias. E este esclarecimento fundamental não é suficientemente divulgado porquê?

Nessa altura, Joaquim Peixoto teve mesmo a certeza absoluta de que estava para ali a perder tempo.

Logo a seguir, começou a sentir no estômago um prenúncio de azia.

Estes prenúncios de azia também andavam a subir de tom ao longo dos últimos dois anos. Da primeira vez, ele assustou-se porque nem sequer sabia o que era aquilo. Agora puxava rotineiramente o Ulcermin do bolso de trás das calças e chupava a carteira assim que a rasgava, com um gesto único, eficiente e profissional. Viu um caixote do lixo ao pé da porta e foi até lá deitar a carteira vazia, pensando que era uma boa maneira de a seguir ficar ainda por uns minutos encostado à parede, para a seguir poder deitar um olhar atarefado ao relógio, poder sair dali depressa com o ar inequívoco de quem vai cumprir uma missão, e depois poder finalmente desaparecer rumo ao sossego misericordioso de casa.

Àquela hora, de certeza que a Vi e a Bárbara Emília ainda estavam a pôr os últimos retoques decorativos no tal sítio do pronto-a-comer de grande qualidade, que já ostentava por cima da porta, em letras esguias que brilham sobre um fundo branco opaco, uma placa com os dizeres *Lugar do Coentro de Ouro*. E o repórter precisava de adormecer profundamente antes da mulher chegar a casa, para não ter que sentir o contraste incómodo entre a deriva dele e o entusiasmo dela.

«Isto é tão sinistro»

Porra, murmurou Joaquim Peixoto, já a sacar outro Paxilfar de dentro do bolso das calças.

É para que saibas, meu anjo, respondeu Sebastião Curto a acenar para o empregado com um vigor um bocado indevido, porque já estava farto de tentar pedir outra bica. Isto pode ser sempre pior que um gajo ser docente do Pólo do Bombarral da Universidade Livre Agostinho da Silva.

Eh pá, Sebastião, eu não aguento o meu Bombarral e o teu juiz os dois ao mesmo tempo. Então diz lá, há três meses essa Leninha descobre que essa Manuela vive no maior dos infernos, e que pelos vistos nem um mestrado em Terapias de Alto Stress dá para lidar com o caso, nem ser adjunta do ministro da Segurança Interna lhe serve para nada. E depois?

Sebastião Curto acendeu um cigarro e franziu as sobrancelhas. Passou a mão pelos olhos antes de recomeçar a falar.

A Leninha diz que tentou tudo. Convencê-la a sair de casa, oferecer-lhe a sua própria casa, oferecer-se para ir a Mafra com ela buscar as coisas não fosse a besta aparecer sem aviso ou o filho assarapantar a vizinhança aos uivos, até chegou a insistir para que ela apresentasse queixa à polícia, o que, no sítio onde elas as duas trabalhavam, não era assim propriamente uma coisa muito difícil de fazer. A Manuela encolhia os ombros e dizia que não havia nada a fazer. Desse lá por onde desse, não era capaz de fugir e deixar ali o filho. E, com o filho aos berros e aos pontapés na cadeira de rodas, também não podia fugir para lado nenhum.

Traz o miúdo para minha casa, disse a Leninha.

Ele vai lá buscar-nos, respondeu a Manuela. E ainda te faz mal a ti por cima.

Eu tenho muitos amigos na polícia, recordou-lhe a Leninha.

E ele tem muito poder nos tribunais, explicou-lhe a Manuela.

As conversas das semanas seguintes nunca passaram muito disto, tirando quando a Manuela se entusiasmava com um qualquer novo progresso da medicina que talvez devolvesse ao filho a vida que o pai sonhara para ele.

As bolsas de oxigénio nunca duravam mais que dois ou três dias. O tempo de a Manuela conseguir chegar à fala com o especialista em causa, onde quer

que fosse que esse especialista estivesse no mundo, e acabar por ouvir dizer que o novo progresso da Medicina não se aplicava ao caso do menino de oiro.

A Leninha ainda discutiu com o Valentim a hipótese de se porem sempre dois polícias a vigiar a casa à noite e ao fim-de-semana, e o Valentim foi estudar o assunto com seriedade. Mas acabou por perceber que uma vigilância dessas implicaria necessariamente a entrada de uma queixa específica num qualquer tribunal, e que nenhum dos seus superiores ou subordinados estava assim com muita vontade de se ver associado a queixas contra o juiz de Mafra que talvez se candidatasse a Presidente da República. Aliás, foi claramente dissuadido de mexer um dedo que fosse em relação àquele estrito assunto de família, do qual assim como assim só se conhecia uma das versões. Sustentada apenas por uma testemunha disposta a falar. E a Leninha era testemunha de quê, bem vistas as coisas? Um olho negro pode mesmo ser causado por um encontrão numa porta. E há diversas maneiras de uma pessoa ficar com um lábio cortado.

A Manuela, quando isto voltava a vir a lume entre as duas, limitava-se a encolher os ombros. Uma vez explicou à Leninha que os vizinhos já tinham chamado duas vezes a GNR a meio da noite, por causa dos gritos dele e dos gemidos dela que às vezes escapavam para a rua. Da primeira vez, o juiz nem sequer se deu ao trabalho de abrir a porta. No dia seguinte, fez um telefonema para o comandante. Da segunda vez, abriu a porta de roupão chinês e de cachimbo na mão. Olhou para o desgraçado do agente de alto a baixo e disse, apenas, pelo meio de uma baforada de fumo, outra vez? Oh homem, vá para casa. E tenha cuidado. Eu não preciso de mexer mais que um dedo para dar cabo da sua vida.

Depois foi soltar o cão, e a seguir voltou a fechar a porta.

O desgraçado do agente viu-se e desejou-se para conseguir chegar ao carro sem um naco de carne a menos.

Ele mata-me, dizia a Manuela de vez em quando. Um dia destes, ele mata-me.

Ultimamente, já toda a gente na esquadra sabia que de vez em quando a Manuela dizia isto.

Na quarta-feira, a Leninha notou que a Manuela estava com uma pressa de sair que nunca lhe tinha visto antes. Havia um jantar combinado para essa noite entre vários polícias e amigos de polícias que gostavam de muamba, ela bem tentou convencer a amiga a deixar-se ficar com eles e vir apanhar ar; Debalde. Às cinco em ponto a Manuela enfiou todos os papéis do expediente dentro da pasta, vestiu a gabardina, atou o cinto, passou o cachecol à volta do pescoço, e saiu a correr com um vago adeus dirigido a todos os presentes. A

Leninha estava de costas, a tentar consertar a quinta avaria da impressora nessa tarde, e quando se virou a Manuela já ia ao fundo das escadas.

Sem saber porquê, sentiu um arrepio na espinha quando a viu desaparecer.

Ela sabia que desta vez ia mesmo morrer, Sebastião.

Isto era o que a Leninha estava a dizer ao fotógrafo ao princípio da noite de sexta-feira, disposta a arrancar para Mafra mas sem saber a quem pedir ajuda. A Manuela não voltara ao serviço na quinta, e também não voltara na sexta. Tinha o telemóvel desligado. Ninguém atendia de casa. O Valentim dizia que ainda não existiam suficientes dados para a polícia poder intervir sem alguém apresentar uma queixa.

Não me perguntes porquê. Não sei. Foi um feeling que eu tive quando a vi sair. Ela saiu dali para ir ao encontro da morte.

Tendo entretanto o campo desaparecido, e a Área Metropolitana de Lisboa passado a ser uma monstruosidade disforme, que se estendia sem interrupções nem marcos de navegação entre a Rua do Norte e a Rua das Saudades de Bernardim Ribeiro Poeta, demoraram muito tempo a encontrar a famosa casa com piscina e court de ténis construída nuns terrenos da família do rapaz que veio de África. Já passava das onze quando finalmente pararam o jipe diante do portão.

Ai, Sebastião, fez a Leninha.

Agarraram com muita força na mão um do outro.

Não se lobrigava vivalma.

Nas vivendas mais próximas, visíveis entre o que restava dos pinheiros, já quase todas as janelas estavam às escuras. E, para lá das poucas ainda iluminadas, não se adivinhava a presença de ninguém.

Do lado de dentro do muro, o cão estava preso. E gania, gania, gania, uns ganidos já roucos, engasgados, arrastados, uns ganidos de animal desesperado que só de si assombravam a noite na Rua das Saudades de Bernardim Ribeiro Poeta.

O casarão estava todo às escuras, tirando um candeeiro ao estilo rústico pendurado do alpendre da entrada. No arco da luz via-se a caixa do correio a deitar por fora.

Isto é tão sinistro, sussurrou a Leninha, toda encostada ao fotógrafo e toda a tremer.

Sebastião Curto pendurou a Sónia Maria ao pescoço, aconchegou-a dentro do blusão, certificou-se de que a lanterna do porta-chaves funcionava, enfiou as luvas, pôs a mão no fecho da porta, e com a outra mão agarrou na cabeça da Leninha para lhe dar um beijo suave nos lábios.

Coragem, miúda. Não saias daqui. Agarra bem o volante, e tranca tudo. Se vier um monstro com uma pistola atrás de ti, arranca depressa e fica a dar voltas ao quarteirão até voltares a ver-me. Eu não demoro.

À passagem, reparou que o cão não tinha nem água nem comida.

A porta principal estava trancada e bem trancada. E vários halterofilistas juntos não conseguiriam deitá-la abaixo.

Sebastião foi experimentar as outras. Que ele descobrisse, a casa tinha pelo menos mais quatro. Igualmente trancadas e invioláveis. O fotógrafo bateu em todas. Deu-lhes murros. Pontapés. Gritou. O cão parou de ganir.

Não veio um som de dentro de casa.

A portada de uma das janelas estava entreaberta. Dava para o que parecia ser a cozinha, a avaliar pelo bocadinho de azulejo do chão que ele conseguiu entrever quando apontou para lá a lanterna.

Olha, porra, que se lixe. Todos para a frente e fé em Deus.

Teve que voltar atrás para ganhar balanço três vezes, e ainda fez uns cortes na cara e nas mãos. Agora estava cheio de arranhões e nódoas negras. Mas ao terceiro encontrão com o ombro esquerdo o vidro partiu-se mesmo, e a portada entreaberta deslizou para trás devagarinho, a revelar um rectângulo inteiro de azulejo de cozinha. Sebastião Curto ainda demorou uns bons dez minutos, pontuados por várias imprecações de cada vez que se espetava num dos cacos mais pequenos agarrados à madeira, a encontrar o fecho da janela e a conseguir destrancá-lo.

Depois entrou.

O seu primeiro instinto foi procurar um interruptor para acender a luz.

Ficou assim a saber que, dentro de casa, a electricidade estava desligada.

Cheirava à Guiné.

Sebastião Curto estava a morder a boca por dentro e a rosar baixinho quando encontrou as escadas e começou a subi-las. Apagou a lanterna, que tornava tudo à sua volta ainda mais fantasmagórico e lhe atrapalhava os movimentos, e deixou-se guiar pelo olfacto.

Foi parar diante de uma porta que estava aberta.

Entrou muito devagar, até perceber que já estava próximo de qualquer coisa que ninguém queria ver, porque era dali mesmo que vinha o cheiro.

Susteve a respiração.

Acendeu a lanterna.

Deu dois saltos para trás e parou encostado à parede.

A luz da lanterna, agarrada já só pela ponta dos dedos, estava a tremeluzir por cima do cadáver de uma senhora que devia ter sido a Manuela.

Estava deitada na cama. Nua. Amarrada. Amordaçada. Com os lençóis puxados até ao cimo das pernas. E três tiros enfiados na cabeça à queima roupa junto ao olho esquerdo, que tinham espalhado sangue, e bocadinhos de osso muito pequeninos, e bocadinhos de miolos ainda mais pequeninos, por cima de toda a cama e de toda a alcatifa à volta da cama.

Sebastião Curto fechou os olhos. Voltou a abri-los. Apertou os dentes com força uns contra os outros. Refez-se da tontura que lhe tinha revirado o estômago.

E, a seguir, puxou da Sónia Maria.

Gonadoestimulina B

Hormona segregada pelo lobo anterior da hipófise. No homem, exercem a sua acção sobre as células intersticiais do testículo, estimulando a produção de testosterona.

Vários meses antes da separação, mas já na altura em que ambos andavam a senti-la como uma espécie de mostrengo que rondava o horizonte em círculos que se iam apertando cada vez mais em torno do T 3 de Fernão Ferro, Bárbara Emília resolveu fazer uma daquelas coisas que ela sabia perfeitamente que consta dos manuais que as pessoas fazem nestas alturas, e que nunca adiantam de nada. Mas decidiu ir em frente assim como assim, porque estava mesmo a precisar de uma mudança lá em casa. Qualquer aparência de vida nova, por mais pueril que fosse, que a ajudasse a aguentar em silêncio durante mais uns tempos.

Foi ter com a Catarina à Escola Júlio Roberto de Novas Direcções. Lancharam as duas no Lugar do Coentro de Ouro. E, a seguir, arrancaram para a Largiro, onde a ideia era comprarem um conjunto de mobília e revestimento novos para a cozinha. O sítio da casa onde eles os três passavam mais tempo juntos.

O marido ia estar duas semanas fora num curso de valorização profissional em Bruxelas, que ela própria bem se tinha esfalfado em encomendas extras de aperitivos, e de queijinhos de ovos e amêndoas, para poder pagar a pronto e dar em casa a impressão que era de graça.

Catarina aproveitou para resmonear que o pai nem ia dar por nada, porque de qualquer maneira andava sempre na vida como se tivesse uma faixa a tapar-lhe os olhos. Ao que Bárbara Emília, que sabia que não devia, não conseguiu deixar de rir com vontade. No fim, limitou-se a baixar a voz num tom ternamente conspiratório e sussurrar, enquanto fazia uma festinha no cabelo encaracolado da filha, oh Catarina Eufémia. Ao menos entre nós as duas não há cenas, não há trombas, então? Tu pela tua rica saúde não sejas tão mazinha para o pai, porque para isso já basto eu lá em casa.

Nessa altura tiveram que demolir completamente a despensa antiga, o que fez com que fosse preciso guardar tudo o que lá estava dentro em caixotes.

Durante a operação, enquanto procurava ser tão cuidadosa quanto possível com as caixas, e latas, e frascos, de todos os medicamentos do marido, Bárbara Emília descobriu um livro francês que ele pelos vistos tinha sempre

guardado por baixo das gavetas, e que se encontrava razoavelmente recheado de setas, e sublinhados, e páginas com cantos dobrados.

O livro chamava-se *Duzentos Medicamentos para nos Ultrapassarmos Física e Intelectualmente*.

Na semana que ainda faltava para o marido regressar do curso, Bárbara deu voltas e mais voltas à cabeça para decidir qual era a reacção mais adequada para lidar construtivamente com aquela descoberta.

Falou com a Vi. E depois falaram as duas com a assembleia de mulheres que já tinha por hábito ir fazer um clube privado extremamente interactivo para o Lugar do Coentro de Ouro, primeiro ao pequeno-almoço, depois durante a hora do almoço, e depois a partir da hora de saída dos empregos.

Para atraírem mais clientela, e em igual medida porque ambas sabiam por experiência própria de que é que as mulheres precisam, as duas sócias tinham começado por oferecer serviços de calista in loco, juntamente com serviços de costura assegurados por elas próprias.

A iniciativa teve imenso sucesso, pelo que juntaram aos botões, e às bainhas das calças, e aos calos das pobres mulheres trabalhadoras, um serviço esmerado de baby-sitting. Era um cantinho do Coentro que agora estava protegido por uma cerca de plástico macio colorido, muito bem arranjado, recheado de brinquedos criativos, e cheio de pinturas felizes de astros e de pássaros.

Durante o dia, asseguravam também elas próprias o trabalho. E convocavam as três sobrinhas da Vi pelo lado do marido, que eram todas universitárias do Monte da Caparica, para prestarem os mesmos serviços durante a noite.

Logo a seguir decidiram criar um serviço de explicações ali mesmo, porque repararam que também havia um contingente crescente de mulheres que gostavam de ir pôr a escrita em dia para o Coentro quando saíam do trabalho, depois de terem ido buscar os filhos à escola. Com o pretexto das explicações, agora algumas dessas mulheres tinham um pretexto familiar acima de toda a suspeita para se descontraírem durante uma hora. As crianças precisam de muita ajuda, Marco. Entretanto, outras tantas dessas mulheres tinham um ambiente acolhedor e festivo para ganharem mais umas massas. Assim já podemos consertar o cano roto da cozinha, Telmo.

Além disso, o acesso à cozinha era livre, pelo que muita gente aproveitava para aprender os segredos mais simples de Bárbara e Vi, enquanto elas aproveitavam para terem uma ajudinha.

O Útil e o Agradável, era o slogan que elas punham nos anúncios fotocopiados distribuídos porta a porta pelas caixas do correio da região.

Tudo isto, escusado será dizer, atraía também muitos homens ao Coentro. Uns eram indiscutivelmente mais sensíveis que outros, mas todos partilhavam entre si aquela curiosidade sempre latente nos homens sobre de que é que as mulheres falam quando estão sozinhas.

E toda aquela gente, incluindo uma quantidade razoável de homens sensíveis, ou pelo menos sensíveis ao tema, tinha conselhos e opiniões a fornecer sobre o caso dos comprimidos de Joaquim Peixoto. Estas opiniões cobriam um espectro muito vasto. Iam desde Bárbara, que era enfermeira, substituir o interior das cápsulas de gelatina por açúcar, até Bárbara, que era enfermeira, descrever pormenorizadamente ao seu homem a morte lenta e humilhante que o esperava devido ao seu abuso de drogas não controladas.

Ou talvez Bárbara, que se dizia disposta a tudo para fazer o seu homem feliz, prescindir de andar sempre tão bonita e tão bem arranjada. Para não lhe fazeres tanta sombra, rapariga. Tu fazes uma sombra enorme à tua volta, já deste por isso? Para quem está de fora é uma sombra agradável, mas ele, coitado, deve sentir-se sempre uma sola de sapato ao pé de ti.

Eu pensava que os homens gostavam de mulheres bonitas, senhor engenheiro.

Os homens gostam de mulheres bonitas se essas mulheres forem as mulheres dos outros, senhora enfermeira.

Olha-me este, protestaram logo várias vozes femininas. Vocês alguma vez nos perdoam se nos levam a jantar com os vossos amigos e a gente nem teve tempo para ir arranjar o cabelo nem para aplicar a maquilhagem como deve ser?

Havia outro engenheiro que estava com o primeiro engenheiro, mas que ainda não tinha participado na conversa porque andava para cá e para lá, agarrado ao telemóvel, a discutir febrilmente com a mulher a compra de um Smart Car em promoção. Que ele só queria se fosse preto e branco, e descapotável. Preto e branco. Descapotável. Só tem graça se for descapotável. Já tinha repetido esta parte do descapotável uma data de vezes quando as mulheres contra-atacaram. Nesta altura desligou o telemóvel, e meteu-se ao barulho em defesa do amigo.

Oh minhas senhoras. Como se a gente não tivesse que aguentar com toda a paciência do mundo aquelas horas todas que passam ao espelho, e as vossas manias das rugas e das peles não sei onde, e mais aqueles cremes peganhentos que levam na cara quando vêm connosco para a cama, e mais... esperem aí. Ilda? O que é que foi? Eles podem mudar de cor? Mas género, como o Swatch? Não, mas esses não são os dos estofos de lona com bonequinhos? Não quero, pá. Não, quero lá saber do leitor de CDs, é preciso é que seja preto e branco e

descapotável. Pois. Está bem, se não houver pode ser só preto. Mas descapotável. Desculpem, minhas senhoras, onde é que eu ia? Ah. E aquelas pastas de gel com um cheiro horrível que vocês metem na barriga e nas pernas para verem se emagrecem, e depois queixam-se que a gente já não tem o amor que tinha dantes? E ainda por cima vão sempre todas giras para o trabalho, mas para estarem com a vossa família está quieto oh preto. É ou não é? Ah, e mais... esperem, desculpem. Ilda? O quê? Mas esses não estão em promoção? Está bem, então vê lá quais é que estão em promoção e são descapotáveis. Se não for descapotável não quero, ouviste, Não me apareças lá com ele em casa, que eu dou-o logo aos pobres.

Ai senhor engenheiro, suspirou a Rosa Maria. Diga-me lá se isso não é mesmo um caso típico do homem com um vazio interior brutal a tentar enchê-lo com bens de consumo.

Eu ao menos posso enchê-lo com bens de consumo, respondeu o engenheiro com um sorriso sádico. Sabe porquê? Porque tive juízo, e escolhi fazer consultorias, em vez de dar aulas, como vocês. Diga-me lá, e a senhora hã, sem ter dinheiro para comprar Smart Cars em promoção, como é que enche o seu vazio interior? Vá, explique-me.

A Marieta aproveitou o burburinho causado por esta última troca de galhardetes para puxar Bárbara Emília pelo cotovelo e baixar a voz.

Ouve lá, Bárbara Emília. Agora a sério. De mulher para mulher, e olha que eu já cá ando há muito tempo. Tu, sobretudo, nunca o deixes saber quanto é que andas a ganhar aqui no Coentro. Abre uma conta separada, só em teu nome, transfere para lá o grosso da massa, e faz-te passar por pobrezinha. O teu homem, se é homem, não deve viver nada bem com a ideia de que és tu quem sustenta a família.

Pois, suspirou Bárbara Emília. De cada vez que me foge a boca para a verdade e antes de me lembrar de morder a língua já lhe chamei chupista, bem. É que são dias e dias sem me falar.

Por essa altura, aparecia muitas vezes lá no Coentro um psicólogo todo morenço e incrivelmente mais risonho do que a média, chamado Luís Miguel Neto. Vivia no Estoril, mas andava a tentar montar no Seixal um programa especial de apoio aos rapazes, cada vez mais numerosos, que já ultrapassaram os vinte anos, nunca cumpriram a escolaridade mínima, não fazem a menor ideia do que é que querem fazer na vida, e vegetam enfiados na casa dos pais a fazer zapping e a frequentar a noite até ser dia. Ao ouvir a última réplica de Bárbara Emília, este psicólogo hedonista da escola de Epicuro abraçou-a pelos ombros com uma grande gargalhada.

Oh Bárbara, então é a chamar-lhe chupista que você quer que ele se distraia e seja animado e espontâneo ao pé de si? Nenhum homem aguenta que lhe remexam assim nas suas feridas narcísicas.

Feridas narcísicas, repetiu Bárbara Emília, pensativa. E eu que pensava que eram só uns pares de berros. As coisas que a gente aprende neste Coentro, palavra de honra.

Oh minhas filhas, proclamou uma voz de contralto. Vocês não estão a ver o fundo da questão. O que a Bárbara precisa mesmo de fazer, como aliás todas nós, é aceitar que é melhor e mais produtivo fazer surf na crista da onda do que tentar lutar contra ela. Temos que passar a tratar os nossos homens como as leoas tratam os leões. Os animais é que sabem. Estão a ver? As leoas trabalham o dia inteiro, tratam dos leõezinhos, educam-nos, caçam, arrastam as presas até ao território delas, e depois afastam-se e deixam o leão servir-se primeiro. O leão, entretanto, esteve todo o dia a dormir à sombra. E está imponente, regado, feliz. Não é isso que vocês querem dos vossos homens? Não vêem nos documentários da vida selvagem como os leões estão sempre a dar prazer sexual às leoas? Então pronto. Se a gente insiste em querer por força que eles trabalhem, e pior um pouco que nos ajudem, e ainda pior que falem connosco e compreendam o que é que a gente está a tentar dizer-lhes, passamos a vida numa guerra de nervos. Se os deixarmos em paz, eles de vez em quando brincam com os leõezinhos, e de vez em quando mandam-nos umas grandes quecas, e estão sempre satisfeitos. É completamente consensual que a gente tem que trabalhar muito mais do que eles, não é? Essa guerra já está perdida, não está? Então pronto, a gente do chão abaixo também já não pode cair. Deixem de fazê-los trabalhar, desistam de contar com a ajuda deles, sobretudo nunca falem dos vossos sentimentos, e vão ver como tudo melhora lá em casa.

Alguns dos homens sensíveis presentes discordaram.

Então e a quantidade de pais que têm aparecido ultimamente a reivindicar o direito a executarem as tarefas que a sociedade entrega cegamente às mães?

E os pobres pais a quem a sociedade não dá nem o direito de irem buscar os filhos à escola?

E os pais desesperados a quem o tribunal recusa a custódia dos filhos, mesmo quando a mãe é completamente destravada?

E a quantidade de homens que ultimamente se revelam exímios, às vezes até melhores que as mulheres, naquelas coisas da decoração da mesa, da preparação do jantar, até da arte de passar a ferro?

Ah, protestou, acima de todas as outras vozes, a voz hipnótica, e muito satisfeita consigo própria, do Luís Miguel Neto. Mas esta conversa está a basear-se num pressuposto errado. A Conceição presta mesmo atenção aos

documentários sobre a vida selvagem? Então e nunca reparou que a queca do leão só dura uns segundos? Eles lá darem cinquenta por dia dão. Está mais que estudado. Mas lá que são umas quecas muito pré-tântricas... daquelas contra as quais as mulheres estão sempre a protestar...

Estes gajos vão doutorar-se para a América, à custa dos nossos impostos, para depois virem para cá roubarem-nos até as nossas últimas e mais íntimas esperanças, suspirou a Vi.

É curioso, é, comentou Luís Miguel Neto. Quando o homem protesta que quer ser como a mulher, o que ele está a exigir não é igualdade. É, pura e simplesmente, inversão de papéis. Interrogo-me frequentemente sobre isto da igualdade em casa. Sabem o que é que eu acho?

Soltou outra das suas gargalhadas felizes.

Acho que a igualdade em casa é inatingível.

Ora essa, protestou um coro feminino e masculino. Então o senhor professor está a dizer que dois mil anos de civilização e progresso, e por fim a instauração da democracia, não serviram para nada.

Luís Miguel Neto fez um sorriso rasgado.

Dois mil anos de civilização e progresso, e por fim a instauração da democracia, também serviram para criar a cadeira eléctrica.

Obrigadinho, atirou-lhe a Vi, que estava do outro lado do balcão a alinhar nos tabuleiros folhados de espinafre e queijo acabados de sair do forno. A isso que o senhor professor acaba de fazer, com todo o devido respeito, chama-se mandar bocas daquelas muito fáceis para fugir com o rabo à seringa.

Luís Miguel Neto prometeu uma resposta de melhor qualidade se a Vi lhe desse um daqueles folhados tão apetitosos.

Ela atirou-lhe um com um sorriso condescendente, e ele apanhou-o em pleno voo com um gesto único do braço e da mão, sem qualquer aparência de esforço.

Joguei muito baseball na América, senhora dona Vi. Irra, que isto está quente.

Nada de mudar de assunto, professor. Ofereça-nos lá a sua resposta de qualidade.

Então o Luís Miguel Neto pousou o folhado num guardanapo, sacudiu a mão, limpou as migalhas com um outro guardanapo, bebeu um copo inteiro de água, e a seguir ofereceu à assembleia a sua teoria dos últimos tempos sobre as traições dos grandes conceitos sociais.

Reparem bem, pá. Quando a Conceição fala das leoas e do leão, provavelmente não anda muito longe da verdade. No quadro que ela pintou as mulheres aparecem descritas como supermulheres, é certo. Mas as mulheres foram obri-

gadas a transformarem-se em supermulheres porque desistiram de exigir, no espaço privado, os direitos e os deveres que são considerados justos no espaço público. Ou seja, as mulheres, em casa, acabaram por prescindir dos princípios considerados ética e judicialmente correctos pelos quais a nossa civilização se rege. E, provavelmente, foi o melhor que podiam ter feito. A democracia encheu-nos de brios de liberdade de expressão e igualdade de direitos e deveres, mas a verdade é que nada nos prova que é possível observar, no âmbito doméstico, o que observamos com tanto orgulho no âmbito social. Eu acho que tentar impor uma democracia em casa perturba profundamente a vida das famílias. Para começar, quando estamos a educar os nossos filhos a liberdade de expressão está fora de causa. E, se assim não fosse, eles passavam o tempo a dizer foda-se, caralho, cona da mãe aos saltos, e isso, diante das visitas e dos avós. E os direitos e deveres deles são muito diferentes dos nossos, e, longe de serem democraticamente discutidos, são-lhes pura e simplesmente impostos por nós. Quanto ao marido e à mulher. Deus nos livre. O uso imoderado da liberdade de expressão tenta-os a terem aquelas conversas circulares que não levam a lado nenhum e que duram horas e horas, e deixam ambos os parceiros estafados e desiludidos. E a igualdade de direitos e deveres só serve para dar com ambos em doidos, porque a água e o azeite não se misturam. É absurdo. Estamos a falar de leões e leoas. Não são entidades iguais. Nem por fora, nem por dentro. Não pode forçar-se uma igualdade artificial construída em cima de uma desigualdade profunda.

Dão-lhe jeito, as leoas, não é, senhor professor ?

A mim e a todos os outros homens casados, senhora dona Vi. Mas olhe que quem fica a perder somos nós. A leoa pode cansar-se mais, mas em contrapartida tem muitíssimo mais poder que o leão.

Cansada estou eu, de tanta conversa, protestou Bárbara Emília. Na teoria é tudo muito bonito, mas eu já estou para aqui a ouvir-vos há que tempos com imensa paciência e ainda não percebi o que é que o meu homem há-de fazer para andar bem disposto.

Um dos presentes passou logo para o domínio prático, e sugeriu em alternativa que Bárbara, pagando sem ser vista, e manobrando sem deixar abrir o jogo, induzisse o seu homem a ir três vezes por semana à Talassoterapia da Costa da Caparica. Aí ficaria nos braços de várias mulheres serenas, vestidas de branco, daquelas que são profissionalmente simpáticas e nunca fazem perguntas. E essas mulheres etéreas iriam aplicar-lhe em silêncio tratamentos de algas, cobri-lo de jactos estimulantes na piscina de água salgada aquecida, acomodá-lo numa banheira de hidromassagem com água do mar quentinha e espuma de odores marinhos, espevitá-lo os músculos com o jacto do duche

escocês, deixá-lo derreter-se em gelatina no banho turco, e aplicar-lhe massagens cuidadosamente estudadas. Tudo no meio de mármore brancos e luzes sabiamente coadas, numa paz total. Ninguém resiste. Está mais que registado que as pessoas saem da Talassoterapia da Costa da Caparica bafejadas por uma sensação curiosa de felicidade e optimismo.

Estás maluco, oh Barbosa. Os homens desconfiam sempre de tudo o que cheira a modernice. Ele que se inscreva antes no ioga da Baixa da Banheira, que tem lá gente muito boa e sempre é menos extravagante.

Além de que eu ainda estou para conhecer um homem que não fique todo transido de vergonha, como um menino pequenino, de cada vez que uma enfermeira o manda despir-se. Ná. Isso é coisa de mulheres. As mulheres é que tiram a roupa em tudo quanto é sítio, e aliás com muito prazer.

Ah, gritou a Rosa Maria. Coisas de homens. Pois é. Bárbara, amorosa, por que é que não tentas inscrevê-lo num daqueles programas em que os homens vão sozinhos para a Mata dos Capuchos brincar às guerras, e assim dar rédea livre a todos os instintos primordiais que precisam de reprimir durante a semana?

Luís Miguel Neto concordou incondicionalmente, e até se ofereceu para ajudar. Tinha um doutoramento feito na América exactamente sobre este tipo de terapias, e insistia que era muito importante para os homens poderem tocar tambor no meio das árvores, dar tiros, soltar gritos de guerra, e fazer experiências intensas de sobrevivência. Estava-lhes nos genes pelo menos desde a Idade do Bronze, e, com ela, do fim do nomadismo como regra obrigatória de vida. Era uma relíquia do tempo em que os machos partiam todos pintalgados para a caça, e as mulheres ficavam em casa, a tratar da agricultura, dos utensílios caseiros, e dos primeiros animais domésticos. Reparem que as mulheres continuam a dedicar-se a actividades tributárias da sua definição ancestral. Mas os homens, coitados, estão completamente desambientados. Estão a ser obrigados a seguir o padrão definido para as mulheres, sem no entanto deixarem de carregar lá dentro os seus genes de homens.

Entre uma tanga desse género e a Talassoterapia venha o diabo e escolha, resmungou o Barbosa. Olhe Bárbara, o mais simples ainda é pedir ao seu médico de família que passe uma credencial ao homem para ele ir fazer meditação. A sério, os médicos gostam disto, e até já se fala de participação.

É verdade é, suspirou Luís Miguel Neto, com um ar que não dava para perceber se ele achava aquilo bom ou mau. Hoje em dia, o limiar para a preSunção das causalidades psicológicas é muito, muito baixo. Os médicos de clínica geral estão cada vez mais a deixar de medicar os doentes e encaminhá-los antes para os psicólogos.

Há imensos exercícios de meditação que são mesmo só para relaxar, insistiu o Barbosa. E para aprender a controlar o pânico e as fobias, coisas de que pelos vistos o seu marido muito sofre.

Isso já não é meditação, homem, é psicomotricidade e só há em Algés, atirou-lhe a Conceição. Olha, Bárbara linda, a psicomotricidade não tem participação mas podes metê-la toda no IRS. E o gajo, como não guia e tem que se meter no comboio, enquanto vai e vem para Algés sempre está entretido.

De todas estas propostas, Bárbara Emília achou sensata a medida preventiva da conta separada para os lucros. E achou deveras sugestiva a ideia de uma certa mulher deliciosa que fazia Reiki numas vivendas entre pinhais por trás da Quinta do Conde chamadas Vila Alegre, numa casa com hortas e pomares sem pesticidas e toda rodeada por ervas aromáticas, onde se chegava com relativa facilidade desde que se sobrevivesse à travessia do Casal do Sapo e da Costa da Bajardona.

Quatro dias antes de Joaquim Peixoto voltar do curso, a primeira sessão já estava marcada.

«Mas não achas deprimente?»

Sebastião. Espera aí. Não acredito.

Que é que foi?

Encontraste a senhora morta e puseste-te a tirar fotografias?

Então, Quim. Eu sou fotógrafo.

Mas ela tinha sido brutalmente assassinada, a avaliar pela tua descrição. Provavelmente até foi torturada antes, não é? Para se matar uma mulher à queima-roupa não é preciso amarrá-la, amordaçá-la, despi-la e atá-la à cama, pois não?

Eu sei. Eu pensei nisso tudo. Mas quer dizer, naquela altura ela já tinha sido torturada e já estava morta. Até há uns dias, a avaliar pelo cheiro. Já não havia nada a fazer para impedir que essa parte horrível acontecesse. Portanto...

Portanto nada, pá. Nem te passou pela cabeça que era perigoso?

Perigoso para quem?

Perigoso para ti, idiota. O juiz ainda lá podia estarescondido em casa com a sua pistola, pronto a matar o primeiro que entrasse.

Ah, isso. Sim, nisso pensei. E caguei.

OK. Fixe. És duro. Leva a taça. Mas ao menos não sentiste remorsos de deixar a Leninha uma data de tempo sozinha no jipe, a meio da noite, sem saber de nada, a tremer de medo?

Nisso pensei, mas só depois de ter tirado as fotos todas que queria. Fiz dois rolos, ouve. Era um espectáculo impressionante. Acho que me deixei fascinar por aquele horror todo. Tens que perceber, Quim. Era um horror. Os horrores são fascinantes. Já revelei umas fotos. São horríveis. E fascinantes. Tenho-as aqui. Queres ver?

Não.

Porquê?

Eh pá, porque estou um bocado chocado.

Chocado com quê, rapazinho?

Com o estado a que isto chegou. Um homem decente encontra uma senhora torturada e morta a meio da noite e a primeira coisa que lhe ocorre é tirar fotografias.

Pois. Para vender. Mais ninguém ia ter o material que eu tenho. E a vida não está fácil.

Eu sei. Já percebi. É horrível. Qualquer outro fotógrafo, por muito amador que fosse, fazia o mesmo. Mas não achas deprimente?

O quê?

Então, o estado a que isto chegou.

Ah, isso. Sim, isso é deprimente. É completamente deprimente. Mas eu não posso fazer nada, Quim. Nem tu. Nem ninguém. É o estado a que isto chegou, e é assim mesmo, pronto.

OK. Então e depois de tirares dois rolos de fotos, fizeste o quê?

Era o cheiro. Estava a ficar agoniado com o cheiro. Estava a encher a película de poças de sangue, e bocadinhos de osso, e bocadinhos de miolo, e os olhos abertos da Manuela agora um quase nada surpreendidos mas finalmente tão calmos, as mãos dela entre as cordas, o sangue nas cordas, os buracos na têmpora, os estilhaços à volta dos buracos. A lágrima de sangue já seco colada ao canto do olho esquerdo. Estava a imortalizar o fascínio daquela morte horrível, e entrava-lhe por todos os poros da pele o cheiro da Guiné.

Voltou a enfiar a Sónia Maria dentro do blusão, desceu as escadas a correr, vomitou tudo o que tinha para vomitar nos degraus da entrada, e entrou pela porta do jipe quase sem fôlego.

Arranca Leninha. Arranca para a esquadra. Depressa. Onde é que está a água?

Sebastião. O que é que aconteceu?

Mais depressa, Leninha. Mais depressa. Tem que haver uma esquadra qualquer neste mato grosso.

Sebastião, pelo amor de Deus. O que é que aconteceu?

Fodeu-a toda. O cabrão fodeu-a toda. O cabrão fodeu-a toda. O cabrão fodeu-a toda.

A Leninha cerrou os dentes e carregou no acelerador.

Sebastião tinha a camisa encharcada de tentar beber água, falar, e tentar recuperar o fôlego ao mesmo tempo.

Foi neste estado que entraram na GNR, e a seguir foi uma peixeirada de quase meia hora até convencerem um graduado e dois subordinados a irem com eles à Rua das Saudades de Bernardim Ribeiro Poeta.

A GNR estava farta daquela casa. Estava farta dos telefonemas dos vizinhos a meio da noite. Estava farta das ameaças do juiz, e depois das reprimendas que chegavam das hierarquias superiores por terem ido lá perturbar a tranquilidade e a privacidade do candidato provável à Presidência da República. A GNR queria que aquele sítio, aquela casa, aquela família, aquele homem, nada daquilo existisse.

E, além disso, no caso vertente a GNR eram três homens de carne e osso, ainda por cima bastante ensonados. E esses homens estavam com medo.

Raposo, dizia o graduado para o subordinado mais novo, já diante da janela partida. Vai tu à frente.

Oh chefe, murmurava o Raposo, com a lanterna a tremer-lhe nas mãos. Mas ele ainda pode estar vivo lá dentro.

Pois, dizia o chefe. Temos que ir ver se ele ainda está vivo lá dentro.

Oh chefe, suspirava o Raposo. Mas, se ele está vivo lá dentro, ele de certeza que a esta hora está escondido no escuro à nossa espera com a arma dos juízes.

Sebastião perdeu a paciência.

Dê-me aí o seu blusão, oh Raposo. O meu já está todo cortado dos vidros, e se não vestir outro ainda me corto mais. Vou eu à frente, que assim como assim já conheço um bocado melhor a casa.

Espera aí, Sebastião, espera aí. Não estou a perceber. O que é isso da arma dos juízes?

Não me irrites, Quim. Agora ouve-me bem esta parte. Eu depois explico-te.

Já aconchegado no blusão do Raposo, Sebastião voltou a entrar pela janela e voltou a subir os degraus em direcção ao cheiro. Desta vez já nem parou no quarto da Manuela. Deixou os três agentes de roda do corpo torturado dela, de boca aberta e com gotas de suor a formarem-se devagarinho ao longo da testa.

Continuou pelo corredor, às escuras, em direcção ao resto do cheiro.

O pai e o filho estavam os dois juntos, no quarto do fundo.

O filho estava em pijama na cadeira de rodas, com a cabeça caída sobre o ombro direito e os dois braços estendidos por cima dos joelhos. Tinha sido abatido com um tiro único e certo na nuca. Como dantes se matavam os doentes da cólera, quando já não havia mais nada a fazer.

O pai estava de fato azul-escuro, camisa de riscas finas azuis e brancas, gravata verde e azul com monogramas entrelaçados, um lenço igual no bolso do casaco, um alfinete de ouro a prender a gravata à camisa. Devia ter-se encostado à porta, e depois escorregado dali até ao chão, onde acabou por cair de bruços sem conseguir manter a dignidade que certamente encenara para o seu próprio fim. Ainda segurava a arma na mão. De certeza que quis ficar agarrado a ela até ao fim.

Como uma assinatura, para que não restassem dúvidas. Depois de concluído o massacre, o juiz pôs-lhe o ponto final com um tiro na cabeça.

Os três homens da GNR não tinham mãos a medir com telefonemas, berros, barricadas, impedimento de acessos, avaliações dos estragos, palavrões,

imprecações, vômitos, exasperações crescentes com o homem da ambulância que estava a regressar de Peniche e não conseguia perceber como é que fazia para ir ter à Rua das Saudades de Bernardim Ribeiro Poeta, ali para os lados de Mafra.

A Leninha, que nunca chegou a entrar no casarão, soluçava baixinho encostada ao volante e tremia de frio. Começaram a ouvir-se sirenes.

Acenderam-se luzes nas moradias em volta. Um por um, todos os vizinhos se aventuraram à rua, e depois começaram a avançar como náufragos entorpecidos em direcção à casa do juiz. Em menos de meia hora, toda a rua era um pandemónio.

Durante essa meia hora, e a seguir ainda durante uns bons vinte e cinco minutos até já lá estar gente demais dentro e também já não haver mais nada a registar, Sebastião Curto aproveitou-se de várias vantagens. Primeiro a distração causada pelo choque dos outros. Segundo, a oportunidade de não chamar a atenção porque ainda estava protegido por um blusão da GNR. E, terceiro, o facto de toda a gente que ia chegando ter mais em que pensar.

Tirou todas as fotografias que quis.

Já tinha ao todo sete rolos de imagens horríveis, e já toda a casa estava vedada, quando apareceu o primeiro carro da primeira televisão. Da janela do jipe, que estava toda descida para entrar um ar mais fresco que limpasse o resto do ar da Guiné, Sebastião e Leninha ainda ouviram um repórter assestar um microfone à boca de um outro alto magistrado que acabava de sair de um Porsche, e ouvir o alto magistrado, já iluminado pelos holofotes, dizer que era lamentável a perda daquele homem tão importante para o país. E que, certamente, se a esposa tivesse sabido dar-lhe mais apoio, nada daquilo teria acontecido.

Percebeste, meu menino?

Mais ou menos. Onde é que eu entro?

Porra. Queres ganhar dinheiro ou não queres?

Quero.

Então mexe-te, caraças. Tu já foste jornalista. Fala com as pessoas. Descobre as partes da história que ainda nos faltam. Faz perguntas. Investiga. Isso que os jornalistas faziam, lembras-te? E escreve-me esta merda até amanhã, que eu entretanto começo já a mexer-me para vender isto a peso de ouro à Actualidades. Queres escândalo? A gente dá-lhes. Queres pessoas conhecidas? Tomem lá um alto magistrado que ia ser o líder máximo de todos nós portugueses. Queres sexo? Tomem lá a Manuela toda nua. Queres horror? Temos aqui sangue e mais sangue e mais sangue. Queres vender papel? Temos umas fotos que mais ninguém tem, com pormenores da história que ainda mais

ninguém conhece. Até temos a Leninha, miúdo. Está em minha casa a dormir, completamente desfeita. E está disposta a falar. Eu perguntei-lhe antes de enfiá-la de vez na cama e ir para a câmara escura ver melhor o que tinha. Foi só o tempo de perceber que nunca fiz umas fotos tão horrorosas na vida, tomar um duche, mudar de roupa, e vir aqui ter contigo. A desgraçada ainda precisou de muito choro e muita conversa antes de conseguir dormir. Até deu direito a uns beijinhos e tudo. Pronto. Estamos entendidos? Tu organizas-te com o texto, e eu organizo-me com o negócio. Mas depressa, pá. Vai haver mais pessoal a virar esta história do avesso. A nossa tem que sair na capa já para a semana.

Oh Sebastião.

Que é?

Por que é que te lembraste de mim?

Calculei que andasses para aí a cair da boca aos cães sem nada para fazer, e era preciso um gajo que estivesse completamente disponível.

A sério?

Sebastião Curto soltou uma das grandes gargalhadas dele e passou o braço pelos ombros do professor associado.

Olha, meu filho. Agradece à mulher mais bonita que alguma vez brotou do solo alentejano, ouviste? Tu nem sabes o tesouro que tiveste na mão e deixaste ir-se embora, camarada. Não posso encontrar a Bárbara numa festa que ela vá fazer e que eu vou fotografar que ela não me peça para te arranjar qualquer coisa excitante e gratificante e dignificante para tu fazeres.

A sério. Dignificante. Sabes o que é que eu acho? Acho que a Bárbara Emília Frutuoso é a única pessoa em Portugal que ainda utiliza a palavra dignificante. É uma mulher maravilhosa. E ouve lá, e a lindona que vocês fizeram juntos, hã? Cum caraças. Que monumento silencioso ao magnetismo animal da adolescência, filho. Que miúda. Que doce. Deus me perdoe, mas uma coisinha daquelas é que agora ia mesmo a calhar.

Joaquim Peixoto abanou a cadeira e começou a procurar outro Paxilfar.

Estava na altura de mudar de conversa.

Oh Sebastião.

Eh pá, não me dês uma sova de pai ofendido, porra. Isto era um elogio.

Ao meu estilo de gosto duvidoso, admito, mas era um elogio.

Larga o osso, caraças. Explica-me lá o que era aquilo da arma dos juízes.

A arma dos juízes?

Não queres que eu te escreva uma reportagem? É um belo título para uma reportagem, *A ARMA DOS JUÍZES*. Mas, para isso, preciso de perceber de que é que os gajos da GNR estavam a falar.

OK. Olha, também foi uma coisa que eu fiquei a saber ontem à noite. Os juízes têm todos direito, só por serem juízes, a trazerem sempre uma arma consigo. Para usarem em autodefesa se algum comum mortal mais distraído das regras da sociedade quiser ajustar contas com eles, topas? Mas não penses que é uma arma qualquer. É uma pistola com silenciador. Silenciador, estás a ver? Por isso é que o cabrão deu cinco tiros na noite de quarta-feira e ninguém deu por nada. Ninguém chamou a polícia, ninguém puxou pelo alarme, o que é no mínimo estranho, por muito medo que os vizinhos tivessem do juiz, quando se ouvem cinco tiros a saírem a meio de uma noite de um dia de semana de dentro de uma casa de família. Os vizinhos, por junto, começaram a ouvir o cão a ganir. E depois repararam que ninguém entrava e saía, ninguém ia buscar o correio, ninguém acendia nem apagava luzes, mas aquilo era a casa de um alto magistrado que ainda ia subir mais alto do que já estava. Os vizinhos só começaram a meter o nariz de fora quando viram chegar os primeiros carros da polícia. Até lá, nem acenderam a luz e tentaram ver o que é que se passava escondidos por trás das cortinas. Estava tudo cheio de medo.

Porra, murmurou Joaquim Peixoto.

Dizes bem.

Oh Sebastião.

Gastas-me o nome. Que é? Temos que começar a bulir, miúdo.

Está bem, mas ouve lá. É só para te pentear o ego. Eu sei que tu és um duro. Mas, caraças. Diz-me lá a verdade. Como é que tu te sentiste a entrar assim sozinho, no escuro, dentro de uma casa de doidos onde cheirava a mortos?

Oh Quim. Pelo amor de Deus.

Sebastião Curto tinha-se enteiriçado todo na cadeira. E, a seguir, enclavinhou-lhe a mão no braço como se fosse uma garra.

Eu estive em África, Quim.

Apertou a garra com mais força, e olhou para Joaquim Peixoto como se estivesse a vê-lo pela primeira vez.

Eu fiz missões. Entendes?

Acetilcolina

Éster acético da colina, mediador químico do influxo nervoso na extremidade dos nervos parassimpáticos e das fibras pré-ganglionares do sistema simpático. Determina a dilatação das artérias e o abrandamento do ritmo cardíaco.

Depois de uma longa conversa telefónica com a mestra, Bárbara ficou plenamente convencida de que o seu homem triste precisava de mais que o simples penso rápido que o Reiki normal aplica sobre os sentidos.

Não.

A mestra, que jurou a Bárbara nunca ter tomado um comprimido para nada, nem mesmo para a tensão alta, embora fosse muito gorda, alvitrou que uma pessoa *já num estado de alienação e desumanização assim tão grandes* (palavras exactas dela), precisaria mesmo de uma cura da alma. Um processo de convocação e transmissão de energia, que iria muito mais fundo e tiraria do caminho todos os problemas, passados e presentes, que estavam atravessados como pedregulhos enormes nos caminhos do corpo por onde circula a força que só podemos ir buscar ao amor.

É um bocado mais caro, Bárbara, mas garanto-lhe que não estou a dizer isto a pensar em lucros. Estou a pensar no caso dele. É um caso grave.

Quando Joaquim Peixoto desembarcou, a queixar-se de que tudo aquilo fora uma grande perda de tempo e que Bruxelas era uma cidade execrável cheia de belgas e eurocratas, ela fez muitas festinhas ao coitadinho do seu homem que trabalhava tanto. E depois anunciou-lhe, agarrando-lhe na mão e dirigindo-lhe o mais terno dos sorrisos, que tinha uma prenda especial para o repouso do guerreiro.

Joaquim Peixoto ficou um bocado desconfiado quando passaram o Continente e viraram para a Quinta do Conde. E ainda mais desconfiado ficou quando pararam diante da vivenda isolada da Vila Alegre, rodeada de hortas, e pinheiros, e plantas aromáticas. E muitos cães.

Mas, quando ia finalmente abrir a boca, já estava uma mulher gorda de caracóis grisalhos, com um sorriso doce e uma aura apetecível de jovialidade maternal, a dar dois beijinhos a Bárbara Emília e a acenar convidando-o a entrar.

Venho buscar-te daqui a duas horas, disse-lhe Bárbara, numa grande pressa de desaparecer. A Cristina vai tratar muito bem de ti.

A Cristina levou-o para um quarto todo branco, com o chão forrado por esteiras de bambu, e com duas ou três pinturas japonesas nas paredes. Estava a queimar num cadinho um bloco de ervas secas que explicou serem uma receita calmante dos índios do Novo México, e que a Joaquim Peixoto parecia antes uma cortina translúcida de haxixe.

Mandou-o tirar os sapatos e deitar-se na marquesa toda branca, e a seguir veio cobri-lo ternamente com um édredon também todo branco, para que o frio da imobilidade, conforme explicou, não pudesse interferir-lhe nem com a concentração nem com a descontracção.

A tua mulher disse-me que vives num estado de irritabilidade permanente. É verdade?

É.

Sabes de onde é que essa irritabilidade veio?

Não.

É mais ou menos assim que hoje em dia quase toda a gente vive no Ocidente. E quase toda a gente procura a resposta no exterior. Mas a verdadeira resposta, e com ela a verdadeira paz, só pode vir do interior.

Qual interior?

Do teu interior, Joaquim. Da energia crística que está contigo, mas que tu ainda não aprendeste a usar.

A energia quê?

A energia dos corpos subtis emanados do amor de Deus, que rodeia o mundo inteiro. Aquela que nunca se ganha, nunca se perde, só se transforma. Andas a transformá-la numa coisa má. Mas podes transformá-la numa coisa boa.

Ouve lá, o que é que tu vais fazer-me?

Vou concentrar-me, deixar a energia entrar em mim, e depois criar com ela um cilindro de luz branca à tua cabeça. A seguir crio outro cilindro de luz branca aos teus pés. Depois vou percorrendo os teus chacras, da cabeça aos pés, e estendendo essa luz ao longo de todo o teu corpo. Enquanto fizer isso, hei-de encontrar uma série de buracos negros que tentam chupar a luz toda. São cicatrizes, feridas, lixo, depositados com as tuas memórias, das mais recentes às mais antigas, que estão todas a fazer mal ao teu corpo porque são centros irradiadores de mal-estar. É uma espécie de psicanálise sem palavras. A linguagem do amor não é articulada. Agarro em cada um desses escolhos, tiro-o do caminho dos teus fluidos vitais, e ofereço-o a Deus para que volte a dissolver-se no Todo universal.

Eu não acredito em Deus.

Chama-lhe o que quiseses. No Reiki, não pedimos a ninguém que acredite em nada. Só quero que voltes para casa envolvido num casulo de luz branca.

A imagem pareceu-lhe sedutora.

Então é o que tu queres que eu faça?

Fecha os olhos. Concentra-te numa imagem qualquer que te faça bem. Começa a respirar devagar, pelo abdómen. Devagar. Mais devagar. Isso. Agora eu vou começar a convocar a luz, e enquanto durar a cura da alma vou estar em estado de oração. Por favor, ajuda-me.

Para Joaquim Peixoto, a única imagem benfazeja de que conseguiu lembrar-se, naquelas circunstâncias tão exóticas quanto inesperadas, era a imagem de Bárbara Emília a bater-lhe à porta do T 1 de Porto Salvo, numa bela manhã banhada pela luz dourada do fim de Setembro. Tentou ver essa imagem outra vez, e viu-a com toda a clareza.

O que lhe saltou da memória era tão brilhante, tão cheio de promessas, tão pungente quando comparado com a vida quotidiana que tinham agora, que uma lucidez abrupta, quase violenta, lhe invadiu os sentidos como o clarão de uma lâmpada a rebentar.

Se Bárbara Emília agora desaparecesse, a sua vida chegaria ao fim.

Não seria capaz de dizer quanto tempo já tinha passado quando a mulher gorda pôs devagarinho a mão dela em cima da sua. E sussurrou, numa voz tranquila.

Quando quiseses, já podes abrir os teus olhos. No teu ritmo. Quando estiveres pronto.

Ele abriu-os logo, porque queria perguntar imensas coisas.

Não te levantes ainda, disse ela. Estás demasiado perto do ponto alfa.

Deixa-te voltar à terra devagarinho.

O que eram aquelas luzes, perguntou logo Joaquim Peixoto.

Cristina continuava de costas, debruçada sobre o leitor de CDs.

Viste as luzes? Que sorte. Eu, que as estudei nos livros, em quinze anos de prática nunca as vi. São as tuas auras, movimentadas pelas ondas da energia que se mexia dentro de ti. Estavas cheio de calhaus, Joaquim. Pedregulhos muito grandes, que eu tive que arrancar dessa alma.

Joaquim Peixoto ficou um bocado desconfiado.

Tu não vês luzes? Mas eu houve uma altura em que abri os olhos e vi uma espécie de chamas verdes e cor de laranja a saírem dos teus dedos.

São os dedos de luz, respondeu ela. Os meus detonadores para a tua energia.

Depois agarrou numa cadeira branca de realizador e avançou até junto da marquesa.

Cada pessoa reage à cura da alma à sua maneira. Uns só sentem. Outros só vêem. Há quem chegue a ter visões concretas. Também há quem adormeça. Varia muito, porque nós somos todos diferentes.

Sentou-se ao lado dele. Sorriu-lhe. Agarrou-lhe suavemente no braço com a mão. Depois pressionou-o intencionalmente com os dedos.

Ouve lá, Joaquim.

Inclinou-se para ele.

Tu tens que deixar essa mulher ir-se embora.

Joaquim Peixoto teve subitamente a visão de uma corda que prendia um papagaio a partir-se, e logo a seguir o papagaio subiu muito alto, muito alto, muito depressa, e sumiu-se nas nuvens. Não saberia explicar porquê, mas ficou transido de pânico. Encolheu-se todo na marquesa, e as lágrimas começaram a correr-lhe pela cara abaixo sem que ele conseguisse impor-lhes qualquer controlo.

Por favor, ouviu a sua voz a dizer. Por favor, Cristina.

Por favor, pede-me tudo menos isso.

Desfez-se em soluços.

Ela começou a fazer-lhe festas no braço.

Joaquim, eu não sei quem é esta mulher. Mas estive sempre a vê-la aparecer enquanto te fazia a cura da alma. Não tinha rosto, e quase que não tinha corpo, porque estava banhada numa grande luz. Era como se fosse um anjo-da-guarda, mas não pode ser porque eu sei, eu vi, que esta é uma mulher, que para ti, existe mesmo. É a mulher que te protege, que te conforta, que te trata das feridas, que te suaviza as dores, que toma conta de ti em cada passo do caminho. Não é a tua mãe, não penses. É uma mulher lindíssima, puríssima, feita de luz e de energia, que tu admiras, idolatras, e desejas. É uma mulher que te cobre todo, mas és tu quem quer possuí-la. Agora, também não pode ser a Bárbara. A Bárbara não é uma luz incorpórea. A Bárbara é uma mulher de carne e osso, com as fraquezas, e as teimosias, e os medos, e os pontos fracos, que todas as pessoas de carne e osso têm. Não podes pedir à Bárbara, nem a nenhuma mulher, que seja para ti esta mulher que tu imaginas. Esta mulher não é do nosso mundo. Não a procures mais. Deixa-a ir-se embora. Não podes pedir às pessoas mais do que elas podem dar-te.

A Bárbara não pode ser o teu comprimido da felicidade.

Deitado na marquesa, Joaquim Peixoto chorava como uma criança abandonada.

E ouve outra coisa, continuou a voz meiga da Cristina.

Ele tentou limpar as lágrimas para conseguir olhar para ela.

Tu consomes muita cocaína?

Eu? Não.

Tens um muco verde, muito espesso, à volta do chacra intelectual. Fiquei estafada quando estava a atravessá-lo. Eu costumo ver isso nos cocainómanos. Vem nos livros. Eu não sei que misturas é que andas a fazer, mas, por favor, tem cuidado. O muco verde está quase a atingir o teu chacra emocional.

Meia hora mais tarde, quando Bárbara Emília buzinou do portão, Joaquim Peixoto ainda entrou para o Panda de óculos escuros, embora passasse das nove. E foi o caminho todo de cara escondida nas mãos; incapaz de falar, completamente acabrunhado com aquela última machadada do muco verde a invadir o chacra emocional.

Quim, dizia ela baixinho, sempre a olhar em frente enquanto guiava. Não há cenas, não há trombas. Está bem? Está bem?

Bárbara, respondeu ele baixinho quando ela estacionou o carro diante do recém-adquirido T 3 de Fernão Ferro.

Bárbara, tu perdoa-me.

Eu sei que fizeste isto por mim.

Sei que fazes tudo por mim. E também sei que nunca te agradeci como devia. Por favor, não te zangues comigo.

Mas eu não consigo voltar a ir à Cristina.

Aquilo assusta-me. Não sei para onde é que vai levar-me. Não posso, Bárbara. Desculpa. Não posso.

Depois disto, foi ela quem ficou sem falar o resto da noite. E saiu para o Lugar do Coentro de Ouro ainda antes das sete, depois de ter feito um esforço deliberado para nunca tocar no corpo dele.

Joaquim Peixoto não deu por nada. Dormiu como um prego até ao meio-dia e vinte. Às três da manhã, tinha-se encharcado em Lexotans com Bacardi. Já estava farto de, mesmo com os olhos fechados, continuar a ver luzes brancas a saltarem dos cantos, para depois cruzarem o seu espaço de visão com a velocidade imaterial das estrelas cadentes.

«*Vamos morrer todos*»

Ou seja. Joaquim Peixoto tinha dormido pouco, e depois tinha acordado ressecado. Começou o dia com um vexame de todo o tamanho para tentar comprar Paxilfar sem receita numa farmácia completamente fora de mão, mas onde lhe tinham garantido que a transa era fácil. Depois esteve sentado em Algés a encolher-se todo de frio na esplanada, incapaz de aquecer até com o sol do verão de São Martinho enquanto um fotógrafo vindo de uma vida que ele tivera dezassete anos antes lhe contava uma história absolutamente horrorosa, e logo a seguir lhe prometia muito dinheiro se ele fosse capaz de se esforçar por trabalhar um bocadinho entre o fim da conversa e a manhã seguinte.

A esta hora, já enfiou quatro Paxilfares. Sente-se entorpecido. Quer ir para casa dormir. Aliás, quer executar em silêncio aquela rotina que tanto lhe agrada nas manhãs de sábado. A rotina de acordar, e depois desistir de estar acordado. E então tomar dois Paxilfares com dois Metamidois de dez miligramas, voltar a deitar-se, fumar um cigarro, puxar o édredon até aos olhos, e ficar ali a aboborar até sentir os sonhos a misturarem-se-lhe com a consciência.

Uma paz tão boa.

Apetece-lhe tanto.

Mas, agora, tem um problema.

É que, de facto, talvez ainda haja esperança.

Ele já não está com muita vontade de acreditar nisto. Mas, até para um homem que já desistiu de ter esperança, é difícil resistir à tentação quando alguém lhe diz com toda a firmeza que ainda há esperança mesmo. Só que, para lhe darem essa esperança, que diabo, estão a exigir demais dele.

Vejamos.

Vocês compreendam que, para Joaquim Peixoto, naquele sábado, a coisa não está nada fácil. Para conseguir portar-se à altura das circunstâncias, ele agora, em vez de ir para a cama, tem mas é que encher-se de brios e ir a casa do Sebastião. Falar com uma tal de Leninha, que ainda há poucas horas estava na cena de um crime horrível. Uma mulher que não está bem, e que ele não conhece de lado nenhum. E com quem, evidentemente, não lhe apetece nada falar.

A quem é que Joaquim Peixoto pode pedir ajuda numa situação destas?

Ora nem mais.

Duas horas e meia mais tarde, Bárbara Emília Frutuoso já estava sentada na cama ao lado da Leninha, que já lhe tinha encostado a cabeça no ombro e sussurrado fragmentos de desespero ao ouvido. Ele estava encolhido num canto do quarto como se não existisse, com o bloco de apontamentos à frente e a caneta na mão.

E então, para encurtar razões, a história da Leninha era assim:

Quando a Manuela foi trabalhar para a esquadra, foi como ter entrado lá um raio de luz. Dividiram o meu gabinete ao meio para fazerem dois cubículos, um para cada uma, e a Manuela teve logo ideias giras para decorar o que de outra forma seria um tabique pindérico e triste. Trouxe plantas, umas trepadeiras todas muito bem entrelaçadas nuns fios e tudo, ela gostava de jardinagem mas dizia que em casa era impossível. Também trouxe desenhos de meninos das escolas sobre polícias, de outros programas em que esteve envolvida antes, havia lá desenhos que eram mesmo de derreter o coração aos mais duros e dar-lhes orgulho de serem agentes, que eles precisam, sentem-se todos sempre muito pouco apreciados pelo trabalho brutal que fazem. A Manuela sabia isso. Também pôs lá um quadro onde toda a gente podia escrever o que lhe passasse pela cabeça, e nesse quadro, estás a ver, como era num sítio pequenino mas bonito e arranjado com carinho e com bom gosto, aí a malta escrevia coisas mesmo giras, não era como na casa de banho. E olha, foi ela, sozinha, sem pedir ajuda a ninguém, podia perfeitamente ter pedido, que se descalçou e trepou para cima da mesa com um martelo e uns camarões para prender uns fios à parede de maneira a termos colunas dos dois lados para estar sempre música agradável a tocar. Mudou logo o ambiente. Pediu aos agentes todos que lhe oferecessem uma fotografia de que gostassem muito, de maneira que dois dias depois entrava-se no nosso sítio e só se viam caras de filhos a rir, aldeias, cenas de caça em África, praias, mães com os polícias ainda bebés ao colo, fazia bem. Instalou no gabinete uma máquina de café que estava sempre ligada e sempre com café fresco, com copinhos de papel, colherzinhas, açúcar, tudo, ela às vezes até trazia bolachas, foi um cantinho que às tantas quase que era mais procurado que o bar. Imagina só que quando apareceu no primeiro dia lá na esquadra descobriu com grande espanto que tinha sido colega de liceu do novo chefe, de maneira que falava com ele assim: *oh chefe, tu desculpa, tu serás o chefe mas eu sou a doutora, olha que isso que tu queres fazer é uma burrice*, e ria-se. Sabia tão bem, ouvir rir dentro da esquadra, sem ser de ordinarices nem de nervos. Percebemos logo que ela ia mesmo ajudar-nos. E, ao fim de uns quinze dias, a Manuela também já dizia que nós éramos a família dela.

Mas eu tinha um feeling de que qualquer coisa dentro dela estava sempre a fazer-lhe doer.

Fui fazendo perguntas, com cuidado, de forma discreta, até ela já ter confiança suficiente para se abrir comigo.

E nessa altura é que me contou do acidente de moto que tinha deixado o filho paraplégico aos dezoito anos, e depois desatou a chorar ali mesmo em pleno bar, sem conseguir controlar-se. Primeiro foi-se toda a gente embora.

Depois começou toda a gente a vir espreitar à porta. Ela esteve a chorar durante mais de meia hora, sem conseguir dizer nada.

Eu prometi-lhe rezar por ele e por ela todos os dias, e assim fiz, e foi nessa altura que passámos a telefonar muito uma para a outra, à noite ou ao fim-de-semana., O filho, nessa altura, continuava em coma. Ela achava que ele nem sequer ia nunca voltar a acordar, porque era um coma muito profundo. Mas eu sentia que ele ia sobreviver, disse à Manuela para vir comigo à igreja rezar todos os dias, só que ela tinha mesmo perdido a fé. Continuei eu a ir rezar sozinha. Fiz promessas e tudo. Foi então que falámos do marido pela primeira vez, porque eu precisava de saber o nome para rezar por ele. Ela disse que era Eduardo Lemos de Almeida, mas não disse mais nada. E disse aquilo com uma voz muito fria. Bom, e eu também já fui casada, e também já disse Valentim Pinto com uma voz muito fria, e quer dizer, tenho uma certa ideia de onde é que vem esse tipo de voz. De maneira que lhe perguntei logo se ele estava a apoiá-la. Ela respondeu que ele andava ocupadíssimo desde o dia do acidente, a correr tudo o que era médico, a viajar muito, à procura de uma cura para o filho. Nem mais uma palavra.

Foi assim que eu fiquei a saber que ela não tinha propriamente aquilo a que se chama um casamento feliz.

Quando o filho acordou desse coma, estava dado por paraplégico para o resto da vida, e tinha um feitiço muito esquisito. E eu comecei a sentir a Manuela cada vez mais perdida. Chorava muito. Dizia que ele muitas vezes ficava violento, e que tinha a certeza de que nunca mais ia ser uma pessoa normal, porque estava todo entregue à doença.

Perguntei logo o que é que aquilo queria dizer.

Foi assim que percebi que o pai culpabilizava a mãe, que a revolta do rapaz contra a mãe era enorme, mas que também havia uma raiva nítida contra o pai, porque ele arrancou pela auto-estrada a toda a velocidade e estampou-se a descer para o viaduto logo a seguir a uma discussão tremenda que teve com o Eduardo em casa. Estás a imaginar o horror em que aquelas pessoas viviam?

Eu disse à Manuela que era importantíssimo a família conseguir restabelecer um ambiente tranquilo, em que ninguém culpabilizasse ninguém pelo acidente, para o rapaz conseguir começar a recuperar. Assim em termos muito básicos, achei que ele estava sobretudo crispado pelo ódio, e que esse ódio era o

ar que se respirava na casa toda. A Manuela, coitada, não odiava ninguém, mas estava toda roída de culpa, e isso também se sentia.

Depois percebi que a relação entre ela e o marido era mesmo muito má.

Ele estava obcecado com o crime dela, porque ele sempre se tinha oposto à compra da moto. Ela explicou-me que já antes disso as coisas estavam complicadas, andavam há bastante tempo para se separarem, de vez em quando chegavam a estar separados tipo uma semana, depois voltavam a juntar-se e faziam viagens. Iam fazer uma dessas viagens quando foi o acidente. Eu perguntei-lhe se não tinha ajuda da família, mas ela respondeu que não tinha família, era filha única e os pais estavam mortos. A Manuela, quando aquilo aconteceu e o mundo veio abaixo, ficou completamente sozinha.

Foi por essa altura que eu me mudei para a Malveira, e cheguei a convidá-la para vir comigo. Ela nem me respondeu. Escolheu ficar até ao fim à mercê daqueles dois homens, naquela casa isolada, naquele sítio sinistro, horroroso, nem percebo como é que seja quem for consegue lá viver, quanto mais uma pessoa como a Manuela, que tinha por dentro tanta alegria.

Fazia tudo para que o Carlinhos melhorasse. Chegou a arranjar um professor de motricidade, chegou a andar com ele todos os dias no Alcoitão, ia com ele para o Colombo, ia com ele para a praia, e uma coisa de que falava algumas vezes era das birras horrorosas que ele gostava de fazer em público. Insultava os pretos nos elevadores, fazia fitas nos restaurantes se o almoço não vinha logo, ou gritava com os empregados porque não gostava da comida. E batia-lhe. Depois ficava arrependido e pedia-lhe desculpa. O marido, entretanto, enchia-a de remorsos mas não a ajudava. Não mexia um dedo. Nem queria ver o rapaz.

Na esquadra, nunca se tocava no assunto. Toda a gente sabia que o problema não tinha solução. Mesmo assim, ela dizia-me muitas vezes que é um alívio aos dias de semana, porque ao menos estava ali connosco.

À segunda-feira, vinha sempre de rastos. Eu comecei a telefonar-lhe aos sábados e domingos, para lhe dar alento, mas a certa altura ela veio dizer-me para eu ter cuidado, que o marido ouvia as conversas e não gostava que as pessoas lhe telefonassem. E se fosse da esquadra ainda era pior, porque desde que o Carlinhos saiu do coma que o senhor não queria que ela trabalhasse para ficar em casa a tratar dele.

Às tantas vi a Manuela entusiasmar-se toda outra vez, porque se descobriu que o Carlinhos tinha um coágulo grande de sangue na cabeça, que podia matá-lo, ou deixá-lo louco. Era preciso operá-lo. Foram com ele a Londres fazer exames, ela até comprou um casaco novo. A impressão que me deu foi que ela esperava que a operação tivesse um efeito mágico qualquer, género

quando o rapaz acordasse da anestesia já estava bom e já conseguia mexer-se, estás a ver.

Quando o miúdo acordou da anestesia e continuava sem conseguir mexer-se, a Manuela telefonou-me a chorar por causa de qualquer coisa que o marido lhe tinha dito. Mas chorava tanto, tanto, tanto, que eu não conseguia perceber nada. Despachei-me o mais depressa que pude, e, ao fim da tarde, telefonei para o hospital a perguntar se podia ir lá visitá-la. Passaram-me a chamada para o quarto, e atendeu-me o homem. Tinha uma voz muito bonita, parecia uma voz de um filme, mas naquela altura credo, era tipo filme de terror. *Não nos incomode, estou farto de pessoas a perguntarem pela Manuela, que chatice.* Olha, foi da maneira que fui para lá mais depressa. O homem assim que me viu entrar saiu a bater com a porta, quase não lhe vi a cara. Quem eu vi bem, finalmente, foi o famoso Carlinhos. Já estava ele então quase a fazer vinte e um anos. Era um miúdo enorme, forte, mesmo bonito, até com a cabeça entapada, com um ar bestial. Eu já desconfiava, mas nessa altura fiquei mesmo com a certeza absoluta de que aquilo era mesmo uma questão psicológica. Com outro ambiente, ele podia ter recuperado pelo menos uma parte substancial do controlo das pernas.

Mas aquele ambiente era impossível para qualquer recuperação. A única coisa que a Manuela me disse, quando o homem saiu, à frente do Carlinhos, sem se levantar sequer da cadeira, sem olhar para mim, lembro-me perfeitamente, foi assim: ele já está destruído, e agora quer destruir-me.

A partir da operação, dá ideia de que o homem ficou mesmo incapaz de lidar com a situação. Queria que a Manuela lhe devolvesse o filho antigo, e sem isso não lhe falava a não ser quando era para insultá-la.

Até a filha mais velha passou a ser considerada uma inimiga. O homem chamava-lhe a adjunta. Género: não como à mesa com a tua adjunta. Era a quarta figura que escapava completamente ao esquema que ele estava a construir ali dentro de casa, e isso incomodava-o. Antagonizava a filha o mais que podia para ver se ela não voltava lá. Queria ficar sozinho com a vítima, percebes?

A mim o que me irritava era que a Manuela, ao contrário de muitas de nós, até era titular exclusiva de vários bens. Tinha herdado uma boa quantidade de terrenos, terrenos bons, daqui da periferia de Lisboa. Economicamente, não precisava do marido para nada. Podia agarrar no filho e ir-se embora de casa, não é? Mas andava sempre a inventar desculpas. Que só saía depois do casamento da filha. Que só saía quando encontrasse uma casa de um só piso onde o Carlinhos pudesse viver com conforto, e com outra casa ao lado para ela ficar lá a tomar conta dele. E assim por diante. Depois outras vezes encolhia os ombros, ficava com os olhos cheios de lágrimas, e dizia: ele

vai atrás de mim para onde quer que eu vá. Dizia que, se um juiz quer perseguir uma pessoa, a pessoa só mesmo se sair do país a salto é que lhe escapa. E ela não podia fugir de Portugal a salto com o Carlinhos às costas.

Coitada da Manuela. Estou sempre a pensar em tudo o que nós podíamos ter feito e não fizemos. Quando a conhecemos, ela ia duas vezes por semana ao cabeleireiro, penteava-se assim naquele estilo Manuela Ramalho Eanes, e pintava sempre os lábios com um baton vermelho muito vivo, a gente até se metia com ela porque aquilo era um estilo tão fora de moda. Mas era um estilo, percebes? Agora, para o fim, ela já nem tinha esse estilo. Tinha mais aquele estilo da pessoa que já há algum tempo que deixou de olhar para si própria ao espelho.

E aquilo, lá em casa, ia de mal a pior. Ele escrevia-lhe cartas, à noite, no computador. Ela ficava deitada de porta trancada, a ouvir os dedos dele no teclado, e sabia que vinha aí vai uma enxurrada de raiva, de insultos, e de ameaças. Depois ele começou a coleccionar pistolas, e espingardas, como era juiz podia comprar tudo o que quisesse. Chegava a casa e mostrava-lhe o que ia comprando. Depois ia arrumá-las numa arrecadação que eles tinham no jardim, ela chamava-lhe a casota, ele meteu uma cama na casota e passou a dormir ali. Uma vez, a meio da noite, saiu lá de dentro completamente bêbedo e deitou fogo à casa. A Manuela chamou os bombeiros trancada dentro do quarto, e ele quando os bombeiros chegaram não queria deixá-los trabalhar. O que vale é que estava mesmo muito bêbedo e acabou por cair para o lado, e então eles lá apagaram o incêndio. Porque, se não fosse isso, provavelmente tinham-se ido embora. Tinham todos medo, por causa de ele ser juiz. A Manuela chamava a polícia, e a polícia tinha medo. Chamava a GNR, e a GNR tinha medo. Chamava os bombeiros, e os bombeiros tinham medo.

Depois dessa tentativa de incêndio, começou a ofensiva de isolamento.

Primeiro, o juiz mandou embora as enfermeiras que tratavam do Carlinhos, depois mandou embora o jardineiro, depois mandou embora a empregada, e depois, no último mês, até mandou embora a mulher-a-dias. Ela chegava aqui e dizia: agora até sou eu que tenho de lavar a loiça. E ria. Ria. E encolhia os ombros. Viveu com aquela loucura durante tanto tempo que acabou por achar tudo normal. E nós, feitos parvos, acho que também acabámos por achar normal. Nas últimas semanas, ouvi-a dizer: vamos morrer todos. Ou: da maneira como isto está, quanto mais depressa acabar melhor. Ou: eu não tenho força para fazer frente àquilo. E deixei andar. Às vezes pensava que precisava de falar com ela, mas estava cheia de trabalho e nunca conseguia. Ela, também, isolava-se o mais que podia. Já nem vinha almoçar connosco. A última coisa que a ouvi dizer foi que entrou na casota e encontrou o juiz a afiar umas facas muito

grandes. E ele disse: olha bem para elas, que é assim que vais morrer. Depois disso o homem meteu baixa médica, e, portanto, na última semana, nós sabemos que ele nunca saiu de casa.

No último dia, ela almoçou connosco. Dissemos muitas asneiras para tentarmos fazê-la rir, mas ela estava sempre de lágrimas nos olhos. Houve pessoas que a viram chorar muito, nesse dia, quando ela saiu da esquadra. Houve um agente que a viu benzer-se antes de entrar para o metro. Ela sabia que ia morrer nessa noite.

No dia seguinte, eu só pensava: logo hoje que estamos cheias de trabalho é que esta gaja resolve chegar tarde. Só depois do almoço é que, de repente, me lembrei que ela tinha dito: se eu um dia não aparecer, vocês por favor vão buscar o meu corpo lá a casa. Comecei a pedir a toda a gente para ir lá comigo, mas ninguém queria meter-se nisso. Telefonei para o Valentim, e o Valentim disse que não tínhamos provas para ir incomodar o juiz. O telefone da casa estava desligado, e o telemóvel dela também. Acabei por ir ter com o Sebastião, porque não conseguia lembrar-me de mais ninguém a quem pudesse pedir ajuda.

Anfetamina

Estimulante do sistema nervoso central e simpático que aumenta o rendimento físico e psíquico e reduz a fadiga, a necessidade de dormir, e o apetite. Pode provocar dependência.

Acho que todos sonhamos com isso, disse o Professor Frederico Guilherme de Castro depois de atirar os cabelos lisos para trás com a ponta dos dedos compridos, no dia seguinte, quando Bárbara apareceu na Barata Salgueiro ao fim das consultas, muito interessada em discutir com ele o que fazer, então, quanto ao livro dos duzentos comprimidos.

Oh Frederico, tu desculpa, mas eu hoje não estou em estado de achar graça às tuas brincadeiras.

E quem é que te disse que eu estava a brincar? Resolvermos a nossa vida com um gesto tão simples como tomar um comprimido é um grande sonho, ou não é? Tu não sonhas, mulher? Quer dizer, de cada vez que não te sentes bem, não sonhas com a felicidade imediata proporcionada por comprimidos feitos por medida para cada situação específica?

Mas isso não existe, Frederico, vá lá.

Está bem, minha filha, mas e se existisse?

Puxou a cadeira com rodinhas até à secretária, e pôs-lhe a mão no braço com um sorriso malandro.

Quer dizer, ouve lá. Pensa bem. Se a relação custo-proveito dos comprimidos de que provavelmente esse livro do teu marido fala não fosse tão desastrosa como é, o que é que tu fazias? Hã? O que é que eu fazia? O que é que a gente fazia? Tens que reconhecer que é uma questão moral interessante. Já imaginaste se nos fosse possível vivermos num esquema de dia químico, que éramos nós que controlávamos ao minuto? E então? Era bom ou era mau?

Mas estes medicamentos que ele toma têm todas as consequências desastrosas, é? É isso que estás a dizer?

Ouve lá, começou o Frederico, e depois inclinou-se outra vez para trás na cadeira e acendeu um cigarro.

A ideia dessas coisas, uma ideia recorrente que nos persegue a todos, é sempre a ideia de potenciarmos as nossas capacidades cognitivas. Nós pressentimos, todos nós pressentimos, minha linda, que o nosso cérebro conseguiria executar muito mais funções, e permitir-nos ver muito mais coisas, se o

forçássemos a atravessar a barreira onde ele pára naturalmente. A indução de estados artificiais de contacto com o transcendente é uma história tão velha como o género humano, e tem imensas manifestações antropológicas, como tu muito bem sabes. E esse ultrapassar da barreira é sempre feito com substâncias psico-estimulantes. Agora, os psico-estimulantes são sempre os mesmos, e estão sempre distribuídos ao longo da mesma escala de potência. Desde que os povos andam à procura deles que ainda não se encontraram outros. Começam cá em cima com as anfetaminas e a cocaína, depois há duas ou três gradações intermédias, e depois vêm a cafeína e a nicotina. Estás consciente do papel que a nicotina e a cafeína desempenharam na formulação da sociedade moderna? Estás? Sabes que há livros inteiros publicados sobre isso? Hã?

Ai pá, e estás a ficar tão excitado porquê?

Porque acabei hoje mesmo de escrever um paper que vou apresentar amanhã num congresso e que é exactamente sobre isto. Ouve. Tens tempo para jantar? Podia brindar-te com um interlúdio extremamente estimulante sobre este assunto, antes de voltarmos aos abismos da alma do teu T 1 de Porto Salvo.

T 3 de Fernão Ferro, se faz favor.

Whatever. Queres jantar?

Quero. Quer dizer, deixa-me só ligar para casa, mas não há azar. O meu Emplastro Leão já deve ter mandado dizer que volta tarde, e agora tenho lá a minha sobrinha Marta uns dias em casa. Mas a miúda fica feliz da vida quando pode meter lá os outros punks todos sem ter crescidos por perto.

Punks?

Pois.

O que é que eles usam?

Então, aquelas calças muito largas com uns bonecos horríveis que ficam mais ou menos a flutuar acima dos tornozelos, e aquelas T shirts quase por cima dos joelhos, e o cabelo quase rapado com uma espécie de um bocadinho de alcatifa na parte de cima e depois pintam-no com umas cores que se vê logo que não são naturais, e andam com tatuagens, e com os ténis desapertados, e com muitas pulseiras esquisitas com outros bonecos horrorosos, e assim.

São dreads, pá. És mesmo das berças. Os amigos da tua sobrinha são dreads. E tens muita sorte de serem só dreads. Reza ao teu Deus para que a tua Catarina Eufémia, quando chegar a idade dela, também se contente em ser só dread. Os amigos da minha filha são todos góticos, e isso é que faz mesmo bué de impressão, quer dizer, quando de repente entro no quarto dela e os vejo todos pretos, assim sentados no chão, como uns morcegos.

Se fossem morcegos estavam pendurados do tecto. Ouve lá, e ao menos é psico-estimulante, o teu interlúdio?

Físico-estimulante é que é melhor que não seja, com uma mulher como tu sentada ao meu lado.

Uma hora depois, Bárbara Emília pousou outra vez na mesa o paper do psiquiatra, fez rodar o vinho tinto dentro do copo, e ficou a olhar para os reflexos da luz do tecto nas linhas curvas cor de púrpura. Depois limitou-se a murmurar, meio moça da Cuba meio femme du monde, que giro.

Nunca ouviste falar do Captagon, perguntou-lhe Frederico Guilherme ao mesmo tempo que arrumava os talheres de um dos lados do prato e passava o guardanapo pelos lábios.

O Captagon era uma espécie de um mito para todos os estudantes de Medicina em Coimbra, no meu tempo. A partir do terceiro ano os farmacêuticos já nos tratavam por doutor e já podíamos comprar tudo o que quiséssemos sem receita. Ouvíamos falar do Captagon desde o primeiro ano. Ir comprá-lo à farmácia para estudar para os exames era um verdadeiro rito de passagem. É uma anfetamina bestial, que nos dá uma capacidade de concentração enorme, e ainda por cima dá-nos uma resistência muito maior à fadiga. Vai daí, parecem-nos que estamos a ter uma performance intelectual como nunca tivemos na vida. Não acredito que haja um único médico da minha geração de Coimbra que já se tenha esquecido de como é que se sentiu da primeira vez que tomou aquilo. Ficamos... sabes como é, ficamos maravilhados connosco próprios.

Sentimo-nos no sétimo céu.

Mas - fez uma pirueta acrobática com o garfo e estacionou-o com os dentes virados para cima mesmo diante dos olhos dela - lá está. A tal relação custo-benefício.

Em primeiro lugar, há muitos poucos medicamentos capazes de surtirem este efeito num intervalo assim tão perfeito, e os que vão pela escala acima começam a dar efeitos secundários psicóticos que, esses, de certeza que não fazem ninguém sentir-se no sétimo céu. Depois, como no Captagon, é a velha história das drogas, uma história que aliás os alcoólicos também referem muitas vezes: depois daquela primeira vez, nunca mais volta a ser assim tão maravilhoso. Mas a pessoa quer voltar a sentir aquela coisa maravilhosa. E umas vezes vai parar mais longe, outras vezes vai parar mais perto. Com as tomas repetidas, o impacto do efeito flutua. De maneira que a pessoa tem aquela tentação enorme de subir a dose. Com a subida da dose, a acção psíquica transforma-se em desorganização psíquica - o pensamento salta, é anárquico, e tu não estás em controlo. Estás a ver o drama do Maradona? Exemplo de livro de texto do destino de um jogador de futebol cocainómano: é absolutamente brilhante nos primeiros vinte minutos do jogo, mas a seguir nunca mais consegue sequer acertar na bola. Enquanto o tipo ainda está em controlo do

efeito da dose, pode ser que os tais primeiros vinte minutos sejam tão bons que ninguém se importe por ele *lá mais para o meio se ter desnortado*. Mas, com o tempo, é inevitável que o tipo sinta uma pressão enorme, externa e interna para subir a dose. E aí o mais provável é que, na esmagadora maioria dos casos, já não acerte mesmo em bola nenhuma. E isto vai piorando com os anos e com as pressões dos treinadores e dos donos dos clubes, até o tipo estar transformado num palhaço gordo que pinta o cabelo de cor de laranja e vai para Cuba mudar de vida. Não sei o que é que o livro do teu Emplastro Leão diz a este respeito, mas a tal vida sintética de que eu falo no meu paper, levada ao extremo, só poderia existir se nós soubéssemos exactamente como é que contra-atacamos cada um dos efeitos colaterais. E como é que se mantém aquela tal maravilhosa sensação da primeira vez, que nunca volta a ser a mesma quando se sobe a dose - mas é tão tentadora, parece estar mesmo ali ao virar da esquina, imaginas o dilema de quem já experimentou? E pronto, pode ser que baste que esta limitação dramática do nosso conhecimento, que aliás duvido que alguma vez possa resolver-se, porque estamos a tentar conhecer um cérebro que assim como assim não se conhece a si próprio, e que nunca tem um controlo muito apertado sobre cada coisa que está a fazer a cada momento, sirva para nos mantermos modestos e não tentarmos entrar mesmo pela via do dia químico. Se calhar é bom. O teu Deus lá sabe, em última análise.

Pensava que tu não acreditavas em Deus.

As coisas que existem e nós não entendemos estão-se bem nas tintas para se a gente acredita nelas ou não. Bom. Olha, pequeno alívio irónico só para rematar esta conversa tão séria. Sabes qual é a única destas drogas de trazer felicidade que traz mesmo a felicidade? Hum? É o Viagra. Está mais que estudado que as pessoas raramente tomam Viagra para tratar disfunções. Tratam-no mas é para divertimento. E recebem o que foram lá buscar. Sabes porquê? Porque o Viagra aumenta a dilatação dos vasos do pénis. O efeito da droga é todo sobre a musculatura. Não precisa de passar pelo cérebro. Sem cérebro, as coisas funcionam. O cérebro é que complica tudo. Porque o nosso cérebro... ai, Bárbara. O nosso cérebro é um adolescente encharcado em hormonas e cheio de alterações de personalidade.

«Por que é que me tratas tão bem?»

Quando finalmente saíram da casa de Sebastião Curto, Bárbara Emília resolveu oferecer ao seu ex um chá e uns scones no Coentro. Estava ela própria muito abalada com a história da Leninha, e completamente horrorizada com o crime do juiz. Joaquim Peixoto encheu-se de coragem. Ela parecia tão abatida. E ele já estava tão bem informado. E, afinal, tinha sido tão fácil.

Fez-lhe uma festa na cabeça.

Ela fechou os olhos.

Eu vou fazer justiça, Bárbara. Vais ver. Não estejas triste. Quando sair daqui, vou direitinho para casa agarrar-me ao computador, e, com tudo o que a Leninha nos disse, escrevo uma história de que o povo nunca há-de esquecer-se.

Bárbara franziu as sobrancelhas.

Não pode ser, Quim.

O que é que não pode ser, Bárbara?

Sabia-lhe tão bem, estar assim sentado ao lado dela a falar dos seus projectos. Tinha sido tão bom, ao princípio. Também tinha parecido tão fácil.

Bárbara deu um golo pequenino no chá antes de continuar o seu raciocínio.

Estou só a pensar em voz alta, Quim. OK? Não tenho propriamente peneiras de ser a eu a ensinar-te o teu trabalho. Estou só a lembrar-me do que tu me dizias sempre, lá na Cuba, quando tu eras muito novinho e andavas a falar com toda a gente por causa da Mitó.

Ai, Bárbara. Eu era muito novinho, mesmo.

Pois eras. Eras tão querido.

E olha só o... como é que tu dizias... o Emplastro Leão em que me transformei.

Ela levantou uma das sobrancelhas e atirou-lhe uma olhadela de relance.

Sempre tinha sido muito boa naquilo das olhadelas provocantes. Já na Cuba, com muitíssimo mais ingenuidade e mais uns bons sete quilos em cima, a conhecera a mandar-lhe olhadelas que o punham doido.

Podias ir para o ginásio ver-te livre dessa barriga, é certo.

Há muito tempo que Joaquim Peixoto não se ria.

Qual é a graça?, perguntou ela.

Oh Bárbara? Estás a imaginar aqui o teu Emplastro Leão de calções e T-shirt de alças, no ginásio, a levantar pesos?

Há uns equipamentos de ginásio para homens que são muito giros, protestou ela. Por acaso eu até podia...

Foi a sua vez de começar a rir. Primeiro, riu baixinho. Depois voltou a olhar para ele de alto a baixo, agora com mais camaradagem que provocação, e desatou a rir com gosto.

Que é que foi?, perguntou ele.

Nada, Quim. Desculpa. Estava a imaginar-te nas máquinas, ao fim da tarde, no meio destes executivos todos que vêm aqui ao ginásio do Bagatella.

Estava a ver a tua cara quando eles passassem por ti, todos porreiros, com aquele ar de donos de mundo, a baterem com as raquetes nas pernas musculadas a caminho do squash, todos impecáveis, superirritantes. E tu todo esmigalhado na cadeira dos abdominais, estafado, furioso, muito zangado com a humanidade, a ver passar aquela gente. Ai, mocinho. Desculpa. Estava só a imaginar aquela cara de raiva que tu fazes. És tão querido.

Encostaram as cabeças para rir melhor.

Ele experimentou pousar a sua mão em cima da mão dela.

“Posso?”, sussurrou-lhe ao ouvido.

Então, suspirou ela com uma risadinha, agora já toda aninhada no ombro dele. “Pois se nós ainda não nos divorciámos.”

Nós nunca nos casámos.

Mais uma razão para não nos divorciarmos.

Joaquim Peixoto quase sustinha a respiração para não quebrar o encanto.

Bárbara, murmurou ele a fazer-lhe festas ao longo dos dedos. Bárbara por que é que tu me tratas tão bem?

Ela soltou um suspiro.

Também já te tratei muito mal, meu moço.

Por que eu te tratei cem vezes pior E transformei-me num inútil mal disposto. Abusei da tua generosidade e dei cabo dos teus sonhos. Acho que nunca fui mau para mais ninguém, mas sei que fui muito mau para mim. Fiz-te mal.

Não sejas parvo. Tu nunca me fizeste mal. Só me deste uns desgostos. Mas isso é mesmo assim, quando as pessoas resolvem viver juntas por amor. Quem vai à guerra dá e leva.

Ele afastou-lhe devagarinho o cabelo da cara.

Bárbara. Eu pensava que tu me desprezavas profundamente.

Ela fechou os olhos.

Não sejas parvo. Claro que eu não te desprezo. Eu gosto muito de ti, Quim. Só te pedi que te fosses embora porque, se continuasses ali connosco em Fernão Ferro, a viver como andavas a viver, então é que ainda me arriscava a acabar por desprezar-te mesmo. E eu não queria. Queria continuar a sentir o que ainda sinto, e que para mim é tão precioso.

Olhou para ele com o esboço de um sorriso. Depois desviou o olhar.

Gosto muito de ti desde a primeira vez que te vi. Tu sabes. Já te disse. Dantes, quando eu fazia o que podia para aturar o Augusto lá na Cuba, e depois agora, desde que eu ando aqui a tentar ser uma mãe solteira exemplar e uma empresária de sucesso, os homens andam sempre todos à minha volta a dar às asinhas como umas melgas. Mas eujá vi tanto, Quim, eujá sei tanto, é tão triste. Eu olho para os olhos deles e vejo a direito lá para dentro, vejo aqueles olhos de quem está numa de sacar o brinde e pô-lo ao peito, só vejo esses olhos, vejo esses olhos todo o tempo. Ninguém está a pensar em mim. Ninguém está a chegar-se a mim para ver se consegue dar-me mimos. Mas tu, Quim, tu nunca olhaste para mim da maneira como os outros homens olham. Tu olhavas para mim e tinhas tanta ternura nos olhos, tanto carinho, uma alegria tão grande, tão bonita, era uma coisa tão boa, eu ficava tão feliz, fazia-me sentir tão bem.

E agora? Vês o quê nos meus olhos, Bárbara?

Ai, fez ela com um gritinho, a esconder os olhos com as mãos. Agora não posso olhar que senão fico toda arrepiadinha.

Joaquim Peixoto quase que deu um murro na mesa. De facto, não bateu com muita força. Mas ainda deu para abanar ligeiramente o tampo e fazer o chá ondear suavemente dentro das chávenas.

Porra, Bárbara. Estás a gozar, não estás? Estás a fazer-me uma daquelas tuas cenas que eu conheço tão bem, aquilo de me encheres de esperanças para a seguir me deixares pendurado.

Ela encostou-lhe a cabeça no ombro e fechou os olhos.

Não é uma cena, Quim. É aquela confusão de o meu coração estar cheio de ternura por ti, e a minha cabeça estar aos berros para eu sair daqui depressa senão ainda me lixo outra vez.

Joaquim Peixoto levantou-lhe o queixo com a ponta dos dedos e deu-lhe um beijo muito breve nos lábios.

Tens toda a razão, miúda. A tua cabeça tem toda a razão. Mas não saias daqui, que eu não te lixo. Não vou deixar. Não vou voltar a enfiar-me dentro da tua vida para depois começar a estragá-la toda. A sério. Ouviste? Eu recuso-me a fazer-te uma coisa dessas. Tu mereces muito mais, muito melhor, tu mereces tudo. Vamos mas é voltar àquela parte em que tu ias ensinar-me a fazer o meu

trabalho. Deixa-me só ser teu amigo, que eu não posso dar-te coisa, mas posso certamente dar-te uma amizade que dure enquanto a gente viva. Está bem?

Foi a vez de ela lhe beijar levemente os lábios.

És um santo, Quim. Um santo sábio.

E tu és a rainha dos anjos.

Eu não posso ser anjo. Tenho sexo.

Não suporto ouvir essa palavra na tua boca.

Cabrão. Então não íamos ser muito amigos?

Íamos. Vamos. Ensina-me lá a fazer o meu trabalho.

Espera aí. Deixa-me ir só num instantinho ver o que é que aqueles querem.

Tinham acabado de entrar dois casais, cinco crianças, e um São Bernardo. Mesmo com as suas indumentárias descontraídas de sábado à tarde, percebia-se logo que era gente muito fina. Joaquim Peixoto ficou a ver a sua ex-mulher aproximar-se deles, distribuir sorrisos e beijinhos, despentear os filhos enquanto falava com as mães, e por fim apontar para uma mesa redonda ao fundo da sala. Viu-a encaminhar o grupo para lá, e acender o candeeirinho de pé para criar ambiente. Ficou a pensar que já não havia nada que distinguisse a enfermeira boazona que ele conhecera há dezassete anos no Centro de Saúde da Cuba do grupo Classe A que acabava de entrar no Coentro do Bagatella. Com muito mais experiência em cima, e com uns bons sete quilos a menos, Bárbara Emília Frutuoso tinha-se transformado numa daquelas pessoas.

Joaquim Peixoto viu-a entrar para a cozinha, passar por ele, e despenteá-lo como tinha despenteado os meninos com um é só um minutinho, Quim, tão eficiente quanto atencioso. Ouviu-a remexer lá dentro numa série de objectos, enquanto a aparelhagem começava a tocar qualquer coisa dos Penguin Café Orchestra. Viu-a voltar a entrar com um tabuleiro lacado cheio de panos coloridos, guardanapos, talheres, pratos, chávenas, tigelinhas de compota, tudo escolhido com uma elegância calorosa e simples, assim como se os adereços já nascessem bonitos de geração espontânea. Reparou na piscadela de olho cúmplice com que entregou o tabuleiro a uma das mães para que procedesse à distribuição dos lugares, antes de voltar para a cozinha já com um dos meninos pela mão.

Os outros meninos não aguentaram muito mais tempo até irem todos enfiar-se também na cozinha, apesar dos protestos dos pais.

Joaquim Peixoto ficou a ouvir as risadas felizes que vinham lá de dentro, as vozinhas confiantes deles, os murmúrios cúmplices dela, o barulho reconfortante de loiças e colheres de pau. Fechou os olhos para ouvir melhor.

Decidiu tomar dois Paxilfares, potenciados por dois Ataraxes para aumentarem o impacto, e aconchegados por um Zomig para lhe desimpedir a cabeça.

Bárbara Emília saiu triunfante da cozinha com dois bules enormes de chá que pareciam feitos de prata e depois revestidos de tiras finas de bambu entrelaçado. Atrás dela vinham os meninos em procissão, com os cestos dos scones e os pratinhos da manteiga.

Aquela sacerdotisa magnífica tinha-se em tempos apaixonado por ele.

Joaquim Peixoto deu outro golo no chá para limpar do fundo da garganta o sabor dos cinco comprimidos engolidos à pressa.

Ela sentou-se finalmente ao seu lado, risonha, eficiente, a atirar os cabelos para trás.

Pronto, Quim. Desculpa lá. Agora podemos falar do trabalho com calma, que eles já têm ali muito com que se entreter. Olha, queres mais alguma coisa? Um sumo? Uma cerveja? Um café?

Um café era bom.

Posso ir eu fazer, tia Barbie?, perguntou logo da outra mesa uma menina loira, de risco ao lado e gancho cor-de-rosa, a condizer com os bordados das jeans apertadíssimas em cima e larguíssimas em baixo.

Oh Mariazinha. Deixe a tia Barbie fazer o trabalho dela sossegada.

Bárbara fez um aceno negligente para a mãe da Mariazinha.

Deixa-a ir, Nena. Lê o jornal descansada. A Mariazinha conhece os cantos à casa. Tira duas, está bem, Mariazinha? Mas não te esqueças que só metes dentro da máquina exactamente a água que cabe nas chávenas. Aqui o tio Quim não gosta de cariocas.

Virou-se para o ex-marido sem transição, como se tudo aquilo fosse simples. E normal, até.

Então vá, Quim. Vamos falar de trabalho?

Quer dizer, primeiro vamos ouvir aquela parte em que tu me ensinas a minha profissão.

Ah. Isso. Olha, foi uma coisa que me passou pela cabeça quando te ouvi dizer que ias já escrever a história da Leninha.

Da Leninha e do Sebastião, ouve.

Está bem, mas eles são duas pessoas com a mesma versão da história. Não te lembras? Quando apareceste lá na Cuba em 1985, sempre muito atarefado a pedires-me ajuda para falares com toda a gente e mais alguém por causa do crime da Mitó, explicaste-me mais que uma vez que as histórias nunca têm só uma versão. As histórias são complexas, porque as pessoas são complexas. E só ouvindo os diferentes pontos de vista de todas as pessoas envolvidas, só expondo todas as facetas de um mesmo problema em toda a sua complexidade, se chega a uma versão da história que seja minimamente próxima da verdade. Mas que nunca é a verdade, de qualquer maneira, porque a verdade está fora

da esfera do nosso alcance. Nunca podemos encontrá-la. O mais parecido que podemos fazer é procurá-la.

Caraças. Eu disse isso?

Pois disseste. E eu ouvi.

Estou impressionado.

Oh Quim. Não gozes. Nem contigo nem comigo. Disseste-me muitas coisas destas, naquelas conversas que a gente tinha. E eu ficava maravilhada a ouvir-te, bebia as tuas palavras todas, e só pensava assim aí eu, este moço de Lisboa sabe tantas coisas, e eu, que sou mais velha que ele, não sei nada. E tu eras tão querido, tão querido, tão querido...

A Mariazinha chegou com as duas bicas, arrumou-as à frente deles com imensa aplicação de mulherzinha, e depois tratou de sentar-se ao lado da tia Barbie. Ela abraçou-a pela cintura e deu-lhe um beijinho no cabelo.

Sabes que a tua tia Bárbara já esteve muito apaixonada por este senhor, Mariazinha?

Este?

Sim, este. Este senhor foi o amor da vida da tia Bárbara. Olha, até larguei o meu marido para vir para Lisboa viver com ele e tudo.

E depois?

Então, depois nasceu a Catarina.

E depois?

Depois é uma parte que eu só te conto daqui a dois ou três anos, está bem?

Porquê?

Porque não se pode contar tudo logo de uma vez às meninas da tua idade.

Porquê?

Porque senão elas ficam com uma confusão tão grande na cabeça, mas tão grande, tão grande, que grande, que depois já nem conseguem namorar.

Porquê?

Porque vocês ainda não estão prontas para saber que a vida é uma grande confusão, bonita. Agora eu vou falar com o tio Quim, está bem?

Mas eu posso ficar aqui, tia, vá lá?

Bárbara apertou-a contra si com mais força e piscou o olho ao ex-marido.

Está doidinha para crescer depressa, esta minha menina.

Mariazinha bebia as palavras todas de Bárbara Emília com os olhos cravados nela. Joaquim Peixoto tentou lembrar-se outra vez da conversa profissional, enquanto descobria que a mulher mais bonita que alguma vez brotou do solo alentejano agora era o ídolo das meninas finas de Lisboa.

Vitamina

Nome genérico das substâncias indispensáveis ao crescimento e ao funcionamento dos órgãos, fornecidas, na sua maior parte, pela alimentação, que o organismo não é capaz de sintetizar, e cuja carência provoca perturbações características. As suas actividades são muito diversas.

Quando Joaquim Peixoto percebeu que o seu problema em acordar já estava a ficar mais sério que o seu problema para dormir, e eliminada que estava a via alternativa do Reiki, começou a fazer o que ouvia toda a gente dizer que fazia.

Foi à farmácia, e voltou de lá com um saco enorme carregado de tónicos e de vitaminas.

O regime foi-lhe sugerido pela senhora que lavava as escadas do prédio da pastelaria onde ele costumava por essa altura ir tomar café de manhã. E que garantia que com aquilo é que se dava bem, e que aquilo acordava os mortos.

Era um regime extremamente detalhado. De manhã, dois comprimidos de Ginsana, uma ampola de Magnesona, e uma ampola de Panastenico. Repetir a dose à noite. Tomar também uma ampola de Sargenor, e uma ampola de Tonicê, três vezes ao dia. E mastigar um comprimido de multivitaminas com o pequeno-almoço.

Toda a gente gosta muito deste género de mezinhas, porque são remédios simpáticos. São bons placebos. Não carregam preconceitos, porque não são verdadeiros comprimidos, na plena conotação da palavra. E até dignificam um bocado o seu consumidor, porque dão logo a ideia de que, se alguém tem que tomar assim tantos fortificantes, é porque está mesmo a trabalhar muito.

A verdade é que Joaquim Peixoto andou mais de um mês a encharcar-se naquilo tudo, mas aparentemente não conseguiu obter nem o efeito de placebo. O tal amanhecer tão antecipado, em que ia sentar-se na cama ao lado dos cabelos de Bárbara Emília ainda espalhados pela almofada com um sorriso másculo de super-herói, estava a demorar imenso tempo a chegar.

Nessa altura foi o homem da tabacaria que lhe sugeriu que tomasse Prozac.

Tendo ouvido tantas histórias do Prozac como qualquer outro cidadão ocidental, Joaquim Peixoto começou por enrugar muito a testa e quase deixar

cair ao chão o maço de SG Ventil que tinha acabado de comprar, como fazia em todas as outras manhãs, e em todos os outros fins de tarde.

Prozac? Mas isso não é um antidepressivo? E os antidepressivos não fazem sono?

Foi o médico do Centro de Saúde que me ensinou este truque, respondeu o homem da tabacaria piscando o olho, com o ar satisfeito de quem está de posse de um segredo que os outros desconhecem.

Joaquim Peixoto encostou-se à bancada das revistas. Enfiou o cotovelo mesmo em cima da cara da Ana Mafalda, em cima de uma moto de todo-o-terreno, para ouvir melhor.

É assim, senhor Joaquim.

É verdade que o Prozac é um antidepressivo, mas se a pessoa andar com a neura aquilo dá uma boa pica. Está a perceber? Se você estiver bem, mesmo bem, sem problema nenhum, então pode tomar Prozac à vontade, pode engolir a caixa toda, que não se sente mais espevitado. Mas oh senhor Joaquim, quem é que não anda com a neura nos tempos que correm, diga-me lá. Então pronto. O mais provável é você andar com a neura, homem, como eu ando, como toda a gente anda. E o que o meu médico me explicou é que os sintomas da neura são iguais aos sintomas do cansaço e do stress. Você não precisa de estar com uma depressão. Basta-lhe estar com a neura, e, se estiver, o mais normal é que lhe custe muito a acordar, porque você não quer ter que pensar em enfrentar um novo dia, que vai ser tão triste como o anterior. Então toma mas é o seu Prozacinho, e vai ver que se sente mais activo, mais capaz de acordar de manhã, com mais capacidade de desempenho, percebeu? Olhe, fica mesmo assim como a sua mulher, sempre toda, toda, como é que ela diz?

Não há cenas, não há trombas.

Isso. Vai ver que, com a ajuda do Prozac, até o senhor Quim pode ficar todo não há cenas, não há trombas.

O homem da tabacaria inclinou-se também ele, para ficar mais perto dos ouvidos de Joaquim Peixoto, e estampou por sua vez a mão peluda em cima da parte da capa da revista onde Ana Mafalda estava a dizer em letras verdes e cor-de-rosa *se não tiver emoções fortes todos os dias fico improdutivo*.

Sabe o que é que me disse o meu médico? O meu médico é um gajo munta porreirinho. Já lá vou há mais de sete anos, e o santo do homem nunca me deixa ficar mal. Explicou-me que este efeito do Prozac na neura é aquilo a que se chama um falso efeito estimulante. Diz que os médicos passam a vida a receitar Prozac como estimulante. Sabem que os doentes não estão deprimidos, mas dizem-lhes à mesma que estão deprimidos e mandam-nos tomar Prozac para lhes tirarem a neura. Oh senhor Joaquim. Olhe só ali o rabo daquela.

Era uma adolescente de pulseiras nos tornozelos, e de maminhas a despontar por baixo da T shirt de alças apertadíssima com o emblema da Seven Up nas costas, que ia a atravessar a rua. Não podia ter mais de doze anos.

Deixe-a crescer, rosnou o homem da tabacaria, e cuspiu para o lado de fora da porta.

Joaquim Peixoto entreviu logo ali uma oportunidade.

Sempre quero ver se depois também vai olhar dessa maneira para o rabinho da minha filha, senhor Luís.

Oh senhor Joaquim, engasgou-se logo o senhor Luís, um bocado corado. Mas a sua Catarina ainda anda dentro da barriga da mãe, então. Quando chegar a altura dela vir aqui pavonear-se para a minha rua, já eu estou a cair da tripeça.

Já agora que tinha ganho uns pontos, Joaquim Peixoto também podia aproveitar para lidar com uma das suas grandes preocupações em relação ao Prozac.

Não estou a perceber nada, senhor Luís. Como é que ainda consegue olhar dessa maneira para os rabos das miúdas? Sempre ouvi dizer que o Prozac tirava a ponta.

O homem riu-se baixinho com um ar malandresco, e agarrou na revista que ambos tinham debaixo dos braços para estampar a cara sardenta e despenteada da Ana Mafalda mesmo diante da cara do homem da rádio.

Oh senhor Joaquim. Então e os olhos não comem?

O Prozac tirou-lhe a ponta, insistiu Joaquim Peixoto, ao mesmo tempo que agitava a mão para afastar da sua cara o sorriso intrépido de Ana Mafalda.

Às vezes, senhor Joaquim, às vezes, admitiu o senhor Luís. Mas sabe, atirou com a imagem de Ana Mafalda para trás das costas, com o sorriso triunfante de um homem liberto. Sabe o eue é queeu acho?

Agora que já tenho desculpa, já posso dizer estas coisas.

Eu acho que isso da ponta é uma grande conversa, senhor Joaquim.

Às vezes eu também penso que sim, senhor Luís.

Eh pá, oh senhor Joaquim. Mas quem é que foi que nos meteu na cabeça que um homem ou anda de pau feito ou é porque anda depauperado? Hã, senhor Joaquim? Vá, o senhor. O senhor que tem lá em casa uma mulher muito boa, e ainda faz pouco mais que um ano que vocês juntaram os trapinhos, diga-me lá, vá, de homem para homem e só Deus é que está a ouvir, diga-me lá quantas vezes por semana é que o senhor vê o padeiro. Hã? Então e não gosta de estar assim no seu sossego? E ela, não gosta? Ela queixa-se, se calhar? Não, pois não? Então já vê. A vida real não está para grandes tropelias, senhor Joaquim, porque se estivesse, o pessoal não via tantas telenovelas. Não precisava. Tinha melhor em casa. Mas a malta está cansada, homem. Anda tudo

com a neura. Está tudo horrível. Eu caguei e andei, senhor Joaquim. Tenho sempre a desculpa de andar a tomar Prozac. Também pode usar a minha desculpa, é só querer. Assim como assim, palavra de honra. Eu seja ceguinho e que Deus me perdoe, mas sempre lhe digo que cá por mim sempre gostei mais de ir ao cinema do que de fazer teatro.

«Deixou de haver espaço

Joaquim Peixoto desviou de vez os olhos do deslumbramento da Mariazinha para conseguir fixá-los na determinação de Bárbara Emília.

Bem, minha querida. Estavas então a tentar convencer-me de que eu tenho que ir ouvir mais partes interessadas?

Pois. Deve haver alguém que fosse amigo do juiz, ou pelo menos colega, alguém que possa contar as conversas que tinha com ele, é isso. Repara, ele só era um monstro durante a noite. Durante o dia, até ia ser Presidente da República e o país precisava muito dele. Alguém devia falar de quem ele era de dia.

Joaquim Peixoto sacudiu a cabeça com um sorriso comovido.

Ai Bárbara, Bárbara, suspirou ele.

Que é que foi?, estranhou ela.

Joaquim Peixoto tentou primeiro a defesa que era mais simples.

A história tem que estar pronta amanhã de manhã, menina. Como é que tu queres que, de hoje para amanhã, um desgraçado como eu vá descobrir um amigo ou um colega do juiz, para ter a outra versão?

Tenta-se, Quim. Eu ajudo-te. Pelo menos tenta-se. Olha, há bocado estava a lembrar-me de um amigo meu... bom, não é exactamente um amigo, mas é um homem com muita piada que costuma vir cá tomar café todos os dias quando eu ainda estou a abrir, ainda nem as mesas estão postas. Ele encosta-se ali ao balcão e conversa. Pois sabes quem é esse senhor? Da maneira como está a correr a campanha, para o mês que vem é o novo bastonário da Ordem dos Advogados. Percebes? Eu dou-lhe uma apitadela. Ele conhece toda a gente nesses meios, Quim. Não acredito que não consiga pôr-nos em contacto com alguém que estivesse muito próximo do juiz.

Já estava a apalpar os bolsos à procura do telemóvel.

Joaquim Peixoto apertou os lábios um contra o outro num esgar de tristeza. Não adiantava subestimar as capacidades da sua ex-mulher. Tinha mesmo que passar à segunda linha de defesa, e abrir uma argumentação muito mais complicada.

Agarrou-lhe nas duas mãos.

Bárbara, minha querida, disse ele em voz baixa. Acredita que isto não me dá gozo nenhum, mas acho que preciso mesmo de demolir as tuas ilusões.

Sabes uma coisa? Tudo isso, todas aquelas coisas empolgantes sobre as várias facetas de cada história e a complexidade impossível da verdade, tudo aquilo que tu disseste há bocado que eu disse, bom. Isso, realmente, fazia todo o sentido em 1985. Mas nós estamos em 2001. A Comunicação Social mudou muito. Já não há espaço para histórias complexas que tentem aproximar-se da verdade.

Bárbara franziu as sobrancelhas.

A Mariazinha olhou para o grande amor da vida do seu ídolo com os olhos muito abertos.

Joaquim Peixoto imaginou a cara da menina loura se visse o T 0 da Rebelva onde vivia o homem que fez a tia Barbie abandonar o marido no Alentejo, e sentiu uma vontade acrescida de partir a espinha àquela rainha de costas direitas.

Não há espaço, Bárbara. Não há. Acredita. É tão simples como isto. Quanto menos eu escrever, melhor. Eles só querem ter um pretexto para mostrar uma data de fotografias horríveis. Estão-se completamente nas tintas para a história.

Quem são eles?

Os donos dos jornais e das revistas, minha querida. Que não são jornalistas, tira daí o sentido. Nem sequer são pessoas. São grandes conglomerados de empresários.

Desculpa, Quim. Isso é desculpa de mau pagador. Se o problema é mesmo a falta de espaço, então falas à mesma com todas as partes interessadas, e depois tentas sintetizar a complexidade das versões da forma mais correcta e cristalina possível. Desses grandes conglomerados eu não sei nada, nem quero saber. Mas sei o que é que dizem as pessoas. As pessoas, todas as pessoas, chegam aqui ao sábado de manhã, todos os sábados de manhã, com os jornais e as revistas. Começam a lê-los, e ao fim de cinco minutos já estão despachados. E toda a gente, todos os sábados, se queixa da miséria a que isto chegou. Toda a gente protesta que já não há nada para ler. Escreve uma boa história, Quim. Faz um favor aos leitores. Eles depois agradecem-te, e esse agradecimento ainda pode ser o teu regresso à grande área.

Eu nunca estive na grande área.

Mas querias estar, não querias?

Mesmo que quisesse, não percebo como é que entro para lá por ter feito um favor aos leitores.

Bárbara Emília estava cada vez mais intensa. A Mariazinha olhava para as mãos dela, depois para os olhos dela, depois para a boca dela, e quase sustinha a respiração.

Oh Quim. Tu não desconverses, que de mim não te livras assim tão depressa como isso. Se tu escreveres uma história como deve ser, se agarrares no horror daquelas fotos e na tragédia daquelas vidas e tentares o teu melhor para explicares aos leitores como pode acontecer uma desgraça destas numa vivenda de Mafra onde mora um alto magistrado, de certeza que os leitores vão ficar agradecidos. E depois escrevem toneladas de cartas à direcção a exigir mais peças tuas. É simples. Ainda tu não tiveste tempo de dar por isso, e já toda a gente te quer na linha da frente.

Bárbara, minha querida, tu és um amor. És um tesouro. Mas não insistas, que eu não aguento ouvir-te teres sonhos por mim, está bem? Não sonhes. Não vale a pena. Isso não é verdade. Nada do que tu disseste é verdade.

O que é que não é verdade?

Ai, mulher. Sempre foste muito teimosa.

E ainda não deixei de ser.

Mas não vale a pena, meu amor. Os leitores estão todos anesthesiados. Já toda a gente viu demasiada televisão. Tira daí o sentido. Já ninguém tem qualquer espécie de esperança de ainda conseguir mudar seja o que for. As pessoas estão todas, pura e simplesmente, a ser arrastadas pela corrente. E têm que ter as duas mãos agarradas à bóia para não se afogarem, por isso não podem soltar uma delas para escrever ao director. Percebeste?

Percebi, mas discordo. Queres ver?

Levantou a voz.

Oh meninos.

As pessoas finas da outra mesa viraram-se para eles.

Meninos, repetiu Bárbara Emília de queixo erguido e voz solene. Vocês alinham numa cruzada para voltar a haver alguma coisa para ler nos jornais e nas revistas?

Alinhamos, Barbie!, afirmaram os quatro adultos em coro e com uns grandes sorrisos, enquanto as crianças saltavam e levantavam o polegar. Até o São Bernardo abanou uma vez a cauda sem levantar a cabeça do meio das patas.

Bárbara Emília lançou um olhar de triunfo a Joaquim Peixoto.

Viste?

Ele encolheu os ombros.

Ela abanou-lhe o braço.

Escreve a história, Quim. Escreve uma boa história. Eu ajudo-te. A sério; Eu quero. Eu faço o que for preciso. Ainda temos tempo. O Sebastião só quer a peça amanhã de manhã. Nem que esta noite ninguém durma. Escreve uma coisa tão boa que os conglomerados não consigam deitá-la fora. Depois aquilo

sai na capa da Actualidades, é um escândalo horrível, vende-se que nem pãozinhos, toda a gente vai ler, e o resto deixa comigo. Eu ponho o pessoal todo daqui da zona a escrever para lá. A Vi agita as massas no Seixal. A Pepa puxa pelas tias todas de Cascais. Vais ver. O povo vai pedir mais, Quim. E, nessa altura, os conglomerados vão ter que pedir-te que escrevas mais. Com a continuação do sucesso tens que começar a fazer-te pagar como mereces, mas dessa parte a gente trata na altura certa. Vá. Alinhas?

O telemóvel de Joaquim Peixoto começou a tocar.

Bárbara levantou-se, muito profissional, agarrou na Mariazinha pela mão, e foi explicar às pessoas da outra mesa de que constava a tal de cruzada para voltar a haver alguma coisa para ler nos jornais e nas revistas.

Oxitocina

Hormona do lobo posterior da hipófise, com estrutura próxima da da vasopressina. Provoca a contracção do útero, acelera o trabalho de parto em caso de inércia uterina, e pára a hemorragia pós parto.

Na noite em que o Prof. Frederico Guilherme de Castro deixou Bárbara Emília muito bem impressionada com o seu interlúdio estimulante, logo a seguir tratou de deixá-la muito mal impressionada ao declarar lapidariamente, ao mesmo tempo que sacudia o guardanapo para poder abandoná-lo sobre a mesa, que a liberdade sexual era uma merda.

Fale por si, senhor Professor.

Estou a falar a sério, Bárbara.

Então não estou a perceber, Frederico.

Então, mas é fácil de perceber, sua medieva. Ouve lá. Por exemplo. Tu gostavas de ir para a cama comigo?

Ela arqueou ligeiramente as sobrancelhas, e depois esboçou um prenúncio minúsculo de um sorriso só com a ponta direita dos lábios.

Ele deu um murro ao de leve na mesa.

Quer dizer, faz perfeito sentido, não faz? Eu sou um homem da tua idade. E mais. Pelo teu comportamento dá-me ideia que sou um homem da tua idade que te atrai. E sou decente, limpo, asseado, sem doenças, pelo menos que tu saibas, sou culto, ando bem vestido, aliás deves mesmo calcular que estou muito bem na vida. Agora tu. Tu sabes perfeitamente que és uma mulher linda. Dás com os homens em doidos e gostas de dar, e ainda te divertes mais a observar o efeito do que propriamente a provocá-lo. Ou seja, deves calcular que eu a esta hora já esteja completamente doido por ti, porque, segundo a tua experiência, não há nenhuma razão para que não esteja. Portanto, aqui estamos nós, completamente perdidinhos um pelo outro. E é tarde. E já bebemos bem. E eu entretanto aproveito para te informar que tenho um haxe porreiro no bolso das calças. OK? Tu vives com um gajo de quem é só uma questão de tempo até te separares, e eu vivo com uma mulher moderna que se está bem nas tintas para as minhas escapadelas. Certo? Aqui estamos nós, dois adultos de sexos que se atraem mutuamente, completamente livres à meia-noite menos dez. Então? Gostavas de vir para a cama comigo?

Eu gostava.

Então por que é que não vamos?

Ela reflectiu rapidamente sobre o assunto, acendeu um cigarro para pensar melhor, olhou para ele de olhos semicerrados enquanto inspirava o fumo, e depois atirou ao seu Fred Lacoste aquele sorriso travesso que já tinha deixado de ser inocente há muito tempo.

Eu gostava de ir contigo para a cama, de facto, mas era assim mais no plano teórico.

Desta vez o murro que ele deu na mesa era mesmo a sério, e fez-se ouvir no Café de São Bento inteiro.

Também àquela hora, naquele sítio, já ninguém ligava grande coisa ao que se ouvia.

O murro de Frederico Guilherme era um murro de triunfo.

Estás a ver, Bárbara Emília? Estás a ver? A partir de certa altura, a nossa liberdade sexual já não nos serve assim para grande coisa. Não sabemos o que é que havemos de fazer com ela. É uma merda. Percebeste?

OK, Frederico. Estou a ouvir-te.

O psiquiatra disse-lhe minha querida, tu repara.

De um lado, está o ênfase que todos os psicólogos, e todos os sexologistas de todas as afiliações, para não falar de todas as revistas femininas, e de todas as multinacionais em geral, põem na importância crucial de cada um de nós ter uma vida sexual maravilhosa. E, do outro lado, está a facilidade com que as pessoas aceitam viver com pouca actividade sexual.

Bárbara sentiu-se sinceramente impressionada.

Nunca ninguém se divorcia por falta de sexo, Bárbara. E também ninguém prestes a dar o salto se mantém num casamento por melhoria da vida sexual com o cônjuge.

Aquela manifestação da cultura recente que vem nas revistas em quadradinhos de aconselhamento assinadas por autodenominados especialistas da área criou normas e critérios para a actividade sexual que não são minimamente testados, nem cientificamente nem historicamente. Por isso mesmo, tudo no sexo moderno é uma experiência. Não há crivo, nem há balizas. Não há qualquer norma que permita a qualquer especialista pronunciar-se sobre o que é que é fisiologicamente aconselhado para cada um de nós.

E nós muito preocupados com a qualidade da nossa vida sexual, porque a publicidade nos garante que não há nada mais importante no mundo.

Quando, na realidade, assim que os casais atingem aquele patamar incómodo em que mais cedo ou mais tarde vai ser preciso pelo menos considerar a hipótese do divórcio, tanto os homens como as mulheres dão de barato não terem sexo para conseguirem manter o casamento. Dá ideia de que, na vida

verdadeira, o sexo é um aspecto muito pouco valorizado. Certamente muito menos valorizado do que a salvaguarda da rotina.

E esta discrepância entre expectativas e realidades, paradoxalmente, aumenta em proporção directa à nossa qualidade de vida.

Os pobres que são mesmo pobres, aqueles que vivem em barracas ou em projectos de realojamento ainda mais desastrosos que as barracas, e que passam o dia inteiro sem fazer nada, ou que pelo menos fazem o menos que podem, e que não estão a pensar em nada que não seja em manter o barco à superfície de um dia para o outro, têm uma vida sexual muitíssimo mais activa do que a classe média.

Imaginando a vida do advogado, ou do arquitecto, ou do professor universitário típico, estamos a contrastar a vida dos pobres muito pobres com a vida de pessoas que correm o dia inteiro de um lado para o outro da cidade. São pessoas que se desdobram em trabalhos extras para pagarem as prestações das casas, dos carros, dos jipes, das motos, dos sítios de férias e dos sítios de fins-de-semana, e os salários das mulheres-a-dias, e as propinas das escolas, e as explicações, e todas as outras actividades em que inscrevem os filhos. Duas vezes por dia, muitas destas pessoas enfrentam engarrafamentos de várias horas onde aproveitam para despachar expediente através do telemóvel, porque saíram dos grandes centros urbanos à procura de vistas mais rasgadas e ares mais puros, e certamente mais espaço para arrumar uns carros grandes onde não querem ver riscos nem mossas.

E ainda temos que adicionar o peso cumulativo da cultura, e quanto mais cultas são as pessoas mais espaço está ocupado no cérebro delas. Um indivíduo de conhecimento mediano pode dizer tranquilamente aos amigos, muito provavelmente enquanto estão juntos num sábado à tarde a comer pipocas e a ver desporto na televisão, que o seu escritor preferido é o José Saramago e o seu cientista preferido é o António Damásio. Os outros hão-de certamente considerá-lo muito erudito. Mas se o mesmo indivíduo enfrentar uma audiência que esteja um furo acima no nível de erudição, e disser exactamente a mesma coisa, essa audiência há-de considerá-lo quadrado. Isto significa que, para poder fazer esse julgamento, esta audiência precisa de já ter lido muito, já ter pensado muito, já ter conversado muito, para poder saber que há muito mais domínios da escrita além dos do Saramago, e muito mais domínios da ciência além dos do Damásio.

Esse saber ocupa lugar.

Todo o saber, desde que esteja a ser usado fora do contexto, ocupa lugar. Quando o contexto é de natureza sexual, compete directamente por espaço com a libido.

Os cérebros destas pessoas estão todos emaranhados de pensamentos, conhecimentos, preocupações, prestações, ideias, planos, sonhos, projectos, memórias. Tudo isto faz feedback positivo sobre si próprio, pelo que depois não é fácil tirar o saber do caminho quando se vai para a cama. Para estas pessoas o arranque de uma actividade sexual de mais qualidade é difícil, porque o espaço para a libido tende a estar atravancado de outras minudências indispensáveis à preservação do nível de vida.

Os pobres muito pobres têm o cérebro todo por conta da libido.

Não precisam de pensar assim em muito mais.

Se quiserem, podem passar o dia inteiro a beber cerveja e a ver as *Mulheres de A a Z* na televisão, e outras coisas dessas, que, ao contrário do saber, não ocupam lugar nenhum. Claro que é muito mais fácil estar-se disponível para o sexo quando as outras únicas alternativas são a cerveja e a televisão - onde, aliás, há imensa gente a fazer sexo, tal como há nos anúncios das cervejas. Estes pobres muito pobres produzem filhos como mais ninguém produz, e qualquer bairro da lata estará sempre muito mais cheio de crianças do que qualquer prédio de Telheiras, até mesmo que Telheiras toda inteira, incluindo as vivendas.

É o que eu te digo, Bárbara Emília, continuou Frederico Guilherme, que entretanto já tinha despido o casaco, arregaçado as mangas, desapertado generosamente o nó da gravata, despenteado completamente o cabelo que lhe caía para a testa, e estava a parecer a Bárbara Emília ainda mais atraente do que o costume. A pílula deixou-nos com um problema tramado nos braços, e nós ainda não conseguimos resolvê-lo.

A pílula?

Sim, seu lírio roxo do monte. A pílula.

Só cá faltava agora um machista a deitar as culpas para a libertação das mulheres.

Deixa lá a emancipação feminina sossegada, minha grande burra. Não é a emancipação feminina que está em causa.

Deve ser, de uma forma encapotada.

Se não quiseres que eu te explique, eu não explico.

Estás amuado?

Estou. Não há cenas, não há trombas, então? Eu não sou do povo. Então queres que eu te faça umas festinhas para tu me perdoares? Quero. Onde?

No pescoço.

Vá, toma lá.

Não, assim não. Com a ponta das unhas, pá, com a ponta das unhas. Isso. Ai, isso. Para cima e para baixo. Assim, vá. Ai, isso, assim. Ai. Tão bom. Muito obrigado, meu Deus.

Podes tratar-me por Bárbara. O que é que fez a pílula, vá?

Dissociou completamente os filhos do sexo. Foi ou não foi? E tu julgas que um feito destes, assim de um dia para o outro, é uma coisa trivial e inconsequente? Julgas? Mas ouve lá, e quem diz que o nosso cérebro estava preparado para uma brincadeira destas? Para todos os animais do mundo, Bárbara, para todos os animais do mundo e para nós também até aos anos sessenta, ter sexo era assegurar a reprodução. Ficámos com um cérebro dissociado do corpo. Um cérebro que foi apanhado de surpresa pelo passo de gigante que aqui os aprendizes de feiticeiro resolveram dar sem passar cartão às tropas. E agora temos um cérebro que manda no nosso corpo, mas não faz a mais pequena ideia do que deve dizer-lhe sobre o sexo. Percebeste? Nós inventámos a pílula, e depois ficámos todos desorientados com a nossa própria criação. E não sabemos como é que se sai desta encrenca. Porque não estamos cerebralmente capacitados para pensarmos numa coisa que começou por não ter sido de todo em todo controlada pelo cérebro.

Bárbara Emília tocou-lhe na mão com um gesto que tanto podia ser uma carícia como uma palmada de protesto.

Isso que tu estás a dizer não está cientificamente demonstrado, pois não?

Pois, suspirou o psiquiatra, e encostou a mão à testa com uma espécie de desalento irónico. Agora até parecias os meus doentes. Doutor, a sua área é cientificamente pouco sólida, dizem-me eles sempre que eu lhes explico que nós não temos resposta para tudo. Como estamos perante um mistério inexplicável, não descansamos enquanto não encontrarmos a explicação. E quem se lembrar de escrever um best-seller a explicar que já a descobriu, e é assim assim e assado, tem sempre imenso following. O senso comum não faz qualquer espécie de distinção entre a ciência e a bruxaria, já alguma vez deste por isso?

Que remédio. Não se passa um dia que não me digas isso. Eu não te vejo todos os dias.

Ai, senhor doutor. Mas eu é que estou sempre a pensar em si, então não sabe?

Devíamos estabelecer uma moratória internacional para proibir os termos *mind body* e *biologia da consciência*, proclamou Frederico Guilherme, e enrolou a mão à volta do pulso de Bárbara Emília, e fê-la levantar-se. Uma moratória internacional. Agarrou-a pela cintura sem qualquer cerimónia. Isto é mais importante para a nossa sanidade mental do que os acordos de Kyoto. Estás linda. Posso dar-te um beijo?

Desta vez houve mesmo mais gente à volta que começou a bater palmas. O empregado começou a acender e a apagar as luzes, para indicar que já estava a chegar a hora de fecho.

«*Aligeirar. Aligeirar*»

Do outro lado do auscultador estava Sebastião Curto.

E estava numa agitação tão grande que, ao princípio, Joaquim Peixoto não conseguiu perceber nada. Só conseguia ouvir impropérios diversos entrecortados por exclamações sobre a degradação do país.

Maricas de merda, pá. Maricas de merda, ouviste, um bando de cobardes, uma corja de paneleiros, estes gajos não merecem nem o ar que respiram, estás a perceber? Olha, só para começar, queres ouvir a melhor? Estás a ver aquelas crónicas porreiras de análise social que o Viriato Seixas escreve todas as semanas para a última página da Actualidades? Aquelas que ele sempre escreveu, desde que a Actualidades existe? O ano passado, quando os gajos da cortiça entraram no consórcio, encontrei-o uma vez nos Pastorinhos e o tipo estava completamente lixado porque lhe tinham acabado de cortar o espaço para praticamente metade dos caracteres, o que quer dizer que ele a bem dizer a partir dali só podia mandar telegramas. Para quê? Ah, para meterem uma ilustração a cores, que aligeirava mais a página. Aligeirar. Aligeirar. Agora parece que apanharam todos uma trombose e não conseguem dizer outra coisa. Bom, o Viriato lá engole a pastilha e lá continua a mandar telegramas. Há pessoal que protesta, mas ninguém liga. Lá se vai andando, com a cabeça entre as orelhas. Olha, até hoje! Acabo de saber que a crónica do Viriato, uma das poucas boas peças de resistência que ainda vinham metidas naquela porra daquela Disneylândia, acabou. Acabou, pá. Cancelaram-na. Hoje. Sabes porquê? Porque, a partir do próximo número, o espaço passa a pertencer àquela menina, aquela do anúncio do Evax, aquela, sabes, a que já teve três maridos todos vinte anos mais velhos, ai, porra, ajuda-me, a, a, pois, a Leonor Bragança. A Leonor Bragança. A escrever. Ouviste bem? E sabes qual é o esquema? A menina é sobrinha do Rui Manuel Salema. E toda a vida quis escrever, pronto. Apeteci-lhe. De maneira que o tio arranjou-lhe uma página inteira para ela contar histórias dos dramas das jovens divorciadas. Percebeste? E tem uma carinha laroca, ao contrário do Viriato. Não é preciso gastar dinheiro com as ilustrações, espeta-se lá sempre com a mesma foto e está a andar. Eh pá, até estou rouco de tanto berro que já dei hoje. Isto é demais. É demais. É ridículo. Mas o pessoal não se enxerga? Ninguém acorda? Ninguém desata a espingardar que isto é ridículo?

Mas quem é que te contou isso?

O mesmo tarimbeiro que não quer a nossa história.

O quê?

Ah pois, pois, tu prepara-te. Agora é que vem a parte pior. Estava só a fazer um intróito, OK? Para tu veres o que para aí vai e não te sentires tão pessoalmente insultado como eu me senti. Estás sentado?

Estou.

Então ouve. Estive aqui a imprimir as fotos todas, e as melhores já estão postas em discos, só à espera do teu texto para fazer a montagem final e se vender a transa. Mas, entretanto, para não perder tempo que devem andar aí sete cães a um osso atrás desta história, liguei para o Pato Carneiro e disse-lhe para vir cá a minha casa ver uma coisa que eu tinha, e que ele queria de certeza.

O Pato Carneiro, ouviste?

Lembras-te?

Eh pá. Aquele. O careca. Sim. O careca de óculos escuros, pois, esse gajo que não interessava nem ao menino Jesus, e que por junto passava os dias a cortar e colar os telexes da Anop, e a sublinhar e traduzir os telexes da AP e do WP, para a secção internacional? Esse badameco, meu filho. Sabes o que é que ele faz agora? É chefe de redacção da Actualidades. Chefe de redacção, entendes? É o que os empresários andam todos a fazer. Mandam embora os gajos que são bons e que levantam cabelo, promovem os tarimbeiros a chefes e compram-lhes o silêncio e a obediência com umas merdas duns carros, e duns telemóveis com internet, e dumas acções completamente minoritárias, e depois quem escreve são os desgraçados dos putos acabados de sair da escola, com contratos a seis meses e pagos a pouco mais que o ordenado mínimo. Bom, e até há os que nem são pagos, porque aquilo é sumariamente considerado um estágio. Estás a ver? E depois querem qualidade? E não querem que ande ali tudo a bater a bola baixa, tipo cão do dono? Estás a ver? Estás a ver?

Então agora morde-me esta.

O Pato Carneiro vê as fotos, eu conto-lhe a história assim por alto, digo-lhe que tu já estás a escrever e que podemos entregar tudo amanhã de manhã, e o gajo borrega.

Borrega, ouviste?

Borrega mesmo.

Começa numa grande nervoseira que tem que falar com o director, que ele e o director têm que falar com o administrador, que não é costume deles comprarem assim histórias por fora... Bem, é tudo tanga, mas não é o pior. O pior é quando eu percebo que o verdadeiro problema do gajo é que a capa desta

semana já está adjudicada, e colada ao sítio por umas cunhas daquelas valentes. E então sabes qual é a capa?

O baptizado do principezinho mais novo dos Duques de Bragança.

O principezinho dos Duques de Bragança, ouviste?

Na capa da Actualidades.

Pois.

E o Pato Carneiro muito aflito que depois não dá bom aspecto, fazer uma chamada à capa com umas fotos de uma senhora nua amarrada à cama e toda cheia de sangue por cima do baptizado do principezinho é daquelas coisas que, quer dizer, fica mal, bem, eu até me cai o queixo com a balda que para aí vai. Seja como for. Já nos lixaram, que não vamos ter capa, nem chamada à capa.

Mas o Pato Carneiro fala com o director e o administrador na segunda-feira, e depois telefona-me para me dar tamanhos e prazos. Quer dizer, calculo eu. Da massa nem se falou, ainda vou ter que regatear mais essa. Sem capa já não é a mesma coisa. Mas olha, que se lixe. É o que há, e cara alegre. Era só para te dizer que não te esfalfes a ter tudo pronto amanhã de manhã, porque o prazo acaba de crescer até pelo menos segunda à tarde. OK? Vá, que eu telefono-te se houver melhoras. Agora vou ver se descanso os costados.

Estou com uma neura que ainda sou capaz de me esquecer que tenho escrúpulos e mandar uma queca na Leninha.

Vá.

Beijinhos.

Joaquim Peixoto deixou ficar o telemóvel em cima da mesa e foi à cozinha sozinho, com as pernas um bocado inseguras. Precisava de um copo de água. Aquilo requeria mais um Paxilfar.

Sebastião Curto acabava de dizer-lhe que não sonhasse mais com a parte em que eles os dois ganhavam uma data de massa. Pela mesma lógica, também lhe tinha dito que todo o castelo no ar que Bárbara Emília elaborara há uns minutos sobre a sua entrada para a grande área ficava sem efeito. Quem não dá a capa, e nem sequer dá chamada à capa, de certeza que também não vai dar espaço para um repórter brilhar. O crime do juiz ainda ia acabar por sair na miscelânea das revisões da semana, por junto uma foto e cinco linhas por baixo.

Ainda por cima, aquela prolongação do prazo acabava de roubar-lhe o seu melhor argumento para não ceder ao entusiasmo de Bárbara Emília e trabalhar o menos possível. Afinal, ainda tinha muito tempo para ir ouvir muitas partes interessadas.

Por causa de uma história que não ia interessar a ninguém.

Merda. E se eu bazasse já daqui sem dizer nada?

Serotonina

Hormona segregada por certas células do tubo digestivo, e no tecido cerebral. É transportada pelos trombócitos e armazenada em diversos tecidos. Regulariza a mobilidade intestinal, actua na musculatura lisa, e tem uma acção vasoconstritora em certos territórios vasculares. Actua igualmente ao nível do sistema nervoso central como mediador químico.

Quando o senhor Luís lhe falou do Prozac, Joaquim Peixoto ficou antes de mais nada impressionadíssimo com a erudição dos portugueses em matéria de medicamentos.

Com aquela, já era a terceira vez que um cidadão comum lhe dava conselhos sobre os comprimidos que andava a tomar. E todos pareciam ter imenso conhecimento de causa.

Começou a sentir-se o único otário da manada que não passava o tempo a sair do Centro de Saúde da sua área com um pacote de receitas debaixo do braço.

E ainda mais otário se sentiu quando o mesmo senhor Luís, para rematar a conversa com assinatura científica, lhe explicou que o seu médico de família lhe tinha explicado que o Prozac trabalhava através da via da serotonina, o neurotransmissor principal do afecto e do ânimo.

Isto, dito assim, parecia muito dignificante. Mas, para Joaquim Peixoto, teve sobretudo o efeito colateral perverso de o fazer imaginar-se sentado no gabinete de um desconhecido a inventar uma história qualquer que fizesse esse desconhecido considerá-lo deprimido, e urdir isto tudo com suficiente inteligência para induzir o desconhecido a receitar-lhe especificamente Prozac.

Não sei, senhor Luís. Se calhar, a mim, fazia-me mesmo sono.

Oh senhor Joaquim, respondeu o senhor Luís, todo esfuziante depois da sua conversa de homem para homem. Mas o senhor não gostava de, de hoje para amanhã, ficar todo não há cenas, não há trombas, como a sua mulher?

Quem é que não gostava, senhor Luís.

Então experimente o Prozac, pá. Experimente, ao menos. Experimente do meu, caraças. Se gostar, eu peço mais caixas ao meu médico. Ele é munta porreirinho, já lhe disse.

E foi assim, por interposta pessoa do senhor Luís e do seu médico de família, que Joaquim Peixoto passou a ter a despesa sempre generosamente abastecida de Prozac. Sem nunca ter precisado de pôr os pés numa farmácia.

«O sítio onde estão os tubarões»

Claro que Joaquim Peixoto não conseguiu fugir sem deixar rasto da cozinha do Coentro. A ex-mulher tinha-o visto ficar cada vez mais pálido à medida que escutava a gritaria que estava a sair do telemóvel, e ficou a segui-lo com os olhos assim que ele desligou. Conseguiu mandar embora os dois casais, as cinco crianças, e o São Bernardo. Depois encostou a porta envidraçada que dava para o pátio, para terem mais privacidade. E, feito isto, apanhou-o num abraço muito amigo antes mesmo de ele ter começado a arquitectar a fuga – que teria que ser pela porta da frente, porque a da cozinha estava trancada.

Quim. O que é que foi? Era o Sebastião, não era?

Sem poder fugir, o repórter a quem ainda há meia hora estavam a prometer a grande área voltou a deixar-se cair na cadeira do pronto-a-comer. Talvez uma versão devidamente retocada da verdade deitasse um bocado de água fria para cima dos ímpetos guerreiros daquela ex-mulher incansável.

Bárbara era tão bonita.

E, quando as coisas estavam bem, costumava ser tão vulcânica na cama.

Nada feito, miúda. Era o Sebastião, era. E era a dizer exactamente o que eu te disse. Não vale a pena. Não há espaço. E, portanto, não há história.

O quê?, refilou ela, já de mão na anca.

A capa da próxima Actualidades já está destinada ao baptizado do último príncipezinho dos Duques de Bragança. Numa capa dessas não podem nem fazer uma menção ao crime. Sem menção na capa, a nossa história vai ter direito a meia página, com um bocado de sorte. E, se for meia página, é só para duas ou três fotos e cinco linhas. Até o Sebastião as escreve. Ele sabe fazer legendas. Eu só sei escrever testamentos. A Comunicação Social ficou curta demais para mim, entendes?

Até era uma saída airosa. Talvez pudessem ir os dois jantar à conta do desgosto de Joaquim Peixoto, com tanto talento, e com tanta vontade de fazer coisas bem feitas que saíssem direitinhas do seu coração independente, já não caber na Comunicação Social portuguesa. Vistas as coisas por este prisma, Bárbara estaria incondicionalmente do seu lado.

E era evidente que aquela grande triunfadora alentejana se sentia cansada de tanto viver sozinha.

Podiam beber bem ao jantar.

Depois podiam ir para casa dela fumar um charro, já que a Catarina tinha ido passar o fim-de-semana à casa da não-sei-quantazinha em Fornos de Algodres.

No fundo, no fundo, depois de tudo baralhado e voltado a dar, Joaquim Peixoto não se importava assim muito de ficar a viver no Pateo Bagatella.

Não pode ser, Quim, protestou Bárbara Emília já a puxar do telemóvel. Deixa-me eu falar para o D. Duarte. Se ele souber o horror desta história, tenho a certeza de que não se importa de tirar a Casa de Bragança da capa. É um homem muito recto. Não é nada do que vocês pensam.

Joaquim Peixoto arrancou-lhe o telemóvel da mão mesmo a tempo de evitar a catástrofe.

Raios partam esta gaja que conhece toda a gente.

Não faças nada, Bárbara. Por favor. Ainda te metes em sarilhos que depois acabam por estragar o teu negócio. Se queres continuar a fazer as festas da Casa de Bragança, por favor não fales disto ao D. Duarte. Eu não duvido que ele seja um homem muito recto. Eu nem sequer duvido que o presidente da Câmara seja um homem muito recto. O mal não são eles. O mal são os que estão à volta deles. Alguém fez uma panelinha entre os donos da Actualidades e a Casa de Bragança para fazer sair esta capa, e alguém meteu dinheiro ao bolso com isso de certeza. Por favor, tu não te atires ao mar mesmo para o meio do sítio onde estão os tubarões, mulher.

E tu não te atires a afogar de uma ponte tão baixinha, mocinho. Isto é um esquema com os donos da Actualidades? Então olha, vamos já esclarecer o assunto com um dos donos da Actualidades.

Era o Rui Manuel Salema, o da Pepa, que estava do lado de fora da porta envidraçada do Coentro, a espreitar lá para dentro com grande curiosidade.

Bárbara escancarou a porta com um sorriso irresistível e agarrou-lhe na mão para puxá-lo para dentro.

Oh engenheiro. Estás cá? Não podes ser boa pessoa. Estávamos a falar em ti.

O engenheiro enlaçou Bárbara Emília pela cintura, puxou-a muito contra si, deu-lhe um grande beijo na face esquerda, e fez tudo isto sempre a mandar olhadelas desconfiadas para a mesa onde Joaquim Peixoto estava sentado.

Joaquim Peixoto retribuiu-lhe a antipatia acendendo um cigarro com demora, todo concentrado no isqueiro.

Aquele capitalista bronzado, de ombros largos e lenço de seda a aparecer por dentro da Ralph Lauren, andaria a comer-lhe a mulher?

Ela já não é tua mulher, Quim.

Eh pá. Mas ela irá mesmo para a cama com este gajo?

Eu vinha só aproveitar um almoço de negócios aqui em Lisboa para ir ver como estava a freguesia da minha associada preferida, disse o capitalista com uma voz sonora e bem timbrada, ao mesmo tempo que continuava a agarrar Bárbara pela cintura e olhava para ela com uma rápida piscadela de olho. Mas estou a fazer que hoje afinal é dia de petit comité.

É dia de mudar o mundo, meu querido, corrigiu Bárbara Emília num sorriso cúmplice. Anda cá.

Voltou a agarrá-lo pela mão para conduzi-lo até à mesa, por forma a apresentar um ao outro o seu ex-marido e o seu financiador. Fez o financiador sentar-se e perguntou-lhe se queria um sumo, uma cerveja, um café, ou quê.

Um café eu tomo sempre, respondeu Rui Manuel.

Então oh Quim, conta-lhe aí a história em poucas palavras enquanto eu tiro as bicas, despachou ela já a dirigir-se para a cozinha com as ancas a reboarem ainda mais que do costume. Parou na porta numa pose espectacular. Também queres outra bica, chefe?

Joaquim Peixoto disse que sim com a cabeça, e depois fez o que pôde para se aguentar à bronca enquanto tentava contar ao capitalista o crime do juiz.

Lidocaína

Anestésico local, derivado sintético da cocaína, mas menos tóxico que esta. A sua acção é fugaz, mas pode ser prolongada pela adição de adrenalina. Administra-se em injeções, especialmente na medicina dentária. Marca registada: Xilocaína (frequentemente utilizada como sinónimo).

Na altura em que estava quase a separar-se de Joaquim Peixoto mas ainda não se tinha separado, Bárbara Emília ficava particularmente deprimida sempre que tinha que ir ao dentista. Isto, ainda por cima, naquele período preciso andava a acontecer com grande frequência, porque ela tinha que desvitalizar uns molares que requeriam operações repetidas.

O dentista chamava-se Francisco Redondo, e exercia com mãos de fada no edifício todo revestido a espelhos na Avenida da Universidade, onde está sediada a clínica Guimarães de Andrade.

Bárbara entrou lá uma vez completamente por acaso, apenas porque estava a escoltar a Catarina Eufémia à Terapia da Concentração do Hospital de Santa Maria, e de repente sentiu uma guinada na gengiva do maxilar esquerdo, que rapidamente se transformou numa dor insuportável, olímpicamente resistente, durante toda a hora e meia em que se desenrolava a sessão, a todos os Nimesds e todos os Nolotils disponíveis naquela secção. Completamente aflita, perguntou à chefe de serviço onde é que havia ali ao pé um dentista que aceitasse urgências. A chefe telefonou logo para a Clínica Guimarães de Andrade, e marcou-lhe uma consulta para daí a quarenta e cinco minutos.

Eles são muito bons, Bárbara. E muito eficientes. Do melhor que cá temos. O Paulo Guimarães de Andrade foi meu colega de curso. É esplêndido. E neurótico com o cumprimento dos horários, o que nesta terra é raro, e por isso é precioso. Só não fume à frente dele, porque é um fundamentalista da pior espécie. Tirando isso, pode ir à confiança.

Bárbara atravessou a rua à confiança, com a filha pela mão, nesse momento a puxar-lhe pelo braço e a bater o pé porque acabava de decidir que precisava absolutamente de comer um Maxibom.

Catarina Eufémia, com o umbigo de fora, a camisola atada à cintura por cima das ancas, ignorou olímpicamente o cantinho dos brinquedos, e foi antes mergulhar num dos sofás de cabedal róseo a folhear avidamente a pilha de revistas onde a Caras, a VIP, a Lux, e a Nova Gente, competiam tu cá tu lá com

a Hola! e o Paris Match. A mãe suspirou, e depois entrou para o gabinete onde operava o único dentista que por acaso estava precisamente àquela hora livre para recebê-la.

O dentista arqueou as sobrancelhas. Bárbara deixou cair o queixo.

O homem metido dentro da bata branca era o miúdo da Cuba que, durante anos e anos, se sentava ao seu lado no banco da carrinha quando iam e vinham em direcção ao liceu de Beja.

Irritava-os imenso que os outros colegas não percebessem que eles eram só amigos.

Era verdade.

Não namoraram nem um dia.

Entravam na carrinha, atiravam com as pastas para o chão, deixavam-se cair nos estofos, e desatavam imediatamente a falar. Tinham muitas ideias. Muitos sonhos. Muitas perguntas. Trocaram livros. Discos. Falaram de todos os sítios que não haviam de morrer sem visitar. Ensaíram nas festas dos amigos os seus primeiros passos de slow. Reuniram-se em casa um do outro para partilharem conhecimentos no estudo, com uma das mães sempre a entrar no quarto por todo e qualquer pretexto, tendo isto apesar de tudo a vantagem de o pretexto mais usado ser levar-lhes bolinhos e torradas.

Ele queria ser aviador.

Ela queria ser enfermeira nas zonas de combate socorridas pela Cruz Vermelha.

Urdiram juntos grandes projectos arrojados para, conjugando esforços, conseguirem salvar o mundo.

Foi ao Francisco Redondo, e só a ele, que Bárbara revelou o segredo de ter começado na véspera a usar soutien.

Depois nunca mais se tinham visto. O Francisco Redondo viera cedo viver em casa de uns tios que conhecia mal, para poder estudar em Lisboa.

O homem da bata branca estava só mais alto e mais forte, e com o cabelo, agora já cruzado por alguns fios cinzentos, substancialmente mais curto. No resto, em tudo o resto, não tinha mudado nada. Aquele espaço tão querido entre os dois dentes da frente mantinha-se intacto.

Bárbara? Estás tão linda.

Oh, Francisquinho. Nem posso acreditar. E tu que ias ser aviador.

E tu que ias tratar dos feridos de guerra.

Ainda te lembras?

Eu lembro-me de tudo.

Eu também. Lembras-te como é que se chamava aquele grupo de teatro que ainda chegámos a formar lá no liceu?

Ah. Essa é fácil. Tira o Dedo do Croquete.

A assistente arruivada do Dr. Redondo baixou os olhos num sorriso corado, enquanto eles se abraçavam com muita força.

O Dr. Redondo era casado e tinha dois filhos. Bárbara explicou-lhe que, depois de se ter separado daquele Augusto do sétimo ano que passava os recreios a fazer contas de cabeça a pedido dos colegas, vivia agora amancebada com um jornalista de Lisboa. Aquela menina linda que estava lá fora era a filha deles. Anotaram os respectivos números de telefone. Combinaram encontros de família. Jantares em casa uns dos outros. Recomeçar. Bárbara reparou com ternura que o screen-saver do computador dele era uma pista com números complicados de aviões que descolavam e aterravam com as luzes a piscar.

Depois o Dr. Redondo mandou-a abrir a boca, começou a concentrar-se nos seus molares, e a conversa adquiriu rapidamente um perfil muito mais técnico.

E como, de facto, sempre que está no dentista uma pessoa está de boca aberta, cheia de objectos pouco tranquilizadores lá dentro, e portanto não consegue falar, as visitas seguintes que Bárbara fez à Clínica Guimarães de Andrade não registaram qualquer progresso no recomeço da sua grande amizade com o Francisco Redondo. Era mais tudo bem, esta semana doeu-me, na quinta-feira vou para umas termas da Galiza naqueles programas da Halcon porque ando estafado, o meu filho mais velho apareceu-me lá em casa com um brinco na orelha, deixa que a minha tem onze anos e já quer pintar madeixas encarnadas no cabelo, e assim. Conversas de circunstância. Sempre na presença silenciosa da assistente. Nada que se parecesse com uma grande amizade.

Bárbara Emília acabou por fazer as pazes com a noção de que só podem existir grandes amizades onde existem contextos propícios que as suportam, e deu de barato o sonho de recuperar a intimidade que tivera na adolescência com o Francisco Redondo. As visitas à Clínica Guimarães de Andrade não seriam, daqui para a frente, mais do que simples procedimentos clínicos.

Mas aquilo derretia-lhe o coração. Ela a chegar atormentada pelo feitio cada vez mais intratável do marido, pelos silêncios cada vez mais assustadores da filha, pela responsabilidade monumental que a expansão e notoriedade crescentes do Lugar do Coentro de Ouro lhe despejavam sobre os ombros um pouco mais em cada dia, pela exasperação de morar num subúrbio feio onde cada vez se consumia mais comida plastificada e onde não paravam de subir até todos os cantinhos do céu uns andaimes horrorosos que depois de retirados deixavam à vista torres cada vez mais cinzentas, cada vez mais altas, cada vez mais prenunciadoras de congestões adicionais no trânsito da ponte. Ela saturada de nunca ter lugar para arrumar, de nunca conseguir sair à rua sem

ver lixo, não conseguir deixar de notar que as pessoas à sua volta usavam cada vez mais fatos de treino, estavam cada vez mais gordas, pareciam cada vez mais demitidas de toda e qualquer demanda estética.

Ela a sentir-se cada vez mais derreada pelo cansaço, pela tristeza, pela solidão, pela falta de carinho.

E ele sempre tão bem barbeado, sempre com aquela bata branca impecável, sempre a cheirar a Jacomo Eau Cendrée. Com uma fotografia de uma mulher bonita, a irradiar saúde e energia, pousada na secretária ao lado das fotografias de dois rapazes de olhos brilhantes numa piscina.

Ele a falar de congressos e viagens da Halcon, como se pudesse dar-se ao luxo de não ter que pensar em mais nada.

Sempre com aquele ar de quem dormia bem à noite durante todo o tempo que o corpo lhe pedia, e sobretudo de quem, se não tinha na vida grandes emoções, também não tinha amarguras ou cansaços de espécie alguma.

Aquele rapaz cheio de sonhos que dantes queria ser aviador.

Se vamos atrás dos nossos sonhos estamos lixados, Bárbara Emília. Nós avisámos-te.

Bárbara Emília ficava deprimida porque não conseguia deixar de pensar, mesmo que não quisesse, ora aí tens. O Redondo é que teve juízo. Deixou os nossos sonhos da adolescência bem trancados na adolescência. Deixou de não querer ter uma vida igual às dos nossos pais, deixou-se daquelas nossas inocências de imaginar que íamos inventar e construir famílias diferentes, até deixou de ir ser aviador para ir ter a profissão sólida, e solidamente bem paga, que o tio de Lisboa exercia e que toda a gente da família queria que fosse também a dele. Ele é que fez bem. Deixou-se de revoltas, deixou-se de projectos, tem uma vida normal, com uma mulher normal e uns filhos normais. Provavelmente até já há muito tempo que deixou de se lembrar que os nossos pais estavam sempre a dizer-nos não há cenas, não há trombas. Não deve gastar a energia que eu gasto com esta mania de nunca incomodar ninguém. Deve viver numa de quero, posso, e mando, que é como os homens ricos vivem. Chega aqui e só tem que mandar as pessoas abrir a boca, e depois consertar-lhes os dentes em silêncio, e a seguir aconselhá-las a tomarem Nimed. Ao fim de mais um dia, vai para casa sem que nada lhe pese na consciência. Isto era o que eu devia ter feito. Fiz tudo mal. Por isso é que ando tão triste.

«As acções têm imensas vantagens»

Bárbara voltou da cozinha com as bicas e uns biscoitinhos, e ainda várias garrafinhas de água, toda isto agora é uma reunião de negócios. Limpou a mesa, dispôs os novos acessórios, enfiou um bloco de papel reciclado na mão do Rui Manuel, perguntou-lhe se ele tinha caneta, e depois sentou-se entre os dois.

Bem, Ruizinho, tu já ouviste que chegue, ou não? O nosso amigo Sebastião Curto, um dos melhores fotógrafos de reportagem deste século, um tipo cheio de prémios internacionais que saiu da Actualidades porque ultimamente nunca lhe davam nada de interessante para fazer, tem seis rolos de fotos impressionantes tiradas na cena do crime ainda antes de chegar a polícia. O Quim já tem o depoimento da única outra testemunha ocular que lá esteve, uma miúda que era muito amiga da senhora, e logo à noite vai falar com um notável que pediu para se manter anónimo, que era amigo do peito do juiz e até fez a tropa com ele. Isto dá a melhor história que a Actualidades publica há mais de um ano, ouviste, e olha que as pessoas que aqui vêm já andam todas a queixar-se que a Actualidades nunca traz nada que valha a pena ler. A Actualidades é tua, não é?

Em parte, assentiu Rui Manuel, agora já muito mais interessado.

Bom, então mexe-me esse teu rabinho musculado pelo squash que a tua Pepa tanto te gaba, e vê se fazes qualquer coisa para a tua revista te dar dinheiro a ganhar. O idiota do chefe de redacção disse ao Sebastião que só podem publicar uma coisinha muito pequenina sobre esta história, porque a capa já está destinada ao baptizado do Afonsinho Três.

Aqui a sua ex-mulher fez uma festa magnífica para esse baptizado. disse Rui Manuel para Joaquim Peixoto, enquanto fazia uma festinha paternalista no queixo de Bárbara Emília. Espero que a reportagem deles mencione devidamente esse facto.

Bárbara Emília deu-lhe um encontrão bem-humorado.

Oh Rui Manuel, homem, tu acorda. És o único capitalista que está sentado a esta mesa e não te enxergas? Então tu não vês que o crime vende muito mais que o baptizado?

Ena. Não sabia que a menina zelava assim tanto pelos meus interesses.

Eu estou mas é a zelar pelos meus interesses, senhor engenheiro. Se as suas publicações começarem a deixar de dar dinheiro porque nunca têm nada para ler, o senhor deixa de poder investir no meu trabalho, e eu tenho que fechar a loja. Vá lá, Ruizinho, a sério. Esta história é para contar com todos os pormenores, mesmo que originalmente sejam as fotos que a fazem vender. Se eles a atafulham nos quadradinhos de acontecimentos da semana, estão a deitar uma mina de ouro à rua. Puxa-lhes as orelhas, rapaz. Não és tu quem manda?

Eu, a cortiça, e a Holanda.

OK, explica a situação à cortiça e à Holanda. Mas não percam tempo. Se o Quim e o Sebastião não venderem a história à Actualidades, vendem-na ao Expresso, ou ao Público, e eu sei que tu também lá tens dinheiro metido, mas não é tanto como na Actualidades.

Tu sabes muito, princesa.

Já tive a tarde toda para pensar por ti, meu menino.

A sua ex-mulher é um monumento, Joaquim.

Joaquim Peixoto acendeu outro cigarro e continuou a olhar para o capitalista sem dizer nada, a manifestar com ainda mais ênfase a embirração silenciosa que estava a manifestar desde o princípio da conversa. Na dúvida, o melhor era dar uma de duro.

Teme a fúria do homem calmo, engenheiro, riu-se Bárbara Emília toda orgulhosa do seu ex-homem.

Rui Manuel começou finalmente a rabiscar umas notas no papel reciclado com a Dupont de prata.

OK. Agora a sério, Bárbara, muito obrigado pelo aviso. És um amor. E, se a minha ex me tratasse como tu tratas o teu, te garanto que eu teria muito mais condições para investir muitíssimo mais nos teus negócios. Vou falar com o director da Actualidades logo à noite, e entretanto trato de fazer aí uns contactos para ver o que é que se passa. Joaquim, sabe dizer-me assim por alto quanto é que vocês querem pela reportagem, e isto são quantos caracteres, e quantas fotos?

É para negociar, respondeu Joaquim Peixoto entre mais uma baforada de fumo.

OK. Fair enough. Então faça-me um favor. Não se coíba, não se preocupe com o espaço, e escreva a história exactamente como acha que deve escrevê-la. Em troca, promete-me já, com a Bárbara que nunca me deixou ficar mal por testemunha, que não vai falar com mais ninguém, nem você nem o fotógrafo. Certo? Quanto menos esta conversa circular por aí, melhor. Já nem foi boa ideia o fotógrafo falar com o idiota do Pato Carneiro. A esta hora já foi para o Snob

impressionar as mulheres que lá estiverem sozinhas com a importância do seu poder de decisão.

Estás muito bem informado sobre as tuas tropas, engenheiro.

Minha querida, tu podes pensar que eu ando distraído, mas não podes certamente acusar-me de não topar os idiotas à milha. Então, Joaquim? Negócio fechado?

Não estou assim muito disposto a esgalhar dez mil caracteres para depois o idiota mos cortar para mil e oitocentos.

Bárbara lançou-lhe um olhar inflamado.

Rui Manuel soltou um suspiro.

Oiça, Joaquim. Você será um ótimo jornalista, não tenho qualquer dúvida, sobretudo se conseguiu arrancar o coração desta mulher espantosa que aqui está, e fazer-lhe aquela filha linda que ainda nem fez quinze anos e já dá a volta à cabeça a meia Lisboa. E também não duvido, pelo que já me contou, que tem ótimo material, juntamente com as fotos do seu amigo. Mas tem que ser capaz de ouvir um ótimo empresário se quer fazer um ótimo negócio. Há conjunturas. A minha margem de manobra não é ilimitada. Posso garantir-lhe que saio daqui determinado a fazer tudo o que estiver ao meu alcance para pôr já esta história na Actualidades, mas ainda não ouvi as outras partes interessadas. Você escreva a história como está a pensar escrevê-la. Deixe o negócio comigo. Se o material não puder sair na íntegra da Actualidades, sabe o que é que nós fazemos? Esta história é também, entre várias outras coisas, uma história de violência doméstica, não é? Desse ponto de vista, podemos pô-la na íntegra na próxima Mulher Dinâmica, que é do mesmo grupo.

Isto é para a imprensa a sério. Não é para as revistas femininas.

As revistas femininas têm muita circulação, Joaquim. Não subestime o mercado. Os homens também as compram. E toda a gente as lê nas salas de espera dos consultórios. Além de que as pessoas tendem a guardá-las em casa, pelo que acabam por passar por muitas mais mãos. A Actualidades, o Expresso, o Público, e estou só a falar-lhe dos grupos em que estou envolvido e portanto conheço as estatísticas, esses vão todos para o lixo ao fim do dia ou ao fim da semana.

Seja. Mas a sua análise deixa de fora a minha dignidade profissional.

Desculpe, alguns de nós ainda se recusam a pactuar com a Disneylândia. Pela sua lógica, até era normal eu publicar a minha história em exclusivo na Caras.

Bárbara Emília olhava para ele com cada vez mais admiração. Rui Manuel tinha dado por isso. Guardou o bloco reciclado no bolso de fora, a Dupont de

prata no bolso de dentro, passou rapidamente a mão pelo cabelo grisalho, e pôs-se em pé.

Já percebi porque é que a mulher mais bonita e mais inteligente de Lisboa o ama tanto, Joaquim. Eu a si não o conheço, mas gosto muito da Bárbara. Estou a ver-vos tão felizes que já me sinto aqui a mais. Vocês já deram o litro. Agora deixem-me ficar eu com a bola, e passem mas é uma grande noite enquanto eu e a minha mulher aturamos os meus colegas. Eu trato disto. Cá por mim, meia página da Actualidades e sete páginas da Mulher Dinâmica, com as centrais da Caras a posteriori, depois do escândalo, cheias de fotos da Bárbara a contar como é que arbitrou este negócio, parece-me a combinação ideal. Mas vamos ver. Barbie, meu anjo, well keep in touch. Agora faz-me mas é o favor de seres feliz.

Dirigiu-se para a porta com as costas todas direitas, e ainda se virou para trás já com a mão no fecho.

Olhe, Joaquim.

Sim, respondeu Joaquim Peixoto com um sorriso displicente, já de mãos dadas com Bárbara Emília.

Vá falando com o fotógrafo sobre se preferem ser pagos em dinheiro ou em acções. Pensem bem. As acções têm imensas vantagens. E não pagam impostos.

Mas acções de quê?

Isso é para negociar.

Adrenalina

Hormona segregada pela medula supra-renal e que também se pode obter por síntese. A adrenalina é um princípio hipertensivo da circulação periférica e regulador da musculatura lisa, cuja acção se assemelha à excitação do sistema simpático.

Houve uma semana, na altura do Carnaval, em que Catarina Eufémia foi para um acampamento dos escuteiros.

Assim que deixaram a filha no meio das tendas e ficaram sozinhos no carro, Bárbara Emília e Joaquim Peixoto desataram a aplicar-se com unhas e dentes na tarefa de serem agradáveis e carinhosos um para o outro.

Mas, ainda o Panda não tinha saído da estradinha de terra que levava ao refúgio da patrulha, já estavam os dois aos gritos.

Ela gritou mais alto.

Pela primeira vez na vida, violou mesmo os ensinamentos dos pais.

E, já que tinha começado por fazer trombas e agora ia armar uma cena, então que fosse uma cena de caixão à cova.

Tu não podes continuar a fazer isto às pessoas, Quim. Não podes. Não podes. Não podes pedir-lhes tudo sem nunca lhes dares nada em troca. Se calhar a culpa foi minha, que sempre te aparei o jogo. Não sei. Mas sei que me mato a trabalhar para sustentar a nossa família, e sou eu que vou ao supermercado, sou eu que trago para casa tudo o que é preciso, sou eu que trato das coisas com a dona Adriana, sou eu que preparo o jantar, e sou eu que levanto a mesa. E sou eu que trato da escola da Catarina, que falo com os professores da Catarina, que trato dos problemas da Catarina, que levo a Catarina ao hospital, e que organizo as férias da Catarina. E sou eu que guio, e sou eu que vos sirvo de motorista. E depois chego a casa e ainda te dou beijinhos e te digo coisas amorosas, e tu, por junto, fazes aquele teu ar de quem tem muita pachorra para aturar as minhas mariquices. Já nem tentas fazer amor comigo. Quando tentas, é na base de me atirares com o dedo ao clitóris como se isto fosse um interruptor, que é para despachares depressa o teu servicinho. E sabes o que é que eu te digo, Quim? Eu sou enfermeira. Gosto de ajudar as pessoas. Gosto de fazê-las sentirem-se bem. Eu teria o maior prazer do mundo em continuar a ser a vossa mula da cooperativa, a vossa preta da Casa Africana, desde que isso te fizesse feliz e a tua felicidade me fizesse feliz a mim. Mas tu estás sempre infeliz. Nada é nunca suficientemente bom para ti. Estás sempre mal. Então

para que é que eu hei-de andar a esforçar-me? Sinto-me parva, Quim. Parva, parva, parva. Se calhar eu é que sonho muito, e se calhar o amor romântico não pode existir mesmo nos casais antigos e com filhos. Mas então vou-te dizer uma coisa. Se é para vivermos juntos assim, então eu prefiro viver sozinha. Se é para sermos infelizes, prefiro ir ser infeliz sozinha. Viver assim é que eu não quero mais. Não quero, não quero, não quero mesmo.

Bárbara...

Cala-te, que até já só de ouvir a tua voz fico com nervos. Sabes que eu sempre acreditei que era muito importante para a estabilidade emocional dos filhos terem um pai e uma mãe que vivessem juntos? Sempre acreditei, e ainda acredito. Mas assim não. Tu estás a fazer mal à Catarina, Quim. Fazeres-me mal a mim, que sou maior e vacinada, e que só estou contigo porque quero, é uma coisa. Fazeres mal à minha filha, que ainda não pode defender-se, é outra. E essa eu não posso tolerar. Por muito que me custe, não posso. Já viste a imagem de pai que lhe estás a dar? Um pai sempre triste, sempre de trombas, sempre sem saber se ainda vai ter trabalho amanhã e a queixar-se disso todos os dias como se fosse o resto do mundo que tivesse a culpa, um pai soturno que entra mudo e sai calado? É isto que tu queres que ela pense que é um pai? Nunca me fazes um sorriso quando eu vou a passar, nunca me dás um beijinho sem que eu te peça, se eu não te der a mão tu não me dás a mão, não brincas comigo, não brincas com ela, assim que tu entras em casa fica logo tudo silencioso, é esta a imagem que tu queres que ela forme de uma família?

A minha família não era assim muito diferente desta.

E tu gostas do resultado?

É o resultado normal.

Porquê, Quim, o que é que isto tem de normal? Achas normal não te sentires bem em lado nenhum? Quim, por favor, diz-me com toda a franqueza. Tu gostas de seres como és?

Bárbara, por favor. Vê se ouves o que eu te digo. Ninguém gosta de ser como é.

Porquê, Quim, por que é que estás a dizer isso?

Porque tu insistes em ser feliz, e não percebes que é uma guerra perdida, e com a tua teimosia não consegues deixar ninguém à tua volta sentir-se em paz.

Ai, Quim. Tu não gostavas de ser feliz?

Eu gostava. Em sonhos. Mas, os sonhos, a gente deixa-os para trás quando deixa de ter vinte anos. Por que é que não aceitas ver a realidade como ela é? Não há ninguém da nossa idade que seja feliz.

Isso não é verdade.

Tu conheces pessoas da nossa idade que sejam felizes?

Acho que sim.

Ah. Achas. Pois. Achas. Achas. Estás a ver, não tens a certeza. Achas que sim, porque tu querias que fosse verdade. Mas por que é que hás-de insistir sempre em lutar só nas batalhas que já sabes que vais perder, Bárbara? Ninguém é feliz, estou-te a dizer. Ninguém pode ser feliz, porque ninguém gosta da vida que tem.

Quim, por favor. É isso que tu queres ensinar à Catarina?

Quanto mais depressa ela se habituar à ideia, melhor para ela.

Mas porquê, Quim, por que é que estás a dizer tantas coisas dessas?

Não querias que eu falasse? Pois então agora ouve. Quero que a minha filha se habitue depressa à ideia de que ninguém da nossa idade gosta da vida que tem, que é para quando ela crescer não ser uma lunática como tu. E assim talvez consiga dar um bocado de descanso ao homem que viver com ela. E, se ela for capaz disso, talvez eles os dois possam viver juntos em paz e sossego. Talvez ela deixe o pobre tipo ver televisão em silêncio, em vez de aproveitar todos os pretextos possíveis e imaginários para desencadear um destes psicodramas operáticos em que andas sempre a meter-nos aos dois. Percebeste? Estás satisfeita?

Bárbara Emília tinha vindo a guiar devagarinho, para conseguir ouvir com atenção cada palavra do marido enquanto trepavam pela estrada de terra acima. Em resposta à última tirada de Joaquim Peixoto, carregou no acelerador e fez chiar os pneus sobre as pedras soltas, com uma grande revoada de poeira.

Razão tinha o teu ex para andar sempre em viagens de propaganda médica. Assim só te ouvia de vez em quando.

Bárbara carregou ainda mais no acelerador. Fez as duas curvas seguintes em movimentos de volante e de mudanças tão bruscos que não havia nada dentro do Panda que não chocalhasse.

Aposto que só te separaste dele e vieste ter comigo porque precisas de ter uma audiência cativa.

Bárbara travou às quatro rodas, com um balanço tão violento que as garrafas de água guardadas no banco de trás vieram parar-lhes aos pés e a seguir rolaram para o fundo do tapete. Uma delas, numa espécie de acrobacia irónica, aterrou com um gargarejo suave no colo de Joaquim Peixoto.

Sai do carro, gritou ela com os olhos do chispar.

Sai do meu carro, besta, monstro, assassino, vampiro, que só sabes é chupar tudo o que as pessoas tiverem de bom para oferecer. Sai do meu carro, maldito chupista. Sai, sai.

Empurrava-o freneticamente em direcção à porta, que entretanto se tinha escancarado com o embate.

Já lá para fora, berrava Bárbara Emília completamente possessa, tentando forçá-lo para fora do banco com quanta força tinha. Já lá para fora, chupista sem vergonha. Sai do meu carro, sai, sai, sai, sai.

Joaquim Peixoto tentava agarrar-se ao banco o melhor que podia.

Bárbara. Então. Mas tu tem calma, porra. Vá lá. Tem calma. Bárbara. Ouve o que eu estou a dizer-te. Se me fazes sair do carro, e se achas importante que os pais das crianças vivam juntos, então se me abandonares aqui depois como é que queres que eu volte para casa?

Olha, por que é que não vais pedir ajuda aos escuteiros, que é para isso mesmo que eles servem? Ou então, se não queres que a tua filha te veja com esse ar miserável, vai a pé. Vai de camioneta. Vai à boleia. Mas vai-me para o diabo que te carregue, filho da puta.

Esta última invectiva foi acompanhada por uma estalada tão violenta, daquelas mesmo puxadas cá de trás com as costas da mão direita, que Joaquim Peixoto voou para fora do banco e foi parar ao chão.

Houve um segundo de silêncio.

Depois Joaquim Peixoto deixou cair a cara sobre as mãos cobertas de terra vermelha, e desatou a chorar.

Bárbara fechou os olhos, encostou a cabeça ao volante, respirou fundo, e deixou-se ficar assim, sem se mexer, durante um minuto.

Os soluços desamparados do marido feriam-lhe os ouvidos e trespassavam-lhe directamente o coração.

Acabou por levantar-se, aproximar-se dele devagarinho, tirar as sandálias de salto alto, e agachar-se ao seu lado. Pousou-lhe a mão no ombro. Ele agarrou-se a ela com toda a força, trémulo, encharcado. Encostou-lhe a cabeça no ombro, escondeu-lhe a cara no peito, e chorou mais e mais, em soluços cada vez mais altos, cada vez mais aflitos. Ela encostou a sua cabeça à dele, e começou a passar-lhe suavemente os dedos pelos cabelos. Dos seus olhos corriam agora também dois rios de lágrimas.

Desculpa, Joaquim, segredou-lhe ao ouvido.

Ele agarrou-se ainda mais a ela, e começou a encher-lhe o pescoço de beijos salgados pelo pranto.

Desculpa Bárbara. Desculpa, desculpa, desculpa. É horrível. Eu gosto tanto de ti.

Eu também gosto tanto de ti, Quim, meu querido. Meu amor. Eu faço tudo para sermos felizes.

Eu sei, querida. Eu sei. Sou eu que estrago tudo.

Não és nada, Quim. Somos os dois. Mas o que é que a gente faz mal? Por que é que isto está sempre a acontecer-nos?

Eu não presto, Bárbara. Não presto, eu sei. E sobretudo não presto para ti. Eu sei que não te trato como tu merecias. Mas, por favor, Bárbara, por favor, deixa-me tentar outra vez. Por favor. Não me mandes embora, Bárbara.

Eu não quero que te vás embora, Quim. Só quero que me faças feliz, como dantes. Tu dantes sabias. Eu não precisava de dizer nada. Sabias tudo. Era como se lesse os meus pensamentos.

Eu perdi-me Bárbara, perdi-me, distraí-me, já nem sei onde é que fui parar. Vou dar-te tudo, Bárbara.

Não quero tudo, Quim. Não preciso. Já te disse tantas vezes. Só preciso que me faças rir. E que me faças sentir-me uma rainha, cinco minutos por dia. Nem precisa de ser a sério. Podes estar a fazer um grande teatro, que para mim também serve. Quim, por favor, pela última vez, achas que isto é pedir muito?

Não, querida. Perdoa-me. Vou tratar-te como uma rainha. Vais ver.

Ela pôs-se em pé, e deu-lhe a mão para ajudá-lo a levantar-se. Limpou-lhe com muito carinho a poeira e as lágrimas da cara, e depois aproveitaram para trocar um beijo tímido, nervoso. Bárbara sorriu-lhe.

Anda, vamos para casa. Vamos beber um copo no quarto e esquecer este dia. Amanhã há outro.

E amanhã vai ser diferente, meu amor.

Antes de entrarem no carro, Joaquim Peixoto agarrou-lhe na mão e olhou-a de frente.

És tão bonita, Bárbara.

Vês como tu sabes? Anda, vamos curtir.

Entraram na estrada asfaltada de mãos dadas, e dirigiram-se sobre as falésias que rumavam à auto-estrada a trocar uns olhares e uns sorrisos que ficavam muito elegantes contra a luz do pôr-do-sol. Joaquim Peixoto tomou dois Ataraxes, ao mesmo tempo que jurava a si próprio que eram os últimos. Bárbara fumava cigarro atrás de cigarro. Ligou a Rádio Nostalgia, e piscou o olho ao marido. Era música do tempo em que ainda podiam ter sonhos por direito etário.

Guiaram em silêncio, a planear um futuro cheio de amor.

Isto durou até à entrada da auto-estrada, quando um camião com atrelado teve que desviar-se de duas Yamahas que descreveram um círculo largo demais ao serpentear a cento e oitenta pelo meio de automóveis. Em consequência, atirou-se sem aviso para a frente dos utentes que vinham a sair a mais velocidade da via verde. O que obrigou Bárbara a travar tão fundo que o Panda primeiro pareceu que ia explodir e depois foi-se abaixo.

Os nervos de Joaquim Peixoto continuavam à flor da pele.

Bárbara. Porra. Eu não quero morrer.

Os nervos de Bárbara Emília também responderam de rajada.

Ah não? E então porquê? Não és tu que achas que a vida é uma grande merda sem esperança em que ninguém se dá bem?

Eu dava-me bem se tivesse sossego. Mas tu dás-me cabo dos nervos, caraças.

Ai eu é que te dou cabo dos nervos. Eu parto-me em duas para te fazer feliz, para agora eu é que te dou cabo dos nervos.

Pois dás. Pois dás. Sabes porquê? Porque, quando estou ao pé de ti, nunca sei qual é a coisa inadequada que vou dizer ou fazer e que vai encher-te de raiva justiceira. Mas tu és tão estupidamente complicada que eu sei, sei muito bem, sei bem demais, que, mais cedo ou mais tarde, alguma coisa hei-de dizer ou fazer que não devia ter dito ou ter feito. Ao pé de ti, é como se andasse descalço por cima de vidro partido. Nunca sei quem é que tu vais ser de cada vez que acordo, porque nunca percebo o que é que estás a pensar em cada novo dia.

Dantes dizias que gostavas muito de mim porque eu estava sempre a surpreender-te.

Oh minha filha, e quando foi a última vez em que me proporcionaste uma surpresa agradável? Hã? Hã? Já viste que inconsistente que tu és? Já viste como andas sempre a fazer novos planos, e depois a mudá-los ao fim de umas semanas? Hã? Já pensaste nisso? Julgas que és boa de aturar? Julgas que alguém que viva contigo pode gostar da vida que tem?

Ele tinha subido de tom.

Ela também subiu.

Porra, pá, eu só mudo de planos para ver se consigo agradar-te, caraças.

Agradavas-me imenso se deixasses de querer a Lua.

Eu só quero ser feliz e fazer-vos felizes, já te disse.

Então podias começar por aprender a guiar.

Olha lá, eu alguma vez tive algum acidente?

Só não tiveste porque eu te aviso a tempo.

Ah. Sim senhor. Porreiro. Portanto, tu não só achas normal obrigares-me a fazer de teu motorista, agora até achas normal pores-te a dar lições ao motorista, é? É? Não tens vergonha, quando pensas que a tua filha só te vê aí todo enfiado no cinto, sentadinho no lugar do morto? Não tens? E não tens remorsos? Achas que é bom para ela?

Lá estás tu com a Catarina Eufémia.

Estou e estarei, que todas as crianças precisam de uma figura que lhes sirva de pai.

Ela nunca se queixou.

E ela fala contigo, porventura? Fala? Se calhar fala? Ouve lá, tu tem dó. Cai na real. Tu julgas que és um bom pai, se calhar? Já reparaste que só falas com ela para lhe ralhares? E que, quando vamos sair os três, tu vens sempre atrás de nós as duas a arrastar os pés?

Vocês as duas é que resolvem sempre para onde é que nós vamos. O que é que queres que eu te faça? Tentei dar sugestões uma data de vezes. Vocês ignoram-me. Só falta chamarem-me bronco com todas as letras. O que é que tu queres, hã? O que é que tu queres? O melhor que eu tenho a fazer, exactamente para salvaguardar essa tal paz familiar que tu dizes que te é tão querida, é calar a boca e ir atrás das princesas sem meter o bedelho. Mas, pelo amor de Deus, não me peças que ainda por cima vá com um ar contente. Não sou nenhuma foca amestrada, estás a ouvir?

Não pode ser, Quim.

É o que é, Bárbara.

Não pode ser, Quim. Eu não quero. Não é nada disto que eu quero. Quando eu te conheci, enchias o ar à minha volta de leveza. Agora és uma tonelada de cimento atada à volta dos meus pés. E dos pés da tua filha. Não pode ser. Isto tem que acabar, tem que acabar e acaba aqui mesmo. Tens uma semana para saíres de casa.

O quê?

Quando a Catarina voltar do acampamento, já não te quero lá.

Tu estás-te a passar.

Eu estou cem por cento controlada, como aliás podes ver pela minha condução impecável.

Meteu a terceira com não mais que um zumbido suave do motor.

Eu tentei tudo, Quim. Tentei falar, tentei explicar, tentei chorar, tentei suplicar, tentei ajudar de todas as maneiras que fui capaz de inventar. Nada funcionou. Nada funciona. Acabou-se. Estou farta. E já não acredito em nada do que tu possas dizer-me. Vai para casa da tua mãezinha. Ela que te ature. Eu só tenho obrigações dessas para com a Catarina.

Bárbara, por favor.

Já disse. Estou farta das tuas toneladas de cimento. Estou farta, farta, farta, a deitar cimento pelos olhos.

Bárbara, tu não estás a ver bem.

Acabou-se, Quim. Acabou-se, não ouviste? Não quero falar mais. Quero viver em paz. Já mereço. Já tenho mais de quarenta anos, e a gente só vive uma vez.

A conversa continuou nestes moldes nos três quartos de hora de engarrafamento que se seguiram, porque três dos utentes da via verde tinham-

se estampado na altura da travagem de emergência, e havia bastante chapa batida para organizar por apólices de seguro. Por qualquer razão imperscrutável, destas que devem ter a ver com astros em alinhamentos adversos, nesse acidente ninguém quis fazer declarações amigáveis. Todos achavam que o outro podia ter travado mais depressa. Ou que não devia ter travado tão depressa, conforme a posição em que estavam.

Quando chegaram a casa, Joaquim Peixoto e Bárbara Emília já tinham voltado a chorar convulsivamente, e a seguir já tinham voltado a fazer as pazes.

Como Joaquim Peixoto viu a mulher nua no duche, porque ela antes de mais nada queria tirar de cima toda aquela poeirada do Outão e encher-se de espuma perfumada, aproveitaram o vislumbre de sensualidade daquele instante precioso para se atirarem para cima da cama. Ele ainda ia a despir a T-shirt, e a confiar que ela, num momento tão decisivo como aquele, não iria chagar-lhe o juízo por causa de não tirar as meias.

Conseguiram aguentar-se na cama quase vinte minutos.

Mas o orgasmo de Bárbara Emília foi sumariamente simulado, no momento em que começou a faltar-lhe a paciência para soltar mais suspiros e emitir mais gemidos, que de qualquer forma eram substancialmente mais relativos ao incentivo dele do que ao verdadeiro prazer dela. Já não conseguia continuar a controlar-se para não dizer ao marido pela tua rica saúde faz-me ficar mais molhada e não insistas em carregar com tanta força. Claro que também podia não dizer nada e dispensar pura e simplesmente o orgasmo, mas a última coisa que lhe apetecia era depois ter que garantir muito enfaticamente ao seu homem que ele mesmo sem lhe dar orgasmos lhe dava imenso prazer. De maneira que soltou um gemido mais alto que os outros, rolou os olhos, depois fechou-os com força, depois abriu-os e fechou-os várias vezes seguidas, depois deu duas ou três voltas pelo lençol, e estava feito.

E Joaquim Peixoto observou durante toda a função aquele silêncio crispado dos homens que têm medo de dizer qualquer coisa errada. Uma daquelas coisas que revertem abruptamente a sorte, e transformam as tentativas de aproximação em mais uma confirmação do óbito. Por um motivo que eles, na altura, nunca compreendem. E que, a seguir, elas lhes explicam com excessos de detalhe, dos quais depois nunca se esquecem, por muito que passem os anos.

Assim suficientemente satisfeitos, reclinaram-se por fim nas almofadas. Trocaram olhares. Sorriram. Fumaram cigarros lado a lado, de mãos dadas.

Vês? Nestas alturas é que, em vez de estares calado e de pores um olhar tão distraído que eu já nem sei que ainda aqui estás, devias dizer-me uma daquelas coisas que fazem as mulheres sentirem-se umas rainhas.

Bárbara. Por favor. Eu não conheço o teu guião.

Não é um guião, pá. Quando as pessoas estão felizes, basta-lhes o instinto.

Tu nunca dás tempo nem espaço ao meu instinto, Bárbara.

Vai-te lixar. Já estavas mas era a dormir de olhos abertos, como as lebres.

Não sejas injusta.

Não estou a ser injusta. Tu pediste-me que eu te ensinasse a fazeres-me feliz outra vez. Eu pensei que era isso que tu querias. Estava só a tentar ensinar-te.

Eu quero aprender, porra. Mas não quero estar sempre a obedecer a ordens.

Eu estava a dar-te alguma ordem?

Tu estás sempre a dar ordens, porra. Dás ordens a toda a gente, e cá em casa ainda dás mais. eu estou farto, sabes? Estou farto de tentar dizer te que detesto que me dês ordens, que isso me afasta de ti, e tu nunca me ouves.

Ai agora eu é que nunca te oiço?

De maneira que, naquela noite, ninguém dormiu nada que se visse no T 3 de Fernão Ferro.

Fumou-se e bebeu-se como se o mundo fosse acabar, é certo. E Joaquim Peixoto, para o fim, já engolia os comprimidos sem sequer ver quais eram. Até Bárbara tomou um Xanax, de uma carteirinha de dois oferecida silenciosamente pela Vi numa manhã de grande nervoseira lá no Coentro por causa de umas contas a pagar.

Por volta das seis da manhã adormeceram completamente esmagados e vencidos cada um de seu lado da cama, já sem energia para nem mais uma palavra que fosse. Por volta das sete e meia, Bárbara levantou-se com uma enxaqueca de caixão à cova. Tomou dois dos Migraveles do marido, escovou os dentes com imensa gana, esfregou-se com toneladas de esfoliante debaixo da água a ferver do duche, engoliu um iogurte líquido, e saiu para a rua de cabelo molhado e botas de camurça acima do joelho, sem olhar sequer para o canto da cama onde a sombra de Joaquim Peixoto continuava a dormir. Não queria sentir nenhum aperto no coração. Queria levantar o queixo bem alto, e continuar a combater a adversidade com toda a sua alma.

O ar frio da manhã, ainda quase nocturno e repassado de chuva fina, fê-la sentir-se melhor imediatamente.

A primeira bica do dia, no café da esquina antes de entrar para o carro, fê-la sentir-se ainda melhor.

Pôs-se o Nebraska do Bruce Springsteen no leitor de cassetes, acendeu o seu primeiro cigarro do novo dia, e desatou a cantar com brio por cima da música, pronta a fazer frente ao mundo.

Quando Vi chegou ao Lugar do Coentro de Ouro, já dois ou três clientes regulares do pequeno-almoço estavam a saborear as suas primeiras bolas-de-berlim com marmelada com a sua primeira meia de leite de máquina, ao som da Leitaria Garrett. Bárbara tinha-se mantido muito profissional até à chegada da sócia, mas agora, que já tinha quem lhe aparasse o jogo, desatou a despejar o saco pelo meio de murros no balcão e ataques de riso. E então é que se sentiu mesmo melhor.

Sentiu-se capaz de tudo.

Olha que porra, o que há mais é homens.

Falou, falou, falou, falou. Gracejou com toda a gente. Encheu a sala de regionalismos dos mais raros, que até incluíram a afirmação, várias vezes repetida, de que durante anos e anos fez oitos com pernas de nozes pelo seu Quim. Choramou no ombro do polícia que passava por lá todas as manhãs para tomar o seu licor de medronho silvestre, mas nunca se demorava o suficiente para que lhe soubessem sequer o nome. E, de repente, olhou para o relógio e viu que já passava das onze.

Oh Vi. Tenho que arrancar para o dentista.

Então vá, moça. E depois vê se fazes uma sesta.

Estás mas é maluca. Ainda apanho com o Emplastro Leão pela frente, a mudar de canais e a tomar comprimidos. Foge azar. Hoje já o avisei que nem durmo em casa. Amanhã pelas nove temos encontro marcado para medir forças. Ele que se cuide, que desta vez ou vai ou racha.

Ouve lá, e então vais dormir aonde?

Aqui mesmo, se for preciso. Julgas que não sou capaz? Já trouxe o necessario, e a toalha, e uma muda de roupa.

Podes ficar em minha casa, Bárbara.

Era a Laurinda Rebordão que acabava de falar da mesa mesmo por trás delas, com os lábios cheios de açúcar porque já estava a bater-se com o seu segundo malacupeco. Nessa manhã estava com apetites de fritos regionais verdadeiros.

A sério, pá? Não te transtorno?

Não, filha. Deixo-te a chave debaixo do tapete, e a cama feita na sala. É só instalares-te. Se quiseres conversa, bate-me à porta. O meu, quando está a dormir, ronca como um porco e pode vir a casa abaixo, pode estar a criança toda a berrar com pesadelos, que ele tapa as fuças com a almofada e nem dá por nada.

Então vá. Está combinado. Mas ouve lá, agora não te vás chibar com o meu quando chegares à rádio, ouviste? Não vá ele dar-lhe uma travadinha de ir chamar pela mãe lá para o teu bairro no Fogueteiro.

Juro-te a sangue de boi, rapariga.

Oh minha filha, gritou-lhe lá do fundo a voz de contralto da Conceição. Isto doença de cão cura-se com pêlo de cão. Atira-te mas é ao dentista, para ver se te divertes.

O Redondo? Ná. Era como se fosse um irmão. Esse é que teve juízo, só vos digo. Aposto que gosta mesmo da vida que tem.

A sala inteira bradou em coro que ninguém gosta da vida que tem.

Então eu chego lá e pergunto-lhe, declarou Bárbara Emília erguendo as chaves do carro numa despedida de triunfal, antes de sair porta fora a enfiar os óculos escuros como quem vai para a guerra.

«Agora é que estamos prontos»

Joaquim Peixoto e Bárbara Emília caíram nos braços um do outro assim que viram a figura erecta do Rui Manuel Salema desaparecer na esquina. Bárbara tinha apagado a luz do tecto para a espionagem ser mais discreta, e estava mais bonita que nunca, de olhos muito brilhantes, à luz do único candeeirinho de pé que ficara aceso. As manifestações de júbilo começaram com gritos de triunfo e com high-fives, prosseguiram com abraços cada vez mais apertados, a certa altura permitiram um beijo a medo no canto dos lábios, e finalmente desaguaram num beijo longo, longo, longo, cheio de saudades, cheio de orgulho, cheio de visões emocionantes de uma vida nova. Uma vida em que Bárbara Emília tinha quem a ajudasse e tomasse conta dela, e onde Joaquim Peixoto estava o tempo todo a jogar na grande área.

Ela escorregou do beijo para o ombro do ex-marido, e apertou-o todo contra si.

Ai, Quim. Foste tão brilhante.

Ele agarrou-lhe no queixo e atirou-lhe o mesmo olhar batido que tinha atirado ao Rui Manuel.

Então, miúda? Vamos obedecer ao teu dono e ter uma grande noite?

Ela empurrou-o para trás corada até às orelhas, já com os olhos a chispar de orgulho ferido.

Ele não é o meu dono. É o empresário que mais dinheiro tem investido no Coentro, e é o marido de uma das minhas melhores amigas. Pode não fazer o teu género, mas esteve sempre aqui para me ajudar quando eu precisei, e nessas alturas tu estavas sempre ausente em parte incerta. Não sejas mau. Não é preciso. Eu não me vendo. Nem atraíço as pessoas que gostam de mim.

Joaquim Peixoto voltou a puxá-la contra si com um sorriso ainda mais batido que o olhar.

Whatever. Queres jantar?

Eu?

Queres que me ponha já aqui de joelhos à tua frente?

Ela voltou a refugiar-se no seu ombro e fechou os olhos.

Oh Quim, isto deve ser uma coisa especial que me acontece de cada vez que estou muito tempo sem te ver, penso que já te perdi, e depois te reencontro.

Lembras-te quando apareci na tua casa de Porto Salvo? Olha, estou na mesma. Estou tão comovida que nem tenho fome.

Joaquim Peixoto lembrou-se só nessa altura que também não tinha dinheiro para pagar jantares a ninguém.

Anda cá, disse-lhe ele baixinho.

Afundou os lábios entre os cabelos dela. Sentiu-a estremecer. Apertou-a mais contra si. Depois falou-lhe ao ouvido num sussurro.

Queres ir tomar café à esplanada de Santa Catarina?

Ai, Quim, murmurou ela já com os olhos todos cheios de lágrimas.

Não chores, miúda. Já passou. Aquilo era só um ensaio. Agora é que estamos prontos. Fizeste muito bem em pôr-me fora de casa enquanto ainda ambos íamos a tempo de salvar o barco. A partir de amanhã, juro-te que me tens ao teu lado pronto para mudar o mundo. Vá. Cabeça erguida e cara alegre, como dizia uma alentejana munta boa por quem eu me apaixonei quando era jovem. Vamos a Santa Catarina começar tudo outra vez, ou quê?

Vamos, respondeu ela com um ar decidido.

Depois parou para pensar.

Mas ouve lá, eu não vou assim.

Acenou afirmativamente com imensa energia.

Nem morta.

Porquê?

Porque primeiro quero ir pôr-me bonita.

Mas tu já estás bonita. Aliás, já és. És linda. Estás óptima. Vamos embora.

Não. Recuso-me. Não recomeço nada outra vez sem tomar um duche primeiro.

Joaquim Peixoto pensou que, na volta, assim ainda era capaz de ter tempo para encontrar uma farmácia de serviço onde acreditassem em emergências e não fizessem muitas perguntas. Ou, mais simples ainda, ver se já estava alguém no Frágil com comprimidos para a troca. Redutil não lhe faltava. Mas, se a noite ia ser longa, ainda se arriscava a acordar no dia seguinte sem Paxilfar e dar logo parte fraca.

OK, mulher vaidosa. De quanto tempo é que precisas?

Uma hora. Dá-me uma hora, vá. Tenho que fazer as coisas devagarinho, porque estou toda a tremer. Mas, se me deres uma hora, prometo-te que vou mesmo linda.

Assim seja. Encontramo-nos daqui a uma hora em Santa Catarina. O último a chegar é maricas e paga as bicas. Queres?

Ela agarrou-lhe na mão e apertou-lha com muita força.

Quero.

Pô-lo na rua numa grande pressa, trancou a porta envidraçada, correu a grade da frente, trancou-a com três cadeados, deu-lhe um beijo rápido na boca e levantou o braço numa despedida entusiástica.

Vá. Embora. Vai-me aquecendo o lugar. Depressa, antes que eu mude de ideias.

Foi para casa a correr, e não demorou mais de cinco minutos a enfiar-se debaixo do duche ao mesmo tempo que engolia um Xanax.

Bom, mas os dela eram só de 25 miligramas.

Albumina

Elemento necessário à manutenção da vida nos seus estados mais simples. É o nome genérico das substâncias compostas por carbono, azoto, oxigénio e hidrogénio, que pertencem ao grupo das proteínas presentes no soro sanguíneo, leite, ovos, músculos, bem como em certos vegetais.

Bárbara Emília chegou à Clínica Guimarães de Andrade com cinco minutos de atraso, e ainda teve que aturar o guarda do parque de estacionamento a dizer-lhe com um ar muito calmo que não podia entrar porque estava tudo cheio.

Então onde é que quer que eu deixe o carro?

O homem encolheu os ombros e fez um gesto largo com a mão, a designar todo o exterior em redor.

Bárbara olhou à sua volta de dentes cerrados. Os farrapos miudinhos que andavam no vento da manhã tinham-se transformado em cordas de água que caíam às rajadas. Para onde quer que olhasse, só via lama, passeios esburacados, entradas de garagens, e carros, carros, carros, um mar de carros estacionados por cima do que quer que fosse que estivesse minimamente desimpedido, como outras tantas baleias dadas à costa numa praia triste consumida por resíduos tóxicos. Sem mais uma palavra, de rosto impassível, atirou com o Panda mesmo para o meio da divisória central da praça, defendida por uma altura de cimento que ninguém se atrevia a escalar. Estava-se bem nas tintas. Que rebentassem os pneus todos. Que se partisse o carácter. Que lho rebocassem. Até havia de ter graça. Era tudo a condizer com o estado de espírito do dia.

Entrou pelo gabinete do doutor Redondo ainda ofegante da corrida sob a chuva, com os cabelos a pingar e as botas de camurça acima dos joelhos salpicadas de lama.

Ele estava limpo e impecável, a irradiar calma e saúde dentro da sua bata branca. Sorriu-lhe, deu-lhe dois beijinhos, encaminhou-a para a cadeira, e começou a preparar os instrumentos da operação em perspectiva, enquanto da rádio ligada na Antena 2 escorriam uns acordes tranquilos de Liszt.

Então, menina? Tudo bem?

Eh pá, Francisquinho, tu não me digas nada. A minha vida é um desastre. Ouviste bem? Um desastre.

Mas é alguma coisa especial?

Bárbara Emília soergueu-se na cadeira e olhou de frente para o seu melhor amigo do tempo do liceu.

Oh Francisquinho, tu responde-me só a uma pergunta. Uma pergunta muito simples. Pode ser?

Claro.

Francisco Redondo, tu gostas da vida que tens?

Eu?

A assistente arruivada achou por bem sair discretamente da sala.

Francisco Redondo cruzou os braços e encarou Bárbara Emília de frente.

Bárbara Emília deixou cair outra vez a cabeça na cadeira, e ficou à espera.

Bárbara, eu acho que, se tu fores perguntar às pessoas, toda a gente te diz em segredo que detesta a vida que tem. Só que não parece, porque nunca ninguém diz nada em voz alta. As pessoas olham umas para as outras, e vêem toda a gente a fazer um grande teatro para parecer que gosta da vida que tem. E depois vêem a publicidade, onde toda a gente é bonita e toda a gente adora a vida que tem. Ou, se não adora, isso é imediatamente resolvido em trinta segundos pelo produto que estiverem a anunciar. E depois vêem as revistas sociais, e toda aquela fauna que lá aparece dá ideia de adorar a vida que tem. E então toda a gente tem vergonha, porque ninguém quer dar parte fraca e dizer que é o único da manada que não gosta da vida que tem. Mas isto é tudo uma grande fachada, Bárbara.

Mas tu não tens uma vida porreira? Não trabalhas numa clínica topo de gama, do mais moderno e eficiente que há, em instalações de luxo com vista para a cidade? Isto não é um sossego? Não ganhas muito bem? A tua mulher é médica, portanto ela não ganha também muito bem? Como é que podes dizer-me que não gostas da vida que tens?

Bárbara.

Francisco Redondo puxou um dos bancos com rodinhas para poder vir sentar-se mesmo ao pé da cadeira dela.

Bárbara, eu se pudesse ir atrás dos meus sonhos não estava aqui a desvitalizar dentes o dia inteiro. Ainda tentei dar aulas na Faculdade, sabias? E tentei fazer investigação. E gostava de ter continuado.

E então?

Então, aquilo afinal era um inferno tão grande, uma luta de feudos tão mesquinha, tantos catedráticos desactualizados a certificarem-se de que ninguém lhes tirava o lugar onde não fazem nada, tantas intrigas entre os associados, tanta sacanice entre colegas, mas tanta guerrinha, Bárbara, e tudo tão videirinho, não te passa. A minha orientadora de estágio só queria era que eu lhe desse uma mãozinha nas aulas teóricas. Uma mãozinha, estás a ver?

Aulas e aulas. Dias e dias a estudar. Montanhas de testes para corrigir. E, como era clandestino, não podia vir no meu currículo.

Então e o que é que tu fizeste?

Olha, desisti. Também entretanto nasceu o nosso primeiro filho, e é verdade que não é nas universidades que se ganha dinheiro para constituir família. A Marta já andava a dar-me na cabeça por causa disso. E pronto, aqui estou. Topo da gama, tens toda a razão. Mas tu julgas que eu me sinto feliz? Sempre achei que deveria fazer uma coisa que pudesse tocar quem me rodeasse, uma coisa significativa, uma coisa boa, para que os outros, mais tarde, pudessem lembrar-se de mim como um tipo porreiro que de uma maneira ou de outra lhes marcou a vida. Na volta, passo os dias a ouvir as pessoas dizerem-me que detestam o que eu faço. *Ai doutor, não é nada pessoal, mas detesto dentistas. Doutor, sentar-me aqui é pior que ter um filho. Bom, doutor, tem que ser, não é, então vamos lá à tortura.* É só o que eu oiço, Bárbara. Todo o dia. Ao fim de uns anos disto, sabes o que é que acontece? Se querias fazer bem às pessoas e és dentista, descobres que também tu corres o risco de detestares dentistas. E de olhares para aquela maldita cadeira, essa cadeira em que tu estás sentada, como uma tortura. Mas minha filha, essa cadeira não é a tua tortura. É a minha. Estás a perceber, miúda?

Ela disse que sim com a cabeça, muito devagarinho e de olhos meio fechados.

Não é que eu não goste de desvitalizar dentes, continuou o seu melhor amigo do liceu. Mas tu acreditas mesmo que desvitalizar dentes atrás de dentes pode satisfazer o intelecto de alguém?

Está bem, pá, mas ao menos vives descansado, aqui dentro ninguém te chateia, e ainda por cima tens tempo para ti.

Tempo para mim? Tempo para mim? Tu estás a gozar? Olha, eu queria ser aviador, não queria? Sabes que ainda cheguei a tirar o brevet? E sabes quando é que foi a última vez que pilotei um avião? Há doze anos. Antes de o Miguel nascer. Depois o que é que um gajo faz? Precisa de casa. Trabalha. Precisa de carro. Trabalha. Precisa de uma casa maior. Trabalha mais. Precisa de um carro maior. Trabalha ainda mais. Os putos estão sempre a precisar de coisas, coisas, coisas. Vá de arranjar mais uns ganchos. Sabes quantos bancos é que a Marta faz por semana? Três. Três noites sem dormir, Bárbara. Há muitos dias em que por junto nos encontramos diante do elevador, mesmo a tempo de eu lhe passar a chave e avisar se é preciso ela tratar de alguma coisa, antes de eu vir para aqui e ela ir para o duche desfeita. E depois quando é que tens tempo? Ao fim-de-semana? Muitas vezes, ao fim-de-semana ainda tens que ir trabalhar mais um bocado. Quando nenhum de nós tem que ir trabalhar, estamos os dois tão

estoirados que só queremos dormir. E é exactamente quando os putos gritam, guincham, correm, choram, batem à porta, querem o Sol, a Lua, as estrelas, os planetas, não é? Desde que nasceu o Ricardo, a Marta nunca mais conseguiu ir à esplanada tomar um café e ler o Expresso aos sábados de manhã. Eu ainda me safo, mesmo entre os pingos da chuva, porque, quando estou mesmo cansado, e já não tenho mesmo mais pachorra, ponho umas trombas tais que os putos não querem nem chegar-se ao pé de mim.

Ai, Francisquinho, suspirou Bárbara Emília. E nós que passávamos os dias na carrinha do liceu a dissecar os erros dos nossos pais e ajurar que não íamos repeti-los.

Pois era. E, agora, sabes o que é que eu acho? Acho que, depois de tudo baralhado e voltado a dar, os nossos pais fizeram um trabalho muito melhor que o nosso. Nós podíamos contestar os valores que nos ensinavam, mas ao menos ensinavam-nos valores. Olha, não vás mais longe. Não há cenas, não há trombas, lembrás-te? Os teus não te ensinaram isso? Pois, e os meus também. E essas coisas ficaram connosco para sempre, fizeram de nós quem somos, foi ou não foi? Nós agora deixámos de ter valores para ensinar aos nossos filhos. O que é que a gente lhes ensina? O que é que nós ainda lhes dizemos que é sagrado? O que é que nós lhes impomos como limites? Que modelos é que lhes damos de modéstia, de honestidade, de... de... olha, pronto, de compaixão, que é uma palavra que já nem deve vir no dicionário?

Eu, com a minha Catarina, tento. Mas sinto-me sozinha a batalhar contra as imagens que o mundo inteiro à volta dela lhe enfia na cabeça à martelada.

Pois. Talvez as mães sejam diferentes. Não sei. Mas eu falo por mim, pelo menos. Tive que trabalhar tanto, e andei sempre tão stressado, que mal dei pelos meus filhos quando eles estavam a crescer. Paguei-lhes tudo o que eles precisavam, é certo. Enchi-os de presentes, carreguei-os de tralha, inscrevi-os em imensos programas, paguei-lhes muitas férias em Club Meds daqueles com Kids Clubs de actividades para as crianças. Mas não falei com eles. Agora o Miguel está a entrar na adolescência, e eu não sei falar com ele.

Está bem, pá. Mas não te mortifiques tanto. Tens que ver que, para os nossos pais, as coisas eram todas muito mais simples.

Tu achas?

Então, eles não podiam fazer escolhas. Tinham uma calha montada à nascença, só uma, e a vida consistia exclusivamente em não sair da calha. Ser feliz era uma coisa que não estava em questão. A gente agora, que pode escolher tudo o que quiser, que pode ir para onde quiser, que pode ser quem quiser, agora é que estamos fritos, Francisquinho. Temos que fazer opções. Todos os dias. E nunca sabemos se temos razão, porque os consensos universais

deixaram de existir. E ainda por cima queremos ser felizes. É tudo muito bonito, isto da liberdade. Mas é uma responsabilidade insuportável para quem não foi preparado para ela. E nenhum de nós foi preparado. Ninguém estava à espera disto. Eu digo-te, olha, muita sorte tinham os nossos pais, que nem sequer podiam divorciar-se. Pronto, era menos uma coisa em que precisavam de pensar. A opção não existia, e portanto eles não matavam a cabeça, como eu estou a matar hoje, a tentar perceber se deviam ou não ficar juntos. Tinham que ficar juntos. Porque sim. Pronto.

A assistente arruivada experimentou enfiar discretamente a cabeça na porta.

Dê-nos só mais dois minutinhos, Cecília, pediu o Francisco Redondo com um sorriso que já não era só profissional.

Não, Cecília, gritou Bárbara Emília soerguendo-se outra vez na cadeira. Entre, entre. Ouça lá, diga-me uma coisa: a Cecília gosta da vida que tem?

Francisco Redondo levou as mãos à cabeça.

Ai, por favor. Não lhe pergunte isso, Bárbara, que ela detesta a vida que tem.

Ai é, perguntou Bárbara Emília já com um sorriso guerreiro. Então vá, Cecília, deixe-me adivinhar. Você mora nos subúrbios? Tem marido e filhos? Toda a gente descarrega tudo para cima de si? Detesta o que vê à sua volta quando sai do seu prédio, e começa a ter ataques de nervos quando está quase a chegar a casa à noite? Hum? Acertei?

A outra fez um sorriso sarcástico e disse que sim com a cabeça enquanto revirava os olhos e encolhia os ombros.

Eh pá, protestou Bárbara Emília, mas isto não pode ser. Anda tudo infeliz, e ainda por cima anda meio mundo a enganar outro meio. Precisamos de uma revolta, camaradas. Ponto de ordem à mesa.

Pois, reflectiu o Redondo, que já tinha voltado a cruzar os braços. Mas, para funcionar, tinha mesmo que ser um ponto de ordem nacional. Dez milhões de portugueses. Tudo ao mesmo tempo. Baixar os braços. Greve. Não gostamos desta vida. Não nos mexemos mais enquanto não nos derem outra. Olha, como no Asterix. Vamos reter a respiração até que nos aconteça alguma coisa. Estás a ver?

Desta vez foi ele quem deu um suspiro, e depois puxou pelo braço metálico dos instrumentos dentários com uma mistura de irritação e resignação.

Não. Não dá. O pessoal está todo acomodado. Já todos viram demasiada televisão. Vá, menina, vou dar-te a anestesia, e vamos mas é continuar a tratar esse dente, que a nossa vida não é isto. Passe-me aí o dique, Cecília. Depois a seguir leva esta minha amiga ao gabinete 6, para o Pedro lhe pôr um brilhante

no dente, que ofereço eu. A ver se ela sempre sai daqui um bocadinho mais animada.

«Boa sorte para a noite»

Bárbara Emília tomou um duche muito longo e muito quente, daqueles mesmo para ajudar a derreter os nervos.

Esfregou-se toda com o Gommage Céleste da Angel. Com muita força, dos pés à cabeça. Encheu o cabelo de Super Luminous da Kerastase, uma vez, e mais outra, e mais outra, e depois mais uma boa camada de creme. Desligou a água, enrolou a toalha verde e amarela da Habitat à volta do cabelo, secou-se energicamente com o toalhão igual, e tratou de untar-se toda com o *Voile Céleste* da Angel, e de aplicar o *Parfum-Déodorant* da Angel, e por esta altura precisou de ir a correr acender um cigarro porque já estava a comover-se até às lágrimas só de se lembrar como o seu Quim costumava ficar excitado com o perfume na altura em que a linha da Angel começou a aparecer no mercado e ela a comprava por remessas a partir de Londres, porque aquilo ainda era um segredo bem guardado em Portugal. Quando acabou de secar o cabelo aspergiu-o devidamente com o *Brume Céleste* da Angel, e a seguir pôde finalmente amaciar as mãos com a *Crème Gourmande pour les Mains* da Angel. Acendeu outro cigarro. Respirou fundo. Foi ao frigorífico buscar uma das suas garrafinhas de chá de casca de ananás, porque sentia aquela agitação toda a secar-lhe a garganta. Enfiou as leggings pretas mais apertadas da sua colecção extensa e diversificada de leggings pretas apertadas, cingiu o torso num corpete preto que tinha truque no forro para surtir o efeito wonderbra sem se dar por isso, esperou dois minutos para regularizar a respiração dentro do espartilho, e a seguir começou a aplicar a maquilhagem. Tinha que ser pouco. Mas a boca tinha que ir assim encarnada mesmo encarnada.

Quando voltou a sair para a rua empoleirada nos saltos de agulha das botas, houve duas vizinhas um bocado mais novas, que iam a entrar com ar de quem está a chegar de uma jornada de trabalho no atelier de paisagismo, e que lhe desejaram boa sorte para a noite com uns sorrisos invejosos.

A mulher mais bonita que alguma vez brotou do solo alentejano enfiou as luvas de cabedal que estavam aconchegadas contra o forro duplo do blusão da Guess?, tirou o capacete Shadowz da mala de trás da Piaggio 125 No Fear, e arrancou para Santa Catarina.

Já há bastante tempo que não pegava na Alhambra quando era só para dar voltas em Lisboa.

E então se era para estacionar pelo meio dos labirintos da Bica.

Entregou os cabelos ainda húmidos ao vento da noite, e procurou não pensar em nada que não tivesse a ver com o trânsito.

Gonadotrofina

Qualquer hormona que actue no desenvolvimento e na actividade das glândulas sexuais (gónadas). Distingue-se: as gonodotrofinas hipofisárias (vindas do cérebro) e a gonodotrofina coriónica (vinda do corion, e depois da placenta).

Quando saiu do Gabinete 6 da Clínica Guimarães de Andrade já devidamente enfeitada com o seu novo retoque de beleza e ousadia, Bárbara Emília voltou para a Margem Sul para garantir ferozmente, a todos os clientes do Coentro, que se deixassem de ideias porque ninguém gosta da vida que tem, mas também ninguém sabe como é que há-de ter outra. Exibiu com picardia o seu brilhante no dente, e jurou que nunca mais o tirava que era para nunca mais se esquecer daquela lição.

Depois disse à Vi que fechava ela a loja.

Arrumou os despojos do dia com rapidez e eficiência.

E resolveu que ia mas era ficar ali mesmo a beber uns copos com os retardatários que não tinham vontade de ir para casa.

Nessa noite ficou a saber que, a avaliar pela amostragem, sendo-lhes dada essa oportunidade sem a necessidade de inventar desculpas, há imensas pessoas na Margem Sul que à noite não têm vontade de ir para casa.

Bebeu-se generosamente.

Um dos presentes decidiu revoltar-se contra a tirania das músicas alentejanas, e foi discretamente à aparelhagem pôr a tocar em altos berros o CD do Devorame Outra Vez.

De maneira que até se dançou.

Umas danças agarradinhas, por vibrante e ritmada que fosse a música.

Nenhum dos presentes estava particularmente satisfeito com a vida que tinha, e nenhum dos vários exemplos ali apresentados se distanciava assim tanto como isso, mais nuance ou menos nuance, do sumário lapidarmente enunciado pelo Francisco Redondo.

Às três e meia da manhã, razoavelmente etilizada, Bárbara Emília lá puxou pelo Panda para cima de um passeio numa esquina do Fogueteiro. Como combinado, tirou a chave de baixo do tapete. Fê-la rodar com cuidado na fechadura, ansiosa por se atirar para a tal cama feita na sala.

A alcatifa amarela estava cheia de cinzeiros atulhados de beatas, com imensa cinza espalhada pelos centímetros de chão em volta. Também lá

estavam diversos vestígios mais ou menos íntegros de copos de papel com restos de Sagres e de Coca-Cola dentro, de guardanapos de papel com manchas de queijo e tomate, e de pratos de papel vazios com rastos de substâncias várias agarrados aos poros do cartão. Abundavam ainda caixas de cartolina, entregues ao domicílio pela Superpizza Foguete, com restos de pizza que obviamente tinham levado uma grande volta, e agora se amontoavam numa pilha tortuosa de fatias desfalcadas, umas meio comidas, outras já só com restos das cascas, outras ainda inteiras mas dobradas sem préstimo pelo meio dos destroços.

Quando teve a certeza de que já tinha conseguido focar completamente os olhos na alcatifa, Bárbara Emília atreveu-se a começar a subi-los.

O que viu a seguir foi uma série de pés descalços.

Apoiou-se na maçaneta da porta para olhar melhor.

Quatro. Eram quatro pares de pés descalços.

Credo. Então e agora se a seguir vir que está toda a gente morta?

Ora, vou fazer um café primeiro, a seguir vou tomar um duche, e então, a seguir, logo penso nisso.

Começou a acompanhar com os olhos o prolongamento do par de pés que conseguia focar melhor, estacionado do lado oposto à porta de entrada. Quando chegou ao fim, percebeu que estava a olhar para o rosto tranquilo do Juca, que tinha quinze anos, e estava a fumar um charro sentado no sofá azul-escuro na sala de estar dos pais. E que a encarava com a maior das naturalidades.

Do outro lado, com um top minúsculo e uma mini-saia de renda, estava a Margarida, que tinha treze anos e nunca saía à rua naqueles preparos, com a cara carregada de maquilhagem da mãe, e com a mão direita agarrada a um copo de cerveja, que tirava todo o ar de ser o primeiro da sua vida. E que sorria para ela um sorriso adulto que não fazia sentido naquele sítio, àquela hora.

O André, de dez anos, parecia já ter desistido desta sessão de grupo algo extemporânea. Estava adormecido no chão, todo enrodilhado numa manta da Feira de Azeitão e numa pilha de almofadas da Casa Alegre, abraçado aos cães. Que eram dois, e que também estavam a dormir.

A última coisa que Bárbara Emília viu foi a cara pálida da Laurinda Rebordão, enfiada em pijama no maple desdobrável de napa azul clara, a beber cerveja pela garrafa. Que era uma garrafa de litro.

Bárbara levantou as sobrancelhas.

Laurinda ergueu a garrafa numa saudação irónica.

O Armando Narciso foi-se embora, anunciou.

Ai, gemeu Bárbara Emília ao mesmo tempo que se deixava cair no sofá ao lado da Margarida. Teve a presença de espírito de fechar a porta da rua com a

ponta do pé. E depois deixou-se ficar na posição em que estava, com o corpo apoiado no cotovelo esquerdo.

Juca, meu querido, tu pelo amor de Deus levanta-te e vem aqui dar uma passa à tua tia.

O Juca tratou do assunto com um sorriso solícito.

Daí a cinco minutos, Bárbara Emília começou finalmente a sentir-se melhor, e a pensar com o que lhe parecia ser mais clareza. Calculou que quem já estava naquele estado também se aguentava sem ir a lado nenhum durante os próximos dez minutos, e precipitou-se para o duche. Mas não sem antes ter ido a correr à cozinha preparar e ligar a máquina do café, com as luzes todas apagadas para não sobressaltar o quadro quieto composto na sala. Encharcou-se em água quente. Lavou-se toda com espuma de banho em camadas espessas sobrepostas. Penteou o cabelo molhado todo para trás. Secou-se a correr, com gestos abruptos, e enfiou um roupão turco que estava pendurado do lado de dentro da porta da casa de banho. Correu para a cozinha com os pés ainda húmidos. Voltou a ter o cuidado de não acender as luzes.

Sentou-se num tripé encostado à bancada, encostou os cotovelos ao mármore amarelo com veios pretos, respirou fundo, e bebeu até ao fim uma almoçadeira de café.

Em menos de dez minutos estava de volta à sala, pronta para pôr o caso em pratos limpos.

Então vá, Laurinda. Ele foi-se embora?

Sim.

Para sempre?

Ai isso de certeza, nem que eu tenha que largar-lhes os cães para o manter à distância.

E porquê?

Porque andava há quatro anos com uma adolescente anoréxica do quarto andar que está sempre com umas grandes ganzas nos cornos, e esta noite anunciou-nos a todos que ia deixar-nos para ir viver com ela. Para o Algueirão.

O quê?

Acho que ela tem lá família. Bom, eles tinham que ir para o mais longe possível daqui, de qualquer maneira. Tanto servia o Algueirão como servia Manique ou Queijas.

Mas ele disse isso à frente dos miúdos?

O que é que querias? Eu esperei até meter os miúdos na cama. Mas depois ele berrou tanto que os acordou a todos. De maneira que deu-nos a notícia a todos ao mesmo tempo. Pronto.

Mas espera aí. Então, e ouve lá, tu sabias?

Não.

Não fazias a menor ideia?

Não.

Ninguém no prédio te veio com bocas?

Não.

Ele não te deu nenhuns sinais? Nunca se descaiu?

Bem quer dizer, ele andava cada vez mais mal disposto. Embirrava connosco por tudo e por nada. Com os miúdos, então, não tinha qualquer espécie de paciência. A meio do jantar, era cada cala-te que o pai quer ver televisão que se ouvia no prédio todo.

E tu não conseguias falar com ele sobre isso?

Não.

Porquê?

Porque ele não me respondia. E além disso fazia tudo o que podia para não estar em casa ao mesmo tempo que eu. Levantava-se tarde e ficava a trabalhar até tarde, porque sabe que eu me levanto cedo e venho para casa o mais cedo possível, para jantar calmamente com os miúdos. Ele as mais das vezes já nunca aparecia antes da uma da manhã.

Então o que é que vocês faziam?

Não fazíamos nada. Rigorosamente nada. Já há três anos que ele deixou de ter sexo comigo. Já há três meses que eu ia todas as noites dormir para a cama da Margarida. Já há dois meses que não falava comigo.

E tu achavas normal?

Oh Bárbara. Então e tu não sabes como é que são os homens? Eu, cá por mim, desde que vi um porco a andar de bicicleta tudo me parece normal.

Então e agora o que é que aconteceu?

Bom, quer dizer, fartei-me. Fez-nos o favor de vir jantar, e depois embirrou com a comida toda. Era a sopa, era a carne, eram as batatas, era a salada, eram as uvas, era o vinho, era a água, tudo tinha defeitos. E, ao mesmo tempo, pôs *A Febre do Dinheiro* aos berros e nunca mais olhou para nós. Eu perdi a paciência. Esperei até deitar os miúdos. O Juca já tinha ido para o quarto. E depois encostei-o à parede.

E ele?

Ora, desatou aos berros e acordou toda a gente. Fez uma fita de caixão à cova, aos gritos na sala sobre nunca ter tido juventude, ter ficado amarrado desde adolescente pelos deveres familiares e a obrigatoriedade de ganhar dinheiro, ter trabalhado como um cão desde que é puto, e agora que já tem cinquenta anos querer ter a juventude que nunca teve. Ah, e também era porque precisava de ser livre. Já não aguentava mais o peso, foi o que ele disse.

E que ia ser jovem e ia ser livre com a não sei quantas lá de baixo que entretanto está grávida, e nós os quatro que fôssemos para o caralho.

Oh mãe, protestaram em coro os dois adolescentes.

Prontos, filhos, desculpem, não foi isso que ele disse mas era essa a ideia.

E tu?

Eu perguntei-lhe então quando é que queria ter uma reunião para tratarmos da custódia dos filhos, o que é que querias que eu fizesse?

Pois. OK. Então e ele?

Olha, desata a espingardar que quer que os filhos vão chatear a puta que os pariu.

Oh mãe.

Está bem, foi que ficava eu com eles e ele não queria nada, porque eu era uma mãe maravilhosa e ele como pai era um péssimo exemplo.

E tu?

Então, eu perguntei-lhe quando é que ele queria combinar comigo a reunião sobre pensão de alimentos.

E ele?

Ele respondeu que se eu queria ter reuniões dessas com ele que tentasse apanhá-lo no tribunal. Pronto.

OK, nessa altura o que é que tu fizeste?

Eu perguntei-lhe como é que queria fazer para levar os cães. Sabes que foi ele que me obrigou a tê-los, por causa daquela mania que ele tem da caça, não sabes? Bem, espero que não imaginasses que eu achava uma ideia maravilhosa ter dois perdigueiros portugueses enfiados num T4.

Pois é. Então e depois?

Depois ele disse que eu se quisesse que matasse os cães, e que se não quisesse matá-los que fosse largá-los no pinhal de Alfarim, e que se não quisesse então que tomasse eu conta deles.

Cabrão. E foi-se embora?

Foi. Encheu duas malas, meteu-se no elevador, e tocou para o quarto andar.

E vocês?

Nós? Olha, nós, aguentar à bronca. Não há cenas, não há trombas, a ti não te ensinaram isto em pequenina? Eu não tinha maneira nenhuma de conge-
minar durante a noite uma história um bocado mais bonita sobre o pai ter ido embora, porque eles estavam acordados, vieram para a sala, e ouviram tudo, tudinho, do princípio ao fim. Por isso olhei para eles e disse, pronto, é uma merda não é? Então vamos ver se descontrámos um bocado, e amanhã logo pensamos no que é que vamos fazer.

Bárbara pediu outra passa ao Juca, ainda a esforçar-se para integrar e processar toda a informação com que acabava de ser bombardeada. Foi à cozinha buscar mais café. Bebeu-o todo, já quase frio. Desagarrrou a tampa de uma garrafa de quarto de litro de Vitalis e bebeu-a de uma só vez.

O quadro quieto composto na sala continuava sem se mexer.

Passou o braço esquerdo pelo ombro da Margarida, e com o braço direito acendeu um cigarro.

Bom, oh Laurinda, explica-me uma coisa. Conseguiu ao menos perceber o que é que foi que afastou assim tanto o Armando Narciso de ti?

Então não consigo. Há muitos anos que isto está percebido, minha linda. O Armando Narciso é estéril, entendes? Julgas que estes meus três meninos são dele? Julgas tu e julga o resto do pessoal. Mas é grupo, filha, é tudo grupo, imagina. Nunca foi capaz de ter filhos, e nunca será. E essa é a panca dele, o que é que tu queres? Cada um tem a sua panca.

Bárbara sentiu o chão a subir e a descer, e por uns segundos breves teve a sensação nítida de que ia vomitar. Voltou à terra coberta de suor frio, e deu um golo na cerveja já morna do copo que a Margarida ainda continuava a segurar na mão direita, logo a seguir ao pulso todo enfeitado de fitinhas do Senhor do Bonfim da Bahia.

A Margarida estava completamente impassível.

Olhou para o Juca, e viu que ele também estava impassível.

Depois reparou que entretanto o André tinha acordado, e que estava agora enroscado no colo da mãe a fazer festas aos dois perdigueiros, que o seguiam como duas sombras sempre de rabo em movimento, prestes a partir bibelôs e a deitar candeeiros abaixo. E também ele tinha ouvido a revelação dramática da Laurinda com total impassibilidade.

Com toda a evidência, aqueles três meninos já sabiam há muito tempo que o Armando Narciso não era o verdadeiro pai deles.

Juca, suspirou Bárbara Emília, resignada. Ainda tens haxe, filho? Tens? És capaz de fazer um charrinho só para a tia? Obrigado, querido. Eh pá, vocês desculpem, mas isto é areia demais para a minha camioneta.

Deixa, Barbarinha. Descontra-te. Esta noite não conta, e isto do chão abaixo não cai. Queres ouvir a história? É daquelas boas para entreter as famílias numa tarde de chuva.

Bárbara Emília recebeu o charro das mãos do Juca, deixou-se escorregar do sofá para o chão, puxou o miúdo para junto de si, abraçou-se toda a ele como se pudesse protegê-lo dos perigos do mundo. Deu a primeira passa, deu um beijinho na testa suada do rapaz, e a seguir fez sinal à Laurinda de que estava pronta.

Então é assim. O gajo nunca conseguiu engravidar ninguém, fez um grande segredo e foi a um médico no Porto, um muita fixe que eu depois conheci, que é o doutor Alberto Barros e é um amor. Bom, vai daí o doutor Alberto diz-lhe que ele que tire daí o sentido, que ele nem tem espermatozóides nem tem nada que possa usar-se em vez deles, que adopte meninos. Não, mas o gajo queria era engravidar as gajas. Vai para os Comandos e está um porradão de anos fora naquelas missões especiais, essa parte eu não sei bem, mas sei que ele durante dez anos arranja sempre maneira de nunca pôr a porra dos cornos em casa.

Oh mãe. Deixem-me falar, filhos.

Deu mais um grande trago na sua cerveja de litro.

Então o gajo conhece lá não sei onde uma puta qualquer que já tem dois filhos e está grávida do terceiro, e anda para ali a meter para a veia e a fazer cabritos, toda a cair da boca aos cães. Casa-se com ela à pressa, trata logo de perfilhar os filhos, o que não é difícil porque nem a esgrouviada sabe de quem eles são, e volta com uma grande reforma e mais não sei quantos benefícios especiais para Beringel, a mostrar à família a mulher e os filhos, todo orgulhoso. O André tinha três meses, e o Juca e a Margarida tinham a lição bem estudada para nem sonharem em chibar-se que nem sabiam o que é que lhes acontecia. Com os contactos dos Comandos, arranja aquele tacho de radiotelegrafista aqui em Almada. Lá vem a família toda contente para o luxo da cidade. Ouve, filha, a outra, assim que se apanhou lavada e alimentada e vestida, e na cidade, e com direito a pensão de alimentos, e mais não sei quantas mordomias dos benefícios dele, vá de dar de frosques.

Não foi bem assim, mãe.

Ah, pois, ela apaixonou-se pelo treinador de body building daquele ginásio que dantes havia lá em baixo, lembras-te, aquele que depois fechou por causa das drogas, como é que se chamava aquilo, Juca?

Era o MegaMan, tia Bárbara.

Isso, Barbarinha, era o MegaMan. E pronto, lá foram a cabra e o treinador transar droga para a puta que os pariu e o Armando Narciso ficou pendurado.

Oh mãe, vá lá.

Filhos, eu já disse que esta noite não conta. Deixem-me explicar as coisas à tia como a mim me apetece, que eu não parece mas também sou filha de Deus. Bem, minha linda, e é nesta fase do campeonato que eu conheço o animal na Festa do Avante.

Ele disse-te que tinhas ancas parideiras, não foi?

Foi, eu estava com umas moças do Barreiro que iam todas para Psicologia e estávamos no gozo porque eu, Barbarinha, palavra de honra, isto é ridículo,

eu engravidado com o vento. A quantidade de abortos que tive que fazer em miúda, mulher, não te passa. E eu sempre com a espuma, sempre com a pílula escondida na mochila, sempre com imenso cuidado, mas isso sim. Houve uma vez que até estava de aparelho e fiquei grávida. Não dá, não dá para acreditar. Eu estava a gozar com aquilo, e o abutre ali a rondar a nossa mesa. Ele na altura ainda era jeitoso, há umas miúdas que começam a fazer olhinhos, já está tudo um bocado para lá de Marraquexe, de maneira que às tantas o gajo senta-se mesmo connosco e fica a ouvir. Estava eu a dizer que até já tinha medo que um maori qualquer espirrasse na Nova Zelândia e eu ficasse logo grávida dele em Portugal. Estás a ver o filme? Nunca mais me largou, filha. Nunca mais.

Tu dizias que ele durante o namoro era muito querido.

Oh. Mas é que fez-me uma marcação cerrada, ouve lá, aquilo ali com todos os matadores. Beijo na mão e tudo. E jantares, e velas, e banheiras de espuma, os amigos dele da Força Aérea vinham buscar-nos de manhã para irmos tomar o pequeno-almoço à Madeira, parecia um sonho. E eu, claro, parva. Novinha. Nas nuvens. Dentro do avião e fora do avião. Quando íamos visitar a família dele a Beringel, bem, mas é que a sogra tratava-me ali que nem uma rainha.

Ele confiava que ia conseguir fazer-te um filho, era?

Bom, antes de mais nada ele precisava de uma criada, que a casa estava tão imunda que mais parecia uma enxovia. E precisava duma mulher que lhe tratasse dos filhos, que disse ainda não tinha ele conseguido arranjar, e estava na cara que eu, dessa parte de ser mãe, tinha no coração para dar e vender.

A gente nunca teve outra mãe, tia, explicou a Margarida.

E a nossa é mesmo a maior, acrescentou o Juca.

Obrigado, filhos. Muito obrigado. Vá lá, André, só faltas tu. Diz que adoras a mãe... Mas eu quero água.

Primeiro diz minha querida mãe adoro-te.

Minha querida mãe adoro-te.

Laurinda Rebordão levantou-se para ir à cozinha buscar água para o filho, ajudou-o a segurar no copo, e depois enxotou os perdigueiros para poder sentar-se ela também no chão. Já só o Juca e a Margarida é que ainda resistiam nos sofás.

Olha, Barbarinha, para te dizer a verdade, quando nós nos casámos ainda eu pensava que era só isso que ele queria. Uma criada, e uma babá para os meninos. E isso, para mim, não era problema. O meu grande sonho era ter uma família, e fazê-la feliz. Desisti de Psicologia e fui trabalhar. Criei estes meninos com muito prazer. A outra, nunca mais ninguém soube dela.

‘da-se.

Olarila. Do que eles se livraram, coitadinhos.

Bem, mas ao menos nessa altura foste feliz?

Oh filha. O drama começou assim que chegámos a Torremolinos para a lua-de-mel. Vamos fazer um filho, Laurinda. Anda, Laurinda, meu amor, quero-te tanto, vamos fazer um filho. Oh Armando Narciso, mas tu não podes ter filhos e eu não sei fazer milagres. Vamos, vamos. Tu és muito fértil. Vais ver. Eu dantes não tinha espermatozóides, mas era do stress. Agora vamos passar aqui dez dias muito relaxados, muito apaixonados, todos porreiros, de papo para o ar, e vais ver. Quando voltarmos para Almada já tu vais grávida do meu bebé. E vá de queca, vá de queca, vá de queca. Deus me livre. Aquilo era uma panca tamanha que eu para o fim já me doía tudo, já não tinha gozo nenhum, já só queria era que me viesse a história que assim talvez o gajo tivesse nojo, mas qual quê. Ai, Laurinda. Zumba. És tão sexy, mulher. Zumba. Adoro-te, minha rainha. Zumba. Ai, adoro as tuas ancas. Adoro as tuas mamas. Oh minha deusa da fertilidade. Zumba.

Ai pá, credo, pára que eu já estou a ficar toda arrepiadinha.

OK, já deu para perceber, não é?

Ficaste grávida?

Só se fosse do nadador-salvador, porra. O gajo não pode, e não pode mesmo.

Podias ter tentado o nadador-salvador, só para despachar o assunto.

Ai, Bárbara, eu ainda pensei nisso, mas com tanta queca já não estava em estado. Bom, e o nadador-salvador era preto, também é preciso ver.

Ias com outro.

Mas é que aquilo começou a irritar-me, o que é que queres? Era uma obsessão tamanha que perdi logo ali a vontade de ir para a cama fosse com quem fosse só para fazer a Sua Excelência o favor de ficar grávida. Quando chegámos a Almada já ele estava de trombas porque eu ainda não sentia nem enjoos nem dores nas mamas. A sério. De trombas. Então e não é que, da porta para fora, desata a fazer um filme como se a culpa fosse mesmo minha?

O quê?

Juro-te. Disse aos amigos, disse aos colegas, deve ter dito aos Comandos e à Força Aérea em peso, a sério. E depois foi contar a mesma treta à minha sogra. A Laurinda só me disse depois de estarmos casados que tem um problema e não consegue engravidar. A mulher passou a tratar-me como se eu fosse uma vassoura velha. Bem, íamos no Natal a Beringel, aquilo é uma família muito grande, estavam sempre a nascer bebés deste e daquele, e havias de ver os olhares que ele me mandava. E as indirectas dela que eu tinha que comer e calar. O doutor Alberto continuava a dizer que mesmo com uma mulher super fértil ele não tinha hipótese nenhuma, de maneira que ele começou a espalhar a

história de que não estávamos a fazer tratamentos porque eu tinha medo. E tudo a tratar-me abaixo de cão. E eu aqui com os putos, todos muito caladinhos à espera que passasse a trovoada.

Então e tu nunca disseste nada, pá? Nunca protestaste? Nunca contaste a verdade?

Para quê? Para ficar tudo lixado comigo e ainda ter que ser eu a aturá-los na volta? Oh Bárbara. Tu sabes como é. Pensei em divorciar-me, isso pensei. Mas tive medo que ele não me deixasse ficar com os putos, só por vingança. Já imaginaste a vida deles, entregues a este trambolho?

Ai, mãe. Nem fales nisso.

A gente fugia e ia ter contigo, mãe.

Oh Juca. E isso adiantava de alguma coisa? O Tribunal de Menores mandava a polícia vir buscar-vos, e vocês tinham que ir. Ele era pai, querido. Ele tinha a faca e o queijo na mão. Se depois lhe apetecesse empancar-vos num lar, também vos empancava. E a mãe não tinha dinheiro para pagar a advogados.

Podias ter fugido com eles.

Está bem, Bárbara. E se a minha avó tivesse rodas era um automóvel. Não, eu até pensei que aquilo dava para aguentar, e que havia de acabar por passar. Só que ele, às tantas, consegue descobrir que o doutor Alberto tem uma técnica nova que já dá para ir buscar células directamente aos testículos e injectá-las no ovo e aquilo às vezes funciona. Bem, o que isto para aqui foi de romarias ao Porto, tu nem te passa. E os empréstimos que ele pediu aos bancos para financiar aquilo, e mais as viagens e as estadias, ainda estou para saber como é que agora vou acabar de pagar tanta prestação, com tanto juro. E eu a tomar hormonas, a ficar toda inchada, muito mal disposta, eu dava ovos, ovos, ovos, uma farturinha deles, e o gajo nada, nada, nada. Mas é que nem a pau. E o doutor Alberto sempre impecável, sempre a dizer-lhe oh Armando desista, não gaste o seu dinheiro, não martirize a sua mulher, você já tem três meninos lindos, e ele mas eu quero um filho, eu quero um filho, eu quero um filho, era como se estes nem existissem, eu digo-te, parecia uma criança estragada com mimos. Bom, é o que ele é. Filho único de pais que também suaram muito para conseguirem tê-lo, aquilo já vem de trás.

E o doutor Alberto não podia proibi-lo de continuar?

Já andava a combinar comigo fazer uma coisa dessas, mas entretanto apareceu-me um tumor no útero, por causa daqueles tratamentos todos. E a porra das receitas caseiras para a fertilidade que a sogrinha me fez engolir, provavelmente isso também ajudou à festa. Olha, o doutor Alberto disse que era grave. Tive que fazer uma histerectomia, pronto. Percebeste? Fiquei eu sem poder ter filhos.

Ai, menina.

Foi há três anos. Foi quando ele deixou de ter sexo comigo. Para mim, olha, por essa altura já era o lado para onde eu dormia melhor.

Então, e agora a do quarto andar?

Então, a do quarto andar tinha dezasseis anos quando começou o caso; ainda a mãe dela vivia cá no prédio. Depois a mãe bazou com um construtor ali da Quinta do Conde, sabes, e a miúda ficou cá sozinha.

E ficou grávida como?

Eh pá, diz que foi do baterista daquela banda que às vezes toca lá no teu Coentro, aqueles, os Fura-2, os que fizeram aquele estúdio ao pé das bombas do Feijó, estás a ver? Ainda não reparaste que o mês passado eles trocaram de baterista? Pois, o puto fez-lhe um filho e deu à sola. De maneira que o Armando Narciso teve ali outra oportunidade novinha em folha. Olha, deixa estar. Que sejam muito felizes no Algueirão, e que tenham muitos filhos.

Oh mãe, hão-de ser todos mongos.

Não digas isso, Margarida. Os filhos não têm culpa nenhuma. Isso não se deseja a ninguém.

Bárbara Emília tentou sacudir outra vez o torpor que se apoderava cada vez mais dela, e sacudiu a cabeça para cima e para baixo antes de voltar a tentar focar os olhos na amiga.

Ouve lá, Laurinda, então e agora o que é que tu vais fazer?

Eu? Então, uma mulher nunca dá parte fraca, pois não? Não foi o que te ensinaram em pequenina? Pronto, vou aguentar o barco. E te juro que vou ser a melhor mãe do mundo para os meus filhotes.

Vamos todos para o trance, anunciou o Juca.

O quê, querido?

Vamos para o trance, tia.

Tu não gozes com a tua tia, ou tu julgas que eu sou alguma beta? Toda a vida me disseste que és punk. Onde é que já se viu um punk no trance?

Oh Bárbara, filha, então como é que o meu filhote podia ser punk? Tu não vês que ele não tem crista?

O punk não está na crista, mãe. Está na alma.

Essa ele ouviu uns punks sem crista a dizer na SIC Radical, atacou logo a Margarida.

Não foi nada, defendeu-se o Juca. Os punks sem crista da SIC Radical estavam a dizer era que ser punk era acordar todas as manhãs com um ganda som.

Bom, meus meninos, agora a gente deixa esses pormenores para outra altura e vocês explicam mas é às visitas que raio de história é esta. Laurinda, querida, eu ouvi-te mesmo dizer que vocês vão todos para o trance?

A ideia primeiro foi do Juca, Barbarinha. Mas olha que não está mal visto. Diz lá, de nós todas, todas bonitonas, todas trabalhadoras, todas generosas, todas inteligentes, todas divertidas, todas muito fortes, vá, diz lá, minha filha. Diz lá quem é que está bem?

Quê, no trance? A Mitó?

Ora nem mais. A mana mais nova da Vi que é muito feiinha, e sempre foi um zero à esquerda, e sempre andou nos matreco e nas ganzas, e que parecia que estava perdida em 1985 quando apareceu a dizer que tinha morto aquele alemão na estrada de Ferreira, diz-me lá. Preferes a vida dela ou a tua? Hã? Ali, sexo à vontade, drogas, música, acampamentos nos pinhais, a dançar toda a noite com umas grandes mocas, ninguém se lava, ninguém tem responsabilidades, ela ainda curte a fazer body painting no pessoal e pagam-lhe para isso, se não lhe pagarem há sempre o ecstasy do inglês, se não for do inglês há-de ser de outro qualquer, diz-me lá se não é uma rica vida.

Oh Laurinda, mas a Mitó é muito mais nova que tu e nunca teve grande coisa dentro da cabeça, pelo amor de Deus. Sabes muito bem que ninguém como nós pode viver assim para sempre. Aquilo ao princípio até deve ser muito giro, mas depois comesas a sentir que na realidade praticamente não tem substância e a bem dizer é sempre igual. A partir daí, para continuares a divertir-te com eles, ou já perdeste completamente a identidade, o que é mau, ou já não aguentas um segundo sem meter qualquer coisa para a veia, o que é pelo menos igualmente mau.

Eu sei, eu sei. Eu não me perco, está descansada. Mas ouve, Barbarinha, este Verão, eu seja cão se não estamos os quatro caídos no Festival de Porto Covo.

Não queres que eu te fique com o André?

E tu não tens já sarna que chegue para te coçares? A propósito, já resolveste o que é que vais dizer ao teu quando fores para casa?

Ai moça. Eu agora é que já estou mesmo a sentir-me lá muito ao fundo de um túnel.

Se vires uma luz branca não vás atrás dela.

Hum.

Bárbara tinha acabado de empurrar para o lado uma das caixas da Superpizza Foguete. No momento seguinte, caiu adormecida em cima da alcatifa amarela toda manchada de cinzas. A última coisa que viu foi um grande nevoeiro à sua volta.

«Até era um favor»

Entretanto, Joaquim Peixoto deu com o nariz na porta porque o Frágil estava fechado para mais uma desratização.

Irritadíssimo consigo próprio por não ter ido antes à procura da farmácia de serviço de um bairro pacato, correu várias capelinhas do Bairro Alto à procura de quem lhe trocasse o Redutil por Paxilfar.

Acabou por arranjar uma carteira que já só tinha quatro comprimidos, e no calor da refrega engoliu logo dois com o vodka que a bartender lhe ofereceu, para se sentir mais aconchegado. A caixa comprada de manhã já ia a meio. O mais provável era precisar de arranjar uma desculpa qualquer à altura das circunstâncias na manhã seguinte. Uma desculpa que não levantasse suspeitas, mas que lhe permitisse ter suficiente tempo disponível para ir contar uma boa história à mãe. A mãe havia de querer que o filho recomeçasse de novo. E então com o apoio daquela alentejana maravilhosa que cozinhava tão bem, de quem a pobre senhora gostava tanto, e que nos últimos tempos via tão pouco.

Joaquim Peixoto pensou que ia prometer à mãe que daí a quinze dias já estariam a convidá-la para jantar na casa do Pateo Bagatella.

Precisava pelo menos de duas receitas, de quatro caixas cada uma, para conseguir aguentar-se como o herói que Bárbara queria que ele fosse durante a próxima semana. E então com uma reportagem enorme e complicadíssima para escrever. Aquilo requeria muito Paxilfar. Requeria directas, cervejas, sonhos acordados, toneladas de SG Ventil, muito café e bastante Adalgur engolido com Guronzan. Mas esses eram dos sem receita. O que o Paxilfar tinha é que estar nas suas mãos logo na manhã de segunda-feira. Nem que a mãe fosse antes do nascer do sol para a bicha do Centro de Saúde.

Depois, para a continuação, Bárbara Emília podia perfeitamente ir buscá-lo àquele psiquiatra bonitão cheio de paleio que era tão amiguinho dela.

Até era um favor o que o bom do Quim fazia à mulher.

O bom do Quim sabia perfeitamente que a mulher definharia lentamente, como uma pobre plantinha sem água e sem luz, se se visse privada de motivos insuspeitos para continuar a ir regularmente ter umas conversas algo suspeitas com o seu rico professor.

Corticotrofina

Hormona segregada pelas células alfa do lobo anterior da hipófise, também obtida por síntese, que é usada em terapêutica pelas suas propriedades anti-inflamatórias.

Bárbara Emília acordou do seu sono na alcatifa da Laurinda Rebordão duas horas depois de ter perdido a consciência, com a primeira luz da manhã a entrar pelas persianas.

Os destroços da batalha continuavam espalhados por onde ela os vira antes de fechar os olhos de vez. O que restava da família Rebordão dormia a sono solto à sua volta, o Juca abraçado à Laurinda, a Laurinda com a mão em cima da cabeça da Margarida, e o André tão enroscado no meio das patas dos perdigueiros que só se lhe viam os caracóis. O nevoeiro tinha-se levantado um bocadinho, mas continuava a pairar em camadas espessas mesmo por baixo do tecto.

Bárbara enfiou as botas numa pressa doida, lavou a cara com água fria, esfregou os dentes com uma escova e uma pasta que não sabia de quem eram, passou uma escova enfeitada com Mickey's pelo cabelo, certificou-se de que as chaves do Panda estavam no bolso do blusão, enfiou os óculos escuros, agarrou no saco, e saiu a correr. Correu até à primeira pastelaria que encontrou aberta, despejou dois sumos de laranja naturais, e mais dois pães de leite com fiambre e manteiga, como um náufrago que consegue por fim agarrar-se a uma tábu. Bebeu três bicas de seguida. E depois voltou na mesma correria para a tal nesga de passeio mesmo numa esquina onde o Panda a esperava em cima do passeio.

Nem fumou no caminho de volta a Fernão Ferro.

Levava as janelas todas abertas apesar da chuva.

E queimou tantos vermelhos quantos conseguiu.

Entrou pelo T 3 dentro como uma desesperada, e mergulhou de uma só vez para os braços de Joaquim Peixoto. Que estava sentado na sala com um ar miserável. E nem sequer estava a mudar canais. Estava só a olhar em frente.

Ele não disse nada.

Ela também não.

Ficaram ali agarrados como dois sonâmbulos incapazes de acordar, a chorar, a suspirar, a cobrirem-se um ao outro de abraços e de beijos, as mãos dela a correrem-lhe pelo cabelo numa súplica sem palavras, os braços dele apertados à volta da cintura dela. Depois ampararam-se um ao outro para

conseguirem levantar-se, arrastaram-se até à cama, tiraram suficiente roupa para se sentirem à vontade, levantaram os lençóis, aconchegaram-se do frio debaixo do édredon, e adormeceram os dois profundamente.

Nesse dia, pela primeira vez desde a festa de abertura, Bárbara não apareceu no Lugar do Coentro de Ouro.

Vi achou que não era oportuno telefonar-lhe.

Dormiram profundamente até já ser noite.

Quim, disse ela finalmente, sentada na cozinha a beber um copo de leite. Quim, por favor. Não há cenas, não há trombas. Está bem? Está bem? Por favor? Por favor, vamos tentar gostar da vida que temos. Vamos? Queres? Prometes?

Ele abraçou-a por trás, e encheu-lhe o cabelo de beijos.

E foi assim que Joaquim Peixoto, já mesmo no fio da navalha, ainda conseguiu sacar mais três anos de coabitação com Bárbara Emília.

«O gajo é psiquiatra»

Joaquim Peixoto já estava a sentir-se mais seguro de si e do futuro, à medida que as peças do seu plano iam encaixando umas com as outras, quando começou a descer a Rua da Atalaia em direcção à Calçada do Combro. Mas, de repente, quase a chegar à esquina de onde já se via o elevador, aquela última parte que metia aquele psiquiatra que era tão amigo da sua mulher causou-lhe um primeiro sobressalto de dúvida.

E se o cabrão começa a dizer à Bárbara que eu ando a tomar Paxilfar a mais?

Ela já terá ido para a cama com ele?

Se o gajo ainda não tentou saltar-lhe para a espinha é porque é parvo. Ou então é bicha. Não, não é bicha, que ela costumava vir-me sempre com conversas sobre as namoradas dele, que pareciam todas saídas da Vogue e eram todas doutoradas no estrangeiro.

A Bárbara nunca mente.

Coitada.

O gajo será capaz de ser tão snob que só salta para a espinha de mulheres doutoradas?

Não, então ela não me contou de quando ele foi naquela missão da UCLA a Moçambique e andou para lá numa grande animação pelas tabancas a comer tudo o que era preta boazona?

Ah, ele ou já se atirou à Bárbara ou está a manobrar com cuidado para não acertar ao lado quando se atirar. Não é um grande psiquiatra, o gajo? Então, esses é que devem saber como é que se faz para não falhar a mouche. Estou mesmo a ver. Ela vai para lá toda feliz contar-lhe que já estamos juntos outra vez, e o cabrão começa a dizer-lhe coisas horrorosas sobre os meus comprimidos. E depois não me passa as receitas. E diz à Bárbara que é para meu bem. E ela acredita. E eu fico sem ter onde ir buscar Paxilfar sem estar sempre a arranjar chatices.

Merda.

Enquanto estivermos separados, aposto que o gajo lhe passa todas as receitas para mim que ela lhe pedir, sem levantar nem uma sobancelha. É a maneira dele de me manter à distância. Se eu vou viver com a Bárbara, o gajo

fecha-me a torneira para me obrigar a sair de cena. Estou mesmo a ver. É que estou mesmo a ver. O gajo é psiquiatra. Sabe-a toda.

O filho da puta anda a usar os comprimidos para me manter afastado da minha mulher.

E agora, se percebe que eujá estou outra vez najogada, dá-me o golpe do coelho.

Merda.

Estou feito.

Quando virou à direita na Calçada do Combro, Joaquim Peixoto já ia num passo muitíssimo mais hesitante. Até resolveu entrar na Pastelaria Camões e pedir uma Água das Pedras, para ver se conseguia pensar melhor na real dimensão do problema.

Ficou encostado ao balcão a beber em golos lentos, a sentir-se cada vez mais acabrunhado enquanto descia sobre si uma solidão que já não tinha fim.

Acabava de perceber, pela primeira vez na vida, que, se tivesse que escolher entre ficar com a mulher ou ficar com o Paxilfar, não lhe restavam quaisquer dúvidas de que escolhia ficar com o Paxilfar.

Histamina

Substância aminada presente em abundância em quase todos os tecidos, particularmente no pulmão e no fígado. Provoca a dilatação dos capilares, tendo por consequência a hipotensão, e aumenta todas as secreções. Utiliza-se, entre outros efeitos, como agente de dessensibilização das doenças alérgicas, e de algumas formas de vertigem.

Acontece que, retomada a coabitação com Bárbara Emília, Joaquim Peixoto tinha mesmo um problema.

Se era para cumprir a promessa. Se era para ajudá-la activamente no processo espinhoso de gostarem da vida que tinham. Se, para isso, ele sabia que ela precisava de ter um marido alerta, confiante e bem disposto. Ou seja, se era para ele conseguir ser uma pessoa que ele achava que já não conseguia ser - bom, então ele precisava mesmo de arranjar depressa um comprimido que acertasse em cheio no alvo e o fizesse sentir-se realmente bem.

Por esta altura já o Prozac era seu companheiro há nove anos, já as doses tinham subido e descido várias vezes ao sabor das tentativas, já lá iam muitas combinações e derivações - e a coisa, de facto, não estava famosa.

É que o Prozac, realmente, funcionou muito bem nos primeiros tempos. Naquela era distante em que Bárbara Emília ainda andava a aprender a estar grávida.

Nesses dias não há cenas, não há trombas, conforme prometera o senhor Luís, o homem da Rádio Liberdade acordava com o primeiro toque do despertador, fresco e cheio de energia. Punha a mão na barriga da mulher, e murmurava umas coisas ternas sobre a Catarina Eufémia que estava a crescer lá dentro, e que ia arrastar atrás dela a próxima grande mudança do mundo contra as forças da opressão. A seguir arrancava para a cozinha, depois de ter espetado um par de beijinhos joviais nas faces da esposa estremunhada. Fazia o café enquanto cantava baladas da Brigada Victor Jara na altura em que ainda por lá pontificava a Né Ladeiras, que era o género de coisa que ele imaginava que uma alentejana grávida deve gostar de ouvir do seu homem quando está a acordar a muito custo.

Agora era ela quem tinha vômitos e náuseas.

Ele sentia-se no alto de um arranha-céus muito grande com uma vista espectacular para o rio, embora as três assoalhadas para onde se tinham

mudado no mês anterior estivessem encafuadas nas traseiras de uma praceta de Fernão Ferro, e não tivessem vista senão para as traseiras de outros prédios iguais aos deles. E ainda para mais meia dúzia de coisas meio partidas, meio rasgadas, que andavam sempre a flutuar pelos passeios ao sabor do vento.

O pior foi ao fim desse primeiro mês abençoado.

Depois de inúmeras diligências, em que aparentemente muito lhe valeram os contactos feitos ao abrigo da bolsa do ERASMUS, Martim Farto conseguiu mesmo meter uma lança em África, e alinhar a programação da Rádio Liberdade com uma crónica semanal de nada mais nada menos que Ana Mafalda em pessoa.

De borla.

Mesmo numa de apoiar a malta e manter acesa a chama.

Como até ao momento da verdade o próprio director nunca chegou a acreditar sinceramente que a divina apareceria à hora combinada para gravar a primeira peça, preferiu não falar do seu triunfo aos colegas.

Por isso, Joaquim Peixoto estava no estúdio, completamente desprevenido, quando ela estacionou a mota na rua com grande estrondo e entrou por ali dentro com o seu sorriso radioso, ainda a sacudir o cabelo e a balançar o capacete.

Linda, linda, linda.

E triunfante.

Eu disse ao teu chefe que fazia as crónicas para manter acesa a chama, mas era tanga. Só cá vim para te ver, Quinho.

Estavam pelo menos mais três pessoas a ouvir.

Ela sentou-se familiarmente no colo dele, despenteou-o todo, encheu-o de beijinhos, chamou-lhe ingrato que me deste com os pés pelo telefone, e depois foi toda indolente para dentro do cubículo de vidro colocar os auscultadores e combinar pormenores técnicos com o Farto. O director desfazia-se em solicitude. Ela sorria com um ar entendido. Agora já estava toda a gente da Rádio Liberdade a ver. De vez em quando, aquela mulher de outro planeta virava-se para Joaquim Peixoto e piscava-lhe o olho. Ou então deitava-lhe a língua de fora.

Foi duro.

E isto é assim, o efeito estimulante do Prozac só se mantém enquanto as condições emocionais do consumidor se mantiverem estáveis. Nervosismos, tensões, crispações, apreensões, e sobretudo se causados por efeitos exógenos que o consumidor não controla, destroem rapidamente a magia.

Joaquim Peixoto não sabia isto.

Mas claro que aquela visita do grande amor infeliz da sua vida o deixou nervoso, tenso, crispado e apreensivo.

E este estado foi indo de mal a pior com o reaparecimento pontual, impecável, superprofissional, e sempre absolutamente deslumbrante de Ana Mafalda todas as semanas, no mesmo dia, à mesma hora, para gravar mais uma crónica. Só as motos dela é que mudavam. Andava a exhibi-las a pedido de várias marcas. Tudo o resto se passava sempre da mesma maneira, e deixava sempre o pobre repórter feito num oito. Joaquim Peixoto jurava a si próprio que da próxima vez nem sequer estaria na rádio àquela hora. E depois nunca conseguia deixar de lá estar.

O cão.

Desde que a conhecia que ele era o cão.

Os outros invejavam-lhe a sorte.

Bárbara Emília resolveu passar por lá toda grávida e rebolona, completamente inocente, para levar ao marido uns bolinhos especiais com noz-moscada e canela acabados de inventar pelo Lugar do Coentro de Ouro. Deu de caras com a loira magnífica, e fez questão de esperar até ao fim da gravação para ir felicitá-la pessoalmente por ter tomates ao contrário da maioria das pessoas. Daí a bocado, já estavam as duas no bar a rir às gargalhadas e a trocar baixinho marotices que não podiam ser sobre outra coisa que não fosse o Quim delas as duas.

Os outros decidiram que de certeza que ele tinha um segredo mágico para seduzir mulheres de sonho.

Ele encharcava-se em Prozac, e sentia-se cada vez pior.

Para ajudar à festa, a entrada em cena da loira impiedosa coincidiu com a entrada de Bárbara Emília no quarto mês de gravidez. O que quer dizer que a alentejana começou a arrebitar de dia para dia. As náuseas e os vômitos, que constituíam de início uma espécie de capacete que ela costumava descrever como ver-se obrigada a andar o tempo todo com uns óculos escuros de graduação errada, estavam finalmente a passar-lhe.

E, ao mesmo tempo, Joaquim Peixoto estava a cair aos trambolhões das nuvens.

A mulher entrava em grande na curva ascendente, ao mesmo tempo que o marido se enfiava de cabeça pela curva descendente.

Bárbara Emília tornava-se de dia para dia aquilo a que se chama uma grávida muito gira. Absolutamente radiosa. Com um peito esplendoroso. E tomem lá mais umas ancas estupidamente voluptuosas. Enfiava as calças de licra, deixava escorregar a túnica por cima da barriga, e antes de mais nada desapertava logo os quatro primeiros botões, para valorizar devidamente a

plenitude do colo. Empoleirava-se em cima dos saltos altos, que agora ainda a faziam mais alta. Prendia o cabelo preto numa trança muito negligente, daquelas mesmo muito, muito sabidas. E, quando saía à rua, toda a gente sustinha a respiração.

O Lugar do Coentro de Ouro estava com uma freguesia cada vez maior.

E ela, completamente estanque por trás da gravidez, andava mais brejeira do que nunca.

Joaquim Peixoto saía à rua esmagado pela ideia de que toda a gente o considerava o cabrão a quem saiu a lotaria, e mais esmagado ainda por se sentir tão infeliz quando o mundo inteiro tomava como certo que ia ali a passar o homem mais feliz do mundo.

A combinação do Lexotan nocturno, numas doses que já iam em doze, com o Prozac matinal, em doses que variavam conforme a aflição e a neura, estava a acabrunhá-lo sem apelo nem retorno. As doses de Prozac não podem variar muito, coisa que Joaquim Peixoto também não sabia. Podem oscilar entre um e três, e no máximo podem ir a quatro. Mas, com quatro, normalmente o consumidor já sente vômitos. O jornalista da Rádio Liberdade chegava a enfiar seis quando a coisa estava mesmo má, pelo que digamos que se sentia profundamente desorganizado, na cabeça e nas tripas.

A este mal-estar orgânico profundo juntava-se uma mistura em partes iguais de remorso e de raiva. A mulher tinha um trabalho incrivelmente exigente, aguentava-o todo com um sorriso, e ainda cantarolava a arrumar a máquina de lavar a loiça depois do jantar. E esse trabalho estava a render-lhe, cada vez dava mais lucros. O marido, pelo seu lado, executava na rotação mínima um trabalho miserável, que já há dois meses que não lhe rendia nem um tostão. E depois ainda tinha que aguentar-se à bronca com aqueles sorrisos cada vez melhor estudados que a Ana Mafalda lhe mandava de cada vez mais capas de cada vez mais revistas.

Porra, pá.

Nenhum homem aguenta.

Odiava ter que enfrentar o mundo quando abria a porta do prédio.

Começou a andar enervado. Passou para instável, e logo a seguir para irritável. Saltou para conflituoso. E, quanto mais paciência a mulher tinha, mais conflituoso ele se fazia. Ela agarrava-se com unhas e dentes àquele não há cenas, não há trombas entranhado na infância, e ele ataca-a por onde podia com umas trombas cada vez mais ostensivas.

Dormia cada vez pior.

Chegou a esvaziar uma caixa inteira de Lexotan. E tudo o que conseguiu foi ficar acordado de olhos muito abertos no escuro, a desfazer-se em suores

frios e com o coração a bater-lhe com tanta força no peito, e tão depressa, que lhe parecia inacreditável que Bárbara Emília não acordasse.

Aliás, parecia-lhe inacreditável que não acordasse o prédio inteiro.

Aliás, o que não dava mesmo era para perceber como é que ele ainda não estava morto.

Foi uma noite horrível.

No dia seguinte, teve por várias vezes a sensação de estar quase a desmaiar. Era uma mistura de volta no estômago, banho de suor frio pelas costas acima, e zumbidos cada vez mais intensos nos ouvidos. Mas nunca desmaiou. Nunca vomitou. Nunca lhe aconteceu nada, a não ser sentir-se cada vez pior, e notar que de vez em quando lhe tremiam as mãos.

Fazia o que podia para se sentir tão feliz como os outros tinham resolvido que ele era, mas cada vez se sentia mais infeliz e mais desesperado. E mais sozinho. E mais doente. E, sobretudo, mais assustado.

As suas azias dos vinte anos agora tinham-se transformado num fogo permanente no estômago a trepar com toda a gana pelo esófago acima. Um ardor resistente a todos os Ulcermins, todos os Fosfolagels, todos os Kompensans, todos os Pepsamars. Um dia houve alguém que lhe passou para as mãos uma caixa já meio usada de Tagamed, e foi como se não tivesse tomado nada. Até resistiu olímpicamente a todos os Zantacs de trezentos miligramas, engolidos aos dois e dois, que foi comprar a correr no dia em que a Laurinda Rebordão lhe falou de uma farmácia onde costumava aviá-los sem receita. A seguir o senhor Luís ofereceu-se para lhe aviar uma embalagem de Losec no Centro de Saúde, e até o Losec falhou.

Começou a trocar as palavras nas frases, e a chegar aos sítios e esquecer-se do que é que lá tinha ido fazer.

Até que um belo dia caiu como uma bomba na Rádio Liberdade a notícia de que um empresário da área, um tal de Graciano Roxo que começara a vida como vendedor de automóveis usados e ultimamente andava a comprar os direitos de representação exclusiva na zona de marca atrás de marca, gostava deveras do trabalho deles. E queria comprar-lhes o projecto para torná-lo mais *profissionalizado e mais lucrativo*.

O negócio era simples.

Eles transmitiriam como grandes notícias todos os novos bens de consumo que Graciano Roxo estivesse em qualquer momento interessado em promover. Entrevistariam de forma muito favorável e favorecida todos os parceiros significativos que o Graciano Roxo os mandasse entrevistar. Omitiriam discretamente as escandaleiras locais que o Graciano Roxo os aconselhasse a não explorar. Ah, e ocasionalmente dariam trabalho, mesmo que modesto, a todos os sobrinhos e

afilhadas que o Graciano Roxo encaminhasse para lá. Tirando isso, podiam fazer rigorosamente tudo o que lhes apetecesse.

Passavam a emitir das sete da manhã até à meia-noite. Toda a gente ganhava dinheiro que se visse catorze meses ao ano pagos escrupulosamente no dia um. Poderiam contar desde já com descontos para a segurança social, e até incentivos fiscais oferecidos pelas várias empresas a que o Graciano Roxo estivesse ligado. E quem quisesse não declarar o salário por inteiro, no problem - era só falar com o contabilista do Graciano Roxo.

O lema podia perfeitamente continuar a ser *não se dá, só se conquista*, por que não?

Bem vistas as coisas, eles, com o seu trabalho sério e criativo, tinham conquistado a pulso a aquisição de todos estes privilégios.

É preciso ressaltar que, por essa altura, já eles andavam em reuniões permanentes para tentarem decidir se ainda iam esticar a corda por mais um mês, ou se fechavam já a loja. Além de que a maioria deles não gostava dos empregos complementares que tinha, e sonhava dedicar-se só àquilo.

Com todas estas variáveis somadas, é evidente que a proposta tinha um certo ar de ser irrecusável.

Quer dizer, rouquejou por fim o Próspero Barriga, quando o Martim Farto acabou de transmitir à equipa a proposta do Graciano Roxo. Vamos portanto vender a alma ao diabo.

A assembleia agitou-se.

Não vamos nada, pá. Vamos mas é comprar a nossa liberdade intelectual, e é assim que temos que ser capazes de pensar.

Eh pá, a gente chama-lhe tudo o que quiser, mas um gajo sabe que está a vender-se aos interesses de um pato-bravo, não é?

Mas ninguém aguenta passar a vida a remar contra a maré, caraças. E eu tenho muita pena mas não me apetece ser um daqueles heróis que morrem novos. Aliás, já não sou novo.

Pois, nenhum de nós está a ficar mais novo. E os tempos mudaram mesmo, aí isso não tenham ilusões.

É. Isto a mim também me chateia. Quer dizer, não era a solução que eu escolhia, se pudesse escolher. Mas sempre ouvi a minha mãe dizer que em terra de lobos uiva-se com eles.

Claro, porra. Em Roma sê Romano.

Então e nunca nenhuma das vossas avozinhas vos disse que mais vale só que mal acompanhado, seus maricas? Quer dizer, quando vos dá jeito esquecem-se dos vossos princípios?

Princípios? O que são princípios?

Não podemos viver o resto das nossas vidas agarrados a espécies emocionais que já estão extintas, pá. A evolução é sempre a sobrevivência do mais apto. E a malta tem que evoluir.

Se tu chamas evoluir passares de contabilista a pau-mandado de um pato-bravo OK, tens razão.

Joaquim Peixoto suava cada vez mais. Seguiu a discussão deles sem conseguir dizer uma palavra, e sentia-se engolido por um pesadelo. Com a salvação ali mesmo à mão de semear, os seus colegas ainda discutiam se era lícito ou não um pato-bravo com uma boa carteira de contactos pagar-lhes uns ordenados fixos e decentes.

Percebia que a perspectiva de ficar completamente pendurado era um dilema que para os outros nem se punha, porque toda a gente ali tinha um verdadeiro emprego tirando ele. Não gostar do emprego é uma coisa. Não ter nenhum emprego é outra. E, dos oito que estavam na sala, a fumar desbragadamente à volta da mesa, ele era o único que não tinha mesmo mais nada a que pudesse agarrar-se na vida.

Esfrangalhado por estes pensamentos, tremia tanto, e tinha tanta dificuldade em articular as frases quando lhe pediam que falasse, que às tantas o director Martim Farto desatou a rir-se, e disse-lhe oh homem, acalma-te.

Deu-lhe uma palmada toda máscula nas costas, e tirou um comprimido de uma carteira.

Toma.

É o quê, perguntou Joaquim Peixoto num fio de voz.

É Atarax, pá, o que é que querias que fosse? Estás numa pilha de nervos. Vá lá, vai tomar isso. E a seguir vai tomar ar. Volta quando quiseres. A gente depois fala.

E ele, de facto, uns dez minutos depois de ter tomado o Atarax e saído para a rua, começou a ficar mais calmo.

Como toda a gente sabe, e não só sabe como pratica, o Atarax, que é um anti-histamínico, funciona também como calmante, e portanto acaba por ser anseolítico.

Isto é porque se trata de um anti-histamínico bastante antigo.

Os anti-histamínicos antigos não tinham ainda qualquer espécie de crivo: ligavam-se a todos os receptores da histamina, e por isso acabavam por actuar indirectamente sobre o sistema nervoso central, com o seu famoso efeito colateral de sensação de maior calma. Além disso, e exactamente pela mesma razão, potenciam o efeito de outros medicamentos que também tenham efeitos colaterais sedativos, sobretudo os antiespasmódicos como Buscopan, que têm uma dose muito ligeira de Valium, ou o Clonix, que é morfinomimético.

Estas especificidades Joaquim Peixoto não sabia.

Mas sabia que, até ali, praticamente todos os pagamentos da Rádio Liberdade eram feitos por ajudas de custo. Quem tratava dos papéis era o Pedro Florindo da contabilidade, que fazia aquilo entre dois copos de Martinis Bianco quando chegava a casa, depois de passar o dia no balcão local do BNU. E que tinha por hábito só dar despacho quando muito bem lhe apetecia, embora garantisse a toda a gente que era para as ajudas de custo parecerem razoavelmente distribuídas ao longo dos meses.

Na aflição de não saber se estava ou não para o dia seguinte o fecho definitivo da Rádio Liberdade, Joaquim Peixoto passou a noite toda nos copos com os seus companheiros de perplexidade, se bem que a perplexidade dos outros fosse bastante mais leve que a sua.

Por volta das quatro da manhã, o nosso homem estava já completamente bêbedo. Mas estava também a gozar de uma certa sensação de felicidade subterrânea, que o invadiu como um bálsamo depois de tomar muito Atarax misturado com muito álcool. Foi neste estado estranho que conseguiu insinuar-se na sala de estar do Pedro Florindo, para tentar receber sem mais demora a sua última e macérrima compensação por ajudas de custo.

Se ia chegar a casa naquele estado, àquela hora, ao menos que chegasse com algum dinheiro no bolso.

Falou com uma eloquência que lhe era rara sobre a separação que estava iminente entre ele e Bárbara Emília, e sobre a dor de, a seguir, não poder es tar todos os dias com a filha. Encheu de tal maneira os ouvidos do outro que ele acabou por dizer-lhe então espera aí e bebe um copo, que eu vou ao escritório ver o que é que consigo fazer. Não faças barulho que o meu puto mais novo acorda com muita facilidade, e depois de acordado é um melga que não se atura.

A sala de estar tinha uma estante grande de madeira clara a cobrir toda a parede do fundo, devidamente recamada de colecções do Círculo de Leitores, e ornamentada no centro por um mecanismo de relógio complexo cheio de arabescos em madeira igual à da estante, que todos os minutos dei tava uma bola de metal para dentro de um labirinto. A mesa de vidro rectangular colocada ao centro do tapete estilo persa tinha no tampo uma pilha de exemplares da Casa Cláudia e um livro do Paulo Coelho, ladeados por dois repuxos de metal com reflexos esverdeados e arroxeados nas pontas. Havia também um aquário para peixes tropicais ao lado da televisão, encimado por três gravuras do Vasarely com motivos ondulados em tons de azul.

Joaquim Peixoto pensou em fumar um charro para chegar a casa com um brilhantismo capaz de fazer frente à irritação silenciosa de Bárbara Emília e aos

olhares de desdém de Catarina Eufémia, mas pareceu-lhe que todo o trabalho de preparação era demasiado para as suas capacidades no momento.

Resolveu antes experimentar combinar três Ataraxes com um balão generoso de Logan.

Levantou-se para tirar a caixa do bolso, mas fez o movimento depressa demais e sentiu o sangue todo a fugir-lhe para os pés. Enquanto tentava recuperar o equilíbrio deixou cair a caixa ao chão, e as carteiras de Atarax foram espalhar-se aos pés de Pedro Florindo, que vinha a entrar com treze mil e quinhentos escudos em notas.

Eu tomo isso para as minhas dores nas costas, disse ele casualmente ao mesmo tempo que se deixava cair em cima do sofá de napa bege com um grande suspiro.

Dores nas costas, perguntou logo Joaquim Peixoto, já de antenas no ar.

Foi o meu pai que me ensinou o truque, respondeu Pedro Florindo ao mesmo tempo que lhe passava o dinheiro para a mão, e que desviava os olhos para não ter que ver a cara de desapontamento do colega. Para a semana já devo poder passar-te mais uns doze.

Estava bastante satisfeito por ter caído ali do céu um tema de conversa que se intrometesse entre eles os dois e paucidade das ajudas de custo.

Não sei quem é que lhe disse a ele, mas o Atarax potencia o efeito dos comprimidos para as dores. Potencia mesmo, pá. Eu, agora, assim que começo a sentir as primeiras pontadas, enfio logo dois Clonixes com dois Ataraxes.

Joaquim Peixoto estava a ouvi-lo com toda a atenção.

Se queres que te diga, ultimamente ando a fazer isso todos os dias assim que acordo. Com um copo de leite. Já deixo o leite de véspera à cabeceira e tudo.

É da maneira que estou menos nervoso para aturar o mau feitio da Carmelita e a gritaria dos putos.

Ouve lá, pá... tu nunca te apetece... não sei... nunca te apetece, assim às vezes, dizeres-lhes que vais só num instantinho ali abaixo comprar cigarros e desapareceres para todo o sempre?

Assim como assim, o mais provável é que elas hoje me digam mesmo para eu desaparecer para todo o sempre, respondeu Joaquim Peixoto a olhar para os treze mil e quinhentos escudos com uma pontinha de ressentimento.

«O que é que tu disseste?»

Bárbara Emília não pensou mesmo em quase nada enquanto esteve a manobrar a Piaggio pelas ruas cada vez mais apertadas, à procura de um lugar suficientemente iluminado, e suficientemente perto de um poste ou uma árvore onde ela pudesse passar a corrente do cadeado. O pior foi quando deu a tarefa por terminada, tirou o capacete, sacudi o cabelo, e viu ao longe, do outro lado do miradouro de Santa Catarina, as luzes da Margem Sul a piscarem por cima e por baixo do rio.

Algures entre aquelas casas estava o T 3 onde ela passara anos e anos a tentar ser a mulher de Joaquim Peixoto e sentir-se feliz.

É ele quem paga a renda, calculo eu, disse, de um lado qualquer, a voz do Prof. Frederico Guilherme de Castro.

Bárbara, Bárbara, Bárbara.

Começou a avançar pela Travessa da Hera, com o capacete debaixo do braço porque nem se tinha lembrado de trancá-lo dentro da mala da Piaggio, e agora, um por um, os seus passos faziam-se inseguros. Estava a imaginar-se no consultório da Barata Salgueiro, radiante de felicidade e de triunfo porque tinha finalmente reencontrado a harmonia com o seu homem. Que agora só precisava de uma data de comprimidos para começar finalmente a ser um homem digno desse nome, e, por conseguinte, a fazê-la feliz. E estava a ver a cara cada vez mais furiosa e amuada do Fred Lacoste a ouvi-la em silêncio, enquanto rabis-cava diagramas e setinhas cada vez mais entrópicos com a Mont-Blanc de tinta permanente.

Só queria que tu fosses capaz de ouvir as pessoas que gostam de ti, Bárbara.

Eu sei, Frederico. Eu sou alentejana, mas não sou burra. Eu sei que o Quim é fraco. Eu sei que o Quim não vai lá sem ajuda. Mas ele é muito querido. E eu gosto muito dele.

Claro que gostas. Tu sempre quiseste ser enfermeira da Cruz Vermelha nas zonas de guerra.

Frederico, não sejas mau. E não sejas parvo. Eu não sou parva. O Quim é muito querido.

A mãezinha dele também devia achá-lo muito querido, quando ele era pequenino.

Vai-te lixar, porra. Quem é que tu julgas que és?

Um homem que gosta de ti, mulher.

Gostas de mim? Tu chamas estares sempre a dar-me na cabeça gostares de mim?

Se tu viesses ter comigo para me pedires fosse o que fosse que não tivesse nada a ver com esse teu homem que não consegue ser homem, provavelmente já me terias deixado mostrar-te que gosto mesmo muito de ti. Sabes uma coisa?

Diz-me.

Gosto imenso de ti.

Ah sim? E dizes-me isso agora, quando eu venho pedir-te receitas para tentar voltar a ser feliz como o Quim? Então por que é que não disseste nada antes?

Porque tu nunca ouves o que eu tento dizer-te.

Eu? Eu nunca oiço?

Pois não, mulher. Tu estás tão obcecada com essa tua missão de salvars esse Quim, que ainda por cima nem sequer merece ser salvo, que um pobre desgraçado como eu bem pode fazer o pino à tua frente que tu não vês.

Um pobre desgraçado como tu?

Nem mais.

E se fosses gozar com a puta que te pariu?

Prefiro gozar contigo.

Porreiro. Então olha, aqui vai, e depois aguenta-te à bronca. Sabes uma coisa, professor?

Diz-me.

Peço-te um milhar de desculpas por não ser doutorada. É foleiro, eu sei. Ninguém gosta de sentir que está a descer na hierarquia. Mas esse problema é teu, não é meu, e com os teus problemas posso eu bem. Vou dizer-te isto uma vez, e depois já não repito. Se tu alguma vez tivesses sido capaz de ser tão querido como o Quim, já há muito tempo que o meu coração teria encontrado um sítio onde se sentisse em casa. E, se isso tivesse acontecido, o homem que não consegue ser homem nunca teria voltado a viver comigo.

O que é que tu disseste, Bárbara Emília?

Ainda chegou à esquina de onde já se via o gradeamento que dava para o quiosque do senhor Raul, com toda a esplanada de Santa Catarina aninhada à sua volta. Tinha os olhos do psiquiatra cravados nela. Podia socorrer-se de toda a sua capacidade de argumentação para lhes dar luta, mas já não podia deixar de sentir que estava a fazer uma grande figura de parva.

Joaquim Peixoto também avançou até à curva da Marechal Saldanha de onde se entrevê o gradeamento que dá para o quiosque do senhor Raul, com toda a esplanada de Santa Catarina aninhada à sua volta.

Nessa altura, uma mulher de Cabo Verde capaz de ver coisas que mais ninguém vê, que ele já conhecia de outras visitas, apareceu à porta a chamá-lo pelo nome. E ele entrou. Precisava urgentemente de uma cama para dormir, e de um corpo ao lado do seu para o aquecer, se na manhã seguinte ia acordar ainda em estado de descer até ao Rossio e apanhar directamente o comboio para Queluz Ocidental.

Bárbara Emília parou onde estava, e também já não avançou mais. Por acaso estacionou ali mesmo um táxi para despejar quatro foliões, e ela entrou a correr assim que eles saíram, para regressar ao Jardim das Amoreiras.

Estava perfeitamente consciente de que já não seria capaz de voltar a pegar na Piaggio nessa noite.

Melatonina

Hormona segregada pela epífise cerebral, cuja actividade no humano não é ainda bem conhecida. Possui provavelmente uma função na regulação do sono, do humor, e dos ciclos ovários.

Na realidade, foi só três semanas depois da conversa com Pedro Florindo, a tal que por junto rendeu treze mil e quinhentos escudos, que as ondas se enca-pelaram em Fernão Ferro e Joaquim Peixoto recebeu a notificação já prevista que o mandava desaparecer para todo o sempre. No entretanto, Bárbara Emília ainda tentou subir-lhe o astral recomendando uma substituição daqueles comprimidos todos por produtos naturais. Ofereceu-se imediatamente para pagar ela a experiência do seu bolso. Essas coisas são caras e a tua felicidade para mim é mais importante que as nossas economias.

Fazia sempre a cortesia de dizer nossas em vez de minhas, como se ele contribuísse alguma coisa para as economias da casa.

As negociações sobre o futuro da Rádio Liberdade continuavam a não ir a lado nenhum. Enquanto Graciano Roxo sorria o seu sorriso impassível de quem já sabe que vai ganhar, os puristas que tinham construído a pulso aquele sonho de não pertencerem a ninguém agonizavam entre cafés de manhã, entre cervejas à tarde, e entre vodkas e miúdas à noite.

E, no entretanto, enquanto o assunto não estivesse resolvido, selado, assinado, e carimbado, não havia ajudas de custo para ninguém.

Nessa expedição guiada por Bárbara Emília à loja de produtos naturais ErvaLinha do Carrefour, Joaquim Peixoto ficou com bastante erudição sobre a Valeriana, a Melatonina, e o Kava-Kava, e várias das combinações e apresentações possíveis das três. Mas a verdade é que engoliu frasco atrás de frasco, e bebeu chá atrás de chá, sem conseguir sentir grande coisa, para lá de, às vezes, alguma sonolência com o Kava-Kava, e alguma irritação com a Melatonina. Que, diga-se de passagem, uma vez chegou a deixá-lo toda a noite acordado, até se faltar da insónia e da beleza da mulher deitada na sua cama a dormir, e ir à casa de banho pôr fim à situação com oito Lexotans.

Os produtos naturais não têm controlo da qualidade de produção, foi a sua explicação, tirada de um cabeçalho de um jornal qualquer entrevisto na rua pelo canto do olho, quando deitou fora o que ainda sobrava da tentativa da mulher.

No fim, o que Bárbara Emília realmente lhe disse, e mesmo isto sem nunca deixar de observar a preocupação escrupulosa que ela tinha sempre de baixar a voz para a filha não ouvir as conversas desagradáveis, foi que ele então que fosse ser um vencido da vida para qualquer outro lado. Que era para elas as duas não terem que estar sempre a assistir.

E que só voltasse quando tivesse conseguido pôr as ideias em ordem, e perceber que espécie de homem é que queria ser.

Depois ficou com os olhos cheios de lágrimas, apertou as mãos uma contra a outra, baixou ainda mais a voz, e disse que não precisava de viver com nenhum super-homem. Mas precisava absolutamente de sentir-se ao lado de um homem que era mesmo um homem. Coisa que ele, Joaquim Peixoto, já há muito tempo que deixara de ser.

Depois deu um grande suspiro, atirou o cabelo para trás, olhou-o fixamente, e tentou sorrir.

Faz isto por nós, Quim. Não estou a dizer-te que acabou. Estou a pedir-te que não me deixes continuar a ver-te no estado em que andas, porque estás a matar o amor e o respeito que eu tenho por ti, e que não quero deixar de ter. E estás a ser um exemplo muito mau para a Catarina, que já tem maus exemplos que cheguem lá no colégio, e aqui em todo o bairro.

«Eu não sei qual é a sua dor»

Quando o táxi a deixou no Jardim das Amoreiras, Bárbara Emília percebeu que estava demasiado transtornada para conseguir ir para casa dormir. Ainda se sentou no banco diante do parque infantil, e ainda ligou para o Frederico Guilherme do telemóvel. Ouviu a menina da TMN a convidá-la a deixar mensagem no número que não se encontrava disponível. Lembrou-se de que era sábado à noite. Durante um ou dois minutos, esteve entretida a interrogar-se sobre qual seria a capital da Europa onde o psiquiatra bonitão, com imenso paleio e com uma mulher em cada porto, estaria a curtir à grande e à francesa naquele preciso momento.

E depois começou a chorar em silêncio, agarrada ao capacete como os meninos se agarram aos peluches.

Completamente sozinha neste mundo.

Bárbara.

Credo.

Mesmo à frente dela, com umas olheiras vincadíssimas mas com o ar afável e disponível do costume, de fato e gravata e gola do sobretudo levantada, estava o tal senhor que costumava ir de manhã conversar quinze minutos com ela ao Coentro, quando as mesas ainda não estavam postas. E que, a avaliar pela campanha, seria dentro de um mês o próximo bastonário da Ordem dos Advogados.

Ah. Laureano. Desculpe. Olhe... o que é que quer que eu lhe diga? Apanhou-me à má fila num momento de fraqueza.

Eu também estou num momento de fraqueza, Bárbara. Posso fazer-lhe companhia?

Bárbara chegou-se para o lado no banco. O senhor sentou-se ao lado dela. Passou-lhe a mão pelos ombros sem dizer nada, e ela desfez-se num pranto agarrada a ele. Ainda estava a ver os olhos de cobra do Fred Lacoste.

Mas isto só durou até ouvir o senhor falar, daí a bastante tempo, devagarinho, com todo o cuidado.

Eu não sei qual é a sua dor, minha querida. Mas a menina é preciosa demais para sofrer tanto. Eu sou um profissional das tragédias dos outros, e como tal esqueço-me muitas vezes do quanto essas tragédias são absurdas e desnecessárias, até que alguma coisa me obrigue a voltar a lembrar-me. Sabe

uma coisa? Só a morte é que não tem remédio. Venho agora mesmo do velório de um grande amigo meu. É um daqueles raros momentos que põem tudo em perspectiva.

Era seu amigo de infância?

Da tropa. É mais forte que a infância. E depois, da rádio. E depois, da Escola dos Juízes. Matou-se a noite passada, em casa, a tiro, depois de ter morto a tiro a mulher e o filho.

Bárbara endireitou-se como se tivesse levado um choque. Agarrou no senhor pela mão, e foi a correr com ele para o Coentro. Em poucos minutos, acendeu a lareira, ligou vários candeeirinhos de pé, pôs à frente do outro um chá e uma torrada, voltou a carregar no play para voltar a pôr os Penguin Café Orchestra no ambiente, e a seguir agarrou-se ao telemóvel e fê-lo tocar até que alguém atendesse.

Está? Quim? Não? Quem? Milena? Oh Milena, eu não a conheço, mas imagino que você gosta do Quim. Se gosta do Quim acorde-o, pelo amor de Deus. É um caso de vida e de morte. Não, não sou ninguém de especial. Sou só uma pessoa que se preocupa com o destino dele. A Milena também? Então olhe, já somos duas. Mas oh Milena, por favor, oiça, se gosta do Quim acorde-o. Se ele atender o telefone pode ficar famoso e rico, e ainda pode fazê-la a si muito feliz. O quê? Sonhou com isto? A sério? Com o telefone a tocar e tudo? Ainda bem. Está a ver, é porque é verdade. Tem que ser verdade. Pelo amor de Deus, acorde o homem. Ah é? A Santa Maria da Oliveira? Olhe, acenda-lhe uma vela e comece a rezar. Mas acorde o homem. Diga? Ele não acorda? Não acorda mesmo? Oh Milena, pode deitar-lhe água fria para cima? Ou isso? É? Já acordou? Então ponha-o lá ao telefone. Obrigadíssimo. Quim? Quim? Quim, pelo amor de Deus, acorda. Anda depressa. Não, não, não. Não. Não. Para o Coentro. Depressa. Está aqui o senhor da Ordem dos Advogados. Sabes uma coisa? Chegou agora mesmo do velório do juiz. Era amigo dele. Anda depressa. Pede à Milena que te ajude. Eh pá, por favor, mas não se demorem. O senhor não se aguenta aqui a noite inteira.

Esteve cerca de meia hora a conversar com o advogado à lareira, a tentar retrair tão bem quanto possível tudo o que tinha acontecido desde que a Leninha vira a Manuela sair da esquadra na quarta-feira a caminho de Mafra, com aquele pressentimento horrível de que a sua melhor amiga ia a caminho da morte. O advogado esfregava os olhos, arqueava as sobrancelhas, e repetia que não era possível. Ele era amigo do Eduardo desde o tempo da tropa, e o Eduardo não era nenhum monstro.

Bárbara desistiu do chá, e foi buscar uma garrafa de GlenMorangee de dezoito anos.

Já iam os dois na segunda rodada quando a Diane esfarrapada da Milena parou à porta, e uma cabo-verdiana espectacular, de olhos verdes e quase dois metros de pernas, entrou pelo Coentro dentro a arrastar Joaquim Peixoto atrás de si.

Ela sentou-se imediatamente ao lado de Bárbara Emília, sussurrou-lhe que já a conhecia dos seus sonhos, e agarrou-lhe na mão.

Bárbara apertou-lhe a mão com força e ficaram as duas imóveis, encostadas uma à outra, à espera de ouvir os homens falarem.

Joaquim Peixoto franziu os olhos, e tentou focar o mais claramente possível a imagem do advogado.

Conte-lhe, Laureano, sussurrou Bárbara Emília.

Isto era o que o futuro bastonário da Ordem dos Advogados tinha a dizer sobre o potencial candidato à Presidência da República:

Conheci o Eduardo na tropa, e logo nessa altura deu para perceber que ele tinha um talento raro para a rádio. Fizemos vários programas juntos, para animar os rapazes, e ficámos amigos. Depois reencontrámo-nos no curso de Direito, em Lisboa, e ele veio falar comigo porque sabia que eu estava ligado ao Rádio Clube Português, e também queria ir para lá trabalhar. Tinha uma voz magnífica. Grave e bem timbrada, e ao mesmo tempo muito suave. Aquilo a que nos meios se chama uma voz de companhia, está a ver? daquelas que, só por si, prendem logo a nossa atenção e nos fazem sentir bem. Nesses tempos, por causa da censura, tínhamos que meter muita conversa de chacha na programação, e o Eduardo era feito por medida para a incumbência. Nunca dizia asneiras, mantinha-se discreto, não se punha com paleio fácil, não se lhe arrancava nada que fosse minimamente explícito, mas nós, só de ouvirmos aquela voz, sabíamos que era uma voz que estava a falar contra o regime. E sentíamos-nos logo melhor. Menos sozinhos, e menos estúpidos.

Durante anos e anos, o Eduardo e eu fomos as duas vozes masculinas da continuidade do Rádio Clube.

Líamos, produzíamos, brincávamos aos repórteres, tratávamos de tudo, e ter o Eduardo ao meu lado era uma segurança e um sossego. Fazíamos turnos de seis horas seguidas. Eu era um rapaz muito agitado e estava sempre a meter-me em aventuras, umas de natureza política e outras de outra natureza, e de vez em quando tinha mesmo que faltar ao serviço. Mas sabia que era só telefonar ao Eduardo, a qualquer hora, e ele cobria-me o jogo sem fazer perguntas. Aliás, aquela frase que era o emblema do Rádio Clube, sempre no ar, sempre consigo, é dele. Foi ele que a inventou. E é uma frase que descreve na perfeição o Eduardo desses tempos.

Em 1969, já depois de feito o curso e de ter estagiado no escritório do meu pai, quase com trinta e cinco anos que na altura era a idade limite para entrar para a função pública, o Eduardo concorreu ao Ministério Público e entrou. Mas continuou na rádio. E continuou a virar-se do avesso para me ajudar na cobertura dos turnos. Eu estava cada vez mais metido na clandestinidade, o Eduardo estava cheio de trabalho, mas nunca me deixou ficar mal. No ambiente tenso desses dias, aquele homem era uma lufada de ar fresco. Simpático, divertido, bem educado, sabe, a palavra que eu acho que o define melhor é lavado. Dava prazer estar com ele. Não tinha reservas nenhuma. Não tinha nenhuma carta na manga por trás do que estivesse a dizer. Era um alívio. Eu costumava chamar-lhe o meu porto de abrigo. E isto valia para a agitação política como valia para os dramas com as namoradas.

Ele, por ele, era a antítese da vida romântica agitada. Quando o conheci já namorava a Manuela, e depois casaram-se, ou foram viver juntos, não me lembro. Quase que juro que ele nunca teve mais parceira nenhuma. A sério. Era aquele género de homem de uma só mulher, e fazia gala nisso. Lembro-me de às vezes, quando ainda namoravam, ela às vezes ir lá ter com ele, mas garanto-lhe, isto é curioso, nem me lembro da cara dela. Era uma mulher tão normal que quase não existia. E a relação deles era tão calma e tão simples que nem se dava por ela. Pois. Era assim, era. É curioso, não é? Nunca tinha pensado nisto antes. Até ao acidente do Carlinhos, nunca reparei sequer que o Eduardo tinha uma família.

O Eduardo fez uma carreira impecável na magistratura. Começou pelos tribunais de trabalho, e depois passou a ser presidente do Centro de Estudos Judiciários. Em 73 saí eu da rádio, em 75 saiu ele, e a seguir fiz um programa sobre Direito na RTP. Ele foi lá uma vez falar de acidentes de trabalho e legislação, e revelou-se um conversador espectacular. Até quis tê-lo no programa de forma mais definitiva, mas ele já estava completamente absorvido pela magistratura, e pela sua dedicação à vida política. Ao contrário de muita gente que esteve na resistência e fez a revolução, o Eduardo nunca desistiu de ser de esquerda. Eu agora acompanhava-o mais à distância, e achava-o, de facto, um homem exemplar.

No dia a seguir à tragédia estávamos os dois escalados para um júri no CEJ. Quando ele não apareceu, houve uma certa inquietação, porque o Eduardo nunca faltava, nunca se atrasava, era um pilar de consistência e estabilidade. Acabaram por vir dizer-nos que ele estava doente. Assim que saí do júri, agarrei-me ao telemóvel. Comecei a ficar agitado por não conseguir apanhá-lo. Devo ter-lhe deixado uns bons oito recados. De repente, bateu-me com toda a força que há quase seis meses que não tinha uma conversa a sério com ele.

Colina

Factor lipotrópico necessário para a utilização dos lípidos pelo fígado; a sua ausência provoca aqui uma sobrecarga de gorduras.

Houve, talvez, na recta final da ruptura em Fernão Ferro, um pormenor extemporâneo adicional que fez a gota de água saltar finalmente do copo.

Bárbara Emília soubera na véspera que tinha que preparar-se para engordar uns bons doze quilos.

É que podiam dizer-lhe que ia precisar de amputar um dedo. Ou de dormir todas as noites em cima de uma tábua de madeira. Ou podiam mesmo avisá-la de que ia cair-lhe o cabelo por inteiro, que foi para isso que se fizeram as perucas, e hoje em dia há muitos expedientes engenhosos por onde escolher.

Mas doze quilos.

Doze quilos sem tirar nem pôr, despejados para cima dos ombros dela assim todos de uma vez.

Doze quilos em cerca de três meses, como lhe assegurou o Zé Afonso Boavida a segurar-lhe ternamente na mão.

Era demais para a sua capacidade de encaixe da mulher que aguentava tudo.

Ai, homem dum cabresto. Tu tens a certeza?

Tenho a certeza absoluta. É um efeito colateral notório em todos os pacientes. Sobretudo nas mulheres. E mais ainda nas mulheres magras.

Bárbara franziu as sobrancelhas.

Não podes dar-me ao mesmo tempo um comprimido de dieta que não faça mal?

Desses só há um, Bárbara. Há sempre o Xenical, relativamente eficiente na absorção de gorduras, que na pior das hipóteses te põe de diarreia. Mas, mesmo que tomasses Xenical, ias andar sempre frustrada, porque o ADT que tu vais tomar não te faz engordar só do ar. Vai dar-te é um tremendo aumento de apetite, porque cria um craving desgraçado para os carbo-hidratos. daquelas cenas tipo, de repente, achas que ou comes já um bolo de chocolate inteiro ou enlouqueces. E, contra isso, o Xenical não faz nada.

Então o que é que eu posso fazer?

Podes tomar algumas precauções. Mas emagrecer mesmo, só com uma dieta rigorosa quando acabarmos o tratamento.

E acabamos quando?

O ginecologista olhou para ela com carinho. Ainda se lembrava da maria-rapaz de franja a tapar-lhe os olhos enormes de moira encantada que costumava sentar-se ao lado dele nas reuniões clandestinas da Juventude Comunista, em armazéns de grão vazios, de localização anunciada só no próprio dia em papelinhos enfiados na mão do destinatário à entrada do liceu. E, desde o seu reencontro com Bárbara em Almada, se havia coisa que ele tinha aprendido era que ela estava disposta a tudo para nunca ficar gorda.

No desempenho das suas funções clínicas, José Afonso Boavida assistiu da primeira fila aos cuidados enormes da sua paciente durante a gravidez. Reparou no controlo impressionante que ela demonstrava sobre fomes e apetites. Registou a profusão de aulas de ginástica e de alongamento que ela lhe perguntava se podia ir fazer. Ouviu a descrição dos cremes reafirmantes com que ela vinha da esteticista, cheia de trabalho, e proibida de fumar, mas sem qualquer intenção de ceder um milímetro à mais insignificante das tentações de indulgência.

E, mais ainda, lembrava-se da gana com que ela se atirou à dieta assim que saiu do hospital. Como era muito escrupulosa, telefonava-lhe sempre a perguntar se tomar umas certas fibras, ou uns certos chás naturais altamente diuréticos, ou umas certas barras de soja que pareciam ração de cavalo, poderiam interferir com a qualidade do leite. Nas consultas, quando ele lhe gabava a firmeza dos músculos durante o toque, ela descrevia-lhe cenas que soavam como torturas medievais. Eram horas passadas nas bicicletas da cardiofitness. Eram exercícios impensáveis de ginástica localizada. Eram cintas de borracha para fazer suar mais. Eram garrafas de litro e meio de Água do Luso despejadas umas a seguir às outras. Eram ligaduras frias. Eram camas vibratórias. Era uma panóplia infernal de técnicas e conhecimentos que o deixava completamente atordado.

Por volta dessa altura, reparou que ela aparecia sempre com vários pensos rápidos distribuídos ao longo das pernas. Ela explicou-lhe paulatinamente que andava a tratar-se intensivamente com o Pinto Carneiro para secar todos os derrames que ainda restavam da gravidez.

Quando lhe pediu que por uns tempos bebesse leite gordo enriquecido em vitaminas em vez de leite magro enriquecido em fibras, ela deu-lhe uma guerra sem quartel. E conseguiu sair do consultório com autorização para se ficar pelo leite meio gordo enriquecido em cálcio.

Uma vez calhou José Afonso Boavida falar por acaso ao telefone com o marido de Bárbara Emília Frutuoso. E foi assim que ficou a saber que Joaquim Peixoto andava há meses e meses a consumir jantar atrás de jantar de peixe

grelhado com legumes cozidos. Não se ingeria mais nada lá em casa. E não há cenas, não há trombas.

Quando Catarina Eufémia fez três meses e foi baptizada, Bárbara Emília já tinha recuperado por inteiro a sua figuraça de cintura fina e pernas delgadas, e apresentou-se na igreja com uma mini-saia de seda azul reforçada com licra que distraiu algumas vezes o padre da leitura dos textos sagrados.

Bárbara, explicou docemente José Afonso Boavida. Cada caso é um caso. O problema que tu tens é dos mais elusivos que há. Algumas pessoas ficam bem ao fim de seis meses, outras ao fim de um ano, outras ao fim de dois. Há casos de pacientes que precisam de manter o tratamento até entrarem em menopausa. Mas são raros. E ouve, menina, também não faças disto um drama.

Ela ainda não estava disposta a dar-se por vencida.

Oh Zé, mas ouve lá, eu preciso mesmo de tomar uma dose assim tão grande? Não posso tomar só metade? E, assim que melhorar, reduzir logo para um quarto?

Zé Afonso Boavida teve vontade de sentá-la no colo para poder fazer-lhe festinhas. A mulher mais valente e orgulhosa que ele conhecia parecia uma menina perdida. Por causa de doze quilos.

Barbinha, vá lá. Tem confiança em mim. Achas que eu quero estragar-te a vida? Achas que me dá gozo obrigar-te a engordar? Não te agarres só a esse lado das coisas, mulher. Pensa na necessidade absoluta que tu tens de comescares a sentir-te melhor. Ouve, isto é assim. Eu ontem estive uma hora a tomar café com o colega da Urologia, e a seguir telefonámos logo dali para o teu amigo psiquiatra. Todos te conhecemos, todos gostamos de ti, e todos estamos de acordo. Tu precisas mesmo dos cem gramas por noite. Por um período prolongado. Por favor não interpretes mal o que vou dizer-te, mas é que, para lá dos setenta e cinco miligramas, isto também começa a ter efeito antidepressivo. E todos nós concordamos que uma dose moderada de antidepressivo pode dar-te uma grande ajuda, no estado em que tu estás.

Bárbara Emília ainda conseguiu sair do consultório do amigo de queixo levantado. Mas, no elevador, desfez-se em lágrimas. O que vale é que o percurso era de dezoito andares.

Era uma vez uma menina que cresceu a pão, toucinho, e batatas. Os avós ainda eram daquela geração, que agora temos que fazer um esforço para nos lembrarmos que existiu e que foi verdade, em que os pobres afirmavam com orgulho que, quando era preciso, uma sardinha chegava para três. Era uma miúda robusta. Capaz de tratar sozinha de vários bebés da vizinhança. Capaz de carregar à cabeça cabazes de cebolas, ou de tomates, tão pesados como os das mulheres. E sempre pronta para irromper na grande área como um carro de

assalto, e visar à baliza num pontapé sem misericórdia, nos fins de tarde em que a deixavam ir brincar.

Por causa dos piolhos, e de todos os bichos do campo, e do muito mais que a mãe tinha para fazer, esta menina usava o cabelo cortado curtinho.

E andava sempre de calças e botas, para poder rasgar caminho por meio de silvas e tojos com mais facilidade.

Só quando foi para a escola é que percebeu que era feia e gorda.

Aprendeu sozinha a enfrentar os risinhos das raparigas de tranças e laços, e vestidos de gola branca. E a agredir os rapazes a murro quando eles se escondiam a berrar-lhe insultos no recreio. Era tão boa nas lutas que os mais velhos vinham sempre chamá-la quando havia contas a acertar com outro bando igual ao deles. Como era boa aluna, a professora não podia castigá-la tanto quanto gostaria pelo seu comportamento rebelde desde que entrava o portão da escola até que saía.

Os seus momentos de maior triunfo vinham quando ia a qualquer lado de passeio com os pais, e os rapazes desse sítio, que não a conheciam, a tratavam por oh coiso e lhe passavam de imediato a bola.

Aos onze anos cresceram-lhe as maminhas, e aos doze já eram umas belas mamas. Acompanhadas por um belo rabo. Tudo aquilo muito cheio de chicha, como parecia ser tanto do agrado dos homens que estavam encostados às portas das tabernas. Aprendeu das bocas deles muitos piropos incendiários.

Mas não eram esses piropos, vindos desses homens, que podiam trazer-lhe consolo.

No liceu, tinha o seu grande amigo Francisco Redondo que a tratava de igual para igual. Tinha a confiança de todos os rapazes, que admiravam a sua sensatez e vinham a toda a hora pedir-lhe conselhos sobre o objecto das suas paixões em cada momento. Ela ouvia-os, explicava-lhes mistérios, esclarecia-lhes dúvidas. Não tinha quaisquer problemas com o uso da linguagem rosnada dos homens dos cafés. Nem se esquivava a discorrer sobre todo e qualquer detalhe anatómico ou fisiológico. Os rapazes consultavam-na como quem consulta um oráculo.

Os rapazes achavam-na sábia e divertida.

Mas ela nunca era a paixão de nenhum deles.

Todas as outras raparigas do liceu tinham um namorado. Ela não. Ajudava-as todos os dias a estudar a matéria e a cabular nos exames, mas não pertencia ao grupo das que eram convidadas nem para lanchinhos nem para ensaios de ballet. Conhecia os códigos e os prazeres do namoro dos livros, das conversas das mulheres que se reuniam na cozinha da mãe, das histórias que as colegas de turma lhe contavam, dos dilemas que os rapazes lhe pediam que

ajudasse a resolver. Já se tinha estudado cuidadosamente ao espelho. Até já conhecia termos técnicos. E nunca era particularmente difícil sacar livros ilustrados do Vilhena por entre as esquinas e os corredores do liceu de Beja.

Estava pronta.

Estava mais que pronta.

Mas era gorda.

Por imposição estrita da mãe, que a queria em casa a ajudá-la e não a deixar-se atrasar pelos jardins e portões na brincadeira, usou o tal cabelo curtinho até aos catorze anos. Quando finalmente achou que o caso já pedia uma verdadeira cena de revolta e experimentou deixá-lo crescer, não fazia a menor ideia de como é que se domesticava aquela juba. Pelo que tudo o que conseguiu, quando quis ficar mais parecida com as outras raparigas, foi ouvir grandes berros em casa, e mais outras tantas chacotas no liceu. Em ambos os casos, por acusação sem possibilidade de recurso de agora parecer uma cigana maltrapilha fugida de Espanha.

Durante todos esses anos, Bárbara Emília jurou diariamente a si própria que quando fosse grande havia de ser magra.

Com uns longos cabelos negros, brilhantes e sedosos, aparentemente assim concebidos por origem divina, sem ser sequer requerida da parte dela qualquer espécie de esforço.

E todos os rapazes haviam de querer namorá-la.

Agora, quase trinta anos mais tarde, um desses mesmos rapazes que dantes lhe pedia conselhos estava a anunciar-lhe que não havia outro remédio senão fazê-la engordar doze quilos.

Não tinha mesmo por onde escolher. Era tomar os comprimidos e engordar doze quilos, ou continuar aflita para ir à casa de banho, perpetuamente a cruzar as pernas, uns dias pior, outros dias melhor, mas sempre com aquela sensação desesperante de que toda a sua zona pélvica estava a arder. Com o epicentro no orifício preciso que mais humilha uma mulher quando está a arder.

E a culpa era do marido.

Ela, pelo menos, por muito que tentasse usar a razão para controlar as emoções, não conseguia deixar de pensar que a culpa era dele.

Nos últimos três anos de coabitação em Fernão Ferro, o dia-a-dia familiar era frustrante, o trabalho era demasiado, as responsabilidades eram excessivas, e estas coisas rebentam sempre por algum lado. Houve uma reunião de accionistas do Coentro do Pateo Bagatella em que de repente Bárbara começou a sentir o estômago a arder, e no dia seguinte o ardor tinha-lhe trepado pelo

esófago acima com uma fúria tão agressiva que lhe parecia que em breve estaria a deitar chamas pela garganta.

Ao pequeno-almoço, enquanto tentava controlar aquele pesadelo com copo de leite morno atrás de copo de leite morno, disse por acaso ao marido, que por acaso estava acordado, que precisava de ir urgentemente ao médico ver o que se passava. Só podia ser uma crise aguda de qualquer coisa mesmo má.

Joaquim Peixoto sentiu-se cintilar por dentro.

Depois de tanto tempo a viver como um trapo triste ao pé do esplendor indomável da mulher, tinha finalmente a oportunidade de ser ele, outra vez, a levar a alentejana pela mão por dentro dos labirintos da sofisticação lisboeta.

Querida, disse ele com carinho, levado ao ponto de passar-lhe até a mão pela cintura. Não te assustes. Isso não é nada. É esofagite. É só do stress. Não tem perigo nenhum. Mas é horrível, eu sei, que sofri com esse ardor durante anos e anos. E a minha vida foi um verdadeiro inferno até que descobri isto.

Pôs uma caixa de comprimidos brancos em cima da mesa.

Bárbara apertou ainda mais a barriga com os braços, para conseguir inclinar-se para a frente. E franziu as sobrancelhas, para ler melhor.

Dogmatil.

Realmente, tinha ideia de já ter pedido muitas receitas daquilo ao Frederico Guilherme. E até de lhe ter explicado que era para a gastrite crónica do marido.

Bárbara, disse-lhe Joaquim Peixoto com um sorriso quase luminoso. Foi o Próspero Barriga, sabes, o que faz a segurança no Dogs Out do Pinhal Novo, que um dia me passou para as mãos uma caixa disto. Disse-me que já tinha colite nervosa há seis anos. A certa altura o médico do Centro de Saúde deu-lhe isto, e ele em dois dias estava bom, completamente bom, como se lhe tivessem passado lá por dentro uma esfregona encharcada em creme Johnson. Depois deu-me uma caixa a mim quando me viu a tomar Zantac a torto e a direito sem conseguir largar a barriga, e aconteceu-me o mesmo. Querida, há dois anos que tomo isto. E nunca mais tive nada. Experimenta. Toma já um. É um de manhã e outro à noite. Vais ver que amanhã te sentes como nova.

No desespero em que estava, Bárbara dizia que se sentia capaz de comer bosta de vaca se lhe dissessem que a bosta de vaca apaga os fogos no estômago.

E, de facto, o Dogmatil funcionou.

Em dois dias, nem mais um, como vaticinou Joaquim Peixoto naquele intervalo de glória em que ele foi maior do que ela.

Só que, ao fim de dois meses, Bárbara deixou de menstruar.

Deixou mesmo.

Passou mais um mês, e depois outro, e depois outro, e nada. Grávida não estava de certeza, primeiro porque sexo era coisa que não abundava lá por casa, segundo porque os testes dos pacotinhos nunca ficavam nem azuis nem cor-de-rosa, e terceiro porque não tinha quaisquer sinais interiores ou exteriores de incubação interna.

Ao mesmo tempo, começou a notar que, por muito que se esforçasse, sentia nas ocasiões assaz ocasionais de intimidade uma secura crescente. E que, mesmo com óleo, mesmo com geleia, mesmo com muitojeitinho, o sexo lhe fazia doer. Aliás, doía-lhe cada vez mais. Ao princípio não somou dois e dois, mas à sétima vez percebeu finalmente que aquelas infecções urinárias que andavam a martirizá-la com uma frequência no mínimo fora do comum rebentavam à superfície cerca de vinte e quatro horas depois da última visita tímida e apressada do marido.

Ai eu. Agora que ando com tanto trabalho é que havia de ficar doente.

O excesso de trabalho ainda arrastou a situação durante mais uns dois meses. Mas, à oitava rodada de sexo tímido, quando na manhã seguinte acordou com a sua oitava infecção urinária, decidiu finalmente que o trabalho ia ter que esperar umas horas. Está aqui qualquer coisa fora do sítio, Bárbara. Dessa última vez, as dores da penetração foram tantas que teve que pedir a Joaquim Peixoto que parasse ao fim do primeiro minuto.

Não. Não pode ser. Não tenho vida para isto.

Foi falar com o José Afonso. Mas esqueceu-se de mencionar o Dogmatil, porque nunca lhe passou pela cabeça que um comprimido para a azia tivesse alguma coisa a ver com o ciclo menstrual.

A ecografia mostrou um aparelho genital regredido à fase pré-púbere. Ovários minúsculos, útero atrofiado, superfície vaginal externa quase sem epitélio protector. O ginecologista abriu a boca de espanto.

Parece que voltaste a ter nove anos, Bárbara.

Credo. Então são dores destas que as meninas de nove anos sentem quando são violadas? Coitadinhas. Como é que há gente capaz dessas atrocidades?

Tens que começar imediatamente a tomar Progluton.

Quê?

Estrogénios. Hormonas, pá. Daquelas que os ovários mandam cá para fora todos os meses, para dizerem ao útero que se prepare que vem ovo. É o que tu deixaste de ter. Como as senhoras que entram em menopausa.

Mas eu entrei em menopausa?

Não há nenhuma razão para isso.

Então e agora?

Deixa-me ver: Deixa-me fazer-te umas raspagens, tirar umas fotografias, e falar com os colegas. Entretanto, minha filha, o Prodiglutton começa já hoje. Dá cá o teu cartão da Caixa.

Ouve lá, vou engordar?

José Afonso ergueu a cabeça do papel onde já estava a rabiscar uma receita, e depois deixou cair a caneta com um suspiro meio divertido meio impaciente.

Ai Jesus me valha. São impossíveis, as mulheres. Agora andam todas que parece que fizeram um contrato por quatro anos com o Christian Lacroix, palavra de honra. Não posso pesar nem mais um quilo, doutor. Está tudo doido. Não, Bárbara Emília Frutuoso, não, pelo amor de Deus, não vais engordar. E te garanto que daqui a um mês o sexo já deve estar a saber-te bastante melhor. E assim, acabando-se esse atrito todo, também devem acabar-se as cistites.

O estrogénio não funcionou.

É verdade que ao fim de um mês Bárbara já tinha recuperado a anatomia interna normal para uma mulher da sua idade, mas as dores que acompanhavam o sexo continuavam impávidas e serenas.

Já desconfiada que aquela secura toda era da sua falta de interesse pelo marido, logo seguida da sua falta de paciência para os cinco minutos desinspirados dele, experimentou ir a um encontro de gastronomia em Sagres e passar uma grande noite com um hoteleiro dinamarquês dali da zona que já há um bom par de anos que lhe dirigia olhares e silêncios absolutamente inequívocos.

A grande noite foi um martírio.

Quanto mais o dinamarquês se punha lenta e sabiamente a praticar posições do Kama-Sutra, mais Bárbara reprimia a custo a vontade de lhe berrar que se despachasse depressa. Já não havia nada que não lhe doesse.

E o pior, mas mesmo pior ainda, era que as cistites estavam a aumentar de frequência. A certa altura já nem era preciso haver sexo. Pareciam pegadas umas às outras. E, a seguir, os exames à urina deixaram de acusar a presença de qualquer bactéria indevida, pelo que também já não valia a pena tomar antibióticos. Mas o ardor continuava, um ardor misturado com uma dor subterrânea, sempre presente, sempre desgastante, ao ponto da pobre mulher só querer dormir que era para ao menos durante umas horas não sentir aquilo. Mas adormecia a sentir aquilo, e acordava a sentir aquilo.

Tentava não incomodar ninguém com a sua aflição. Nunca falava do assunto. Fazia questão de manter intactos tanto o seu ritmo de trabalho, como o seu tempo especial dedicado à Catarina, como a qualidade da sua apresentação

ao exterior. Em consequência, ninguém tinha pena dela, e muito menos lhe dava mimos especiais. O marido e a filha continuavam sempre a partir do princípio de que ela lhes tratava de tudo. Começou a deixar de gostar da vida. Quanto menos gostava da vida, mais evitava estar com os amigos, para não lhes impor o peso da sua falta de graça. Conseguia aguentar-se funcional. Mas, fora das horas de serviço, já não conseguia aguentar-se bem disposta. Andava triste, triste, triste. Triste como a noite, confidenciou finalmente um dia à Vi, quando vinham as duas sozinhas da festa de promoção de uma linha de motivos camponeses da Swatch primorosamente organizada no Coentro do Pateo Bagatella.

Vi já andava preocupada com a sócia há algum tempo, e achou por bem telefonar ao famoso Fred Lacoste, que ela aliás ainda nunca tivera o privilégio de ver em pessoa.

O Prof. Frederico Guilherme de Castro entrou no Coentro com cara de mau logo na manhã seguinte, agarrou-a pelo braço, avisou-a que nem pensasse em fazer fitas, e arrastou-a para o hospital.

Bárbara Emília estava tão desesperada por ter alguém que tomasse conta dela que se desatou a chorar assim que entrou para o Volvo.

E, durante todo o caminho, enquanto Frederico Guilherme largava a alavanca das mudanças sempre que podia para fazer-lhe festas no cabelo, soluçou, soluçou, soluçou, e não parou de repetir que não era a supermulher e que não aguentava mais.

Já dentro do gabinete das consultas, depois de ter bebido uma das famosas águas minerais com gás muito frescas do homem da bomba nove, e de ter aceitado da mão dele um Metamidol de cinco miligramas, demorou cerca de uma hora a contar-lhe tudo o que tinha acontecido desde a manhã em que acordou dobrada em duas pelo fogo no estômago até àquele preciso momento.

Frederico Guilherme franziu as sobrancelhas.

Como é que se chama esse comprimido para a azia que o teu marido te deu para tomares?

Dogmatil. Um de manhã e outro à noite.

Meu Deus do Céu.

O psiquiatra tinha-se posto em pé, e apoiado as mãos na mesa como se estivesse em vias de parti-la a golpes de karate.

Andas a tomar isso há quanto tempo?

Faz uns oito meses.

Estúpida. Grandessíssima estúpida. Quantas vezes é que eu te disse que não se faz automedicação, sua alentejana sem juízo?

Mas eu nunca mais tive azia.

Pois não, minha filha. Mas lixaste-te. Espera aí que eu volto já. Vai-te despindo e veste a bata que está pendurada do biombo.

Voltou daí a dez minutos acompanhado por um urologista de ar muito bem disposto, com quem evidentemente já tinha conferenciado no corredor.

O urologista fez uma festa na mão de Bárbara, já sentada na marquesa e ainda a secar lágrimas com as costas da mão.

É uma grande chatice quando as relações se transformam em ralações, não é, minha querida? Mas não chore mais que nós vamos tratar de si. Preciso de mandá-la para o bloco. Temos que dar-lhe uma anestesia geral para eu lhe fazer uma cistoscopia e uma biópsia. Pode ser?

Bárbara não percebia nada. Já nem se lembrava do que é que tinha marcado na agenda para o resto do dia. Não sabia onde é que estava o telemóvel. Sentia-se no fundo de um poço. Disse a tudo que sim.

E é inegável que sentiu um grande alívio quando o líquido branco do anestésico começou a correr-lhe nas veias, num frio discreto mas intenso que lhe ia percorrendo as pernas e os braços, e lhe entorpeceu todos os sentidos como a passagem de uma esponja mágica.

Daí a cinco dias, o Boavida chamou-a ao seu consultório, para lhe explicar o veredicto final.

Ela, Bárbara Emília Frutuoso, uma mulher tão sensata e com os pés tão bem assentes na terra, caíra na tentação da automedicação e agora ia pagar bem caro.

O Dogmatil, explicou o ginecologista ao mesmo tempo que fazia desenhos de vias metabólicas num bloco de apontamentos para ela perceber melhor, é de facto uma droga de eficiência espantosa para o tratamento de gastrites e derivados. Para os homens, não requer grandes precauções relacionadas com efeitos secundários. A partir de uma certa dose também funciona como antidepressivo, portanto as pessoas tendem a não só deixar de ter o estômago e o esófago sempre a arder mas ainda por cima sentem-se mais despertas, mais animadas, com mais alegria de viver.

Em certa medida, é realmente um remédio milagroso. Mas só para os homens. para as mulheres em idade fértil, o Dogmatil é um remédio perigosíssimo, que só se recomenda em última instância e que requer vigilância constante porque a sua actuação sobre o organismo interfere com a prolactina, a hormona do leite que os homens não têm. Ao estimular a prolactina, pode causar dois efeitos secundários assaz complexos: causa uma segregação extemporânea de leite através dos mamilos (a chamada elactorreia), ou bloqueia indirectamente a produção de estrogénios, as hormonas sexuais segregadas pelos ovários que presidem à regulação do ciclo sexual (a chamada amenorreia, em

que a mulher deixa de menstruar). Este segundo efeito ficara amplamente demonstrado quando as primeiras ecografias revelaram dentro da barriga de Bárbara Emília um aparelho genital de menina de nove anos. Coisa que nessa fase já a tinha feito passar por muitas dores e outras tantas infecções, e que só se resolvia com recurso aos mesmos estrogénios usados para as mulheres em menopausa.

Mas esta parte ainda era o menos.

O verdadeiro drama era que Bárbara, de ter vivido tanto tempo privada de estrogénios, acabou por desenvolver uma doença horrível na bexiga que não tem cura, e que só as mulheres é que têm. Chama-se cistite trigonal. Este trigonal vem do trígono, o triângulo da bexiga que está directamente ligado à uretra, e em consequência encostado ao útero. O trígono, ao contrário do resto da bexiga, é sensível às hormonas do ciclo sexual. De vez em quando, se alguma coisa nestes ciclos começa a correr mal, desenvolve uma inflamação profunda que os urologistas gostam de descrever como relva branca.

Por causa do Dogmatil, que a privou de estrogénios, Bárbara Emília agora tinha relva branca na barriga.

Vocês sabem demais, filha, dizia-lhe a mãe quando ela ia à Cuba e explicava o sucedido com todo o pormenor com que lho tinham explicado a ela.

Sabemos demais sobre quê, mãe?

Sobre esses comprimidos todos. Sobre essas doenças todas. Sabem demais, e por isso andam sempre doentes.

Oh mãe. Então tu achas que vivias melhor quando estavas doente e tinhas que aguentar-te em pé a trabalhar, sem ninguém saber que comprimidos é que havia de dar-te?

No nosso tempo quase nunca ficávamos doentes, respondeu a mãe.

Parou um segundo para pensar no que tinha dito, e aproveitou para descansar as costas apoiando as mãos nos rins.

Ou, se ficávamos, não dávamos por isso.

Mas Bárbara Emília já não podia voltar ao tempo da mãe.

Ouviu com toda a atenção as explicações do ginecologista.

Este tipo de cistite representa uma agonia insuportável para quem a tem, porque não é causada por bactérias, nem por vírus, nem por nada que se veja, e portanto, depois de adquirida, não pode ser tratada. A pessoa pode andar meses, anos, a sentir-se como se tivesse acabado de apanhar um colibacilo daqueles dos mais assanhados. Os técnicos das análises clínicas, ou os médicos de clínica geral nos Centros de Saúde, dir-lhe-ão sempre que não tem nada. Como hoje em dia é o stress que tem a culpa de tudo, não tarda nada estão a recomendar-lhe psicólogos, psicanalistas, sessões de ioga, o que for mais da

preferência do clínico ou técnico em questão. Descontraia-se. Descanse mais. Vá passear sozinha para a beira-mar. E a pobre mulher sempre torturada por um ardor que nunca a larga, sempre, sempre, sempre, por muito que tente esquecer-se dele.

Na realidade, até chegar ao consultório do Boavida, Bárbara ainda chegou a fazer algumas coisas destas. Andou a passear sozinha pela praia e tudo. Fez massagens. Usou aromaterapia. Toda a população do Coentro concordava que aquilo só podia ser do stress.

Depois surgiu a hipótese de talvez ainda ser uma coisa pior.

A Rosa Maria, que era muito dada à leitura da Super-Interessante e das Selecções do Readers Digest, alvitrou que provavelmente Bárbara fora violada em pequenina, ou tivera qualquer outra experiência sexual traumática desse género, e reprimira de tal forma o horror então experimentado que já não se lembrava de nada. Mas o corpo, enfraquecido e debilitado por todo aquele inferno de vida em que ela andava, agora recomeçara a lembrar-se.

Quando uma parte da sala começou a rir desta interpretação, Rosa Maria formalizou-se.

Então, isto é científico, pá.

Bárbara Emília pediu conselhos ao Luís Miguel Neto quando ele lá foi tomar café na vez seguinte. O psicólogo fez-lhe algumas perguntas específicas sobre a sua infância. Quando ouviu a história da menina feia e gorda, admitiu a hipótese de aquelas dores misteriosas serem a consequência de uma falta fundamental de auto-estima, agora exacerbada pela persistência do desinteresse sexual do marido. Confirmou-lhe que, nos últimos tempos, perante casos estranhos destes em que as dores crónicas persistem mas não se encontra qualquer causa tangível para os sintomas, os médicos de clínica geral estavam a encaminhar cada vez mais doentes para os psicólogos. Mas, na sua opinião pessoal, o caso de Bárbara Emília ainda não estava suficientemente investigado. Antes de mais nada, ela deveria ser examinada de alto a baixo por um urologista de confiança.

Bárbara Emília não conhecia nenhum urologista, nem tinha tempo para andar à procura. Adiou a aproximação por via orgânica porque, nesse mesmo dia, apareceu lá a Rosa Maria a oferecer-se para dar-lhe uma boleia até o consultório de uma psicanalista muito sua amiga que exercia ali mesmo no lado, na Baixa de Corroios.

Tens de conseguir chegar até ao fundo dos abismos da tua infância, mulher.

Poucos minutos depois de Bárbara Emília estar deitada no divã, já a psicanalista estava a dizer-lhe que o processo ia demorar uns anos, porque para

se chegar aos abismos da infância é preciso descartar primeiro todas as camadas de protecção que estão incrustadas como outras tantas fortalezas em torno do superego. E o superego de Bárbara Emília, para ela andar sempre assim tão bem disposta e cheia de energia, tinha que ser muito agressivo. As pessoas, por natureza, são tristes, e são fracas. As chamadas forças da Natureza, como aquela alentejana deitada no seu divã, são geralmente fraudes inconscientes desenvolvidas com a melhor das intenções. Mas com resultados catastróficos para quem as desenvolve.

Bárbara sentiu-se um bocado desorientada com aquela história do superego.

A psicanalista, à laia de exemplo, contou-lhe uma história passada com ela própria, quando ainda estava a fazer o internato. Num turno de urgência, aparece um homem com uma bala na cabeça. Ela chega-se ao pé dele para o examinar, e o homem trata imediatamente de enfiar-lhe as mãos pelas pernas acima. Os seus colegas organicistas, que eram praticamente todos, opinaram que a bala danificara qualquer ponto nevrálgico da massa cinzenta.

E, ao fazê-lo, deixara aquele indivíduo, que para começar já não devia ser assim propriamente um senhor muito fino, transformado numa grande besta. Mas ela, que já se decidira pela psicanálise e em consequência já contava com bastantes leituras e conferências da especialidade, concluiu logo que o caso era muito mais interessante. A bala na cabeça, literalmente, assassinara o superego do doente.

Ali estava uma pessoa com o superego abatido a tiro.

Um animal sexual transparente.

Bárbara imaginou um futuro em que, para não ter dores, ela precisaria de comportar-se sempre como uma pessoa triste e fraca, a pessoa que a psicanalista dizia que ela descobriria que era na realidade, se, à custa de anos e anos de sessões, começasse a conseguir baixar as defesas.

Provavelmente, foi esta visão que a levou a desistir imediatamente de tentar encontrar a sua verdadeira identidade à custa da destruição do superego, e passar mais uma data de tempo a viver no inferno até chegar àquela consulta com o José Afonso Boavida.

A cistite trigonal é uma doença diabólica, Bárbara, revelou-lhe o Boavida. Não faz mal nenhum ao organismo mas dói tanto, e arde tanto, que dá com as pessoas em doidas. Por volta da fase em que tu estás, há muito quem comece a ir à bruxa. Só para tentar acalmar o desespero.

Então e agora?

Vais começar hoje mesmo a tomar ADT. Isto é um dos nomes de venda ao público de uma droga chamada Amitriptilina, e se te puseres a ler a literatura

inclusa ainda te ofendes connosco todos porque o que diz lá é que isto é um antidepressivo. É verdade. É um antidepressivo antigo, que praticamente já não se usa como tal porque agora há drogas melhores. Mas tem a grande vantagem, ainda nunca ninguém percebeu porquê mas toda a gente sabe que nunca falha, de ao fim de cerca de um mês fazer desaparecer as dores crónicas. Tomas isto enquanto for preciso, e o ardor desaparece. As dores com o sexo também. Ficas fina.

Só assim? Sem efeitos colaterais?

Ao princípio vais sentir imenso sono. Tanto sono que nem podes começar logo pela dose terapêutica. Tens que ir subindo vinte e cinco miligramas por semana, até chegares aos cem. Depois habituas-te. Mas prepara-te para andares a cair de sono nestes primeiros dias. Faz o possível por não tentares dar luta. Não adianta.

Quer dizer, agora ao princípio ainda não vou sentir-me melhor das dores, e ainda por cima vou andar cheia de sono. É isso?

Sim.

Espero que não te admires de eu não estar aqui aos saltos de alegria com a ideia. Vai acontecer-me mais alguma coisa excitante que eu deva saber desde já?

José Afonso Boavida respirou fundo.

Prepara-te para engordares cerca de doze quilos.

Foi aqui, e só aqui, que Bárbara Emília sentiu de repente um ódio de morte pelo marido.

Dores e ardores, tudo bem. Colapsos de desespero, bom, isso faz parte da vida. Doenças crónicas, toda a gente acaba por ter uma ou outra. Mas doze quilos? Doze quilos? Cabrão. Filho da puta. Ele disse-me que o Dogmatil não fazia mal. A culpa é dele, é dele, é dele.

Sai de casa, Quim.

«Nunca conseguiu fazer o luto»

Quando o Carlinhos teve o acidente, o Eduardo tentou tudo para que houvesse uma acusação formal contra alguém, continuou o Laureano com um suspiro cansado.

Um juiz é um homem que determina quem castiga os culpados, e como. Desde que o Sacerdote condenou Radamés a ser enterrado vivo que é isto que os juízes fazem. Já lá vão cinco mil anos. Havendo um crime, um crime óbvio em que o seu próprio filho varão fica paraplégico, o que é que faz um juiz que não tem culpado a quem infligir castigo?

Foi complicado, disse o Laureano. Muito complicado.

O Eduardo agarrou-se com unhas e dentes à história de um camião que aparentemente entrou na auto-estrada depressa demais, e sem aviso, mesmo à frente da moto do miúdo. Mas o Ministério Público teve sempre que arquivar o processo. Não existiam testemunhas consistentes, não existia qualquer identificação do camião, e os radares da auto-estrada indicavam que o Carlinhos ia a mais de cento e oitenta. Ele estudou todos os meios para instruir um processo-crime, e como falhou moveu uma acção cível. Era uma obsessão. Disso lembro-me bem, era uma obsessão. Alguém tinha que ser culpado, e alguém tinha que ser castigado. Isto acabou por vir parar ao meu escritório para contestar, enviado da parte contrária. Nessa altura, sim, nessa altura falei muito com o Eduardo. Ele estava disposto a mover montanhas para haver um castigo. E isto, lembro-me, contra a vontade da mulher e da filha. A filha, sobretudo, sendo também juíza, sabia perfeitamente que o processo não tinha viabilidade.

Tentei recomendar-lhe várias alternativas. Usei imensos argumentos para ele desistir daquela luta inútil. Até lhe sugeri que canalizasse antes a sua dor para a criação de uma Fundação destinada a apoiar pessoas paralisadas por acidentes deste tipo. Ainda o vi minimamente animado com a ideia, mas nunca tão animado como com a ideia do castigo. Disse-me sempre que, para fazer a Fundação, primeiro tinha que ganhar o processo, para depois exigir a indemnização que tornaria a Fundação possível. Era mais uma desculpa para continuar a procurar um castigo pacificador para um crime inexistente.

O Eduardo nunca digeriu a situação do filho.

Nunca fez o luto.

Passou a viver num estado cada vez mais depressivo de revolta contra o mundo. Uma revolta que ia crescendo à medida que ia percebendo que não podia fazer nada. Nem para curar o filho, nem para castigar um culpado. No centro desse mundo que ele sentia como um insulto pessoal, estavam a mulher e a filha. A mulher, que tinha comprado a moto. E a filha que, da maneira como ele via as coisas, não queria apoiar o irmão porque se opunha ao processo cível.

Aliás, ainda esta noite, no velório, a filha me disse que, estando ambos os pais mortos, ia imediatamente cancelar o processo.

Quando o Eduardo me falava delas, da mulher e da filha, ele dizia elas. E até a voz mudava, tal era o ressentimento que se apoderava dele. Era arrepiante. Lembrava-me dos tempos da rádio, quando éramos um bando de jovens loucos e o Eduardo era o nosso rochedo de Gibraltar, quando eles namoravam e eu achava a Manuela uma rapariga bonitinha mas sem interesse nenhum, que só fazia conversa de circunstância e tinha sempre pressa de se ir embora porque não estava, de todo em todo, minimamente descontraída naquele ambiente acelerado da rádio. Lembro-me do amor que ele tinha por ela, da ternura dele quando falava dela. Os telefonemas doces que lhe fazia. Os olhos dele quando ela aparecia. Eu lembro-me. Lembro-me do amor, e depois lembro-me da raiva. Lembro-me de estar a olhar para aquele homem tão digno, e de estar a assistir a uma alteração de personalidade como nunca vi outra na vida.

Sabe que é que eu acho que aconteceu? Ele nunca conseguiu viver com o filho no estado em que o filho ficou. Talvez por ser juiz, talvez por estar habituado a ter sempre do seu lado as melhores armas para fazer frente a qualquer situação adversa, não conseguiu fazer as pazes com o destino. À medida que a sua sensação de derrota sedimentava, o Eduardo foi consolidando uma situação permanente de amargura. Deixou de sorrir. Deixou de brincar com as coisas. Falava do assunto o menos possível, mas a gente sentia que estava ali um peso enorme.

Já só fazia o que tinha mesmo que fazer, estritamente em termos profissionais. Estava a organizar uma remodelação importantíssima na estrutura do CEJ e não deixou de trabalhar nela e de ser eficiente como sempre. Mas era como se tivesse perdido completamente o interesse pela vida. Ou não, não era bem isso, era mais que a vida, agora, lhe pesava nos ombros de uma forma insuportável. Não era agressivo, nunca perdia a compostura, mas, agora, tudo o que dizia era pesado. E fugia de nós. Fugia. Já nem ia aos nossos almoços. Quando falávamos, estava implícito que era proibido falar do acidente. Por isso, falávamos sobretudo do passado. Mas sentia-se o acidente ali, enorme, tenebroso, a dar cabo dele.

Ainda tive a esperança de que ele lidasse com a situação agarrando-se mais à filha, uma filha juíza, a verdadeira sucessora. Mas, como já vos disse, foi-se tornando cada vez mais óbvio que não era nada disso que estava a acontecer. Mesmo assim, nunca percebi que estava a decorrer lá em casa todo esse drama de que vocês me falaram. Aliás, continuo a ter uma certa dificuldade em acreditar nessa história. Eu sempre vi o Eduardo controlado e profissional, embora a nossa conversa fosse sendo cada vez mais de circunstância. De vez em quando eu voltava ao assunto da Fundação. Cheguei a falar-lhe da Fundação como uma forma de terapia ocupacional. Mas era inútil. Ele não queria fazer terapia. Não queria aceitar a realidade e ficar em paz. Queria que acontecesse um milagre, que ao mesmo tempo sabia perfeitamente que nunca ia acontecer. E, não havendo milagre, então o Eduardo queria vingar-se. E, como não havia vingança possível, então queria isolar-se completamente do mundo.

Disseram-me no velório que já se tinham ouvido conversas de ele dar tiros a toda a gente ou de falar em suicidar-se, mas eu, pessoalmente, mesmo depois de tudo o que vocês me contaram, não consigo acreditar. Essa cena de estar a afiar facas numa casota não liga nada com o Eduardo que eu conheci. Ainda consigo conceber que ele tenha feito aquilo num acto de desespero, mas só isso. Até mesmo porque, apesar daquela angústia toda que eu sentia nele, quando estávamos juntos ele sempre teve um discurso absolutamente lúcido. Olhem, por exemplo. Isto há cerca de um mês. Estávamos os dois no CEJ a fazer exames orais, e isto são situações em que um homem, se quiser, pode ser mesmo muito sádico. E o Eduardo nunca foi. Nunca aproveitou os exames para deitar a angústia toda cá para fora. Foi sempre muito rigoroso, muito correcto. Foi sempre o Eduardo.

E foi assim até à última vez em que estive com ele, dez dias antes da tragédia. Estivemos no CEJ juntos, sozinhos, a preparar exames. Estivemos sentados um ao lado do outro e trocámos muitas impressões, mas nunca nos desviámos do assunto de serviço. Não havia nada de negativo no seu comportamento. Mas o peso estava lá. E eu só pensava: o que é que eu posso fazer para enriquecer a vida deste tipo, para ele se habituar a viver com o que tem? Como é que posso convencê-lo a gostar do filho que tem agora?

E não consegui nem fazê-lo rir.

Saí dali triste.

É difícil aceitar a dor de um grande amigo, e a nossa impotência para mandarmos essa dor embora.

E olhe, digo-lhe mais.

Não concordo nada com a versão do cinismo das pessoas, todas diante do caixão a tentarem deitar as culpas para cima da Manuela. Toda aquela gente

que esteve hoje no velório foi lá por uma questão de respeito. O Eduardo fez uma grande carreira como magistrado. Sabia mesmo da sua área. Foi fundamental para o CEJ, porque ele é que criou e lançou a área de Direito do Trabalho. O livro dele sobre acidentes de trabalho foi um grande marco na História da nossa Justiça. Mas também lá foi muita gente pura e simplesmente por amizade. O Eduardo era um homem gostável. Toda a gente respeitou a mudança de personalidade dele. Oiçam lá, o que é que se diz a um pai que tem um filho naquela situação? Vocês sabem? Vocês imaginam?

Sibernina

Substância produzida por um tecido, e capaz de inibir a actividade funcional desse mesmo tecido.

Joaquim Peixoto meteu-se na camioneta, e depois no autocarro, e depois no barco, e depois no metro, e foi para o Jardim de Santa Catarina olhar para os telhados da cidade e para os casais de miúdos aos beijos, para poder passar o tempo todo que lhe apetecesse a sentir-se completamente vencido da vida sem ninguém lhe ralhar por causa disso.

Era um dia de semana e o céu tinha nuvens cinzentas, por isso a esplanada estava só a meio gás.

A rapariga bonita do balcão foi-lhe alinhando em silêncio os copos de imperial à frente. À quarta imperial foi antes o homem mais velho que veio à mesa. E trouxe-lhe também um pratinho de Rufles, sem dizer uma palavra.

Obrigado, senhor Raul.

Isso está mal, senhor Joaquim?

Estou com uma vontade enorme de ser atropelado por um autocarro muito grande, senhor Raul.

Essas coisas às vezes acontecem, senhor Joaquim. Mas já se sabe que nunca acontecem na altura em que nós queríamos que nos acontecessem.

Pois é.

Deixe lá, senhor Joaquim. Toda a gente anda com a neura. Assim, ao menos, temos todos a certeza de que não vamos ser atropelados por uns autocarros muito grandes.

Eh pá, não me faça rir que eu hoje não posso.

Joaquim Peixoto tinha um carinho especial por aquele sítio, porque era a cena do seu primeiro grande triunfo lisboeta sobre a curiosidade camponesa de Bárbara Emília. Nessa altura, sentia-se todo ele um homem mesmo homem. E ela parecia absolutamente radiante, com a mão toda enroscada na sua, e os cabelos pretos soltos ao sabor do vento do rio. Tão linda. Parecia uma publicidade a qualquer produto juvenil para raparigas.

Da primeira vez que Joaquim Peixoto foi à esplanada do Adamastor, em 1985, já estava a estagiar com Ana Mafalda na Actualidades. Mas ainda não tinha embarcado naquela viagem fatídica ao Alentejo.

Já era Verão. Já bastantes jornalistas batidos estavam de férias. Ou então estavam numa daquelas viagens promocionais de BMWs, ou de biquínis da Adrienne Galisteu, a Marraquexe, ou a Cartagena de las Índias, que apareciam sempre que chegava o calor. Já muito pouca coisa digna de nota se passava no país e no mundo. À falta de melhor, quer em notícias quer em mão-de-obra, o chefe mandou-o ir fazer uma reportagem sobre as melhores esplanadas de Lisboa. Com fotos a cores. Para as páginas centrais.

Ana Mafalda soube do caso, e arrastou-o para o Adamastor na noite de uma sexta-feira tórrida, com um conjunto de top e mini-saia que lhe deixava a barriga e as pernas todos de fora. Só um miminho, oferecido na semana anterior pela relações públicas da Cosmopolitan, para ser visto no corpo dela em sítios que estivessem a dar. Já era a segunda prenda deste género que recebia em pouco mais de um mês de estágio. E, aliás, já toda a gente se comportava como se tivesse a certeza absoluta de que a rapariga ia voar muito alto, e chegar muito longe.

Sebastião Curto guiava a 4L e gargalhava, acariciando a câmara com a ponta dos dedos de cada vez que metia uma mudança, e proclamando que a Sónia Maria estava pronta para electrizar a juventude buliçosa da noite.

De facto, conseguiram causar um frisson razoável em Santa Catarina.

Em parte, foi por causa das fotos e da hilaridade de Sebastião Curto, todo animado a juntar gente bonita em poses sugestivas contra ângulos artísticos, para depois imortalizar o conjunto com a sua Sónia Maria. E, em parte, foi por causa da barriga e dos sorrisos de Ana Mafalda, que tratava o senhor Raul por tu. E que também era aparentemente muito íntima com Álvaro Casanova, o arrumador da zona, que à noite fazia uns ganchos a varrer a esplanada, e que gostava muito de literatura.

Já acabaste o Konrad que te emprestei da outra vez?

Ai pá, miúda, deixei-o em casa daquele arquitecto chileno que mora na Rua das Chagas e é uma cabeça do outro mundo, eu já vos apresentei?

Ai, Álvaro. Já me apresentaste o Juan Ignacio quatro vezes, pá. És capaz de ir lá ver se ele está em casa, de preferência com aquela índia sublime das unhas pretas? Dava umas fotos porreiras para a tua Sónia Maria, Sebastião. Espera só para veres. É uma mulher de pernas quilométricas metidas numas licras colorées superapertadas, e com o cabelo todo escorrido até ao fundo das costas, estás a ver? E ele é muito velho e parece talhado à navalha, e tem uma trança.

Pois então está bem, princesa, mas enquanto esperamos faz um favorzinho ao fotógrafo e encosta-te aí à estátua de costas. Isso. Superlânguida. Assim. OK, a cabeça um bocadinho mais para trás. Assim, assim, pára. Olha para a câmara

só quando eu te chamar, OK? Porreiro. Belo boneco. Ou eu não me chamo Sebastião ou já temos capa, rapariga. Gime five.

Joaquim Peixoto passou relativamente despercebido na animação do evento. Mas, como era ele que tinha a esferográfica e o bloco de apontamentos, e como funcionava decentemente no registo de homem tranquilo, a fumar charros enquanto meditava sentado à mesa e passava distraidamente os olhos pelo rebuliço, ainda houve bastante gente que lhe abriu o coração nessa noite.

A reportagem saiu com muito mais imagens do que texto, e dizia-se que era aquela foto de costas, com a cabeça para trás, que deu o grande pontapé de saída na ascensão meteórica de Ana Mafalda para a fama que vem nas capas das revistas. Mas o nome de Joaquim Peixoto apareceu a assinar em letras bem legíveis. Algumas das frases soltas dos que lhe tinham aberto o coração entraram directamente para a gíria regional. E a sua figura enigmática de jornalista triste transformou-se num emblema da esplanada.

Voltou lá outra vez com Ana Mafalda e Sebastião, logo na semana seguinte, agora sem pretexto de trabalho. Só mesmo para comemorarem devidamente o triunfo do direito a capa. Dessa vez ela estava suficientemente agradecida pela oportunidade para fazer questão de se pendurar o tempo todo dos ombros de Joaquim Peixoto, e de o encher de beijinhos muito públicos.

Já mereces, rapaz, comentava Sebastião Curto num tom apreciativo.

Eles riam e encostavam as cabeças.

Estava toda a gente a ver.

Sebastião Curto sabia fazer render uma oportunidade quando a apanhava pela frente.

Deixem-me lá fazer o boneco dos pombinhos. Beijo, pessoal. Vá, beijo.

Beijo bem molhado, seus maricas. Mais molhado, porra. Mais bife. Mais bife, meninos, então? Para que é que vocês querem os vossos vinte anos? OK, dou-me por satisfeito. Agora fiquem vocês que são jovens aqui muito sossegadinhos a namorar, que eu vou passear a minha Sónia Maria pelas redondezas. A ver se também arranjo umas garotas que se pendurem em mim, que já estou a ficar com ciúmes. Eh pá, oh Peixoto, mas se por acaso precisares de tinteiro para encheres a tua caneta, olha que é só chamar pelo Sebastião, homem. Não há crise.

Joaquim Peixoto estava completamente pedrado, e sentia-se absurdamente leve. Ela agarrou-lhe o tempo todo na mão, e ele declamou-lhe poemas. O do homem do leme tremeu e disse el-rei D. João II já foi declamado de cima da cadeira com a mão direita sobre o coração, e recebeu aplausos das outras mesas. Depois Álvaro Casanova meteu-se ao barulho a contar uma história da Jackie

Onassis que vinha na Faces que um amigo lhe trouxe de Nova Iorque, e com este passe de capa roubou a plateia ao repórter.

Já te tenho outra vez todo só para mim, Quinho, sussurrou-lhe Ana Mafalda.

E ele sentia-se capaz de dançar com ela nas nuvens.

O respeito do Jardim de Santa Catarina pelo repórter silencioso atingiu o rubro quando Sebastião Curto e a sua Sónia Maria reapareceram com três garotas penduradas, e todas elas se precipitaram de uma vez para o dito repórter, numa pressa doida de lhe abrirem o coração, na esperança de mais uma rodada de frases soltas na próxima revista.

Como não tinha qualquer espécie de popularidade em mais sítio nenhum de Lisboa, foi logicamente ao Jardim de Santa Catarina que Joaquim Peixoto começou por levar Bárbara Emília nos dias em que andou a revelar-lhe os lugares especiais da cidade. Aqueles que uma mulher que viveu vinte e oito anos na Cuba não pode conhecer. Por muitos fins-de-semana que venha passar a Almada a casa de uma sobrinha da mesma idade.

Foi logo na primeira noite. Logo no dia em que ela lhe bateu à porta. Com aquele sorriso, meio esfuziante, meio aturdido, de quem cometeu uma proeza impensável, e ainda agora começou a cair em si. E a dar-se conta de que, mais tarde ou mais cedo, vai ser preciso pensar no futuro.

Passaram horas e horas no quarto, a perderem-se desesperadamente um no outro para não terem que pensar no futuro.

Bárbara Emília estava tão compenetrada, mas tão intensamente compenetrada, na necessidade de impedir a formação de pensamentos, que até fumou nessa tarde o seu primeiro charro. Tossiu imenso. Começou por protestar que não sentia nada. Mas depois, ao fim de alguma persistência didáctica ternamente aconselhada por Joaquim Peixoto, começou a rir às gargalhadas por tudo e por nada. De maneira que o plano de adiar o futuro continuou a correr bem.

Já estava o sol a começar a fazer-se dourado no fundo do céu quando decidiram por fim tomar um grande duche juntos. O que não foi tão fácil como isso, porque das torneiras do T 1 de Porto Salvo nunca saía assim uma grande pressão de água. Além de que essa água tinha um rasto de enxofre vago mas indesmentível. E o esquentador era daqueles que tendem a apagar-se assim que se liga a água fria para atenuar a quente. Acabaram por decidir que de qualquer maneira do que precisavam mesmo era de um duche frio, para conseguirem repor-se em estado de saírem à rua. Isto prestou-se a uma nova cena de risos, gritos, protestos, beijos, corridas, poses atléticas, e essas coisas que os amantes acabados de dar rédea solta aos seus instintos fazem no duche. Sobretudo quando o duche é frio.

O espaço do T 1 que ia da casa de banho ao quarto ficou completamente encharcado.

O que vale é que era pouco. E era forrado a azulejo.

Eu depois limpo-te isto num instantinho, meu moço.

Era tão bom ouvi-la dizer meu moço.

Assim nua e despenteada, e completamente descontraída, estava ainda mais bonita do que em todas as memórias de Joaquim Peixoto somadas e amplificadas por um mês de silêncio e solidão.

Quando começaram a descer o Bairro Alto, já a noite andava a dar os primeiros sinais de animação. Bárbara Emília agarrava-se ao braço dele com toda a força para não se desequilibrar de cima dos saltos. Começou logo a atrair vários olhares, uns mais compridos que outros, uns mesmo muito explícitos, e Joaquim Peixoto sentiu o peito a inchar de orgulho, e os pés a levantarem-se uns centímetros acima do chão.

Isto não está a acontecer, Bárbara. Isto é bom demais para ser verdade.

Está acontecendo, está, meu moço. E é só o princípio de todas as coisas boas que vão acontecer-nos daqui para a frente.

Ela queria espreitar da porta de todos os bares, olhar para as montras de todas as lojas, observar todos os grupos reunidos na rua de copos na mão. Não parava de dizer ai tão giro, tão giro, tão giro, e desfazia-se em sorrisos. Ele ia debitando com um ar indiferente pedaços sortidos dos seus conhecimentos sobre os locais por onde passavam. Ela estava deliciada com a sua erudição.

Então vens aqui muitas vezes, mocinho?

Oh. Tu ainda não viste nem metade do que há para ver. Anda. Vou levar-te ao meu sítio especial.

Quando desaguaram no Jardim de Santa Catarina, ela começou por ficar tão deslumbrada com a vista que primeiro nem reparou que Joaquim Peixoto tinha entrado num território que lhe pertencia. Ele deixou-se arrastar por ela para junto do gradeamento, pôs-lhe o braço à volta dos ombros, foi apontando as cúpulas e as torres dos palácios e das igrejas e dizendo os seus nomes, e depois, quando tinha a certeza de que já estava bastante gente a olhar, puxou-a para si e beijou-a com imensa demora. Depois deixou-a rir-se de felicidade encostada ao seu peito. E só depois é que a agarrou pela mão para trazê-la até à esplanada.

Cumprimentou o senhor Raul com a familiaridade de quem está em casa, e rodou os olhos em volta à procura de uma mesa.

Estavam todas cheias.

Mas duas miúdas de cabelo curto e muitos furos e piercings nas orelhas e baton preto, daquelas que ultimamente tinham dado em abrir-lhe o coração com frequência, acenaram-lhe logo do meio da assembleia que assistia a tudo.

Aqui, Quim, aqui. Vem sentar-te connosco.

É a Bárbara, disse Joaquim Peixoto ao mesmo tempo que voltava a enlaçá-la pela cintura. A mulher da minha vida.

Saca sempre as mulheres mais lindas do mundo, este doutor, comentou Álvaro Casanova que vinha a passar com a vassoura de metal.

Agarrou cerimoniosamente na mão de Bárbara Emília, sorriu-lhe como quem suspira, e levou-a aos lábios.

Bem-vinda ao nosso mundo, minha senhora.

Bárbara plantou-lhe um beijo na testa. Álvaro Casanova acariciou-lhe o pulso.

E deixe-me dizer-lhe que tem muita sorte. Esse homem aí é uma cabeça como há poucas.

Joaquim Peixoto sorria, enigmático. Tirou a pedra e as mortalhas do bolso, e começou a preparar um charro. Bárbara Emília admirou-lhe a tranquilidade soberana, a marginalidade displicente ali mesmo à vista de todos, na mesa da esplanada.

Lá mais em baixo, nos cantos mais escuros, estavam pessoas que não riam nem falavam, com colheres e limões. Mas, disso, ainda ela não sabia nada.

Deu um bocado de trela a Álvaro Casanova, com o seu treino de enfermeira todo à superfície para tentar detectar as raízes profundas do discurso desorganizado e dos olhos desfocados dele. E depois, a pedido do arrumador e sem se fazer rogada, pôs-se a contar às duas raparigas de lábios pretos como tinha abandonado o marido sem lhe dar qualquer explicação para vir para Lisboa ser feliz com o homem da sua vida.

Joaquim Peixoto acabou a tarefa introdutória com a mortalha, e deu uma primeira passa em silêncio.

O senhor Joaquim é que a leva direita, sorriu suavemente o senhor Raul, que já lhe conhecia as preferências e vinha pousar na mesa, sem ainda lhe terem sido pedidos, dois copos de vodka tónico cheios de gelo.

Olhou para Bárbara com um sorriso delicadamente admirador, e fez-lhe um aceno galante com a cabeça.

Muito prazer, minha senhora.

Bárbara estava no Céu.

O seu homem conhecia toda a gente. Toda a gente o conhecia. Toda a gente o invejava. Era tão seguro de si que não tinha qualquer problema em preparar charros à mesa do seu sítio especial. Até se dava com aparentes

heroinómanos como aquele Álvaro Casanova que falava tanto de livros. E que, disse-lhe uma das raparigas dos lábios pretos, estava prestes a completar Filosofia quando ficou encravado na poeira, foi posto fora de casa pelo pai, e passou a andar ali pela zona. Mas sempre com um jornal ou uma revista na mão. Sempre muito interessado nas crónicas e nas reportagens. Sempre a discriminar correctamente entre o ruído de fundo sem qualquer importância e as grandes ideias que por vezes aparecem na Comunicação Social. Era um literato irredentista, por muito que competisse tão aguerridamente como os outros pelos seus territórios privados de arrumador, se apresentasse por vezes ao serviço com olheiras fundas e barbas de dois dias, e até viesse de vez em quando perguntar aos conhecidos mais pacientes se podiam desenrascar-lhe dois contos.

Uma noite tão subversiva.

E todos aqueles personagens sofisticados de Lisboa tão seduzidos pela sua beleza alentejana da Cuba.

Aceitou o charro quando Joaquim Peixoto lho passou, e já não tossiu nem se atrapalhou com o fumo, embora ainda precisasse de fazer um certo esforço. Depois de anos e anos amarrada contra vontade ao tédio marital do Augusto, a sua vida de mulher forte e independente estava finalmente a começar. Dali para a frente, de certeza que era tudo sempre a subir.

«Uma espécie de sétima esfera»

Bárbara Emília veio pôr uma Água das Pedras cheia de gelo à frente do Laureano. Ele tinha parado momentaneamente de falar do seu amigo Eduardo para explicar que, àquela hora da noite, depois de tantas emoções tão tristes e tão confusas, não podia continuar a falar daquela maneira só com whisky de malte para beber.

Ela revelou-lhe que estava particularmente interessada na exploração de uma hipótese levantada pela sua versão da história.

Aquela possibilidade de exactamente por ser juiz, e portanto estar habituado a ter sempre do seu lado as melhores armas para fazer face às situações adversas, que o Eduardo foi incapaz de aceitar a sua impotência para curar ou vingar o filho. E, em consequência, com o tempo se transformou no monstro de dupla personalidade, que acabou por ser correcto e profissional durante o dia, e depois torturar e matar a Manuela à noite.

Joaquim Peixoto deitou-lhe um olhar ressentido.

O diabo da mulher lembrava-se sempre de perguntas óptimas que nunca lhe teriam ocorrido a ele. E agora, ainda por cima, ia obrigá-lo a ter que ouvir mais conversas profundas e a tomar mais apontamentos. Quando tudo o que ele realmente queria era estar na cama com o édredon por cima da cabeça, a explorar até ao mais ínfimo pormenor aquela sua descoberta deprimente de preferir ter Paxilfar a ter mulher.

O Laureano, por seu lado, ouviu Bárbara fazer aquela pergunta, e deu um golo demorado na Água das Pedras cheia de gelo. Depois, pela primeira vez desde que chegara do velório, fez um sorriso que era quase matreiro.

Psicologia de juízes? A esta hora? Minha querida, por favor, para vosso bem não me puxe pela língua.

Porquê?

Porque vocês estão cansados, não estão? Querem ir dormir, não querem? Então não se esqueçam de que eu sou advogado. Os juízes detestam advogados. E eujá cá ando há muito tempo. E falo pelos cotovelos. E estou num mundo um bocado alterado. E acabo de ser espicaçado por uma mulher bonita e inteligente. E estou confortavelmente sentado à lareira, sem energia nenhuma para me levantar e voltar para casa. Oiça, Bárbara. Tenha cuidado comigo. Se

me pede que lhe fale do que a vida dos juízes faz à cabeça dos juízes, eu começo a desbobinar e nunca mais me calo.

Então vá, insistiu a alentejana. Nós ainda estamos de serviço.

Joaquim Peixoto deixou escapar um suspiro.

Milena fechou os olhos, acomodou-se melhor no cadeirão disposto do lado esquerdo da lareira, e começou a rezar em silêncio.

Arranja-me um café, minha querida?, perguntou o advogado, que agora parecia completamente acordado, como que sacudido de volta à vida com a perspectiva de partilhar à lareira, com uma mulher bonita e inteligente, na sequência de uma noite de dor, os seus pensamentos solitários sobre os problemas dos juízes.

Bárbara levantou-se com um sorriso, e reapareceu num instante com bicas normais para ambos, e um café duplo para Joaquim Peixoto. Que, entretanto, já tinha invocado a necessidade de ir à casa de banho para engolir discretamente mais dois Paxilfares.

Se calhar até ficou contente quando percebeu que eu não ia lá ter.

Ah. Se calhar nem sequer lá foi.

Se calhar estive o tempo todo a gozar comigo.

A esta hora até já passou pelo Fred Lacoste e até já gozaram os dois comigo.

Cabra.

Olhe, Bárbara, começou Laureano. Já reparou no que é que acontece de cada vez que entra no gabinete de um juiz?

Graças a Deus, nunca tive que entrar em nenhum, sorriu ela.

Então eu conto-lhe. Você entra, e, mesmo que seja uma senhora, o juiz não se levanta. Não se levanta porque lhe ensinaram na escola que ele está acima dos outros mortais, e são os mortais que têm que curvar-se perante ele. A seguir você fecha a porta, e o juiz aponta-lhe uma cadeira para você se sentar. Nessa altura, há-de reparar qual é a mão com que o juiz lhe aponta a cadeira. E verificará que é sempre, sempre, sempre a mão esquerda. Sabe porquê? Porque também lhe ensinaram isso na escola. O juiz aponta a cadeira com a mão esquerda, porque se apontar com a direita ainda corre o risco de o mortal pensar que o juiz está a estender-lhe a mão para ele a apertar. E os juízes não apertam a mão aos mortais. De maneira nenhuma.

Credo. Ainda hoje?

Na maioria dos casos. Nós, pessoas como eu, ou como o Eduardo, temos feito esforços para remodelarmos completamente os estudos judiciais, mas estamos a falar de uma tarefa ciclópica contra uma muralha de séculos. A magistratura não foi concebida para servir os cidadãos, como supostamente

faria sentido. A magistratura é medieval na sua essência. Foi concebida para criar uma espécie de sétima esfera onde os mortais não têm qualquer capacidade de interferência, para que quem não tem o direito quase divino de arbitragem, que decorre de um longo processo de aprendizagem estudado até ao milímetro para criar uma casta estanque, não tenha qualquer possibilidade de interferir com o sistema e criar perturbações de livre pensamento. Na escola, um futuro juiz não aprende a preocupar-se com os problemas reais que pessoas reais tentam ir resolver no tribunal. Aprende, sobretudo, a isolar-se dessas pessoas.

Um juiz é, sobretudo, um personagem profundamente desinteressado pela vida, e terrivelmente apaixonado por papéis.

Ninguém preza tanto os papéis como os juízes. Os requerimentos, os despachos, os deferimentos, os protocolos, todas essas figuras com fórmulas muito precisas para o alinhamento das frases e a selecção das palavras, que no somatório final não servem absolutamente para nada e atrasam disparatadamente os processos. Enquanto um processo não estiver devidamente recheado de todas estas figuras, com todas estas fórmulas devidamente utilizadas, o juiz não o considera completo. E, quando começar a escrever a sentença, o que menos lhe interessará será saber se resolveu ou não o problema concreto que os cidadãos lhe pediram que arbitrasse. O que realmente lhe interessa é a elaboração de uma sentença de muitas páginas, muito bem escrita, com muitas citações, e tantas referências a questões e cláusulas legais obscuras quantas possíveis. Quando há uma avaliação a um trabalho de um juiz, os avaliadores não vão ver quantos problemas concretos de pessoas de carne e osso é que ele resolveu, ou se os resolveu com justiça e equanimidade. A verdadeira avaliação é a complexidade com que ficou ornamentado o processo, e o capricho com que foi lavrada a sentença. Está a perceber?

Mas isso é completamente ridículo.

Pode ser o que a Bárbara pensa. Mas a Bárbara está do lado de fora da sétima esfera. Tem o sentido de realidade e perspectiva que lhe vem de viver uma vida de cidadã normal, e essa perspectiva dá-lhe a noção do ridículo. Quem foi treinado já de dentro da sétima esfera não dá por esse ridículo. Nem tem muito por onde dar. Os juízes são sistematicamente protegidos do contacto com o mundo real. Nos tribunais, têm o elevador dos magistrados, que é separado dos elevadores por onde circula o resto do circo do mundo.

A Menina chega a qualquer tribunal e quer arrumar a sua Alhambra, e bem pode dar voltas e mais voltas que não encontra onde. Mas está lá sempre um parque de estacionamento enorme, com cinquenta, sessenta lugares, onde

às vezes não se vê nem um carro. Mas a Bárbara não pode usá-lo. Está fora de questão. É o parque dos magistrados.

E olhe lá, já alguma vez viu alguma pessoa de fora da casta sentada na cadeira do magistrado? É uma cadeira vedada aos mortais. Pode não estar nenhum juiz no tribunal e nós podemos precisar de ter lá uma reunião complicada com muitas pessoas, e podem faltar-nos cadeiras para toda a gente, que mesmo assim a possibilidade de trazer para a sala uma cadeira que seja de um juiz nem sequer se discute.

Coitados. Até já estou com pena. Devem sentir-se muito sós.

Olhe, por acaso é um dos problemas mais graves que resultam desta forma de ensinar e encarar a magistratura. Imagine todos os jovens juizes que saem por ano da escola. Instruídos para nunca, de forma nenhuma, se misturarem com os mortais. Recordados todos os dias da sua casta na sétima esfera. E novos. Depois são colocados no tribunal de Amarante, ou no tribunal de Estremoz, ou no tribunal de Miranda do Douro, terras longínquas onde eles não conhecem ninguém, às vezes terras bastante isoladas, sensivelmente despovoadas, sítios difíceis. Qualquer jovem profissional acabado de formar-se teria certamente tendência a sentir-se lá muito só. Agora imagine um jovem juiz. Que foi instruído para não passar cartão a ninguém que não seja juiz como ele. Estes desgraçados vão para esses sítios convencidos de que não podem falar com as pessoas que lá vivem, vão sozinhos para o café ler o jornal, se o café está muito cheio já nem entram, almoçam e jantam sozinhos, sentem-se obrigados a interpelar sempre os funcionários, e os acusados e queixosos, com uma grande sobrançeria, e, evidentemente, não fazem amigos. E, nisto, as mulheres são tão obstinadas e contra-intuitivas como os homens. A sério. Digo-lhe isto porque é evidente que as mulheres têm inegavelmente muito mais bom senso e capacidade de adaptação que os homens. Todas as mulheres, menos as juízas. As juízas são em tudo igual aos juizes. A educação que recebem é de tal forma niveladora, na sua imposição de comportamento de casta, que elimina mesmo o feminino. Depois, de vez em quando, lá vem no jornal a história de uma juíza que se embebedou num restaurante e insultou toda a gente com os piores dos palavrões e ainda quis processar o dono do estabelecimento, ou de um juiz que foi apanhado a conduzir em excesso de velocidade e foi ao focinho do agente da Brigada de Trânsito. É esta solidão toda a cobrar o seu preço. De vez em quando também circulam entre nós histórias igualmente derivadas dessa mesma solidão, mas estas relativas a escândalos sexuais diversos, homo e hetero, pedófilo e gerontófilo, não interessa, isso é tudo abafado. Mas demonstra-nos bem a insustentabilidade e o absurdo destas imposições de estilo de vida ao serviço da pureza da casta.

Mas eles, às vezes, também são levados a tribunal, não são?

Ah, pois são. Raramente, mas são. Geralmente por abusos de poder ou desrespeitos à autoridade desse tipo comezinho de que lhe falei. E é a coisa mais patética que um indivíduo pode ver nesta vida, deixe-me que lhe diga, o espectáculo de um juiz em tribunal. Nunca lhes passa pela cabeça que alguma vez possam ser julgados. Em todo o seu treino, nunca se levantou a possibilidade de não estarem, por definição, acima da lei. No banco dos réus, é como se deixassem de saber quem são. Ficam completamente desorganizados. Já vi senhoras a chorar, e senhores aos berros. E nunca deixo de ficar impressionado com a desadaptação social daquelas pessoas.

Que são as que nos julgam.

Pois.

É... é... é um bocado preocupante, não é?

Pois é.

E não se pode fazer nada?

Não. Quer dizer, assim de repente, não.

Antivitamina

Substância natural ou artificial, com estrutura análoga à de uma proteína, e que se opõe, por competição, à acção destas últimas no organismo.

Catorze anos depois da noite de amor triunfal na esplanada de Santa Catarina, a realidade bateu no chão no T 3 de Fernão Ferro. Já Catarina Eufémia completara doze Primaveras, e andava com os braços cheios de tatuagens do Chipicao porque ainda não tinha licença da mãe nem para furar o umbigo nem para ir fazer uma tatuagem de verdade. Queria um dragão de asas abertas, estendidas do íliaco esquerdo ao íliaco direito, por cima de uma pomba morta. Era um motivo que nessa altura estava a dar na Margem Sul. Enquanto esperava, usava cinco argolas prateadas no lóbulo da orelha esquerda. E passava horas e horas a atirar tazzos ao chão sempre que Bárbara Emília não estava em casa, porque ao pai sabia ela bem demais como proceder para lograr ignorá-lo olímpicamente.

Foi nessa altura que Joaquim Peixoto deu por si sozinho na esplanada de Santa Catarina, primeiro a despejar imperiais em silêncio, e depois a trocar banalidades com o senhor Raul.

Álvaro Casanova não estava à vista.

Ouvi dizer que morreu, disse o senhor Raul com absoluta neutralidade, nem Joaquim Peixoto lhe tinha perguntado nada.

Era quase como se estivesse a repreendê-lo por ter deixado passar tantos anos sem reaparecer na tertúlia do Adamastor.

Com toda a evidência, a tertúlia já não existia.

Ao longo do tempo, as drogas duras tinham subido dos arbustos mais discretos do jardim mesmo para o centro do empedrado. E depois tinham começado a cobrar a factura.

Pois o Álvaro não sei se foi do cavalo ou se foi da sida, continuou a voz neutra do senhor Raul.

Depois respirou fundo, mudou o pano de limpar as mesas de uma mão para a outra, e encolheu os ombros.

Se calhar na volta ainda o mataram para lhe tirarem os órgãos. O que é que a gente sabe. Há de tudo.

Joaquim Peixoto continuou a olhar em frente através do vidro da imperial. É tudo a mesma merda, senhor Raul.

A voz do senhor Raul fez-se menos neutra. Era um homem bom, por muito mau que o mundo se revelasse à sua volta.

Tem onde ficar, senhor Joaquim?

Eu tenho a minha casa, onde vivo com a minha mulher e a minha filha, senhor Raul. E hei-de voltar para lá assim que elas me deixarem. Entretanto vou para a minha mãe, que remédio.

Se precisar de mim, sabe onde é que eu estou.

A mãe de Joaquim Peixoto vivia em Queluz Ocidental. E nunca fazia perguntas, mas era pior do que se fizesse. Olhava para o filho e suspirava.

Ele atirou com a mochila para cima da cama e resolveu que a situação pedia uma boa mistura de Atarax e Lexotan regada com muita cerveja. Depois lembrou-se dos ensinamentos de Pedro Florindo. E, a seguir, lembrou-se de que a mãe também sofria de dores nas costas. Disse-lhe que estava com o pescoço e os ombros feitos num pedregulho por causa do stress. O que, de qualquer maneira, não era completamente mentira. Ganhou com o expediente uma caixa inteira de Clonix ainda por estrear.

Decidiu experimentar a nova fórmula, e prescindir do Lexotan.

Bem regada, a tal combinação de dois Ataraxes com dois Clonixes deixou-o de facto um bocado mais bem disposto. A sensação, da primeira vez, foi nítida, inequívoca.

Para voltar a senti-la de novo, Joaquim Peixoto aproveitou a estadia em Queluz Ocidental para começar a multiplicar experiências. Talvez alguma combinação milagrosa o conseguisse ajudar a descobrir o que havia de fazer para conseguir voltar a ser um homem que se parecesse mesmo com um homem.

Tentou também o Buscopan, e depois tudo o que a mãe tivesse no armário da casa de banho que desse ideias de ter qualquer coisa a ver com efeitos anestésicos. Havia um comprimido em cápsulas de gelatina oblongas, branco e bege, chamado Doluron, que indicava na composição detalhada na literatura inclusa uma dose modesta de codeína, e que parecia funcionar especialmente bem. E ainda funcionava melhor na proporção de três para três com um cálice de Porto. Que, aliás, não tardou a subir para um balão de Porto.

Estas combinações fizeram-no começar a ter náuseas matinais, que por fim não demoravam nada a escalar para verdadeiras enxaquecas. Pior ainda notou que agora já andava o tempo todo com tremores nas mãos.

Mas, para lidar com mazelas simples deste género, bastavam os conhecimentos das amigas da mãe, que se despediam sempre umas das outras dizendo então as melhoras. E que, como eram todas reformadas e moravam em

urbanizações entre Queluz e Massamá, tinham por hábito levantarem-se às seis da manhã para irem pôr-se à janela.

Diziam que o espectáculo era fascinante.

Uma mulher reformada, adoentada, e com dificuldade em dormir até tarde, precisa de entreter-se com qualquer coisa até à hora em que a programação televisiva começa a ter algum interesse.

Como não tinham camionetas para os levarem até às estações de comboio, e como as estações de comboio eram pequenas demais, ridiculamente pequenas, para albergarem os carros de toda a gente que poderia ir de comboio, as pessoas dessas urbanizações deixavam pura e simplesmente os carros estacionados à beira da IC-19 quando voltavam para casa. Depois palmilhavam a pé dois, quatro, seis quilómetros se fosse preciso, para chegarem até aos monoblocos amarelos e castanhos onde lhes calhou na rifa irem viver.

E, às seis da manhã, saíam de casa a correr para serem os primeiros a chegar aos carros.

Os primeiros a parar na bicha.

Os primeiros a desencadear o pára-arranca.

Olhe que eu ainda me lembro de quando isto era tudo daqueles pinhais com muita sombra, oh Gina.

Então, e os piqueniques que a gente ia fazer aos fins-de-semana para a Ribeira de Carnaxide? Bons tempos.

Ah, bons tempos.

Agora, esta pobre gente. Devem gastar o ordenado em comprimidos para aguentarem a vida que têm.

Eu agora, só de ouvir o barulho que esses jovens fazem na rua até de manhãzinha, ando com um nó na garganta que vocês nem imaginam.

Ai imagino, imagino, Genoveva. Eu aqui há tempos sentia mesmo assim uma bola, uma bola enorme na garganta. O doutor Fazenda, sabe, aquele novinho, o monhé, pois ele disse-me que era dos nervos. Imagine. Diz que até chamam a isto a bola histérica. Deu-me três Bialzepans Retard para tomar por dia, e agora já ando melhorzinha, graças a Deus.

Aos conhecimentos das amigas da mãe, podiam ainda ser somados os conhecimentos do dono do BemBom.

Era um barzinho enfiado na esquina entre um banco e uma oficina, completamente forrado com rolos de palhinha, daqueles que se compram ao metro no Aki, alindados por bonecos de papagaios e outras aves exóticas, e uma profusão de plantas tropicais de plástico, para criarem a ilusão do cliente farto da vida ter aterrado miraculosamente em Punta Cana.

Joaquim Peixoto não demorou mais de uma semana a adquirir o hábito de ir lá para dentro dar início ao ritual de começar a beber ao cair da tarde.

Do dono do bar, aprendeu a técnica dos dois Guronzans logo pela manhã, ainda em jejum. Conforme as instruções, complementava-os com dois Migra-
leves. E, de sua auto-recreação, utilizava o conjunto para ajudar logo a fazer
descer o Prozac.

Das amigas da mãe, aprendeu a tomar um Moduretic à noite, ao deitar, para lhe tremerem menos as mãos. Garantiram-lhe que o sistema era eficaz, e ainda tinha o bónus adicional de lhe dar uma certa esperança de, já agora, começar a perder a barriga. O recurso repetido às cervejas começava a torná-la mais proeminente do que o que manda a lei, para um homem de trinta e seis anos.

Nesta fase do campeonato, Joaquim Peixoto já estava a entrar declaradamente no domínio da mitologia popular em relação aos comprimidos. Há poucas ideias feitas tão tenazes e persistentes como a ideia de o Guronsan ser um comprimido que se toma para as ressacas, e o Moduretic ser um diurético que ajuda as pessoas a emagrecerem ao mesmo tempo que lhes controla os tremores nas mãos.

O Guronzan, por junto, é uma mistela ligeiramente estimulante, e com um bocadinho de capacidade de eliminação de substâncias tóxicas. É estimulante porque na sua composição entram, entre outros, um tónico daqueles muito genéricos chamado ácido ascórbico, e mais cinquenta miligramas de cafeína por comprimido, o que é o equivalente a tomar duas bicas de seguida. E o bocadinho de capacidade de eliminação das substâncias tóxicas (e é mesmo um bocadinho pequenino, que só se aplica ao que tiver sido ingerido na véspera) porque também tem glucoronamida, que é um activador da metabolização hepática. Mas um activador pouco eficiente. Mais de noventa por cento do álcool que nós ingerimos é metabolizado pelo fígado através de mecanismos oxidativos, mas o Guronzan não metaboliza o fígado por esta via.

O Moduretic, por outro lado, no seu desempenho do papel diurético que lhe compete e que consiste em promover a eliminação de excesso de líquidos por estimulação do trabalho dos rins, ajuda a uma certa metabolização dos tóxicos por via renal. Ajuda um nadinha a limpar o álcool dos rins. E é tudo. O efeito colateral sobre os tremores nas mãos só se aplica a tremores mínimos, quase invisíveis, causados por uma ingestão mínima de qualquer tóxico. Digamos que se um cirurgião tem que ir operar alguém de manhã, e ao jantar da véspera bebeu dois copos de vinho tinto com a refeição, fará algum sentido tomar um Moduretic para ter as mãos ainda mais seguras. Para lá deste limiar, o tal efeito milagroso pura e simplesmente não existe.

Mas Joaquim Peixoto tinha que agarrar-se ao que estivesse ao seu alcance, pelo que engolia disciplinadamente pela manhã dois Monuretics e dois comprimidos para as enxaquecas, que começaram por ser só Migraleves, mas que em pouco tempo, graças aos préstimos da mãe, escalaram para dois Zomigs, com a ajuda de dois Guronzans. Não é difícil de perceber que esta receita ajude a um acordar mais fácil se um tipo passou a noite anterior a beber em silêncio na solidão do quarto. Que era o que Joaquim Peixoto fazia todas as noites, no seu período de Queluz Ocidental - depois de ter trancado a porta e tomado o Lexotan.

Ficava soerguido na cama contra as almofadas de renda verde clara da mãe, de luz apagada, a olhar fixamente para a televisão que funcionava com o volume desligado, a mão direita sempre a passear pelo comando para que as imagens se juntassem ao Absolut só com gelo na indução do torpor que renunciaria o sono.

A sua média, com dias piores e dias melhores, era uma garrafa inteira de Absolut por vigília.

Não precisava de comprá-las. Bastava pô-las nas listas das compras da mãe de cada vez que ela ia ao supermercado. A mãe nunca perguntava nada. Só olhava para ele e suspirava.

Foram dias em que reinou sobre Queluz Ocidental um grande silêncio.

Agora, diga-se de passagem, e em abono da verdade.

Houve uma única coisa que incomodou realmente Joaquim Peixoto enquanto durou o império desse silêncio.

Essa coisa era a necessidade de revelar os seus vícios a pessoas conhecidas.

A mãe adorava conversar com o médico do Centro de Saúde.

E, por muito que dentro de casa mãe e filho se calassem, o caso mudava de figura quando a mãe estava com as amigas.

Aquilo fazia-lhe nervos.

Durante os últimos doze anos, desde a altura remota em que Bárbara Emília andava numa actividade frenética, toda encharcada em endorfinas porque Catarina Eufémia estava quase a nascer, não houve um único dia em que Joaquim Peixoto precisasse de ir pedir comprimidos à farmácia. Era sempre a mulher quem lhe trazia os remédios para casa, sem mais que um comentário ou uma sugestão alternativa ocasionais, como aquela da Valeriana. Ele anotava detalhadamente os nomes comerciais das drogas num papelinho que passava para a mão dela quando a pressentia prestes a sair para o Lugar do Coentro de Ouro. E ela ainda não perdera completamente a esperança de conseguir tê-lo de volta na manhã seguinte todo sorridente e bem disposto, e completamente dono do mundo como no princípio. Como já não tinha mais nada em que pudesse

acreditar, esforçava-se por acreditar nos poderes mágicos da química. Entregava os papelinhos do marido ao Prof. Frederico Guilherme de Castro para ele lhe passar as receitas. Em nome dela, por causa do desconto.

E deixou sempre claro, desde o primeiro dia, que não queria que o psiquiatra lhe dissesse nem uma palavra sobre o que tudo aquilo representava.

«Mas as cinzas não voaram!»

Bárbara Emília partia do princípio de que, no âmbito daquela conversa em que se sentou à sua cabeceira e lhe ofereceu o seu ombro para chorar, a Leninha contou tudo o que tinha para contar sobre a tragédia da sua amiga Manuela. Mas, menos de quarenta e oito horas mais tarde, pouco tempo depois de concluídas as cerimónias do funeral, recebeu uma chamada dela no seu telemóvel.

A Leninha falava baixo, sem nunca mudar de tom, como se estivesse trancada num episódio de sonambulismo. Já nem chorava. Falava no piloto automático, incapaz de ter mais emoções.

Queria dizer-lhe que, até mesmo ao fim, a Manuela nunca deixara de estar completamente sozinha.

Olha, sabes, Bárbara, eu pensava que a noite do crime já tinha sido a noite mais triste da minha vida. Mas o mais triste de tudo ainda foi o velório. A chorar por ela, só estávamos nós. Os da esquadra. Eu fui para lá toda agarrada ao Sebastião, mal conseguia aguentar-me nas pernas, eu sei que não estava bem. Mas tenho a certeza de que isto que vou contar-te não foi impressão minha. Éramos tão poucos. Levámos-lhe flores, mas daí a bocado as nossas flores nem se viam. Só se viam coroas, e mais coroas, e mais coroas, enormes, impressionantes, tudo a chegar para o juiz. E as pessoas? Era políticos, era membros do governo, eram juizes e mais juizes, e advogados, e imensa gente que sai nas revistas. Tudo a lamentar a perda de um homem tão bom. E tudo a dizer que, se a Manuela tivesse sido capaz de lhe dar mais apoio, esta tragédia não tinha acontecido. Nós já estávamos a ficar enjoados. Só se ouvia falar da culpa da Manuela. Senti-me esmagada. Completamente esmagada. Queria berrar que estava tudo doido, mas o Valentim apareceu lá com o seu ministro e mandou-me ter juízo.

Oh Bárbara, e tu, agora, nem imaginas o que aconteceu.

Um dia, logo ao princípio, quando a Manuela começou a trabalhar connosco, houve um sábado bonito, de sol, em que fomos fazer um passeio à Arrábida e ela veio connosco. Foi a única vez que veio connosco. Não falava muito, mas estava toda sorridente. E, de repente, disse-nos assim: quando eu morrer, por favor venham atirar as minhas cinzas ao mar daqui do alto deste monte.

E nós fomos.

Só nós.

O Valentim estava no funeral do juiz.

Desde que morreram aquelas grandes figuras, sabes, aqueles monumentos nacionais como o Zeca, a Amália, o Salazar, pois, desde que morreram as pessoas dessas que nunca se tinha visto tanta gente num funeral. O funeral do juiz foi um funeral de Estado. Entendes? Veio o país inteiro prestar-lhe homenagem.

Nós estávamos sozinhos. Éramos só doze. Doze e mais a urna, no alto daquele monte da Arrábida. Todos a chorar. A chorar, a chorar, a chorar, para cumprirmos a promessa que fizemos à Manuela quando ainda mal a conhecíamos.

Bárbara, ouve, havia imenso vento. Mas as cinzas não voaram. Ficaram quietas. Penduradas do céu. Fizeram uma mancha pequenina, assim por cima do mar. E, enquanto nós estivemos em cima daquele monte, não se mexeram dali.

Anatoxina

Preparação obtida a partir de uma toxina bacteriana pela acção simultânea do formol e do calor, que perdeu o seu poder tóxico, embora conserve as suas propriedades imunizantes. Emprega-se no tratamento preventivo, ou na vacinação contra diversas doenças.

Já agora, querem saber por que é que Bárbara Emília pedia a Frederico Guilherme que passasse as receitas em nome dela, por causa do desconto?

Ah. Nada de especial.

Apenas outro pequenino drama, desses do quotidiano.

Joaquim Peixoto não podia desfrutar de nenhum dos programas de saúde de Bárbara Emília como familiar, porque o Augusto vigilante da Cuba, vingativo e encornado até ao fim, até ao fim se recusou a dar-lhe o divórcio. Pelo que eles os dois nunca puderam casar-se.

Bárbara Emília moveu montanhas para tentar regularizar a situação. Até foi várias vezes à Cuba falar com o Augusto cara a cara. Ou então interceptava-o, com a persistência do capitão Ahab, de cada vez que a baleia branca vinha fazer propaganda médica para as cidades da Margem Sul.

Só lhe servia para ficar a deitar fumo pelas orelhas, e chegar ao Lugar do Coentro de Ouro a resmungar entre dentes foge azar do que eu me livre. Ao que Vi, com aquela sabedoria promíscua que reina desde sempre entre as mulheres, fazia um sorriso pérfido e informava que também tinha umas boas para a troca.

Mas oh Vi, por que é que eles se agarram desta maneira a um simples par de cornos?

Deixa lá, Barbinha. Eles, coitados, agarram-se como podem àquilo que têm.

E todas as mulheres que estivessem ao balcão concordavam logo ali que os homens não têm assim muito a que se agarrar.

São umas máquinas simples, filha. Dormir, acordar, comer, beber, nem sequer conseguem conjugar os verbos. Ficam-se pelo infinitivo. Ou pelo gerúndio, se forem alentejanos.

Essa foi abaixo da cintura, Marieta.

E o que é que tu esperavas de uma professora de português do secundário, Rosa Maria?

É aquilo dos hábitos. Eles não podem viver sem aqueles hábitos. Aquilo é Record na retrete, cinco minutos de queca por semana na posição do missionário, e está a andar e vira o disco e toca o mesmo. Ouve o que eu te digo, Bárbara, que tu és nova e bonita e ainda vais a tempo, filha. O disparate que a gente faz é deixá-los entrar. Depois de entrarem, não saem nem a pau. Eu que o diga, que em cinquenta e três anos e três casamentos já apanhei sarna que chegue para me coçar. Deus me livre. Nunca mais. Largueza, pá. Largueza. É de largueza que a gente precisa. Não há necessidade nenhuma de eles nos estarem lá metidos na nossa casa a desarrumar tudo para termos quem nos coma de vez em quando, e ainda termos quem nos mude os pneus furados.

Oh Conceição, então e tu és pouco abutreza, senhora. Agora pões-te a dizer isso a uma mulher grávida?

Ah, pois é, rapariga, já me esquecia. Ainda andas tão delgadinha. Ouve lá, menina, estás feita. Julgas que o teu novo vai mudar uma fralda que seja?

Aqui a assembleia das mulheres começava a assanhar-se.

Julgas que vai saber desinfectar as colherzinhas e os boiões sem te perguntar de cinco em cinco minutos o que é que tu queres exactamente que ele faça, e depois dar um grande suspiro como se fosse o mais estóico dos mártires?

Julgas?

Julgas?

Então mas tu não vês que aqueles computadores vêm da fábrica só com uns programas muito básicos, meu anjo?

Eh eh. E depois a gente quer carregar no delete e o tribunal não nos deixa.

Não me façam chorar, suas corujas.

Eh pá, mas tu ri-te, Bárbara Emília, ri-te. É a única coisa que a gente pode fazer, é ou não é, oh Marieta?

É verdade, Rosa Maria. E, de cada vez que a gente se rir, minhas filhas, lembrem-se todas de que estamos a rir de nós próprias. Queríamos a revolução sexual, não queríamos? Queríamos conquistar a igualdade, não era? Ora aí está a nossa conquista. Sabem o que é que a gente conquistou mesmo, mulheres? Conquistámos o direito a ter sempre que trabalhar o dobro de qualquer homem. Porque fazemos todo o trabalho que eles fazem, e mais trabalho que dantes era só das mulheres e eles continuam a não fazer. Lixámo-nos muito bem lixadas, minhas senhoras. E quanto mais a gente se põe a jeito mais eles se encostam.

Olha-me esta a mandar vir. Então e não és tu que vais uma vez por mês a Londres levar roupa lavada ao teu filho, Marieta?

Então, Conceição, só estás a dar-me razão.

Ai, meninas. Mas eu ainda acredito que o meu Quim não é assim tão mau. Está só a passar por uma fase chata, mas lá no fundo, no fundo, é tão querido e tão meu amigo. Eu sei que ele é.

Deves ter um submarino à prova de mísseis nucleares, Barbinha.

Não gozem.

Oh, Bárbara. Tu cai na real, menina. Ouve lá, esse teu novo sabe onde é que estão os talheres? Sabe? Sabe programar a máquina de lavar a roupa? Tu deixas sequer o gajo chegar-se ao pé da máquina de lavar a roupa, mulher? Então já vês.

Tanto fazia ser o teu novo como o teu antigo. Tanto um como o outro acham que têm o direito de entrar mudos e sair calados, e tanto um como o outro deixam peúgas sujas no meio da sala, ou não deixam, se calhar?

Aquilo com um saco pela cabeça a gente nem os distingue uns dos outros.

Ah Ah ah.

Nesse momento tocou o telefone que estava em cima do balcão, e Vi atendeu com a voz já mudada para o profissionalismo impecável do *Lugar do Coentro de Ouro boa tarde, fala a Vi*. Ouviu apenas uma frase do lado de lá, e alterou-se-lhe logo o rosto profissional num rompante de fúria assassina.

Oh Zé Carlos, eu já te disse que não vou a casa de propósito só para grelhar o salmão para o almoço. Tens aí o grelhador, tens a posta à frente do grelhador, é só pores a posta em cima do grelhador, ou o grelhador debaixo da posta, é como te der mais jeito e - a voz resvalou-lhe um tudo-nada para a escala dos agudos - se voltas a telefonar-me por causa do salmão grelhado eu desligo-te o telefone na cara.

As outras riam, assobiavam, gritavam, batiam palmas, e Vi também não conseguiu deixar de rir assim que desligou o telefone. No meio da algazarra, ouviu-se falar lá do fundo a voz de contralto da Conceição, temperada por anos e anos de maços e maços de Português Suave.

Ai, minhas filhas. Deixámo-nos enrabar muito bem enrabadas.

Ficou tudo um bocado acabrunhado a meditar naquela triste realidade, e só ao fim de uns minutos é que a voz sonhadora de Bárbara Emília rompeu o silêncio.

Não era assim tão mau se ele aprendesse a falar com a mulher-a-dias.

Refez-se imediatamente a algazarra.

Vocês conhecem algum homem que saiba falar com as mulheres-a-dias?

Ou aliás, que saiba, sequer, o nome delas?

Ora adeus, vais-te-me embora. Um homem vê entrar uma mulher-a-dias e tranca-se logo na casa de banho com o 24 Horas.

O meu é mais com a revista do Expresso, que sempre faz assim um tipo mais literato.

Eles não falam. Nisso das mulheres-a-dias, davam todos uns bons comunistas. Não falam, e não falam mesmo. Nem sob tortura. Não falam.

Não sei de que é que vocês se estão a queixar, riu-se a dona Benvinda, que estava naquele preciso instante a arremeter com a esfregona contra as casas de banho. O que eu lá tenho em casa fala, e olhem que fala alto. Parece que não sabe o meu nome, é certo, mas lá falar fala.

Olhe que sorte a sua, dona Benvinda. Então e conte lá, nos fins-de-semana ele leva-a a passear, também?

Ah, doutora Conceição, nisso é que eu tive mesmo sorte. O meu, graças a Deus, aos fins-de-semana dorme o tempo todo. Senta-se diante da televisão, muda os canais até adormecer, e depois dorme. É um sossego.

«A realidade é paradoxal»

No meio de tantos afazeres, Bárbara Emília ainda achava que a história que o Quim estava a escrever precisava de mais um toque humano. Para que ninguém pudesse dizer que não tinham sido levadas em linha de conta tantas componentes da verdade quanto possível.

Aquele juiz, dissera a Leninha tal como depois dissera o Laureano, além de ter o tal filho estropiado pelo acidente de moto, também tinha uma filha.

Uma filha mais velha.

E essa filha, ainda por cima, também era juíza.

E, se as histórias que a Manuela contava à Leninha correspondessem todas à verdade, e se a Leninha estivesse mesmo a contar a história como a Manuela lhe contara a ela, então essa filha mais velha, também ela juíza, costumava ser antagonizada pelo pai como adjunta da mãe. E, a avaliar pela história do Laureano, como uma inimiga judicial que queria impedi-lo de consumir a sua necessidade de definir o crime e exigir o castigo.

Que horror.

Seria importantíssimo incluir no texto um depoimento da filha.

Filha essa, que, claro, devia estar com vontade de falar de tudo menos da tragédia tenebrosa que lhe varrera do mundo o pai, a mãe, e o irmão.

Bárbara não disse nada a ninguém, consciente de que tanto o Quim como o Sebastião só queriam era despachar a história, protegê-la, e vendê-la. Tanto quanto ela percebia o Quim saiu do Coentro na noite do velório para ir enfiar-se na casa da Milena, que lhe fazia umas fumigações com sal e com cânfora destinadas a atrair sobre ele a protecção da Santa Maria da Oliveira. No dia seguinte, a cabo-verdiana telefonou várias vezes para o Coentro a contar à alentejana os sonhos que tinha sobre a vida daquele homem. Todos esses sonhos eram igualmente maus.

Cada um mais inquietante que o outro. E cada um sistematicamente marcado pela visão repetida de uma prisão e de uma pistola.

Bárbara ainda tentou contar o primeiro sonho da Milena ao Sebastião, mas o Sebastião respondeu-lhe com uma rosnadela relativa ao direito a dormir das pessoas com juízo. E depois deixou bastante claro que o seu feitio andava péssimo, e que a sua paciência à espera de uma nova remessa que ainda não estava desalfandegada, nem se sabia quando estaria.

Postas as coisas neste pé, a alentejana agiu sozinha.

Falou com o Laureano logo ao fim da manhã que se seguiu ao velório, ainda antes da saída do funeral para Viseu. O Laureano falou com duas colegas dele da Escola dos Juízes. Uma dessas colegas conhecia outra colega que conhecia uma amiga da filha do juiz. Daí a duas horas, Bárbara Emília Frutuoso tinha na mão um número de telemóvel, e por baixo estava escrito Maria Emília.

Não era bem assim que ela gostaria de falar com uma mulher que não conhecia, e que devia estar a sofrer muito.

Preferia que o Laureano tivesse conseguido arranjar um encontro cara a cara.

Mas a Maria Emília estava em Viseu a desempenhar até ao fim as suas funções no funeral, depois ainda tinha que tratar do testamento e das propriedades da família, a seguir já ficara decidido que ia deixar-se enclausurar por lá de férias, e não regressava a Lisboa tão cedo. Por junto, já sabia que ia provavelmente ligar-lhe uma alentejana para o telemóvel, uma senhora muito simpática e muito bem-educada. Uma amiga lá de casa de várias pessoas importantes. Por causa de qualquer coisa relacionada com o crime. Mas muito decente.

Bárbara preferiu telefonar do Coentro, que sempre tinha mais ar de ambiente de trabalho. Em casa, faltava-lhe a coragem.

Deixou duas mensagens. A primeira foi demasiado hesitante. E a segunda foi escrita primeiro num papel e depois debitada tal e qual, para não gaguejar, nem se enganar, nem hesitar.

Conseguiu apanhar a filha do juiz à terceira tentativa.

Maria Emília? Fala Bárbara Emília, sabe quem é? Foi a sua amiga Andreia que me deu este número.

Sei, respondeu a voz da filha do juiz.

Oh Maria Emília, eu sei que este momento é de certeza muito doloroso para si, mas se eu fosse aí ter consigo a Viseu acha que podia falar comigo?

De quê?

Era para fazermos justiça à memória da sua mãe.

Da minha mãe?, perguntou a voz da filha do juiz, que não tinha tom.

Bárbara respirou fundo.

Pois, repare, o que transpirou cá para fora no que diz respeito às conversas no velório, e depois até no funeral, só refere o seu pai como uma excelente pessoa, e de certa forma insinua que a sua mãe até teve uma certa culpa porque na verdade foi ela quem deu a moto ao Carlinhos, e na verdade não deixou de trabalhar para ficar sempre em casa a tratar dele, e pronto. Ninguém disse mais nada. Mas eu falei muito com a Leninha...

A Leninha?

Talvez o tom da filha do juiz agora expressasse um certo desagrado. Era difícil de perceber. Aquela voz falava sempre baixo, de uma forma sempre igualmente contida.

Sim, a Leninha da esquadra, que era muito amiga da sua mãe.

Eu conheço bem a Leninha.

A Leninha contou-me tudo o que a sua mãe sofreu, e...

Acha que o meu pai não sofreu?

Sim, sim. Sem dúvida. Havia no tom daquela voz qualquer coisa que tinha a ver com desagrado. Repare, Maria Emília, eu sei, eu sei que a verdade tem sempre mais que uma faceta. Por isso mesmo, também falei muito com o Laureano...

O Laureano?

Ele era muito amigo do seu pai. Estive com ele na noite do velório. Também ouvi tudo o que ele disse.

Mas a senhora é jornalista?

Não, eu... eu sou só alentejana. Mas sou amiga de um grande jornalista, um verdadeiro investigador e óptimo escritor, que está firmemente determinado a explorar esta história toda até ao fim, e a contar a verdade ao país. A verdade?

Pois. Sim. Ainda ninguém disse a verdade, pois não?

Mas não há verdade nenhuma. Como?

Não há nada para dizer. Não há nada para escrever. Não há nada para contar ao país.

Mas a sua mãe...

Oiça. Bárbara. É Bárbara, não é? Bárbara, isto é assim. Eu não tenho nenhuma razão para não gostar de si. Toda a gente que a conhece diz maravilhas a seu respeito. Já vi algumas fotografias suas nas revistas, e sempre me deu a impressão de que a Bárbara é uma pessoa com bom coração. Portanto, isto não é nada de pessoal contra si, entende? Mas a verdade, uma verdade assim dessas que a Bárbara anda a procurar, uma grande verdade para contar ao país, isso não existe. A minha mãe tinha os seus problemas. O Carlinhos tinha os seus problemas. O meu pai tinha os seus problemas. E eu que ainda cá estou, também tenho os meus problemas. E sabe o que é que eu também tenho? Tenho um carinho enorme pela memória do meu pai. Não estou nada interessada em dar cabo dela.

Bárbara Emília respirou fundo, e desta vez não conseguiu dizer absolutamente mais nada.

A voz da Maria Emília fez-se confortável pela primeira vez.

A Bárbara faça como entender, mas eu não quero mexer mais nesta história. Não vale a pena. O que o país tinha para saber já sabe. O resto só serve para magoar ainda mais quem não morreu. Está bem?

Com certeza, Maria Emília. Desculpe tê-la incomodado.

Deixe estar.

Então boa tarde. E desculpe, a sério.

Deixe estar, a sério. Boa tarde.

Bárbara Emília nem se lembrou de que ainda tinha um cigarro a fumar no cinzeiro, e acendeu logo outro.

Já estava a ligar para o telemóvel de Joaquim Peixoto, ainda a respirar fundo para tentar acalmar as pancadas repetidas do coração.

Está, Quim? Ah, Milena? O Quim está aí? Onde? Na fumigação? Ele pode interromper? Ah, não? É? Meia hora? Para tomar banho em chá de salva? Está bem, deixe-o estar, mas oiça, depois quando ele sair desse sítio no ponto perfeito de depuração pode dar-lhe um recado meu? Muito urgente? Ele tem que beber água primeiro? Água benzida? Está bem, mas dá-lhe um recado depois de ele beber a água benzida? Pode ser? Pronto, é para ele me ligar com muita urgência. Muita urgência. Por causa do crime. Andamos quê? Sempre todos a correr? Pois andamos, Milena, é a vida. Mas acredite, eu não insistia tanto se isto não fosse mesmo importante. Eu sei, Milena, eu sei que as importâncias são relativas, e que todas são vampiros da alma. Pois são. Pois são. Tem toda a razão. Mas oiça, por favor, Milena, oiça. É que esta importância não é relativa. É fundamental. Entende? Porquê? Não? Olhe, Milena, sabe que o Quim, quando era pequenino, era marxista? Era, era. E os marxistas dizem que a realidade é contraditória. Mas a Milena peça-lhe que ele me telefone, porque eu preciso de dizer-lhe que a realidade não é apenas contraditória, como dizem os marxistas. A realidade é paradoxal. Está a ver?

Somatostatina

Factor hipotalâmico de inibição da hormona do crescimento isolado em 1972, e que diminui a concentração plasmática da hormona do crescimento no homem normal.

Naquelas suas sessões de catarse feminina, Bárbara Emília ria com gosto, e até havia alturas em que se esquecia mesmo da razão de ser das suas irritações. Mas depois ia relatar à advogada a última conversa com o Augusto, e nunca demorava muito até concluírem que a única coisa que podiam fazer perante o silêncio do homem era entregarem-se a mais um bocado de catarse. O que faziam com muito prazer. Mas, do ponto de vista dos tribunais de família, esse prazer não servia para grande coisa.

Ao fim de vários anos desta rotina, Bárbara Emília acabou por conformar-se à realidade legal portuguesa, segundo a qual uma mulher não pode nunca divorciar-se do marido se o marido não quiser que ela o faça. E, para tanto, tudo o que o ex que não quer aceitar o novo título precisa de fazer é usar simplesmente a resistência passiva. Que não dá nas vistas, e que ninguém pode acusar de violenta ou ilegal. Basta que o ex recuse o divórcio com o seu silêncio. Só precisa de dizer que não com a cabeça. Ninguém pode obrigar um homem ressentido a assinar um papel que seja. A mulher querer ter uma vida nova não é um direito constitucional reconhecido pelos tribunais de família.

Os tribunais de família existem para proteger a família, e a sua interpretação deste estatuto é que a sua função é impedir divórcios tanto quanto possível. Sobretudo se os divórcios forem solicitados por mulheres. E se as mulheres nunca foram espancadas, violadas, baleadas, roubadas, ou qualquer outra dessas violências domésticas mais palpáveis, então pior um pouco. As mulheres que querem divorciar-se contra a vontade do marido, ou são vítimas, com os devidos sinais exteriores de vitimização, ou não são sequer entidades legais.

Se ela não é vítima, pensam os tribunais de família, então deve ser porque tem uns períodos de síndrome pré-menstrual muito aguerridos. E, se não for da menstruação, então é porque é da menopausa. E isso, como todos os cidadãos desta democracia sabem, não é assunto para os tribunais.

As mulheres que não são vítimas e querem divorciar-se que vão antes resolver o problema ao endocrinologista.

Estes considerandos emaranhavam-se o tempo todo na nova vida de mulher forte e independente que Bárbara Emília decidira viver. Mas não afectavam em nada o seu papel de fornecedora de drogas para o homem da casa.

Como já vimos, as drogas eram simplesmente receitadas em nome dela por um certo psiquiatra de cabelo todo liso sempre a cair para a testa, o mitológico Fred Lacoste que Bárbara conheceu num belo fim de tarde, quando estava a meter gasóleo numa bomba da Repsol. Na altura, a Repsol prometia aos seus utentes o brinde de um Volvo topo da gama. Ela ganhou antes de um brinde um amigo sempre disponível. Que, por coincidência, era também proprietário de um Volvo.

Mas bastante mais antiquado e estafado que o modelo prometido pela Repsol.

Bárbara, dizia-lhe Frederico Guilherme de cada vez que ela ia ao consultório ao cimo da Rosa Araújo, para ele lhe passar as receitas para Joaquim Peixoto. Eu gosto muito de ti, como tu sabes. E prometi-te que não te fazia sermões, como tu sabes ainda melhor de certeza. Deixa-me só dizer-te que este teu homem do T 1 de Porto Salvo tem problemas muito graves que não se resolvem com comprimidos, e que ele vai precisar de resolver sozinho.

A gente já se mudou para um T 3 em Fernão Ferro há muito tempo.

Que bom. E é ele quem paga a renda, imagino.

Vá lá, Frederico. És meu amigo ou amigo da onça?

Sou teu amigo, Bárbara. E por isso mesmo vou voltar a dizer-te, mesmo que tu não me oiças porque ainda não queres ouvir-me. Este homem tem problemas graves que vai ter que resolver sozinho. Sozinho, ouviste? E nem tu, sua mulher obstinada, sua chaparrona dum cabresto se me deixares parafrasear os teus estimulantes regionalismos - Bárbara, nem tu, com toda a tua força de vontade, com todo o empenho que eu sei que tens em salvar o vosso casal, nem tu, minha querida, vais poder ajudá-lo.

Queres que eu te pague a consulta, é?

Queria que desses mais ouvidos às pessoas que gostam de ti, Bárbara, suspirava Frederico Guilherme antes de começar a preencher as receitas com rabiscos irritados da Mont-Blanc de tinta permanente.

«Nem sequer existe»

Como toda a gente sabe, quando uma coisa corre mal, as outras coisas todas começam a correr ainda pior.

Ao contrário da felicidade, que é subtil e elusiva, a dor gosta de manifestar-se brutalmente, maciçamente, e aos pacotes.

Quando Joaquim Peixoto apanhou a camioneta para o Bombarral por volta do meio dia de segunda-feira, estava enervado, ressacado, mal disposto, cheio de azia, com uma enxaqueca resistente ao Zomig, e ainda por cima cheio de náuseas. Com tanto stress em cima não encontrara melhor remédio que aquartelar-se em casa da mãe para tentar escrever a sua história cheia das várias complexidades que constituem a verdade. E, mesmo já depois de ter espatifado todos os Paxilfares que lhe restavam, as coisas continuavam a sair-lhe sem qualquer espécie de graça. Ainda por cima, era frequentemente acometido por ataques violentos de sono, e decidia que se descansasse durante meia horinha, naquele seu transe que lhe era tão querido, a prosa depois começaria a fluir. Pois era exactamente nessas alturas que ou Bárbara Emília ou Sebastião Curto, cada um à vez como se estivessem organizados numa conjura infernal, resolviam tocar à campainha e subir ao segundo esquerdo para lhe levarem notícias e se inteirarem do estado da reportagem.

Lá tomava ele mais uma bica, e lá tentava manter a compostura com aquelas duas criaturas diabólicas, cheias de energia, a grasnarem-lhe aos ouvidos.

Bárbara Emília andava a atacar por cima, numa placagem implacável ao Rui Manuel e aos seus associados, em que também já se tinham envolvido a Pepa e a filha do director da Actualidades, que por acaso ia às mesmas aulas de alongamento e flexibilidade que a Pepa, porque a professora Luísa Figuerola era tão boa que ambas juravam que iriam atrás dela para qualquer ginásio do mundo.

Sebastião Curto movimentava-se antes entre o peixe miúdo, do Pato Carneiro para baixo. Já tinha uma data dos tais putos que saem das escolas e vão fazer trabalho de escravos para as redacções, contra ou o ordenado mínimo ou um certificado de estágio, a fazerem espionagem por conta dele. Todos muito felizes por terem finalmente qualquer coisa minimamente excitante para investir energia.

Um desses meninos uma vez entrevistou a Lili Caneças, que o achou adorável e a seguir o convidou para imensas festas. De maneira que a Bárbara Emília até já com a Lili Caneças andava a tomar café. Tudo para tentar perceber por que é que uma história tão boa, com umas fotos tão escaldantes, aparentemente reunia o consenso de todos os administradores no sentido de valer menos que o baptizado do Afonsinho Três.

Joaquim Peixoto ouvia aquilo tudo com os ouvidos a zumbir.

Tentava dizer à Bárbara e ao Sebastião que eles estavam loucos.

Eles respondiam que era mais estarem eufóricos.

Andavam a descobrir as pontas de uma grande conspiração nacional contra a publicação da verdade, não percebiam de onde é que ela vinha, sentiam-se completamente determinados a furar o esquema, e por estas baboseiras proclamavam-se completamente encharcados em adrenalina.

Joaquim Peixoto ainda não tinha passado dos três mil caracteres, só em transcrições preguiçosas, todas por retocar, do depoimento da Leninha.

Faltava-lhe a conversa toda do Laureano. Faltava-lhe arranjar coragem para enfrentar uma nova saraivada de Bárbara Emília sobre a sua conversa telefónica com a filha mais velha do juiz, a tal que também era juíza, e que, por qualquer razão que ele ainda ignorava e não estava especialmente interessado em conhecer, tinha convencido a sua ex de que a realidade é paradoxal.

E, sobretudo, faltava-lhe completamente a inspiração para transformar toda aquela tragédia numa peça absolutamente brilhante, uma prosa que, com grande economia de palavras e de recursos, expusesse o máximo de verdade possível mas nunca resvalasse para o mau gosto.

Sentia-se atolado.

Ainda por cima sentia-se bastante parvo.

Tinha a certeza absoluta de que estava só a trabalhar para aquecer.

A Bárbara e o Sebastião que falassem à vontade de conspirações e de revoluções. Ele não estava minimamente nessa onda. Da maneira como via as coisas, ninguém nas posições de poder estava interessado na história, e portanto, pura e simplesmente, a história não ia sair. Nunca haveria fama. Nunca haveria dinheiro. Ele estava a esforçar-se para nada.

Chegou à aula, e tinha-se esquecido que era o famoso dia de comentar as peças de background sobre as rotundas. Ensinar a organizar a informação sobre o background fazia parte das suas competências de docência de jornalismo, e ainda por cima era a sua parte preferida das reportagens. Mas, ao longo dos últimos anos, as reportagens tinham vindo a tornar-se tão curtas, tão curtas, tão cada vez mais curtas, que ele também já não estava muito bem a ver para que é que serviria no futuro saber organizar o background.

Há cada vez menos espaço para o background.

Também não há tempo.

Nem para os jornalistas investigarem o que quer que seja que não esteja online, nem para os leitores ficarem tranquilamente nas esplanadas ao fim-de-semana a seguir com todo o pormenor os vários meandros por onde a situação passou antes de chegar ao momento em que se transforma em notícia. Faz-se tudo cada vez mais depressa, mas tem-se cada vez menos tempo. E, por muito que se deforme a paisagem, está tudo cada vez mais apinhado. Há-de chegar uma altura em que o espaço e o tempo para o background deixaram pura e simplesmente de existir.

O seu trabalho de eleição em breve seria completamente obsoleto.

O Martim Farto até já lhe tinha mandado uma boca a esse respeito, no café, assim de passagem, como quem não quer a coisa. Mas com imensos alunos a ouvir. Um semestre inteiro de background? Então a gente veio para a Agostinho da Silva porque acreditamos na inovação, e tu gastas-me um semestre inteiro a ensinar aos putos uma parte da matéria que em breve já não servirá para absolutamente nada? Ouve lá, pá, eles não andam no nosso curso para aprenderem a escrever romances. E que andassem. Também não são os romances com muito background que vendem, seu reaccionário.

O Umberto Eco vende imenso, retorquiu automaticamente Joaquim Peixoto, que estava a pensar em ontem na bicha para as senhas, e não se encontrava devidamente preparado para lhe cair em cima uma prelecção daquele género.

Martim Farto fez um sorriso escarninho e olhou de alto a baixo para o colega.

Prof. Joaquim Peixoto, como director do curso de Comunicação Social desta Universidade, sinto-me no dever moral e profissional de recordar-lhe que existem diferenças assaz substanciais e intransponíveis entre o senhor professor e o Umberto Eco.

Depois soltou uma gargalhada, deu-lhe uma palmada nas costas, e foi para uma das mesas do fundo aviar duas imperiais com umas alunas todas giraças do curso de Educação Física.

A partir desse dia, no Pólo do Bombarral da Universidade Livre Professor Agostinho da Silva, Joaquim Peixoto passou a ser conhecido pelo Eco.

A piada completa era assim: o Eco? Pois, meu. Nem sequer existe, mas a gente tem que ouvi-lo à mesma.

O docente da cadeira semestral de background aguentou estoicamente tudo isto, e continuou a tentar ensinar aos alunos, que por essa altura queriam era aprender a fazer variações sobre o género de pose do apresentador do *Bar da*

Tv como é que se organiza a informação destinada a pôr as histórias em perspectiva.

E agora tinha que comentar o background das rotundas.

O tema era escolha deles, quase unânime. Mesmo ali, no Bombarral, que já não se considera dentro da Área Metropolitana de Lisboa, as rotundas estavam a proliferar de forma impressionante. E até no Bombarral eram decoradas ou com pedregulhos, ou com oliveiras, ou com repuxos no meio de um bocadinho de nada de relva, ou mesmo com todas estas coisas juntas. Corriam muitos rumores sobre a câmara ornamentar as rotundas com pedregulhos e oliveiras para depois poder rotulá-las como espaços verdes, porque assim ganhavam logo mais uns hectares de verdadeiro espaço verde para construir mais prédios. Também havia a variação do escultor que escolhia e dispunha os pedregulhos, e o arquitecto paisagista que trazia as oliveiras, serem os dois sócios da mulher do presidente da câmara numa empresa de decoração de exteriores convenientemente sediada para os lados de Santarém, fora da alçada municipal do Bombarral. E sugeria-se por vezes que o escultor, então, era bastante mais do que um simples sócio da mulher do presidente.

Os alunos achavam o tema apelativo.

O professor mandou-os recolherem background sobre o assunto.

Agora tinha que comentar o trabalho de cada um.

Sentia-se particularmente irritado com a obra produzida pela aluna que se especializava na comparência às aulas com as mini-saias mais curtas de todo o curso, e que por sinal também era a que se entretinha mais ostensivamente a mandar e receber mensagens pelo telemóvel sempre que ele estava a falar.

Cocaína

Alcalóide extraído das folhas de coca, que também se obtém por síntese. Anestésico local de contacto, empregado em soluções para instilações nasais ou oculares. É um estupefaciente.

A verdadeira culpa do encontro na Repsol entre Bárbara Emília e Frederico Guilherme foi da qualidade dos serviços prestados pelo Lugar do Coentro de Ouro.

Desde o dia em que abriram o estabelecimento num cafezinho trespasado, ao canto de uma praça com três cilindros encarnados no meio que tinham sido inaugurados solenemente como esculturas, Bárbara e Vi esmeravam-se com imenso brio na exploração dos seus conhecimentos regionais pouco menos que enciclopédicos. Bárbara, sobretudo, estava cada vez mais atenta às possibilidades de combinação das suas tecnologias ancestrais com metodologias e matérias-primas da modernidade, para satisfazer devidamente as necessidades da vida quotidiana de uma freguesia que não parava de crescer.

A procura das vendas para fora era tanta que, quando deram por isso, já tinham mais três assistentes a trabalhar com elas. Dois rapazes e uma rapariga, vindos do Curso de Restauração do Instituto de Hotelaria do Sul. Os três muito bonitos e muito bem arrançados, dentro das tonalidades de laranja, ocre, bege e vermelho-terra que as sócias tinham decidido adoptar como cores emblemáticas do seu Alentejo.

Depois veio da Cuba o mano Luciano. Este homem desadaptado podia não fazer mais nada o dia inteiro além de peritar conjugações de haxe com coca, mas ninguém conseguiria negar-lhe um verdadeiro olho de lince no departamento da decoração de interiores.

Um ano depois da estreia, o antigo cafezinho fechou por um mês. Depois reabriu, substancialmente remodelado, e ainda mais substancialmente ampliado, por trespasse adicional de três das lojas adjacentes que se especializavam em abrigar negócios atrás de negócios que faliam semana após semana.

No dia da grande estreia, abrilhantada pelo próprio presidente da câmara, dizia-se por toda a parte que aquilo até parecia, como pronunciou com orgulho o próprio Luciano, um novo filão das Minas de São Domingos acabado de aflorar à superfície.

Havia agora alguns suplementos culinários, ou de qualidade de vida, de periódicos de grande circulação, que ostentavam na capa, a cores, os sorrisos radiosos de Bárbara e Vi. Estas assinaturas do sucesso estavam expostas em disposições discretas nos escaninhos das paredes.

A procura de fornecimento para casamentos e baptizados começou a subir. Depois, alguns destes pedidos passaram a incluir a decoração, as luzes, às vezes até a música ambiente, e a seguir a música para dançar. Lá chegava outra vez o mano Luciano da Cuba, a garantir que só pela maninha é que abandonava as suas meditações na rede do jardim, os seus escritos filosóficos noite dentro, e os seus longos passeios solitários com os podengos pelo silêncio cada vez mais silencioso do Alentejo profundo.

Mas a mana sabia muito bem que ele estava a gostar dos seus novos títulos e funções, e do reconhecimento público, e da possibilidade de dar livre curso às suas invenções, proporcionadas pelo Lugar do Coentro de Ouro. E ela, que se preocupava tanto com o futuro do seu mais novo, sentia-se por isso grata e feliz.

Outra coisa que também a deixava grata e feliz era a felicidade do marido. Luciano Frutuoso mantinha intacta a sua capacidade de dar asas e penas a Joaquim Peixoto que já manifestara em Beja durante o crime de 1985, e as noites que o mano de Bárbara Emília vinha passar ao T 3 de Fernão Ferro, com a mochila sempre generosamente recheada dos seus famosos charros de haxe com coca, eram as únicas que se pareciam com verdadeiras noites de família.

Luciano apoderava-se da cozinha, sob o pretexto lógico de ser mais que suficiente a mana já ganhar a vida a cozinhar para fora. Bárbara podia finalmente tomar banhos de espuma, pôr máscaras hidratantes na cara - e sobretudo, sobretudo, deitar-se na cama a ler com as pernas soerguidas por duas almofadas, para se refazer do peso que Catarina Eufémia já lhe impunha ao corpo.

Nessas noites, ao contrário de todas as outras, Joaquim Peixoto ia de bom grado para a cozinha, e observava religiosamente as indicações do amigo quanto ao corte dos tomates ou à fritura das cebolas. Enquanto cozinham comparavam drogas de eleição, e pelo meio Luciano entregava-se a tiradas ardentes de desilusão terminal alentejana, brandindo as facas da cozinha contra a globalização, contra a importação de mão-de-obra sazonal para as obras, contra o desastre que ia ser o Alqueva, contra a indiferença do país perante a sua província com a maior taxa de suicídios da Europa. Joaquim Peixoto tomava notas na cabeça, e tudo aquilo era óptima matéria-prima para as conversas da Rádio Liberdade. Aliás, chegou a gravar uma série de *talk-shows com Luciano* (a designação era do Martim Farto), exactamente o título *Crónicas*

da Desilusão Terminal. E, a anunciá-los, o segurança de Cacilhas originário de Campo Maior rouquejava, sobre a voz de Janita Salomé, Promessas adiadas... utopias importadas... uma visita guiada ao Alentejo abandonado.

Depois destas sessões, vinham fumar para a rua e debater um pouco mais com colegas e transeuntes. A seguir, iam juntos para os copos. Voltavam para casa ainda a passar a podridão nacional a pente fino. E rumavam à cozinha, para mais uma incursão gastronómica só para homens. Quando Bárbara Emília metia a chave à porta, Luciano lavava as mãos para ir cobrir a mana trabalhadeira de beijos e de festas. Inspirado pelo exemplo do irmão, o marido fazia o mesmo.

Bárbara partia para os seus retiros de espumas e cremes a resplandecer.

E, ao jantar, brindavam sempre ao Lugar do Coentro de Ouro.

As bandas da região, e por região entendia-se de mês para mês um círculo cada vez mais largo, prezavam tanto os cachets e a popularidade instantânea obtidos nos tais casamentos e baptizados solicitados às duas amigas, que agora insistiam em tocar de graça para elas, todas as tardes, sempre novos programas. O povo pedia mais do mesmo à noite, e arranjou-se um antigo gerente de um dos antigos negócios falidos das antigas lojas do lado para expandir o horário. O parquezinho das três colunas vermelhas passou a encher-se à sexta e ao sábado de gente de copos na mão. Isto levantou protestos de alguns residentes mais antigos da praça. Mas logo vieram os condóminos mais espertos recordar que uma modernização daquelas aumentava substancialmente o valor da propriedade.

Houve diversos aspirantes a artistas que adquiriram o hábito de deixar lá ficar maquetas, demonstrações, pinturas, o que tivessem à mão para mostrarem ao mundo os seus talentos a partir do santuário das duas alentejanas bonitonas. Começaram a aparecer caçadores de talentos no Lugar do Coentro de Ouro. Bárbara intuiu que o sucesso delas estava a bater no tecto no dia em que lá apareceu uma massagista búlgara a perguntar se podia oferecer ali os seus serviços. Não havia espaço apropriado para a instalação de uma marquesa, mas Luciano tratou de inventar um em pouco tempo.

Vi, suspirou Bárbara Emília. A gente há pouco mais de um ano só queríamos trabalhar juntas e ganhar umas massinhas num cafezinho.

Eu cá por mim não me importo nada de ganhar antes uma data de massa num sítio do caraças, Barbinha. Não me digas que tu te importas.

Eu não, Vi. Mas.

Baixou os olhos. Tamborilou as unhas no balcão. Franziu a testa. Puxou o lustro a qualquer coisa que já antes estava a rebrilhar. Depois respirou fundo e deixou sair o peso.

Eu não me importo, Vi. Mas, se queres que te diga, tenho assim um pressentimento de que o Quim se importa.

A amiga olhou-lhe de relance para a barriga cada vez maior e absteve-se de fazer o que lhe veio logo à cabeça, que era um gesto relativo a um grande par de patins. Limitou-se a encolher os ombros com ar de quem já viu tudo.

Deixa-os pousar, Bárbara. Então e o meu Zé Carlos? Não largou o escritório para ficar só a fazer a escrita do Coentro? Não me fartei eu de lhe dizer que isso dos casais a trabalharem juntos dá sempre mau resultado? Não passou ele o tempo a insistir que eu se me metesse em negócios sem a ajuda dele era logo depenada? Então e agora, o que é que julgas que ele diz aos amigos? Que é ele quem ganha o dinheiro, e que é ele quem me deixa estar aqui ao balcão só para eu estar entretida. Tinha que ser. São aquelas manias deles, Barbinha. Deixa andar. Eu ao meu nem me dou ao trabalho de dizer nada. Para quê? Enquanto pelo menos ele acreditar na sua própria história anda feliz e inchado. Deixá-lo andar. Os filhos precisam de ter o pai e a mãe a viver juntos.

Mordeu o lábio porque ao dizer isto voltou a ver a barriga redonda da tia, e depois passou a mão pelos olhos na irritação de já ter metido água.

Quer dizer, isto é só o que eu acho, Bárbara.

Eu também acho, Vi.

«O professor é comunista?»

A tal menina irritante das mini-saias foi dos primeiros alunos a entregar a peça sobre as rotundas, e dos poucos que entregou dentro do prazo. Quando Joaquim Peixoto se sentou na mesinha da Rebelva pronto a rabiscar-lhe a obra toda, para seu grande espanto deparou-se com um libelo cheio de acrobacias literárias que começava assim:

«Às vezes penso que anda toda a gente tão estarecida como eu perante este fenómeno das rotundas. Estes são os intervalos abençoados, os lapsos cognitivos que me fazem pensar que ainda conheço a civilização a que pertença. Mas, para o melhor e para o pior, estes lapsos nunca duram muito. Acho mesmo que estão a durar cada vez menos.

«No meu caso pessoal, a ilustração que se segue é um brinde primoroso da Câmara de Cascais, porque foi em Cascais que os meus bisavós construíram a casa grande com a mata de pinheiros mansos por trás que já albergou várias gerações depois da deles, que por seu turno foram espalhando novas casas entre os pinheiros mansos, numa encosta cheia de sol que dantes era tão sossegada que se ouvia o mar lá em baixo. Por estes dias já nenhum de nós, que somos muitos, reconhece a terra onde a família fixou residência nos tempos da monarquia. Parece antes uma mata de betão, onde já só os nossos pinheiros mansos é que resistem, se bem que cada vez mais cheios do pó das obras, porque há sempre obras e nunca auguram nada de bom. A Câmara de Cascais transformou a minha terra numa espécie de Califórnia ao estilo Reboleira sem qualquer espécie de lógica, mas continuam a dizer-nos que aquilo é Cascais.»

Depois a menina desancava engenhosamente o texto de um artigo promocional sobre rotundas distribuído pela câmara, e acabava com o seguinte brilharete:

«Mas então vamos aos tais espaços verdes propriamente ditos.

A primeira rotunda pretende ser *um lugar arqueológico como metáfora do meu jardim.*» O jornalista explica esta algarviada como segue: “Monumentos escultóricos em pedra, três oliveiras e três arciprestes combinam-se, formando um conjunto harmonioso onde cada um dos elementos desempenha um papel determinado.” Assim esclarecidos, passemos à segunda rotunda: “Uma oliveira plantada sob uma estrutura de betão simboliza o Arco da Eternidade ladeado pelo sol e pela lua.” E adianta o artista: “A árvore da vida irrompe do espaço e liberta-se da forma penetrando no círculo

que é o símbolo de unidade eterna.” Se ainda forem capazes, apreciem bem a terceira rotunda: “As pedras formam a letra tê, dando sentido a uma figura que preconiza o destino emergindo da matéria.” E mais diz o artista: “Procurando o seu percurso rumo à eternidade, quando o destino se divide entre a memória e o desejo, dando lugar a um vazio.” Eh pá. Rumo à eternidade e tudo. A mim parece-me mais rumo ao Prozac, mas quem sou eu. É que isto de que eles estão a falar são umas rotundas no meio de umas baldas arquitectónicas com clubes de karaoke encharcadas em engarrafamentos e estacionamento selvagens por cima do que deviam ser passeios mas tendem a ser antes bermas lamacentas.

«Estão a ver?»

Nesse dia aziago em que já partira para o Bombarral ainda mais mal disposto que do costume, Joaquim Peixoto fez um brilharrete a ler este texto em voz muito mais alta que o habitual, e com tantos floreios de voz e de mãos que até entraram para assistir vários alunos de outros cursos que iam a passar e entreviram qualquer coisa interessante do canto da janela. Pôs a mão no peito, fez tremolos com a voz, agitou dramaticamente o braço que não estava a segurar na página, gritou, sussurrou, e desferiu o estão a ver? final com um valente murro na secretária.

Os alunos bateram palmas, assobiaram e pediram mais.

A aluna irritante levantou-se com um sorriso rasgado e fez-lhes uma vénia irónica. Os outros fizeram a onda por ela.

Joaquim Peixoto esperou que toda aquela excitação pueril chegasse ao fim. Tirou os óculos, bafejou-os, limpou-os, e voltou a proteger-se por trás deles. Sentou-se tranquilamente à secretária. Acendeu um cigarro. Quando já tinha a turma inteira calada a olhar para ele, com a aluna irritante toda corada à espera da merecida rodada de elogios, passou a mão pelos cabelos e fez um ar muito cansado.

Minha senhora.

Sim, professor. Estava tão radiosa, a parva da menina de Cascais. Era mesmo nela que Joaquim Peixoto ia finalmente descarregar toda a fúria contra o mundo.

O seu texto tem 4543 caracteres.

Contando com o título, professor.

Sim, contando com o título. A senhora excedeu-se em 1043 caracteres.

Eu sei, professor. Peço desculpa. Li e reli o que tinha escrito a tentar encontrar passagens irrelevantes para a mensagem que pudesse cortar, como o professor nos ensinou, mas não consegui mesmo fazer mais curto.

Palavra de honra, tinha as pernas todas de fora. E precisaria mesmo de andar sempre empoleirada em cima de umas botas com saltos ainda mais altos

que as da Bárbara Emília? E mais, e mais. O que vinham a ser aquelas meias de rede? Se calhar ela ainda não tinha reparado que era Inverno! Para que é que era aquela camisola tão apertada? Teria encolhido na máquina? E as tranças do lado esquerdo, senhoras e senhores, que parvoíce era aquela das tranças enormes cheias de brilhantes que andavam sempre a abanar para cá e para lá? Mas que idade é que a menina pensava que tinha? E onde é que pensava que estava? E, se queria usar uma tatuagem, precisaria mesmo de ter espetado com um anjinho azul e dourado tão grande sobre o desenho todo bem recortado dos músculos da coxa? A que horas é que aquela menina estudava? Contando com o tempo que gastava a ir e vir para o Bombarral, só podia ter músculos assim tão bem desenhados se passasse o resto da vida no ginásio.

Eu já te digo, minha filha.

Minha senhora, posso fazer-lhe uma pergunta algo pessoal?

Com certeza, professor.

A senhora tem problemas de identidade?

Desculpe, professor?

Perguntei-lhe se tem problemas de identidade.

Não estou a perceber, professor.

Então eu pergunto-lhe com mais clareza. A senhora julga que é a Clara Pinto Correia?

Disse *Clara Pinto Correia* com tanto escárnio como o Martim Farto a dizer *background*, e agitou significativamente o papel com o texto enquanto olhava para ela de alto a baixo. A menina de Cascais abriu muito os olhos, sacudiu a cabeça, e por fim voltou a repetir que não estava a perceber. Joaquim Peixoto levantou-se, e ao mesmo tempo levantou a voz.

Minha senhora, o trabalho que eu vos distribuí há quinze dias foi claramente definido aqui na aula como uma peça de três mil e quinhentos caracteres de organização de dados constitutivos do *background* para a problemática actual das rotundas. A senhora quer tentar convencer-me de que escreveu uma peça de *background*?

Professor, eu achei que a questão da linguagem de pretensão intelectual para glorificação de obras de pretensão artística era uma parte significativa do *background*.

Ainda por cima respondia à letra, a grandessíssima peneirenta estragada com mimos.

Não era ela que chegava sempre ao campus com um Range Rover completamente despropositado, frequentemente com a cabeça de um boxer malhado, todo imponente e ainda por cima de bandana encarnada ao pescoço, a sair ostensivamente da janela do lado do passageiro?

E, provavelmente, aos fins-de-semana ia fazer surf para o Guincho, onde toda a gente a achava o máximo.

É verdade que o comunismo não funciona. Mas, para se conseguir manter mesmo uma qualquer forma de harmonia dentro da barriga voraz da economia de mercado, um pobre tipo indecentemente explorado, completamente desqualificado, e sumariamente empandeirado para um T 0 da Rebelva, só devia ter que aguentar o contacto com uma única Ana Mafalda durante todo o seu tempo de vida.

Estou a ver. E, para expor as suas ideias sobre a literatura menor ao serviço da arte menor, a senhora achou imprescindível informar-nos de que vive numa casa fantástica em Cascais, com pinheiros mansos, e mar e tudo.

Com repetidas queixas de que aquilo agora está degradado e irreconhecível, o que implica que toda a gente menos rica e antiga que a sua família não tinha o direito de ir estabelecer-se em Alcabideche, nem na Madorna, nem em Tires, nem no Murtal, nem em sítio nenhum em que lhe estragasse a vista e lhe importunasse as festas. É isso?

O professor é comunista?

Acho que já disse várias vezes que os alunos não podem responder a uma pergunta dos professores com outra pergunta. Mas, já agora, explique-me a senhora se acha que essa sua pergunta é relevante para o assunto em debate.

Era só um parêntesis, professor. Noutra ocasião, deixa-me tentar convencê-lo a passar antes para o Bloco de Esquerda? Os comunistas ficaram conservados em âmbar, nunca conseguiram evoluir, e por isso agora estão trancados dentro de um discurso que já ninguém consegue ouvir. Se o professor, como me pareceu, acha que a sociedade em que vivemos precisa urgentemente de uma reforma, como eu acho, como muitos dos colegas acham, junte-se antes a nós.

Veio de toda a sala uma grande chuva de aplausos.

Joaquim Peixoto perdeu por completo a paciência e desatou a brandir na frente o papel com o texto, agora já mesmo com suor na testa e com suores nas mãos.

Minha senhora, estamos numa cadeira de background de um curso de Comunicação Social. Se quer dedicar-se à propaganda, transfira-se para Marketing e Relações Públicas. No âmbito do que estou a tentar ensinar-vos dentro desta sala, não há espaço para conversa fiada sobre a vida privada de cada um. O background do caso das rotundas não nos obriga a sermos informados sobre a sua mansão em Cascais. Já entendeu esta parte?

É contraditória, professor.

Com quê, se faz favor?

Com outras coisas que já tentou ensinar-nos dentro desta sala. Nomeadamente, com a ênfase que pôs várias vezes na vantagem de começar qualquer história por um pequeno pormenor inesperado, e até aparentemente irrelevante, que prenda desde logo a atenção dos leitores.

E a senhora acha mesmo que prende a atenção dos leitores com esta manifestação ostensiva de narcisismo e exibicionismo ao melhor estilo Clara Pinto Correia? Um dos expoentes mais detestáveis do umbiguismo que deslumbra os papalvos deste país, que é para o país não ir a lado nenhum?

Professor, formalizou-se a menina rica. Independentemente dos problemas pessoais que o professor possa ter sofrido às mãos da Clara Pinto Correia...

Desta vez foi uma gargalhada geral que varreu a sala.

Joaquim Peixoto já tinha gotas grossas de suor a correrem-lhe pelas costas.

... eu creio que o professor também nos disse que era legítimo o recurso às histórias pessoais quando elas eram exemplificativas de um problema geral da sociedade.

Joaquim Peixoto rasgou o texto aos bocadinhos num frenesim vingativo cada vez mais colérico.

Chega. Chega, minha senhora. Muitos parabéns pelos seus dotes de retórica. Talvez deva antes pedir transferência para Ciência Política. Aqui, na Comunicação Social, em jornalismo, é que a senhora não está a fazer nada. Isto que a senhora escreveu foi uma crónica, está a ouvir? Uma crónica. Um artiguelho de opinião. E ninguém lhe pediu a sua opinião para nada. Foi-lhe pedido um trabalho honesto e modesto sobre os elementos de base que sustentam o fenómeno das rotundas. A senhora sabe o que é a honestidade? Sabe o que é a modéstia? Ainda nem se licenciou e já quer ter uma tribuna?

Olhe, sabe o que lhe digo? Até a Clara Pinto Correia se coibiu de escrever crónicas até já ser doutorada. Ou, pelo menos, de ter feito uma falcatrúia qualquer, muito provavelmente na horizontal, para poder fazer-se passar por doutorada. Eu, que já ando no jornalismo há dezassete anos, nunca teria a imodéstia de pensar que já estou qualificado para escrever crónicas como a sua.

Provavelmente porque não é capaz, professor.

O que é que a senhora disse?

Quando uma pessoa não consegue escrever com brilho e ter opiniões que interessem às outras pessoas, o melhor que tem a fazer é ser modesta e nunca aspirar a mais que uma ordenação correcta dos elementos do background.

Joaquim Peixoto sentiu o sangue a subir-lhe todo à cara. A sala em peso estava a bater palmas à menina rica, e a proclamar que agora é que ela tinha acertado mesmo no sítio onde ia ficar a doer ao professor.

Saia da sala, berrou Joaquim Peixoto escancarando a porta. Saia da sala, e não volte a pôr os pés na minha cadeira.

Com muito prazer, professor.

A menina rica levantou-se, endireitou a mini-saia, atirou as tranças para trás, recolheu o telemóvel dentro da bolsinha Mandarina Duck, e saiu da sala com uma piscadela de olho aos colegas. E, aparentemente, decidiu ir ser Clara Pinto Correia para outro sítio. Joaquim Peixoto não voltou a vê-la o resto do dia. E por acaso até ficou no Bombarral até muito tarde, muito mais tarde que do costume. Até entrar para a camioneta, não conseguiu perder a esperança de vir a ser felicitado por algum outro docente desconsiderado e mal pago como ele, a quem já tivessem falado da sua expulsão da menina rica. Para a seguir beberem os dois imensa cerveja, enquanto praguejavam contra a imodéstia insuportável dos jovens.

Dopamina

Mediador químico sintetizado por certas células nervosas, presente nos sistemas nervosos central e periférico. Na cadeia das catecolaminas, a dopamina é o elo intermédio entre a dopa, da qual é derivada, e a noradrenalina, da qual é precursora.

Quando Joaquim Peixoto saiu finalmente de casa, Bárbara telefonou à Vi e à Pepa. Pronto. Meninas. Foi desta. O Emplastro Leão levou de vez com os patins. E eu preciso de falar já com vocês as duas. Do outro lado de ambas as linhas houve suspiros de deleite e exclamações de felicidade. Atendendo à importância miliária do momento, combinaram desmarcar tudo o que pudessem ter marcado, para se encontrarem ao fim da tarde no Moinho do Cabo da Roca.

As outras duas estavam convencidas de que aquilo ia ser uma festa. Uma boa sessão de demolir os homens de alto a baixo. Um desses intervalos de riso, cumplicidade, e sugestão de embriaguez avivada com o tempero quanto baste de má língua, de que as pessoas como elas bem precisam de vez em quando, para lhes fazerem mais toleráveis os dias.

Nesta perspectiva, começaram por felicitar muito a Bárbara por ter finalmente posto os patins ao seu Emplastro Leão. Encomendaram e beberam logo ali cada uma a sua dose dupla de Tequilla Sunrise. Brindaram ao futuro, como se fossem meninas. E combinaram sem mais demora que no sábado iam juntas ao strip do Homem Não Entra. A Catarina podia ficar a dormir na casa da Pepa, e no domingo aproveitar para se gozar bem da piscina e do ténis. Já merece. Pobre menina. Depois do que ela tem aturado, sem ter culpa nenhuma na matéria.

Tomadas estas decisões preliminares, a Pepa virou-se para Bárbara Emília com os olhos a rebrilhar de gula.

Ouve lá, bonita, agora não mintas à tua Pepa. Tu tens a faca e o queijo na mão. Já há muito tempo que te saiu o brinde, e tu só ainda não o desembrulhaste porque não quiseste. Mas é agora, ou quê? Menina. Acorda. As tias andam muito fartas de estar à espera. O fogo-de-artifício é para hoje ou para amanhã, Barbarella?

Bárbara franziu as sobrancelhas com um olhar distante.

Qual fogo-de-artifício?

Ai, menina, formalizou-se a Pepa. Vá lá. Abre o jogo. É desta que vais atirar-te em toda a linha ao nosso Fred, ou quê?

Ai, Barbarella, gemeu a Vi de olhos fechados. Isso é que era. Eu até gostava de poder estar a ver, que Deus me perdoe. Um homem tão lindo.

Tu já o viste?, perguntou a Pepa.

Então, vi-o quando a Bárbara estava doente e ele foi lá buscá-la ao Coentro todo zangado, esclareceu a Vi. Bem, tia. Vocês não me digam nada. Foi curto, mas foi muito convincente. Que homem. Mas que homem. Aquilo sim. Parece um filme.

Ah, suspirou a Pepa com um ar superior. E nem tu sabes como é que a pessoa se sente quando está fechada com ele no gabinete, lá no consultório. Bem. Palavra de honra. Eu saio de lá toda a tremer. Ai, menina, aqueles olhos. Aquela maneira como ele olha para as pessoas. Ai, Vi, que exagero, é que tu nem podes imaginar.

Ainda por cima, oiçam lá, ele já tem os filhos criados e tudo, entusiasmou-se a Vi. E até acredito que continue a ser muito feliz com a mulher dele, que são os dois psiquiatras e lá sabem o que fazem. Mas pela amostra também não me pareceu que fosse menino para não gostar de ter as suas namoradas por fora. E então, e ele nesse departamento alguma vez arranja melhor que aqui a nossa Barbarella?

Eu gostava era de poder ver a cara do Peixoto a esta hora, considerou a Pepa para si própria. Já com a cabeça a pesar-lhe dos palitos, e sem ter onde cair morto. Coitados. Convencidos de que nunca estão em risco, porque nunca são as mulheres que deixam os homens.

Oh filha, rosnou de lá a Vi. Os homens é que não deixam as mulheres de certeza. Podem fazer tudo para lhes tornarem a vida insuportável, na esperança de que elas acabem por não aguentar mais e se vão embora. Mas eles sair não saem. Estão sempre demasiado ocupados a ver televisão de trombas para saírem seja de onde for.

Bárbara mal as ouvia. Sentia-se completamente destituída de emoções. Estava com os músculos feitos de ferro forjado, e o cérebro eriçado de arame farpado.

Não gastem mais cera com ruim defunto, amorosas, disse-lhes por fim, em voz baixa, com firmeza. Homens? Homens? Homens, olhem, quero que vão todos morrer longe. Agora, a única coisa que eu quero é trabalhar como deve ser, em paz e sossego, com imensa tusa, sem ter que estar sempre a carregar uma tonelada de cimento atrás de mim. Homens? Ao largo. Ao largo. As mulheres deles que os aturem. Ainda por cima são mais que as mães. É horrível. Estão por todo o lado. Às vezes até tenho medo de dar um pontapé

numa pedra, não vá saltar logo algum homem lá de baixo. Vamos falar de trabalho, pessoal?

As outras duas começaram por entreolhar-se com alguma estupefacção.

Depois olharam para Bárbara, com as sobrancelhas tão arqueadas quanto possível.

Bárbara fez um ar vencido da vida e disse que sim com a cabeça.

Elas voltaram a entreolhar-se. Ainda se puseram a rir uma para a outra.

Estou a falar a sério, meninas.

As duas endireitaram-se imediatamente nas cadeiras. Suspiraram. Depois encolheram os ombros, e disseram também elas que sim com a cabeça. A Pepa até pôs os óculos Donna Karan, de que não precisava assim tanto como isso, só para ficar com um ar mais profissional. A partir daqui, já não se perdeu nem mais um segundo naquela mesa.

Bárbara tinha a sugerir que, agora que já nada a amarrava à manutenção da aparência de uma vida modesta que não ferisse os brios do seu homem, agora que estava finalmente tudo mudado na sua vida pessoal - então que se aproveitasse o balanço para deitar a mão à vida profissional. Enquanto ainda vamos a tempo, minhas queridas. Eu, por mim, já que entrei na segunda metade da minha vida, desta vez apetece-me ter antes pela frente uns outros quarenta anos de tranquilidade. Para variar.

Nesse sentido, importava agora que, de uma vez por todas, se arrumasse a casa. E que se separassem as águas com pés e cabeça. Vendia-se liminarmente a empresa do Coentro aos financiadores, e acabavam-se os problemas com facturações, pagamentos, dívidas, impostos, e mais os juros, e mais as negociações constantes sempre com uma data de homens de fato e gravata à volta da mesa.

Estava farta de homens de fato e gravata, e calculava que as outras duas também estivessem.

Elas faziam mas era uma empresa separada, de produção exclusiva de conteúdos para os Coentros. Só que teriam que reunir umas com as outras, e ainda por cima só para falar sobre coisas giras, como menus, variações de pratos, enfeites para pratos e travessas, composições de mesas, e invenções de jóias fáceis de comer e leves de digerir, complementadas por sobremesas inesquecíveis que se manipulassem facilmente entre o prato e o garfo, e que já agora não pingassem para os vestidos e para as casacas, destinadas a apri morar a ementa para as festas encomendadas.

Já tinham elas, Vi e Pepa, imaginado bem o alívio de um cenário destes?

Acabava-se aquela correria permanente da organização de espectáculos. Onde, diga-se de passagem, ainda por cima era frequente ter que ser ela, Bárbara Emília, a segurar as pontas do que o Luciano se esquecia de fazer; Nem

sequer as entregas continuariam a ser responsabilidade delas. Infra-estruturas, muito menos. Os Coentros seriam simplesmente um espaço concessionado, não era assim que se dizia?

Na nova empresa, segundo o esquema de Bárbara, a Pepa passava a ser sócia de pleno direito, e não apenas gerente do Coentro de Cascais. A Vi tomava as rédeas do Lugar do Coentro de Ouro no Seixal, que, dos três, era o único que mantinha o nome original intacto. Os accionistas do Pateo Bagatella tinham decidido, logo na abertura do novo espaço em Lisboa, que Coentro sem mais nada dizia melhor com o sítio, e mais confirmava, na sua cara lavada, a irreversibilidade do processo de ascensão social. Bárbara ficaria à frente desse mesmo.

Espera aí, Barbarella, que tu vais transformar a tua vida num inferno. Estás mesmo a pensar começar logo o dia no pára-arranca? E a que horas é que voltas para casa? Quando é que vais conseguir ver a Catarina, que bem precisa de ti?

Eu já tratei disso tudo, comunicou Bárbara Emília num tom completamente neutro, ao mesmo tempo que expelia uma baforada de fumo com demora.

Então?, perguntaram as outras duas ao mesmo tempo.

Então, o Quim sozinho não consegue pagar a casa de Fernão Ferro. E eu não quero nem vê-la mais, que só me traz más memórias. E sempre vos digo, já agora, que estou farta de espeluncas alugadas. No mês que vem vou passar aquilo para a Laurinda, com as mobílias e tudo. Ela também já não pode nem ver o T 4 do Fogueteiro. Quer vender aquilo, e alugar-me a minha directamente a mim, sem passar cartão ao senhorio. É bastante mais pequena. Dá muito menos trabalho. E sai-lhe muitíssimo mais barato.

Oh meninas. Mas essa vossa amiga, essa Laurinda do Fogueteiro, não é aquela do Corpinho Danone? Não foi essa que desandou para o trance com os filhos?

Oh Pepa, e quem é que aguenta muito tempo a vida do trance? Para mulheres como nós, aquilo não funciona.

Não sei porquê, Bárbara. Olha que para a minha mana Mitó funciona muito bem.

Ai Vi, mas a Mitó é uma mulher como nós, se calhar? Ainda por cima é nova, e não tem filhos, mulher. A Laurinda, coitada, ainda por cima também não tem filhos, embora tenha três. Anda cansada, anda magra, anda triste, nunca mais conseguiu arranjar nem tempo nem energia para continuar a estudar Psicologia, e para onde quer que a gente olhe só vê é pessoas assim. Olhem, o

que sei é que eu, por mim, salto fora. Vou comprar um daqueles apartamentos Bagatella por trás do jardim, para ficar ali mesmo ao lado do trabalho.

As outras duas assinalaram a sua surpresa com uma pausa devidamente expressiva.

Bem. Cuidado com ela. Mas é que está mesmo cheia da massa, esta charrona. Quem me dera, Vi.

Não, a minha mãe acabou por fazer as partilhas e eu troquei umas partes com as do Luciano, comprei o que estava no meio que também era de uns velhinhos que queriam vir viver para a Fonte da Telha e estavam a deixar o sobreiral deles ao preço da chuva, aquilo ficou tudo um terreno só, e vendi-o logo a uma sociedade de criação a bolota de porcos pretos de montado. Aquela grande, a dos suecos, que agora anda a comprar todas as explorações pequeninas que havia na zona.

A Pepa e a Vi espreguiçaram-se nas cadeiras, sem qualquer espécie de interesse por aqueles detalhes técnicos. A Pepa, que comparecera maquilhada e trajada a rigor para um encontro festivo que talvez se estendesse pela noite fora, despiu o espartilho do blaser de linho vermelho muito cintado.

O que esta mulher se mexe sem a gente dar por nada, Vitória Maria. Eu sempre disse que ela é que é a verdadeira supermulher.

Bárbara olhava a direito para o fundo do céu.

O que tem que ser tem muita força, não sabem? O apartamento no Bagatella resolve-me todos os problemas. Com a partilha da minha mãe, entrada já tenho. Prioridade também, por causa de trabalhar lá. E depois, Pepa, fui bater as pestanas ao teu marido.

O meu?

Então, filha. Isto guerra é guerra.

Está bem, mas logo o meu?

Então não é ele que manda no banco? Era para ver se fazíamos um cambalacho qualquer de compra do apartamento como se fosse para sede do Coentro, por causa daquele juro bonificado a jovens empresários que querem expandir o negócio.

Então mas tu és jovem? Passei a ser. E se te apanham?

Filhas, vocês conhecem alguém que alguma vez tenha sido apanhado?

Mas alguém pode apanhar alguém? Então não está tudo no mesmo barco?

Não anda tudo ao mesmo? Pergunta ao teu homem, Pepa. Ele que te conte as histórias que me contou a mim.

Ai, conta.

Foge azar. Estou farta desta conversa. Estou farta de reuniões. Estou farta de papéis. Não quero ver nem mais um nos próximos tempos. O senhor teu marido é que vai tratar-me de tudo, Pepa.

Em troca de quê, minha grande cabra? Ao menos conta-me os pormenores picantes, já que começaste.

Não há, amorosa. Desculpa a desilusão. Eu nem percebi porquê nem quero perceber, mas este esquema pelos vistos dá-lhe muito jeito para o IRS. E então isto de ele ser meu procurador foi o favor que eu lhe pedi em troca. E foi negócio fechado, ali mesmo na hora.

Ele sempre teve um fraquinho por ti, eu bem te dizia.

Está bem, está. Com o feitio que eu ando, ele que se arme em engraçado que leva logo uma joelhada nos tomates. E está descansada que tu hás-de ser a primeira a saber.

Ai menina, pela tua rica saúde. Não me estragues o material, que é tudo o que eu tenho.

Ouve lá, então e depois, queres ficar a ver ou queres alinhar?

Vi achou por bem introduzir alguma decência na conversa.

Então, oh Barbarella, e isso é assim, já para amanhã?

Bárbara sorriu pela primeira vez nessa tarde.

Está feito. Vou viver com a Catarina para o Bagatella, passar muitas horas na cozinha do Coentro, dar trela aos clientes, e ponto final. Depois fazemos uma festa de inauguração do apartamento, só nós as três e as nossas filhas, vale? Sem homens.

O ambiente estava prestes a tornar-se outra vez um bocado mais festivo quando, de repente, Vi enrugou a testa e pousou o copo na mesa.

Ouve lá, Barbinha. Então e o Luciano?

O Luciano?

Bárbara Emília enrugou também ela a testa, e também ela pousou o copo na mesa. Acendeu outro cigarro, ficou algum tempo a olhar para o fumo, e depois encolheu os ombros. Quando voltou a encarar as amigas, estava com lágrimas na voz.

O meu mano não aceita compromissos, queridas. Nem aceita exigências. Cada um escolhe o seu destino. Eu estou cansada. Não posso continuar a enfernizar a minha vida para proteger a vida dele.

É a primeira vez que te oiço dizer isso, Bárbara.

Mas é verdade. Enchi o saco. O meu mano que trate de si próprio, que bem pode.

Tens uma certa razão, ponderou a Vi.

Luciano era o problema central do empório Coentro desde o passe de capa espectacular marcado pela entrada em cena dos accionistas do Pateo Bagatella.

Um alentejano meio frique, declaradamente consumidor de qualquer coisa, que se recusava a participar em reuniões. E que só aparecia em Lisboa quando estava para aí virado. Além de que nunca ia às festas, nem nunca fazia nada antes das duas da tarde a menos que estivesse de directa.

Aquilo talvez fizesse sentido no contexto do Seixal, explicaram eles desde o princípio das obras às duas sócias, uma irmã e outra sobrinha do tal indivíduo problemático. Se as coisas na Margem Sul corriam bem assim, deixá-las correr. Mas numa grande metrópole a abarrotar de espaços criativos, alternativos, inovadores, provocatórios? Mostravam-lhes catálogos com fotografias sumptuosas de outros projectos, folhetos engenhosos em que outros designers anunciavam outras festas, portfolios de decoradores de interiores, especialistas de tecidos, jovens génios dos novos materiais, animadores insuperáveis de grandes acontecimentos, proprietários de estúdios que tinham talentos surpreendentes e bandas sonoras diferentes para dar e para vender.

Vitória, Bárbara, nós para criarmos verdadeiramente um nome aqui em Lisboa precisamos de um bom team de gente desta associado a nós. E temos que entregar a sua coordenação a um relações públicas com uma grande carteira de contactos.

Bárbara estava infinitamente agradecida ao irmão por todos os prodígios decorativos e criativos conseguidos no Seixal. E, sobretudo, estava perfeitamente consciente da importância que tinha para Luciano sentir-se parte de uma aventura excitante onde as suas ideias eram aplaudidas e apareciam mesmo feitas. Bateu-se com unhas e dentes pela manutenção do status quo.

Enquanto ela e a Vi fossem as proprietárias, o decorador, e designer, e criativo, era o Luciano. E havia de vir fazer as suas coisas a Lisboa sempre que elas assim o entendessem.

Isto, na altura, deu tanta luta que o negócio esteve quase para ficar inviabilizado.

Luciano soube de uma parte mínima destes problemas pelo relato soturno de Joaquim Peixoto. Era o género de coisa que podia perfeitamente ter lhe dado para a depressão. Mas, por acaso, dessa vez, ali no calor da refrega, deu-lhe antes para se encher de brios. Quando as obras ficaram prontas depois de muitas tensões entre Bárbara e os homens das gravatas, e de ainda mais reuniões convocadas de urgência para o pequeno-almoço porque já ninguém tinha espaço livre na agenda para mais nada, o mano mais novo organizou uma festa de abertura que fez o regalo de todas as revistas de festas.

Vieram de toda a área em torno de Beja contingentes espectaculares de rapazes e raparigas cheios de vontade de festejar, e de Londres veio a Mitó com mais duas amigas do trance que também faziam body painting. A Vi desencantou algumas assistentes para o trabalho em dois ou três salões de beleza do Fogueteiro, e ainda se juntou ao grupo a mulher de um dos angolanos das obras que entretanto fizera amizade com Luciano, produtora de perucas e extensões daquelas todas entrançadas, salpicadas de brilhantes.

Com esta equipa de suporte assim constituída, pintaram-se então os corpos da juventude alentejana com temas alusivos a espigas, bolotas, sobreiros, pastores, porcos, cortiça, girassóis, pratos do Redondo, barros vermelhos, minas, castelos, conventos, cruzes, paredes brancas, barras coloridas, cadeirinhas de palha, capotes, cajados, e céus inclementes de verão. Forraram-se as paredes a pano cru, interrompido aqui e ali por blocos enormes de ardósia. Fizeram-se incidir sobre elas cores que iam da aurora ao ocaso, e a seguir havia noites com vias lácteas claríssimas, por onde apareciam às vezes luas viajantes e estrelas cadentes.

Dois amigos de Luciano que tinham um estúdio numa cave de Montes Velhos fizeram-lhe uma fita onde fragmentos sabiamente escolhidos de cantares tradicionais se dissolviam em harmonias mínimas repetitivas, ocasionalmente entrecortadas por segmentos dos CDs de trance que a Mitó trazia sempre consigo, e que nunca parou de ouvir enquanto esteve a trabalhar.

Oh, Bárbara, suspirou a Pepa, que foi a primeira a passar a porta. O seu mano é mesmo um mágico.

Bárbara estava radiosa, a distribuir abraços, beijinhos, e apertos de mão logo à entrada, também ela vestida com as cores da terra, numas composições de linho e seda que escorregavam bastante, e que revelavam tudo o que deviam.

O truque da juventude alentejana seduziu de uma só vez o spleen de Lisboa. Aqueles meninos eram alegres demais para estarem ali só a executar uma tarefa. E eram sensuais demais para estarem conscientes disso mesmo.

Também deu um certo colorido acrescido à cena estar lá presente a rapariga feia que muitos anos antes chegara a aparecer brevemente nos jornais a incriminar-se do assassinio de um mecânico alemão. E Mitó continuava a dizer a quem quisesse ouvi-la que sim, era verdade. Quem matou o Helmut.

Sou uma mulher a quem Baleizão tirou tudo. Até o direito a ter cometido o crime que mais queria cometer no mundo.

Umas revistas e jornais ainda voltaram a reproduzir fotografias dessa festa quando chegou o fim do ano e foi preciso fazer a selecção, em quadradinhos justapostos, dos acontecimentos mais marcantes dos últimos doze meses.

Com uma entrada destas, Bárbara e Vi partiram do princípio de que a soberania de Luciano sobre o look do Coentro estava mais que assegurada.

Mas os accionistas eram duros de roer.

Uma coisa era um tipo com o curso de Regente Agrícola e muita imaginação vir da Cuba e desenrascar uma performance, insistiam eles já daí a uma semana. Outra coisa, muito diferente e muito mais complicada, era esse mesmo espontâneo da Cuba, sem horas certas nem redes de contactos, manter o Coentro em perfeita sincronia com o espírito da renovação das zonas antigas de Lisboa, numa cidade cheia de doutorados na matéria que pertencia a um mundo onde já tudo tinha sido inventado.

O seu irmão, Bárbara, tem muito talento. Mas não é previsível. E, sobretudo, não é consensual.

Peço-lhe imensa desculpa, mas um pronto-a-comer não pode ser uma sede da revolução permanente.

Não há maneira nenhuma de um pronto-a-comer não ser consensual e poder dar lucro, percebem?

Além de que o seu irmão não conhece ninguém. Como é que quer que ele arranje descontos? E permutas? Vocês podem arruinar-se, se quiserem. Mas, a partir do momento em que o dinheiro é nosso, nós não podemos ficar a assistir de braços cruzados.

Vi fazia um sorriso mordaz, declarava que já tinha percebido que estava ali a mais, porque, para aturar homens com quem não se consegue falar, já tinha muito que aturar lá em casa.

E saía.

Bárbara discutia, discutia, discutia.

Enquanto a empresa foi delas e deles, conseguiu sempre proteger as ideias e os trabalhos do irmão.

Mas agora estava no Moinho do Cabo da Roca, a olhar para o pôr-do-sol, enquanto rodava devagarinho um copo entre os dedos, e a dizer às duas amigas que se tinham transformado em companheiras de aventura que não queria discutir mais com mais nenhum homem de fato e gravata. Queria voltar à casa zero. Cozinhar. Inventar. Conversar. Ouvir. E ter tempo. E ter paz.

Só vou viver uma vez. A Catarina tem doze anos. Eu já não volto a ser mãe. Quero estar sossegada com a minha filha. Eu preciso de estar com ela. Não quero que ela cresça à deriva. Ela já viu que chegue, já ouviu que chegue, já calou que chegue. Não quero que ela pense que o que já aturou é normal, e que o amor de um casal é para viver à balda e tratar com sete pedras na mão. E, já agora, quando for para a cama, também quero não estar tão cansada que não consiga nem ler uma página de um livro.

Já mereço.

Tu tens razão, Barbarella. Mas nós vamos deixar o Luciano pendurado? Se forem aqueles homens a tomar conta de tudo menos do serviço, já sabes que o põem a milhas.

Não é assim tão mau, Vi. No Seixal, acho que eles não vão meter muito o bedelho.

Mas oh Barbarella, tu desculpa, eu não tenho mão no teu mano. Tu consegues sempre metê-lo na ordem, mas comigo a conversa é muito diferente. Se eu vou ficar sozinha no Seixal, a tentar trabalhar com ele, não tarda muito estou doida de todo. Não vai dar. É assim: não vai dar. A minha mais velha está a acabar Decoração de Interiores nas Novas Direcções, e bem nos dava jeito a todos que ela ganhasse umas massinhas. Não tem a inspiração do Luciano, nem aquela criatividade especial dele, mas é certinha e trabalha bem. Tenho pena, Bárbara. Tenho muita pena. Mas, para eu ficar a gerir o Seixal sozinha, só se for com a minha filha. Com o Luciano não consigo.

Bárbara ficou tão séria, tão calada, quase pálida, quase trémula, depois de ouvir a Vi, que a Pepa se sentiu na obrigação de subir o astral da amiga. Agarrou-lhe ternamente no braço, a tentar trazê-la de volta ao Moinho.

Oh menina, querida, também não é o fim do mundo, ouça lá. Então e quando nos pedirem festas em Lisboa e em Cascais, nós não podemos mandá-lo chamar? Claro que podemos.

Bárbara mordeu o lábio inferior.

Olha, Pepa, isto é assim. Esta semana, eu fechei um acordo com o teu marido. É esse acordo que vai permitir-me viver no Bagatella, e não ter que estar sempre a trabalhar em coisas de que eu não gosto. Agora, esse acordo estabelece, com toda a clareza, que as festas de Lisboa e Cascais já não são nossas. Vocês passaram-me a procuração para não terem que grammar reuniões, e deram-me licença para assinar tudo. Não foi? Então pronto, eu assinei. Concessão de organização de festas. Nós fornecemos a comida, mas o resto agora é...

Calou-se.

Então, menina?

Bárbara sacudiu a cabeça.

As festas agora são do Quico Vaz Guedes. Está entendido?

A Vi olhou para a Pepa.

A Pepa arregalou os olhos.

O meu sobrinho dos karts? O que casou com a Joaquina dos Burneys.

Sim, ele...

Pois. Ele nunca organizou uma festa na vida, aliás nunca fez nenhuma a não ser brincar às corridas.

Mas é teu sobrinho. E, portanto, é sobrinho do teu marido. Que, por acaso, é padrinho da Joaquina dos Burneys. E o Quico e a Joaquina não podem casar e ter filhos sem alguém lhes arranjar um emprego qualquer. Ah, e não se esqueçam. Eles têm imensos, imensos, imensos contactos. Prontos, meninas, é assim. O Luciano foi sumariamente substituído pelo sobrinho da Pepa em tudo o que diga respeito ao lado de cá do rio. E, como a Vi também não o quer no Seixal, por razões perfeitamente sensatas que ela nos explicou muito bem, o meu mano acaba de ser despedido por minha causa. Não preciso de repetir, pois não? Estou a ficar enjoada com esta conversa. Completamente enjoada.

Ai, suspirou a Pepa. Estou tão triste.

Parece mesmo o fim de uma festa, sussurrou a Vi.

Pois, murmurou Bárbara Emília, a falar cada vez mais baixo. Durante mais de doze anos, quem andou com esta festa às costas fui eu. Mas eu não sou a supermulher. Estou cansada. Por favor, não me peçam mais.

«Uma casa no campo»

No fim da semana Sebastião Curto já tinha duas dezenas das melhores fotos em disco, todas elas devidamente legendadas pelo seu próprio punho dentro do estilo descarnado da grande reportagem de crime à americana: apenas a indicação precisa da hora, e uma descrição sucinta de qual era o aposento fotografado e de que ângulo fora tirada a fotografia. Foi nessa altura que Bárbara desistiu de tentar fazer mais espionagem nas altas esferas, aceitou ter que descer o alvo uma boa dúzia de furos, e lhe telefonou para pô-lo ao corrente da parte da conversa com o Rui Manuel referente à possibilidade alternativa de se publicar a história na Mulher Dinâmica.

Sabia perfeitamente que essa nunca seria a primeira escolha do fotógrafo, por isso guardou o trunfo secreto mesmo até ao fim, quando percebeu que não havia esperança de furar o sistema a partir da linha da frente.

Ouviu logo uma série de berros ao telefone à simples menção daquela história ímpar, fotografada em condições irrepetíveis, ser relegada para o universo deliberadamente falso e despoticamente prefabricado das revistas femininas.

Mas o Rui Manuel disse que as revistas femininas tinham muita leitura nos consultórios e nos cabeleireiros, Sebastião.

E tu és tão alentejana que nem sequer percebes que só dizer isso já é degradar o nosso trabalho, é?

Não me batas a mim, que não tenho a culpa. Estou só a tentar ajudar-vos a ganharem o vosso dinheiro, e faço tudo o que posso.

Bárbara, não gozes comigo. Comigo não, ouviste? Já comi muitas meninas espevitadas como tu ao pequeno-almoço.

Desculpa, tu estás a falar comigo dessa maneira porquê?

Sabes porquê? Sabes porquê? Porque o maior disparate que eu fiz na vida foi prometer-te que, se a gente ganhasse muito dinheiro nisto, eu já podia ampliar o gajasnuas e nessa altura dava emprego ao teu querido Quim. Foi ou não foi? Eu nem queria ter um enconado como ele a fazer-me peso em cima, tu conseguiste dar-me a volta. Agora estás tão obcecada com essa parte da história que já vendes o meu trabalho ao desbarato para as tuas amigas acéfalas lerem no cabeleireiro. Olha, sabes o que é que eu te digo? Vê se consegues uns saltos ainda mais saltos e espetar ainda mais as mamas para fora, caraças. Vai lá ter

com o teu Rui Manuel e faz-lhe um broche um bocado mais bem feito que o último, a ver se ainda conseguimos pôr esta merda na Actualidades com alguma dignidade. Tu até tinhas fama de seres boa na cama. O que é que te aconteceu? É da idade? Já começaste a perder os teus talentos?

Bárbara desligou-lhe o telefone na cara.

Sebastião telefonou-lhe a pedir desculpa cinco minutos depois.

Ela estava a chorar tanto que nem conseguia falar.

Desculpa, miúda. Por favor. Desculpa. Eu sou uma besta, e tu és um anjo que nem devia andar a sujar-se com a trampa deste mundo. Desculpa. Tenho um monte de directas em cima, ando a fumar e a beber mais do que a conta, já tive que mandar não sei quantas quecas seguidas à Leninha para ver se ela sossega, estou numa pilha de nervos, a minha vida está mais chata que o Céu num sábado à noite, e já não tenho idade. Sabes o que é que eu queria mesmo fazer com o dinheiro? Queria ir viver sozinho para uma casa muito velha no campo, e pronto. Deixar-me ficar lá sossegado com a lareira acesa e uma data de cães à minha volta. Ah, e com um casal de russos para me tratarem das limpezas e dessas coisas, como se usa agora. Desculpa. Estou farto. Mas não tinha nada que despejar-te com este peso para cima.

Bárbara não precisou de ouvir mais para se prontificar imediatamente a ir ter com ele.

Numa das travessas por trás da Rua do Norte, havia um cafezinho de mobílias claras e design escandinavo que fazia os seus próprios croissants e estava aberto ao domingo.

Bárbara ainda lacrimejou mais um bocado no ombro de Sebastião quando finalmente deu com o sítio. Já nem era pela ideia de ir de saltos ainda mais altos e mamas ainda mais de fora fazer broches ainda melhores ao Rui Manuel. Era mesmo aquela imagem da casa velha longe de tudo, com os cães e a lareira acesa.

Sebastião encheu-a de beijos, voltou a pedir-lhe desculpa, e depois esmigalhou o resto do seu cigarro com toda a força no cinzeiro.

Foi a imagem daquelas capas especialmente foleiras que eles se requintam a inventar para a Mulher Dinâmica que me deu a volta ao estômago, princesa. Ainda por cima, nessa porcaria, a nossa história, se sair, só sai daqui a mês e meio.

Bárbara Emília encolheu os ombros.

Deixa. Assim como assim, ainda não saiu absolutamente nada sobre o assunto na Comunicação Social.

O quê?

É verdade.

Como é que tu sabes?

E tu como é que havias de saber, se estás desde o meio dia de sábado passado fechado na câmara escura, ou agarrado ao computador, ou a conspirar pelo telemóvel com uns meninos espevitados, ou enfiado na cama com a Leninha?

Isso também é verdade. O raio da mulher. Para onde lhe haviam de dar os nervos. Estou todo chupadinho, palavra de honra. E ela, de cada vez que acorda, quer mais. Bem, ouve, que seca. Agora para o fim já era só meter Viagra, pegar, e andar. Quanto mais depressa, melhor.

E então? O que é que vais fazer?

O que é que eu vou fazer a quê?

À Leninha, homem.

Ouve. A coisa estava a ficar de tal maneira descontrolada que cheguei a pensar deitar-lhe uma catrefada de Morfex para o leitinho. Ah, pois, porque a seguir sua alteza queria sempre um leitinho quentinho com chocolate. Coitada. Também parece que, antes do divórcio, o camarada Valentim há já uns bons dois anos que não lhe tocava. Deve ter sido quando começou a andar com a outra. A beta.

As coisas que tu sabes. Qual beta?

Só sei o que a Leninha me contou, pá. O Valentim, que eu vi tão apaixonado com os meus próprios olhos, pôs-lhos com uma filha de um ministro que a Leninha diz que até ao domingo, dentro de casa, está sempre de saia pelo joelho e botas de cabedal de salto alto, e biqueira de matar baratas ao canto do quarto. Enfim. O meu amigo foi fazer segurança ao governo e teve que trocar a moçoila da aldeia por uma beta com padrinhos em São Bento. O poder dá a volta à cabeça de toda a gente, não é?

Não. Toda a gente não.

Boa, princesa. Se tu não resistisses, também já ninguém resistia. Olha lá para mim nos olhos e diz-me a verdade, que a mim podes dizer tudo o que quiseres: é mesmo verdade que conseguiste tudo o que querias do Rui Manuel sem nunca ires para a cama com ele?

Bárbara Emília corou até à raiz dos cabelos e pôs-se em pé num ímpeto de cólera.

Oh Sebastião.

Ele puxou-a para baixo.

Desculpa, princesa. Mas é que é o que toda a gente diz.

E tu acreditas? Essas pessoas, que provavelmente nunca se mataram a trabalhar na vida, tu não sabes onde é que lhes dói?

Sei. Mas às vezes vêm contar-me as coisas com tantos requintes de pormenor que até eu fico na dúvida.

Sabes como é que a gente ganhava dinheiro? A malta publicava mas era um livro sobre a minha vida sexual. Tinha era que vender imenso logo à saída, porque senão as pessoas punham-se a ler aquilo e bocejavam logo de tédio,. E agora que já falámos dos meus problemas, podemos voltar aos problemas da Leninha?

Sebastião passou a mão pela cabeça com um suspiro cansado.

Ai, a Leninha. Pois, a seguir ao divórcio, aquilo na sua nova vida parece que também não tem sido assim particularmente trepidante. Quer dizer, dá a ideia que a noite de sexta-feira passada foi a primeira emoção forte que a pobrezinha teve em muitos anos. De maneira que, vai daí, pronto, chupou-me até ao tutano. Antes de vir para aqui arranjei finalmente coragem para ter uma conversa muito delicada com ela, e já fui depositá-la sã e salva na sua casinha da Malveira.

Foste e vieste muito depressa, olha lá.

Com certeza. Só do alívio, o carro até tremia todo.

Acendeu outro cigarro, e depois franziu as sobrancelhas.

Mas realmente, tu tens razão. Com tudo isto, estive completamente a leste do que se dizia no país. Não saiu nada sobre o crime em lado nenhum? Mas eu vi tantos carros das rádios e das televisões a chegarem...

Olha, eu não sou nada de acreditar em conspirações, mas isto até parece uma. Assim que o Quim falou comigo no sábado passado, pus a Catarina e os amigos dela de vigia a todos os canais. Eu, sempre que vou no carro, e enquanto estou sozinha em casa ou no Coentro, só salto na rádio de posto para posto. A Vi tem estado a comprar e a ler os jornais e as revistas todos. Nada. Nada. Silêncio absoluto. Quer dizer. Por junto, saiu uma coisa pequenina no Público de segunda-feira, mas quanto menos se falar disso melhor.

Sebastião espetou as antenas.

Porquê? Era a dizer o quê?

Nada do que a gente sabe. Pela maneira como estava contado, aquilo parecia mais um gesto de... espera, o Frederico Guilherme, um amigo meu que é psiquiatra, uma vez disse-me que isto tinha um nome.

Tu tens amigos psiquiatras?

Eu sou amiga de toda a gente.

Tem cuidado, Bárbara. Esses gajos são perigosos.

Obrigado pela atenção, mas eu sou maior e vacinada e já há muitos anos que deixei de chamar pela mãezinha. Olha, já me lembrei, isto em psiquiatria chama-se um crime altruísta. É quando uma pessoa mata a outra para a salvar.

Essa pessoa é psicótica, claro, mas dessa parte o artigo do Público não fala. Diz só que o pobre juiz, um homem tão recto e tão firme, um candidato tão importante à Presidência da República, matou o filho para ele não ter que vegetar mais naquele estado humilhante, e depois matou a mulher para ela não sofrer mais com os remorsos de ter posto o filho naquele estado. E depois matou-se a si próprio, porque era um homem justo e considerou que essa seria a única saída honrosa. Também era um homem muito católico, e deve ter pensado que ia juntar-se à família no Céu.

Dizia lá isso?

Dizia que ele era muito católico. O resto disse eu agora, porque só de pensar nesta conversa mole fico pior que estragada. Já viste bem? Uma perda grave para o país, dizia a notícia. Uma perda grave para o país, estás a ver, um gajo que é completamente psicótico e há uma data de tempo que anda a torturar a mulher?

Já disseste psicótico duas vezes. Deves passar muito tempo com esse psiquiatra perigoso. Oh, perdão. Odeio falar mal diante de senhoras, e esta do psiquiatra perigoso é uma redundância.

Tens muita graça. Não, uma vez houve alguém lá no Centro do Seixal que disse que o Quim era psicótico, e eu fui perguntar ao Frederico se isso era verdade.

Frederico. Género da Prússia. Deve cheirar imenso a Acqua de Giò.

Oh Sebastião.

Então tu andas metida com um senhor chamado Frederico?

Porra. Melga. Larga o osso. Só fui lá perguntar-lhe o que é que era exactamente um psicótico, para ver se era algum problema do Quim que a gente pudesse tratar.

E ele, como é muito teu amigo e se preocupa imenso com a tua família, deve ter-te agarrado na mãozinha e sugerido tratar-se antes do Quim com camisas de forças e electrochoques, não?

Eh pá, Sebastião. Eu estou a tentar falar contigo a sério, e tu só mandas bocas foleiras sobre um homem que não conheces e que nunca te fez mal nenhum?

Não me fez mal nenhum? Não me fez mal nenhum? Ora essa. Antes de mais nada, já percebi que é um homem que tu adoras, e por isso já estou cheio de ciúmes. Ainda por cima, como tu o adoras e ele é psiquiatra, tenho a certeza de que ainda vai fazer-te mal. Muito mal, mesmo. Estou só a avisar-te. Quando precisares de um ombro para chorar, lembra-te de que o meu está aqui a jeito. Odeio esse Frederico.

OK. Fixe. Fica-te na tua. Assim também já não te explico o que é um gajo psicótico. Mas pelo menos já estás informado de que a única coisa que saiu até agora sobre o crime do juiz, que era obviamente um gajo completamente psicótico, foi uma peça piedosa sobre o crime altruísta de um grande homem que vai fazer muita falta ao país. Já viste bem o país que a gente tem?

Vejo melhor em cada dia que passa.

Achas que há uma conspiração?

É provável.

Mas de quem? Porquê?

Assim de repente, com toda a franqueza, não sei. Mas o que sei é que, havendo a possibilidade de estarmos metidos no meio de uma conspiração, o melhor que eu tenho a fazer é ir imediatamente para casa enfiar os negativos no cofre. Tenho tudo pendurado na câmara escura, mesmo à mão de semear, e quando é só para vir à rua tomar café deixo sempre a porta só no trinco. E a gente ainda não perdeu completamente a esperança de termos aqui uma mina de ouro, e com coisas sérias não se brinca. Anda. Agora que aquela ventosa daquela pobre Leninha já saiu de cena e já não estou distraído, vamos começar a tratar o nosso material com mais cuidadinho. Depois logo estudamos esta interessante hipótese da conspiração.

Passou o braço por cima dos ombros de Bárbara Emília, e fê-la ir quase a correr até ao antigo armazém de bananas da Rua do Norte.

A porta da rua estava escancarada.

Tu saíste de casa e deixaste a porta assim, meu grande tonto.

Sebastião Curto já tinha visto o clipe enfiado na fechadura.

Merda.

Entrou pela casa dentro a correr, e Bárbara seguiu-o como pôde pelo meio da confusão impressionante de um sítio onde um homem sozinho vivia e trabalhava, e há vários dias que não ia à cama a não ser para socorrer as necessidades imperiosas de uma mulher deixada para trás na escalada social de um polícia.

Só existiam três janelinhas viradas para as traseiras, e a confusão parecia ainda mais monumental a emergir aos bocados da penumbra.

Bárbara tropeçou num cinzeiro deixado no chão, depois num escarrador antigo cheio de beatas velhas, depois numa pilha de caixas de papel fotográfico de várias qualidades tapada por toalhas de banho e restos de peúgas e camisolas. Encontrou a câmara escura guiada pelos berros coléricos do fotógrafo.

Os negativos tinham desaparecido sem deixar rasto.

Sebastião, gritou-lhe Bárbara Emília a abaná-lo com toda a força para tentar acalmá-lo. Sebastião, volta já para a Terra. Volta para a Terra, homem de

um cabresto, que agora estares aos berros não vai servir-nos de nada. Ouve lá, tu não me disseste que já tinhas todas as melhores fotos em disco, devidamente retocadas, com as legendas feitas e tudo?

Ele parou de berrar.

Disseste ou não disseste?

Disse, ofegou ele.

Então isso quer dizer que processaste as fotos no computador, certo?

E então?, rouquejou ele.

E então, meu grande boi? E então? E então, se as processaste no computador, elas ainda estão todas no computador, ou sou eu que sou alentejana?

Sebastião Curto largou um berro de características diferentes dos anteriores, beijou Bárbara Emília nos lábios com toda a força, e foi a correr para o computador.

Ela voltou a orientar-se pelos impropérios dele para encontrar o sítio na penumbra confusa.

O computador estava todo espatifado.

Se não tinham feito aquilo à machadada, parecia.

Catecolamina

Designação genérica das substâncias aparentadas, com acção simpaticomimética, que incluem a adrenalina e os seus precursores, derivados e metabolitos.

Por junto, Luciano soube das decisões de Bárbara quando recebeu um telefonema da secretária de Rui Manuel. A comunicar-lhe que os seus serviços para o empório Coentro estavam dispensados, na sequência de uma reestruturação de base dos organigramas.

Dois dias depois, Luciano telefonou a Joaquim Peixoto e passou por Queluz a buscá-lo para irem a uma discoteca de quizombas na Madorna.

Já estava encharcado em coca quando apareceu, e passou a noite a beber tudo o que lhe punham à frente, e a meter todas as drogas que circulassem na pista.

Perdi a minha irmã, Quim.

A minha irmã foi devorada pela globalização.

Perdi tudo.

Vamos todos perder tudo.

Acabou, estás a ouvir? Acabou.

Este mundo, agora, é todo feito nas nossas costas. E a gente nem sabe por quem. Ninguém sabe. Só sabemos que não valemos nada. Está tudo à venda. E gajos como nós, Quim, são gajos que estão tão à venda como os outros. Estamos em saldo e tudo. Só que ninguém quer comprar nos. Percebeste?

Estas afirmações eram corroboradas a espaços pelo Andrezinho da segurança. Uma montanha de músculos, fugida de Moçambique na sequência de umas transas pouco claras que envolviam a caça clandestina e a África do Sul, que aparentava ter dois metros e meio, e que, fora das horas de serviço, era nadador-salvador numa piscina pública.

Eu, quando cheguei, passei cinco anos só a fazer segurança para políticos, comentou a certa altura o Andrezinho, depois de ter ouvido, impávido e sereno, mais um dos discursos do Luciano. Nacionais e estrangeiros, quando eles vinham cá. Tinha que estar sempre em cima deles, nos restaurantes, nas festas, nos carros, às vezes até me queriam com eles na cama e nessas alturas pagavam-me do bom e do melhor. Vi de tudo. Ouvi de tudo. Entendi demais. Vim-me embora porque não quis ter de entender mais nada. Sabem uma coisa? Deixei de votar. Nunca mais na vida. Não vale a pena. É tudo igual. E é tudo

mau. Quer dizer, a sério, é tudo dez vezes pior do que até um contrabandista como eu imagina.

Muito mau, mesmo.

Joaquim Peixoto tinha dificuldade em perceber como é que Luciano perdera a irmã exactamente no mesmo dia em que ele perdera a mulher. Também tinha alguns problemas em decifrar o sotaque do Andrezinho. Além de que tinha dores nos olhos de tanta luz preta. Já chegara à discoteca com zumbidos nos ouvidos. Não sabia nada de quizombas. Concordava plenamente que estava tudo perdido. E misturava o que houvesse para beber com Ataraxes e Lexotans e Prozacs à vontade.

Saíram dali os dois às quatro da manhã, ainda com intenções de errarem rumo a Sintra sem destino preciso, para verem nascer o sol do alto de um penhasco onde não se visse a ponta de um telhado nem se ouvisse uma voz humana. Talvez acampassem por ali durante uns tempos. Enquanto durasse o dinheiro.

Luciano bateu nuns carros estacionados, raspou outros, entortou o seu próprio espelho, confundiu a primeira com a marcha atrás, e, quando começou finalmente a guiar, tratou de enfiar-se desde logo numa rua de sentido único. Assim mesmo, contra um mar eriçado de faroladas e buzínadelas e imprecações, como numa declaração inequívoca de princípios. Isto incitou-os a rir com raiva e a debitar palavras com desprezo. E foi assim que atacaram as rotundas dos subúrbios, com as suas esculturas modernas sem nexos e os seus feixes improváveis de repuxos iluminados, por entre as travagens escandalizadas dos condutores raros que por acaso ainda iam sóbrios.

Havia um letreiro enorme à beira da estrada. Tinha o número e a autorização de uma empreitada. Estava instalado no meio de um baldio todo passado a bulldozer, onde ia erguer-se mais uma floresta de torres com vista para a auto-estrada. Os artistas invisíveis da noite deixaram-no todo coberto por um graffiti com vários olhos muito abertos, várias gotas de suor, e várias línguas fora da boca, intitulado, a letras garrafais em violeta e laranja fluorescente,

THE WORLD IS NERVOUS.

Os dois amigos riram com escárnio e seguiram em frente.

Viam as placas com os nomes das terras a aparecerem e a desaparecerem no meio de um grande nevoeiro. Viam por todo o lado prédios horríveis e andaimes de novas construções a eriçarem-se contra o céu. O apocalipse parecia ainda mais demente à luz dos faróis. E Luciano ia sem cinto, com a janela toda aberta para escarrar à vontade.

A última placa que viram dizia Talaíde.

Depois Luciano entrou fora de mão numa curva cega, e deu de frente com uma furgoneta de hortaliças que já tinha começado o caminho matinal para o mercado de Cascais.

O carro capotou duas vezes antes de aterrar no leito seco de uma ribeira.

Luciano foi cuspidor pela janela. Só o encontraram na manhã seguinte, enterrado num monte de silvas, combalido e rasgado e ensanguentado, e muito sujo do sumo das amoras, mas com tudo inteiro. Ainda estava capaz de, mesmo na maca, ir dizendo umas verdades aos repórteres sobre o jogo sem vencedores que se jogava no mundo.

Joaquim Peixoto ficou preso dentro do carro.

Quando os efeitos especiais acabaram, a primeira coisa em que reparou, e diga-se desde já que com alguma pena, era que não estava nem morto nem inconsciente. Mas devia estar completamente partido, porque, à medida que os minutos passavam, doía-lhe o corpo todo cada vez mais. Gemia de dores quando chegou a ambulância.

Compadecido, o enfermeiro espetou-lhe uma agulha na veia e injectou-lhe uma dose generosa de um analgésico desconhecido.

Joaquim Peixoto nunca mais quis outra coisa na vida.

Não precisou de mais de duas ou três perguntas, durante os dois ou três dias em que esteve no hospital, para descobrir que aquela nuvem miraculosa de paz e de alívio que o invadira com a injeção estava guardada dentro das farmácias, no segredo de uns comprimidos brancos chamados Paxilfar.

«Sou o Robin dos Bosques»

No meio de tanta confusão, Bárbara Emília não tinha grandes ilusões sobre alguém se lembrar de que esse domingo era o dia em que ela fazia quarenta e dois anos.

A Catarina Eufémia agora andava dedicadíssima ao Takwondo dos Bombeiros Voluntários de Alcabideche, porque no fim do mês ia fazer provas para subir de cinto. O treinador era um jovem deputado do Partido Popular, com ar de menino que acabou de fazer a Comunhão Solene. Um sobrinho da Pepa, com uma especialização europeia em Direito Internacional, e um currículo onde já constava a candidatura recente à Câmara de Oeiras. Estava sempre tão sobrecarregado de deveres partidários e pareceres europeus que só conseguia concentrar toda a sua atenção na filha bonita da tia Barbie aos sábados à noite.

Ou seja, agora, ao domingo de manhã, a Catarina Eufémia estava sempre a dormir um sono feliz e profundo.

Bárbara Emília foi espreitá-la à porta do quarto, sorriu embevecida para aquele mar tranquilo de cabelos encaracolados e de confiança no destino, e depois afastou-se em bicos dos pés.

A mãe telefonou-lhe da Cuba logo pelas sete. Tiveram uma com a outra uma conversa carinhosa repassada de saudades e de mimos, em que Bárbara teve por vezes um aperto na garganta porque quase sentia o aroma do pão torrado, e do café de cevada, a chegar do outro lado da linha. Durante a manhã ainda lhe telefonaram a Vi e a Pepa, que queriam por força organizar um jantar à maneira para essa noite, e até ameaçaram raptá-la. Bárbara insistiu que não queria festa nenhuma. E até disse que, de qualquer maneira, estava muito ocupada nesse fim-de-semana. Repeliu à bruta, com as suas melhores gargalhadas de alma leve, as especulações delas sobre o felizardo que andaria a mantê-la ocupada.

A verdade é que não conseguia deixar de sentir um estremeção no peito de cada vez que tocava o telemóvel.

Ora. O Frederico Guilherme nem sequer sabia quando é que ela fazia anos.

Aos domingos o Coentro fechava depois de almoço, e, quando foi ter com o Sebastião Curto ao café dos croissants ao pé da Rua do Norte, Bárbara resolveu desligar mesmo o telemóvel. Ao menos assim escusava de andar com estremeções no peito.

Por isso só foi ver se tinha mensagens quando já estava metida no carro, de regresso ao Jardim das Amoreiras depois daquele episódio aparatoso na caverna do fotógrafo. Tremiam-lhe tanto as mãos e as pernas que nem ela própria poderia perceber se era por causa dos negativos roubados e do computador destruído à machadada, ou se era por causa da esperança vã, e completamente idiota, de ter uma mensagem de parabéns do homem da bomba nove.

Claro que o psiquiatra não sabia quando é que ela fazia anos. E mais devia achar completamente piroso dar os parabéns às pessoas.

Mas havia um brinde.

Uma mensagem de parabéns do mano Luciano.

Bárbara ficou tão comovida, tão feliz, tão redimida, tão imediatamente transbordante de carinho, que só reparou que já tinha caído o verde quando a rapariga do Corsa branco que acabou por estacionar atrás dela perdeu a paciência e desatou a buzinar.

Mana, dizia a mensagem, com aquele sotaque dolente da Cuba de que ela já tinha tantas saudades. Mana, tu ficas mais linda em cada ano que passa.

Muitos parabéns, mulher. E muito obrigado por me teres dado com os pés naquela altura. Eu andava parvo. Alguém tinha que acordar-me. Só podias ser tu, bonita. Mais ninguém neste mundo tem tomates. Tenho-te seguido com muito orgulho. Estou porreiro. E estou cheio de saudades tuas. Se já me perdoaste, telefona-me. Vá, um beijo muito grande. Ah. Percebeste que é o teu mano Luciano? Ainda te lembras dele?

Bárbara agarrou-se desesperadamente às teclas para responder à mensagem.

Estava tão excitada que achou melhor estacionar em cima do passeio com os piscas ligados.

Quando ouviram a voz um do outro, desataram os dois numa euforia de gritos e risos, que durou uns bons cinco minutos e se revelou completamente ininteligível. Bárbara foi a primeira a recuperar a capacidade de utilização da linguagem articulada, ainda a secar os cantos dos olhos com os dedos.

Onde é que tu estás, maninho?

Eu? Na Madorna.

Na Madorna?

Pois, maninha.

Mas quer dizer, tu vives na Madorna?

Ele riu-se, com um riso que revelava haver naquela história uma boa quantidade de segredos emocionantes.

Às vezes vivo, maninha. Quando a minha missão no mundo assim o exige.

A tua missão no mundo, maninho?

É verdade, maninha. O teu Luciano, aquele artista bardino que se encharcava em coca e não fazia nenhum, encontrou finalmente a sua missão no mundo.

Ai, mano. Estou tão contente. Ai, estou tão contente. Ai, quem me dera já estar ao pé de ti para te encher de beijinhos. E é o quê, diz lá, a tua missão no mundo?

Sou o Robin dos Bosques.

O quê?

É verdade, maninha. Roubo aos ricos para dar aos pobres.

Estás a gozar.

Não. E depois conto-te. Ando a fazer justiça pelas minhas próprias mãos, a sério. Quando é que a gente se encontra?

Ai pá, já. Já. Anda a correr para minha casa. Podes? É? Mais logo? Então anda, anda assim que puderes. É o catorze quarto esquerdo. Catorze quarto esquerdo. Um beijo, mano. Um beijo grande. Anda depressa.

Seguiu para casa a cantar o vamos nós saindo por esses campos fora, e ainda vinha a repetir que a manhã vem vindo nos braços da aurora quando fechou a porta da garagem e chamou o elevador. Mas nessa altura saiu-lhe a Catarina Eufémia, excitadíssima, ofegante, delirante, da última curva dos degraus. Foi arrastada para a rua pela filha, e quando chegou ao ar livre a primeira coisa que ouviu foi uma grande salva de palmas e de gritos de parabéns dos vizinhos reunidos para assistirem ao espectáculo.

Não há espectáculos destes todos os dias.

Na praceta em frente do seu prédio, cuidadosamente colocado entre os canteiros para não estragar uma única folha, estava um embrulho gigantesco feito com papel dourado. Podia caber um elefante lá dentro. A coisa tinha uma fita enorme, feita de veludo azul-escuro, a dar-lhe a volta de cima a baixo, rematada no topo por um laçarote caprichoso onde se enroscavam quarenta e duas rosas cor de sangue.

Catarina. Filha. O que é isto?

É uma prenda de anos de um admirador, mãe.

Não podia ser o Frederico Guilherme. Não era o estilo dele. Mas qual admirador, filha? Que conversa é essa?

Já vais ver. Mas primeiro desembulha.

Oh filha, o que é que se passa aqui? Em que é que tu te meteste?

Não fui eu, mãe. Foi um admirador. Eu só o ajudei com os papéis e as fitas. Vá lá, mãe. Desembrulha. Vá. Desembrulha.

Bárbara Emília avançou para o embrulho em passos ainda hesitantes.

Os vizinhos retiveram a respiração. Alguns tinham assistido à cena desde o princípio, mas muitos outros acabavam de chegar. E os que sabiam não revelavam o que lá existia dentro.

Bárbara estava a fazer tudo tão devagarinho que Catarina Eufémia e as amigas perderam a paciência. Desataram a puxar pela fita de veludo azul escuro, e pelo papel dourado, numa grande animação de risinhos e gritinhos.

Finalmente caiu uma chuva de rosas cor de sangue lá de cima, o laçarote desfez-se, a fita de veludo azul desenrolou-se pelo empedrado em ondulações suaves, e o papel dourado abriu-se com elegância para revelar a maravilha em todo o seu esplendor.

Era uma Alhambra novinha em folha, toda artilhada, absolutamente espantosa. Toda preta. Com estofos de cabedal também pretos. Vidros tingidos também pretos. Uma protecção especial nos faróis também preta. E uns pneus enormes, imponentes, pretos como tudo, com jantes de liga leve metalizadas, daquelas mesmo de 19 polegadas, a cintilar no centro.

Os vizinhos precipitaram-se para o bólido, que estava aberto, para apreciarem bem os requintes de pormenor do interior.

Barbie! Olha-me para este computador de bordo. Faz tudo. Até te serve café. Ouve, tem sistema informático com ligação permanente à internet, e GPS...

GP quê, Gonçalo?

Ai, Nena. O Ground Positioning System, que permite navegação por satélite. Olha, Barbie! Também tens ESP.

É aquilo da percepção extra-sensorial, Gonçalo?

Ai, Nena. É o controlo electrónico da estabilidade. Olha só, o carro da Barbie tem aquilo que eu estava a dizer-te que queria no Volvo novo, a tracção e suspensão inteligentes, com adaptação automática às condições do piso. Ah, caraças, e tem APS, que dá tanto jeito.

Poupa-me Gonçalo.

Oh Nena. Isto é mais importante para ti que para mim. É o AutoParking System, que permite o estacionamento automático de última geração, com utilização de sensores de ajuda. Barbie, darling, tens que me emprestar esta bomba para um test-drive.

Barbie! Já viste que podes escolher entre caixa manual e mudanças automáticas, e para passares de uma para a outra só precisas de carregar neste botãozinho?

Barbie! Bem! Tu repara nestas colunas. É o melhor som que há no mercado, menina. Quantos CDs é que isso leva? Vinte? Com escolha múltipla?

Pode fazer-se a leitura random como se fosse um MP 3? Ai que inveja.

Barbie! Isto tu carregas neste botão da alavanca e passas a ter tracção às quatro rodas. Podes ir com a carrinha onde tu quiseres, baby. Já reparaste que é mais alta que as outras? É por isso. Bem, tu sentas-te ao volante e és uma verdadeira rainha num trono.

Nestes bancos? Ai isso de certeza. Já viste bem o estofos? O conforto? É absolutamente ergonómico, o design. E vibram, olha. Têm vibrador. E sistema de aquecimento. Barbie, tu podes ir toda repimpada neste banco a sentir calor nas costas e a levar massagens, tudo ao mesmo tempo. Que sonho.

E a televisão? Vocês já viram bem a televisão? Écran plano num carro? Isto é que é vida. E a maneira como o monitor sobe e desce, e roda, e tudo?

E o que é aquela coisa no meio? Não posso acreditar. Uma mesa? Podem rodar-se os bancos todos e ter uma mesa no meio? Olha, Barbie, olha. É uma mesa de jogo. Com tudo. Olha.

Tem as cartas do Harry Potter?

Não se meta Mariazinha. Barbie amorosa, tens cartas, xadrez, damas, scrabble, isto é o quê? Ah, é uma garrafa térmica de suporte fixo. Café quente? Água fresca? Carregas aqui e tens tudo o que queres. Menos o Gonçalo, evidentemente.

Oh Nena. O Gonçalo só queria um test-drive.

Está bem, está bem.

Isto faz camas?

Claro que faz. Não vês que aquilo ali é uma persiana, carregas neste botão e desce, ficas com privacidade absoluta cá dentro. Ai Barbie, a tua Catarina. O uso que ela vai dar a este monumento, menina.

Isso. Tranca-o na garagem e esconde a chave bem escondida, ouviste, oh mãe-galinha.

E com airbags laterais daqueles novos. Aquilo ali será um airbag do tecto? Ainda nunca tinha visto nenhum.

Bárbara mordida os lábios, apertava as mãos, dava voltas e mais voltas à chave que aparentemente executava tantas funções como um canivete suíço, e não conseguia dizer uma palavra.

Então os meus parabéns para a mulher mais bonita, inteligente, elegante, generosa, e trabalhadora de Lisboa, que ainda arranja tempo para ser a melhor mãe do mundo. Dá cá um abraço, rapariga. E goza-te bem da Alhambra. Tu mereces tudo, Bárbara. Tudo.

Os vizinhos abriram alas para deixar passar o admirador.

Era Graciano Roxo, de fato e gravata e relógio de bolso.

Parabéns, Bárbara querida. Que contes muitos. Continua linda, que nós precisamos todos de ti para nos dares o exemplo.

Os vizinhos bateram palmas quando Bárbara e Graciano se abraçaram. Depois começaram a dispersar, com comentários animados sobre a sorte da Barbie e os bons amigos que ela tinha.

Já estava pouca gente em cena quando, ainda abraçada ao Graciano, ainda incapaz de falar, ainda com o canivete suíço às voltas entre os dedos, Bárbara viu aparecer na esquina a figura erecta do Rui Manuel Salema, com um grande ramo de flores na mão.

Vinha sem a Pepa, portanto aquilo não era prenda de anos.

Aquilo era negócio.

Então muitos parabéns para a minha empresária de estimação, sorriu Rui Manuel ao passar-lhe as flores.

O melhor é agarrares-te bem a ela, engenheiro, disse Graciano Roxo enquanto desfazia o abraço. Olha para isto. A mulher mais forte de Lisboa. Ficou tão impressionada com a nossa prenda que não pára de tremer, e ainda não conseguiu dizer nada.

Nossa nada, tubarão, respondeu o Rui Manuel com um sorriso condescendente. A Alhambra é toda tua. Eu só te dei apoio moral e fiz questão de estar presente para me juntar à felicidade da nossa Bárbara querida. Agora deu-te para seres modesto? Estás intimidado pela presença da senhora, é?

Vocês conhecem-se?, murmurou Bárbara Emília, cada vez mais atordoadada, sem saber se havia de rir ou se havia de fugir dali a sete pés.

Os dois homens deram um encontrão amigável um ao outro.

Todos os homens de negócios se conhecem, Bárbara, respondeu o Rui Manuel. O Graciano já faz investimentos connosco há muitos anos, e é dos accionistas mais espertos com quem alguma vez tive o prazer de trabalhar.

Desde os tempos do Coentro do Seixal que ele admira a tua imaginação e a tua força de vontade. E agora, que já conquistaste todos os corações do país com os teus serviços e a tua beleza, para não dizer nada da tua simpatia, achou já que estava na altura de receberes uma prenda de anos como deve ser. Veio falar comigo, e eu dei-lhe todo o apoio para a organização da surpresa. A Catarina deu-nos a chave da vossa casa, nós fizemos cópias, e passámos a tarde a entrar e a sair para ir buscar fita-cola, e agrafos, e fio de nylon, e todas essas coisas de última hora com que se fazem embrulhos.

Também não tínhamos conseguido fazer o embrulho sem a Catarina, riu-se o Graciano. Somos só dois pobres homens. Mas depois houve muitas senhoras que ajudaram.

E a tua filha e as amigas estavam de guarda ao jardim, não fosses tu chegar antes de estar a obra pronta, acrescentou Rui Manuel.

Nós, Bárbara, rematou Graciano Roxo com uma vénia, para te termos do nosso lado somos capazes de tudo.

Por isso, continuou Rui Manuel passando-lhe a mão pelos ombros e apertando-a muito contra si, agora tem juízo e ouve estes dois homens que gostam de ti. Deixa de ser a Joana d'Arc, que nenhum de nós quer que morras queimada. Mete-te mas é no teu bólido novo, que bem o mereceste, e vai por aí fora curtir com a tua filha. Ou com um namorado. Vai ser feliz, menina. Não gastes nem mais tempo nem mais energia a tentar ajudar um desgraçado de um ex da Rebelva, e um triste de um fotógrafo da velha guarda, a publicarem uma história absurda sobre um crime que não interessa a ninguém. Percebes? O teu tempo e a tua energia são muito preciosos, e a história daqueles dois infelizes não vai sair em lado nenhum. Vai mas é passear por aí fora, respirar fundo, dormir em paz, tratar bem de ti. Recebeste o nosso cartão das Pousadas e Solares, não recebeste? Então vá, de que é que estás à espera? Oferece a ti própria uma semana de férias, menina. Pelos teus quarenta e dois anos. Ouviste? Vá. Faz-nos o favor de seres muito feliz.

Deu-lhe um beijo na cara, apertou-lhe a mão, olhou-a intensamente nos olhos, e a seguir deu uma palmada nas costas de Graciano Roxo.

Vai um café, tubarão?

Vamos a isso, engenheiro. Temos que deixar a nossa princesa sozinha com o seu brinquedo novo, para ela poder começar a sonhar com a viagem maravilhosa que amanhã vai fazer com ele.

É isso. Já estamos aqui a mais. Vá. Boa noite, Bárbara querida.

Adeus, Bárbara querida. Muitos parabéns deste teu admirador, que segue sempre os teus passos com toda a atenção.

Deram-me muitos beijinhos e foram-se embora.

Durante todo este tempo, o cérebro de Bárbara Emília esteve ocupado com uma tempestade neuronal de fazer inveja aos melhores especialistas.

A Pepa tinha-lhe dado os parabéns de manhã e tentado arrastá-la para um jantar com a Vi.

Portanto, a Pepa não fazia a menor ideia de onde é que ia estar o marido à hora de jantar. Se tivesse acedido ao assédio das amigas e passado a noite na folia, o plano daqueles dois homens ficava todo estragado.

Aqueles dois homens tinham cópias da chave da sua casa.

Tinham a confiança absoluta e ingénua da Catarina.

A bem dizer, contra a oferta daquele veículo excepcional tinham-lhe dito que não voltasse a aproximar-se do Quim e do Sebastião, e até deixado bem claro que preferiam que ela passasse os próximos dias fora da Lisboa.

Parecia-lhe que também tinham deixado bem claro que não deixariam a história do juiz sair em lado nenhum.

Quando conseguiu voltar a ter reflexos medulares, agarrou na Catarina pela mão, foi a correr para dentro de casa, e passou a corrente de segurança do lado de dentro pelo fecho.

Catarina olhava para ela de boca aberta.

Oh mãe, vais deixar a carrinha no meio da rua?

Espera aí, filha. Eu já te explico. Viste onde é que eles andaram a mexer aqui dentro?

Não, mãe. Estava lá fora a ver se tu chegavas, para não te deixar entrar na praceta antes de tempo.

Foste tu que ligaste o computador?

Eu? Não, mãe. Eu tinha acabado de acordar quando eles apareceram, e fui logo lá para fora ver a carrinha. Olha, ainda nem lavei os dentes.

Bárbara Emília lembrava-se perfeitamente de desligar o computador na véspera, depois de se ter sentado por meia hora, antes de cair de cansaço, a tentar despachar folhas de compras e notas de encomendas. Era muito conscienciosa nessas coisas. Começou a fazer cliques com o rato em todos os quadradinhos, e percebeu que o computador não estava só ligado. Estava com todos, todos, todos, os programas abertos. Algumas coisas até tinham mudado de sítio. Havia um mail ainda por acabar, destinado ao Frederico Guilherme, que tinha todo o ar de ter sido copiado para uma diskette.

Interpretado de certas maneiras, e sobretudo fora de contexto, claro que podia ser um mail muito incriminatório.

Foi ver o resto da casa.

As gavetas. Os armários. As estantes. As almofadas. A cozinha. A casa de banho. O seu quarto. O quarto da Catarina. O quarto das visitas.

Não havia nada, nada, nada, que não tivesse sido remexido.

A primeira reacção de Bárbara Emília foi puxar contra si a Catarina Eufémia, que andava pela casa toda atrás dela de olhos cada vez mais arregalados, e telefonar imediatamente para o Sebastião Curto.

Sebastião? Ouve. A ti, ao menos, ainda tiveram que te forçar a fechadura.

Mas de mim até já têm chaves de casa. Quem? Já te explico. Há prioridades.

Pelo amor de Deus, já que tiveste a experiência de seres ama-seca da Leninha e nunca deixaste o Valentim ficar mal, agora vens-me cá buscar a Catarina e não saís nem por um segundo de ao pé dela nos próximos dias? Pode ser? Pode Eh pá, sim, obrigado, vens cá tu buscá-la ou vou eu aí levá-la? Vens cá? Então vem depressa. Oh filho, claro que vou mudar a fechadura, mas é domingo à

noite. Sei lá quando é que a tenho mudada. Eu sei lá com quem é que a gente se meteu. Não, ouve, eu por acaso até conheço bastante pessoal que faz serviços de segurança, e alguns até me parecem muito simpáticos e bem-educados. Mas eu é que, neste momento, já não tenho confiança em mais ninguém a não ser em ti. Entendes? OK, até já. Vou fazer-lhe a mala. Quando ela já estiver a salvo telefonas-me, de um fixo para o meu fixo, pelo amor de Deus, que os telemóveis não são de confiança, e nessa altura eu explico-te tudo com calma. Está bem? Se acontece alguma coisa à minha filha eu mato-os a todos e depois mato-me. Ouviste? Vá, anda depressa.

Só teve tempo para empilhar dentro do saco grande da Camel, o saco que Catarina amava entre todos, cuecas e meias e artigos de toilette, ao mesmo tempo que tentava manter a calma e explicar à filha que agora o grande admirador que lhe tinha oferecido a Alhambra, e o senhor que ela tratava por tio e era o marido da madrinha, tinham passado a ser muito perigosos, embora ainda não se soubesse porquê. E que ela, Catarina, pelo amor de Deus, até receber autorização da mãe, não saísse nem por um segundo de perto do Sebastião. E que de certeza que a crise não ia durar muito. E que, se calhar, ou antes, com toda a probabilidade, estas precauções até eram um exagero. Mas que, com o que para aí vai nesse mundo, o seguro morreu de velho. E a prudência ainda foi ao enterro.

Catarina dizia que sim com a cabeça, subitamente muito cooperante e mulherzinha.

Sebastião Curto tocou repetidamente à campainha lá de baixo desceram as duas sem acenderem a luz da escada, a menina enfiou-se no carro do fotógrafo sem dizer uma palavra, Bárbara acenou-lhe de fora da janela com o coração apertado, fez um gesto com o queixo a Sebastião para que arrancasse dali depressa, e depois ainda ficou à espreita uns bons dez minutos, encolhida no escuro e com o cuidado de nem sequer acender um cigarro. Queria certificar-se de que não saía das esquinas nenhuma sombra que fosse atrás deles até à Rua do Norte.

Por fim, fez o sinal-da-cruz, respirou fundo, e voltou a entrar em casa.

Mediu a espessura da corrente interior, considerou a hipótese de ainda encostar uma cómoda à porta, como costumava fazer a desgraçada da Manuela para se proteger do seu carrasco, e depois encolheu os ombros e decidiu antes que ia ficar acordada até ser dia. Assim como assim, tinha dezenas de gavetas, armários e estantes para voltar a arrumar. Acabava de esvaziar uma garrafa de Água das Pedras, e preparava-se para controlar a voz e ligar para as Chaves do Areeiro, quando lhe apareceu à porta o mano Luciano, com um grande ramo de

malmequeres atados por espigas, e enquadrados por mimosas. Tinha o cabelo cortado muito curto. E estava cheio de músculos.

Caseína

Proteína complexa do leite, obtida por fermentação; é o principal constituinte dos queijos.

Aquela tal massagista búlgara, Magda Anguelova Anguelova de seu nome, foi mesmo a cereja em cima do creme. Duas mulheres de cair para o lado com um café que é também um bar e um espaço de performance e exposição, com serviços complementares de estética, e ainda por cima um santuário de slow food de grande qualidade com variações de tradicional e nouvelle cuisine, com venda para fora e produção de festas, estão-me a ver que grande ideia? Mas passa-se isto tudo no Seixal, meus senhores. Ou eu perdi para sempre o meu faro, ou estas pequenas vão ser uma mina de ouro em Lisboa.

Os outros accionistas do Pateo Bagatella pediram tempo para pensar. A ideia era tentadora, mas o custo era elevado. Implicava a cedência de uma área substancial de valor exorbitante por metro quadrado, e mais todo o investimento em materiais e em construção, numa altura em que o projecto ainda estava a uns bons anos de começar a ser rentável.

Em última análise, concluiu o director financeiro depois de numerosas ruminações, isto vai depender mesmo é da estamina dessas tais alentejanas. Temos que ter a certeza de que uma mulher destas, em circunstâncias destas, vai demonstrar um comportamento profissional e social à altura do perfil que queremos dar ao projecto. Precisamos de ver essas criaturas em acção, mas não basta ir vê-las em acção no seu habitat natural do Seixal. Temos que falar com elas de negócios, aqui mesmo, numa sala de reuniões de um edifício das Amoreiras. Tudo de fato azul-escuro, camisa azul-clara, e gravata sóbria, meus senhores. Vamos fazer-lhes a festa à séria. Contactem-nas. Alea jacta est.

Já cá faltava o Vaz de Almada a citar o Homero em grego.

Olhe que ele está a citar mas é o Asterix em latim, ohMagalhães Robalo.

Foi assim que, três semanas antes de Catarina Eufémia vir ao mundo, Bárbara Emília recebeu um telefonema no princípio de Setembro, vindo directamente do gabinete de Lenine de Jesus Jacinto, que se apresentava sempre só como Jesus Jacinto. Era o gerente da sucursal em Almada do banco que financiava o Lugar do Coentro de Ouro.

Jesus Jacinto queria falar com ela ainda nesse dia, logo a seguir ao fecho dos balcões.

Era da maior urgência.

Bárbara Emília sentiu Catarina Eufémia a tentar virar-se-lhe de cabeça para baixo dentro da barriga.

Vi tinha partido nessa mesma manhã rumo a Baleizão onde ia buscar os pais, para irem todos passar a quinzena da praxe em Vila Nova de Milfontes. Até talvez a Mitó aparecesse por lá com o seu inglês do rabo-de-cavalo.

Bárbara estava sozinha à frente do Coentro.

Guiou até à sucursal do banco de dedos cerrados no volante, o pé direito muito tenso em cima do travão, os olhos sempre a saltitar dos espelhos para a estrada. Estava plenamente consciente do seu nervosismo, mas não queria deixar que essa infantilidade pueril causasse nem um risquinho quase invisível na pintura do Alhambra.

O monovolume era acabadinho de estreiar, saído do stand ainda a cheirar a novo há apenas dois dias.

Este mesmo Lenine de Jesus Jacinto, o que geria a sucursal do banco, era muito amigo lá de casa do Graciano Roxo, cliente assíduo do Coentro, e sobretudo gerente do stand da Seat que abriu sabiamente mesmo ao lado do novíssimo Feira Nova da Cova da Piedade. Um empreendimento tão jovem que ainda estava a oferecer as suas superpromoções de lançamento, subordinadas ao slogan *você quer? você tem!*

O tal stand, construído e aberto praticamente de um dia para o outro assim que abriu o Feira Nova, era financiado pela mesma sucursal do mesmo banco.

Um dia, no final de uma das suas reuniões de rotina, Bárbara Emília falou aos ouvidos prestáveis de Lenine de Jesus Jacinto do seu sonho de comprar em breve um monovolume. Um bólido que não desatasse a tremer e a roncar assim que dava os cento e vinte, e sobretudo que lhe desse espaço com fartura para carrinhos de bebé, cadeirinhas de bebé, sacos de fraldas, e mochilas de mudas, e sabe mais Deus o quê. Essas coisas todas de que os bebés precisam, e que transformam logo as caixinhas de fósforos, como o seu Panda em segunda mão, num inferno onde os pais não cabem, e onde os maridos ficam imediatamente de trombas. Por muito que as mulheres lhes digam que não há cenas, não há trombas. Um marido sem trombas não se considera um verdadeiro marido.

Acto contínuo, o gerente Jesus Jacinto piscou-lhe o olho. E disse-lhe que preparasse um bom almoço de fritos de bacalhau com milho para ele e para o gerente Graciano Roxo, o homem do stand.

O vinho ficou por conta da casa.

Graciano Roxo propôs a venda de duas Alhambras, uma para cada proprietária do Coentro. Daqueles veículos que os administradores já usaram, e

portanto já qualificam como de segunda mão, até porque são sempre do ano fiscal anterior ao corrente. Mas os administradores usam-nos muito pouco, por isso estão como novos. Custam é a bem dizer dois terços do preço de um normal, e, desde que o novo proprietário possa entrar com quatrocentos contos de adiantamento, as prestações seguintes do Aluguer de Longa Duração a cinco anos não serão assim muito mais elevadas que as de um Panda virgem no mesmo regime.

Bárbara Emília ficou muito corada, porque não estava habituada a dizer estas coisas. E nisso os dois homens batidos em coreografias bancárias acharam-na muito comovente, e tiveram o orgulho subliminar de se sentirem automaticamente seus protectores.

Ela confessou-lhes que, com os lucros bem poupados do primeiro ano do Coentro, tanto ela como a Vi tinham arrecadado à justa o suficiente para poderem entrar já cada uma com dois mil e quinhentos contos. Isto reduzia as tais prestações do Aluguer de Longa Duração de cinco anos a valores estatisticamente insignificantes.

Os dois homens que sabiam muito de finanças puseram-lhe a mão no braço, deram-lhe palmadas de apreço nos ombros, e proclamaram que, então, por eles, o negócio estava fechado. Se elas fizessem as entregas com os Alhambras, e mais ainda se não perdessem uma única oportunidade para explicarem minuciosamente aos clientes o quanto e o porquê da sua satisfação com os novos veículos, era mesmo um daqueles negócios em que toda a gente fica a ganhar. Ao fim de um ano, feitas as contas e ponderados os benefícios, até talvez pudesse dar-se um retoque bastante generoso nas prestações do ALD.

Bárbara Emília agarrou-se a este último raciocínio com unhas e dentes para garantir a Joaquim Peixoto que o novo brinquedo familiar não custara um tostão. É só um empréstimo, Quim. A gente andamos com as carrinhas que é para os clientes ficarem a conhecer a marca quando formos fazer as entregas, e se calhar em conversa a gente diz que estamos muito satisfeitas. E não precisamos de pagar nada. Já são usadas, percebes? Eles dizem que é publicidade da melhor.

Como a Vi também não queria fitas lá em casa, a verdadeira natureza da operação ficou para todo o sempre no segredo dos deuses.

Bárbara Emília conseguiu finalmente arrumar este monovolume, tão precioso quanto potencialmente polémico, numa espinha assaz destituída de perigos flagrantes de toques ou de riscos. Depois dirigiu-se, em equilíbrio perfeito de cima dos saltos, à sucursal da Cova da Piedade. Levava os cabelos orgulhosamente soltos ao vento. Por muito más que fossem as notícias do Jesus

Jacinto, ela estava pronta para a luta. E não era mulher para não se aguentar à bronca.

Lenine de Jesus Jacinto recebeu-a com o género de sorriso rasgado que não é costume pronunciar más notícias. E foi direito ao assunto, incapaz de aguentar muito tempo sem ver a cara que aquela lindona faria perante a grande revelação.

Bárbara Emília, você já ouviu falar do Pateo Bagatella?

Eu não, Jesus Jacinto.

Então vai ouvir agora. Saiu-lhe a sorte grande, senhora.

Com a voz a escorrer de orgulho, o gerente Lenine de Jesus Jacinto revelou à co-proprietária Bárbara Emília Frutuoso que os accionistas do Pateo Bagatella, a coisa mais civilizada e cosmopolita que estava a preparar-se em Lisboa ali para os lados do Jardim das Amoreiras, eram também clientes do seu banco para o projecto. E queriam reunir imediatamente com as duas mulheres de cair para o lado que tinham arrancado do nada o Lugar do Coentro de Ouro, para verem se valia a pena investir num espaço assim tão multifacetado e criativo em pleno coração de Lisboa.

Vi estava de férias, num parque de campismo selvagem que obviamente não possuía telefone.

Passava-se tudo isto muito antes da alvorada dos telemóveis.

Bárbara tinha que ir fechar ou inviabilizar o negócio sozinha.

Seguiu as instruções de Jesus Jacinto com uma espécie de maquinalidade atordoadas, a sentir-se debaixo de água num sonho de que não conseguia acordar.

A reunião dos accionistas da Bagatella com a inventora do Lugar do Coentro de Ouro ficou logo ali agendada para o dia seguinte ao pôr-do-sol. De forma a poder ser imediatamente seguida, no caso provável de toda a gente abraçar o projecto, de um jantar comemorativo que já tinha mesa marcada para as dez e um quarto no PapAçorda.

Assim que nos sentarmos, Fernandinho, tu nem nos perguntas nada. Trazes logo aquelas montanhas boreais das ostras, com Moët Chandon em baldes de gelo, que é para impressionarmos a alentejana.

Depois da sobremesa, Bárbara Emília mandou vir um café duplo. E, a seguir, assinou todos os papéis que lhe puseram à frente.

«Existem sempre alternativas»

Ao princípio da noite de segunda-feira, depois de uma semana de guerra de nervos em que não aconteceu absolutamente nada e se confirmou em toda a linha que nenhum órgão da Comunicação Social queria pegar na história do juiz, Joaquim Peixoto levantou-se da cadeira, espreguiçou-se, esfregou os olhos, deixou-se ficar uns minutos a olhar pela janela para coisa nenhuma, e por fim telefonou a Sebastião Curto a anunciar que o texto estava pronto.

Depois enfiou um Metamidol de dez miligramas e foi espreguiçar-se para a cama.

O repouso do guerreiro não durou muito tempo, porque as hostes cerraram logo fileiras.

Daí a uma hora e meia, já estavam todos reunidos na Rebelva para a aprovação da versão final do texto. Até a Catarina Eufémia se deliciava a corrigir gralhas e pedir esclarecimentos sobre passagens menos claras, sempre muito encostadinha a Sebastião Curto não fosse o diabo tecê-las.

Ainda todos confiavam na descoberta de soluções de recurso, embora o desinteresse em publicar a história, fosse em que jornal ou revista fosse, estivesse por essa altura mais que confirmado e estabelecido. E ainda achavam que podiam furar o sistema, por muito que ou Graciano Roxo ou o Rui Manuel telefonassem de vez em quando para o telemóvel de Bárbara Emília, a perguntar então por alma de quem é que ela ainda continuava a acarinhar aquelas duas aves raras do seu passado, e não ia antes com a Alhambra nova para um solar no Douro na companhia de um namorado à altura da situação.

Que diabo, dizia o gang reunido neste momento na Rebelva. Enquanto existir imaginação e sentido de humor, existem sempre alternativas.

Ainda tinham pensado em recorrer mesmo à imprensa cor-de-rosa. Mas, quando a tia Barbie falou para a Caras para sondar o terreno com a sua amiga Ticas, a Ticas começou a rir-se e respondeu que fotos da alentejana maravilhosa a passear pelas montanhas no seu Alhambra de sonho era para já, mas fotos de crimes horríveis não fazia bem o género da revista.

Joaquim Peixoto insistira que se tentassem os tablóides, mas Sebastião rosnara logo que Portugal era um país tão mediano que nem conseguia ter tablóides dignos desse nome.

Mais. Quando, depois de muito instado, lá telefonou para uns amigos que ganhavam a vida ao serviço de umas publicações mais ordinárias, os amigos responderam-lhe que essa história do juiz, com ou sem senhoras nuas amarradas à cama num mar de sangue, era uma história para esquecer. Crimes de psicóticos altamente respeitados pela sociedade, e recomendados para a Presidência da República, era uma coisa demasiado intelectual para o nível deles.

Aquilo era mesmo uma rejeição em bloco.

Mas o gang da Rebelva estava a investir nas alternativas.

O texto de Joaquim Peixoto era tão grande, tão grande, tão grande, e simultaneamente tão pormenorizado e tão confuso, que, mesmo só com as fotos seleccionadas que se tinham salvo da pilhagem porque já estavam formatadas e legendadas no disco que andava sempre no bolso de dentro do blusão do fotógrafo, aquilo podia ser feito género livro em edição de autor.

A ideia era da Bárbara, claro. Mas os outros acharam-lhe graça. Ou, pelo menos, reconheceram-lhe um certo potencial.

Dividia-se a reportagem original em capítulos. Salpicava-se o texto com algumas frases mais excitantes que saíssem, no calor da refrega, da cabeça da geral ali reunida. Dava-se a cada capítulo um título daqueles só de uma palavra forte tipo vingança, *Martírio*, *Acidente*, *Segredos*, e assim.

Paginava-se tudo em letras grandes e linhas bem espaçadas, com as fotos todas em página inteira, para encher mais papel e se ler melhor. Avivava-se o conjunto com muitos bolds e muitos itálicos e muitas maiúsculas, para lhe dar um aspecto mais emocionante.

E, se mais nenhuma colocação fosse condigna, dava-se o corpo ao manifesto e vendia-se *A ARMA DOS JUÍZES* em bancas montadas nas várias feiras da Área Metropolitana de Lisboa.

Bárbara Emília conhecia tudo o que era gráfica, por causa das suas exigências desmedidas no domínio de impressão de convites, envelopes, cartões de visitas, e mesmo simples marcadores de lugares nas mesas.

Catarina Eufémia, entusiasmada com o bulício em perspectiva, e ainda mais com a ideia de ter uma desculpa fornecida pela própria mãe para faltar às aulas durante algumas manhãs inteiras, já estava pronta a arrebanhar a escola em peso para se vestirem todos de preto, com uma faixa amarela a dizer *CRIME SEM CASTIGO* no peito, e irem presidir às tais bancas.

Sebastião Curto, através da sua amizade de longa data com Valentim Pinto sabia perfeitamente o que é que era preciso fazer na polícia para os deixarem estar a vender nas feiras sem licença.

As receitas não seriam aquela pipa de massa sonhada na noite de sexta-feira da semana anterior, mas seriam receitas dignas desse nome.

Divertidos com a ideia de estarem a furar o sistema, trabalhavam todos com animação. De vez em quando, Joaquim Peixoto enrolava um charro e punha-o a circular. Catarina olhava para aquilo com alguma surpresa e um princípio de sorriso, mas a mãe pô-la logo na ordem a dizer que nem pensar, ela própria só tinha experimentado o haxe por volta dos trinta anos e não era por isso que ia morrer estúpida.

Sebastião Curto saiu duas vezes para ir comprar grades de cerveja, que também rodavam depressa e mais depressa desciam. Aqui era a própria Catarina a fazer-se superior e franzir o nariz, optando por latas de Red Bull com ar de quem até tinha uma certa pena daqueles caretas. O pai estava moderado no Paxilfar, parte por respeito e parte por penúria. Quando ouviu a filha dizer com toda a naturalidade que aquele esticão aguentava-se bem era com Redutil, absteve-se de juntar actos aos pensamentos e ir buscar um à casa de banho pela calada. Embora estivesse várias gerações à frente do Dinintel, e fosse bastante mais limpo em termos de efeitos secundários, o Redutil era uma anfetamina que batia mal com o Prozac. Às vezes fazia-o desmaiar e tudo. Outras vezes fazia-o vomitar. Diante da filha, realmente, era melhor não.

Bárbara Emília cantarolava enquanto inventava coisas giras para acrescentar na prosa maciça do seu ex-marido. De vez em quando, Catarina Eufémia deixava-se arrastar pela emoção do momento e fazia duas vozes com ela.

Sebastião compunha no disco as partes de prosa que iam ficando prontas, procurando combiná-las o melhor possível com as fotos, ao mesmo tempo que protestava, em berros cada vez mais altos e menos comedidos, contra a lentidão exasperante daquela máquina obsoleta.

Com o dinheiro das vendas eu ofereço isso ao Museu da Ciência e compro um computador novo, respondia sistematicamente Joaquim Peixoto sem levantar a cabeça.

Ao fim de três horas e um quarto, quando já estava tudo a ficar cansado e já começava a instalar-se no T 0 um silêncio de grande esforço, Sebastião fez um clique com o rato mais enérgico que os outros. Depois esperou dez minutos de braços cruzados, enquanto o pobre computador obsoleto rangia e estremecia na tarefa desumana de registar a última versão. E, finalmente tirou o disco da ranhura e ergueu-o no alto do braço com um sorriso de triunfo.

E pronto, meus meninos. Está feita a primeira cópia da nossa publicação escandalosa.

Ainda precisa de muita formatação, disse logo Bárbara Emília, de forma quase automática.

Oh, mulher de Deus. Amanhã, pode ser? Agora o pessoal merece recolher à caminha. Tu, por acaso, não te levantas sempre com as galinhas?

Levanto. Mas a tua casa já foi assaltada, e a minha também. Era bom despacharmos isto depressa. Vocês não têm energia para ao menos fazerem já mais duas cópias do disco, para cada um de nós guardar a sua, não vá alguém ainda voltar a assaltar-nos?

O quê? A esta hora? Mais duas cópias nesta máquina estafada do Peixoto? Até parece que foi gaseado nas trincheiras da guerra de 14-18.

Exactamente no momento em que os olhares da assembleia estavam todos a voltar-se para a máquina gaseada, o monitor da dita máquina começou a desfocar-se, e logo a seguir começou a dar saltos. Joaquim Peixoto foi a correr agarrar-se ao teclado, mas todos os seus esforços se baldaram.

As imagens distorcidas no monitor deixaram de ter várias cores para passarem todas a verde e preto. Depois o que estava a verde começou a perder a forma. E, na fracção de segundo seguinte, no monitor já só restava uma risca vertical verde, muito fina, a cortar ao meio um fundo completamente preto.

Porreiro, rosnou Sebastião. Olhem, o monitor acaba de dar o berro. Agora temos que trazer para aqui outro monitor para tirarmos o ficheiro da máquina. Não podias ter actualizado a tua workstation mais cedo, meu ganda nabo? Olha só a trabalhadeira que estás a dar ao pessoal.

Vocês é que resolveram vir trabalhar para minha casa, defendeu-se Joaquim Peixoto.

Como se quisesse pronunciar-se em defesa do dono, a máquina desatou a emitir um zumbido que se foi tornando cada vez mais intenso. Depois começou a incluir também sons de metais a estalarem e a rangerem lá dentro, e a seguir pôs-se a vibrar como se estivesse viva. Aproximaram-se todos devagarinho para avaliar melhor o fenómeno. O computador emitiu uma espécie de estalo seco, deixou cair uma data de coisas por cima das outras no seu interior, e por fim imobilizou-se de vez com uma espécie de suspiro.

Estava morto.

Vocês mataram o meu computador com excesso de trabalho, gritou Joaquim Peixoto desesperado. Vocês mataram o meu computador, seus sacanas. E agora, o que é que eu faço?

Não penses só em ti, Quim, suspirou Bárbara Emília.

Perdemos tudo o que estava no disco rígido, pai, esclareceu Catarina Eufémia.

Neste preciso momento, tudo o que nos resta de tanto esforço é um único CD, concluiu Sebastião.

Eu desisto, gemeu Joaquim Peixoto.

Bárbara tratou de abraçá-lo com ternura.

Não sejas tonto, Quim. Está quase. Nós estamos é cansados e sem paciência. Amanhã agarramos nesse CD e vamos copiá-lo para o meu disco rígido, e a seguir tratamos das outras cópias. A esta hora é que já não vale a pena fazer nada. No estado em que estamos, e já que entrámos em maré de azar, a seguir ia de certeza começar tudo a correr mal e a gente só se enervava. Vá, Quim, guarda o disco bem guardado, que esta tua casa parece que é a única que ainda não foi identificada pela conspiração invisível. Amanhã à noite, depois das duas porque eu tenho um catering a que não posso faltar, vais lá levar-mo a casa e a gente trata das cópias. Sebastião, também lá vais fazer segurança? Pelo sim pelo não?

Eu fico mas é já aqui, princesa. Dois homens façanhudos guardam melhor um disco que um só. E já apanhei tantas estafadeiras seguidas que estou mesmo numa de ferrar no galho imediatamente e amanhã dormir o dia inteiro.

Então vá, disse Bárbara Emília muito despachada, já a enfiar o blusão e as luvas e a agarrar no capacete. Durmam todos muito bem. Catarina, filha. Tu trata-me como deve ser destes dois homens mortos na minha ausência, ouviste?

Ai, mãe, respondeu a filha com um sorriso feliz. Vai descansada que eu estrago-os com mimos.

Bárbara preferia que ela tivesse olhado para o pai, e não para o guarda-costas, quando disse aquilo.

Mas mesmo assim comoveu-se, porque achou bonito.

A minha menina está mesmo a ficar uma mulher.

Descarada como a mãe e tudo, coitadinha.

Cartilagem hialina

Tipo de tecido cartilagíneo cuja substância fundamental, de aparência amorfa, é muito resistente e elástica.

Alguns dos accionistas presentes nesse jantar memorável ainda achavam que, mesmo assim, por muita beleza, inteligência e graça que aquela alentejana tivesse, era da mais elementar prudência avaliar-se de perto o género de festas que se faziam regularmente no Lugar do Coentro de Ouro, não fosse dar-se o caso de ser preciso mudar drasticamente de agulha na replicação da experiência em Lisboa. Como neste tipo de avaliações não há nada melhor que um verdadeiro raid israelita, rápido, eficaz, e sem aviso, decretou-se logo ali que um deles estaria presente na festa que Bárbara revelou estar agendada já para sexta-feira, exactamente dois dias mais tarde.

Bárbara mordeu devagarinho o lábio inferior, e deixou que o seu rosto se fosse iluminando pouco a pouco por uma onda deliciosa de malícia. A seguir carregou deliberadamente no seu sotaque da Cuba.

Ai, meus senhores, eu tenho muita pena. Mas à festa de sexta-feira é que vocês não vão, não, nem que me prometam todo o ouro do mundo.

Mas porquê, Bárbara?

Ai, oh doutor Tavares. Pelo amor de Deus. Entrava um homem que fosse naquela festa e ficava o ambiente todo estragado.

Ora esta. A Bárbara podia ter começado por avisar que é uma perigosa feminista.

Não sou nada, engenheiro Magalhães Robalo. Adoro homens, palavra de honra. Posso arranjar-lhe várias testemunhas. Mas tenha santa paciência, a festa de sexta-feira é só para mulheres.

Vocês acham que ainda não passam tempo suficiente umas com as outras lá no seu estabelecimento, é?

Ai isso lhe garanto que, se pudéssemos, passávamos mais, que temos muito que aprender umas com as outras, oh arquitecto Vaz d'Almada. Foi então por isso que a Vitória Maria e eu organizámos esta festa. É para vivermos de perto com as Bubble Girls, sem termos que estar a pensar se podemos dizer o que queremos dizer ou não.

As quê?

Não conhece as Bubble Girls, doutor Tavares? Olhe lá, que se calhar anda assim para o desactualizado. É aquele grupo das três strippers, em que a chefe é americana e as outras duas são da Eslovénia, não sabe? O grupo que entrava naquele filme, o Bitches With Problems, não se lembra, que ganhou este ano o prémio do festival paralelo de Cannes.

Vocês vão fazer um espectáculo de strip de mulheres só para mulheres.

Pois. A ver se não morremos burras. Há por aí muita mulher que gostava de saber fazer aquelas coisas que elas fazem. Na América até já dão aulas de strip nos ginásios. Não sabia? Olhem lá as coisas que vocês aprendem comigo.

Mas desculpe, a Bárbara também vai para essa festa, assim tão grávida e tudo?

Pois com certeza, engenheiro Magalhães Robalo. A Bubble Jean, a americana, a chefe, até já me disse que há algumas coisas muito especiais que só as grávidas é que podem fazer assim mesmo bem feito. Vejam só o que vocês perdem. Mas eu é que vou fazer a porta, e vos garanto que não, não vos deixo entrar. Mesmo assim tão grávida e tudo. Tenham paciência, mas isso não deixo. Nisto de não quererem homens a empatar aulas de strip, tenho a certeza absoluta que as mulheres de Lisboa não são diferentes das mulheres da Margem Sul, amigos. Que era como eu dizia quando fazia a segurança das festas do Avante.

O administrador, Rui Manuel Salema, que até essa altura se limitava a apreciar da outra ponta da mesa o savoir-faire com que a alentejana conduzia a sua operação de charme, mandou calar toda a gente batendo com o garfo no copo.

Parece-me tudo isto muito interessante, meus senhores. Não podemos entrar? No problem. Eu mando lá a minha mulher, que é mesmo genuína de Cascais e já viu muito strip na vida. Para avaliar a qualidade da produção, não podíamos arranjar melhor barómetro.

Dois dias mais tarde, estava a Vi à porta do Lugar do Coentro de Ouro a receber as folionas, enquanto Bárbara andava lá por dentro, a empurrar à sua frente a barriga enorme, na tarefa de ajudar a Bubble Jean e as duas eslovenas a montarem o palco da forma mais eficiente para as aulas práticas. Nessa altura, parou quase em cima da obra de arte, aquela constituída pelos três pilares vermelhos de alturas diferentes, um descapotável metalizado que devia ser de uma cor qualquer bastante viva, embora de noite não se percebesse bem qual era.

Saiu de lá de dentro uma mulher loira de saltos altos e jeans superaper-tadas, com aquele ar de quem tem mais de cinquenta anos mas ninguém lhos

dá. E veio identificar-se junto da sócia que guardava a porta com um sorriso cúmplice.

Vi pediu à Marieta que a substituísse por uns minutinhos, e levou a mulher loira lá para dentro, ao encontro de Bárbara Emília.

Bárbara Emília, olha lá. Esta senhora é que é a esposa do administrador.

Bárbara continuou a agarrar no poste que a Bubble Jean estava a pregar no tecto com a mão esquerda, e torceu o corpo sobre o lado direito para cumprimentar devidamente a visita.

Abriu a boca e corou até às orelhas.

A loira também abriu a boca, e corou ainda mais.

Pepa? A senhora não é a Pepa?

Ah. A menina é aquela grávida do Alentejo... aquela,...a Bárbara, não era, a lindona que me arrancou do brasileiro e me mandou para o seu amigo Frederico Guilherme?

E a Pepa é que é a esposa do administrador?

Pois sou, amorosa. Que giro, voltar a encontrá-la aqui.

Abraçaram-se as duas aos risinhos, Bárbara só com uma mão para continuar a agarrar no poste, e a Pepa com a alegria esfuziante de quem reencontra uma amiga querida desaparecida há muito. Depois do que se ofereceu ela mesma para ajudar a agarrar no poste, enquanto estudava com atenção a gravidez de Bárbara e a felicitava pelo seu aspecto magnífico.

E a menina nem imagina o bem que me fez falar consigo, daquela vez. Ai eu andava tão mal, sentia-me tão anormal, não tinha ninguém com quem desabafar, era horrível.

Ai nisso de falar com as pessoas e fazê-las rir não há como o nosso Frederico.

Oh querida. O Frederico é um anjo, é certo. E também é verdade que é um borracho de comer e chorar por mais. Mas olhe que a menina, com esse seu sorriso tão sereno, e essa barriga enorme à sua frente, a ouvir aquela história de que eu tinha tanta vergonha, aqueceu-me mesmo a alma.

Deixe lá que ela também tem umas boas histórias completamente vergonhosas que podia contar-lhe a si, desde que a Pepa se dispusesse a ouvir com um sorriso sereno, comentou a Vi, que já ia a retirar-se a caminho da porta.

Bárbara deu um encontrão à sócia, que fez abanar o poste e arrancou lá de cima uma exclamação pitoresca da Bubble Jean. Depois olhou para a Pepa com os olhos semicerrados e baixou a voz.

Agora espere lá, oh Pepa. Se bem me lembro da nossa conversa.

... este administrador com quem eu ando em conversações é qual deles? É o representante da burguesia potente, ou o da aristocracia impotente?

Ah, darling. Nisso de arrumar ideias é que o seu amigo Fred faz milagres, não faz? Deu-me Anafranil, e mais Metamidol, e mais Surmontil, e eu, olhe.

Foi como do dia para a noite. Ao fim do dia da consulta, já tinha voltado a passar-me para o lado da burguesia potente. Deu-me uma grande vontade de ser feliz, está a ver?

Pôs a cabeça de lado e fez um sorriso de gatinha amuada que devia ter ensaiado muitas vezes ao espelho.

O Frederico falou-me tanto de si. Ele acha que a menina é a supermulher.

Aliás, está completamente apanhado por si.

Quê? O Fred Lacoste? Apanhado por mim?

Ah, não. Que ideia. Até lhe falta o ar quando diz o seu nome, mas se calhar é só da asma que teve em pequenino, o que é que acha? Oíça, pelo que eu já vi, o nosso psi tem toda a razão. A menina tem ideias geniais. Parabéns. Estou cheia de esperança na eficácia dos ensinamentos da Bubble Jean.

Hey you, guys, gritou a Bubble Jean lá de cima do escadote.

Are you going to hold that godamned pole or are you going to make me break my fucking neck before showtime?

O show das Bubble Girls foi um sucesso absoluto, e a aula prática que se seguiu até altas horas da noite, com bar aberto e hors doeuvres por conta da casa, não podia ter corrido melhor. Ninguém imaginava que houvesse tanta coisa que uma mulher pudesse fazer com um garfo, nem com um copo, nem com o simples esforço de saltar para cima de uma mesa, ou, melhor ainda, para cima do balcão de um bar. Todas as lingerie, ainda vestidas e depois já despidas, foram passadas a pente fino e devidamente comentadas. Muitas das mulheres presentes começaram a ter as suas próprias ideias, para grande admiração das outras, e também delas. Houve danças a solo, danças aos pares, danças a três e danças de grupo. Estudou-se a arte de dançar sem música, já que há muitas alturas na vida real em que não se consegue ter tudo. Foi bom. Toda a gente dizia que era bom.

A certa altura Bárbara teve que sentar-se com as pernas para cima, de tal forma elas incharam com a animação. Estava só com um fio dental de renda preta e imensos brilhantes que uma das eslovenas lhe espalhou a certa altura por cima do corpo todo, e sentia-se bem assim. Olhava com olhos pensativos para a encenação de ataque lésbico que a outra eslovena ensinava à Conceição com grande brio de parte a parte, quando a Bubble Jean largou o chicote com que acabava de fazer várias demonstrações e veio sentar-se ao seu lado. A Pepa enrolou-se numa das várias peles artificiais que andavam por ali e veio logo para junto delas, ansiosa por aprender mais e mais.

É só impressão minha, honey, disse a americana à alentejana, ou és tu que andas com esta festa toda às costas, prestes a parir e tudo?

Ela é a supermulher, Bubble Jean, explicou a Pepa. O meu marido já me tinha dito. E o meu psi também. É mesmo.

Não há supermulheres, ripostou imediatamente a stripper.

Deve ter levantado a voz, porque houve imediatamente várias outras mulheres que se aproximaram.

Só há mulheres estoiradas, a tentarem fazer dez vezes mais do que aquilo que seria saudável fazerem, e em muitos casos a fazerem isto ao serviço de homens que não as merecem. E as piores são as que conseguem estar sempre de queixo levantado e cara alegre pelo meio deste pagode. Quando caem, caem mesmo lá de cima. E partem-se todas. Não tenham ilusões. As mulheres não voam. As mulheres bem tentam, mas não voam mesmo.

As outras mulheres apertaram o círculo, numa grande profusão de adornos exóticos, tecidos brilhantes, e peles nuas encharcadas em suor. E, como se tivessem combinado o contra-ataque, começaram todas a demonstrar à Bubble Jean como a Bárbara Emília era mesmo a supermulher.

A visada não conseguia dizer uma palavra.

Queridas, disse a Bubble Jean. Eu conheço mal a Bárbara. Estive com ela duas vezes antes desta para combinar o programa, e hoje estive a vê-la toda a tarde e toda a noite. E sabem o que é que eu acho? É um esplendor de mulher que faz tudo bem feito, mas que nunca consegue estar um bocadinho sossegada consigo própria porque se sente sempre na obrigação de andar a ajudar toda a gente. E, provavelmente, já nem sabe viver sem andar sempre a cuidar da harmonia do mundo. Mas, dentro do coração dela, e dentro do sexo dela, não reina qualquer espécie de harmonia. Reina antes um vazio horrível, que ela não vê porque não tem tempo para ver. Ou seja. Qual supermulher. Eu acho que a Bárbara é mas é a Cleópatra. She's both the queen of the Nile and the queen of denial. Right, honey?

Bárbara tentou sorrir.

Já estou a ver que, quando falei contigo, me chibei demais sobre os problemas do meu marido.

Ah, gritou o coro das mulheres. Essa não vale. Os maridos não contam.

Mas porquê, raparigas?, perguntou a Bubble Jean a acender uma cigarrilha.

Porque não há nenhuma mulher que se sinta feliz com o marido que tem, explicou o coro.

Vocês não precisam de aturar homens que não vos fazem felizes, observou a Bubble Jean.

Não?, perguntou o coro.

Pois não, respondeu a stripper. Mandem-nos à vida. Ponham-nos na rua. Precisam deles para alguma coisa? Girls, a ideia é alijar carga, não é arrastar às costas cada vez mais peso.

Ai, suspirou a Pepa. Estou a adorar, queridas. A adorar.

Bárbarajá tinha lágrimas a correrem-lhe pela cara em fileiras silenciosas.

A Bubble Jean passou-lhe o braço pelos ombros e puxou-a ternamente para junto do seu corpo nu.

C'mon, honey. Dry your eyes.

Ai, mas isto é tudo tão difícil, gemeu Bárbara, toda aninhada na americana.

Não é nada, sussurrou a Bubble Jean a fazer-lhe festinhas suaves no cabelo. Isto é muito simples se vocês todas meterem uma regra muito simples na cabeça. É assim: se um homem não for capaz de vos fazer sentirem-se umas rainhas todos os dias, então não vale a pena andarem com ele.

Bárbara desfez-se num pranto.

Mas eu sou católica, gemia ela, agora já praticamente ao colo da Bubble Jean, e com todas as outras mulheres a tentarem enchê-la de beijinhos e de festinhas. E, na minha família, éramos todos bons comunistas. Sou católica. Sou comunista. Estou lixada. É horrível.

Comunistas, respondeu a Bubble Jean. Pois, comunistas, realmente não sei. Nunca conheci nenhum. No Missouri não havia disso. Mas Jesus, minha querida, Jesus conheço eu muito bem. Muito bem, mesmo. O meu pai é pastor, e o meu avô também era pastor. Da Congregação do Nazareno. Boy oh boy. É um morto muito vivo, não é? O que a gente se esfolia por causa dEle. Mas pelo amor de Deus, cowgirl, tu daqui para a frente não te esfoles mais a tentar viver como Jesus nos ensinou.

Porquê, gemeu Bárbara entre soluços, com a audiência das mulheres de antenas todas espetadas para ouvir os pronunciamentos da stripper Missouri sobre Jesus de Nazaré.

Porque Ele morreu com trinta e três anos, thats why!, explodiu a stripper do Missouri numa gargalhada. E tu, minha filha, já tens mais de quarenta.

Mas ninguém lhós dá, protestaram as mulheres.

Thats beside the point, sorriu a stripper, a olhar ironicamente para a ponta das unhas pintadas de roxo vivo. Queridas, o homem morreu novo. Não entendem? Vocês lembram-se da pachorra que tinham aos trinta anos? E aos vinte, então? O que é que a gente não atura, quando somos novas? E alguma de vocês é capaz de dizer na minha cara que aos quarenta anos ainda estão dispostas a aturar minimamente o que aturavam de cara alegre aos trinta? Hum? Estão a

ver? Jesus conseguiu ser assim tão bom, tão incrivelmente bom como foi até à morte, porque não viveu muito. Se O tivessem crucificado aos sessenta anos, sempre gostava de ver se ainda continuava capaz de dar a outra face.

Desculpe, interrompeu a Pepa, assaz aturdida. Mas a menina fala com tanta sabedoria... desculpe, oiça, sei lá, mas que idade é que tem?

Tenho quarenta e sete, honey, revelou a Bubble Jean. E, desde os dezanove, que não aceito namorados que não sejam ou cirurgiões plásticos ou instrutores de personal fitness. Get it? Lembrem-se disto, favor, raparigas.

A bondade de Jesus, we have to take it with a grain of salt. É só uma hipérbole, para a gente perceber melhor a ideia. Mas nunca se esqueçam que uma coisa é dar a outra face. E outra, muito diferente, é dar o cu. Ponto final.

Este ponto final foi acompanhado com um beijo muito terno nos lábios de Bárbara, que de repente deu um berro e se pôs de pé, em toda a magnificência de toda a sua gravidez toda coberta de brilhantes.

Que foi, Barbarinha? O que é que foi? O que é que te aconteceu?

Rebentaram-me as águas, porra.

Como ainda era cedo e o plano inicial era a rebaldaria durar a noite inteira, e como também já se tinha bebido bastante e toda a gente estava com os sentimentos à flor da pele depois da excitação das danças e das palavras sábias da Bubble Jean, o contingente feminino ali reunido achou que não haveria nada mais indicado do que cobrirem-se rapidamente com o que estivesse mais à mão, e acompanhar Bárbara em cortejo até ao Hospital de Almada. A Pepa pôs logo o descapotável metalizado à disposição da sua Cleópatra, e ofereceu-se para enca-beçar o pelotão com os cabelos loiros ao vento. Bárbara riu e chorou durante toda a viagem, e trocou beijos atrás de beijos com a Pepa, enquanto as outras, atrás, mandavam faroladas e buzinavam a compasso, indiferentes à hora tardia.

O Hospital de Almada não iria esquecer aquela noite assim tão depressa.

A Pepa gostou tanto, mas tanto, tanto, tanto da experiência, que não se limitou a fazer ao marido um relato entusiástico sobre o ambiente ímpar das festas organizadas no Lugar do Coentro de Ouro. Visitou Bárbara no hospital todos os dias, foi todos os dias ao Coentro ajudar a Vi, comprou montanhas de roupinhas e brinquedos, e ofereceu-se para tratar de todos os papéis que dispensassem assinaturas presenciais. E, quando as mulheres da Margem Sul deram por isso, foi ela quem entrou na igreja, em Versace dos pés à cabeça, para ser a madrinha da Catarina Eufémia.

Poucos meses depois da estreia triunfal do Coentro do Pateo Bagatella, o Rui Manuel da burguesia potente já tinha os ouvidos tão cheios que entrou mesmo com o dinheiro para a criação da sucursal do Coentro em Cascais, com a mulher na chefia da gerência.

«Partir de trombas para a revolução»

Na terça-feira, bastante ensonado mas bastante mais bem disposto do que na última visita, já a imaginar o livro penosamente escrito pelo seu punho à venda nas feiras, Joaquim Peixoto desceu na camioneta do Bombarral uma hora antes da aula. E foi direitinho para o café com as costas ligeiramente levantadas, ainda com aquela esperança tenaz de que aparecessem outros docentes, explorados e mal pagos como ele, a felicitá-lo por ter finalmente feito frente à displicência inacreditável daqueles alunos estragados com mimos.

Em vez disso, apanhou antes com as trombas até ao chão de Martim Farto.

Ouve lá, Peixoto, rosnou ele assim que o colega se sentou ao seu lado com a bica e a Água das Pedras. Tu lembras-te da nossa conversa quando o Roxo me convidou para vir para aqui dirigir o curso de Comunicação Social, e depois eu te convidei para seres professor no meu curso?

Então não.

Quer dizer, era uma daquelas conversas absolutamente inolvidáveis.

Cinco anos e meio depois da sua primeira remodelação, a Rádio Liberdade ia mudar completamente de estrutura, para acompanhar a marcha dos tempos e se tornar mais rentável. Além de várias promoções a várias iniciativas que beneficiassem os interesses de Graciano Roxo, passaria a incluir também publicidade pura e simples, e para isso já lá estava uma equipa de três meninos agressivos, acabadinhos de sair da licenciatura em Marketing e Relações Públicas, prontos para passar ao ataque na base do salário mínimo e comissões, e contrato renovável a seis meses. Quanto à programação, estava na altura de pôr fim ao paleio. Mantinham-se as crónicas da Ana Mafalda, evidentemente, para os ouvintes poderem continuar a deliciar-se com aquela voz cheia de sugestão e de sonho. Juntavam-se-lhes outras, debitadas por uma série de amigos da Ana Mafalda, que também apareciam todos nas capas das revistas, e que possuíam todos umas vozes cheias de sugestão e de sonho. Constava que Graciano Roxo, com a ajuda da diva da imprensa cor-de-rosa, havia arrebanhado aquele ramalhete de gente com a oferta de uma moto de todo-o-terreno a cada um, e a promessa de que, se as coisas corressem tão bem como ele previa, no fim do ano viria um jipe juntar-se à moto.

Mas o paleio, meus senhores, ficava por aqui.

O resto da emissão, vinte e quatro horas sobre vinte e quatro, em banda tão larga que chegasse a quase todo o país com um mínimo de interferência, era música.

Exclusivamente música portuguesa, claro, já que essa fora desde o primeiro dia a imagem de marca daquela frequência do FM.

Música portuguesa de todos os estilos, de todas as épocas, com todas as denominações.

Para assegurar a transmissão ininterrupta de música portuguesa e a inserção aqui e ali de uma crónica cheia de sugestão e de sonho, as novas tecnologias já não requeriam nada de assim muito especial em termos de equipa. Bastava as editoras mandarem todas para lá os discos que tinham em catálogo e queriam promover, e depois acertarem com os meninos do marketing as horas e frequências de emissão de cada faixa, conforme os interesses do momento. Para a música tocar depois de devidamente escalonada, bastava um computador. E dois meninos speedados e criativos acabadinhos de sair do curso de Informática, para fazerem turnos e assegurarem a programação e manutenção do dito computador, na base salário mínimo e discos à vontade e à borla, e contrato renovável a seis meses. Aliás, os meninos estava estão excitados com a máquina fabulosa com que lhes fora dado brincar que se dispunham, com toda a evidência, a passarem os dois o tempo todo de roda dela, e a bem dizer viverem ali mesmo.

E isto, meus amigos, concluiu Graciano Roxo depois de uma pausa dramática, do alto do estrado onde andava a passear de um lado para o outro com o microfone na mão, isto, meus amigos, repetiu para dar mais ênfase, isto faz plena justiça ao nosso lema. Um crescimento assim não se dá. Só se conquista.

A equipa da Rádio Liberdade ouviu aquele relambório todo num estado crescente de consternação.

A conversa do empresário não queria só dizer que era ali mesmo, sem apelo nem agravo, que o sonho antigo deles, de independência completa e de informação alternativa, batia mesmo no fundo. Em termos mais prosaicos, o chefe acabava de comunicar-lhes que estavam todos sem emprego.

Saíram sem dizer grande coisa, sem trocarem sequer olhares uns com os outros, tal era o estado geral de desânimo, e quase de vergonha. Os mais afoitos foram direitinhos para a tesouraria, para se informarem de quais seriam os benefícios inerentes ao despedimento sem aviso e sem justa causa.

Foi assim que ficaram a saber mais depressa que não seriam nenhuns. Com o tempo, para fugir aos impostos, toda a gente se tinha passado para os recibos verdes e as ajudas de custo. Agora Graciano Roxo não devia nada a ninguém.

Estavam os outros todos a arrastar os pés para fora da sala, e estava Martim Farto a aproximar-se de Joaquim Peixoto, enfiar-lhe o braço por dentro do seu braço, e dar-lhe uma sacudidela para obrigá-lo a parar e levantar os olhos.

Sobe a viseira, homem. Tenho boas notícias. Não podia era dizer-te lá dentro. Vá, anda tomar um café.

Joaquim Peixoto seguiu-o a arrastar ainda mais os pés.

Ouve, principiou Martim Farto com uma grande solenidade. Já ouviste falar da Universidade Livre Professor Agostinho da Silva?

Não, respondeu Joaquim Peixoto com os ombros todos metidos para dentro, a remexer o café com a colherzinha sem qualquer entusiasmo.

O outro lançou-se num grande discurso. Que aquilo era das poucas armas de resistência contra a globalização que ainda nos restavam. Que aquilo era a única forma de fazer curto-circuito sobre o marasmo nacional, atacando-o directamente pela base, sendo que essa base era a garra monolítica com que o governo impunha a todo o país por igual uma educação resignada e mediana, sem altos voos nem rasgos de rebeldia. Que aquilo era o regresso possível ao esplendor das academias gregas, quando mestres e discípulos se reuniam livremente para livremente pensarem em conjunto, e construírem ideias em que ninguém mandava. Que ali, ali sim, estava um espaço protegido, e privilegiado, a partir do qual era possível organizar e perpetuar a revolução permanente.

Quando teve a sensação nítida que o seu interlocutor já nem estava a ouvi-lo, deixou cair o isco.

Ontem o Roxo veio encontrar se comigo. Falou-me da sua decisão de modificar por completo a Rádio Liberdade, e eu tive um grande desgosto mas compreendi-o perfeitamente. Depois convidou-me para, cessadas que estariam a partir de hoje as minhas funções de director da rádio, assumir a partir de amanhã as funções de director do curso de Comunicação Social e Multimédia do Pólo do Bombarral da Universidade Livre Agostinho da Silva.

Joaquim Peixoto acordou.

O que é que o Roxo tem a ver com essa Universidade?

É um dos sócios do grupo fundador do Pólo do Bombarral.

Joaquim Peixoto suspirou.

Martim Farto sacudiu-lhe o braço para tentar espreitá-lo.

O Graciano tem tomates, Quim. Tem ideias. Tem visão. Podes dizer-me que ele é um pato-bravo, e eu não contesto, mas é um pato-bravo com tomates, com ideias, e com visão. Ouve. Se o país é para estar todo entregue aos patos-bravos, e contra isso a gente não pode fazer nada, então a gente que faça o que ainda nos resta fazer, que é pormo-nos ao serviço dos patos-bravos com tomates, com ideias, e com visão. É ou não é?

Joaquim Peixoto disse lentamente que sim com a cabeça.

Oh homem, protestou Martim Farto. Mostra um bocadinho mais de entusiasmo, vá lá.

Joaquim Peixoto levantou os olhos.

Muitos parabéns pelo teu novo cargo, camarada.

Ah, fez Martim Farto já com os olhos a brilhar de antecipação, porque agora vinha aí a grande surpresa. E pelo teu novo cargo também, professor.

Quê?

Como director do Curso de Comunicação Social e Multimédia do Pólo do Bombarral da Universidade Livre Agostinho da Silva, estou a convidar-te oficialmente para assumires o cargo de docência das matérias relativas à imprensa.

Eu?

Pois. Tu.

Mas porquê?

Então, porque já tiveste a tarimba da Actualidades, que para todos os efeitos é a revista semanal com mais circulação e leitura do país. E porque és um homem calmo, que sabe ouvir bem os outros, e portanto não tenho dúvidas de que serás muito bom a dar aulas. As Universidades andam cheias de gente que adora ouvir-se a si própria e mal dá pela existência dos alunos, e é exactamente dessa gente que eu quero libertar o meu curso. Vejo isto a funcionar de uma forma extremamente interactiva, que servirá de trampolim e balão de ensaio para o estabelecimento de uma nova atitude nas relações docente-discente. Uma coisa que sempre admirei em ti, acompanhando o teu percurso, é a tua flexibilidade. A tua capacidade de descobrires formas eficazes de funcionar em situações novas que te são desconhecidas. É de gente como tu que este projecto precisa. Entendes? E também de gente modesta e dedicada, o oposto das prima-donas que infestam e destroem a Comunicação Social destes dias, e nesse domínio tu és um expoente raro.

Então? Alinhas? Vens comigo amanhã ao Bombarral para tratarmos dos teus papéis?

Eh pá, com toda a franqueza, estou a achar fruta a mais esse interesse todo pelas minhas capacidades académicas. Que aliás, devo recordar-te, nunca foram minimamente testadas.

As minhas também não, camarada. É um desafio. A gente respira fundo, e depois atira-se de cabeça. Tenho a certeza de que, só de sabermos que estamos a fazer esse esforço ao serviço de um projecto novo e criativo, a inspiração fluirá naturalmente.

Está bem, está bem. Mas desconfio é que, no que me diz respeito, andou para aí cunha da Bárbara Emília.

Eh pá, defendeu-se o Martim Farto. Eu sei que a Bárbara ontem falou com o Graciano numa festa de angariação de fundos para as escolas de Timor Lorosae, mas não faço ideia do que é que conversaram. Sei que ele hoje, quando chegou à rádio para fazer o anúncio às tropas, passou por mim e puxou-me de lado, e mencionou o teu nome para a lista de docentes do meu curso. Agora, o que posso garantir-te é que, assim que ele falou em ti, eu achei logo uma óptima ideia. Por todas as razões que te expus agora mesmo. Que são absolutamente sinceras, e são muito válidas. Não achas?

Sei lá o que é que hei-de achar.

Acha bem, pá. Solta-te. Anima-te. Ri-te. A vida está a correr-te bem. E agora vai para casa, arranja duas fotografias, junta o bilhete de identidade, e mais o número de contribuinte, e o NIB, e mais o teu CV, e mais o que tu lá tenhas que possa ser considerado um grau académico, e está pronto e bem disposto às nove, que eu passo a buscar-te. Ouve, e toma um comprimido que isso passa, ouviste? Ninguém pode partir de trombas para a revolução.

Dois dias mais tarde, Hermínio Carinhas e Graciano Roxo já tinham deliberado que o curso de Verão em Cuba valia um diploma de Mestrado, e que portanto o jornalista experiente da prestigiosa revista Actualidades merecia o grau de professor associado. A Dona Teresinha pediu-lhe que assinasse diante de várias cruces, carimbou-lhe vários papéis, despachou-o para o médico que estava no gabinete do lado e fazia as avaliações da forma física ali mesmo, e cerca de hora e meia mais tarde entregou-lhe o contrato, já assinado por todas as partes, e com um selo branco por cima.

Nove meses depois, ainda meio atordoado e a apalpar constantemente a embalagem de Paxilfar que tinha no bolso das calças, Joaquim Peixoto estava a dar a sua primeira aula de background para um ramalhete de alunos extremamente caprichados no vestir, que mantinham os walkmans nos ouvidos e atendiam telemóveis com a maior naturalidade do mundo.

Agora, quando ele esperava receber finalmente algum aplauso dos colegas por ter tomado uma atitude firme contra a má-criação desses mesmos alunos, Martim Farto estava a olhar para ele com um olhar negro, e a comunicar-lhe que o seu gesto da última aula não caíra nada bem nem na Reitoria nem na Administração.

Está bem, pá. A Reitoria e a Administração também fazem uma data de gestos que me caem muito mal a mim, e eu calo-me e continuo a fazer o meu trabalho.

Mas não és tu quem manda, meu.

Eu pensava que fazia parte integrante da nossa experiência de revolução no ensino isto dentro do campus ser uma democracia.

Não te ponhas com desculpas de mau pagador. Isto é uma democracia. Não é uma rebaldaria. Eles entraram com a massa, e tu não. E são eles que te pagam ao fim do mês. Tu só recebes.

Fixe. Recebo uma miséria para o investimento brutal que faço. E não protesto. Já podia ter posto a boca no trombone e divulgado ao país uma data de coisas completamente incorrectas, senão mesmo ilegais, que tenho visto acontecerem aqui dentro. E nunca pus. Parto do princípio de que o meu silêncio, e por arrastamento a minha convivência, me dão o direito de, dentro das minhas aulas, pôr os alunos na ordem quando eles merecem.

Martim Farto inclinou-se para trás com um ar enjoado e ofendido.

Não te conhecia essa costela de reaccionário paternalista na tua concepção da relação professor-aluno, Joaquim. E nem suspeitava da existência do chantagista que pelos vistos há em ti. Sabes uma coisa? Acho que já não te quero no meu curso. Foste uma má aposta. Se eu fosse a ti, ia já falar com a Dona Teresinha e regularizava a situação com ela. Actua como se te demitisses de livre vontade, para eu não ter que manchar o teu cadastro com uma carta justificativa do despedimento a reiterar todas as atitudes ditatoriais, e todas as ameaças não tão veladas como isso, que acabo de ouvir. Por mim, o assunto está encerrado.

Atirou com umas moedas para pagar as bicas para cima da mesa, pendurou o saco do ombro, levantou o queixo, e saiu em passadas largas para deixar bem expressa a sua indignação.

Joaquim Peixoto encolheu os ombros, e foi obedientemente sentar-se na cadeira de plástico verde, encostada à parede do corredor, que constituía a sala de espera para o escritório da Dona Teresinha.

Durante a meia hora em que para ali esteve à espera de ser oficialmente posto na rua, as secretárias e os contínuos que foram aparecendo explicaram-lhe com grandes pormenores a génese profunda da sua queda em desgraça.

Aquela menina rica com quem ele tinha gozado diante dos colegas, e a seguir chegado ao ponto de expulsar da sala, era sobrinha da Clara Pinto Correia.

Tinha sido mesmo a Clara Pinto Correia em pessoa quem lhe tinha escrito aquela crónica sobre as rotundas.

A Clara Pinto Correia devia uns favores ao Carinhas, por causa de uma casa de campo adquirida em situação de empréstimo bonificado particularmente duvidoso, e era por isso que, uma vez por semestre, se dava ao trabalho de aparecer no Pólo para proferir umas conferências extremament populares sobre temas completamente bizarros, num estilo solto e sempre à beira da

provocação sexual que o povo do Bombarral apreciava deveras, mesmo quando não percebia nada do que ela estava a dizer, o que acontecia com bastante frequência.

A sobrinha contou à tia o incidente desencadeado por aquela crónica completamente inédita. Uma coisa que, mandada para a Actualidades, valia uma data de massa. E que fora escrita com imenso amor e carinho durante o café de um jantar de família.

A tia telefonou imediatamente à Magnífica Reitora Maruja Montenegro, de quem era muito amiga.

A Magnífica Reitora falou para a Administração.

A Administração falou para a Clara Pinto Correia.

A Clara Pinto Correia disse que não gostava de puxar pelos galões e comparar o seu estatuto ao dos professorzinhos da tanga que eles lá tinham, mas, francamente, sentia-se ofendida.

Até talvez escrevesse uma crónica sobre a forma como o professorzinho comentara a sua crónica.

Joaquim Peixoto estava despedido.

E, como era pago à hora e havia justa causa, não tinha direito a nada.

Cafeína

Alcalóide derivado da xantina, que existe no chá e no café e também pode obter-se por síntese. É um estimulante do sistema nervoso.

Bom. Acontece que Bárbara Emília ainda teve que passar por algumas atribulações antes de chegar àquele momento de glória no Papaçorda. O momento solene das assinaturas, que marcou o salto do Lugar do Coentro de Ouro do Seixal para a expansão e o florescimento do Coentro do Pateo Bagatella, logo seguido pelo Coentro de Cascais.

Antes de mais nada recordemos que, quando a pobre mulher recebeu o convite dos accionistas para a reunião nas Amoreiras seguida de jantar comemorativo com ostras e champanhe, estava completamente grávida e tinha a sócia de férias num sítio sem telefone. O que quer dizer que teve de ir à tal reunião sozinha. O que, se bem se lembram, nessa altura também quis dizer que foi obrigada a confrontar-se com o facto de que, antes de mais nada, tinha que guiar o Alhambra novinho em folha até às Amoreiras. Depois tinha que encontrar um lugar para arrumar no parque sempre sobrelotado. E, a seguir, precisava absolutamente de aparecer na reunião dos accionistas com o ar descontraído de quem tem profundamente inscritas no código genético gerações e gerações de prática lisboeta.

Ia na auto-estrada para a ponte a caminho deste momento decisivo, vestida e penteada e maquilhada a rigor, com uma aura simultaneamente supersofisticada, supergrávida, e supercool, quando reparou com um arrepio na espinha, que lhe pôs os pêlos dos braços todos em pé, que estava prestes a ficar sem gasóleo.

Virou para a bomba da Repsol a praguejar entre dentes, e travou com algum excesso de energia diante da bomba oito, onde a imagem de uma menina sonhadora ilustrava os dizeres Pense num desejo... Pensou, é seu.

Desenroscou a tampa do depósito o mais depressa que pôde. Enfiou a ponta da mangueira no devido buraco. E verificou, com irritação crescente, que a bomba não estava a funcionar.

Teve que ir reclamar ao posto de abastecimento que havia um problema na bomba oito. Problema esse que a menina da caixa registadora, a mastigar pastilha elástica e com todo o tempo do mundo à sua frente, levou uns minutos a consertar.

Para Bárbara, cada um desses minutos pareceu um bom par de horas.

Os nervos eram tantos que, enquanto esperava, devorou dois Magnuns de Amêndoas de seguida. Este comportamento compulsivo provocou na bicha para pagar alguns considerandos a meia voz sobre os desejos das mulheres grávidas.

Resolvido finalmente o problema da bomba oito, Bárbara Emília voltou devagar para o monovolume, refreando com dificuldade o seu instinto de ir antes a correr como uma doida. A última coisa de que precisava agora era de partir o salto de um dos sapatos.

Na bomba nove, ali mesmo ao lado, tinha parado entretanto um Volvo azul-escuro metalizado. Quando Bárbara olhou, estava a sair de lá de dentro, pela porta do lado do condutor, um homem de trinta e poucos anos com muito bom aspecto. Daqueles que uma mulher, quando os vê assim só de relance, pensa logo que não se importava nada de levar a sair.

Enquanto estava a bombear o gasóleo, e apenas porque não tinha absolutamente mais nada para fazer, Bárbara resolveu olhar melhor para o homem do Volvo.

Pois envergava ele uma camisa às risquinhas azuis e brancas, sem uma única ruga ou vinco que se visse, com alguns botões abertos à frente, e com as mangas levemente arregaçadas. E tinha umas belas mãos. Daquelas de dedos compridos, que parecem de pianista.

Bárbara olhou-lhe melhor para a cara, a tentar decidir se ele seria ou não pianista.

Foi nessa altura que se deu conta de que o homem da bomba nove também estava a olhar para ela.

E também parecia estar a gostar do que via.

Desviaram os dois imediatamente os olhos.

O gasóleo da bomba oito começou a gorgolejar no depósito, assinalando o disparo final do mecanismo. Bárbara repôs a mangueira no sítio, com muito cuidado para não passar os olhos pela bomba nove. Depois foi buscar a tampa, e nessa altura descobriu que não se lembrava onde é que a tinha posto. Mas é que não se lembrava mesmo, de todo em todo.

Não estava em cima das bombas. Não estava em cima do monovolume.

Não estava lá dentro. Nem no tablier, nem nos bancos, nem no tapete junto aos bancos, nada. Achou melhor tirar os sapatos para voltar a correr para dentro do posto de abastecimento, não fosse tê-la deixado lá dentro. Tinha toalhetes perfumados no porta-luvas para poder limpar os pés a seguir.

Vasculhou tudo. Até a arca da Olá. Perguntou à menina da caixa. Nada.

Ninguém tinha visto nenhuma tampa de depósito.

Catarina Eufémia esperneava-lhe dentro da barriga como se estivesse disposta a nascer ali mesmo.

Voltou para o monovolume quase a chorar, e a fazer um esforço enorme para não desenhar na testa e no queixo o sinal-da-cruz, não fosse o homem do Volvo estar a olhar. Já lhe bastava a humilhação do seu comportamento pouco fino, ainda por cima rematado pelos pés descalços, agora sujos de terra e de pó.

Acalma-te, Bárbara Emília. Não há cenas, não há trombas. As tampas não têm pernas. Claro que está em algum lado. E ainda não te atrasaste, mulher.

Só te enervaste. É tudo. Respira fundo, vá. Respira fundo. Isto resolve-se.

Nenhum daqueles pensamentos sensatos lhe impedia o coração de estar quase a saltar-lhe pela boca. Ainda por cima, não conseguia parar de desviar os olhos para um graffiti enorme, fluorescente, horrível, assustador, deprimente, em todos os tons que vão do laranja ao roxo, que se entrevia por trás da lavagem automática e que dizia

THE WORLD IS NERVOUS.

Era disto que andava à procura?

O homem do Volvo tinha a tampa do depósito dela na mão.

Tinha, também, um sorriso assaz interessante.

Escorregou para este lado. Veio parar debaixo do meu carro. Calculei que fosse sua.

Bárbara Emília deixou escapar um gritinho que a moderação imposta pelas circunstâncias transformou numa espécie de gemido, e arrancou a tampa das mãos do homem interessante numa pressa louca. Depois, antes de voltar a entrar para o monovolume, tentou compor o cabelo a olhar para o espelho lateral direito.

Precisa de mais alguma coisa?

O homem interessante estava a olhar para ela com uma atenção quase clínica.

Preciso de um calmante, gritou Bárbara já sem mais paciência para jogos de aparências. Preciso de um calmante, ouviu? Preciso duma porra de um calmante, que estou a caminho de fechar o negócio da minha vida e está tudo a correr mal.

Mas a senhora está grávida, observou o homem interessante.

A criança também precisa de um calmante, gritou Bárbara cada vez mais alto, e cada vez mais aliviada por se ter finalmente decidido a deixar sair a tensão com um bom par de berros.

Sabia lá quem era o homem da bomba nove. Ele que pensasse dela o que quisesse. Assim como assim, nunca mais voltava a vê-lo. Podia deixar-se ficar tão histérica quanto lhe apetecesse.

A criança está-me para aqui a espernear de tal maneira dentro da barriga que daqui a bocado ainda me põe a começar a ter contracções aqui mesmo nesta porra desta Repsol, e depois lá se vai o meu negócio. Está quieta, Catarina Eufémia. Tu não ouves a tua mãe? Estou a dizer-te para estares quieta, porra. Porra, porra, porra.

Sentia-se tão injustiçada que até deu um pontapé na jante de liga leve do pneu dianteiro direito do monovolume.

Estou a ver, disse o homem interessante.

Abriu a porta do Volvo, puxou do banco do lado uma pasta de cabedal daquelas que os médicos usam, vasculhou um bocado lá dentro, e depois tirou uma carteirinha daquelas das amostras oferecidas pelos laboratórios.

Isto serve, oh... como é que se chama?

Bárbara.

Isto serve, oh Bárbara. Suaviza a irritabilidade, e não faz mal a uma criança já com nove meses. Mas faça-me um favor. Encoste ali o carro à sombra, e venha lá dentro comigo tomar um café, com uma água mineral com gás bem fresca. O ar condicionado ajuda a descontraír. O café é um pretexto, percebe? Do que você precisa mesmo é de sentar-se com água fresca no ar condicionado, e depois respirar fundo, e depois conversar calmamente com alguém durante uns cinco minutinhos. Sem barulho. Sem pressa. Eu ofereço-me como voluntário. Venha. Sou um bom conversador. E sou ainda melhor a ouvir.

Bárbara estava a olhar para ele de boca entreaberta, interdita, com as emoções a cavalo entre precipitar-se de imediato para o negócio da sua vida e a visão dos cinco minutos frescos e tranquilos, descontraídos ainda mais por um comprimido que suavizava a irritabilidade e não fazia mal à Catarina. Bom, e quer dizer, com o homem interessante a olhar para ela. Claro que o seu salvador podia ser um perigoso psicopata. Até podia ser daqueles fotógrafos que drogam as mulheres depois para as mostrarem nuas ao mundo inteiro, como nas histórias das revistas.

Mas, se era, a verdade é que não parecia.

E dava mesmo vontade de conhecê-lo melhor.

Hesitou por uns segundos.

O homem da bomba nove sorriu um sorriso mais rasgado, e estendeu-lhe os dedos de pianista.

Frederico Guilherme. Psiquiatra. Muito prazer.

Tinha um aperto de mão que inspirava imediatamente a mais incondicional das confianças.

«*Amanhã acordas rico*»

Joaquim Peixoto tinha as pernas a tremer de tanto Paxilfar enfiado com cerveja. Era quase meia-noite, e a mistura punha-o completamente estonteado mas absolutamente incapaz de dormir. Um estado de hipnose, gostava ele de pensar.

E, na situação vertente, o caso não era para menos.

Estava cercado por todos os lados de pilhas incongruentes de objectos variegados que, àquela hora, naquelas condições, lhe pareciam todos ou pindéricos, ou inúteis, ou ambas as coisas. Tinha-se embrenhado até às orelhas na tarefa ingrata de enfiar em caixotes todos os seus parques haveres.

Foi nessa altura que Graciano Roxo lhe tocou à porta.

Era Joaquim Peixoto, estava mais uma vez de partida para Queluz Ocidental, despedido que estava do seu emprego na docência universitária, e baldados que estavam os esforços de Sebastião Curto e Bárbara Emília para conseguirem vender a história do crime do juiz por uma quantia choruda, fosse lá para onde fosse. Depois do seu último dia no Bombarral, a cena das edições de autor vendidas nas feiras com a cumplicidade dos polícias parecia-lhe, pura e simplesmente, de um ridículo desnecessário.

Pronto.

Acabou-se.

Eu, cá por mim, se me deixarem, vou revelar fotografias para um centro comercial, a ganhar o ordenado mínimo e a trabalhar fora de horas. Não tento mais nada. Não procuro mais nada. Não quero mais nada.

Já chega.

Estou farto.

Assim a Bárbara Emília que continue a ter pena de mim, para continuar a ir buscar receitas de Paxilfar ao filho da puta.

Graciano Roxo encontrou Joaquim Peixoto a preparar-se para encostar às boxes.

É o Joaquim, não é?

O pobre homem encostou-se aos caixotes. Tentou focar bem os olhos no desconhecido, mas quis-lhe parecer que não o conhecia mesmo de lado nenhum. Disse automaticamente que sim com a cabeça, e ocorreu-lhe que talvez tivesse chegado a sua hora e aquilo fosse a morte. Um homem de meia-idade

todo bem posto? A cheirar a perfume? De charuto a despontar do bolso do casaco? A tocar à campainha de um T 0? Na Rebelva? À meia-noite?

Oh, Joaquim. Então ainda só hoje é que se demitiu e já nem se lembra do seu administrador? Eu, por acaso, devo dizer-lhe que a sua demissão foi uma grande perda para nós. Mas pronto. Você é que sabe da sua vida. Aliás já me chegou aos ouvidos que tem em mãos um projecto que tenciona vender por um tipo de quantia que não se ganha nas Universidades. Certo?

Joaquim Peixoto deitou as mãos à cabeça.

Ah. Professor Roxo. Eh pá, desculpe. Entre. Sente-se. Quer dizer, olhe desculpe, tem que ser num caixote porque eu estou em plena noite de mudanças. Pois, aí, sente-se, sente-se. Desculpe. Estava tão absorvido por este trabalho, e com os pensamentos tão ocupados pelo tal projecto de que falou que ao princípio nem o reconheci. Desculpe. Diga. Quer alguma coisa?

Bem, eu também, que estou de partida, já cá não tenho grande coisa que possa oferecer-lhe. Mas ainda há cerveja. Uma cerveja fresca. Quer?

Graciano Roxo assentiu com bonomia.

Joaquim Peixoto abriu uma lata para ele e outra para si, e sentou-se em cima do caixote que se encontrava mais próximo do caixote ocupado pelo seu patrão do dia anterior. Estava por tudo.

Só queria ter a certeza de que acabava as arrumações e metia a tralha no carro do Sebastião ainda durante a noite, para conseguir sair dali sem ser visto pelo senhorio, e antes do senhorio ter tempo para ser alertado pelos vizinhos. Já estava com um mês de renda atrasado, e assim, com um bocado de sorte, ainda conseguia dar à sola sem pagar dois.

Então, Joaquim, principiou Graciano Roxo com aquele seu ar de quem tem grandes notícias para dar ao povo. O Farto já lhe falou do Tudo a Nu?

Do quê?

Do jornal que ele está a dirigir com os nossos auspícios.

Os auspícios de quem?

Oh diabo. Você anda mesmo na Lua. O Farto bem me avisou. Olhe, já ouviu certamente falar da Novimprensa?

A empresa da Actualidades?

E também da Mulher Dinâmica, e de várias outras publicações.

OK. E então?

A Novimprensa pediu-me ajuda para montar um negócio satélite que faça entrar mais dinheiro directamente para o banco, no sentido de suprimir estes problemas momentâneos de cash-flow que às vezes aparecem quando há flutuações das bolsas, o que se torna demasiado frequente em alturas como esta

quando todos os mercados tendem a estar em baixa, e são sempre extremamente desagradáveis quando se manifestam à superfície.

Percebeu perfeitamente que Joaquim Peixoto já não estava a ouvi-lo. Mudou de registo.

A Novimprensa quer que eu lance um tablóide que lhe esteja associado, mas não oficialmente, compreende? Eles querem manter o registo de grupo de publicações de qualidade, o que faz perfeito sentido. Da maneira como as coisas ficaram montadas, eles dão-me o backup necessário para o arranque através de umas empresas de prestação de serviços que eu tenho em conjunto com o Rui Manuel Salema, que é um dos principais accionistas da Novimprensa e aliás o grande patrono da sua ex-mulher, eu dou a cara pelo tablóide, aquilo vende que nem pãozinhos, e o dinheiro chega à Novimprensa através da tal rede por onde chegou até mim. Compreende?

Joaquim Peixoto ainda arrebitara as orelhas ao ouvir falar de tablóides, mas agora já estava outra vez a pensar na vida.

Graciano Roxo, que tinha uma certa dificuldade em resistir ao prazer que lhe dava o esmiuçar daqueles pormenores técnicos, passou ao ataque frontal.

O Farto é o director desse tablóide, que se chama Tudo a Nu. Não me diga que não viu isto já aí anunciado por toda a parte.

O professor desculpe, mas sabe, ultimamente vêm-se tantas coisas anunciadas que metem pessoas nuas ou coisas a nu, que é difícil um gajo acompanhar tudo com o devido pormenor.

É o que diz o Farto. Você vive na Lua. O Tudo a Nu vai chegar às bancas dentro de três semanas, e estamos todos determinados a pôr o país inteiro a falar dele. Mas temos um pequeno problema.

Levantou as sobrancelhas e ficou à espera que Joaquim Peixoto se dignasse a mostrar algum interesse.

Joaquim Peixoto lá conseguiu esforçar-se por mostrar algum interesse.

Ainda não temos capa, revelou-lhe Graciano Roxo.

Uma capa assim verdadeiramente escandalosa, verdadeiramente de fazer parar o trânsito, uma capa do caracas que sacuda o país inteiro.

Baixou a voz com um sorriso conspiratório. E é aí que você entra em cena.

Eu?

Disseram-me que tem cá em casa um disco com umas fotos de uma senhora nua amarrada à cama e cheia de sangue, e um texto sobre violência doméstica e crime que envolve uma figura pública de primeira classe. E que essa gente já está toda morta, e portanto não pode incomodar ninguém.

Quem é que lhe disse?

Não interessa. Tem cá esse disco?

Tenho.

Então passe-mo para a mão, e amanhã acorda com trezentos contos no banco.

Eu?

Pois. Os dados da sua conta bancária estão todos na tesouraria do Pólo, certo? Tenho-os aqui comigo. Não custa nada telefonar a um amigo e fazer um depósito em notas. Aliás, até me dá bastante jeito.

Porquê?

Graciano Roxo piscou-lhe o olho.

Umas massas que andam para aí, e que precisam de ser branqueadas. Se o escândalo vender mesmo muito, se tivermos que fazer uma segunda edição, aparecem-lhe lá outros duzentos. Depende do seu talento. Eu não sei que ainda não vi a história. Mas disseram-me que é do pior que se arranja.

Pôs-se em pé para dar a sessão por concluída.

Então? Temos negócio?

Joaquim Peixoto estava com uma dificuldade séria em levantar-se. Aquela última cerveja bateu-lhe mal. Às vezes acontecia, nas grandes noites de Paxilfar e álcool. O que ele costumava fazer nesses casos era atirar-se para a cama todo vestido e pronto. Mas era um bocado difícil fazer isso no meio dos caixotes, e com aquele senhor de fato e gravata ali à sua frente a oferecer-lhe trezentos contos, talvez até quinhentos.

Qual é o seu problema?, impacientou-se Graciano Roxo. Você acaba de ser despedido, homem. Não quer ganhar trezentos contos, talvez até quinhentos?

Joaquim Peixoto amparou-se aos caixotes para chegar à mesinha precária onde estava guardado o disco dentro de um envelope fechado, escondido dentro de uma caixa de sapatos selada com fita cola, e lá conseguiu depositar a caixa nas mãos de Graciano Roxo sem deitar nada ao chão.

Graciano Roxo enfiou-lhe imediatamente na mão dez notas de dez contos.

O resto está no banco amanhã.

E como é que sei...?

O outro deu-lhe uma palmada amigável nas costas com toda a força, e soltou uma gargalhada sonora que se ouviu pelas escadas de todo o prédio.

Oh desgraçado, se você nem consegue pensar, olhe, penso eu por si. Então, depois desta conversa toda, se você amanhã não tivesse o dinheiro no banco não acha que já tinha testemunho que chegue para me incriminar? E, por arrastamento, incriminar a Novimprensa? Não vê que o pusemos no barco e agora não podemos voltar a deitá-lo à água? Sossegue, homem. A gente ampara-o. Vá dormir. Amanhã acorda rico. Olhe que é o sonho de muita gente. Goze-se bem dele.

E saiu.

Só que a tal gargalhada que ecoou pelas escadas de todo o prédio também ecoou nos ouvidos adormecidos de Sebastião Curto, que continuava a pé firme na Rebelva de guarda ao disco único e a Catarina Eufémia. A percepção de que já estava tudo estragado acordou-o com o vigor instantâneo de um relâmpago, e fê-lo saltar de trás dos caixotes com uma agilidade que já ninguém esperaria de um homem cansado que tratava tão mal o corpo. Ainda correu pela escada abaixo atrás de Graciano Roxo, indiferente ao facto de estar completamente nu, de já terem vindo alguns vizinhos à porta espiolhar o rebuliço, e até de estar muito frio lá fora.

Chegou à rua a tempo de ver o Mercedes do empresário desaparecer na esquina.

Voltou a subir as escadas tão depressa como as tinha descido, com uma distribuição generosa de berros aos vizinhos, aconselhando-os a voltarem todos para a cama que ele tratava sozinho do assunto.

Parou ofegante na soleira da porta de Joaquim Peixoto, a olhar para ele de alto a baixo com raiva e com nojo.

Tira os óculos, cabrão.

Joaquim Peixoto só teve tempo de se encostar à parede e fechar os olhos.

Sebastião Curto espetou-lhe um murro no queixo do lado esquerdo, puxou-lhe os cabelos para lhe levantar a cabeça e aplicar um murro ainda mais forte na bochecha direita, enfiou-lhe o cotovelo no estômago, fê-lo cair ao chão aos gemidos, deu-lhe um pontapé no pescoço, ainda lhe aplicou mais um nas pernas, certificou-se de que o pobre trambolho já tinha vomitado e já estava desmaiado, limpou o suor com um dos panos de limpar o pó às coisas que iam ser postas nos caixotes, e por fim fechou a porta do T 0.

Catarina Eufémia, que assistira a todo o episódio em silêncio e com imensa atenção, saiu finalmente de trás dos caixotes em todo o esplendor da sua nudez de catorze anos, passou por cima do corpo do pai sem olhar sequer para ele, e veio abraçar-se ao fotógrafo com um suspiro terno.

Vírus-vacina

Vacina preparada a partir de um vírus vivo, atenuado por repicagens sucessivas em diversos meios de cultura.

Quando pediu a Joaquim Peixoto que saísse de casa, Bárbara Emília foi subitamente obrigada a confrontar-se com um problema inesperado que a apanhou completamente de surpresa.

Estando ela separada do seu homem, e tendo o seu homem ido refugiar-se em Queluz Ocidental num estupor inerte químico e alcoólico, não fazia qualquer espécie de sentido ela continuar a ir pedir receitas para ele ao consultório da Barata Salgueiro.

Pois não?

Mas, se deixasse de ter uma boa razão de serviço para ir à Barata Salgueiro, deixaria de ter qualquer pretexto para as suas longas conversas quinzinais com o Frederico Guilherme.

Então, mas o Frederico é meu amigo. Os amigos podem encontrar-se sem ser por causa do trabalho, não podem?

Ora adeus, vais-te-me embora. Um homem casado e uma mulher separada. A outra ia mesmo achar normal, está na cara.

Quer dizer, a existência da outra não me incomoda nada.

Eu não quero ser amante do Frederico.

Pois não?

Não.

Mas a outra é que não vai na conversa, de certeza.

Os amigos ou têm pretextos de serviço ou não se encontram. E, se forem amigos de sexos opostos, pior um pouco. Ou eu continuo a ir buscar receitas para o Quim, ou nunca mais vejo o Frederico.

Está? Quim? É a Bárbara. Ouve, eu pedi-te que nos deixasses descontrair enquanto tu organizas a tua vida, mas não deixei de ser tua amiga. Podes pedir-me ajuda sempre que precisares.

E não tenhas problemas com as receitas, OK? Eu trato-te disso nas calmas. Sim. Quero tratar de tudo o que puder ajudar-te.

Quando desligou o telemóvel, Bárbara Emília engoliu em seco. E, a seguir, corou até às orelhas. Não existiam testemunhas, mas isso pouco lhe interessava. Para todos os efeitos, acabava de admitir perante si própria que não gostava

nem um bocadinho da ideia de deixar de poder estar sempre que quisesse com o Frederico, naquela intimidade estranha do gabinete em que ambos se sentiam tão bem.

Nem que para isso continuasse a ser cúmplice da dependência química do seu ex.

Decidida a pegar o touro pelos cornos, foi falar com o Frederico nesse mesmo dia.

Não trouxe nenhum pedido de receitas, disse-lhe ela. Mas é que achei melhor vir avisar-te que acabo de separar-me do meu marido, e que ele já saiu de casa e foi enfiar-se no útero da mãe em Queluz Ocidental, e eu vou mudar-me na próxima semana para um apartamento superagradável no Pateo Bagatella. É só para tu estares atento ao que poderá aparecer nos próximos pedidos de receitas. Não sei se o Quim vai conseguir aguentar-se à bronca ou não.

E mais acrescentou que continuava a preocupar-se com o dito Quim e a querer ajudá-lo, claro. Doze anos não se enterram assim de um dia para o outro. Mas não há cenas, não há trombas. A vida continua.

Disse isto tudo com voz triste, a falar depressa, e sempre a olhar para o chão.

Deixou escorrer uma lágrima pela cara e tudo.

Depois limpou a lágrima com as costas da mão. Fez ao psiquiatra um afago rápido no braço. Disse que estava cheia de pressa, e perfeitamente consciente de não ser boa companhia naquelas circunstâncias. Referiu de passagem que tinha que ir ter com a Catarina a casa, porque com aquele sofrimento todo já nem sequer estava a conseguir ser boa mãe. E saiu a correr.

Quando se apanhou fechada dentro do carro deu imensos murros de fúria no volante.

Mas estava feito.

Bárbara Emília, com ou sem premeditação, que isso não podemos nós saber, acabava de fazer a Frederico Guilherme um teatro destinado simultaneamente a informá-lo de que estava disponível, e a derreter-lhe o coração empedernido de psiquiatra.

Frederico Guilherme encostou-se à janela quando ela saiu, e empurrou furiosamente o cabelo liso para fora da testa com as sobrancelhas todas franzidas.

Tinha acabado de passar-lhe pela cabeça que, se a alentejana não fosse tão querida e não continuasse disponível para ir lá pedir receitas para o ex, desapareceria para sempre da sua vida. E, se isso acontecesse, ia fazer-lhe imensa falta.

Nem sequer tinha a certeza de tudo aquilo ser absolutamente ético.

Que se lixe a cena do ético. O que me irrita é isto ser tão patético.

Eu não caí na asneira de me apaixonar por esta camponesa, pois não?

Porra, Frederico, tem juízo. A tua mulher foi a introdutora da epidural parcial prolongada na psiquiatria mundial.

Passou-lhe pela cabeça o riso condescendente dos colegas, dos alunos, das enfermeiras, dos filhos, da própria introdutora da epidural parcial prolongada na psiquiatria mundial, quando o vissem aparecer de braço dado com uma boazona alentejana, por junto com um diploma de enfermagem de uma escola de província, e agora gerente de um pronto-a-comer. Desencostou-se dajanela para dar um pontapé na mesa.

Aquilo irritava-o.

Reparou só nessa altura que já há bastante tempo que aquilo o irritava sobremaneira.

As duas enfermeiras e a recepcionista ali da Barata Salgueiro viam regularmente entrar pela porta dentro uma mulher linda de morrer, sempre pouco tempo antes de acabar a última consulta. Essa mulher não apresentava quaisquer sinais de estar a precisar de tratamento psiquiátrico. Quando saía o último doente, ela entrava para o gabinete e fechava a porta atrás de si. Depois passava uma hora, às vezes duas. Ouviam-se chegar lá de dentro risos e imprecações. E, no fim, saíam geralmente os dois juntos, ainda a dar baile um ao outro dentro do elevador.

Tu desculpa, Frederico Guilherme, mas o que é que tu queres que as duas enfermeiras e a recepcionista pensem que está a passar-se aqui dentro?

Veio-lhe à cabeça a imagem de Bárbara Emília toda nua em cima da sua secretária, e a visão fê-lo sentir um arrepio na espinha. Também o fez sentir uma erecção imediata, o que o deixou ainda mais furioso consigo próprio.

A fúria fê-lo lembrar-se de um episódio ocorrido há cerca de dois meses, ao qual, na altura, não dera qualquer espécie de importância. E essa lembrança ainda o deixou mais agitado.

Era um fim de tarde de quinta-feira, frio, escuro, chuvoso, com vento, daqueles em que nenhuma pessoa que esteja confortavelmente instalada sente vontade de sair de onde está. Frederico Guilherme e Bárbara Emília estavam confortavelmente instalados dentro do gabinete, e estavam entretidos numa interessante discussão filosófica sobre o papel específico da tesão sem estações de cio na evolução do cérebro humano, já que esta foi uma característica que teve que desenvolver-se a favor do Homo sapiens, porque mais nenhum outro animal tem ataques de tesão extemporâneos. Bárbara já tinha dito várias barbaridades, e preparava-se para dizer outra ainda pior, quando o telefone tocou em cima da secretária do Frederico.

Era a Marta, da recepção.

Professor? É só para avisar que vi agora mesmo o carro da sua esposa a entrar para o parque de estacionamento do prédio.

Na altura ele estava tão embalado com o que ainda tinha para dizer sobre a tesão, e tão ciente de que nesse dia preciso a Filipa tinha combinado vir buscá-lo à Barata Salgueiro para irem ao jantar dos consultores da INFARMED, que nem juntou dois e dois. Mas agora aquele telefonema retinha-lhe na cabeça com conotações que só podiam ser consideradas insultuosas. Mas o que vem a ser isto? Então agora aquela sopeirinha acha que é melhor avisar-me que é para eu e Bárbara nos vestirmos antes de a Filipa chegar cá acima? Está tudo doido? De que é que estas galinhas andam todas a conversar umas com as outras?

Eh pá, oh Frederico. Então e tu agora preocupas-te com conversas de porteiras?

Tantos anos a estudar, e agora achas que tens que dar explicações às enfermeiras? E às secretárias? E já agora aos doentes de hora fixa que também vêm a Bárbara quando saem daqui, não?

Voltou a ser assaltado pela visão de Bárbara Emília toda nua, e sentiu uma certa vontade de dar um tiro no seu próprio superego, para deixar de ter problemas de consciência de uma vez por todas.

E se eu lhe saltasse para a espinha, pronto, não sou um homem normal? Não tenho direito? Assim, género, só uma vez para arrumar este assunto?

Frederico, a Bárbara é enfermeira. A Filipa é catedrática.

A Filipa bem havia de rir-se à custa desta coisa de me estar sempre a puxar o pé para a chinela.

Se calhar, com as conversas destas mulheres todas que aqui trabalham, a Filipa a esta hora já ouviu uma data de histórias.

E se elas já espalharam a conversa na Faculdade?

Em que é que os meus colegas estarão realmente a pensar de cada vez que eu faço intervenções no Conselho Científico?, Porra. Frederico. Estás a ser completamente pueril.

Deu-lhe a sensação de que já não ia conseguir fazer mais nada nessa noite, e logo a seguir ocorreu-lhe que a iniciativa mais adequada à estranheza das circunstâncias seria dirigir-se sem mais demora a casa de Bárbara Emília e esclarecer a situação com ela cara a cara. Era uma mulher inteligente, bolas. Somos dois adultos responsáveis e sensatos. Podemos pôr isto tudo em pratos limpos e depois dormir descansados.

Bom, pelo menos em teoria o plano era este.

Tenho que sair já, murmurou para a recepcionista quando passou por ela a enfiar o sobretudo, escondendo-se o mais possível dos dois pobres desgraçados

que ainda estavam à espera na sala, depoisjá de terem folheado todas as Caras, todas as Luxes, e todas as VIPs disponíveis sobre a mesa central. Por favor peça aos doentes imensa desculpa da minha parte, explique-lhes que tive uma emergência familiar, e marque-os outra vez para a semana à mesma hora.

E o que é que quer que eu diga à professora Filipa?, perguntou a recepcionista sem olhar para ele, e sem mover um único músculo da cara.

Frederico Guilherme teve vontade de dar-lhe um murro.

Marta, suspirou ele com um ar muito sério e cansado. A professora Filipa está em Pequim, como sabe. Só volta depois de amanhã.

Tirou o telemóvel do bolso e espetou-o diante dos olhos da Marta.

E, se a professora Filipa quiser falar comigo, sabe perfeitamente como é que pode apanhar-me.

Teve que fazer um esforço absurdo para não bater com a porta à saída. A sequência dos acontecimentos, e a completa falta de clareza dos seus próprios propósitos, estavam a deixá-lo num tal estado de irritação que preferiu descer os lanços de escadas a dois e dois em vez de esperar pelo elevador. Quando se meteu no Volvo, deixou-o logo ir-se abaixo. Repetiu a manobra, e atirou-se para o meio do trânsito com os dentes cerrados.

O trânsito era um colosso de luzes vermelhas e brancas, infundável e intransponível.

Como é que aquela mulher aguenta viver na Margem Sul, santo Deus.

Oh Frederico, e tu já reparaste bem na figura de parvo que estás a fazer?

Aliás, tu és capaz de explicar o que é que estás a fazer?

Quero lá saber. Não sei, pronto. Estou no meu direito. Aliás, ninguém me conhece neste engarrafamento. Não está ninguém a ver.

Olha que gaita. Eu não sou o super-homem.

Eu tenho fraquezas, como toda a gente.

Eu tenho o direito de estar feito parvo neste engarrafamento imbecil.

Ai, merda. Espera aí, onde é que se vira para Fernão Ferro?

Os três quartos de hora que se seguiram foram piores que a hora inteira do engarrafamento. O Volvo de Frederico Guilherme deu voltas e mais voltas por sítios desconhecidos, todos igualmente horrorosos. Foi dar por várias vezes a ruas sem saída cheias de caixotes do lixo. Entrou mais que uma vez por engano para parques de estacionamento de fábricas e supermercados. Passou por diversos cartazes alusivos ao amor de Jesus afixados por duas ou três Igrejas Universais de Qualquer Coisa diferentes. Desfilou ao longo de paredes inteiras de construções abandonadas cobertas ou de graffitis cheios de fucks, shits, kills, Zulus da Margem Sul e quejandos, ou de cartazes a anunciarem espetáculos ou discos de umas bandas de aspecto tão medíocre que seria melhor para nós não

sermos obrigados a saber que existem. E quase que esbarrou em vários outros carros, na tentativa desesperada de ler os nomes das ruas. Estava a embrenhar-se mais e mais no labirinto e nunca conseguia desembocar em nada que se parecesse com os arredores vagamente familiares do prédio de Bárbara Emília, onde ele se lembrava de ter visto uma farmácia na esquina, com uma garagem de reparação rápida de pneus ao lado.

Quando o psiquiatra entrou na fase de ter mesmo que perguntar o caminho para Fernão Ferro aos transeuntes, já sentia um ódio de morte à sua própria fraqueza, e cada vez tolerava com mais dificuldade a noção do ridículo. Ainda por cima, a certa altura descobriu que estava mesmo sem cigarros.

Viu uma tabacaria que ainda tinha as luzes acesas e a porta aberta, e estacionou ali mesmo, com os piscas ligados.

Era um maço de Marlboro Lights, se faz favor.

Bem, eu vou andando, senhor Luís, disse uma mulher com voz de contralto e cabelo curto que andava do lado esquerdo a folhear as revistas.

Até amanhã, dona Conceição. As melhores.

Sozinho com o senhor Luís, Frederico Guilherme sentiu-se com um bocadinho mais de coragem para continuar a fazer figura de parvo.

O senhor desculpe, mas isto aqui é Fernão Ferro?

É, pois. De que lado é que veio? Não viu a placa?

Não. Tinha os vidros todos embaciados. Por acaso sabe-me dizer como é que se vai daqui para a Praceta Projectada à Rua Professor João Pereira da Rosa?

Então não. Esse carro aí é o seu?

Frederico Guilherme disse que sim com a cabeça.

O senhor Luís avançou para a porta a passos largos, parou no passeio, estendeu o braço direito e disse qualquer coisa, e a seguir estendeu o braço esquerdo e disse mais outra. Depois espetou um dedo para o centro, espetou outro dedo para cima, e desatou sem mais demora a esbracejar em todos os sentidos com imensas descrições de rotundas, stands da Citroén do lado direito, setas a dizerem piscina e PSP, prédios muito altos com o logotipo da Timex a vermelho no cimo, curvas sobre a esquerda a seguir às quais era preciso virar imediatamente à direita, e mais uma grande profusão de contorções labirínticas onde o homem da bomba nove já se tinha perdido por completo a muito menos de meio.

OK, obrigadíssimo pela ajuda. Acho que já percebi. Boa noite.

Tirou do bolso as chaves do Volvo.

Oh engenheiro, disse o senhor Luís por detrás dele.

Sim.

Desculpe eu dizer-lhe isto, eu sei que não o conheço mas enfim nós temos que ser uns para os outros. Com toda a sinceridade, o senhor engenheiro está com muito má cara. Isso tem todo o ar de ser neura. Sabe o que é que eu acho?

Frederico Guilherme arqueou as sobrancelhas.

Acho que devia falar com o seu médico de família sobre tomar Prozac, sugeri-lhe o senhor Luís .

Frederico Guilherme arrancou com uma grande chiadeira de pneus, e voltou para Lisboa tão depressa quanto pôde, com o Porto-Boavista em altos berros na rádio.

A última coisa que viu na Margem Sul foi um graffiti gigantesco a dizer
THE WORLD IS NERVOUS.

«Guerra é guerra»

Bárbara Emília contraiu instintivamente todos os músculos do corpo quando Sebastião Curto apareceu no meio do ritual de abertura do Coentro com Catarina Eufémia pela mão, logo pelas sete da manhã. Nem o fotógrafo nem a filha tinham por hábito levantarem-se cedo, a menos que alguma razão de força maior a tanto os obrigasse. E estavam os dois com um ar muito sério.

Sebastião. O que é que aconteceu? Quem é que tentou fazer mal à minha menina?

Eu estou bem, mãe. Estou só com sono.

Oh filha. Mas anda alguém atrás de ti?

Catarina largou uma risadinha irresponsável e trocou um olhar maroto com Sebastião.

Vá lá, pá. Tu é que és o homem. E tu é que és o crescido. Tu é que respondes à minha mãe, certo? Ela perguntou se anda alguém atrás de mim.

Sebastião soltou um suspiro resignado, mas não conseguiu deixar de sorrir e dar um piparote no nariz da miúda.

É um inferno, Bárbara, aturar esta juventude buliçosa. Um verdadeiro inferno, só te digo.

Então e estás a dizer-me isso a mim que a aturo todos os dias?

Catarina Eufémia saltou-lhe logo para o colo a enchê-la de beijinhos e a chamar-lhe mãezinha querida.

Diz adoro-te, minha cobrinha.

Adoro-te.

Fixe. E agora põe-te no chão, que a tua pobre e velha mãe já não tem energia para isto. Então vocês vieram cá só fazer-me uma visita, foi? Que queridos. De quem é que foi a ideia, confessem lá?

Sebastião comprimiu os lábios e pôs-lhe a mão no ombro.

Bárbara, eu vejo-te aqui tão dedicada e tão luminosa, e tão feliz com a tua filha, e isto aqui, assim de manhã, é tão sossegado e tão bonito, que a última coisa que eu queria era ter que começar já a estragar-te o dia. Mas tem que ser, pá. Tem que ser. Desculpa. Arranjas um café para o pessoal? Há merda no beco, princesa.

Bárbara suspirou, fechou momentaneamente os olhos e encolheu os ombros, fez uma festa no cabelo ondulado da filha, e foi tirar duas bicas e uma

meia de leite de máquina. Depois trouxe para a mesa uns brioques acabados de sair do forno com fiambre e manteiga. E ainda insistiu com a Catarina para se deixar da mania das dietas e alimentar-se como deve ser, porque ou era impressão da mãe ou a menina já estava mais magra desde que fora entregue à guarda do Sebastião. Só depois é que se deu por pronta para começar a ouvir as más notícias.

Ouviu-as todas sem mexer um músculo da cara.

Sobre a traição do ex-marido, não disse nem uma palavra. Nem sequer uma interjeição só de uma sílaba. Limitou-se a acenar afirmativamente com a cabeça quando Catarina Eufémia, com os olhos a cintilar de excitação ainda fresca, lhe descreveu em grande pormenor aquela cena final da pancadaria.

Bom, comentou por fim, numa voz muito calma, quando os outros dois chegaram ao fim do relato. A primeira coisa a fazer é impedir o Roxo de depositar seja que dinheiro for na conta do Quim. E, disso, trata-se já.

Foi à procura do número na memória do telemóvel, e esperou que a voz da menina da Vodafone acabasse a mensagem sobre desligar ou premir um para outras opções.

Bom dia, Graciano. Fala a Bárbara. São sete e meia de sexta-feira. É para te avisar que não deposites nem um tostão na conta do Quim, porque não é a ele que tens que pagar pelo disco. Tens que pagar ao Sebastião, e olha que não são só trezentos contos. Fala-me assim que ouvires esta mensagem e a partir de agora só negoceias comigo. Podes vir cá buscar a Alhambra quando quiseres. Gostei muito da prenda, mas lamento informar-te que não estou à venda. Vamos desfazer este equívoco civilizadamente, e o mais depressa possível. Entendes? Beijinhos.

Desligou o telemóvel e olhou para o Sebastião toda determinada.

Este já está liquidado.

Bárbara. Ouve. Tens toda a razão se quiseres ficar ofendida por considerares a Alhambra uma forma de suborno, mas o resto da conversa é completamente inútil. O Roxo já não precisa de pagar seja o que for para espetar com a nossa história na capa do Tudo a Nu. Resta-nos a consolação de que seja boa publicidade para o meu trabalho.

Não precisa de pagar? Quem disse?

O senso comum, não é? Só existe uma cópia do disco, e é ele quem a tem. O que quer dizer que não tem necessidade nenhuma de pagar seja o que for a quem quer que seja.

Isso dizes tu.

Olha, porra, deixa-te de fitas que eu não estou com saco. Eu digo o que é evidente. O que é que tu tens a propor em troca? Processar os gajos? Com a falta

de evidência que a gente tem? Com a camada de advogados que está estrategicamente colocada entre o mundo e a Novimprensa? Tira daí o sentido. Daqui a cinco anos ainda andamos nós a arrastar os pés em direcção à Boa Hora, e ainda hão-de andar a dizer-nos que a audiência ficou uma vez mais cancelada por não comparência de uma das testemunhas. Tu não sabes como é que os tribunais deste país funcionam, mulher alentejana?

Mas olha lá, oh parolo, alguém aqui falou em tribunais, além de ti? Há outras formas de fazer justiça.

De que é que tu estás a falar?

Então, o Roxo, para já, não sente qualquer necessidade de pagar seja o que for, seja a quem for, porque já tem o disco na mão e não existem mais cópias. Certo?

Eu bem me parecia que devíamos era ter vindo logo para tua casa meter aquilo no computador. Mas estava tão cansado, e a tua filha dá tanto baile aos pobres tipos estafados da minha idade que têm que tomar conta dela...

Eu? Eu? Oh Sebastião, eu que até te fiz aquela massagem nos pés?

Fizeste-me a sessão completa de Shiatsu que me prometeste, porventura?

Já te disse que lá em casa do pai não havia ambiente para isso.

Oh meninos, formalizou-se Bárbara Emília. Deixem-se de birras, que até parecem dois namorados, e o Sebastião já não tem idade para namorar. E nós ainda temos uma missão importantíssima a desempenhar.

Temos?

Pois temos. Temos que tirar o disco ao Roxo, para ele depois, se quiser ter uma capa de gritos para o Tudo a Nu, ser obrigado a pagar, e pagar bem.

Porreiro. E como é que tu estás a pensar tirar o disco ao Roxo, que a esta hora já deve tê-lo mais que escondido e protegido e andar cheio de cautelas?

Bárbara Emília fez um sorriso rasgado, inclinou-se para trás na cadeira, espreguiçou-se com demora.

Então. Para isso é que servem as empresas de cobranças difíceis.

O quê, mulher?

O quê, mãe?

Nessa altura entraram os dois meninos muito lindos e bem-educados que vinham assegurar o serviço da manhã. Bárbara foi com eles para a cozinha, demorou-se para lá uns dez minutos a dar instruções e organizar tabuleiros e depois voltou a aparecer com um ar todo apressado já com a chave de casa na mão.

Vocês esperem aqui, que eu vou a casa arrancar um gajo noctívago da cama. Vai dar um bocado de luta, mas prometo que não demoro muito. Depois já continuamos a conversa.

Sebastião Curto e Catarina Eufémia ficaram numa enorme agitação, cheia de risadas e sussurros, a especular sobre quem seria aquele amante secreto da mãe, e por que motivo é que a mãe agora de repente ia fazê-lo entrar em cena.

A última coisa que esperavam era ver a mãe regressar daí a vinte minutos de braço dado com o mano Luciano, com o blusão de cabedal atirado à pressa para cima das jeans e da T shirt, e os atacadores ainda desapertados.

Então bom dia, pessoal.

Bárbara declarou que ia buscar um café para o mano, mas ele que comesse já a explicar a Sebastião qual era a ideia.

Luciano preferiu concentrar toda a sua atenção na sobrinha.

Oh Catarina. Estás tão linda. Tão crescida. Que bom ver-te. Que bom ver essa carinha. Estás cada vez mais igualzinha à nossa avó. Sabes que se dizia que era a mulher mais bonita do Alentejo? Casou-se com a tua idade, coitadinha. E ficou velha num instante. Vá, embora. Salta aqui para o colo do tio. Anda cá, minha flor. Tive tantas saudades tuas.

Catarina Eufémia já estava toda aninhada no colo do tio, e o café já estava a fumar em cima da mesa quando Luciano baixou a voz para explicar ao Sebastião que não lhe parecia particularmente difícil sacar o disco ao capitalista.

A Bárbara tem os telefones todos dele, e tem a morada, verdade? É só questão da malta se pôr a mexer rapidinho, para lhe marcarmos as rotinas e percebermos quando é que vamos actuar. Entretanto, podemos começar já a enervá-lo, para ele depois largar a massa mais depressa. Isso faz-se ainda agora de manhã. Uns vidros partidos, uns pneus furados, até talvez um bocado de decapante na pintura do Mercedes, estás a ver o género? E andar sempre em cima, para no próximo sítio onde ele deixar o carro lhe furarmos dois pneus em vez de só um. Aí ele vai começar mesmo a ficar nervoso. Entretanto a malta vai fazendo espionagem, e não costuma demorar mais que um dia para descobrirmos uma boa aberta para avançar, Pelo que a Barbinha me contou, até estou com um feeling que logo à noite já tens o disco na mão

Bárbara estava agarrada ao telemóvel, de costas viradas para toda a gente, a falar baixo, mas num tom muito firme. Provavelmente, era o Roxo que tinha ouvido o recado e já estava a ligar.

Sebastião Curto deu-se por vencido pelo surrealismo das circunstâncias.

Estou lixado com vocês os dois, porra. Não percebo nada. Quem é a malta?

Luciano sorriu, tirou um cigarro do maço, e a seguir pediu à sobrinha que fosse buscar-lhe um ganda sumo de laranja e uma sandes de presunto. Mas em pão caseiro, ouviste. Nada desses pãezinhos maricas que vocês comem nestes sítios finos. Estou com uma fome de cão.

Depois olhou para Sebastião, e voltou a baixar a voz.

A malta é uma empresa de cobranças difíceis, eu e o Andrezinho, estás a ver, aquele preto gigantesco que costumava fazer a segurança na quizombas da Madorna. E temos vários associados que se metem ao barulho quando achamos que é caso disso. Por acaso, para este trabalho, só para o capitalista ficar mesmo cagado, acho que vou dar um toque ao Vladimir, que ainda é mais alto que o Andrezinho mas é russo, e por isso tem uma cara loira que parece toda cortada à faca e mete imenso medo, sobretudo de noite. Já foi campeão internacional de quickboxing, e adora estes números. Diz que estar só no ginásio a dar aulas não dá tanto gozo, e dá de certeza muito menos dinheiro.

Sebastião até estava atordoadado.

Tu tens uma empresa de cobranças difíceis?

OS JUSTICEIROS. Às tuas ordens. Olha, e se ficares satisfeito com o serviço vai passando palavra aos teus amigos que precisem, OK? A malta ainda só está a funcionar há dois meses, e precisamos de mais conhecimentos. E, sobretudo, de dívidas maiores do que as dos desgraçados que gastaram tudo o que tinham e não tinham ajogar no casino, e agora estão a dever quinhentos contos a alguém e não têm como pagar, a menos que outro alguém lhes pague uma dívida antiga. Até agora, é o género de serviço que aparece mais. Já disse à Bárbara que, quando negociar com o badameco, não peça menos de três mil contos. A malta cobra vinte por cento do total. Mas olha, isto mete despesas. Os vinte por cento têm que ser pagos agora, e ainda preciso de mais uns trezentos para despesas, tipo pagar ao Vladimir, alugar um carro, afastar uns polícias de cena, e isso. Ao todo, dá novecentos.

Tu estás a pedir-me novecentos contos?

Quer dizer, se não puderes pagar já, tens que desenrascá-los até ao fim da manhã. Senão a malta não pode entrar em acção, e entretanto ele começa a copiar o disco. O gajo, se é mesmo assim tão rico, então é porque não há-de ser completamente parvo. Ou o distraímos já com um bocado de vandalismo ou logo à tarde provavelmente já não vamos a tempo de fazer nada por ti.

Eh pá, oh Luciano. Tu vai gamar. Julgas que eu tenho novecentoscontos no banco? E que, se os tivesse, tos passava para a mão assim sem mais nem menos?

Ouve. Guerra é guerra. E isto custa dinheiro, e a malta vai correr riscos.

Cai na real, menino. Não há nada para ninguém.

Eu pago.

Era Bárbara Emília, que já tinha acabado de tourear o Roxo pelo telemóvel e estava parada atrás deles.

Bárbara, tu estás doida.

Tem que ser em notas, maninha. Cheque não dá.

Fixe. Vens comigo ao banco e trata-se já disso. Não quero é andar sozinha na rua com novecentos contos em notas.

Bárbara. Não faças isso. O gajo está a chular-te, porra.

O gajo é meu mano, Sebastião. E se voltas a chamar-lhe chulo nunca mais te falo.

Luciano abraçou a irmã pela cintura, e depois sorriu para Sebastião Curto.

Também não te escames por causa disto, meu. Se a cobrança falhar, a malta devolve o dinheiro, o que é que achas? Mas, ainda por cima, não vamos falhar. E tu, depois dos teus três mil contos, dás novecentos à Barbinha.

E ouve lá, isto é mesmo assim. Em toda a parte. A maior parte destas empresas que há para aí, os gajos pedem os vinte por cento logo à cabeça, e se só puderes dar-lhes dez por cento a seguir a outra tranche pá sa a quinze por cento. Mas nós somos diferentes. Nunca cobramos os cinco a mais. Não estamos nisto só para ganhar dinheiro. O fundamental, para mim e para o Andrezinho, é mesmo fazer justiça.

Catarina Eufémia assistia à cena sem dizer uma palavra, com os olhos presos às reacções do Sebastião.

Bárbara, suspirou Sebastião. Diz-me, isto está mesmo a acontecer? E tu, Luciano, tu meteste-te mesmo nessas vidas? E conheces mesmo o terreno?

Luciano sorriu com orgulho.

Encontrei a minha missão neste mundo, pá. Custou, mas foi. Enquanto a mãe e a mana me ampararam o jogo, fui-me deixando andar à bolina, e não tinha mesmo assim nenhuma ideia clara do que é que queria fazer com a minha vida. Quando a Bárbara me deu com os pés, e logo a seguir tive aquele acidente com o Quim, olha, acordei. Percebi mesmo que o que eu quero é dedicar a vida a fazer justiça pelas minhas próprias mãos. Furar o sistema. Roubar aos ricos para dar aos pobres. Nivelar as desigualdades sociais. Comecei a falar disto com o Andrezinho, depois falámos com outros gajos do ginásio dele, depois vimos quem é que tinha cabeça e quem é que era um idiota que só queria fazer músculo e andar à porrada, fomos deixando a coisa amadurecer, e pronto. Aqui estamos. Vá, toma aí nota do meu telemóvel e deixa-me ficar com o teu. Vou pegar já nisto, e depois telefono-te.

Sebastião puxou a Catarina Eufémia para o seu lado.

A menina não sai daqui, nem pense. Fica ao pé do seu Sebastião até isto estar tudo resolvido. Cá por mim a tua mãe e o teu tio estão doidos, mas tu ainda és muito nova para endoideceres.

Luciano já estava a levantar-se, enquanto Bárbara enfiava o blusão para ir enfrentar o frio da rua, ao mesmo tempo que dava uma palmada nas costas do mano e lhe piscava o olho.

Anda, maninho. Vamos abrir as hostilidades. Filha, tu porta-te bem e faz tudo o que o Sebastião disser, OK?

Já estava quase a chegar à porta quando de repente levou a mão à testa e voltou para trás. E veio em passos rápidos agarrar com força na mão do fotógrafo.

Oh Sebastião.

Diz, flor.

Posso pedir-te uma coisa?

Pede o que quiseres que eu estou por tudo.

Bárbara inclinou-se para a frente, para ficar com a cara quase encostada à dele. Despachou a filha para outro lado, e depois falou num sussurro.

Sebastião, os meus homens vão tratar de recuperar o disco. Eu tenho confiança absoluta neles. Depois vão dar-to, tu vais vendê-lo ao Tudo a Nu por três mil contos, e com esse dinheiro vais alargar o teu site. Não é?

Quer dizer, a ideia era essa, sim.

Bárbara inclinou-se ainda mais para ele.

Então, por favor, promete-me que, quando ampliares o site, dás lá mesmo emprego ao Quim, como eu te tinha pedido. Eu sei que ele nos traiu. Já devia estar encharcado em comprimidos, e nem pensou no que estava a fazer. Só pensou no dinheiro. Portou-se mal, mas já pagou. Já levou uma sova tua à frente da filha. Tu sabes que ele não é mau, Sebastião. É só fraco e inseguro, e a vida nunca lhe correu bem.

Porra. Um gajo que teve a honra de viver doze anos contigo.

Isso também não lhe correu bem, como sabes. Sebastião, vá lá, nós não podemos deixá-lo pendurado. Se receberes os três mil contos, promete-me que lhe dás emprego. Faz isso por mim. Por favor.

Sebastião puxou-a pelo queixo, e beijou-lhe docemente os lábios.

Benzidina

Substância muito pouco solúvel na água, tóxica, utilizada na pesquisa do sangue humano, nomeadamente em medicina legal.

Exactamente uma semana depois da sua incursão nocturna mal sucedida às entranhas da Margem Sul, Frederico Guilherme recebeu no seu Eudora um e-mail que parecia caído directamente do Céu.

Estava nessa altura a cerca de três meses de entrar em ano sabático. Até aí, não concebera grandes planos de mudança para tirar o máximo de proveito da sua dispensa de serviço na Faculdade de Medicina.

De vez em quando, pensava em telefonar para qualquer colaborador estrangeiro e pôr-se à sua disposição por um ano, como faz um académico normal quando quer ter uma sabática normal.

Por uma razão ou por outra, quando pensava nesta possibilidade simplíssima acabava sempre por nunca juntar qualquer acto aos seus pensamentos.

Depois ficava a remoer a suspeita de que ainda não tinha feito nada para se ir embora porque não conseguia, de facto, aguentar a ideia de passar um ano inteiro sem a companhia da sua alentejana de estimação.

Que, ainda por cima, agora se encontrava separada, disponível, e a viver em Lisboa. Ali mesmo ao lado, a bem dizer.

Estava a começar a ficar bastante mal-humorado.

E isto é mesmo assim. Até no caso das pessoas que não acreditam em Deus, como Frederico Guilherme, de vez em quando Deus ouve mesmo as nossas preces.

O tal e-mail que resolveu todos os seus problemas, sem requerer qualquer espécie de esforço, vinha de Camberra.

Com o patrocínio do governo australiano, determinado a mostrar ao mundo que é nos países mais jovens que os pensamentos jovens melhor se organizam, ia ser lançada uma cadeira anual interdisciplinar chamada, “muito provocatoriamente”, *Consciência - Biologia ou Mistério?* Nesta cadeira, no seu primeiro ano de lançamento, convocava-se ao coração da Austrália um elenco impressionante de estrelas. As aulas seriam distribuídas pelos mais destacados defensores da Biologia da Consciência, como António Damásio, os mais ardorosos combatentes do determinismo puro e duro, como Daniel C. Dennet, os mais tenazes cavaleiros do livre arbítrio, como Jerry A. Fodor, os mais

estimulantes proponentes do conceito de que a consciência é um mistério fora do alcance das nossas capacidades cognitivas, como Colin McGinn, e os mais citados detractores da formulação corpo-mente, como ele próprio, Frederico Guilherme. Era para estarem todos reunidos no mesmo sítio a pensar em conjunto por uma vez na vida, proferirem conferências, organizarem debates, atacarem e contra-atacarem, e serem obrigados a defender os seus pontos de vista perante a fina-flor dos seus adversários. E, no fim, publicarem um livro conjunto de ensaios e controvérsias reflectindo toda a experiência.

O salário, assegurado por uma companhia petrolífera local que já não tinha onde mais ir branquear o dinheiro das vendas de armas a ambas as partes enquanto durou o conflito entre a Indonésia e Timor-Lorosae, era principesco.

As instalações, em pleno coração do campus universitário renovado com os lucros das Olimpíadas de Sidney, eram francamente acima da média.

Bolas.

Há algum cientista digno desse nome que possa recusar uma oferta destas?

Bárbara, disse Frederico Guilherme pelo telemóvel, enquanto andava às voltas no trânsito para tratar de uma data de papéis relativos à grande aventura académica. Eu depois explico-te isto com mais calma. Mas é que o teu Deus mandou-me um sinal que eu não consegui deixar de ver. Só que, no meu caso, a estrada para Damasco é a estrada para Camberra. Estou de saída, minha flor. Por um ano. Era só para te dizer que vou morrer de saudades. Mando-te de lá um mail assim que estiver instalado, e, se não me responderes logo, eu quando voltar estrangulo-te muito devagar e começo a cortar-te aos bocados enquanto tu ainda estás meio viva. Ouviste? O quê? Sim, é para ir já. Mas jura que não te esqueces de mim. E que, se o Damásio ou o Dennet me matarem, fazes no teu Coentro uma grande festa em minha homenagem. Vá, jura. Jura pela tua Catarina Eufémia. O quê? Nas férias? Eh pá, porra, tenho que desligar que está ali a polícia. Adeus, meu tesouro. Um beijo.

Muito previsivelmente, a troca de mails entre os dois foi intensa e praticamente diária, e sofreu necessariamente da escalada de tom de intimidade que qualquer um de nós se sente moralmente autorizado a desfrutar se o nosso interlocutor está nos antípodas e não vai sair de lá tão cedo. Quando chegou o fim daquele ano sabático, Frederico Guilherme e Bárbara Emília sabiam tanto sobre as zonas de sombra um do outro que qualquer outra pessoa que lesse aquelas mensagens pensaria tratar-se de um código.

A experiência académica, por seu turno, foi em partes iguais um grande triunfo e um grande escândalo. Alguns dos intervenientes acabaram mesmo por chegar a vias de facto durante a discussão das suas discordâncias. E pelo menos

um deles teve o azar de ser descoberto a passear de mãos dadas em Uluru com um clone qualquer da Elle McPherson, quando toda a vida fizera questão de nunca se apresentar em público sem a sua esposa e colaboradora de várias décadas de investigação.

Tudo isto deixou o governo australiano feliz, porque passou a ser associado à criação de um espaço de debate fundamental para o progresso do conhecimento humano. Tal como deixou feliz a companhia petrolífera, que nunca mais deixou de ter o seu nome anunciado em todas as histórias que a Comunicação Social projectou para o mundo sobre este grande marco na História do estudo do cérebro. *All the others can fill your tank*, dizia agora a frase promocional cuidadosamente enroscada em torno do logotipo, *but only Austral Petroleum can fill your brain*.

Quando aterrou de regresso a Lisboa depois daquela tempestade neuronal gigantesca, Frederico Guilherme começou por ficar quase um mês prostrado por uma virose sem nome nem diagnóstico conhecidos, que o enchia de tremores nos pés e nas mãos e o cobria de arrepios sempre que tentava andar em pé. No seu último e-mail de Camberra para Bárbara Emília, prometia desde já uma noite inteira de conversa à frente do rio, até verem juntos nascer o sol e poderem ir tomar cacau à Ribeira. Em vez disso, telefonou-lhe com voz de morto-vivo a explicar que estava doente e que em breve lhe daria mais notícias.

Depois andou com uma neura de caixão à cova por causa dos comentários venenosos dos colegas e do desinteresse profissional dos alunos a bradar lá em casa que era no mínimo destabilizador um homem passar um ano a fazer avançar o mundo e logo a seguir, ao voltar para o seu país, descobrir que afinal o mundo não avançara nem um bocadinho.

Depois a rotina lá recomeçou a impor o seu curso.

Mas, com tudo isto, já se tinham escoado uns bons seis meses e ele ainda não conseguira arranjar paz de espírito suficiente para se reencontrar com a sua alentejana de estimação.

E se, quando a visse, ficasse incapaz de controlar as suas emoções?

Ou se, pior ainda, quando a visse tivesse que reconhecer que ela afinal era tão burra como o resto dos portugueses?

E os olhares entendidos que haviam de trocar entre si a Marta e as duas enfermeiras, quando finalmente reaparecesse na Barata Salgueiro a misteriosa mulher linda de morrer?

Inventou uma ou duas desculpas esfarrapadas para tentar encontrar-se com ela num local discreto. Mas Bárbara já andava a refilar que até parecia que havia um problema moral qualquer muito grave no simples facto de ela ir ao

consultório, pelo que ou se encontravam no terceiro andar da Barata Salgueiro ou então não se encontravam em lado nenhum.

Bom, concluiu Frederico Guilherme. Pelo menos tão burra como os outros portugueses não me parece que seja.

Na segunda-feira da semana seguinte, estava ele a tentar suavizar as ansiedades de uma jovem modelo completamente anoréxica, e eis senão quando toca o telefone e a voz neutra da Marta anuncia que a doutora Bárbara está ali na recepção a perguntar se pode deixar uma lista de medicamentos para ele passar receitas.

Peça-lhe que me dê só um minutinho que eu já a recebo, respondeu Frederico Guilherme no mesmo tom.

Agarrou na jovem modelo pelos ombros, ajudou-a a levantar-se, e segurou-lhe no casaco para ela o vestir. E a seguir fez-lhe um sorriso daqueles que só podem inspirar instintivamente a mais total das confianças, enquanto lhe garantia que ela estava ótima. Isso não é nada, Sandra. Acredite em mim.

A Sandra saiu ainda a enxugar as lágrimas, e Frederico Guilherme fez por trás das costas dela sinal a Bárbara Emília para entrar imediatamente com o máximo de discrição. A sala de espera estava apinhada de pessoas que precisavam desesperadamente dele.

Nem tiveram tempo de olhar um para o outro.

Embrenharam-se imediatamente num beijo patológico. Um beijo enorme, interminável, incontrolável, medular, reptiliano, primitivo, inadiável, inultrapassável, inato, urgente, instintivo, pleistocénico, paleolítico, cortical, endógeno, endocrinológico, psicossomático, iatrogénico, psicotrópico, emoliente, um doente órfão nascido de um segundo para o outro por acção de arco reflexo. Um beijo exemplar, basilar, basilístico, alquímico, espectacular, memorável, de certa forma evolutivo, cem por cento resistente ao desenvolvimento do lobo frontal, com o impacto miliário do arco em ogiva, um beijo analgésico, pirético, quase Jurássico. Um beijo totalmente caracteriológico, que só acabou quando ela se desequilibrou para cima de uma das paredes, e que os deixou aos dois ofegantes e despenteados. Depois Bárbara Emília recuperou o equilíbrio, e espetou com toda a força na cara de Frederico Guilherme uma estalada daquelas que ela sabia desfechar tão bem.

Olha que isso ouve-se lá fora, sussurrou ele a rir, agarrado à cara, enquanto se deixava cair para cima da sua cadeira de rodinhas.

E depois?, perguntou Bárbara Emília enquanto acabava de tirar o cabelo da cara e se deixava cair no seu cadeirão das visitas. Se calhar sou a única louca furiosa que vem aqui ao consultório, não?

Filha, insistiu Frederico Guilherme agora completamente perdido de riso e a tentar ganhar alguma compostura enquanto encostava o indicador direito aos lábios e rolava expressivamente os olhos. Isto aqui não é bem o Miguel Bombarda, OK?

OK, fez ela com um ar muito despachado. Então explica-me imediatamente, e em poucas palavras se faz favor, por que é que há mais de seis meses que andas a fugir de mim.

É inexplicável, respondeu ele.

O que é que isso quer dizer, senhor professor?

Ouve, quer dizer isso mesmo. Não sei. Não sei por que é que foi que isto aconteceu. Não tenho nenhuma explicação que faça sentido. Bárbara, por favor. Há coisas que uma pessoa não sabe explicar, certo?

Podias ao menos dar-te ao trabalho de inventares uma desculpa grandiosa, amuou ela.

O quê?, protestou ele. Então tu não achas que admitir perante ti a minha própria perplexidade é muito mais grandioso do que inventar uma desculpa?

OK, aceitou ela. Mas ao menos consegues deixar de ficar perplexo daqui para a frente?

Olhou para a porta cuidadosamente trancada atrás deles e sorriu aquele seu sorriso sem inocência que Frederico Guilherme vira várias vezes em Camberra quando estava de olhos fechados.

Não sei se vais gostar da maneira como eu vou ficar se deixar de ficar perplexo, avisou-a ele.

Eh pá, Frederico, tem dó. Meninos como tu como eu dois ou três todos os dias ao pequeno-almoço. Somos dois adultos maduros e responsáveis, não somos? E este beijo já ninguém nos tira, pois não?

Ele escondeu a cara nas mãos a dizer com muita força que não com a cabeça.

Então vá, homem, deixa-te de mariquices, não há cenas, não há trombas, que um beijo não quer dizer nada.

Não?, perguntou ele afastando os dedos dos olhos, e compondo imediatamente uma expressão imensamente desapontada.

Ai, professor. Credo. Tu não sejas melga. Foi das saudades, pronto. E foi bom, não foi? Então vá, agora adiante. Preciso de ter a certeza de que posso vir aqui ter contigo sempre que precisar, Frederico. A sério. E não é só pelos teus lindos olhos.

Não?, voltou a perguntar ele, com uma expressão cada vez mais desapontada.

Não gozes. Sabes perfeitamente que eu te adoro e que faço por ti tudo o que for preciso fazer. Mas isto não é só prazer, Frederico. Para mim, também é dever. Ando aflitíssima com o Quim, a sério. Ultimamente tenho estado muitas vezes com ele por causa do tal juiz que matou a mulher e o filho...

Pois, eu percebi que se passaram imensas coisas palpitantes na minha ausência.

De certa forma, sim, mas a parte que diz respeito ao Quim não é nada palpitante. Ele está de rastos, Frederico. Não faz nada. Já nem trabalha na Universidade. Não se mexe. Não sai de casa. Está gordíssimo, lívido, completamente desinteressado, e nem eu e o Sebastião juntos conseguimos animá-lo.

O Sebastião?

Homem, o fotógrafo. Não te falei nele uma data de vezes?

Ah, sim. O troglodita que tem uma grande fixação no teu rabo.

À minha frente, pelo menos, tu não dizes mal do meu Sebastiãozinho.

Meu? Inho?

Estás com ciúmes, é? Só me faltava mais esta. É preciso ter lata, depois de todas aquelas experiências excitantes que andaste a fazer lá em Camberra.

Ao menos falei-te delas.

Ai, Frederico, larga o osso. Não tem graça. O Quim só vê televisão e dorme no sofá. Manda vir pizzas pela internet porque não quer ter sequer que falar ao telefone com desconhecidos. Eu e o Sebastião temos que usar um código para lhe ligarmos, senão ele não nos atende. E toma comprimidos, comprimidos, comprimidos, sabes o que é que eu descobri no outro dia? Que ele à noite toma Purcemid, e no dia seguinte de manhã toma Imodium. Vá lá, Frederico. Ajuda-me.

És uma querida, sorriu Frederico Guilherme estendendo-lhe os braços.

Abraçaram-se com muita força. Ele deu-lhe um beijo no cabelo e prometeu que ia ajudá-la.

Deixa-me só pensar um bocado no assunto, e eu telefono-te assim que acertar as ideias, OK?

Já não é a primeira vez que dizes que me telefonas e depois desapareces, suspirou Bárbara Emília.

Desculpa, pediu Frederico Guilherme a brincar-lhe com o cabelo. Desculpa. Eu não sou o super-homem, minha querida, tu que andas sempre a dizer que não és a supermulher deves perceber isso muito bem. Por favor, agora acredita em mim. Eu telefono-te. Ai, porra, tive tantas saudades tuas.

Também eu, murmurou ela sem olhar para ele, já a pôr a mala ao ombro para se ir embora, antes que os abraços de despedida passassem das marcas.

«É a tua palavra contra a minha»

Quando decidiu reinventar-se e regressar ao mundo como Robin dos Bosques, Luciano Frutuoso vinha cheio de vigor e não perdeu tempo. Entregou-se à organização da sua nova tarefa com a energia de um homem ressuscitado dos mortos. Ao princípio da tarde, o seu gang já tinha furado um pneu ao capitalista já lhe tinha partido dois vidros do escritório, e já lhe tinha deixado algumas mensagens pouco tranquilizadoras sobre os três mil contos no telemóvel e no e-mail, em ambos os casos sem identificação possível da origem. Quando o capitalista, já com a voz bastante mais aguda que o habitual, telefonou outra vez a Bárbara Emília e pediu um encontro urgente, ela telefonou logo ao mano. E o mano seguiu-a de carro até ao Clube dos Empresários, onde Graciano Roxo propusera um encontro num reservado.

Bárbara, gritou o homem agarrado ao Martini como se outro amparo não tivesse na vida. Nós sempre tivemos uma relação de trabalho honesta e limpa.

Tivemos e temos, respondeu Bárbara Emília, tranquilamente, enquanto se sentava, cruzava as pernas, e acendia um cigarro. Ou há alguma coisa que esteja a escapar-me?

Tu não podes ameaçar-me desta maneira, insistiu o empresário, a dar passos largos para cá e para lá.

Eu? Ameaçar-te? Que eu saiba, só te avisei que era muito pouco correcto extorqueres o disco ao Quim num momento de fraqueza, contra a promessa de um depósito de trezentos contos. Como talvez não soubesses isto, expliquei-te que o verdadeiro autor do projecto é o fotógrafo Sebastião Curto, que quer três mil contos pelo trabalho. Isto é uma ameaça? Para mim, era mais uma forma de te ajudar a não desperdiçares trezentos contos.

Esse Sebastião não tem o disco, recordou-lhe Graciano Roxo martelando bem as palavras, ao mesmo tempo que se plantava de braços cruzados à frente da interlocutora. E, portanto, não tem dinheiro nenhum a receber.

Ai Graciano, Graciano, suspirou Bárbara, muito mundana, enquanto rodava distraidamente o seu copo de água com gás entre os dedos. Então tu não deitaste a mão ao disco por métodos um bocado ínvios, menino? Quem com ferro mata, com ferro morre. Assim como tu lhes roubaste a história, também outras pessoas podem roubá-la a ti.

E depois dizes que não me ameaças? Achas que o que acabaste de dizer não é uma ameaça? Achas que andarem a furar-me pneus e partir-me vidros e mandar-me mensagens sem remetente não é uma ameaça?

O que eu te disse não é uma ameaça, Graciano. É uma constatação, do mais estrito domínio do senso comum. E que conversa é essa dos pneus furados e outros vandalismos, que aí é que eu não percebi mesmo nada?

Bárbara. Não brinques comigo. Eu já não gostei do tom da tua mensagem esta manhã. Não tens nada que me dar ordens, e é insultuoso sugerires que te dei a Alhambra como forma de suborno. Sempre te tive uma enorme estima e um grande respeito, e não merecia um golpe tão baixo.

Então mostra-me o teu respeito devolvendo-me o disco.

Para quê?

Para depois o venderes ao Sebastião, em vez de ires pela calada extorqui-lo ao Quim por pouco dinheiro.

Tu estás maluca, Bárbara. Subiu-te o social à cabeça, ou quê? Tu podes aparecer em muitas revistas, mas não te esqueças que não és ninguém.

Essa agora é que parece mesmo uma ameaça.

É só um aviso. Não te metas em negócios que não têm nada a ver contigo, ouviste?

Bem, Graciano. É que isto, agora, é uma ameaça atrás da outra.

E andares a partir-me os vidros, é o quê?

Eu, Graciano? Eu? Eu? Tu achas mesmo que eu faço o género de andar para aí a partir vidros? Francamente.

Se não és tu, é alguém por ti.

Oh Graciano. Então agora sugeres que eu tenho contactos com o sub-mundo? A mulher que tu admiras e respeitas? Ou és tu ou é esse Sebastião.

Bem, eu pelo Sebastião não posso responder. E, compreenderás, se é ele, eu também não posso segurá-lo. Fartou-se de trabalhar para vender esta história, e tu roubaste-lha.

Podes ao menos dizer a esse Sebastião que chateie o Martim Farto em vez de me chatear a mim? Ele é que é o director do Tudo a Nu. Ele é que escolhe a capa, ele é que selecciona os textos, e ele é que paga aos colaboradores. Esse fotógrafo que fale com ele e pare de vandalizar os homens honestos.

Bom, honestos, honestos...

Bárbara, essa tua insolência ainda pode custar-te o teu negócio, ouviste?

Ai é?

Não te metas comigo, rapariga. Logo à noite vou jantar com o Rui Manuel Salema.

Ai sim?

Sim.

E onde, já agora?

À Vela Latina. Não acreditas, é? Telefona para lá e vê se não está uma mesa marcada em nosso nome. Se estas agressões à minha integridade continuam, eu chego lá e comunico-lhe que ele não pode continuar a financiar uma mulher que anda metida com terroristas.

E ele não terá nenhuma dificuldade em verificar que eu não conheço um único terrorista.

Para que é que ele ia dar-se ao trabalho de verificar?

É a tua palavra contra a minha, não é? Quem é que tu achas que ganha?

Sua mula sem vergonha, tu podes foder com o Rui Manuel tanto quanto quiseses, que não é por meia dúzia de quecas que ele põe os negócios em risco.

Bárbara levantou-se com um bocejo elegante, disfarçado languidamente com a ponta dos dedos. Passou a mala pelo ombro, e preparou-se para abandonar o reservado.

Oh Graciano, tu não te enterres mais. Estás aqui estás a dizer alguma coisa de que depois te arrependes para o resto da vida. Se achas que o Sebastião anda a partir-te vidros e a furar-te pneus, o que pelos vistos está a meter-te muitos nervos e a fazer-te dizer disparates, eu peço-lhe que se meta com o Farto em vez de se meter contigo. Mas, nesse caso, tens que dizer ao Farto que lhe prepare um cheque de três mil contos. Com cobertura, claro. Até logo.

Graciano Roxo viu-a sair com o seu ar de rainha a engolir de uma só vez o seu segundo Martini e a rosar impropérios a meia voz. Só abandonou o reservado uns bons dez minutos mais tarde.

Quando chegou ao Mercedes, encontrou os quatro pneus furados.

Entretanto já Bárbara Emília se tinha enfiado no carro do mano, e seguiam os dois a grande velocidade para o ginásio do Cacém onde o Andrezinho e o Vladimir treinavam, para acertarem os últimos detalhes do plano.

É muito simples, mano. Muito simples. O gajo fez-me o favor de abrir o jogo todo, portanto agora é só agarrar nele e obrigá-lo a devolver-vos o disco. Esta noite ele vai jantar com o Rui Manuel ao Vela Latina. Eu telefono para lá tipo secretária, só para confirmar a reserva, e fico a saber a hora. Aviso o Sebastião para a essa hora ir para lá mas ficar no café, e vocês vão lá ter com ele. Esperam que os dois saiam, o Sebastião avança para falar com o Rui Manuel que o conhece pelo menos de vista, das festas, e assim, e enquanto o Rui Manuel está distraído vocês agarram no Roxo e enfiam-no no carro. Obrigam-no a dizer onde é que está o disco, arrancam para lá, ligam para o Sebastião para lhe dizerem onde é que ele vai ter convosco, e sacam-lhe o disco dê lá por onde der. Mas ninguém bate em ninguém, ouviste? Só intimidações. Vá, e um

encontrão, se for mesmo preciso. Depois ligam-me, que eu ligo para o Farto a combinar ir com o Sebastião ter com ele no sábado, para nós lhe darmos o disco e ele nos dar a massa. Eles vão ficar tão pendurados, se perderem a capa a dez dias da estreia nacional daquela porcaria, que não vão ter outro remédio senão baixar a bola e pagar. E está feito. Vá. Toca aqui.

Luciano deu-lhe um high five com os olhos cheios de orgulho.

És do caraças, maninha. Um dia destes, estás eleita nossa chefe.

Foge azar, maninho.

Porquê? Não gostas de ganhar dinheiro? Não achas que davas uma maravilhosa rainha dos bandidos?

Eu acho é que já tenho sarna que chegue para me coçar, obrigadinho, respondeu Bárbara Emília ao mesmo tempo que inclinava o banco para trás e fechava os olhos, com um suspiro não totalmente destituído de satisfação.

Bacteriolisina

Anticorpo com uma afinidade específica por um microrganismo, capaz de provocar a sua dissolução.

Quando menos esperava, a mulher convidada para ser a rainha dos bandidos ouviu no seu atendedor de chamadas uma mensagem do Frederico Guilherme sobre passar pela Barata Salgueiro por volta das sete.

A primeira coisa que fez foi resmungar para si própria uns lugares-comuns sobre estas vidas que a gente tem. Havia já na sua agenda um jantar marcado para as oito e meia, com os representantes do lobby da União Europeia dos Fornecedores de Frutas e Legumes Biológicos, que eram todos alemães, e todos igualmente obsessivos e desinteressantes. Daqueles que tinham ido mesmo a Seattle e a Bolonha, e até arriscado a vida, para participarem nos protestos das massas evoluídas contra a globalização.

Com esta grande noite em perspectiva pela frente, ter que estar às sete no outro sítio da cidade, a uma hora desesperadamente engolida pelo trânsito, não lhe dava qualquer espécie de jeito. Além de tudo mais, obrigava-a a sair da sede no Bagatella já com a toilette e a maquilhagem de um jantar de cerimónia, andar a guiar de saia travada e saltos de agulha, entrar naquela figura no consultório, e ainda arranjar maneira de defender o cabelo da humidade da noite. Mas enfim.

Era pelo Frederico.

Se calhar era fruto daquele beijo extemporâneo.

Pela primeira vez desde o dia do encontro na Repsol, era ele quem tomava a iniciativa de chamar por ela.

Resolveu ir antes de táxi para não perder tempo a arrumar e desarrumar o carro, e entrou no consultório só com seis minutos de atraso. Avançou para a recepção tão erecta e estatuesca quanto possível, o que era obra depois de ter estado por várias vezes quase a escorregar com os saltos de agulha em cima do empedrado molhado dos passeios.

O professor Frederico...

A Marta da recepção mal se deu ao trabalho de erguer os olhos do livro das marcações.

O professor Frederico está outra vez em Camberra, por causa do livro. Mas a professora Filipa está à sua espera. Faça o favor de entrar.

Apontou com o queixo para o gabinete do Frederico, que tinha a porta entreaberta.

Bárbara entrou sem perceber nada, e deu de caras com uma mulher loira de cabelo curto todo despenteado, e com uns olhos verdes de gato muito grandes e muito risonhos. Como se a menina se tivesse transformado lentamente em mulher, mas os olhos da menina não. Esta mulher pequenina, delgadinha, com aquele ar tão giro de garota, estava superatraente de jeans desbotadas e camisola de gola alta, tudo devidamente justo mas sem qualquer espécie de alarde. E as botas de camurça fina sem salto, que apareciam por baixo das jeans, exactamente da mesma cor da camisola, eram perfeitas para rematar o quadro. Ao pé daquela simplicidade inteligente, com a aparência de ter caído do Céu assim mesmo, sem qualquer espécie de esforço, Bárbara sentiu-se profundamente embaraçada dentro da sua toilette complicada de ir levar uns eurocratas alemães, cheios de massa e igualmente cheios de militância alternativa, a jantar no T.

É a Bárbara, disse a ninfa loira.

Sou... eu vinha...

O Frederico já me tinha dito que é muito bonita.

Levantou-se de trás da secretária, aproximou-se com um sorriso acolhedor da sua interlocutora cada vez mais perplexa, e cumprimentou-a com dois beijinhos perfeitamente descontraídos, ao mesmo tempo que explicava que ela era a Filipa.

A mulher do Frederico.

Ah, suspirou Bárbara Emília. Pedi tantas vezes ao seu marido que me mostrasse fotografias...

A ninfa riu-se e apontou-lhe o cadeirão onde Bárbara costumava sentar-se.

Podemos tratar-nos por tu, não achas? O Frederico fala tanto de ti que é como se já te conhecesse há muito tempo.

Ele fala de mim?

Fala.

Muitas vezes?

Pelo menos de cada vez que cá vens. Diz que tu és um objecto de estudo absolutamente fascinante.

Bem, atalhou Bárbara Emília, com o amor-próprio a falar mais alto que qualquer outra minudência. Eu preciso de esclarecer desde já que não costumo aparecer aqui nesta figura. E sabes que eu... eu...

Esqueceu-se completamente do que ia dizer a seguir. Depois lembrou-se, e corou até às orelhas.

O que é que foi?, perguntou-lhe a Filipa.

Bárbara Emília decidiu dizer a verdade.

É que eu... isto é muito estúpido... é completamente infantil... mas eu, pronto, eu nunca imaginei que tu fosses tão bonita.

A Filipa riu-se às gargalhadas.

Vocês os dois é que são um objecto de estudo fascinante. A ouvir-vos falar, dá-me ideia de que são as únicas duas pessoas do mundo que ainda não perceberam que estão completamente apaixonadas uma pela outra.

Não estamos nada, precipitou-se logo Bárbara num arrepio de medo puro e simples.

A Filipa continuou a rir e encolheu os ombros.

O que é que tu chamas a duas pessoas de sexos opostos que não conseguem viver uma sem a outra?

Filipa, suspirou Bárbara ao mesmo tempo que fechava os olhos. Por favor, ajuda-me. Não me faças ficar ainda mais confusa. Durante todos estes anos, eu nunca pensei que pudesse estar apaixonada pelo teu marido. E ele por mim, então muito menos.

Oh, riu-se a Filipa. Ele precisa de ti como do ar que respira, e olha que foi amor à primeira vista.

O quê?

Havias de ter visto a cara dele quando me descreveu aquele vosso encontro na bomba da Repsol.

Não posso. Não pode. Não pode ser.

Bárbara, vá lá. Por favor, não te martirizes. Não tiveste culpa nenhuma, nem ele. O amor é dos poucos parâmetros da nossa vida sobre os quais não temos, de facto, qualquer forma de controlo. Não somos nós que escolhemos.

Mas eu pensava que vocês eram um casal feliz.

E somos. Entendemo-nos muito bem, temos uns filhos porreiros, e há um óptimo ambiente lá em casa. Mas repara que eu estou a falar da nossa casa como se fosse o nosso local de trabalho. Nós somos os dois óptimos profissionais. Sempre fomos. E, como dois bons colegas, sempre nos ajudámos e protegemos um ao outro, porque o mundo lá fora é um lugar desagradável e cheio de gente imbecil. O Frederico gosta muito de mim, Bárbara. Mas está completamente apaixonado por ti, o que é uma coisa muito diferente.

E ele concorda com essa tua teoria?

Nunca lhe falei sequer nisso.

Então porquê, se vocês são tão amigos?

Porque o amor dele por ti era uma coisa privada, uma coisa só dele, percebes? Estive sempre disponível para ouvir o que ele quisesse dizer-me a teu respeito. Mas ele nunca me disse nada.

Então por que é que resolveste falar comigo?

O Frederico deu-me um excelente pretexto de trabalho, e eu aproveitei-o.

Não estou a perceber.

Ouve lá, Bárbara, o meu marido é um homem. Falar com os homens não tem assim grande graça. Primeiro porque não falam, e segundo porque não entendem. São uns animais simplezinhos, não são? Não dá luta nenhuma discutir um tema complexo com um cérebro simples. O Frederico só se sente seguro dentro daquela espécie de fortaleza medieval que nós construímos lá em casa, porque ele tem medo, tem medo do escuro, Bárbara, tem medo como todos os homens têm medo. Se eu lhe dissesse alguma coisa sobre isto, fechava-se em copas e começava a desconversar. E eu, olha, para pôr isto assim um bocado à bruta, com toda a franqueza, não tenho pachorra.

Acho que agora estou a perceber tudo, menos a parte do pretexto de trabalho.

O Frederico pediu-me para te ajudar a ver se há alguma coisa que possa fazer-se para trazer o teu ex de volta à vida. Ele preocupa-se imenso contigo, o que é que julgas? És daquelas pessoas que querem à viva força instaurar a harmonia no mundo inteiro à volta delas. Isto não é uma crítica, OK? É um diagnóstico, daqueles que se metem pelos olhos dentro assim que o paciente entra no gabinete. Se o teu ex ficar o resto da vida a apodrecer em Queluz Ocidental, tu vais viver o resto da vida a achar que a culpa é tua. O Frederico quer que tu sejas feliz, mulher. E eu, realmente, talvez possa ajudar o pobre rapaz.

Tu?

A Filipa disse que sim com a cabeça, e o seu tom de voz tornou-se totalmente profissional.

Estás a ver aquele mito popular das injeções de água que se usam nos hospitais para acalmar as pessoas histéricas? São histórias que não têm grande coisa a ver com a verdade, mas o folclore era tão generalizado e tão persistente que me fez começar a pensar nisso, olha, desde a altura do internato. É como se as pessoas estivessem a dizer-nos, doutor, por favor, dê a esta pessoa uma injeção que a salve. Para sempre. No fundo, as pessoas andam a pedir-nos a injeção da felicidade. Por que é que pedem isto em forma de injeção? Por causa do que viram nos filmes sobre hospitais psiquiátricos, sem dúvida. Mas eu acho que a questão vai mais fundo. Um supositório da felicidade é pouco digno, e um comprimido da felicidade é pouco exigente. Percebes? É linear por que é que as pessoas não querem atingir a felicidade por via rectal, não é? E, se fosse em comprimidos, as pessoas provavelmente ficavam frustradas, porque atingiam a felicidade sem terem investido nisso qualquer esforço. Se for uma

injecção sempre há aquele ritual de exporem uma parte do corpo, da dor da agulha a entrar, no compasso de espera em que é preciso respirar fundo e descontraír até a obra estar pronta. Bom. Se as pessoas querem uma injecção da felicidade, por que é que a gente não lhes dá o que elas querem? Comecei a pensar nisso a sério no fim do curso, e olha, a injecção da felicidade tem sido a demanda da minha vida. É o que vai deixar o meu nome nos dicionários de biografia científica, e assim. Já não é nada mau, pois não?

Mas o que é que tu fazes às pessoas?

Foi uma inspiração que eu tive depois de nascerem os gémeos e eu e o Frederico decidirmos fechar a loja.

Piscou o olho à alentejana.

Que ninguém diga que não nascem grandes avanços da medicina por causa da vaidade das mulheres, Bárbara Emília Frutuoso. Ouviste? Depois de ter os gémeos, fiquei flácida como tudo. E eu achei que ainda era muito nova, e que ainda queria passar muitos e bons anos a usar biquínis brasileiros. De maneira que resolvi fazer uma plástica daquelas mesmo à maneira, e entreguei-me nas mãos do Godinho de Matos. Como era um trabalho extenso, optámos por fazer a anestesia com uma epidural. Bem, estou eu muito bem disposta a falar com o Godinho de Matos, que é um querido, chega o Pedro Assis que esteve de serviço no Hospital Militar e está podre de sono mas lá prepara a seringa, lá me injecta aquilo nas costas, ainda me põem em pé para o Godinho de Matos marcar com a caneta o que vai tirar, e nessa altura, ai, menina. A epidural começa a funcionar, fico toda molinha da cintura para baixo, e eh pá, Bárbara, começo a sentir-me tão bem, tão bem, mas tão bem. Um bem-estar, uma descontração, uma sensação de prazer, mesmo, de repente percebo que estou... estou... estou... estou a sentir-me feliz, mulher. Percebes?

Ui. Também quero.

Tu não precisas de nenhuma plástica, pá.

Mas preciso de muita felicidade.

Ah. Estás a ver a ideia? Comecei a tentar montar um sistema em que uma espécie de epidural, que não tirasse às pessoas as suas capacidades motoras, lhes descontraísse de tal forma os músculos, e por efeito colateral desencadeasse um processo tão regular e estável de libertação de endorfinas, que as fizesse sentirem-se felizes. Depois pronto, estando redescoberta a sensação da felicidade, o problema específico do doente já poderia tratar-se com os psicofármacos do costume. Eu acho que há muitos casos em que os psicofármacos têm efeito nulo, ou inferior ao que seria de esperar, pura e simplesmente porque o doente já não se sente feliz há tanto tempo que já se esqueceu da sensação da

felicidade. E, por isso, não sabe procurá-la, por muitos comprimidos que a gente lhe dê.

Mas conseguiste? Isso da injeção da felicidade?

Já abri a minha clínica, mas o trabalho continua em fase experimental. Só aceitamos casos muito bem estudados, especificamente recomendados para os efeitos que já sabemos que conseguimos induzir. Olha, tenho tido homens, daqueles assim executivos a rebentar de stress, estás a ver, que vão logo de manhã à epidural parcial completamente feitos num oito, e ao fim da tarde vejo-os passar todos porreiros, de raquete em punho e toalha ao pescoço, em direcção ao squash. Há uma senhora que me telefona de vez em quando e diz assim: vou ter uma festa de baptizado aqui em casa para a semana, tenho que ir aí levar a minha epidural parcial.

Ai, isso parece um sonho. Não podes fazer-me uma coisa dessas a mim, também? Ando tão cansada, com tão pouca paciência...

Não, Bárbara, não posso. Não te servia de nada. O que a epidural parcial provoca, além do relaxamento controlado dos músculos, é uma tempestade neuronal de todo o tamanho, que ainda não está minimamente estudada. Só sabemos que o sistema melhora significativamente a qualidade de vida das pessoas com problemas muito específicos. Por exemplo, funciona às mil maravilhas com os catatónicos, que se bem percebo é aquilo em que o teu ex se tornou.

Ai disso podes tu ter a certeza.

Então vá, começou a Filipa, cada vez mais profissional. Levas aqui o cartão da clínica, ponho aqui o meu telemóvel, e tu dás-me o teu para podermos estar em contacto. Falas com o teu ex sobre tudo isto, e, quando conseguires convencê-lo, avisas-me.

Quer dizer, murmurou Bárbara Emília. Provavelmente, tenho que pedir um empréstimo ao banco. Por isso, dava-me jeito avisares-me já quanto é que vai custar esta operação salva-vidas.

A Filipa sorriu.

É por conta da casa, Bárbara.

Mas porquê? Não percebo. Segundo o teu próprio raciocínio, tu devias odiar-me, não era? Por que é que estás a tratar-me tão bem? Por que é que queres ajudar-me? Deves-me algum favor?

Acho que sim, respondeu a Filipa devagar, com os olhos verdes cravados nos olhos castanhos da alentejana. Mas eu sou uma destruidora de lares, protestou Bárbara Emília. Que favor é que eu te fiz?

Tu libertaste-me.

Bárbara começou por franzir as sobrancelhas, mas logo a seguir abriu muito a boca e bateu na testa, naquele gesto instintivo de quem, de repente, viu o filme todo.

É isso mesmo, Bárbara. Eu preciso de sair de cena o mais depressa possível.

Mas ainda há bocado estavas a dizer que és muito feliz com ele.

É verdade. Mas não chega. Já investi na nossa relação tudo o que podia investir, e também já colhi dela todos os frutos que podia colher. Os meus filhos estão crescidos. Já estou no topo da pirâmide académica. Se ficar onde estou, já não tenho por onde expandir-me. E tenho quarenta e cinco anos, e não consigo ficar-me por aqui. Esta felicidade de rotina já não me serve.

Fiquei com tanta inveja do Frederico, Bárbara, mas tanta inveja, quando ele me entrou pela casa dentro completamente apaixonado por uma mulher grávida que estava a ter um ataque de nervos numa bomba da Repsol. Quis tanto poder sentir-me como ele estava a sentir-se.

Mas, se sentias a falta... se vocês falam um com o outro de tudo...

Eu só percebi que sentia essa falta quando o vi apaixonado por ti, Bárbara.

Por que eu estava aos berros numa bomba da Repsol?

Completamente grávida, não te esqueças. O Frederico ficou fascinado, gamado, passado, e nunca mais se endireitou. Viveu sempre uma vida tão controlada, não devia fazer a mínima ideia do que era dar de caras com uma verdadeira força da Natureza. Eu vi a cara dele e quis sentir me como ele se sentia. Mas já o conheço bem demais, há tempo demais. Para ser uma grande paixão, dessas completamente idiotas, tinha que ser com outro homem qualquer. Eu tinha mesmo que sair de cena. Mas também sabia bem demais a importância que a nossa fortaleza exemplar tem para o Frederico, e não me sentia no direito de lhe tirar o tapete de debaixo dos pés. Ele não merecia. Sempre foi o melhor companheiro que eu tive na vida. Éramos uma equipa do caraças.

Então e agora? O que é que mudou?

Oh menina. O que é que tu achas?

Eu? Eu acho tudo isto muito estranho. E não sei se não acrescente mesmo de gosto duvidoso.

De gosto duvidoso é de certeza, admitiu a Filipa. Mas pensa nisto desta maneira: nós estamos a ajudá-lo.

Nós? As duas?

OK, Bárbara. Presta atenção. É uma história com três pessoas, certo? A primeira pessoa é o Frederico, que está apaixonado por ti mas não é capaz de separar-se de mim porque precisa da segurança da nossa relação e da nossa

casa, embora me pareça evidente que essas reservas desaparecerão por completo se tu te prontificares a seres a namorada dele. A segunda pessoa és tu, que há muito tempo que estás completamente apaixonada por ele, mas que só agora é que te sentes completamente livre. E então entra em cena a terceira pessoa, que sou eu. Eu quero ir-me embora, mas não quero deixar o Frederico pendurado. E é aí que tu me ajudas. Se eu me for embora, o Frederico fica à solta para viver a sua grande paixão por ti. E não precisa de fazer esforço nenhum. Nem de mudar nada nos seus hábitos, que é uma coisa que os homens detestam. Pode ficar lá em casa, com todas as suas coisas de estimação, a amar-te imenso. Quem sai sou eu.

Mas tu tens a certeza que é mesmo isso que queres?

Gostava imenso de poder continuar a ser a melhor amiga dele. Mas o que é que fazem os grandes amigos? Vão sair juntos, conversam, riem, curtem com as ideias um do outro. Mas, para conversar com ele e curtir com as suas ideias não preciso de estar casada, pois não? Tu deixas, não deixas?

Não gozes. Queres sair de casa para ires para onde?

Há quase um ano que ando a agonizar sobre um convite que recebi para ir chefiar a Agência Internacional de Estudo da Libertação Muscular de Endorfina, um projecto superambicioso que vai arrancar em Kyoto, financiado por meio mundo para se começar a desvendar a bioquímica da tal tempestade neuronal que desencadeia o bem-estar. Eu quero ir. Mas não quero ir com a família às costas. Quero sentir-me disponível para me apaixonar como uma adolescente pelo primeiro idiota que me aparecer à frente. Olha, quero fazer erros e dar com a cabeça nas paredes. Nunca tive essas experiências. Quero tê-las. Pronto.

Inclinou-se para a frente e acariciou a mão esquerda de Bárbara Emília com uma piscadela de olho toda cúmplice.

Depois mando-te uns mails a contar-te os meus erros, queres? E tu dás-me conselhos, que disto do amor sabes de certeza muito mais do que eu.

Ainda podemos rir muito juntas. Ah, e se precisares de ajuda para descodificar algumas das birras do Frederico, é só dizeres. Já viste a nossa sorte?

Podemos fazer todos o que nos apetece verdadeiramente fazer. Olha que isto é muito raro. Oh mulher, mostra um bocadinho mais de entusiasmo, bolas. Não gostas da ideia?

Bárbara sacudiu a cabeça de olhos no chão, e depois voltou a olhar para a Filipa com um esboço de sorriso a animar-lhe finalmente a cara.

Gosto.

Então vá, atalhou logo a Filipa, cintilante de entusiasmo. Ele volta de Camberra depois de amanhã. Tem uma particularidade porreira, que é não

sofrer minimamente de jet lag. Eu telefono-lhe a avisá-lo que tenho que ir de urgência não sei para onde por uns dias, e que vou levar os miúdos por uma razão familiar qualquer que há-de ocorrer-me entretanto e fazer imenso sentido. E está feito. Depois de amanhã é sábado. Tu vais buscá-lo ao aeroporto, e dizes que é para lhe agradeceres ter sido tão querido que te pôs em contacto comigo para darmos umas epidurais parciais prolongadas ao homúnculo. E depois, antes que ele perceba o que é que está a acontecer-lhe, arrastas o homem para um lugar romântico qualquer onde haja uma boa cama, vocês resolvem de uma vez por todas o vosso problema, e eu assim que ele voltar para casa comunico-lhe que preciso de mudar de vida e vou mesmo para Kyoto.

Ai, suspirou a Bárbara. Não sei, Filipa. Não sei se é boa ideia.

Porquê? Eu acho uma ideia ótima.

Mas tenho vergonha, não percebes? Esta história é toda completamente nova para mim. Ainda não me habituei a pensar que... por exemplo, sei lá, que ele vai ver-me nua.

Ouve, a avaliar pelo teu aspecto quando estás vestida... com essa carinha e esse corpinho... eu, cá por mim, despia-me sempre que me deixassem.

Está bem, mas... mas e se... sei lá, por exemplo, e se tu estiveres completamente enganada e ele não estiver mesmo apaixonado por mim? Ou eu, por exemplo, se de repente já estiver meio despida e me cair em cima a sensação horrível de que não me apetece nada dormir com ele?

Oh Bárbara, dá-me algum crédito, bolas. Já vivo com o Frederico há mais de vinte anos. Se eu te digo que ele está apaixonado, é porque ele está mesmo apaixonado. E quer dizer, mesmo que não estivesse. Nunca me pareceu que ele sofresse propriamente de uns grandes ataques de falta de tesão para mulheres bonitas de cada vez que eu tenho que sair de Lisboa.

Ai, agora estás-me a fazer um bocado de ciúmes.

Vês? Vês? Vês como estás apaixonada? É assim mesmo, Bárbara Emília. Enche-te de ciúmes e apanha-o logo à saída do aeroporto, porque aviso-te já que, se ele chegar a Lisboa convencido de que não tem a família em casa, se não for para a cama contigo há-de ir com outra lindona muito inteligente qualquer.

Não vale. Não me metas nervos. Está bem, prontos, eu vou. Eu vou. OK? Mas o que é que acontece a este belo plano se ele no domingo à noite não chegar a casa cheio das tais memórias maravilhosas do tempo que passou comigo? Quer dizer, e se não for maravilhoso?

Livra-te de não proporcionares um fim-de-semana maravilhoso ao meu marido, minha grandessíssima alentejana, respondeu-lhe a Filipa com um ar muito sério e com o dedo muito espetado. Olha que eu estou a contar contigo para poder ir de consciência tranquila fazer imensos erros para Kyoto, ouviste?

«E foste tu quem ficou a arder»

Sebastião Curto estava cansado, pálido, olheirento, ressacado, de óculos escuros e com a roupa toda amarrotada, quando Bárbara se encontrou com ele na esplanada do Doca 6. Já tinha duas chávenas de bica vazias à frente, já estava a atacar a terceira Água das Pedras, e ainda por cima estava a acender um cigarro com outro já aceso esquecido no cinzeiro. Era evidente que a cobrança difícil pelo pessoal de confiança não tinha corrido especialmente bem.

Ainda não consegui apanhar o Farto, disse ela, a apalpar terreno.

Sebastião encolheu os ombros.

Os meus homens baldaram-se?, perguntou Bárbara enquanto ainda estava a sentar-se e a atirar o cabelo para trás. Não levaram o Roxo? Não te disseram para onde é que iam?

Levaram, pá, rosnou Sebastião Curto. Os teus homens portaram-se muito bem, e já temos o disco de volta. Havia de ter visto a cara do Roxo quando eles começaram a enfiar as soqueiras. E o Andrezinho a afastar o blusão para se ver a arma. O Luciano bem dizia que o gajo era só garganta. Mandas-lhe três matulões a falar à barracal e ele caga-se logo. Até tentou fugir pela janela quando foi ao gabinete e tudo. Todo a tremer, com uma falta de jeito que até metia medo. O teu mano deitou-lhe logo as unhas, e o senhor ainda teve direito a uns miminhos especiais pela graça.

Quê, fez Bárbara num repente de indignação, toda inclinada para a frente na cadeira. Vocês bateram-lhe?

Ah, respondeu Sebastião com um encolher de ombros enfadado. Nada que deixe marcas.

Mas eu tinha dito...

Desculpa lá, princesa, mas há outras pessoas além de ti metidas nesta história, sim? E, de nós todos, tu eras a única que não precisava do dinheiro.

OK, mas também fui eu quem entrou com o dinheiro, ou não fui?

Foste, reconheceu Sebastião Curto.

Depois baixou a cabeça e encolheu os ombros.

E foste tu quem ficou a arder.

O quê?

Sebastião Curto levantou a cabeça.

O Tudo a Nu à última hora borregou, e o Farto decidiu que afinal já não nos compram a história. Não há nada para ninguém. Zero. O teu mano e os amigos dele ficaram com os teus novecentos contos pelo frete, e nós os três ficámos sem um tuste. O teu ex não vai ter maneira nenhuma de sair de casa da mãe e tentar começar tudo outra vez. Eu não vou poder expandir o site e contratar o teu ex. E tu ficaste com a conta à ordem substancialmente mais leve. Duvido que em Julho ainda possas mandar a Catarina estagiar no programa do Shiatsu do Novo México. Fim.

Não, respondeu Bárbara Emília. Não estou a ver por que é que há-de ser o fim. O Roxo deu-te o disco, não deu? Eh pá, então recuperámos o material. E lá porque eles não querem comprar a história, isso não significa que não queiram publicá-la, pois não?

Sebastião Curto deu um golo na Água das Pedras pelo gargalo. Depois levantou as sobranceiras e olhou para ela sem dizer nada.

Bárbara começou a sacudir-lhe a mão para tentar comunicar-lhe a sua energia.

Ouve lá, meu Sebastiãozinho. Se calhar a Novimprensa está mesmo sem dinheiro.

Sebastião Curto rolou os olhos nas órbitas.

Bárbara não desistiu.

Vá lá, pá. Ao menos ouve o meu raciocínio. Todas as empresas estão a fazer contenção de custos e a despedir pessoal. Ouve, a bem dizer não se passa um dia que não me apareça uma pessoa toda bem apresentada lá no Coentro, a entregar-me um CV porreiro, e a pedir-me que eu lhe arranje alguma coisa para fazer. Está tudo à rasca, Sebastião. A gente não se lembrou disso, pronto. Vamos antes dar-lhes a história, em vez de a vendermos. Se sair num sítio como o Actualidades, dá-te visibilidade a ti, e ainda pode reanimar a atenção dos editores para o trabalho do Quim. E quer dizer, sempre se faz justiça à memória da pobre senhora. Dá-me cá o disco. Eu logo à tarde falo com a Pepa para ela apresentar um argumento de força maior que a gente cá sabe ao Rui Manuel, e tu vais ver. Capa da Actualidades, para a semana. Logo a seguir ao Afonsinho Três.

Sebastião Curto apertou-lhe a mão com toda a força e não levantou os olhos.

Esquece, Bárbara. Deixa cair.

Mas porquê?

Porque não vai dar. Não há por onde. Estamos cercados.

Tu estás é cheio de sono. Queres apostar que eu dou a volta ao Rui Manuel se recorrer à Pepa?

Não. Não quero que percas mais do que já perdeste.

Sebastião, pá. Nem pareces tu. O Rui Manuel deve-me uns favores no departamento da manutenção da harmonia conjugal. Nunca lhe cobreis.

Cobro-lhe agora. Pronto.

Olhe, era outra bica, se faz favor, pediu o Sebastião à menina da Moldávia que ia a passar de uniforme e tabuleiro.

Eh pá, Sebastião, suspirou Bárbara Emília. Tu mostra um bocado mais de entusiasmo, porra. O dinheiro não é tudo. Baralhar o sistema também tem graça. E, a prazo, também vos pode vir a dar dinheiro, a ti e ao Quim. Se isto para a semana estiver em todas as bancas...

Sebastião já tinha dois isqueiros em cima da mesa, mas ainda tirou um terceiro do bolso.

Bárbara, minha querida, suspirou ele enquanto acendia mais um cigarro. Eu gostaria de ainda ter a tua inocência, mas já não posso. O sistema está protegido, entendes? O sistema não é parvo. Teve a precaução de se organizar em formato de pescadinha de rabo na boca, para que nunca seja possível baralhá-lo. Acredita em mim. A nossa história nunca será publicada em sítio nenhum. Vamos desistir, está bem?

Não, respondeu Bárbara com uma intensidade que a surpreendeu a ela própria, ao mesmo tempo que sentia os olhos a encherem-se-lhe estupidamente de lágrimas.

Sebastião sorriu docemente e deu-lhe um beijo na mão.

Ouve lá, vamos tomar um bom pequeno-almoço, esquecer o juiz que é uma batalha perdida, e falar de outras coisas de que nunca temos tempo para falar. Está bem?

Não. Eu quero perceber de onde é que te vieram essas ideias niilistas de um dia para o outro.

Ideias niilistas? Eu?

Não está aqui mais ninguém.

Mas o que é que eu disse?

Disseste aquilo. Aquilo de nunca ninguém poder fazer nada contra o sistema.

É verdade.

Desculpa, Sebastião, não é. Ouve lá. Como é que um sistema que gera estruturas de castas, e camadas cada vez mais tenebrosas de gente miserável, pode estar assim tão bem protegido como tu dizes? Se isso fosse verdade, os talibãs nunca teriam arrasado as torres com os aviões. Nunca teria havido a revolução bolchevista da Rússia. Só para te dar dois exemplos. O passado e o

presente estão cheios de revoluções, pá. Podem não ter dado bom resultado, e isso é uma coisa. Mas as pessoas conseguem fazê-las, e isso é outra.

Pois é. Mas cada uma dessas revoluções foi tornada possível por um erro de cálculo do sistema. Agora, isso acabou. Os sistemas modernos aprenderam com os erros dos sistemas antigos alguns expedientes infalíveis de autoprotecção que já não deixam ninguém revoltar-se.

O quê, por exemplo?

Então, antes de mais nada, o sistema deixou de ter cara. Até para o Bin Laden, com a sua fixação psicótica nos americanos, o Bush tinha cara. O Nicolau e a Alexandra tinham. O Estaline também. Agora, a menos que prescindas do teu livre arbítrio e te juntes ao primeiro fundamentalista fanático que te bata à porta, já não há personagens. Há conglomerados. Ou seja, tu, de facto, não sabes quem manda e quem tem responsabilidades. Se fores contar a tua história ao Presidente da República, ou ao primeiro-ministro, eles dizem-te que isso não é do pelouro deles. Daí para baixo na hierarquia, tudo o que encontras são zonas de sombra. Se fores sugerir muito explicitamente ao Rui Manuel Salema que é melhor para ele que a nossa história faça a capa da Actualidades, ele responde-te que só por si não pode prometer-te nada, porque ele é apenas sócio minoritário de uma coisa chamada Novimprensa que despeja cá para fora uma série de jornais e revistas, entre as quais se contam a Actualidades, a Mulher Dinâmica, e, por portas travessas, o Tudo a Nu. Vai explicar-te delicadamente que, para te fazer a vontade, ele tem que convencer os outros dois parceiros, que são aqueles da cortiça, e mais aqueles da Holanda. Se ficares à espera que toda essa gente junta tome uma decisão, bem podes esperar sentada e não é de certeza para a semana que a nossa história sai na capa. E, se tentares convencê-lo pelo lado das coisas vergonhosas que sabes a seu respeito, ele não precisa de fazer um grande esforço para te pôr na ordem.

Mas porquê?, protestou Bárbara, já cheia de ímpetos guerreiros.

Oh minha filha, porque essa é a segunda grande defesa que estes sistemas novos inventaram. Protegem-se automaticamente a si mesmos, porque estão todos feitos uns com os outros.

Como?

Como? Tu estás a dormir?

Estou aqui a falar com um gajo que não dormiu, e que em vez de explicar as coisas como deve ser faz discursos sobre as misérias do mundo, que é o que a pessoa mais precisa de ouvir às oito da manhã de sábado.

OK. Então deixa-me lá ser explícito. Não quero ofender-te, minha linda, mas antes de mais nada, se bem me lembro, há cerca de dois anos tu fizeste uma transa de legalidade altamente duvidosa com esse mesmo Rui Manuel, que te

permite agora desfrutares da tua linda casa no Bagatella. Espera, espera, não comeces já a espingardar, OK? Vamos dar essa parte da tua casa de barato, porque assim como assim toda a gente faz transas ilegais para comprar casas e fugir ao fisco, portanto o caso não tem grande valor negocial. Mas vamos ao resto. O Rui Manuel, esse senhor que tu queres obrigar a fazer publicar a nossa reportagem a bem ou a mal, é marido da Pepa. A Pepa é tua amiga. Mais, é madrinha da tua filha. Mas trabalha, essa Pepa? Excluindo um Coentro que o marido lhe pagou para ela estar entretida com as suas amigas de Cascais e sair mais vezes ainda na Caras? Portanto, ou eu estou muito enganado, ou foi com o dinheiro do Rui Manuel que a Pepa ofereceu como prenda de anos à Catarina ir passar em dois anos seguidos um mês de férias aos Pirenéus naqueles campos dos cavalos. Que aliás a ele não devem custar-lhe nada, porque a empresa de tempos livres que faz esses campos é em parte propriedade dos mesmos holandeses que têm a quota na Novimprensa, portanto isto fica em família. Mas tu, a pagantes, nunca terias conseguido mandá-la para lá, como aliás agora não vais conseguir mandá-la para o Novo México. Estás a ver? Deves-lhe muitos mais favores do que o que tu pensas. E queres mesmo pôr a tua amiga em maus lençóis? Se essas histórias pecaminosas vêm a público, a Pepa é logo a principal suspeita e come por tabela. Estás a ver? É assim, com toda esta subtilidade, que o sistema nos paralisa. E olha, digo-te mais. Havias tu de não ter escrúpulos nenhuns, e estares-te nas tintas para os cavalos da Catarina, e para o destino da Pepa, e entrares mesmo numa de retaliação, e ires bater às portas de toda a Comunicação Social tentar meter a boca no trombone e contar tudo o que sabes sobre o Rui Manuel. Julgas que a tua história vinha a público fosse onde fosse? Tira daí as tuas mais doces ilusões. Até podia ser que algum jornalista de sangue na guelra a escrevesse ou a gravasse. Mas essa peça nunca passaria no crivo da censura editorial. Sabes porquê? Porque a Novimprensa deve favores a todos os outros quatro grandes conglomerados de Comunicação Social que existem no nosso país, tal como os outros conglomerados devem favores à Novimprensa. Topas? São favores feitos sob forma de altas férias, sociedades em iniciativas rentáveis, transas publicitárias, comissões em angariações de fundos, panelinhas de fuga ao fisco, e nem sequer estou a falar de todos os homens e mulheres de grupos supostamente rivais que já dormiram uns com os outros, ou qualquer outra coisa nesta linha mas ainda mais complicada. Percebeste? É um círculo fechado. Quem não pertence ao círculo não tem qualquer poder. Dá-te por muito feliz por ao menos tu teres essa garupa que mais ninguém tem, e que é evidente que ainda vais ter durante muitos anos, e que durante muitos anos ainda vai permitir-te abrires muitas portas.

Sebastião, gritou Bárbara Emília já com os cabelos outra vez todos caídos para cima da testa. Pelo amor de Deus, Sebastião. Cala-te imediatamente.

Está bem. Então pede tu à menina que me traga outra bica e outra Água das Pedras.

Menina. Menina. Oh menina. Olhe, mais duas bicas e mais duas Águas das Pedras. Caraças, Sebastião. Tem dó de mim. Ainda ontem tive um dia completamente tramado, e ao fim da tarde fiquei incumbida de uma tarefa que não tenho nada a certeza de conseguir desempenhar, e olha que essa, essa, ao contrário desta história do juiz, essa é que é mesmo uma tarefa de vida ou de morte. E ainda saio dali para ir para o T negociar com uns alemães das agriculturas biológicas, daqueles mesmo alemães, mesmo biológicos, estás a ver? E, como se isto não bastasse, chego ao T e imagina-me quem são os gajos. Um casalinho de activistas milionários.

Eu conheço-os?

Então não. A Gertrud e o Manfred, pá. Não te lembras? Quando tu foste a Beja com o Quim em 1985 por causa do crime da Mitó? Aqueles que o meu mano Luciano vos apresentou num café, os que tinham umas fotografias de umas desocupações de umas herdades? Daqueles nórdicos que nessa altura que iam para a minha terra ensinar ao pessoal como é que se faz a revolução? Não te lembras? Os das alfaces hidropónicas? Que o Manfred fez um discurso tal ao Quim que o Luciano já não sabia onde é que se havia de meter? E depois tu fizeste uma peixeirada e quase foste ao focinho do gajo?

Menina, berrou Sebastião. Oh menina. Olhe que para mim é antes um café duplo. Ai, Bárbara. Desculpa a expressão, mas caralhos me fodam. Aqueles que eram tão brancos que até pareciam albinos, embora nunca se lavassem?

Nem mais.

Mas tu não ias jantar com uns parceiros europeus?

Eles agora são parceiros europeus, meu filho.

E lavam-se?

Não sei. Não dava para ver. Era noite e eles iam todos vestidos de preto.

O Manfred tipo rabo-de-cavalo grisalho e óculos Armani, topas, e tudo Armani preto, as calças, a T shirt, o blaser, os sapatos não vi. E a Gertrud tipo pau de virar tripas de cabelo assim meio branco meio deslavado, todo cortado à pedrada, e depois de trança fininha até à cintura, e toda de túnica preta e sandálias da Ecco. Ai filho, e aqueles pêlos nos sovacos, tu estás-me a ver a vergonha, eu ali a tentar manter a dignidade no meio do T, e a gaja mesmo ao meu lado, e de cada vez que levantava um braço para mexer na trança, ai eu, vinha de lá aquele cheiro...

Bárbara. Misericórdia. Rendo-me. Eu não dormi, caraças.

E eu dormi pouco, olha que porra. Eu já nuns nervos assim que vi aqueles olhos de cherne cozido do Manfred, uma coisa tão irritante, nunca mais me esqueci, ouviste? Naquela altura o Luciano levava os camaradas lá a jantar a casa quase todas as semanas, e quem é que tu julgas que tinha que cozinhar para os camaradas? Hã? Quem é que tu julgas que gramava seca atrás de seca sobre as mulheres portuguesas e a revolução? Tu imaginas? Bem, eu a tentar manter a calma, e eles de vez em quando que a minha cara não lhes era estranha, e eu sempre a fazer-me de mula, e então não é que às tantas entra a Ana Mafalda com o ministro da Cultura, tu fecha a boca que esta parte agora não vem ao caso, sim, a mulher trazia o ministro da Cultura à trela, e não é que eu, feita parva, me levanto para lhes dar um beijinho e não me lembro de dizer à miúda uma daquelas minhas brejeirices em alentejano, daquelas dos oitos com pernas de nozes? Ai moço. O que eu fui fazer. Desatam-me as duas aves albinas a dar às asinhas e a chiar que já se lembram de onde é que me conhecem, ai, que saudades, ai, aquele porco com as amêijoas que eu lhes fazia, ai, o Alentejo, ai, a revolução, ai, bons tempos, ai, o exemplo magnífico que Portugal deu à Europa quando conseguiu fazer uma revolução e implantar uma democracia sem se verter uma gota de sangue, e ai que erro que fez a Europa de na altura não dar valor ao nosso feito, ai Portugal, ai Portugal, e nesta altura o Manfred já está aos berros, em pé, a fazer um discurso para a geral. Olha, tinha entrado o Nereu atrás da Ana Mafalda, e até tirou uma fotografia ao estupor do homem.

Menina. Menina. Oh menina. Olhe, era um pão de leite com fiambre e manteiga, e uma meia de leite de máquina, e um sumo de laranja natural, e é para vir tudo já, tudo junto. Ai Bárbara. Só tu é que me fazias rir esta manhã, minha querida. Até já recuperei o apetite e tudo. Ai filha. Que tragédia, santo Deus.

Ah, fez ela muito sabida, a acender um cigarro. Mas olha que a história não fica por aqui.

Então?

Então? Então, eu para todos os efeitos tenho um contrato chorudo que quero que eles assinem comigo, portanto aproveito aquele arroubo todo de entusiasmo para lhes encher os copos várias vezes, e vá de fazer muitas saúdes, a Portugal, ao nosso exemplo, ao porco com amêijoas, aos erros da Europa, e assim, e eles finalmente bebem e bebem bem. E, no fim, assinam tudo o que eu quero. Mas não sem antes decidirem que precisam absolutamente de ouvir-me a cantar a Grândola ali mesmo. Do princípio ao fim, de pé, e de punho no ar.

Que horror. E o que é que tu fizeste?

Olha, fiz o que pude. E consegui cantar tudo, até ao fim, de pé, de punho no ar, sem desmaiar nem desafinar. Sim, sim, com o T todo a olhar para mim de boca aberta. Vá lá que, a partir da altura da azinheira que já não se sabia a idade, a Ana Mafalda também se levanta, e também levanta o punho, e começa a fazer coro comigo. O ministro da Cultura mandava-lhe uns olhos que parecia que queria matá-la, o gajo é socialista, não é? Pois, mas queria matá-la porque ela estava a cantar a Grândola. Eu sempre te disse que aquela mulher tem tomates. Bem, mas nós as duas somos afinadinhas. O pior é que a certa altura o Manfred já está completamente grosso e resolve começar a fazer a segunda voz. E desafina tanto que o Nereu até deixa cair a máquina fotográfica ao chão. Ouve. Filme de terror. Pára de rir, porra. Não teve graça nenhuma.

Sebastião estava a dar murros na mesa, todo inclinado para trás na cadeira, a rir um riso histérico daqueles incontroláveis. A menina da Moldávia veio até à mesa ver a cena mais de perto, e ele pediu-lhe mais dois sumos de laranja naturais e um café duplo.

Ai, Bárbara, fez ele por fim, ainda a secar as lágrimas com as costas da mão. Ai Bárbara. Até já me esqueci do que é que estava a dizer antes.

Lembro-me eu. Estavas com uma conversa superdeprimente sobre como o sistema se protege a si mesmo, e a deixar-me completamente desfeita logo pela manhã depois de eu ter passado uma noite infernal, e a conversa era toda uma parvoíce porque se destinava a demonstrar-me como eu nunca conseguiria incriminar publicamente o Rui Manuel. O que é de uma inutilidade completa, porque ninguém quer incriminar o Rui Manuel, coitado. Não é nem melhor nem pior do que os outros. O que a gente quer é publicar a história do filho da puta do juiz que matou a mulher.

Também matou o filho, não te esqueças.

Não brinques comigo. Ao filho ele só deu um tiro. À desgraçada da mulher, amarrou-a primeiro à cama toda nua, depois sabe-se lá o que mais terá feito, e depois baleou-a quatro vezes à queima roupa com a merda da arma dos juízes. E depois não me venham com a conversa de que o pior não sobra sempre para as mulheres, quer dizer. Por isso é que eu até achei boa ideia aquela sugestão dele de, em caso de nega da Actualidades, vender isto à Mulher Dinâmica.

Sebastião Curto respirou fundo. Depois acabou o sumo de laranja de uma só vez. Depois pediu à menina da Moldávia que lhe trouxesse uma imperial. Depois agarrou nas duas mãos de Bárbara Emília.

Eu sei, Bárbara. Tu meteste-te nisto com as melhores das intenções, e ainda quiseste ajudar o Quim, e quando já tudo parecia perdido ainda te lembraste de

ajudar o teu mano. Fartaste-te de dar o litro, espatifaste novecentos contos, e eras a única pessoa metida na história que não tinha nada a ganhar.

Tinha sim senhor. Eu gosto de ver fazer-se justiça.

Bárbara, querida. A culpa foi minha. Foi toda minha. Fui eu que me passei dos carretos e não vi logo o que devia ter visto antes de ver o resto. Podia dizer-te que me distraí com aquele drama da Leninha, mas isso não é desculpa porque a minha obrigação era ser capaz de topar o filme antes de ele começar. Arrastei-vos a todos para uma missão completamente impossível, e estou profundamente arrependido. A sério.

Lá estás tu a falar em grego. O que é que era uma missão impossível?

Sebastião deu três golos seguidos na imperial. Depois amachucou o maço vazio, tirou outro do bolso, rebentou o plástico, e tirou de lá de dentro mais um cigarro. Depois pôs-se a bater com o cigarro no tampo da mesa.

Ouve lá, princesa. Isto foi mesmo erro de cálculo. Sabes o que é que me aconteceu? Esqueci-me do ano em que estamos, e do país onde estamos. Vi uma cena absolutamente horrorosa, tirei umas fotos nojentas para onde ninguém consegue olhar sem ter vontade de vomitar, vi uma mulher morta amarrada à cama, vi uma data de juízes a tentarem proteger a memória de outro juiz, e olha, excitei-me e distraí-me. Enchi-me de brios adolescentes, e pensei que a Comunicação Social ia atirar-se a esta história.

Ainda não percebi por que é que não há-de atirar-se.

Bárbara. Bárbara. Bárbara, querida, flor, mulher bonita, acorda, meu amor. Foi tolice do Sebastião. Então agora esquece as fotos, esquece o texto, esquece as histórias que te contaram, e pensa nisto, só nisto, pensa lá muito racionalmente nisto: como é que a Novimprensa, ou qualquer outro dos novos conglomerados da nova Comunicação Social, podia alguma vez publicar esta história? Tu não vês que publicar esta história era dar uma grande porrada na dignidade inquestionável dos juízes? E tu não percebes que estes gajos precisam dos juízes? Tu não vês que eles têm que ir amparar-se aos tribunais todos os dias? Querida, eles precisam de ver-se livres de sócios incómodos, precisam de gerir transferências arriscadas, precisam de branquear dinheiros suspeitos, precisam de proteger-se de todos os cidadãos que se ofendem e levantam processos, precisam de tolerância para jogadas de controlo de poder e manipulação de audiências que já andam muito na margem da lei e da ordem, precisam de discrição quando a sua própria vida privada não é exactamente um exemplo de modéstia, humildade, dedicação e espírito de cidadania, menina, querida, eles precisam dos tribunais como do ar que respiram. E quem manda nos tribunais são os juízes. Basta os juízes virarem-se contra eles, e será só uma questão de tempo até eles ficarem sem ter onde cair mortos. Percebeste agora? Isto pode ser

Portugal, a balda pode ser tamanha que até parece que já ninguém manda, mas os juízes mandam. A gente não os vê e não os ouve, mas eles é que puxam os cordelinhos. E não querem ser vistos nem ouvidos. E estão muito bem assim, obrigado. E deixam andar os conglomerados enquanto os conglomerados não se meterem com eles. E eu fui parvo, Bárbara. Fui parvo, parvo, parvo, e estou cheio de vergonha. O que é que eu posso dizer-te ainda? Perdoa-me. Porra, pá, perdoa-me. Tu és uma rainha, Bárbara, mas infelizmente os teus pobres súbditos não valem um caracol.

Vá lá, não choramingues. Desta vez percebi tudo. Mas ouve lá, e se isso fosse mesmo assim, então por que é que o Roxo foi fazer aquele número ao Quim de lhe sacar a história por trezentos contos para o Tudo a Nu?

Porque o Farto é um puto que ainda não percebeu nada. E porque a única coisa que o Farto sabe é que o Roxo, aqui há três meses, lhe entregou de bandeja a direcção de um novo tablóide chamado Tudo a Nu, coisa que o Farto achou magnífica e revolucionária porque, agora sim, ia ter uma arma a sério contra a burguesia. Além de ser tão burro que confunde um tablóide com uma arma contra a burguesia, é tão invertebrado que pensa que a arma contra a burguesia vai ser a sua entrada para a alta sociedade. Sabes o que é que esse camarada fez nos últimos três meses, assim que assinou um contrato por um ano com o Roxo? Encheu-se logo de dívidas com casas no Algarve, e carros, e motos, e férias em Bora-Bora.

Como é que tu sabes isso?

Foi o Farto em pessoa que resolveu desabafar comigo esta noite. E eu sou tão santo que ainda fiquei a ouvi-lo.

O quê? Então mas tu já estiveste com o Farto? Não era só daqui a bocado que lá íamos os dois?

Ouve, mulher, ouve. E descontrai-te, que já não tens que ir a lado nenhum.

Então vá. O que é que aconteceu?

O que é que aconteceu? Então, aqueles grunhos atiraram com os aviões para cima das torres, e a economia mundial, que já estava a entrar na fase descendente da curva, caiu por ali abaixo. Começa tudo a entrar em encolhas. O Roxo está a contar com uma data de investimentos para o Tudo a Nu que afinal já não vai receber. Pode desistir do tablóide que vai dar muito dinheiro, mas se desistir perde a protecção do Rui Manuel Salema e das suas empresas de gente séria que faz coisas sérias. Põe o Farto a trabalhar em condições muito mais foleiras que as prometidas, sem outra equipa que não sejam uns estagiários imberbes. Sem secretárias, sem grafistas, nada. O Farto que se desenrasque. O Farto lá consegue ir desenrascando um primeiro número assim-assim, mas o Roxo mói-lhe o juízo que não há capa, não há capa, e sem capa, num tablóide,

não há vendas. E o Farto à rasca com a moto, e o barco, e a viagem a Bora-Bora, tudo a crédito, percebes? E pronto, dá-se aquele episódio tragicómico em que o Quim é posto fora da Universidade porque se meteu com uma sobrinha da Clara Pinto Correia, e quando finalmente está no gabinete a arrumar as suas coisinhas dá de caras outra vez com o Farto. Naquela do orgulho ferido, diz ao Farto que ainda bem que lhe fizeram o favor de o mandarem embora, porque ele agora precisa de tempo e de concentração para um projecto do caraças em que está metido. E conta-lhe a nossa história tintim por tintim.

Ai, o Quim, o Quim.

Deixa. É o nosso Peixoto, o que é que a gente há-de fazer? O que interessa agora para o caso é que o Farto deve ter pensado que uma primeira página com um juiz criminoso, e uma senhora nua cheia de sangue amordaçada e amarrada à cama, ia vender que nem pãozinhos e salvar-lhe o pescoço.

E depois?

E depois? E depois? O que é que achas? Há-de ter dito ao Roxo o que é que ia fazer para vender imenso, assim todo orgulhoso com as suas boas ideias, que o puto gosta sempre muito de mostrar serviço. E o Roxo há-de ter achado melhor falar com o Rui Manuel, não fosse a Novimprensa não gostar da ideia e dispensar-lhe os serviços. Vai daí, foram os dois jantar ontem, certo? A gente só os viu, não os ouviu, mas olha que eles pareciam bastante agitados.

E tu pensaste que era porquê?

Eu nem pensei nada. Só estava a pensar em enfiar o Roxo no carro dos teus capangas. Mas aposto tudo o que tu quiseses que aquela agitação deles era mas era o Rui Manuel a proibir terminantemente o Roxo de deixar sair a história, e se calhar até a explicar-lhe porquê, e quem sabe se a esclarecê-lo sobre possíveis consequências. Vai daí o Rui Manuel recolhe a Cascais, a gente arrasta o Roxo para o escritório, obrigamo-lo a devolver-nos o disco, damos-lhe uma aconchegadelazita que ele não pode provar que levou, os teus homens bazam, e eu penso que vou ver se durmo alguma coisa antes de vir ter contigo para irmos fechar o negócio com o Farto. Doce ilusão. Ainda nem acabei de atravessar a ponte, e já está o Farto, histérico, descomposto, como uma verdadeira bicha louquíssima, a ligar-me para o telemóvel.

Credo. O que é que ele queria?

Nem se percebia, tal era a aflição. Era só Sebastião, Sebastião, vem ter comigo já ao Parque dos Poetas. Estou encostado à figura do Bocage à tua espera. Vem depressa, pelo amor de Deus, que estamos aqui estamos os dois no desemprego. E eu mas que mal é que eu fiz a Deus, onde é que fica essa porra? Agora estás a ver o teu Sebastiãozinho, a meio da noite, completamente estoi-rado, às voltas naqueles subúrbios infernais à procura de uma coisa chamada

Parque dos Poetas que há-de ficar diante de uma porra de um Carrefour muito grande, algures entre Porto Salvo e Oeiras? Que pesadelo, mulher bonita. Tu imaginas em quantas putas de quantas rotundas com pedregulhos a fazerem de arte no meio, e umas oliveiras, e assim, é que eu me perdi? Quantas vezes é que dei voltas e mais voltas por uns barracões e uns barracais muito sórdidos, com uma data de estradas em obras, e desvios onde as setas desapareciam a meio, para depois voltar a ir parar sempre à mesma merda da mesma fonte luminosa verde e roxa no meio de parte nenhuma? Estás-me a ver de repente a dar por mim no meio daquela cidade fantasma dali de São Pedro, onde estão aqueles milhares de prédios muita feios todos amarelos e cinzentos onde não vive ninguém, e mais lama e mais lama, e lixo, e ratazanas, e uns vultos de uns indivíduos maus a desaparecerem nas esquinas, um susto do pior, e eu a começar a ficar sem gasolina?

Ouve. Até eu, Bárbara. Até eu, que sou o Sebastião Curto e que já vi muito nojo na vida, até eu não me lembrei de que uma coisa chamada Parque dos Poetas pudesse ser um descampado gigantesco no meio de umas bombas de gasolina e uns stands e uns centros comerciais, com um cartaz do Camões, do Pessoa, do Antero, e do Bocage, amparado numa data de pedras. Juro-te.

Andei perdido porque andava à procura de uma coisa cheia de árvores, e de canteiros, e de lagos com cisnes, e de relvados, e de estátuas de poetas. Ah, ri-te, ri-te. Ainda a procissão vai no adro. Oh menina. Oh menina. Isto é intolerável. Outra imperial, não, duas imperiais, e olhe, duas tostas mistas, mas enfie-lhes por cima uma data de mostarda, e maionese, e ketchup, e o que mais houver na cozinha. Percebeu? Depressa? Para já. Senão eu morro.

Eh pá, esta vida que a gente tem não se aguenta. Tu não comes, princesa?

Eu já estou empanturrada só de olhar para as tuas misturas, meu doce. Então e deste com o Farto, ou não?

Pois lá estava o Farto sim senhor, encostadinho há mais de uma hora à cara do Bocage. A tremer de frio, ou de medo, sei lá. Isto, se eu bem percebi pela versão dele, assim que a gente largou o Roxo o homem foi direito para casa do Farto como uma fúria do Inferno. Diz que estava agitado, suado, ofegante, desvairado, decomposto, e eu sempre muito caladinho. Diz que não percebeu nada, mas que foi terminantemente proibido de publicar a história. E, se voltasse a ver o fotógrafo, tinha a obrigação de chamar logo a polícia ou tornava-se cúmplice de um crime e depois que explicasse o caso ao tribunal. E que aquilo não era nada com ele. Ele só tinha querido ajudar o Quim. Não sabia que o Quim andava metido com o mundo do crime. E eu OK, filho, dorme em paz que não se volta a falar no assunto. E ele já a chorar baba e ranho por causa da mulher e dos filhos, e da casa, e do carro, e da moto, e eu nem o pai morre

nem a gente almoça, vai dormir oh Farto, o juiz está morto e mais que enterrado, acabou-se a conversa. Percebeste? Ontem à noite ninguém dormiu, majestade. Andávamos nós a tentar baralhar o sistema, e andava o sistema já a reunir as tropas para nos dar o coice. Bom, e tu estavas a cantar a Grândola no T para sacar umas massas aos hidropónicos, o que, bem vistas as coisas, é uma sorte ainda mais deprimente que todas as outras somadas. Não achas?

Bárbara deu-lhe um safanão no ombro para lhe cortar a possibilidade de mais um monólogo sobre o sistema. Tinha-se-lhe iluminado a cara toda.

Eh pá, Sebastião. Dá-me cá o disco. Os privados têm medo dos tribunais? Muito bem. Restam-nos os públicos. Isto ainda é um governo socialista, dê lá para onde der. Ainda vivemos numa espécie de Estado-providência que zela pelos seus cidadãos, não vivemos? Não votámos nisso? Eles não têm que respeitar o nosso voto? Dá-me o disco, Sebastião. Eu levo-o à Casa da Imprensa, levo-o ao Sindicato dos Jornalistas, levo-o onde for preciso. O país há-de saber a verdade sobre o crime do juiz e o martírio da mulher. Ouve, ainda temos a RTP-2, em última instância.

Sebastião Curto agarrou-se à cabeça aos gemidos.

Ai que seca, homem. O que é que foi agora? Dá-me o disco, anda. E depois vai dormir, que eu trato do resto.

Bárbara...

Sim?

Bárbara, tu queres ir aos públicos?

Então não me explicaste tão bem as limitações dos privados?

Bárbara, tu és um monumento.

Dá-me um disco.

És mesmo um monumento.

A quê?

Não sei.

O disco.

Sebastião puxou a cadeira para ao lado da dela e passou-lhe o braço pelos ombros. Ela fechou os olhos com um suspiro. Ele deu-lhe um beijo na testa.

Bárbara Emília Frutuoso, meu maravilhoso pilar de estabilidade e de bom senso, deixa-me eu destruir sem piedade outra das tuas ilusões. É assim, minha deusa. Os meios de Comunicação Social supostamente públicos? Bom, já nenhum deles é tão público como isso. E que fossem. Seriam os últimos a pôr em causa a honra e dignidade dos juízes, porque a magistratura é uma emanção da estrutura pública, e foi instituída de tal maneira que ninguém se atreve a meter-se com ela. Digo-te mais: se de hoje para amanhã, nas próximas eleições, o descontentamento dos eleitores fosse tão grande que desse a maioria

absoluta a um grupelho qualquer pró-albanês com saudades do camarada Enver Hoxha, te garanto que nem os pró-albaneses se metiam com os juízes. Resigna-te, rapariga. Gastaste novecentos contos para nada. Estamos cercados, já te disse. Sabes qual foi o maior triunfo da democracia? Manter uma aparência de liberdade de escolha num mundo em que ninguém que não pertença à casta do poder real tem qualquer espécie de hipótese de dizer o que pensa do alto de um sítio onde possa ser ouvido. Já percebeste melhor por que é que eu me refugio nas gajas nuas?

Bárbara agarrou-lhe no queixo e obrigou-o a confrontá-la. Estava outra vez de olhos a brilhar.

Oh, Céus. Tiveste outra ideia.

Tive. E agora vais ouvir-me sem me interromperes, Sebastiãozinho querido. As gajas nuas, pá. As gajas nuas. O teu refúgio das gajas nuas. Sebastião, tu não estás a ver? O teu refúgio é o refúgio de toda a gente que está fora da casta do poder real e não gosta da graça, pá. O teu refúgio foi a arma que os outsiders inventaram para se protegerem do sistema. E é livre. E funciona. O teu refúgio é a internet, idiota. Não percebes? Tens o disco, não tens? Então não precisas de mais nada. Vamos afixar a história toda no teu site, com fotos, com tudo, e amanhã já meio mundo sabe. Se quiseres até peço à Catarina que faça um resumo e umas legendas em inglês. E eu assino, já que o Quim está fora da jogada. Eu assino. Juro. Eu assino. Fui eu quem acabou por falar com toda a gente. Eu dou a cara. Eu não tenho medo. Até acho graça. Eu ponho-te lá uma barra de publicidade do Coentro e tudo. Tu vais ver. Querem boicotar-nos? Querem oprimir-nos? Revolução, homem. Revolução permanente. Terrorismo, se for preciso. Vamos mandar o cabrão do juiz para o ciberespaço. Eles não querem um escândalo em Portugal? A gente dá-lhes um escândalo no mundo. Vá, toca aqui.

Tinha esticado o braço na sua direcção, com a palma da mão virada para ele.

Sebastião deixou cair a cabeça sobre o peito e estremeceu dos pés à cabeça.

Fez-se um grande silêncio na esplanada do Doca 6.

A menina da Moldávia veio devagarinho até à mesa, espreitou, e voltou a partir com pezinhos de lã.

Estavam finalmente a começar a chegar mais clientes.

Tinha rompido das nuvens um sol da manhã cheio de luz dourada.

Bárbara, disse por fim Sebastião Curto. Bárbara, não pode ser.

Mas porquê, pá, porquê?

Porque eu não posso ser responsável por tu dares cabo da tua vida, querida. Trabalhaste como uma doida para estares onde estás. Estás bem. Mas estás sempre em equilíbrio precário. Há demasiada gente que pode tirar-te o

tapete de debaixo dos pés. Não posso. Não posso. Eu não sou nada. O meu site não é nada. Eles ainda acabavam por conseguir pôr-nos aos dois em tribunal.

Porreiro. E nós, como não tínhamos dinheiro para advogados, e não tínhamos dinheiro para nada, íamos presos e podíamos dizer tudo o que nos apetecesse. Estás a ver o escândalo? Estás a ver a pedrada no marasmo? Anda, Sebastião, peitaça para fora. Alguém tem que sacudir o marasmo.

Eles queimam-te, Bárbara. E tu ainda podes ter uma vida bestial que bem mereces.

Isto é bestial. Eu gosto de ir à luta. E, depois de ouvir tudo o que tu disseste, fiquei a pensar que já estou farta de pactuar com o sistema. Anda. Vamos perturbar Portugal. Embora.

Fez um gesto rápido para lhe tirar o disco da algibeira. Sebastião agarrou-lhe no pulso. Ela debateu-se. A menina da Moldávia susteve a respiração. Ele tentou empurrá-la com jeito, mas depois teve mesmo que empurrá-la à bruta. Bárbara caiu de joelhos e largou-lhe o braço. Sebastião desatou a correr em direcção ao rio. Bárbara deu um berro e desatou a correr atrás dele.

O disco fez um arco nítido e preciso contra o sol da manhã, desviou a trajectória de duas gaivotas preguiçosas, e mergulhou no Tejo com um borbulhar suave.

A tropina

Alcalóide extraído da beladona com acção parassimpatolípica, administrado em oftalmologia sob a forma de colírio para dilatação da pupila.

Bárbara escolheu ir de jeans e botas buscar Frederico ao aeroporto. Com a diferença de que as jeans dela desenhavam os contornos de um corpo maduro e exuberante de mulher, e não um corpo quase incorpóreo de ninfa transparente dos bosques, como o da Filipa. E, quer dizer, as botas não tinham nada a ver com camurça macia sem saltos. Eram, declaradamente, botas de cabedal e de salto alto. O homem da bomba nove precisava de chegar ao aeroporto e encontrar uma amazona no sítio que costumava estar ocupado por uma fada. E precisava de gostar da mudança.

Para isso, era preciso que a mudança não parecesse premeditada.

Um ar casual. Preciso mesmo de aparecer lá com um ar supercasual.

Aquele ar muito bem esgalhado de quem não quer a coisa.

Como se tudo isto fosse normal.

Tu aguenta-te à bronca, Bárbara Emília.

Sentiu-se muito vil e envergonhada, mas conseguiu mentir mesmo à Catarina Eufémia e ao pai dela sobre a viagem à Feira de Gastronomia Barroã que precisava de fazer nesse fim-de-semana.

Às sete e meia de sexta-feira estava nas Chegadas Internacionais do aeroporto, absolutamente impecável e completamente pronta.

Quando por fim apareceu ao fundo do corredor a empurrar o carrinho das malas, Frederico Guilherme também parecia completamente pronto.

A Filipa tinha razão naquilo de ele não sofrer de jet lag.

E, pelos vistos, também tinha razão naquilo de ele aproveitar as ausências da esposa para fazer umas pequenas explorações por conta própria.

O diabo do homem não estava só com um ar desperto e atento. Palavra de honra, parecia mesmo um lobo a preparar-se para atacar um rebanho indefeso, espalhado tranquilamente pela encosta ali bem ao alcance dos seus olhos.

Este pensamento fez Bárbara começar a rir enquanto começava a acenar-lhe com a mão. O que, por seu turno, fez Frederico começar a compor um ar maroto enquanto começava a encaminhar-se para ela. Caíram nos braços um do outro como dois namorados felizes.

Então, minha grande maluca? O que é que tu estás aqui a fazer?

Estou a fazer o mínimo que podia fazer para te agradecer teres falado à Filipa sobre os problemas do Quim, que era vir buscar-te ao aeroporto e convidar-te para jantar.

Bem. Estou a ver que o resultado dessa vossa conversa excedeu as minhas expectativas.

Podes crer.

Eu calculei. Vocês são as duas tão doidas que só podiam dar-se bem.

O Quim começa já para a semana a fazer as epidurais parciais prolongadas. Frederico, a sério, eu quero mesmo dizer-te que não podia estar-te mais agradecida.

Vá, vá, vá, não comeces com sentimentalismos, que eu prefiro a ideia de ir imediatamente jantar contigo à luz das velas à ideia de ficar aqui a ver-te lacrimar debaixo destas luzes insuportáveis. Já não consigo nem sentir o cheiro da comida dos aviões. Estou cheio de fome. E cheio de vontade de descansar os olhos, que venho desde Amsterdão a sublinhar notas de rodapé em letras muito pequenininhas.

Então vá, anda. Se não me deixas ser sentimental, então deixa-me lá ter um grande sentido prático. Queres ir jantar assim como estás, ou queres tomar um duche primeiro?

Um duche? Que é isto? Alguma manobra pouco discreta para me arrastares até ao Pateo Bagatella?

Querias.

Eh pá, eu queria era jantar. Mas, agora que te puseste a falar no duche...

Vá, anda, anda, deixa-te de conversas. Podes pôr as malas todas atrás. Eu por acaso tenho já para aí uma, mas a minha distingue-se bem dos teus clones da Sansonite. Também estou cheia de fome, ou julgas que és só tu? Tu nem imaginas o dia que eu tive. Depois conto-te. Noutra altura. Vá, vamos embora, vá lá.

Mas vamos para onde?

Ele começou a apertar o cinto com cara de quem está a ter uma grande surpresa, e não é que não esteja a gostar. Bárbara atirou-lhe um olhar de tangente, e começou a fazer marcha atrás com um grande cuidado, para tirar a carrinha do seu lugar apertado no parque do aeroporto.

Vamos para um sítio onde haja duche, respondeu ela sem desviar os olhos da manobra.

Que não é a tua casa?

Não. Em minha casa há duche, mas não há jantar. Temos que ir para um sítio onde haja duche e jantar ao mesmo tempo.

Isto parece-me tudo um bocado bizarro.

Então e é mau, isso?

Ah, não, pelo amor de Deus. Não te coíbas seja do que for por minha causa. Adoro chegar de Camberra e não saber para onde é que vou a seguir. Sobretudo quando estou fechado numa carrinha toda artilhada com uma alentejana fascinante e absolutamente doida.

A carrinha toda artilhada já estava a fazer-se à auto-estrada.

Que é isto, Bárbara Emília? Então agora estou a ser raptado?

Está calado e não atrapalhes. Não acabaste de dizer que adoras não saber para onde vais?

Não estou é assim muito habituado à ideia.

Então olha, tens meia hora para te habituares.

Pôs um dos discos da Eleni Karaindrou a tocar no leitor de CDs, e não voltou a dirigir-lhe uma palavra. Frederico Guilherme sorria para si próprio, e espiava-lhe as expressões com aquela sua famosa atitude de interesse clínico. Bárbara Emília também sorria para si própria, e não tirava os olhos da estrada. Este estado de coisas durou até a carrinha entrar na saída para Palmela, e depois começar a subir em direcção ao castelo. Aqui Frederico Guilherme não conseguiu mesmo resistir a pôr-lhe a mão no ombro e acariciar-lhe o pescoço com o polegar.

Em que é que tu estás a pensar, minha alentejana desvairada?

Tira as patas, respondeu ela, muito despachada, a sacudir o pescoço. Estou pura e simplesmente a pensar que aqui há duche e há jantar, e até há sítio para dormir se a pessoa depois de comer e beber se sentir muito cansada. Não tenho culpa nenhuma de que os homens sejam todos uns monomaníacos.

Ah, fez ele com um sorriso cada vez mais malicioso. Então foi por isso que trouxeste aquela mala, foi?

Ai pá, que chato. A mala anda sempre aí, para prevenir eventualidades inesperadas. Nunca se sabe.

Pois não.

Melga. Vê se consegues pensar noutra coisa, porra.

Frederico Guilherme esperou que o recepcionista da pousada de Palmela passasse sem hesitar uma chave para a mão de Bárbara Emília ao mesmo tempo que lhe dava um impresso para assinar, e depois até já estarem os dois sozinhos a avançar pelo corredor à procura do quarto 208, para lhe perguntar então em que é que ela queria que ele pensasse, tendo em conta as circunstâncias.

Pensa que vais tomar um duche que vai saber-te muito bem, e que depois vais ter comigo ao bar para irmos jantar, porque eu vou já para lá enquanto tu te despachas. Cá por mim tomei banho antes de sair de casa, e estou muito precisada de um vodka tónico.

Quando finalmente se sentaram um em frente do outro para jantar, Frederico Guilherme tinha o cabelo molhado, as mangas arregaçadas, a barba feita, e cheirava bem. Bárbara achou-o de súbito completamente irresistível, e corou outra vez até às orelhas.

Dali para a frente, já não havia guião.

«Dá-me vontade de ser fiel»

Passam-se imensas coisas, todos os dias, na esplanada do Doca 6. Por isso mesmo, naquela manhã específica, talvez algumas pessoas tenham reparado no primeiro segmento da acção, quando houve mesmo um casal algo excêntrico envolvido numas manobras estranhas. Aquele interlúdio breve, quando duas pessoas gritaram e esbracejaram, e houve uma coisa qualquer que foi atirada para o rio. Mas, a seguir, o mais provável é que ninguém tenha dado especial atenção a uma mulher de cabelos pretos e saltos altos, com uma figuraça impecável, que estava a chorar mesmo junto ao limite do paredão, abraçada a um homem cansado e mais velho que ela, de roupa amachucada e olhos tristes.

Quando esse homem e essa mulher se retiraram para os respectivos carros depois de quase uma hora de pranto cada vez mais suave e discreto, passaram a ser só duas pessoas que estavam a conversar de braços cruzados, encostadas ao capot de uma carrinha preta toda artilhada. Aquela versão maximizada e revista do Alhambra era de tal forma espectacular e aerodinâmica que talvez alguns dos transeuntes, que começavam a fazer-se cada vez mais abundantes, tenham registado a presença do bólido. Mas de certeza que ninguém registou o casal. Podiam estar a preparar-se para irem velejar até ao Bugio. Ou mesmo só para passear o cão, que ainda não teria saído do bólido.

Bárbara, disse Sebastião quase a medo.

Diz.

Detestas-me?

Não.

Desprezas-me?

Não. Não, Sebastiaozinho, não. Não tenho nada contra ti. Não gostei de ser obrigada a ver a verdade. É horrível. É triste. Mas pronto, é o que há. Não é para gostar. É para comer. E quem ainda não dormiu és tu, que tiveste imensa paciência para a minha militância. Anda. Queres um almocinho especial daqueles do Coentro?

Bárbara, repetiu Sebastião.

Então?, perguntou ela.

Bárbara, tu és tão prodigiosa, és tão querida, trata-me tão bem... e eu... eu... Bárbara...

Bárbara Emília Frutuoso deixou escapar uma gargalhadinha nervosa e escondeu a boca com a ponta dos dedos. Sebastião olhou para ela com olhos de cãozinho perdido à procura de dono. Bárbara aguentou aquele olhar, e aguentou a seriedade durante mais de um minuto. Depois desatou a rir.

Ai, Sebastião, desculpa, é dos nervos. É dos nervos, pronto. Não liguês. Eu já andava desconfiada.

Sebastião encolheu-se ainda mais.

Andas a comer a minha filha, não andas?

Perdoa-me, Bárbara.

Filho da puta, tu andas a comer a minha menina, que ainda só tem catorze anos, e que de nós todos é a única que ainda podia ter a vida toda à frente dela.

Foi só uma vez, Bárbara. Perdoa-me. Perdoa-me. Perdoa-me.

Ela pôs-lhe as duas mãos nos ombros.

Estava séria.

Sebastião. Eu, quando desconfiei, só não fui logo matar-te porque estava cheia de trabalho. Mas depois comecei a pensar. De cada vez que te via com ela, pensava nisso. Depois de todos aqueles punks, aqueles dreads, aqueles skaters, aqueles surfistas, aqueles betos, aqueles friques sandálicos, aqueles skins, aqueles mods, aqueles rastras, aquela fauna toda que ela lá me mete em casa, saber que ela está contigo até acaba por ser um alívio. Tu, ao menos, és crescido. És inteligente. És bom. Sabes coisas. Podes fazê-la crescer. De certeza que és melhor na cama que os outros todos juntos. E, enquanto ela está contigo, ao menos eu sei onde é que ela está, e sei no que é que está a meter-se. Não te mortifiques. Só quer dizer que tens bom gosto. A minha filha é linda. E esperta. E anda muito perdida. E eu tenho pouco tempo para ela. Tu és sólido. És da minha tribo. Ouve, promete-me só que nunca te esqueces da camisinha, e até podes ir dormir com ela lá para casa, que eu ainda acabo a levar-vos o pequeno-almoço à cama.

O fotógrafo estava a ouvi-la com a boca cada vez mais aberta. Bárbara Emília fez-lhe uma festa na cabeça já bastante calva.

Eu sou uma mulher sozinha, Sebastião. Tenho uma filha que precisa muito de apoio, e eu nunca consigo parar de ter que trabalhar. Pensando bem, tu até podes ajudar-me.

Notou com alguma surpresa que as mãos do fotógrafo mais batido da Área Metropolitana de Lisboa estavam a tremer.

Bárbara, era... não era só isso... era... que...

Cabrão. Inconsciente. Engravidaste-me a miúda.

Não. Não, Bárbara, não, mas... mas... é que... eu não engravidei a tua filha mas... ai Céus. Bárbara, pronto, eu gostava de engravidá-la.

Estás doido? Para quê?

Para termos filhos.

Alô?

Filhos.

Passou-se. Este passou-se. Filhos?

É.

E no plural, ainda por cima? Quer dizer, assim... muitos?

Alguns. Dois. Três. Não sei.

Com uma menina que quase podia ser tua neta?

Não exageres.

Olha lá, tu, nestes últimos anos, tens-te visto ao espelho?

Bárbara, não gozes comigo. Por favor. Eu... Eu e a Catarina... Quer dizer, ouve, a gente pensava que esta noite ia correr bem. Certo? Eu pensava que vinha aqui buscar-te para irmos dar o disco ao Farto e trazermos a massa em troca. Depois eu alargava o site, dava emprego ao Quim mesmo sabendo que ele é um caso perdido, fazia-te o favor de lhe ter dado condições para voltar a sair de casa da mãe, tu quando chegasse o almoço estavas muito contente, e depois... e depois...

Bárbara franziu as sobrancelhas.

Bárbara, eu... Bom. Eu hoje tinha uma incumbência para quando fôssemos almoçar.

Então vamos almoçar.

Não. Depois a Catarina chega e vê-nos com esta cara e eu não me aguento.

Sebastião. Vá lá. O que é que foi?

Bárbara Emília Frutuoso, eu, com todo o devido respeito, que é muito, estou neste preciso momento a pedir-te a mão da tua filha em casamento.

Bárbara deu um salto e soltou um gritinho que, combinados, ainda conseguiram chamar a atenção de alguns transeuntes.

Depois ficou calada a olhar para o fotógrafo.

Tu eras o homem mais pública e militantemente divorciado que eu conhecia, acabou por murmurar.

Estamos apaixonados, Bárbara, murmurou o fotógrafo em troca.

Ela só tem catorze anos, e por lei antes de ter dezasseis não pode casar-se, senão isto é considerado estupro e ainda vamos todos presos.

Nós sabemos. Fomos ver a lei. Queríamos que tu abençoasses a nossa união de facto.

Bárbara escondeu a cara na mão e foi dizendo devagarinho que não com a cabeça.

A minha filha ainda percebo, que é tão novinha e tem tantos sonhos. Mas tu? Tu, Sebastião? Apaixonado? Assim numa de constituir família?

Bárbara, já dei para a boémia, OK? Já dei para a cena de acordar e nem sequer me lembrar de quem é a pessoa que está ao meu lado. Já dei para putas, senhoras, gajas, raparigas, colegas, amigas, e ressacas. Isto está mau. Está péssimo. Está feio. E eu já estou a ficar como tu, princesa: isto, sem amor, não se atura. E ela é tão linda, tão fresca, tão forte, tão louca, tão diferente, sabes, é tão diferente, faz-me sentir tão leve... sabes, dá-me uma vontade de ser fiel... fiel, sim, ouve, monogâmico, de casa e pucarinho, para mim é tão... tão excitante, percebes? E eu nunca tive ninguém que me chamasse pai. E um dia destes morro. E depois pronto.

Sebastião, ela vai dar cabo de ti. Tu já não aguentas aquela explosão de energia. E ela ainda é muito nova para já estar com vontade de ser monogâmica.

Bárbara, por favor, se é por mim não te preocupes. Talvez ela acabe por me dar com os pés. Quase de certeza que me põe os cornos. E depois? O nosso primeiro casamento é sempre uma experiência, não é? É um ensaio. Uma iniciação. Nunca é o que é para sempre. Ao menos comigo, Bárbara, juro-te, juro-te. Nem que eu me parta todo, juro-te que o ensaio dela vai ser maravilhoso.

E eu vou ser avó?

A melhor do mundo.

E faz-se a festa no Coentro.

Não, que tu nesse dia não trabalhas. Nem penses.

Ah, mas eu quero. Quero fazer-vos uma festa do caraças. Quero arranjar-lhe um vestido lindo. Quero decorar o Bagatella de alto a baixo como nunca ninguém o viu decorado.

Ai, não. Começam as mulheres. Fala tu com a tua filha, pá, que eu nessas coisas não quero nem meter-me. A Catarina está completamente numa de ir-se casar numa cena muito simples e despojada lá para a vossa casa antiga na Cuba.

Bárbara corou até às orelhas e verteu uma lágrima de emoção.

Ai Sebastião, que lindo. Rica filha. Sai à mãe. Sai à avó. É assim mesmo. Ai menino, vou pôr-vos a casa num brinco. Tudo esfregado, tudo encerado, tudo a brilhar, todo o mulherio da minha idade a entrar e a sair da cozinha às gargalhadas. Que bom. Eu ponho lá uns focos. E limpa-se o tanque. E vem o pessoal todo que eu conheço cantar e tocar. Ouve lá, eu na tua vida não me meto, mas vê lá se te vestes como deve ser. Quero ver-vos aos dois dançar a noite toda. Quero morrer de orgulho. Quero agarrar-me às minhas amigas, à minha mãezinha, coitadinha, que nunca teve nada de bom, e depois quero chorar, e rir, e borrar a maquilhagem toda, e isso. Eu ajudo. Vocês esperam pelo Verão? Eu

entretanto mando dar umas boas pinturas naquelas tuas paredes todas cheias de sarro, e umas plantas, e ou me engano muito ou é preciso dar uma grande volta na canalização toda que lá tens, e reparei no outro dia que quando lá foram meter-te o Gás Natural deixaram-te um buraco na parede que tu nunca consertaste, mas isso vai lá a minha gente, isso faz-se tudo em poucos meses, e depois do que vocês precisam mesmo é de um colchão ortopédico dos que há agora, que o teu já viu demais e já não anda cá a fazer nada de útil pela sociedade, e... ah, ouve lá, vocês querem um cão? A Pepa vai ter uma ninhada de Serra da Estrela.

Bárbara. Cala a boca. De vez. Nós só queremos que tu descanses. E nem sequer queremos ficar mais tempo em Lisboa. Não é só a festa, percebes? O nosso plano é mesmo recolhermos à Cuba. A Catarina diz que está farta disto. E eu, se ainda tinha um resto de interesse pelo pagode, perdi-o todo esta noite. A coisa mesmo boa da internet é que um gajo pode fornecer ao povo mulheres nuas esteja onde quer que esteja. Eu talvez não me importe nada de acordar a ouvir cantar os passarinhos, e de corujar um bocado com a tua mãezinha enquanto ela me dá café com leite ao pequeno-almoço. A Catarina diz que há tanta gente a precisar de Shiatsu em Beja como em Lisboa. Está a pensar montar um serviço ao domicílio. E uma escola, se a gente vir que há interesse. Com calma. Não há pressa. Não há pressa, Bárbara. Sossega. Respira. Deixa andar. Vem regenerar-te connosco no campo aos fins-de-semana. Pára, mulher. Delega. Não te mates. Não é caso disso. Esbracejas tanto que um dia destes ainda te magoas.

Agora Bárbara Emília tinha mesmo um fio de lágrimas a correr pelos dois lados da cara.

Ai, Sebastião. Já me fizeste chorar tanto esta manhã que vou ficar cheia de dores de cabeça. A Catarina Eufémia? Na Cuba? Não aguenta, pá. Ela agora está a ver tudo cor-de-rosa, mas depois não aguenta.

Tu tens a certeza que conheces a tua filha, Bárbara?

Ela deu-lhe uma cotovelada entre as costelas.

Como tu não conheço, pois não, ganda porco.

Então dá-me o benefício da dúvida, pode ser? Dá-nos aos dois. Deixa-nos experimentar. Se ao fim de uns anos a miúda der à sola, fico lá eu com a criançada, muitojarreta, a babar-me de cada vez que vejo um rabo e um par de pernas, a ser um péssimo pai e a... como é que vocês dizem... a meter imensas fezes à tua mãezinha. E a ti também. E depois? Ao menos tentámos. E ao menos, por uns tempos, já curtimos. Enquanto dura vida doçura, Bárbara. Tu não podes controlar o futuro inteiro, mulher. Não podes controlar o mundo. Não podes controlar nada. Baixa os braços. Deixa andar. Ouviste? Deixa andar.

Bárbara sorriu sem olhar para ele. Sebastião Curto encostou-lhe a mão à cara e piscou-lhe o olho.

E olha, sabes que mais? Ainda ontem eu e a Catarina falámos nisso. Estamos com medo que ainda te transformes numa sufragista insuportável. Fuças tanto, tanto, tanto, que daqui a bocado deixas o melhor da vida passar-te ao lado. Por isso, nós já decidimos. Enquanto esperamos pelo Verão, vamos tratar à séria de arranjar um homem à altura para ti.

Bárbara saltou para trás e agarrou-se à jante de liga leve do Alhambra preto todo artilhado de propósito para ela.

Ai credo. Tudo menos isso.

Que é? Agora de repente deu-te para não gostares de homens?

Adoro homens, imbecil. É pior que isso.

Então?

Adoro um homem.

Tu?

Eu.

E não dizias nada, grande durona.

Não sei se ele me adora.

Só se for um psicopata sem perdão.

É aquele psiquiatra de que já te falei.

Ah, Céus. O gajo perigoso que vai fazer-te mal assim que puder.

Está calado, que eu fico com nervos. Não te disse que ainda tinha a responsabilidade de executar uma tarefa de vida ou de morte? E que não sabia se conseguia?

É ele? O da Prússia?

Bárbara abraçou-se ao fotógrafo com o queixo a tremer e uma lágrima a correr-lhe pela cara.

Ai, Sebastião. Tenho tanto medo. A mulher que não tem medo de nada? Não contes à Catarina. Se calhar não me conheces. E, por favor, deseja-me sorte.

Tu mereces toda a sorte do mundo, princesa.

Bilburrina

Pigmento amarelo avermelhado, resultante da degradação da hemoglobina por perda de ferro, presente na bilis, no soro sanguíneo e nas fezes. Confere à bilis hepática a sua cor amarelo-acastanhada.

Frederico Guilherme agarrou-lhe na mão.

Bárbara. O que é que foi?

Ela encolheu os ombros.

Está-te a cair em cima que nos arrastaste aos dois para um ponto de não-retorno, é?

Bárbara levantou os olhos para os olhos do homem da bomba nove, e depois respirou fundo para conseguir não voltar a desviá-los imediatamente.

Digamos que é mais que estou com uma certa vontade de chamar pela minha mãezinha.

Ele sorriu sem qualquer espécie de ironia.

Mas porquê?

Olha, porque estou cheia de medo de ter que ficar sem ti. Pronto. Quando a Filipa me disse que tu passavas o tempo a ter aventuras durante as viagens dela, e que isso lhe era indiferente, e que não ia estar cá durante o fim-de-semana, achei que podia levar isto tudo na brincadeira e curtir contigo na boa. Mas o que é que queres? Uma coisa são aventuras. E outra coisa são paixões. E eu já não percebo muito bem onde estou.

Então olha, ficas já a saber que eu estou tão perplexo como tu. E, já que estás a abrir o jogo, sinto-me no dever de informar-te que, desde que te conheci, quase que não se passa um dia em que não tenha fantasias contigo. E já agora confesso-te que me fizeste mais que uma vez passar pela vergonha de chamar Bárbara a outras mulheres. Portanto, o estado das coisas é este. Certo? Sendo assim, talvez a gente possa tentar perceber a nossa situação por exclusão de partes. Vamos lá ver. O que é que tu querias mesmo que acontecesse depois deste fim-de-semana que se prenuncia maravilhoso?

Bárbara arqueou as sobrancelhas com uma surpresa absolutamente sincera.

Depois?

Sim, insistiu ele. Quando acabar o estado de graça e tivermos que voltar para Lisboa.

Estado de graça? Qual estado de graça? Isto só mesmo um psiquiatra, palavra de honra. Está aqui uma pobre mulher a tentar aguentar-se à bronca com o que vai acontecer agora, e o homem não encontra nada mais importante para perguntar do que o que é que ela quer fazer depois. Valha-nos Deus.

Frederico Guilherme não achou graça.

Estás a fugir à minha pergunta, acusou ele num tom de secura que era tão sincero como a surpresa dela.

Não estou nada, protestou ela. A tua pergunta é que não faz qualquer espécie de sentido.

Faz sim senhor, respondeu ele, cada vez mais sério. E tu não vais fugir-lhe, porque eu não te deixo. Vá, deixa-te de partes e diz-me a verdade.

Mas a verdade sobre quê, pá?

Porra, Bárbara. A verdade sobre o futuro.

Frederico, eu não estou a fazer género. Eu não percebo mesmo de que é que tu estás a falar.

Queres obrigar-me a passar pela vergonha de ser completamente explícito, é? Então olha, que se lixe. Gostas da ideia de juntar os trapinhos?

Ela desatou-se a rir, e arranhou-lhe levemente o braço com a ponta das unhas.

Só tu é que me fazias rir, professor. Então quer dizer, agora queres reflectir sobre o significado profundo de tudo isto?

Ele pareceu dar sinais de ter ficado algo irritado com esta resposta.

Bárbara. Eu não sou um santo. Estou cansado. E já começo a ficar com uma certa falta de paciência. O que é que tu queres, exactamente?

Não te zangues, pediu ela. Eu sei pouco. Estou com medo, estou com vergonha, mas estou com imensa vontade de ir para a cama contigo. E não consigo pensar em mais nada para além disso.

Bom, meditou Frederico Guilherme a fazer desenhos de corações na toalha com a ponta do garfo. Mas quer dizer, se daqui a bocado vamos para a cama um com o outro, e se ambos estamos conscientes de que isto parece bastante mais uma paixão que uma aventura, mais cedo ou mais tarde vamos ter que reflectir sobre o significado profundo de tudo isto.

Está bem, respondeu ela com um sorriso já bastante mais descontraído.

Mas isso é como pagar e morrer, não é? Quanto mais tarde melhor.

Ai, Bárbara, gemeu Frederico Guilherme ao mesmo tempo que apoiava a cabeça na mão esquerda e fazia festinhas na cara dela com a mão direita.

Mas eu sou um tipo muito analítico, o que é que tu queres? Estes momentos de ruptura estimulam-me o intelecto.

O teu intelecto pode estar estimulado em todas e quaisquer circunstâncias, com ou sem a minha presença. Vá lá. Agora não.

Frederico Guilherme baixou os olhos. Depois voltou a levantá-los.

Mas deixa-me dizer-te só uma coisa muito simples. Assim para eu conseguir organizar-me, percebes? Pode ser?

Ela disse que sim com a cabeça.

Bárbara Emília, eu tenho a certeza de que eu e tu, os dois juntos, fazíamos uma equipa do caraças para enfrentar a imbecilidade completa que nos rodeia por todos os lados. Ouviste? Olha que eu não repito. Eu gostava de formar contigo uma equipa contra o mundo.

Mas não foi exactamente isso que tu formaste com a Filipa?

As equipas só não se alteram enquanto estiverem a ganhar.

Frederico. Pelo amor de Deus. Nunca me tinhas dito isso.

Também nunca me tinhas arrastado para uma situação destas. E, da última vez que te vi antes de ir para a Austrália, nem sequer eras ainda aquilo a que se chama uma mulher livre. Pior. Eu era o psiquiatra que passava as receitas para o teu marido, e pelas receitas dava para perceber que o teu marido não andava nada bem. Não achas que teria sido, no mínimo, muito pouco ético, eu atirar-me a ti numa situação destas? Tenho estado à tua espera, Bárbara. Por muitos anos. Não podia fazer mais nada.

Bárbara Emília comoveu-se até às lágrimas e abraçou-lhe o pescoço com ambas as mãos.

Ai, Frederico. Que horror. Coitadinho.

Ele começou a acariciar-lhe os dedos.

Ouve lá, minha linda, há destinos bastante piores. Ao menos tinhas um marido que me assegurava que ias ter comigo de quinze em quinze dias. E eu, pronto, habituei-me à ideia de que poder brincar contigo ao gato e ao rato já era um grandessíssimo privilégio.

E era. Eu gostava imenso.

Pois, mas pelos vistos estávamos os dois com vontade de mais do que isso. Eu parti do princípio de que era só uma fantasia e que portanto não tinha importância nenhuma. Estávamos os dois protegidos. Eu era casado e tinha três filhos que ao princípio ainda eram novos, tu tinhas uma filha e também eras casada...

Amancebada, se faz favor.

Ou isso. Qual é a diferença? A mim o que me interessa é o resultado. O resultado é que andei a entreter-me com fantasias durante anos e anos. E agora, que estamos os dois aqui sozinhos e disponíveis, e ainda por cima parece que apaixonados um pelo outro, sinto-me de tal forma apanhado de surpresa que

nem tenho coragem para te revelar a minha fantasia mais recorrente, porque tenho medo do efeito que essa revelação vai ter sobre ti.

Credo. Era uma fantasia assim tão inominável?

Nem imaginas.

Eh pá, Frederico, conta-me lá, vá. Adoro estas conversas. São muito normais entre as mulheres, sabes?

OK, fixe, mas eu não sou uma mulher. Sou um pobre homem apanhado à má fila numa situação que me transcende, e estou a sentir-me estupidamente frágil.

Também eu. E, sendo assim, não achas que é melhor dizermos tudo o que temos a dizer? Qual é o teu problema, agora de repente? Não tens confiança em mim?

Tenho. Mas não tenho confiança em mim.

Oh homem, conta lá o que era. Eu sou forte, então. Já vi muita coisa na vida. Acho que te conheço bem. Acho que posso aguentar seja o que for que tu me digas.

Não. Eh pá, não, pronto. Anda, vamos passar já à segunda parte. Não estou a gostar desta conversa.

Frederico, eu sou capaz de fazer tudo por ti, mas não sou capaz de ir para a cama com um homem que há anos que tem uma fantasia tenebrosa comigo e não ma quer contar. E se tu a meio da função me estrangulas muito devagarinho e depois me cortas aos bocados enquanto eu ainda estou meio viva?

Anda cá, pediu ele.

A gente está num restaurante, recordou-lhe ela.

Então vamos embora do restaurante, e eu depois conto-te.

Não. Ou me contas já ou vais para casa de táxi que te lixas. Estás a meter-me medo.

Frederico Guilherme corou de repente. Corou muito. Olhou para ela com um olhar que era quase de raiva. Depois agarrou-lhe no queixo, olhou para ela a direito, respirou fundo, e começou a falar como se estivesse a dar tiros.

OK. Depois não te queixes. A minha fantasia era que eu estava a casar-me contigo. Estávamos só nós os dois. Tu estavas toda vestida de branco. Era num sítio cheio de musgos e heras. Era uma capela muito pequenina e solitária. Só lá estava um monge franciscano, de sandálias e tudo, e nós os dois. Tu estavas linda. E eu sentia-me o homem mais abençoado do mundo. Tu tinhas-me ajudado a libertar-me da carga insuportável da minha racionalidade, e agora eu estava a viver ao teu lado a paixão romântica que sempre quis viver mas tinha vergonha. Percebeste? Tu tinhas-me resgatado o meu direito a ser tão piroso

como qualquer outra pessoa à superfície do planeta, e agora íamos ser felizes para o resto da vida. Pronto. Estás contente?

Bárbara estava a chorar e a rir ao mesmo tempo.

Ai, Frederico. Tu dás cabo de mim. Estás mesmo a falar a sério? Ou isto é uma daquelas tuas experiências?

Estou a falar a sério, respondeu ele, amuado.

Então por que é que não querias contar-me?

Porque tenho as maiores das dúvidas sobre tu querer casar-te comigo.

Eh pá, eu, assim, de repente, também tenho. Quer dizer, por favor, não te esqueças, a minha última experiência de casar e ser feliz para sempre foi um desastre, e há ano e meio que ando sem saber muito bem o que pensar a teu respeito. Enquanto tu te entregavas a essa tua fantasia do nosso casamento, eu procurava defender-me o mais que pudesse para não vir a sofrer com a tua falta de interesse. E temos o resto da vida para tomar decisões dramáticas desse género, não temos? Vá lá. Não há cenas, não há trombas, está bem? Por que é que tem que ser já? Eu, por mim, por enquanto, estava assim mais numa de curtir que de casar.

Já percebi. Mas eu não quero fazer a festa por menos de casar-me contigo.

Tu estavas sempre a dizer que o casamento não é para as pessoas serem felizes. E eu quero ser feliz.

Também eu. E já não volto a ter muitas oportunidades. Quero experimentar um casamento daqueles cheios de amor e de felicidade que tu passavas a vida a dizer que são possíveis.

Ai, pá. Deixa isso para outra altura.

Queres que me ponha de joelhos à tua frente aqui mesmo?

Frederico, ouve lá, tu estás muito cansado. Ainda por cima, estás com as horas trocadas. E estás nervoso. Eu também estou nervosa. Olha uma coisa.

Mordeu os lábios e baixou os olhos.

Frederico, disse ela. Eu estou cansada de andar na guerra. Ultimamente, também eu tenho muitas vezes uma fantasia. Sabes como é a minha fantasia? É um quarto lindo, muito grande, todo branco, com um jarro e uma bacia daqueles antigos, e uma toalha branca ao lado, e umas plantas verdes ao pé da janela. E a janela tem venezianas brancas, e as venezianas estão fechadas, mas está a filtrar-se por elas um sol muito lindo, uma luz coada de princípio de dia, e lá fora ouvem-se muitos passarinhos, e percebe-se que tudo ali em volta é verde e tranquilo. E no meio do quarto há uma cama, enorme, daquelas de dossel, e a cama tem lençóis brancos, édredons brancos, almofadas brancas, tudo muito fofinho, muito quentinho, sabes, muito macio. E eu estou na cama com um pijama branco. E estou a dormir. Percebes? A minha fantasia é que

estou a dormir. E que, finalmente, estou a dormir em paz. Estou feliz, mesmo no meu sono.

Encontraste a felicidade porque, finalmente, estás a dormir sozinha? Então desculpa, o que é que eu estou aqui a fazer?

Ela corou até às orelhas, e não levantou os olhos.

Não, meu querido. Desculpa. Eu não sei ser como tu. Eu sou piegas, Frederico, tu sabes. Na minha fantasia eu estou a dormir feliz porque consegui finalmente chegar a um sítio lindo onde me sinto em casa. E, mesmo enquanto estou a dormir, sei que, a certa altura, tu vais entrar no quarto e dar-me um beijo. E eu, quando eu abrir os olhos, vou ver-te a olhar para mim com um carinho tão grande que eu nunca pensei ser possível vê-lo nos olhos de alguém. Sabes, eu acho que uma mulher pode viver a sua vida inteira, como eu tenho vivido a minha, só para esse olhar, só para esse momento. Podes gozar à vontade. Já não me apetece fazer mais jogo. Eu tenho esta fantasia todos os dias, Frederico. E gosto muito dela. Mas também tenho muito medo dela.

Porquê?

Porque eu sei que tu nunca vais olhar assim para mim.

Bárbara. Não me dás sequer uma oportunidade?

Para quê? Acabaste de explicar-me com toda a clareza que o que tu realmente queres é casar comigo, para depois fazermos uma equipa do caraças contra o mundo, e essas coisas todas muito racionais que tu dizes. E desculpa, diz-me, explica-me, onde é que, na racionalidade, há lugar para olhares de carinho tão lindos, tão intensos, que fazem uma mulher sentir-se abençoada para o resto da vida? Eu tenho um medo horrível da tua racionalidade, Frederico, não percebes? Porque eu estou completamente apaixonada por ti, estou doida para me enfiar contigo numa coisa qualquer completamente irracional, e até, se quiseres, idiota, e pirosa, mesmo, e tenho medo que me faças sofrer. Não me sinto com coragem para sofrer mais. Já sofri que chegue quando foste para Camberra e por junto deste-me a notícia e despediste-te à pressa, tipo dois em um, pelo telemóvel, no meio do trânsito. E depois voltaste e estiveste seis meses sem me dizer nada. E eu sempre a aguentar-me à bronca e a fazer de conta que por mim estava tudo bem e até achava graça. Mas eu não achei graça. Não acho graça. Nunca hei-de achar graça. Não quero jogar a mais jogos desses. Adoro-te. Tenho imenso medo de ficar sem ti. Tenho imenso medo de receber outro telefonema amanhã e és tu a dizeres que desta vez vais para não sei onde e nem sabes quando voltas. Eu não consigo aturar a vida sem amor, Frederico. Não sou, não sou mesmo como tu. Não quero racionalizar mais estas coisas. Estou farta. Quero sentir que tu me adoras, e adormecer em paz ao teu lado. Pronto.

Bárbara, ouve. Já ninguém está a fazer jogo, pois não? Então é assim. Antes de mais nada, desculpa aquilo de Camberra. Eu estava completamente atrapalhado, e não sabia mesmo o que é que havia de fazer. Tu és uma mulher tão forte, até eu cometi o erro de achar que o melhor era atirar o peso para cima de ti porque tu lidarias com ele melhor que ninguém. Desculpa. A sério. E agora, por favor, não lutes mais contra o que sentes, e não tenhas medo de mim. Deixa-me entrar. Eu gostei de ouvir as coisas que tu disseste. Ultimamente tenho pensado muito que um dia destes tenho sessenta anos e ainda não fiz nada completamente irracional na minha vida. É uma estupidez. É uma limitação. Ajuda-me. Vá. Leva-me pela mão. Eu alinho.

Mas eu não quero casar e formar uma equipa.

OK, eu retiro o que disse.

Bárbara começou finalmente a rir.

Ai minha mãe. Que confusão. Então o que é que tu queres?

Whatever, princesa.

Desta vez Bárbara soltou mesmo uma gargalhada. E era, ou parecia, uma gargalhada feliz.

Ai, Frederico. Tu já viste bem a nossa figura? A pessoa vem para aqui fazer um jantar romântico e acaba por ter que raciocinar tanto que no fim está com os miolos fritos? Credo. Já chega. Foi a última vez, ouviste, professor? Vá, anda lá. Agora vamos resolver uns problemas assim mais físicos que metafísicos, OK?

Ele também estava, ou parecia, feliz.

OK.

Deu-lhe um beijo dentro da mão, apertou-lhe os dedos dentro dos seus, tirou-lhe os cabelos da cara com a outra mão, e depois pôs-se em pé.

Deixa-me só ir à casa de banho, e depois já passamos ao departamento da física, OK?

OK.

Bárbara Emília ficou a ver Frederico Guilherme sair da sala com um olhar cheio de carinho.

Pareceu-lhe muito delicado da parte dele, aquilo de evitar expô-la a ter que ir à casa de banho no quarto.

Só de pensar nessas partes, foi logo ela própria à casa de banho.

Quando voltou, ele ainda não estava na mesa.

Voltou a sentar-se.

Depois mandou vir mais um café e uma água fresca, e a seguir acendeu um cigarro.

Quando deu por si, já tinha acabado o cigarro.

E depois dizem que são as mulheres que passam muito tempo na casa de banho.

Começou a arrumar os cigarros e o isqueiro dentro da mala.

Tirou a chave do quarto do bolso e pensou que se calhar ia andando para lá.

Foi nessa altura que o chefe de mesa veio ter com ela.

Doutora Bárbara? Peço-lhe imensa desculpa. O professor Guilherme teve que voltar de táxi para Lisboa por causa de uma urgência psiquiátrica. Diz que lhe telefona assim que puder. Entretanto, já deixou a conta paga para todo o fim-de-semana.

OK, respondeu Bárbara com um sorriso automático.

Ao princípio não foi capaz de fazer nenhum movimento para sair de onde estava.

O homem que entrara abruptamente na sua vida numa bomba da Repsol no dia 14 de Março de 1987 acabava de sair abruptamente da sua vida na pousada de Palmela no dia 16 de Novembro de 2001.

Ao menos teve a delicadeza de sair por um sítio mais bonito do que o sítio por onde entrou, pensou Bárbara Emília Frutuoso antes de adormecer sozinha no quarto 208.

Graças a Deus, nem ela sabia muito bem a que propósito, estava dentro da sua carteira uma embalagem de Morfex de trinta miligramas, onde ainda restavam dois comprimidos.

OBRAS DA AUTORA

1983 - ANDA UMA MÃE A CRIAR FILHAS PARA ISTO!

Regra do Jogo

1984 - AGRIÃO!

Relógio D'Água

1985 - UM ESQUEMA

Rolim

1985 - ADEUS PRINCESA

Relógio D'Água

1985 - NÃO PODEMOS OBRIGÁ-LOS A AMAREM-SE

em co-autoria com Margarida Bon de Souza

Relógio D'Água

1986 - SAPO FRANCISQUINHO

Contexto

2ª edição, Relógio D'Água, 1999

1987 - O ESSENCIAL SOBRE OS BEBÉS-PROVETA

Imprensa Nacional

1987 - CAMPOS DE MORANGOS PARA SEMPRE

Rolim

1988 - O PRÍNCIPE IMPERFEITO

Rolim

1988 - UM SINAL DOS TEMPOS

Relógio D'Água

1988 - HISTÓRIAS NATURAIS

Publicações Dom Quixote

2ª edição, Relógio D'Água, 2000

1989 - CANÇÕES DAS CRIANÇAS MORTAS

Relógio D'Água

1990 - PONTO PÉ DE FLOR

Publicações Dom Quixote

2ª edição, Relógio D'Água, 2001

1991- PORTUGAL ANIMAL

Publicações Dom Quixote

2ª edição, Relógio D'Água, 2000

1991- VITÓRIA, VITÓRIA

Publicações Dom Quixote

1991- QUEM TEM MEDO COMPRA UM CÃO

Publicações Dom Quixote
1992 - A CANÇÃO DOS DINOSSAUROS
Publicações Dom Quixote
1992 - THE BIG EASY
Publicações Dom Quixote
1992 - A MINHA ALMA ESTÁ PARVA
Publicações Dom Quixote
1992 - A MULHER GORDA
Publicações Dom Quixote
1993 - NO PÓ DA BAGAGEM
Quetzal
1994 - A ILHA DOS PÁSSAROS DOIDOS
Relógio D'Água
1994 - DOMINGO DE RAMOS
Publicações Dom Quixote
1996 - A MÚSICA DAS ESFERAS
Relógio D'Água
1996 - MAIS MARÉS QUE MARINHEIROS
Relógio D'Água
1996 - E SE TIVESSE A BONDADE DE ME DIZER PORQUÊ?
em co-autoria com Mário de Carvalho
Relógio D'Água
1997 - A DERIVA DOS CONTINENTES
Relógio D'Água
1997 - MAIS QUE PERFEITO
Relógio D'Água
1998 - O OVÁRIO DE EVA
Relógio D'Água
1999 - O MISTÉRIO DOS MISTÉRIOS
Relógio D'Água
1999 - CLONES HUMANOS
Relógio D'Água
2000 - OS MENSAGEIROS SECUNDÁRIOS
Relógio D'Água
2000 - MORFINA
Relógio D'Água
2001 - DODOLOGIA
Relógio D'Água